

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
INSTITUTO de CIÊNCIAS SOCIAIS



Programa de Doutoramento em Migrações

“Portugueses pelo Mundo” Integração e Práticas Transnacionais de Portugueses na  
Alemanha

Pedro Miguel Esteves Varela Candeias

Orientadores:

Doutora Ana Margarida de Seabra Nunes de Almeida

Doutor João Alfredo dos Reis Peixoto

Professor Russell King

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor no ramo de Sociologia, especialidade de  
Sociologia das Desigualdades, das Minorias e dos Movimentos Sociais

2021



UNIVERSIDADE DE LISBOA  
INSTITUTO de CIÊNCIAS SOCIAIS



Programa de Doutoramento em Migrações

“Portugueses pelo Mundo” Integração e Práticas Transnacionais de Portugueses na Alemanha

Pedro Miguel Esteves Varela Candeias

Orientadores:

Doutora Ana Margarida de Seabra Nunes de Almeida

Doutor João Alfredo dos Reis Peixoto

Professor Russell King

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de doutor no ramo de Sociologia, especialidade de Sociologia das Desigualdades, das Minorias e dos Movimentos Sociais

Júri:

Presidente: Doutor José Manuel Rodrigues Ferreira Sobral, Investigador Principal com Habilitação e membro do Concelho Científico do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Vogais: Doutora Caroline B. Brettell, Professor, Department of Anthropology, Southern Methodist University, EUA;

Doutor Rui Pedro Pena Pires, Professor Catedrático, Escola de Sociologia e Políticas Públicas do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa;

Doutor João Alfredo dos Reis Peixoto, Professor Catedrático, Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa, orientador;

Doutora Marta Rodrigues Vilar Rosales, Investigadora Auxiliar, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Instituição Financiadora: Fundação para a Ciência e a Tecnologia Bolsa de Doutoramento PD/BD/113555/2015

2021



## Agradecimentos

Ao longo dos anos, desde que iniciei o projeto de doutoramento, até às últimas linhas da tese, foram várias as pessoas com quem me cruzei e que, de alguma forma, me ajudaram e/ou motivaram a levar este trabalho a bom porto. Pretendo expressar aqui o meu agradecimento.

Em primeiro lugar, agradeço aos meus orientadores, a Professora Doutora Ana Nunes de Almeida, o Professor Doutor João Peixoto, e o Professor Russell King, pelos comentários, pelas leituras atentas de tudo o que escrevi, pela disponibilidade e pelas palavras de incentivo, fizeram com que me sentisse sempre bem acompanhado.

Inicialmente, esta tese foi um produto de um projeto de investigação mais abrangente: o REMIGR. Agradeço a toda a equipa de investigação, com quem muito aprendi durante esses anos: João Peixoto, Joana Azevedo, Isabel Tiago Oliveira, Jorge Malheiros, Paulo Miguel Madeira, Bárbara Ferreira, Aline Schiltz, José Carlos Marques, Pedro Góis, Alexandra Ferro e Eugénio Santana.

Durante o primeiro ano do doutoramento fui aluno do IGOT, agradeço o acolhimento que tive por parte da Professora Maria Lucinda Fonseca e todo o corpo docente do Doutoramento em Migrações. Agradeço também terem acreditado no meu projeto de tese. Partilhei toda essa experiência com a minha turma, à qual agradeço o companheirismo: Bruno Machado, João Baía, Leandro Gabriel e Filipa Madeira.

Durante os anos em que fui aluno do ICS agradeço todo o apoio administrativo e motivacional à Maria Goretti Matias e ao restante Gabinete de Estudos Pós-Graduados. Agradeço também à Professora Marta Rosales e ao grupo das migrações, cujas reuniões me proporcionaram um espaço de partilha e debate de ideias. Em simultâneo, fui investigador colaborador do SOCIUS/CGS, ao qual agradeço todo o apoio logístico e administrativo.

Mais recentemente, integrei o projeto FEMINA, agradeço à Violeta Alarcão e à restante equipa a oportunidade de tentar trazer o cunho da sociologia das migrações ao projeto. Institucionalmente, fui acolhido no EnviHeB do ISAMB, agradeço a toda a equipa terem-me feito sentir em casa desde o primeiro dia.

Agradeço a todos os portugueses emigrados que se disponibilizaram para serem entrevistados. As vossas histórias ainda ecoam na minha cabeça.

Por último, agradeço aos meus pais a ajuda e incentivo. O agradecimento mais importante vai para a Patrícia, que esteve sempre comigo desde a primeira candidatura até à última linha, que acompanhou todas as alegrias e dissabores que foram ocorrendo nestes anos. Agradeço ao nosso filho Matias, o melhor resultado destes últimos cinco anos. O vosso amor deu-me força para todas as noites e madrugadas.

## Resumo

As migrações intra-europeias correspondem uma parcela importante das saídas populacionais de Portugal. A pertença ao espaço comum europeu e ao espaço Schengen facilitam este movimento. Contudo, não tornam a integração na sociedade de destino um dado adquirido. A proximidade geográfica e a generalização de algumas tecnologias de informação e comunicação facilitam o contacto dos portugueses emigrados com o seu país de origem, contudo, nem todos o fazem da mesma maneira, nem com a mesma intensidade. Com este contexto, pretende-se conhecer a emigração portuguesa para a Alemanha, com ênfase na relação que estes portugueses estabelecem com o país de destino – a integração; e nas relações que são estabelecidas com Portugal – o transnacionalismo imigrante. Procura-se ainda identificar de que forma ambos os fenómenos: integração e transnacionalismo, se podem relacionar.

De modo a dar resposta a estes objetivos são analisadas, em primeiro lugar, estatísticas oficiais, tanto portuguesas como alemãs. Estes dados servem de contexto para o grande centro empírico do trabalho, que consiste na análise de dados de inquérito por questionário *online*, recolhidos entre 2014 e 2015, enquadrados num projeto mais abrangente sobre a emigração portuguesa. São trabalhadas 369 respostas a este inquérito por questionário com origem na Alemanha. A componente qualitativa conta com os resultados de duas missões a cidades alemãs com presença de emigrantes portugueses: Berlim e Hamburgo, cada missão deu origem a cerca de uma dezena de entrevistas. Os dados permitem perceber que a emigração portuguesa na Alemanha se trata de um acumulado de vagas migratórias que se têm adaptado às características estruturais de ambos os países. A integração dá-se de forma diferenciada, e muito frequentemente parece depender fatores como a formação de base dos emigrantes e/ou da sua estratégia de empregabilidade. As relações com Portugal podem assumir diferentes formas e ter, de igual forma, diferentes fatores explicativos, sejam relacionados com o capital económico e/ou cultural dos emigrantes, a existência de familiares dependentes em Portugal, ou uma menor integração na esfera laboral ou sociocultural. Na conjugação de ambos os fenómenos, são encontradas diversas ligações, que assumem diferentes formas mediante a dimensão ou subdimensão de análise.

Palavras-chave: integração, transnacionalismo imigrante, emigração portuguesa, Alemanha

## Abstract

Intra-European migration is an important portion of population outflows from Portugal. The belonging to the European common area and the Schengen area facilitate this movement. However, they do not take integration into the destination society for granted. The geographic proximity and the generalization of some information and communication technologies facilitate the contact of Portuguese emigrants with their country of origin, however, not all do it in the same way, nor with the same intensity. With this context, is intended to characterize the Portuguese emigration to Germany, with emphasis on the relationship that these Portuguese establish with the destination country - integration; and in the relations that are established with Portugal - immigrant transnationalism. It also seeks to identify how both phenomena: integration and transnationalism, can be related.

In order to respond to these objectives, first, official statistics, both Portuguese and German, are analyzed. This data serve as a context for the empirical center of the thesis, which consists of the analysis of an online questionnaire survey, collected between 2014 and 2015, framed in a more comprehensive project on Portuguese emigration. Were collected 369 responses to this survey based on Germany. The qualitative component relies on the results of two case studies in German cities with a relevant presence of Portuguese emigrants: Berlin and Hamburg, in each city were conducted around a dozen interviews.

The data shows that Portuguese emigration in Germany is an accumulation of migratory waves that have adapted to the structural characteristics of both countries. Integration takes place in different ways, and very often it seems to depend on factors such as the academic training of the emigrants and / or their employability strategy. Relations with Portugal can take different forms and have, in the same way, different explanatory factors, whether related to the economic and / or cultural capital of emigrants, the existence of dependent family members in Portugal, or a less succeeded integration in the labor or socio-cultural sphere. In the combination of both phenomena, several connections are found, according to the analytical dimension or sub-dimension.

Key words: integration, immigrant transnationalism, portuguese emigration, Germany



## Índice

Introdução .....	1
Capítulo 1. Integração: debate teórico, dimensões e alguns indicadores .....	7
1. Os estudos sobre a relação dos imigrantes com a sociedade de destino.....	7
1.1. O debate entre conceitos.....	7
1.2. O anglo conformismo .....	9
1.3. Assimilação .....	10
1.4. Melting Pot .....	14
1.5. Multiculturalismo .....	16
1.6. A “nova” assimilação .....	18
1.7. Assimilação segmentada .....	19
1.8. Incorporação e modos de incorporação .....	20
1.9. Integração .....	21
2. Dimensões e indicadores nos estudos sobre a integração.....	26
2.1. Introdução .....	26
2.2. A dimensão económica e social .....	26
2.3. A dimensão cultural e sociopsicológica .....	31
2.4. A dimensão geográfica .....	32
2.5. A dimensão política .....	34
2.6. Os modelos multidimensionais.....	36
Capítulo 2. As relações entre os imigrantes e a sociedade de origem.....	41
1. O transnacionalismo imigrante .....	41
1.1. Definições, outros fenómenos contemporâneos, e as suas causas.....	41
1.2. Posições, dimensões e indicadores .....	46
1.3. Limitações .....	58
2. As relações entre integração e o transnacionalismo imigrante.....	61
2.1. A relação entre integração e o transnacionalismo imigrante a um nível teórico 61	
2.2. A análise por dimensões .....	65
Capítulo 3. Hipóteses e metodologia.....	75
Introdução .....	75
1. Pergunta de partida, objetivos e hipóteses.....	75
2. Metodologia.....	76
2.1. As estatísticas oficiais.....	77

2.2. O inquérito por questionário REMIGR .....	79
2.3. As entrevistas a emigrantes .....	90
Capítulo 4. Contextualização da emigração portuguesa para a Alemanha em quatro pontos: no espaço, no tempo, na origem e no destino .....	95
1. Introdução .....	95
2. A emigração portuguesa no espaço .....	95
2.1. O stock de portugueses no estrangeiro .....	95
2.2. Enquadramento da emigração portuguesa no espaço da União Europeia ...	99
3. A emigração portuguesa no tempo .....	100
3.1. A crise de 2008 e o seus impactos nas migrações .....	100
3.2. Os fluxos de saída de Portugal .....	105
4. A emigração portuguesa segundo os fatores de atração e repulsão.....	108
5. A emigração portuguesa com destino à Alemanha .....	112
5.1. Análise diacrónica .....	114
5.2. Caracterização da população residente de nacionalidade portuguesa.....	120
5.3. Perspetiva comparativa.....	124
6. Conclusões.....	132
Capítulo 5. A integração dos portugueses na Alemanha .....	135
1. Introdução .....	135
2. Uma caracterização sociodemográfica dos participantes no estudo.....	135
3. O processo de chegada .....	144
3.1. Quando chegaram? .....	145
3.2. Porque vieram? Os fatores de atração com base no inquérito por questionário	146
4. A integração na dimensão socioeconómica.....	156
4.1. Nota introdutória .....	156
4.2. Integração no mercado de trabalho.....	156
4.3. Integração residencial .....	176
4.4. Integração social .....	181
4.5. Associativismo .....	192
5. A integração na dimensão política.....	199
6. A integração na dimensão sociocultural.....	205
6.1. A relação com a cultura alemã .....	205
6.2. O domínio da língua alemã.....	211
6.3. A relação com os <i>media</i> alemães.....	214
7. Dificuldades de integração .....	216

8. Conclusão e uma tipologia de trajetórias migratórias .....	223
Capítulo 6. As relações multiancoradas que os portugueses estabelecem com o país de origem.....	229
1. Introdução. As relações dos emigrantes com Portugal em três dimensões .....	229
2. Transnacionalismo socioeconómico.....	230
2.1. Indicadores de circulação .....	230
2.2. Visitas a casa .....	237
2.3. Estratégias face ao regresso.....	244
2.4. Remessas outras relações financeiras com Portugal.....	257
2.5. Relações laborais com Portugal.....	267
3. Transnacionalismo sociopolítico .....	272
4. Transnacionalismo sociocultural .....	279
4.1. Práticas mediáticas .....	280
4.2. Ligação identitária com Portugal.....	286
4.3. A componente cultural do transnacionalismo .....	289
5. Uma tipologia de ligações transnacionais .....	291
6. Conclusões.....	295
Conclusão .....	301
Referências .....	317

## Índice de tabelas

Tabela 1. Comparação de características entre middleman minorities e enclave étnico .	30
Tabela 2. Principais países de resposta (n) .....	87
Tabela 3. Comparação entre os níveis de escolaridade dos nascidos em Portugal residentes na Alemanha e a amostra REMIGR na Alemanha .....	89
Tabela 4. Caracterização dos entrevistados.....	92
Tabela 5. População nascida em Portugal, total e com formação de nível superior, por duração da estadia, 2016 (milhares) .....	123
Tabela 6. Estado civil dos portugueses inquiridos na Alemanha .....	137
Tabela 7. Portugueses inquiridos na Alemanha com descendências.....	138
Tabela 8. País de nascimento e de residência dos descendentes dos portugueses inquiridos na Alemanha.....	138
Tabela 9. Estratégias de reagrupamento familiar dos portugueses inquiridos na Alemanha.....	139
Tabela 10. Área de educação e formação dos graduados no ensino superior em Portugal, 1994-2017 .....	141

Tabela 11. Estado Federado de residência dos portugueses inquiridos na Alemanha .	142
Tabela 12. Fatores de atração dos portugueses inquiridos para a Alemanha (%) .....	147
Tabela 13. Situação perante o trabalho dos portugueses na Alemanha, comparação amostra REMIGR com a população portuguesa residente .....	157
Tabela 14. Variáveis usadas para o indicador de <i>deskilling</i> ( <i>n</i> ) .....	159
Tabela 15. Sector de atividade dos inquiridos .....	160
Tabela 16. Coeficientes de regressão e erros padrão para a satisfação perante o trabalho .....	164
Tabela 17. Coeficientes de regressão e erro padrão para o rendimento médio .....	167
Tabela 18. Indicadores de integração política .....	200
Tabela 19. Coeficientes de regressão para o índice de práticas políticas .....	202
Tabela 20. Redução das dificuldades de integração a duas componentes .....	222
Tabela 21. Coeficientes de regressão logística e <i>odds ratio</i> para a experiência emigratória prévia .....	235
Tabela 22. Coeficientes de regressão e erro padrão para a escala de visitas a casa .....	241
Tabela 23. Estratégias face ao regresso por parte dos portugueses inquiridos na Alemanha .....	249
Tabela 24. Estratégias face ao regresso por fatores sociodemográficos e de trajetória migratória (% em linha) .....	250
Tabela 25. Estratégias face ao regresso por fatores de integração (% em linha) .....	251
Tabela 26. Coeficientes de regressão logística e <i>odds ratio</i> para as estratégias de permanecer na Alemanha e regressar a Portugal .....	253
Tabela 27. Coeficientes de regressão logística e <i>odds ratio</i> de ordem familiar no envio de remessas .....	261
Tabela 28. Coeficientes de regressão logística e <i>odds ratio</i> para o envio de remessas, total e por sexo .....	266
Tabela 29. Coeficientes de regressão logística e <i>odds ratio</i> para o transnacionalismo laboral .....	269
Tabela 30. Relações laborais com Portugal e seus motivos .....	272
Tabela 31. Coeficientes de regressão e erro padrão para o transnacionalismo político .....	277
Tabela 32. Tipos de ligação política a Portugal .....	278
Tabela 33. Coeficientes de regressão e erros padrão para indicadores do transnacionalismo mediático .....	283
Tabela 34. Coeficientes de regressão e erro padrão para o transnacionalismo identitário .....	288
Tabela 35. Caracterização dos <i>clusters</i> por variáveis de <i>input</i> (% em coluna) .....	293
Tabela 36. Caracterização dos <i>clusters</i> por variáveis sociodemográficas, de trajetória migratória e de integração laboral (% em coluna) .....	294

## Índice de figuras

Figura 1: Poster da peça da Broadway “The melting pot” .....	15
Figura 2: Modelo de Penninx .....	39
Figura 3. Modelo de Penninx e sua adaptação ao transnacionalismo imigrante .....	46
Figura 4: Respostas ao longo do tempo (%).....	86
Figura 5. Top 15 dos principais países de destino da emigração portuguesa, 2016 ou ano mais recente (milhares).....	96
Figura 6. Comparação entre top de principais países por nacionalidade e naturalidades, 2016 ou ano mais recente (milhares).....	97
Figura 7. Fluxos de saída de portugueses, 1960-2015 (N) .....	107
Figura 8. PIB <i>per capita</i> em Portugal e nos principais países de destino da emigração portuguesa 2017 (2011 PPP \$ <i>per day</i> ) (milhares).....	109
Figura 9: Taxa de desemprego da população por nível de escolaridade completo, 1998-2015 (%) .....	110
Figura 10. Níveis de escolaridade do <i>stock</i> de nascidos em Portugal residentes em países da OCDE, 2000/2001 e 2010/2011 (%).....	111
Figura 11. População residente com 15 e mais anos com escolaridade de nível superior, 1998-2015 (%).....	112
Figura 12. Portugueses emigrados na Alemanha, 1967-2015 (N).....	115
Figura 13. Entradas e saídas de portugueses na Alemanha, 1974-2015 (N) .....	116
Figura 14. Portugueses que entraram e saíram da Alemanha no mesmo ano e peso no total das entradas anuais, 2007-2015 .....	117
Figura 15. Emigrados portugueses reentrados na Alemanha e peso no total das entradas anuais, 2007-2015.....	118
Figura 16. Portugueses retirados dos registos na Alemanha em 2015, por duração da estadia em anos (%).....	119
Figura 17. Pirâmide de idades dos portugueses emigrados na Alemanha, 2015 (N) ...	120
Figura 18. Portugueses emigrados na Alemanha, por duração da estadia em anos, 2015 (%) .....	121
Figura 19. População estrangeira na Alemanha por país de nacionalidade, 2015 (N).	124
Figura 20. População estrangeira na Alemanha por país de nacionalidade, segundo a idade média, 2015.....	125
Figura 21. População estrangeira na Alemanha por país de nacionalidade, segundo a duração da estadia, 2015 (média de anos) .....	126
Figura 22. População estrangeira na Alemanha por país de nacionalidade, segundo a condição escolar, 2016 (%) .....	127
Figura 23. População estrangeira na Alemanha por país de nacionalidade, segundo o peso dos graduados do ensino superior no total da população com experiência migratória, 2016 (%).....	128

Figura 24. População nascida no estrangeiro por dimensão dos agregados familiares, 2015 .....	129
Figura 25. População nascida no estrangeiro por rendimento médio <i>per capita</i> mensal, 2015 .....	130
Figura 26. Dendograma da análise de <i>clusters</i> com as principais nacionalidades estrangeiras na Alemanha, 2015 e 2016 .....	132
Figura 27. Pirâmide de idades dos portugueses inquiridos na Alemanha (n).....	136
Figura 28. Qualificações escolares dos portugueses inquiridos na Alemanha (%) .....	140
Figura 29. Área de formação dos portugueses graduados inquiridos na Alemanha (%) .....	140
Figura 30. Área de formação académica dos portugueses inquiridos na Alemanha por sexo (%).....	142
Figura 31. Ano de chegada à Alemanha dos portugueses inquiridos (%).....	145
Figura 32. Ano de chegada à Alemanha dos portugueses inquiridos por nível de qualificação escolar (n).....	146
Figura 33. Fatores de atração dos portugueses inquiridos por área de formação académica (%) .....	148
Figura 34. Profissão atual dos portugueses inquiridos na Alemanha por nível de qualificação (n).....	158
Figura 35. <i>Deskilling</i> por principais fatores (%) .....	160
Figura 36. Comparação do peso da indústria no VAB de Portugal e Alemanha, 1995-2017 (%) .....	162
Figura 37. Satisfação perante a profissão dos portugueses inquiridos na Alemanha (médias) .....	162
Figura 38. Preditores para a satisfação perante o trabalho (médias) .....	164
Figura 39. Rendimento mensal dos inquiridos (%) .....	165
Figura 40. Preditores para o rendimento (médias) .....	166
Figura 41. Duração da procura de emprego (%) .....	168
Figura 42. Chegada à Alemanha com emprego: principais preditores (%).....	169
Figura 43. Estratégias de empregabilidade em dois momentos no tempo (%).....	170
Figura 44. Referência ao quarteirão português num guia turístico de Hamburgo.....	180
Figura 45. Principais ajudas por ator (%) .....	182
Figura 46. Preditores para a origem dos principais amigos (%).....	185
Figura 47. Participação associativa dos portugueses na Alemanha (%).....	195
Figura 48. Participação associativa dos portugueses na Alemanha nula e online por principais preditores (%) e número médio de associações .....	196
Figura 49. Integração política por principais preditores (médias).....	201
Figura 50. Síntese das relações dos entrevistados com a cultura alemã.....	211
Figura 51. Principais dificuldades de integração (médias).....	217

Figura 52. Proximidade entre as dificuldades de integração .....	221
Figura 53. Experiência emigratória prévia por fatores sociodemográficos (%).....	233
Figura 54. Frequência das viagens a Portugal (%) .....	238
Figura 55. Frequência das visitas a casa por principais preditores (médias).....	239
Figura 56. A triangulação de estratégias face ao regresso e respetivas tensões .....	257
Figura 57. Remessas de emigrantes portugueses na Alemanha (milhões de euros).....	258
Figura 58. Envio de remessas por principais preditores (%).....	265
Figura 59. Relações transnacionais laborais (%).....	267
Figura 60. Relações de trabalho com Portugal por principais preditores (%).....	268
Figura 61. Consulta de notícias sobre política portuguesa e voto nas eleições portuguesas (%).....	275
Figura 62. Transnacionalismo político por principais preditores (médias).....	276
Figura 63. Práticas mediáticas de relação com Portugal (médias) .....	280
Figura 64. Frequência da consulta de jornais portugueses e do contato com família e amigos por principais preditores (médias).....	282
Figura 65. Ligação identitária com Portugal (%) .....	286
Figura 66. Ligação identirária com Portugal por principais preditores (médias).....	287
Figura 67. Projeção de categorias de indicadores de transnacionalismo.....	292





# Introdução

---

A tese que se inicia tem como objetivo conhecer como se dá a integração dos portugueses a viver na Alemanha, que formas assumem as relações que estes emigrantes mantêm com Portugal, e como, neste contexto, integração e transnacionalismo se relacionam.

Estudar a emigração portuguesa para a Alemanha é relevante em termos empíricos. A Alemanha tem sido um país de destino importante para os portugueses. Durante vários períodos do século XX, entre os anos 60 e 90, foi um dos países que mais emigrantes recebeu. Em 2014, era o terceiro principal destino da emigração portuguesa em termos de fluxo (Pires, Pereira, Azevedo, & Ribeiro, 2014). Contudo, não tem sido um destino muito estudado. Numa análise bibliométrica sobre a emigração portuguesa com mais de 800 *outputs* académicos (livros, artigos, etc.), apenas 27 contemplaram como país de destino a Alemanha (Candeias, Ferreira, & Peixoto, 2014). Grande parte destes trabalhos era de pequeno porte e conduzidos por académicos alemães<sup>1</sup>. No âmbito do projeto de investigação em que esta tese se enquadrou<sup>2</sup>, a Alemanha não foi um país selecionado como estudo de caso a aprofundar. Contudo, foram obtidas 369 respostas ao inquérito por questionário *online* com origem neste país. Este elevado número de respostas pareceu uma oportunidade para conhecer o caso alemão.

A escassez de estudos sobre a emigração portuguesa para a Alemanha, não obstante a sua relevância empírica, parece ocorrer dentro do que se pode considerar um “fascínio pelos grandes números” nos estudos sobre as migrações, especialmente nas áreas da sociologia, geografia e demografia. A lógica assenta na ideia de que é atribuída especial importância aos principais países do topo na ordenação dos fluxos e *stocks*, e que, tendencialmente, alguns países, mesmo que relevantes *per se*, são menos abordados. Tal justifica o elevado número de estudos que foi feito sobre a emigração para França ao longo dos anos, e, mais recentemente, o foco passar a incidir sobre o Reino Unido (e.g.:

---

<sup>1</sup> O que não invalida que posteriormente tenham tido início projetos sobre a emigração portuguesa na Alemanha. Como é o caso do projeto *HEALTH CARE IN MOBILITY - Transnational health protection of Portuguese, Italian and Spanish people in Germany and in (post Brexit) UK* conduzido por Simone Castellani no CIES-IUL, ou o projeto *TRANSITS – Cultura Material, Migração e Vida Quotidiana*, coordenado por Marta Rosales no ICS, ambos ainda sem *outputs* conhecidos.

<sup>2</sup> Regresso ao futuro: a nova emigração e a relação com a sociedade portuguesa (PTDC/ATP-DEM/5152/2012).

Almeida & Corkill, 2010; Eaton, 2010; Pereira, 2015). Este é o motivo para estudar a emigração para a Alemanha mais recente, o elevado peso em termos absolutos e a menor relevância em termos comparativos com outros países.

Contudo, a discrepância entre os estudos sobre França, Reino Unido e Alemanha não deve ser somente atribuída à posição na ordenação de *stocks* ou fluxos. Será também importante a língua oficial do país de acolhimento. Não é coincidência saber que, durante longos anos, o francês foi a língua estrangeira mais aprendida nas escolas portuguesas, sendo gradualmente substituída pelo inglês. O que facilita a familiaridade com os países de destino que tendem a ser estudados. A familiaridade com a língua oficial do país de destino é importante para a consulta de estatísticas oficiais, literatura desenvolvida pelo prisma do país de chegada, etc.

Após exposta a relevância empírica, justifica-se o título da tese, que faz alusão ao programa televisivo “Portugueses pelo Mundo”<sup>3</sup>. Neste programa, os portugueses a viver no estrangeiro tendem a ser profissionais qualificados, retratados em ambientes exóticos e cosmopolitas. Esta imagem da emigração portuguesa mais recente, difundida no senso comum e nos *media*, acentua a ideia de que existe uma nova emigração, qualificada e cosmopolita, que suplantou a emigração clássica de trabalhadores pouco qualificados. Em que as dificuldades de integração tendem a ficar na sombra, por serem consideradas um problema de vagas emigratórias mais antigas. Em parte, pode tratar-se de uma manifestação de um “síndrome de imaginação do centro” (Santos, 1993)<sup>4</sup>. Isto é, Portugal deixaria de ser um país com uma emigração laboral pouco qualificada, para passar a ser a origem de cosmopolitas sofisticados. Pode-se considerar que uma das tarefas do sociólogo é ser um “destruidor de mitos” (Elias, 2008), algumas vezes limitando-se a corroborar ideias do senso comum, outras vezes a refutá-las. A suspeita de que a realidade não seria tão otimista, nem tampouco mono-perfil, serviu de mote para estudar a integração. Por esse motivo, pretende-se saber até que ponto os portugueses na Alemanha fazem parte deste retrato de “Portugueses pelo Mundo”; e de que forma se dá a relação destes portugueses a sociedade alemã.

---

<sup>3</sup> Série documental/de viagens produzida pela Warner Bros. para a RTP desde 2010, conta com 9 *seasons*. Foi transmitida pela RTP1.

<sup>4</sup> A lógica insere-se no paradigma dos sistemas mundo de Wallerstein (1974) e assenta na ideia de que o Estado Português, um país com um estatuto semiperiférico no sistema mundial, apresenta uma visão de si que o aproxima dos países centrais e não dos países periféricos. A aplicação às migrações seria a de que, em Portugal, a emigração menos qualificada (caraterística de países periféricos) seria um fenómeno datado e substituído por uma emigração de altamente qualificados (caraterística de países centrais).

O segundo conceito-chave desta tese, o transnacionalismo imigrante, ou, mais concretamente, as relações entre o transnacionalismo e a integração, foi escolhido pelos apelos que alguma literatura lançava (Faist, 2000; Vertovec, 2007) e que considerava ser um ponto pouco estudado. Essa opção beneficiou de algumas propostas de combinação dos dois conceitos aliciantes, como a proposta de Morawska (2003), que considera três possibilidades: i) relação aditiva (a soma das duas partes), ii) relação sinérgica (quando o resultado é superior à soma das partes), iii) relação antagónica (quando um fenómeno tende a anular o outro). Uma segunda combinação, a de Erdal e Oeppen (2013) que identifica quatro posições possíveis na literatura: i) alarmismo (os laços transnacionais dificultam a integração num ciclo vicioso); ii) pessimismo (imigrantes com reduzido capital cultural e humano são condicionados, numa fase inicial, a recorrerem à rede transnacional, o que adia a integração); iii) otimismo (integração e transnacionalismo reforçam-se mutuamente) e iv) pragmatismo (existem diversas combinações mediante as dimensões ou indicadores em jogo).

Com este contexto, a questão que norteia a pesquisa é: numa amostra de portugueses a viver na Alemanha, como se dá a relação entre a sua integração e as suas práticas transnacionais? De modo a dar resposta a esta questão considerou-se necessário cumprir três objetivos: primeiro, conhecer o universo dos portugueses a viver na Alemanha. Em segundo lugar, quantificar e interpretar como se dá a integração na sociedade alemã, e as relações com Portugal. Para em terceiro lugar, poder ser possível identificar relações entre indicadores de integração e de transnacionalismo.

Exposta a motivação e a relevância do estudo, importa apresentar a estrutura da tese. O trabalho inicia-se com dois capítulos teóricos. O primeiro, dedicado à integração, percorre, de forma cronológica, os conceitos que foram usados para interpretar a relação entre os imigrantes e a sociedade de acolhimento. Este primeiro capítulo foca também as dimensões e indicadores utilizados para aferir essa relação. Pareceu importante percorrer estes conceitos numa lógica cronológica, uma vez que se trata de um tema que, por ter vindo a ser estudado há muito, tem sido alvo de alterações ao longo do tempo. Provavelmente, estas alterações surgiram para acompanhar os problemas sociais com que as sociedades de destino se têm deparado. Deste modo, serão analisados conceitos como assimilação, multiculturalismo, incorporação e integração. Uma vez que o conceito principal a desenvolver é o de integração, serão procuradas referências à integração em autores clássicos da sociologia como Durkheim e Simmel, o que

permitirá compreender a chegada do conceito à teoria sistémica e às teorias da etnicidade. Na segunda parte do primeiro capítulo, de cariz mais operativo, serão analisadas as dimensões e os indicadores utilizados nos estudos sobre a relação entre os imigrantes e a sociedade de destino. Ou seja, enquanto a primeira parte é focada nos conceitos, a segunda preocupa-se em como observar esses conceitos.

O segundo capítulo é dedicado ao transnacionalismo imigrante. Serão apresentadas algumas definições do conceito e dois debates que acompanham recorrentemente o tema: i) as suas causas e ii) os fenómenos contemporâneos que tendem a ser confundidos com o transnacionalismo. O modelo heurístico de Penninx (2013), utilizado no capítulo dedicado à integração, será adaptado ao transnacionalismo imigrante, de forma a poder integrar ambos os conceitos no mesmo modelo de análise. Uma segunda parte deste capítulo avança com as relações entre a integração e o transnacionalismo imigrante identificadas na literatura.

No terceiro capítulo, de natureza metodológica, é proposto um modelo de análise que retoma o modelo de Penninx e o adapta ao estudo da integração e do transnacionalismo. Serão percorridas as diversas dimensões e serão identificados estudos que podem preencher as diversas possibilidades do modelo. Neste capítulo, será também retomada a pergunta de partida, os objetivos e hipóteses que irão nortear os capítulos subsequentes. De forma sintética, avança-se que as hipóteses de trabalho são divididas por três dimensões. Uma primeira dimensão socioeconómica espera-se que uma integração mais bem sucedida implique uma maior possibilidade de manter laços transnacionais. Na segunda dimensão, sociopolítica, espera-se que o interesse e o envolvimento político que existe com Portugal acompanhe o emigrante e tenha a mesma intensidade no país de destino. Na terceira dimensão, sociocultural, é esperada uma relação antagónica entre o transnacionalismo e a integração.

O terceiro capítulo termina com uma exposição e reflexão em torno das três fontes de dados que serão trabalhadas: as estatísticas oficiais, o inquérito por questionário REMIGR e as entrevistas a emigrantes portugueses nas cidades de Berlim e Hamburgo.

O quarto capítulo contextualiza a emigração portuguesa para a Alemanha. Para tal, procurar-se-á enquadrar este movimento migratório em quatro perspetivas. Em primeiro lugar, no espaço, com a comparação com outros países de destino e também com o

enquadramento na União Europeia. Em segundo lugar, a emigração portuguesa para a Alemanha será contextualizada no tempo, analisando o fluxo de portugueses com destino à Alemanha ao longo dos anos. Nesta secção, será também focada a crise financeira de 2010-2014, uma vez que serviu de contexto para uma parte relevante dos portugueses estudados. O terceiro ponto do capítulo será focado na origem e nos fatores de repulsão, enquadrados numa lógica de *push-pull*. A quarta parte será dedicada ao contexto de destino, com a análise das estatísticas oficiais alemãs.

Os dois capítulos seguintes serão os mais extensos e constituem o centro empírico da tese. São explorados os temas da integração e do transnacionalismo imigrante, sendo seguida uma organização a três dimensões (socioeconómica, política e cultural). Cada indicador será contextualizado com base em estatísticas oficiais (quando existentes) e com base na literatura. A literatura coberta nestas secções, frequentemente, não irá repetir a revisão bibliográfica dos capítulos teóricos, uma vez que será focada em indicadores específicos. Nestes dois capítulos, os indicadores presentes no inquérito por questionário serão analisados com base em estatísticas descritivas, análises exploratórias bivariadas e modelos de regressão.

O capítulo 5 é dedicado à integração dos portugueses na Alemanha. Irá apresentar, antes de mais, a sociodemografia da amostra inquirida. Esta é seguida por alguns dados referentes à trajetória migratória, em que será conhecido o ano de chegada, os fatores de atração e as motivações subjacentes a este contingente. Os indicadores de integração na dimensão socioeconómica cobrirão a situação perante o trabalho, a profissão, a correspondência entre as qualificações e a profissão, os setores de atividade económica, a satisfação laboral, o rendimento, a duração da procura de emprego e as estratégias de empregabilidade. Com base nas entrevistas serão traçadas trajetórias de integração laboral. Dentro desta dimensão, será também analisada a integração residencial, especialmente com recurso às entrevistas e ao trabalho de campo conduzido em Hamburgo e em Berlim. Uma secção dedicada à integração social procurará conhecer redes de auxílio e de amizade, seguida de outra focada no associativismo. As duas dimensões seguintes focarão a dimensão política e a dimensão sociocultural. A primeira irá analisar o interesse pela política alemã e o voto. A segunda vai aprofundar, através das entrevistas, a relação com a cultura alemã, o domínio da língua alemã e a relação com os *media* alemães. O capítulo dedicado à integração irá findar com uma tentativa de agregar e sintetizar os resultados previamente apresentados. Com base nos dados

quantitativos será criado um índice de dificuldades de integração. Com base nas entrevistas, será criada uma tipologia de trajetórias de integração.

O sexto capítulo irá focar-se nas relações que os emigrantes portugueses mantêm com Portugal. A dimensão socioeconómica vai contemplar, como indicadores de transnacionalismo social, a análise da experiência emigratória prévia à emigração para a Alemanha, as visitas a casa e as estratégias face ao regresso. A análise do transnacionalismo económico terá como base o envio de remessas e as relações de trabalho com Portugal. O transnacionalismo sociopolítico irá ter como indicadores o interesse pela política portuguesa e o voto dos emigrantes. A terceira dimensão, sociocultural, irá analisar a ligação a Portugal através de diversas plataformas, a ligação identitária com Portugal, o recurso ao comércio e à restauração portuguesa, bem como as práticas associativas. O capítulo terminará com uma tipologia de ligações transnacionais.

Por fim, a conclusão procurará refletir sobre os resultados obtidos nos capítulos anteriores, tendo em conta os conceitos de integração e de transnacionalismo imigrante, assim como as relações estabelecidas entre estes dois conceitos. As hipóteses de trabalho serão retomadas à luz dos dados obtidos. A reflexão final irá considerar ainda as limitações e potencialidades do estudo, bem como a possibilidade de estudos futuros com base neste trabalho.

# Capítulo 1. Integração: debate teórico, dimensões e alguns indicadores

---

## 1. Os estudos sobre a relação dos imigrantes com a sociedade de destino<sup>5</sup>

O objetivo deste capítulo é o de percorrer algumas das teorias e conceitos que foram utilizados para compreender as relações estabelecidas entre os imigrantes e a sociedade de acolhimento. Inicia-se com um breve debate que expõe parte da “confusão teórica” em torno de alguns conceitos centrais para a pesquisa. Assenta no pressuposto de que é relevante conhecer os conceitos e teorias que foram mobilizados desde a origem dos estudos académicos sobre este tema, uma vez que alguns dos indicadores transitaram entre os diversos conceitos. Dessa forma serão percorridas, de forma cronológica, algumas dessas correntes<sup>6</sup>. Na segunda parte analisam-se as dimensões e os indicadores utilizados.

### 1.1. O debate entre conceitos

A questão de como os imigrantes se inserem nas sociedades de acolhimento sempre foi um dos principais problemas estudados pelos sociólogos das migrações (Heisler, 2008). Talvez por esse motivo coexistam atualmente diversos conceitos que remetem para a relação entre os imigrantes e a sociedade de destino, ou sobre como esta deve ocorrer. Pode-se considerar que os conceitos de assimilação e integração formam os que conheceram maior desenvolvimento, embora também existam referências a incorporação e acomodação. Existe algum debate em torno do conceito mais adequado para aplicar ao fenómeno<sup>7</sup>. Com base na bibliografia, foi possível agregar três posições relativamente distintas: os autores que utilizam os conceitos de forma relativamente

---

<sup>5</sup> Embora no decorrer do texto sejam efetuadas referências a sociedade (ou país) de “destino” e de “acolhimento” de forma indiferenciada, é ciente a posição mais detalhada de alguns autores, críticos ao segundo termo, uma vez que alguns contextos de receção podem ser pouco “acolhedores”.

<sup>6</sup> Em algumas situações a cronologia não será respeitada por motivos de coerência lógica.

<sup>7</sup> Também Schunck (2014) refere uma ampla “confusão” entre conceitos e definições semelhantes, e cita Ikonomu (1989) que identificou mais de 30 expressões para cobrir o mesmo fenómeno.

indiferenciada, os que consideram os conceitos semelhantes, e aqueles que propõem distinções. As três posições são detalhadas de seguida.

*Utilização indiferenciada* - Dada a primeira posição, é possível encontrar por parte de alguns autores uma utilização indiscriminada. Vejam-se dois exemplos:

*“What the public really wants to know (...) is whether or not the new immigrants will assimilate into the Euro-American society of the United States, and how that society and its culture might change as a result of this incorporation” (Massey, 1995 p.632).*

*“While there is a large literature on the economic assimilation of immigrants, somewhat less attention has been devoted to other – and equally crucial – dimensions of migrants’ integration, namely the process of social assimilation. The aim of this paper is to take a close look at migrants social integration into the host country” (Palo, Faini, & Venturini, 2007 p.1).*

*Assimilação e integração como conceitos semelhantes* - Posições como a de Powes (2013) defendem que tanto a teoria como a pesquisa académica assente em conceitos como assimilação, integração e incorporação se dedica ao mesmo fenómeno: ao modo como os imigrantes e os seus filhos se tornam parte da sociedade de acolhimento.

*Distinção entre os conceitos* - O que se considerou anteriormente uma utilização indiferenciada dos conceitos não invalida que alguns autores proponham diferentes definições para os mesmos. Alba e Foner (2016) referem que, não obstante a longa tradição do conceito de assimilação nos Estados Unidos, integração tem sido um conceito que ganhou aceitação universal. Contudo, carece da mesma limitação que durante muito tempo também esteve associada à assimilação - uma definição pouco concreta. Na sua interpretação: *‘Integration’, as we understand it, refers to the processes that increase the opportunities of immigrants and their descendants to obtain the valued ‘stuff’ of a society, as well as social acceptance, through participation in major institutions such as the educational and political system and the labour and housing markets” (p.7).* Enquanto a assimilação remete para *“the processes by which portions of an immigrant-origin group, typically its second and third generations, and the ethno-racial majority become more alike in a variety of ways and intermingle” (p.7).* Em ambos os conceitos esperam-se algumas mudanças por parte da população maioritária, embora reduzidas. Para estes autores, a diferença fulcral assenta no facto de a integração não implicar um *group-dissolving character* (Alba & Foner, 2016 p.8).

Na tentativa de superar uma díade de conceitos, Eriksen (2001) defende que o conceito de integração se apresenta como uma terceira via entre a assimilação e o



multiculturalismo. Representa a opção que permite aos imigrantes fazerem parte da sociedade de acolhimento com o direito a manterem as suas diferenças.

Comum na distinção entre ambos os conceitos, segundo Joppke (2015), é a associação da assimilação à pesquisa sociológica norte-americana e da integração à área da ciência política europeia (ou tendo como unidade de análise países europeus) com estudos comparativos de contextos legais e institucionais. Também Schunck (2014 p.11) refere que integração é o conceito mais universal, embora na literatura anglo-americana incorporação seja o conceito dominante.

Deste modo, o conceito principal a ser desenvolvido nesta secção teórica é o de integração, uma vez que se trata do conceito-chave utilizado na Europa. Contudo, importa percorrer a literatura sobre as relações entre as minorias imigrantes e a sociedade de acolhimento desde a sua génese. Uma vez que os modelos teóricos e analíticos de cariz sociológico dos Estados Unidos sobre a assimilação foram bastante desenvolvidos. A ordem da exposição dos conceitos e das correntes será cronológica sempre que possível. Dado que o espaço não permite uma revisão exaustiva são apresentados aqueles considerados mais relevantes.

## **1.2. O anglo conformismo**

As primeiras referências às relações entre a população imigrante e a sociedade maioritária encontram-se ancoradas nas teorias ideológicas filosóficas europeias dos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX. Estes ideais foram aplicados à sociedade norte americana que se consolidava na época. Ao contrário dos países europeus, onde a identidade nacional se encontrava sustentada por uma longa tradição histórica, a sociedade norte-americana, produto da colonização europeia, acabava de ser construída. Deste modo, seria necessária também uma nova ideologia de identidade nacional adequada a este contexto. É com este pano de fundo que emerge o anglo conformismo (Gordon, 1964 cap. 4; Rocha-Trindade, 1995 p.92). Esta ideologia assumia que a diversidade étnica associada à imigração constituía uma ameaça à edificação da identidade nacional americana. Este postulado ideológico encontrava-se legitimado pela teoria evolucionista de Darwin, segundo a qual os primeiros imigrantes europeus nos Estados Unidos teriam sido os mais bem adaptados, uma vez que tinham tido a capacidade de emigrar e se adaptar ao novo ambiente. Consequentemente, os novos

imigrantes deveriam ser igualmente capazes de se adaptar à cultura do ambiente preestabelecido (Rocha-Trindade, 1995 p.93).

Embora o anglo conformismo não se tratasse de uma teoria sociológica *per si* mas sim de uma ideologia, importa expô-la neste contexto, uma vez que serviu de inspiração para algumas das teorias dos acadêmicos da Escola de Chicago (Matthews 1977). A partir do final da segunda guerra mundial, a ideologia começou a perder vigor, embora o conceito permanecesse.

### **1.3. Assimilação**

O conceito de assimilação foi cunhado por altura da primeira vaga de imigração de trabalhadores da indústria para os Estados Unidos do final do séc. XIX<sup>8</sup>. Nesta época, a consolidação do Estado-nação fazia-se de forma agressiva. Em termos de política, implicava normativamente que a primeira vaga de imigrantes europeus abandonasse as intenções de manter as suas escolas, línguas e hábitos sociais, o que Higham (2002 [1955]) considerava uma das facetas do nativismo.

Na academia, os estudos sobre a assimilação tiveram início nos anos 1920 pela mão de membros da Escola de Chicago, tendo como pioneiro Robert Park. Segundo Phillips (2014 p.62), existem dois grandes contributos por parte de Park para os estudos das migrações: o conceito do homem marginal e a metáfora do *melting pot*, ao que se acrescenta o *race relation cycle*.

#### **O homem marginal**

O conceito de homem marginal, que denota uma clara inspiração em “O estrangeiro” do seu professor Simmel (1983 [1908]), assenta numa perspetiva psicossocial em que uma das consequências das migrações seria que o imigrante se encontrava numa situação em que “finds himself striving to live in two diverse cultural groups” (Park, 1928 p.881). O homem marginal é aquele que partilha duas culturas em conflito, que se encontram e fundem. É um sujeito que, ao viver em dois mundos, acaba por ser um estranho em ambos, uma vez que vive num estado de constante instabilidade (Park, 1928). Consequências positivas do homem marginal estariam associadas a visões menos convencionais e mais empreendedoras (Phillips, 2014 p.62).

---

<sup>8</sup> Não se descarta a existência de imigrantes em outros setores de atividade, mas foi na indústria que o seu peso ganhou maior visibilidade. Segundo Higham (2002 [1955] p.16), em 1870 um em cada três trabalhadores da indústria de manufatura americana e mecânica eram imigrantes.

São de destacar dois pontos nesta teoria de Park, que seriam implicitamente revisitados em posteriores estudos das migrações. A ideia do homem marginal viver entre dois mundos, sendo um estranho em ambos, remete para um modo de relação entre a integração e transnacionalismo. Em segundo lugar, as visões menos convencionais e mais empreendedoras seriam importantes mais tarde para os estudos acerca do empreendedorismo imigrante.

### **O race relation cycle**

O segundo contributo de Park seria a teoria do *race relation cycle*<sup>9</sup>. Segundo esta, em qualquer sociedade os imigrantes tendiam a fundir-se (assimilar-se) com a população maioritária. Contudo, em cada grupo étnico, existiriam diferenças no tempo que levariam a completar este processo. Os imigrantes teriam de ultrapassar quatro fases, ou níveis (*stages*) de um ciclo de *race-relation*: contacto, competição, acomodação e assimilação (Park & Burgess, 1921).

A primeira fase, contacto, dá-se quando diferentes grupos (de imigrantes ou raças) se encontram. Dá lugar à segunda fase, competição - com a disputa por recursos escassos. A terceira fase, a acomodação, consiste na resignação do grupo mais fraco. Por fim, a assimilação é um processo moroso que leva a que, gradualmente, o grupo subordinado seja absorvido no grupo dominante. A ideia de se tratar de um ciclo, bem como o cunhar do termo assimilação, original da biologia, denota a inspiração em Spencer. Na segunda fase, a da competição, é notória a inspiração em Simmel no texto sobre o conflito (1955). Finalmente, na terceira fase, a acomodação, denota-se uma base darwiniana da teoria evolutiva. Independentemente das críticas que foram apontadas à teoria do *race-relation cycle*, é de referir que esta contribui com dois preditores para a assimilação dos imigrantes: o tempo e o grupo étnico.

Posteriormente, Borgadus (1930) viria a propor uma diferente versão do *race relation cycle*, baseada nas atitudes da população americana face a chineses, japoneses, filipinos e mexicanos. O primeiro ciclo dizia respeito à curiosidade face ao grupo minoritário. O segundo designava-se acolhimento económico (*economic welcome*) e remetia para os empregadores, que encontravam na população imigrante uma mão-de-obra barata. O terceiro ciclo, o antagonismo social e industrial, ocorria com manifestações esporádicas

---

<sup>9</sup> Segundo Bogardus (1930), a ideia de ciclo deve ser interpretada como um tipo recorrente de comportamento grupal.

de preconceito e discriminação, em especial por parte de organizações laborais, que interpretam a presença dos estrangeiros como uma competição no mercado de trabalho. O ciclo seguinte consiste no antagonismo legislativo e diz respeito a projetos-lei implementados para dar resposta ao descontentamento do terceiro ciclo. Em quinto lugar, emergem as tendências *fair-play*, protagonizadas por movimentos sociais de simpatia ou de sentimentos de injustiça em reação às medidas tomadas no ciclo anterior. O sexto ciclo remete para a quietude (*quiescence*) resultado do amenizar das tensões anteriores. Com o passar dos tempos emerge o sétimo ciclo, com as dificuldades das segundas gerações no que toca à perda de laços com o país de origem e com a marginalização no país de destino.

### **Gordon e a *Assimilation in American Life***

Com base na teoria do *race relation cycle* de Park, o conceito de assimilação ganhou novo relevo através do livro de Gordon, *Assimilation in American Life* (1964). O ciclo foi convertido em sete etapas cumulativas, que os imigrantes ultrapassariam até atingirem uma completa assimilação: 1) Assimilação cultural - aprendizagem de práticas culturais do país de destino. 2) Assimilação estrutural - acesso às instituições do país de destino. 3) Assimilação marital - casamento com autóctones. 4) Identificação com a cultura maioritária. 5) Atitudes positivas por parte dos nativos. 6) Ausência de discriminação negativa. 7) Assimilação cívica - participação cívica e política.

O trabalho de Gordon foi inovador, no sentido em que era operacionalizável em pesquisas de médio alcance. Mas o seu contributo mais relevante consiste na criação do que atualmente se considera ser um indicador compósito, isto é, construído através da utilização de diversas dimensões na operacionalização de um só conceito (Alba & Nee, 1997).

Por outro lado, foram apontadas diversas limitações a Gordon. Uma listagem exaustiva elaborada por Alba e Nee (1997) indica que: 1) O trabalho de Gordon assenta numa lógica microsociológica que não valorizava processos sociais mais amplos. 2) Embora a verificação empírica se dê ao nível dos indivíduos, as hipóteses são levantadas ao nível dos grupos. 3) Tem em conta a relação entre minorias e a maioria, mas não considerou as relações entre as minorias. 4) O conceito de cultura utilizado é estático e tendencialmente homogéneo. 5) Considera que a cultura maioritária teria alterações de menor, e não tem em conta que a cultura americana também difere de acordo com o

local e a classe social. 6) Não propõe um mecanismo causal, isto é, são apontados indicadores mas não os seus preditores.

Desde a sua formulação, a corrente assimilacionista foi alvo de diversas críticas. Sem se pretender recenseá-las de forma igualmente exaustiva, indicam-se algumas. Em primeiro lugar, pesa a sua unilateralidade. A assimilação, pelo menos na sua versão inicial, remete para o ajustamento dos imigrantes a uma cultura nacional e a instituições consideradas como imutáveis (Ley, 2013 p.923) e não tem em conta que os contextos de recepção, bem como a população autóctone, se alteram com a presença dos imigrantes.

Em segundo lugar, refere-se a sua excessiva carga normativa (crítica que é igualmente apontada ao conceito de integração). O contra-argumento é que existem indicadores de assimilação que são difíceis de considerar indesejáveis. Como exemplo, Brubaker (2003) refere a assimilação linguística, que se encontra a montante do sucesso escolar, da mobilidade social e da participação nas instituições públicas<sup>10</sup>. Um outro indicador remete para a paridade de rendimentos com a população maioritária. Tal não invalida a existência de indicadores mais questionáveis, como os que Gordon considerava: a assimilação identificacional, bem como a especialização profissional, ou os casamentos mistos (Brubaker, 2003). Embora a assimilação fosse conotada como tendo uma forte componente normativa, Park e os seus colegas eram opositores de uma americanização forçada. Consideravam a assimilação um resultado inevitável do contacto entre pessoas com diferentes *backgrounds* (Glazer, 1997 p.114-115).

A terceira crítica é o ser *time-bounded* (*local bounded* seria também uma crítica possível). O paradigma da época era influenciado pela experiência que vigorava nos Estados Unidos, em resultado da grande vaga de imigrantes europeus (Palo et al., 2007). Esta lógica apenas poderia ser aplicada aos imigrantes europeus nos Estados Unidos, não tanto pelas suas características, mas também por razões históricas, não sendo adequado aos grupos imigrantes posteriores<sup>11</sup>. Segundo Glazer e Moynihan (1963), o único grupo que foi completamente assimilado e cujas características foram dissolvidas no todo americano foi o da primeira vaga de imigrantes alemães. Segundo Massey

---

<sup>10</sup> É de frisar que a total assimilação linguística não será o cenário mais favorável, especialmente para a segunda geração. Segundo Portes e Hao (2006), o bilinguismo fluente traria melhores resultados na comunicação com os pais, na autoestima e nos resultados escolares.

<sup>11</sup> É de notar que muitos dos estudos que foram feitos nos Estados Unidos a partir dos 1970, 1980 e 1990 tinham como preocupação de fundo a diferença entre novos imigrantes e antigos imigrantes europeus.

(1995), a experiência de assimilação desta vaga de imigrantes foi resultado de se ter dado um hiato prolongado entre esta primeira migração e o seu abrandamento durante as duas grandes guerras. Também segundo Powers (2013), os modelos da assimilação foram adequados enquanto aplicados a países como os Estados Unidos, o Canadá ou a Austrália, e quando os imigrantes eram brancos e em grande parte de religião protestante. Posteriormente, com a chegada de católicos e judeus, estes modelos começaram a ser questionados, uma vez que as primeiras minorias brancas de europeus do sul e do leste eram consideradas “racialmente inferiores” extremamente racializadas (Foner, 2006 p.39) e alvo de forte discriminação (Higham, 2002 [1955]). Assim, é compreensível que inicialmente não se pensasse na religião como um fator relevante (Powers, 2013). Esta circunscrição no tempo implica que algumas definições e aplicações do conceito sejam agora completamente desadequadas. Segundo Higham (in Glazer, 1997 p.101), a assimilação foi, por um lado, tomada como dada à partida e, por outro, vista como inconcebível. Isto é, se para os imigrantes europeus foi natural e quase inevitável, para os negros nunca foi atingida<sup>12</sup>, e por isso constitui uma fonte de preocupação.

#### **1.4. Melting Pot**

Nos Estados Unidos, entre os anos 1920 e meados dos anos 1960, a assimilação foi o conceito-chave utilizado nos estudos sobre a relação entre os imigrantes e a sociedade de destino. Também relevante foi a metáfora do *melting pot*, que colocava maior ênfase na fusão das diferentes culturas. Segundo a definição de Glazer e Moynihan (1963), “*individuals of all nations are melted into a new race of men*” (p.288). Ao contrário da lógica assimilacionista, em que os grupos minoritários se tornavam parte de um todo preestabelecido, o *melting pot* advogava que cada grupo étnico ou nacional contribuiria para um todo, resultado da mescla de diferentes partes. Por outras palavras, o total seria diferente da soma das partes. O fenómeno seria moroso, apenas com o passar dos anos e das gerações os diferentes grupos étnicos iriam fundir-se numa só cultura (Glazer & Moynihan, 1963). A metáfora ganhou especial notoriedade com uma peça homónima na Broadway, em 1908, de Israel Zangwill (Glazer & Moynihan, 1963).

---

<sup>12</sup> O que levou ao conceito de assimilação segmentada exposto à frente neste texto.



Figura 1: Poster da peça da Broadway “The melting pot”<sup>13</sup>

Pese embora esta abordagem seja distinta da assimilacionista, o *melting pot* não é uma rutura completa com os pressupostos da assimilação: é relativamente comum encontrar referências a esta fusão nos grandes trabalhos sobre assimilação. Uma das mais-valias em relação ao conceito anterior é considerar que a sociedade maioritária se altera com a introdução de novos elementos. Efetivamente, alguns grupos aproximaram-se ou ganharam características comuns, especialmente em relação a questões de classe, mas no geral esta fusão não aconteceu. Como já foi referido, provavelmente apenas a primeira vaga de alemães se “derreteu” e perdeu grande parte das suas características étnicas.

A partir de meados dos anos 1960 e até meados dos anos 1980, a literatura histórica e sociológica começou a assumir uma posição mais pluralista, uma vez que a evidência empírica documentava uma persistência das diferenças entre grupos ou, noutros termos, uma persistência da etnicidade (Brubaker, 2003 p.48). A maior crítica à teoria do *melting pot* deverá ser o livro de Glazer e Moynihan (1963), com um trabalho de campo baseado nos principais grupos étnicos de Nova Iorque. Para os autores, o grande problema do *melting pot* é que este não aconteceu (p.V). E cada grupo étnico encontra-se habitualmente associado a uma categoria socioprofissional. Isto explica a coexistência da etnicidade com uma Nova Iorque não étnica, como sucede, por

<sup>13</sup>Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/8/82/TheMeltingpot1.jpg/220px-TheMeltingpot1.jpg>

exemplo, na área da cultura e especialmente das artes performativas (Glazer & Moynihan, 1963). A limitação apontada por Palo e colegas (2007), e também por Gans (1979), ao trabalho de Glazer e Montadon, seria o não terem tido em consideração a existência de imigrantes (ou algumas categorias étnicas/nacionais) que se tinham distanciado das suas características originais mais vincadas.

## 1.5. Multiculturalismo

O multiculturalismo pode ser entendido como um conceito alternativo ao *melting pot*<sup>14</sup>. Na definição de Glazer, *“it is a position that rejects assimilation and the “melting pot” image as an imposition of the dominant culture, and instead prefers such metaphors as the “salad bowl” or the “glorious mosaic,” in which each ethnic and racial element in the population maintains its distinctiveness”* (1997, p.10). A ideia-base do multiculturalismo é a de que todos os grupos minoritários devem ser reconhecidos. Este reconhecimento vai para além das minorias étnicas ou nacionais e abrange também as mulheres e minorias sexuais. Numa lógica multiculturalista, as diferenças das minorias seriam reconhecidas, sem necessidade de abdicar das suas características, uma vez que na mesma sociedade (plural) coexiste uma diversidade de culturas (Kymlicka, 1995). As primeiras referências ao multiculturalismo encontram-se especialmente nos anos 1970 e 1980, primeiro no Canadá e posteriormente na Austrália (segundo Faist, 2009 a Austrália reproduziu parte dos princípios implementados no Canadá), uma vez que ambos os países tiveram que gerir a diversidade de origens dos seus habitantes. Nos dois países em causa, o multiculturalismo encontrava-se direcionado a toda a população, e não só às minorias imigrantes (Joppke & Morawska, 2003 p.12). No caso canadiano, acrescenta-se ainda a particularidade da necessidade em lidar com duas culturas europeias (inglesa e francesa) e de criar uma terceira cultura canadiana (Glazer, 1997 p.8). Nos Estados Unidos, o debate em torno do multiculturalismo foi especialmente intenso nas escolas de Nova Iorque (e também na Califórnia) no início dos anos 1990. A controvérsia ocorria especialmente em torno dos programas a incluir nos manuais escolares. Este multiculturalismo assentava na ideia de que a escola teria a função de incluir grupos excluídos e os incluir na cultura americana. A maior diferença em relação à posição assimilacionista dizia respeito a uma intervenção por parte da escola, uma vez que na lógica anterior a tarefa seria responsabilidade da família, da escola étnica e/ou do

---

<sup>14</sup> Outros autores, como Peixoto e Atalaia (2010) consideram que o multiculturalismo surgiu como oposição à corrente assimilacionista norte-americana.



bairro (Glazer, 1997 p.10). Contudo, ao contrário do sucedido no Canadá e na Austrália, nos EUA, embora se desse um discurso em torno do multiculturalismo, este não foi utilizado como política pública (Faist, 2009).

Na Europa, tem sido argumentado que o multiculturalismo é dirigido aos imigrantes e procura transformá-los em minorias étnicas (Joppke & Morawska, 2003 p.12). Mais especificamente, no Reino Unido, as políticas multiculturais têm como objetivo promover a tolerância e respeito por outras identidades coletivas. Consubstanciam-se em apoios a associações comunitárias, controlo da diversidade nos locais de trabalho, fomento de imagens positivas nos *media* e nos espaços públicos, bem como na intervenção em serviços públicos como a educação e a saúde, de forma a acolher a diferença. Estas políticas tiveram início nos anos 1960 e ainda perduram; contudo, em grande parte, são dirigidas apenas a afro-caribenhos e sul-asiáticos (Vertovec, 2007).

Segundo Brubaker (2003, p.40) os anos 1980 e 1990, os países ocidentais presenciaram um aumento de um discurso diferencialista e também de políticas de integração diferencialistas. Tratou-se de uma *diferencialistic turn*, não só em relação às migrações, mas também a outras minorias como as minorias étnicas ou as minorias sexuais. Tal como os conceitos anteriores, o multiculturalismo não se encontra isento de críticas. A sua maior limitação como conceito para captar a relação entre os imigrantes e a sociedade de acolhimento é não considerar a possibilidade de interpenetração das várias culturas (ou dos vários mosaicos, seguindo a metáfora). Nos anos 1990, tanto a assimilação como o *melting pot* não eram consideradas metáforas adequadas à sociedade americana (Glazer, 1997 p.96). As políticas multiculturais implementadas em muitos países foram posteriormente suspensas, embora se registasse um aumento do que se considera ser um multiculturalismo de facto nos países liberais, que se encontra ancorado em princípios de neutralidade pública, não-discriminação e proteção dos direitos individuais (Joppke & Morawska, 2003).

Segundo Brubaker (2001), têm-se observado nos países ocidentais reações a esta tendência diferencialista em ambas as partes do espectro político e intelectual. Tal leva o autor a defender que mais do que uma mudança da assimilação para o multiculturalismo se começa a assistir a uma mudança no sentido inverso, a que chama um “regresso da assimilação”. Não um retrocesso mas uma mudança de uma perspectiva diferencialista para uma lógica que também considera as comunalidades.

## 1.6. A “nova” assimilação

Não obstante as críticas apontadas anteriormente ao conceito de assimilação, alguns autores são apologistas de uma redefinição. A reformulação de Alba e Nee (1997) faz parte de uma corrente mais ampla onde se encontram outros autores, como Morowska, Kazal e Barkan, todos eles com publicações nos meados dos anos 1990. O objetivo destas reformulações é desenvolver um conceito que permita captar as dinâmicas sociais da etnicidade, evitando cair na versão ideológica e normativa das definições anteriores. Para Alba e Nee (1997), a assimilação é definida (no trabalho citado) como “*the attenuation of an ethnic or racial distinction and the culture and social differences that are associated with it*” (p.834). Um indicador de assimilação observa-se quando um traço cultural perde a sua associação a um grupo étnico, seja porque perde a sua relevância ou porque existem membros de outros grupos a adoptá-lo (Alba & Nee, 1997).

Existe, nesta corrente mais recente de estudos sobre a assimilação diversos sub-conceitos. A *straight-line assimilation* enquadra-se em estudos sobre a assimilação de segundas (e subsequentes) gerações de imigrantes. A interpretação de Gans à proposta de Warner e Srole de 1945 assenta na ideia de que os descendentes de imigrantes nascidos nos Estados Unidos alteram os seus padrões culturais e melhoram o seu *status* em relação aos seus antecedentes (Gans, 1992). A assimilação seguia de perto o conceito de mobilidade social, como se o segundo fosse um indicador do primeiro.

A alternativa de Gans (1992) para a *straight line assimilation* é a de uma *bumpy line of assimilation*, uma vez que se percebeu que a mobilidade social de imigrantes nos Estados Unidos apenas se deu para uma minoria, especialmente de judeus. Mesmo para a generalidade dos imigrantes europeus, a mobilidade social intergeracional só teve efeito na terceira e quarta geração. Embora alguns dos imigrantes europeus protagonizassem processos de mobilidade socioprofissional ascendente entre a primeira e a segunda geração, a tendência foi para estagnar e mesmo descender nas gerações subsequentes. Como exemplo, alguns dos nichos étnicos<sup>15</sup> que se estabeleceram tiveram a possibilidade de ser herdados pelos descendentes, mas outros enfrentaram forte concorrência ou viram os seus clientes desaparecer ou alterar as suas características

---

<sup>15</sup> Na definição de Zhou (2013) nichos étnicos dizem respeito a bairros onde existe uma elevada concentração de negócios geridos por uma determinado grupo étnico.

(Gans, 1992). Gans considera que para a segunda geração a assimilação oscila (*bumpy*), devido à sensibilidade em relação aos ciclos económicos. A posição mais crítica e menos otimista de Gans no que se refere à segunda geração parece ter sido utilizada como referência para Portes, na sua teoria da assimilação segmentada que será descrita de seguida.

### 1.7. Assimilação segmentada

O conceito de assimilação segmentada, com inspiração em Gans (1992) na sua teoria sobre um *second generation decline*, encontra semelhanças com o sétimo ciclo dos *race-relation cycles* de Borgadus previamente exposto. O *decline* de Gans diz especial respeito a negros, filhos de imigrantes chegados a partir de meados dos anos 1960 aos Estados Unidos. Remete para o perigo destes não conseguirem uma inserção no mercado de trabalho *mainstream* e também não se encontrarem dispostos a aceitar os típicos trabalhos associados aos grupos imigrantes, caracterizados por baixos salários e longas jornadas de trabalho.

Na versão inicial de Portes e Zhou (1993), posteriormente desenvolvida em Portes e Rumbaut (2001), o modelo da assimilação segmentada comporta diferentes modos de aculturação nos descendentes de imigrantes tendo em conta fatores de ordem individual meso e contextual. Importam características individuais dos imigrantes como o seu capital social, a classe social, a geração ou ano de chegada. A um nível meso é relevante o tipo de família em que o imigrante e os seus descendentes se encontram inseridos, bem como a existência e pertença a comunidades imigrantes fortes. São condicionantes as características contextuais como as políticas de imigração dirigidas ao grupo imigrante, bem como a recepção por parte da população majoritária<sup>16</sup>. São definidos três tipos de aculturação: dissonante, consoante e seletiva.

O primeiro tipo, a *aculturação dissonante*, dá-se quando a aprendizagem da língua inglesa e dos modos de vida americanos é acompanhada por uma simultânea perda dos traços da cultura de origem. Na relação com os pais, os filhos permitem a mediação com as instituições burocráticas na sociedade majoritária. A segunda possibilidade, a *aculturação consoante*, é associada ao abandono dos traços culturais da sociedade de origem. A aprendizagem dos traços culturais da sociedade de acolhimento ocorre

---

<sup>16</sup> Parte destes fatores são também utilizados nos “modos de incorporação”

simultaneamente para ambas as gerações, acontecendo em situações em que os pais possuem capital humano suficiente para acompanhar o processo aculturativo dos filhos. Por fim, a *aculturação seletiva* capta as situações em que o processo de aprendizagem em ambas as gerações está incrustado numa comunidade coétnica com dimensão e institucionalização suficientes para abrandar a mudança cultural e promover a retenção parcial do uso da língua e de normas e costumes dos países de origem (Portes & Rumbaut, 2001 pp.53-54). Apenas nesta situação é possível manter a autoridade parental e providenciar apoio em situações de discriminação negativa étnico-racial, uma vez que a pressão para a assimilação é vivenciada num contexto de comunidade (Portes & Rumbaut, 2001 p.54).

Enquanto os dois primeiros tipos de aculturação dão origem a uma assimilação ascendente, a última pode originar uma assimilação descendente, especialmente se os jovens participarem em subculturas desviantes (Portes & Rumbaut, 2001 p.59). A explicação para a assimilação descendente passa por alterações que ocorreram no mercado do trabalho, mais especificamente o decréscimo do peso relativo do setor da indústria, crescendo situações de discriminação racial. Emerge assim um tipo de solidariedade étnica que permite lidar com a hostilidade institucional e implica um fechamento na cultura de origem (Portes & Rumbaut, 2001 p.59). Ou seja, para estes descendentes de imigrantes, a etnicidade persistente e a resistência face à cultura da sociedade de acolhimento é resultado de uma estratégia defensiva face a uma sociedade majoritária hostil.

### **1.8. Incorporação e modos de incorporação**

A tentativa de substituição do conceito de assimilação de maior sucesso foi provavelmente a de Portes (1999), com a proposta dos “modos de incorporação”. Este modelo de análise foca-se nas primeiras gerações de imigrantes. Na lógica de Portes, a incorporação dos imigrantes depende de uma tríade: política, sociedade e comunidade étnica. Os imigrantes são considerados em três níveis de análise: como indivíduos com as suas características pessoais, como pertencentes a um grupo, e ainda como participantes numa estrutura social mais vasta. O autor acrescenta ainda que existem efeitos contextuais em interação com o perfil dos sujeitos. No modelo de Portes, existem três tipos de determinantes para os diferentes modos de incorporação: 1) As políticas governamentais, que podem ser indiferentes ou hostis; 2) O tipo de reação por

parte da população majoritária, que pode ser preconceituosa ou não preconceituosa; 3) A existência de uma comunidade étnica, que pode ser forte ou fraca (Portes, 1999 cap.1).

A tipologia de Portes apresenta duas mais-valias. Em primeiro lugar, distancia-se do conceito de assimilação, partindo do pressuposto que incorporação é um conceito mais neutro<sup>17</sup>. Em segundo lugar, ao estabelecer diversos “modos”, afasta-se de posições binárias, como “assimilado/não assimilado”, e igualmente de graduações “muito, pouco, nada assimilado”. Porém, pode ser igualmente a sua limitação, a não-quantificação dificulta uma avaliação, correndo o risco de negar ou de ignorar um problema social. Não é negada a sua utilidade na interpretação e tipificação da imigração para os Estados Unidos, que assume um volume e diversidade consideráveis, sendo assim adequada uma análise bastante macro. Contudo, o modelo não tem sido transposto para outros contextos, apesar dos seus três indicadores propostos poderem ser analisados em qualquer *stock* migratório. Por outro lado, o termo “modos de incorporação” tem vindo a ser utilizado como alternativa ao conceito de integração. Exemplo disso, a reflexão de Faist (2009) sobre a superdiversidade propõe que a esta seja analisada como um “novo modo de incorporação”.

### **1.9. Integração**

Enquanto na academia americana o debate mais recente oscila entre definições de assimilação e modos de incorporação, na Europa o mesmo fenómeno tende a ser captado através do conceito de integração. Para Joppke e Morawska (2003), a questão da integração deu-se com a chegada de uma imigração pós-colonial e de novos trabalhadores imigrantes e seus descendentes nos anos 1970 e 1980. O conceito é utilizado tanto numa lógica empírica descritiva, para analisar os modos ou processos de adaptação dos imigrantes no destino, como num sentido normativo, no campo das políticas públicas (Erdal & Oeppen, 2013 p.869)<sup>18</sup>. Cada país europeu, especialmente os que se caracterizam por uma maior tradição de imigração (Reino Unido, França e Alemanha), possui distintas políticas de integração e linhas de pesquisa. Segundo Favell

---

<sup>17</sup> Também Castles e Miller (2009) adotam o conceito de incorporação, entendido como o modo como os imigrantes se tornam parte da sociedade de destino. Estes autores tendem a associar o termo incorporação com uma conotação mais neutral. Um segundo conceito utilizado de forma relativamente neutra é o de adaptação uma vez que não possui associadas correntes teóricas, histórias ou normativas.

<sup>18</sup> Favell (2010) distingue dois tipos de políticas referentes aos imigrantes: as políticas migratórias, que dizem respeito ao controlo fronteiriço, e as políticas de integração, que lidam com o estabelecimento das pessoas após a transposição da fronteira.

(2010), existe uma elevada interligação entre integração como política e como indicador ou conceito de pesquisa académico. Por duas razões: as políticas públicas são orientadas por pesquisas; as pesquisas académicas são financiadas, muitas vezes, para dar resposta a problemas políticos. Exemplo desta interligação é o projeto “Integration Policies: Who Benefits? The development and use of indicators in integration debates” que está na origem do instrumento de avaliação de políticas de integração - MIPEX (Migrant Integration Policy Index)(Huddleston, Bilgili, Joki, & Vankova, 2015). Este índice permite uma análise comparativa, uma vez que recolhe dados em diversos países (em grande parte europeus, mas não só). O indicador compósito analisa oito dimensões: mobilidade no mercado de trabalho, reagrupamentos familiares, educação, saúde, participação política, residência permanente, acesso à nacionalidade, e medidas antidiscriminação. Os resultados deste estudo dão origem a uma ordenação dos países tendo em conta os seus valores no índice (bem como nos indicadores que o compõem). Uma vez que consiste num projeto continuado que conta com três edições (2004, 2007 e 2011), permite uma monitorização do desempenho dos países participantes, que pode incentivar alguns países a melhorarem ou manterem a sua posição no *ranking*.

A limitação que pode ser apontada a este índice é ser baseado apenas nas políticas de integração, não tendo em conta a integração efetiva dos imigrantes. Aplicando o modelo de Penninx (Heelsum & Garcés-Masareñas, 2013), o MIPEX estaria na posição da sociedade de acolhimento e não teria em conta a posição dos imigrantes. Para colmatar essa lacuna decorreu, entre 2011 e 2012, o *Immigrant Citizen Survey* (Huddleston & Tjaden, 2012) que procurou conhecer a integração dos imigrantes através dos próprios com base num inquérito por questionário aplicado em cinco países europeus (França, Portugal, Bélgica, Alemanha e Itália). Contudo este projeto não gozou de tanta notoriedade como o primeiro e ainda não conheceu replicações.

### **Integração na teoria sociológica clássica**

Embora se tenha referido, no início deste ponto, que o conceito de integração ganhou especial notoriedade nos anos 1970/1980, é possível encontrar na teoria sociológica clássica algumas referências que podem ajudar a perceber como o que o conceito tem a montante. Existem referências relevantes que remontam aos fundadores da disciplina<sup>19</sup>. O exercício de expressão reduzida foca-se no contributo de Durkheim e Simmel. Na

---

<sup>19</sup> Exercício semelhante foi desenvolvido por Marques (2008, pp.47-52) com um foco mais abrangente, uma vez que foram procuradas referências aos movimentos migratórios nos sociólogos clássicos.

interpretação de Turner (1981) sobre os princípios teóricos abstratos presentes na “Divisão do trabalho social” de Durkheim (1999 [1893]) é possível encontrar a função segundo a qual a integração sistémica varia. A integração sistémica, definida por Durkheim como “solidariedade social” teria como condições: i) a existência de símbolos culturais que evitariam sentimentos de anomia; ii) a existência de rituais que fortaleceriam a pertença dos indivíduos ao coletivo, contrariando sentimentos de egoísmo; iii) a existência de normas e estruturas políticas que regulariam as ações (Turner, 1981).

Também relevante, no campo dos sociólogos clássicos é o ensaio de Simmel acerca d’*O estrangeiro* (1983 [1908]). O autor alerta para alguns fenómenos relevantes como as alterações que ocorrem no destino com a chegada do estrangeiro; as inovações de produtos comercializados por esta figura; o seu olhar distanciado e objetivo sobre a sociedade de destino, ou ainda a dualidade de estar próximo fisicamente mas igualmente distante por se tratar de um estranho.

Se, no caso de Durkheim, a integração é tomada como um processo genérico que ocorre com maior ou menos incidência em qualquer sociedade, resultado das condições sociais (o social explica o social). Simmel alerta para as consequências da imigração (ou da chegada de estrangeiros), tanto para os membros da sociedade de destino, como para o próprio estrangeiro. Se para o caso do primeiro as referências não são muito evidentes, o segundo serviu, como já foi referido, de inspiração para os pioneiros dos estudos das migrações.

Provavelmente mais relevante que as referências aos autores clássicos será a exposição de algumas teorias mais recentes e desenvolvidas. Dentro destas correntes foram selecionadas duas perspetivas, em primeiro lugar a integração de imigrantes na interpretação da teoria sistémica, seguida da integração na sua relação com a etnicidade.

### **A integração de imigrantes na teoria sistémica**

A aplicação da teoria sistémica à integração de imigrantes trata-se de um desenvolvimento de Bommes que encontra influência no trabalho de Luhmann. A lógica sistémica assenta numa abstração já presente na teoria de Marx, segundo o qual o trabalho é analisado de forma isolada dos restantes atributos pessoais. O desenvolvimento de Luhmann é que esta abstração não se dá apenas na esfera

económica, mas em diversos sistemas (Bommes, 2012a p.24). Deste modo, a sociedade não é composta por indivíduos (nem por grupos de indivíduos) mas sim por sistemas sociais diferenciados e autónomos (educação, saúde, economia, religião, estado social, etc.). A teoria sistémica foca a atenção na relação entre os indivíduos e os sistemas sociais, na inclusão ou exclusão dos primeiros nos segundos (Bommes, 2012a p.23). Os indivíduos podem ou não fazer parte de cada um dos sistemas sociais, caso sejam cumpridos determinados requisitos, cabendo a cada sistema definir as suas próprias exigências (Boswell & D'Amato, 2012 p.12).

Em sociedades anteriores às modernas, a pertença aos diferentes sistemas era baseada em laços de sangue, sendo este o único critério de inclusão. Atualmente, os indivíduos são responsáveis pela sua inclusão nos diferentes sistemas, com riscos de fracasso elevados (Bommes, 2012b pp.37-38). A inclusão (ou exclusão) dos indivíduos num determinado sistema é baseada no seu contributo para a continuidade (ou sobrevivência) desse sistema e no benefício que a inclusão desse indivíduo implica para o sistema (Bommes, 2012a pp.25-26). A inclusão nos sistemas assenta num critério universalista, isto é, qualquer indivíduo que reúna os pré-requisitos específicos para a inclusão no sistema será admitido (Bommes, 2012a p.26). A participação dos indivíduos nos sistemas é permitida, mas isto não significa que se concretize, uma vez que é necessário reunir as condições requeridas para a participação. Isto é, a participação é possível “em princípio”. A inclusão em alguns dos sistemas é de difícil acesso, uma vez que os critérios definidos estão relativamente associados à distribuição (desigual) de recursos. Mecanismos como o sistema de segurança social agem como mediadores entre os indivíduos e outros sistemas (Bommes, 2012c pp.61 f.f.).

### **A teoria sistémica aplicada às migrações**

Na aplicação da teoria sistémica às migrações, a emigração é interpretada como uma tentativa por parte dos indivíduos de obter vantagem por via da inclusão em determinados sistemas que se encontram fora do país de origem (Bommes, 2012a p.27). No caso concreto das migrações laborais, a inclusão num mercado de trabalho localizado num país que não o de origem, é uma oportunidade de mobilidade social para o indivíduo (Bommes, 2012a p.26). Por sua vez, o mercado de trabalho tem como objetivo obter melhores resultados com base em menores remunerações do que aquelas oferecidas aos trabalhadores autóctones. Ou seja, a causa última da migração reside na



diferenciação salarial entre regiões de origem e de destino (Bommes, 2012c p.70). Numa lógica sistémica, os imigrantes estão evidentemente assimilados (ou integrados) quando os seus papéis dentro de organizações (ou sistemas) cumprem as expectativas associadas a esses papéis, caso contrário serão excluídos (Bommes, 2012d).

### **A integração nas teorias da etnicidade**

Uma segunda corrente teórica revista associa a temática da integração ao fenómeno da etnicidade. Para Pires (2003) o problema da integração resulta da “reparametrização da participação na ordem interativa” (p.95) e ocorre num plano de dois eixos que posiciona num extremo a assimilação e no outro extremo a etnização, sendo ambas possibilidades extremas de integração, com a possibilidade de posições intermédias. Nesta lógica são possíveis opções-tipo: a incorporação em quadros de interação preexistentes criados pela população autóctone, ou o recurso a quadros de interação criados pelos imigrantes. A primeira diz respeito à assimilação, a segunda à etnização. A assimilação é definida como “o processo de inclusão dos imigrantes no espaço identitário definidor da *pertença* à sociedade de chegada e, portanto, definidor também da possibilidade de participação alargada do imigrante nos quadros de interação preexistentes” (p.96) (itálico no original), e implica um processo “de auto e hetero-classificação dos imigrantes enquanto membros desse espaço identitário comum” (p.96). No extremo oposto, etnização é entendida como “o conjunto de processos de construção de uma identidade coletiva no confronto dos imigrantes com as relação à sua presença na sociedade de chegada, identidade essa baseada num sentido de *pertença* numa coletividade com uma ascendência comum (...) proporcionando um sentido de *solidariedade*” (p.100).

Com algumas semelhanças à interpretação de Pires, o trabalho de Machado (2002) complexifica a análise através de um modelo que se aproxima de uma lógica 2X2. Nesta perspectiva, a integração dos imigrantes encontra-se relacionada com a posição que estes ocupam num “espaço de etnicidade”. Este espaço bidimensional é composto por uma dimensão social e uma dimensão cultural. A dimensão social é aferida através de indicadores como o sexo, a idade, a localização residencial e a posição na estrutura das classes sociais. A dimensão cultural diz respeito às redes de sociabilidade, padrões matrimoniais, língua e religião. Em cada uma destas dimensões as populações imigrantes (ou etnicamente diferenciadas) podem assumir uma posição mais ou menos contrastante com a população maioritária. Cada grupo minoritário pode ser analisado

tendo em conta a sua posição no espaço de etnicidade que conjuga as posições de maior contraste ou maior continuidade social e de maior contraste ou maior continuidade cultural. Na relação da etnicidade com a integração estarão mais integradas as minorias com maiores continuidades sociais (especialmente no que toca à composição de classe) e maior continuidade cultural (sendo as sociabilidades mais autocentradas as menos integradas).

## **2. Dimensões e indicadores nos estudos sobre a integração**

### **2.1. Introdução**

Nesta secção serão expostas algumas dimensões e indicadores utilizados nos estudos sobre a assimilação, a integração e os modos de incorporação de imigrantes. Sempre que possível, será seguida uma lógica cronológica. Alguns dos trabalhos citados focam uma dimensão em particular, outros assumem uma pluralidade de dimensões e indicadores. A ordem será a dos estudos focados em dimensões específicas para os estudos multidimensionais. Dada a vasta extensão de obras disponíveis, esta revisão de dimensões e indicadores certamente ficará incompleta, sendo focados os trabalhos que se consideram de maior relevo.

### **2.2. A dimensão económica e social**

#### **Mobilidade social**

Os estudos dedicados à primeira vaga de imigrantes nos Estados Unidos (*circa* 1890 e 1920) consideravam a mobilidade social como sendo o principal indicador para a assimilação. As expectativas em relação à condição dos imigrantes eram otimistas, em resultado de um ambiente económico que na época se encontrava em expansão (Xie & Greenman, 2005). Em meados dos anos 1940, a perspetiva de Warner e Srole (in Alba & Nee, 2003 pp.2-4) considerava que estes processos de mobilidade social ascendente seriam acompanhados por uma absorção na sociedade americana e por uma consequente perda de traços étnicos. No entanto, esta assimilação ocorreria a velocidades distintas, de acordo com as origens dos imigrantes. O processo seria mais célere para os imigrantes mais próximos da população maioritária em termos de cultura e fenótipo. Assim, a assimilação dos imigrantes consistiria em tornarem-se mais próximos dos WASP (*White Anglo-Saxon Protestants*) de classe média. As comunidades étnicas eram percebidas de forma negativa, apenas com a função de providenciar abrigo e suporte

emocional no início da carreira migratória, uma vez que os valores americanos privilegiariam a mobilidade individual em detrimento da lealdade étnica (Alba & Nee, 2003 p.5).

Contudo, a mobilidade social como indicador de assimilação foi perdendo a sua adequabilidade como conceito para captar a situação das vagas migratórias subsequentes. No contexto que se foi tornando pós-industrial, com o aumento da segmentação e flexibilidade do mercado de trabalho, a procura de força de trabalho associa-se à imagem de uma ampulheta (*hourglass*). Esta reflete uma elevada procura tanto por diplomados do ensino superior para posições de “topo”, como por trabalhos não qualificados de base, mas com reduzidas vagas disponíveis para posições intermédias (Xie & Greenman, 2005). Dois trabalhos sobre essa dualidade merecem destaque, abordados de seguida.

### **O mercado de trabalho dual e as cidades duais**

A teoria do mercado dual de trabalho (Piore, 1979) é uma das teorias clássicas sobre a integração laboral dos imigrantes. Segundo esta teoria, o mercado de trabalho dos países industrializados encontra-se segmentado em dois grupos, primário e secundário. Os imigrantes são geralmente integrados no segundo grupo, que se caracteriza por baixos salários, elevado risco de desemprego, fraca capacidade de sindicalização, reduzidas possibilidades de progressão na carreira, e despromovidos de *status* associado à profissão que desempenham. Os imigrantes partilham esta posição com outros grupos desfavorecidos como o campesinato (*peasant-workers*), empregadas domésticas (*housewife-workers*) e jovens. Por sua vez, o mercado primário caracteriza-se pela sua formalidade, estabilidade, remuneração adequada, possibilidade de progressão. Posteriormente foi percebido que os imigrantes também podem integrar o segmento primário do mercado de trabalho, quer como diretores e quadros de empresas, como profissionais intelectuais e científicos, artistas, etc.

Uma outra dualidade é a analisada no estudo de Sassen (1991) sobre três cidades globais (Londres, Nova Iorque e Tóquio). São consideradas pontos nodais de empresas de serviços e finanças (p.5), o que levou a que protagonizassem uma polarização na estrutura ocupacional, tornando-se assim cidades duais. Esta polarização resulta de uma elevada procura de profissionais altamente qualificados e de elevados rendimentos, e, por outro lado, de trabalhadores pouco qualificados com baixos rendimentos (p.13). A

população imigrante insere-se em ambos os pólos destas cidades duais, tanto como imigrantes altamente qualificados, “cérebros em fuga”; bem como no *staff* de restaurantes, nos serviços de limpezas, tanto industriais como particulares, ou ainda nos serviços domésticos.

### **As economias étnicas**

A partir dos anos 1950, começaram a ser conduzidos alguns estudos dedicados a componentes específicas do mercado de trabalho. Uma componente focada nas economias étnicas foi iniciada por Light (1972). Os estudos sobre as economias étnicas dizem respeito a pequenos negócios (de cariz étnico) por conta própria. Nos Estados Unidos, os estudos mostraram a sua importância para fornecer emprego e lucro numa sociedade caracterizada por elevadas adversidades e racismo institucional. De acordo com Light, comparativamente aos autóctones, os imigrantes possuíam menores níveis de escolaridade, credenciais menos relevantes e menores *skills* comercializáveis no mercado de trabalho. Neste contexto, o autoemprego surgiu como uma forma de obter melhor rendimento e *status*. Nas situações de pequenos negócios que empregavam coétnicos, estes auferiam remunerações salariais inferiores à média, mas ganhavam maiores oportunidades de vir a trabalhar por conta própria. Posteriormente, a segunda geração teria a capacidade de inserir-se no mercado de trabalho fora deste pequeno nicho.

Embora a lógica de Light assente apenas em um indicador (o trabalho por conta própria) procura diferentes tipos de explicações para diferentes grupos étnicos. É atribuída ênfase aos sistemas bancários ou de crédito nos países de origem. Apresenta também explicações que remetem para a cultura organizacional (quando foca as associações que os imigrantes criam no destino ou os grupos preexistentes à emigração) e institucional (quando remete para algumas situações de racismo).

Na Europa, os estudos sobre o empreendedorismo étnico de imigrantes ganharam relevância a partir de finais dos anos 1980. As opiniões e conclusões dos autores sobre o tema são divididas por Oliveira e Rath (2008) entre as mais optimistas e as mais críticas. As primeiras acentuam as mais-valias do empreendedorismo por parte dos imigrantes que, obstante as barreiras existentes no mercado de trabalho, permite a criação de emprego (para o próprio imigrante, e muitas vezes para familiares e/ou coétnicos). Deste modo, os empreendedores imigrantes contribuem para a redução do

desemprego na população imigrante, facilitam a mobilidade social ascendente, melhoram o capital social de ponte (*bridging*), e, por vezes, agem como líderes comunitários (Oliveira & Rath, 2008). Mas os benefícios não são apenas para a população imigrante, a população autóctone também usufrui de produtos e serviços cujo mercado autóctone não fornece. E, a um nível geográfico, nas cidades, os bairros étnicos permitem o rejuvenescimento de zonas outrora não frequentadas (Oliveira & Rath, 2008). De igual modo, existe um elevado leque de posições críticas ao empreendedorismo imigrante, sendo algumas delas: o empreendedorismo dos imigrantes opera nos sectores económicos menos atrativos, com baixo valor acrescentado, com longas jornadas de trabalho, com baixas remunerações e com sucesso variável. Em grande parte, esta situação é resultado da sua falta de formação e baixas qualificações específicas, baixos ou nulos incentivos financeiros, o que por consequente limita o campo de manobra (Oliveira & Rath, 2008). Por outras palavras, este trabalho por conta própria pode não se tratar tanto de uma opção de investimento, mas sim uma única opção possível, devido aos bloqueios existentes, é a considerada “hipótese de último recurso” (Oliveira & Rath, 2008 p.20).

### **“Middleman minorities”**

Até aos anos 1960, os conceitos para analisar as relações entre os imigrantes e a população maioritária assumiam frequentemente uma natureza dicotómica. Até que surgiu a necessidade de rotular uma categoria intermédia em termos de *status* económico e social. O termo de *middleman minority*, cunhado por Blalock (1967), diz respeito a imigrantes que nos Estados Unidos assumiam posições intermédias entre os produtores autóctones e os consumidores de grupos minoritários. Encontravam-se nos bairros de imigrantes de baixos rendimentos e dedicavam-se à venda a retalho e a serviços.

Desenvolvimentos posteriores de Bonacich (1973) identificaram que estas minorias tendiam a empregar-se em setores e atividades como bancos, barbeiros, lavandarias, restaurantes, mas também recrutadores (*labor contractors*) e operadores de sistemas de crédito (*money lenders*). Tratava-se de um fenómeno relativamente transversal a diversos países e não só circunscrito aos Estados Unidos. No que respeita às suas relações transnacionais, Bonacich conclui que os *middleman* são imigrantes que mantêm laços fortes com o país de origem e tencionam regressar. Deste modo, a sua

estratégia não passa pela criação de ligações no país de destino. O objetivo principal é o de acumular capital, frequentemente com recurso ao trabalho familiar não remunerado e/ou a empregados coétnicos, com empregos que se caracterizam por jornadas de trabalho prolongadas e baixas remunerações.

### O enclave étnico<sup>20</sup>

Posteriormente, em meados dos anos 1980, Portes e Bach (1985 in Portes & Manning, 2008), propõem a teoria do enclave étnico, que deriva, em parte, da teoria dos *middleman minorities*. O enclave explica como é que existiram imigrantes nos Estados Unidos que conseguiram sucesso económico na primeira geração sem abdicarem da sua identidade cultural. Uma comparação das principais características dos dois conceitos encontra-se na Tabela 1.

**Tabela 1. Comparação de características entre middleman minorities e enclave étnico**

	<i>Middleman minorities</i>	Enclave étnico
Localização	Dispersa	Concentrada
Área de atividade	Comércio	Agricultura, comércio, construção, pequena indústria, etc.
Público-alvo	Coétnicos	Geral
Posição na economia	Subordinada	Geral

Fonte: Adaptado de Portes e Manning (2008)

Para que exista um enclave étnico é necessário reunir algumas condições. Em primeiro lugar, devem existir imigrantes com capital suficiente para investir, muitas vezes através de sistemas de crédito informal organizados por coétnicos (previamente identificados por Light, 1972). Em segundo lugar, a existência de imigrantes com experiência prévia de negócio. Implica ainda a presença de um contingente de imigrantes disponível para desempenhar as tarefas mais árduas. O retorno do esforço destes últimos converte-se em oportunidades de mobilidade social.

### As comparações de rendimentos

Uma corrente de estudos distinta da dedicada à componente empresarial e do autoemprego assenta na metodologia comparativa da situação dos imigrantes *vis-à-vis* a maioria. O trabalho inaugural de Chiswick (1978) comparou os rendimentos dos nativos com os dos estrangeiros (*foreign born*), com base nos censos americanos de 1970.

<sup>20</sup> O termo enclave étnico foi proposto por Boal (1976, in Musterd, 2011 p.364) para ilustrar um tipo de segregação de uma comunidade étnica de forma permanente e voluntária.

Concluiu que, embora num período inicial os imigrantes auferissem salários inferiores, com o tempo, esses rendimentos aumentavam e, num período de 10 a 15 anos, excediam até os rendimentos da população autóctone com características semelhantes. Aquele período inicial era considerado o “custo da imigração” e o trajeto completo assemelhava-se a uma “curva em forma de U”. O exercício de Chiswick passava por manter constantes variáveis relevantes como a escolaridade, anos no mercado de trabalho e zona de residência. Com essas variáveis tornadas constantes, *ceteris paribus*, a condição dos estrangeiros tornava-se mais favorável do que a da população autóctone com características semelhantes. O fator mais importante para explicar a paridade (ou superioridade) de rendimentos foi o número de anos no país de destino.

Estudos posteriores que assentam nesta lógica comparativa utilizaram indicadores como a taxa de emprego ou de desemprego, o nível ocupacional (em relação ao seu nível de escolaridade) e o nível de rendimento (especialmente dentro de cada nível ocupacional) (Dahlstedt, 2010).

### **2.3. A dimensão cultural e sociopsicológica**

No final dos anos 1970, começaram a ser desenvolvidos estudos sobre a dimensão cultural e psicológica da relação entre os imigrantes e a sociedade de acolhimento. O conceito chave de aculturação, embora já tivesse sido utilizado anteriormente, ganhou maior notoriedade com Berry, que o define como sendo “*the dual process of cultural and psychological change that takes place as a result of contact between two or more cultural groups and their individual members*” (2005, p.698). O modelo de análise de Berry comporta duas componentes: por um lado, as minorias migrantes e, por outro, a opinião pública e as políticas da sociedade majoritária. Por sua vez, cada uma destas componentes pode assumir duas posições possíveis em relação a dois pontos: a adoção da cultura da sociedade de acolhimento e a manutenção da cultura de origem.

Para além destes indicadores, que dizem respeito a atitudes dos indivíduos em relação às relações interculturais, existem estudos sobre a dimensão cultural dos imigrantes que recorrem a indicadores mais objetivos, como, por exemplo, o conhecimento da língua do país de destino ou o conhecimento da realidade social e cultural do país (Joppke, 2007).

## **2.4. A dimensão geográfica**

A integração dos imigrantes também pode ser analisada através de uma dimensão espacial, geográfica ou territorial. Na Europa do norte e nos Estados Unidos, durante o final dos anos 1980 e no início dos anos 1990, tanto a academia como o debate político debruçaram-se na segregação social de imigrantes e minorias étnicas (Malheiros, 2002 p.109).

A corrente académica tomou como impulsionador o estudo de Massey e Denton (1993) sobre a segregação de negros nos Estados Unidos. Embora o estudo de Massey e Denton não seja pioneiro, goza de elevada notoriedade (para uma revisão da literatura sobre estudos americanos ver Asselin et al., 2006). A montante, a análise de Massey e Denton remete para a perspetiva ecológica de Park, que refletiu sobre os efeitos de minorias étnicas ou nacionais viverem em bairros segregados (Park, 1967 [1925]), sendo também de notar a inspiração no conceito de culturas de pobreza de Lewis (1966), segundo o qual estas emergem em algumas situações de bairros segregados espacialmente, o que molda o comportamento, as atitudes e os valores dos seus habitantes.

As consequências de residir num ambiente segregado passam pela redução das oportunidades de sucesso económico e social. A concentração da pobreza isola progressivamente a comunidade da restante sociedade, em termos geográficos, sociais e económicos. A segregação é tomada como um fenómeno de nível estrutural, uma vez que se encontra fora das capacidades dos indivíduos alterar a sua condição. Nos Estados Unidos, a segregação assentou em fatores de raça; assim, os grupos imigrantes mais segregados foram os porto-riquenhos, uma vez que a sua cor de pele é geralmente mais escura. No entanto, esta segregação é um fenómeno relativamente circunscrito a esse contexto, não sendo possível aplicá-la a negros de outros países (Massey & Denton, 1993).

Um outro indicador nesta dimensão analisa a mobilidade residencial de imigrantes e grupos étnicos, considerada assim como um passo intermédio para a assimilação estrutural já referenciada por Gordon. O indicador utilizado por Massey e Denton, neste caso, é o da aquisição de residências em zonas economicamente mais favoráveis, o que tem como consequência que os grupos minoritários se dispersem e tenham maior contacto com a maioria, sendo assim um indicador de dessegregação.



Quando os estudos recaem sobre os grupos imigrantes, a evidência empírica, baseada nas estatísticas oficiais, revela uma elevada concentração geográfica de grupos imigrantes. A concentração espacial de imigrantes acarreta consequências bivalentes, especialmente no que tem a ver com o acesso a redes sociais. Se por um lado a concentração facilita o acesso a redes de coétnicos ou conacionais, que facilitam, especialmente após a chegada e nos primeiros tempos no destino, o acesso a informação, habitação e trabalho, também possuem o efeito preservador, uma vez que impossibilitam o acesso a redes exteriores ou ao capital social *bridging*<sup>21</sup> limitando assim as oportunidades de desenvolvimento de redes fora do grupo étnico ou nacional (Massey, 1995; Musterd, 2003).

### **A segregação nas cidades europeias**

Musterd estudou a segregação e concentração de imigrantes em alguns contextos europeus e procurou conhecer como esta componente residencial se relaciona com indicadores de integração social dos imigrantes. O conceito de segregação permite conhecer, num contexto urbano, o nível de desigualdades espacial entre determinadas categorias da população. Por outras palavras, mostra o quanto duas populações se encontram mais ou menos divididas espacialmente. Por concentração entende-se a sobre-representação de uma categoria populacional numa determinada área.

A réplica dos estudos de Massey no contexto europeu levou a concluir que na Europa os níveis de integração dos imigrantes são relativamente elevados, em comparação com os dos imigrantes nos Estados Unidos (Musterd, 2003), e que os níveis de segregação são relativamente baixos (Musterd, 2003, 2011).

No geral, foi enfatizada a distinção da Europa face ao caso americano, tendo sido encontrados valores reduzidos nos índices de segregação. Fatores como a existência de habitação social, diversidade étnica nos bairros, e consolidação dos grandes centros urbanos em alturas de elevadas chegadas de imigrantes distinguiram, segundo alguns autores, o caso europeu do caso americano (Malheiros, 2002 p.110).

---

<sup>21</sup> Segundo Putnam (2000, p.20) o *bridging* é capital social inclusivo (ao contrário do *bonding* que é exclusivo). Se o primeiro permite “getting by,” é o segundo que leva a um “getting ahead”. Enquanto o segundo é *broad* o primeiro é *narrow*. Outra metáfora de Putman associa o *bonding* a uma super cola enquanto o *bridging* seria o WD-40, sendo que ambos têm efeitos positivos.

Mas existem algumas exceções; observa-se segregação algumas cidades do Reino Unido com Bangladeshis e em Barcelona com marroquinos (Musterd, 2011). Segundo outros autores como Asselin e colegas (2006, p.153), também existe segregação nas cidades europeias, assume porém formas diferentes das americanas, sendo mais observada ao nível dos blocos e não tanto ao nível de *city districts*.

### **Os efeitos positivos da diversidade local**

Uma corrente distinta de estudos procura o quanto é que um determinado contexto urbano (ao nível da cidade ou do bairro) importa para a formação das relações entre grupos (entre minorias entre si ou entre minorias e a população maioritária), bem como o quanto as categorias étnicas se tornam mais ou menos salientes no processo de interação. O que pode ser considerado uma dimensão relevante para a integração das minorias.

Este tipo de estudos emergiu como contraponto a uma corrente dos anos 1990 que tomavam como unidade de análise o Estado-nação, levando à crítica que ficou conhecida como o “nacionalismo metodológico” (Wimmer & Schiller, 2002), o que viria a servir de relevância para o desenvolvimento de estudos mais localizados. O que também não ficou ausente de críticas, relegar problemas sociais como a integração ao nível local foi criticado por ser uma “hiperlocalização do social” (Body-Gendrot & Martinello, 2000 in Pastore & Ponzio, 2016 p.3).

Os estudos sobre as relações interétnicas em contexto de bairro podem seguir duas grandes correntes, as que enfatizam as situações de conflito e tensão e a posição de desvantagem dos imigrantes, ou a perspectiva que enfatiza as consequências positivas da diversidade local e do contacto que facilitam a erosão das fronteiras (boundaries) étnicas (Pastore & Ponzio, 2016). Evidentemente, a polaridade entre estes dois tipos de estudos não é tão clara e grande parte assume as duas consequências enfatizando uma ou outra mediante as posições do investigador e a realidade empírica.

### **2.5. A dimensão política**

Uma corrente de estudos, na sua grande parte de abordagem qualitativa, assenta no pressuposto de que a integração dos imigrantes depende das políticas de integração implementadas nos países de destino. Esta linha de pesquisa permite perceber algumas diferenças nas políticas de integração de cada país (Castles, 1995), que a montante

encontram diferentes abordagens conceptuais (Favell, 1998). Outras diferenças são identificadas em dimensões mais específicas, que remetem para as políticas de naturalização (Brubaker, 1994) ou as políticas de gestão da diversidade cultural (Palo et al., 2007).

As políticas de integração tiveram como pioneiros a Suécia em meados dos anos 1970 e a Holanda no início dos anos 1980. Os restantes países, especialmente por não se considerarem países de imigração, não tomaram medidas concretas, mas ganharam relevo a partir dos anos 1990 (Penninx, 2006 p.11). Segundo Castles (1995), o tipo de política de integração adotada por cada país encontra-se associado ao modo como cada Estado-nação foi construído. Deste modo, países cujo Estado foi criado com base num grupo étnico ou numa comunidade cultural tendem a evitar a fixação dos imigrantes e dos seus descendentes, de modo a evitar a miscigenação da sua etnia. Esta situação foi observada, tipicamente, na Europa central e de leste, especialmente na Alemanha no início dos anos 1990. O segundo caso é o dos países baseados numa comunidade política ou cultural de que são exemplos a França, o Reino Unido ou a Holanda. Dois fatores caracterizam estes países: em primeiro lugar, um passado colonial assente num ideal de superioridade racial; em segundo lugar, a ideologia de cidadania e direitos civis, com origem nos movimentos de democratização dos séc. XVIII e XIX.

Na tipologia de Castles (1995), as respostas em termos de políticas podem aproximar-se de quatro ideais-tipo. Uma primeira hipótese, a *exclusão total*, representa a tentativa de impedir imigrantes de entrar no país, possibilidade que o autor não encontrou empiricamente. Em segundo lugar, na *exclusão diferenciada*, os imigrantes são incorporados em algumas áreas da sociedade, especialmente o mercado de trabalho, mas é vedado o acesso a outras dimensões, como a segurança social, a cidadania ou a participação política. Esta exclusão pode ser formal ou informal, levando à formação de minorias étnicas. A motivação subjacente a este tipo de medida assenta na crença de que os imigrantes se encontram no país temporariamente para suprimir necessidades de mão-de-obra no mercado de trabalho, sendo um bom exemplo os *Gastarbeiter* (trabalhadores convidados) recrutados para a Alemanha durante o pós 2ª guerra mundial. A permanência dos imigrantes é percecionada como uma ameaça (económica, social, cultural e política). Os vistos de residência são curtos e não é incentivado o reagrupamento familiar. Políticas associadas a este ideal-tipo foram observadas em

França, nos Estados Unidos, nos países do sul da Europa e no Japão. Mas, especialmente, nos países da Europa ocidental em que foi implementado o sistema de trabalhadores convidados (Alemanha, Suíça, Áustria, Bélgica) e ainda nos países do Golfo após os anos 1970. O terceiro modelo, *assimilação*, corresponde à política em que os imigrantes são incorporados na sociedade num processo unilateral de adaptação em que devem abdicar dos seus traços étnicos, culturais e linguísticos, de forma a tornarem-se indistinguíveis da restante população. O papel do Estado é o de garantir as condições para a transferência dos valores e cultura. Este foi o modelo dominante nos Estados Unidos (especialmente durante o início do século passado), Reino Unido, Canadá e Austrália a seguir ao pós-guerra. Em grande parte destes países, tais políticas foram mais tarde substituídas por políticas de integração, uma vez que foi percebido que os imigrantes criavam as suas próprias associações (culturais, políticas e sociais), num esforço para manter a sua cultura, valores e língua. O caso mais próximo do modelo assimilacionista é o existente em França. Por fim, o modelo *pluralista* é caracterizado por uma aceitação dos imigrantes como uma comunidade étnica distinta da população maioritária. É-lhes garantido o direito a manter a sua língua, cultura e associações ao longo das gerações. Existem direitos iguais em todas as esferas da sociedade, mas sendo exigida a conformidade a alguns valores-chave. Dois subtipos de pluralismo podem ser encontrados empiricamente: o *laissez-faire* dos Estados Unidos nos anos 1950 e aquele que resulta de políticas multiculturais que promovem a aceitação dos grupos minoritários por parte do grupo maioritário. Os países mais próximos deste segundo subtipo são os países clássicos de imigração (Canadá, EUA, Austrália) e também a Suécia.

## **2.6. Os modelos multidimensionais**

Tendo em conta a pluralidade de indicadores de integração existentes, são comuns as propostas multidimensionais. Gordon, previamente referido, foi o pioneiro desta abordagem nos estudos das migrações. São diversos os estudos, especialmente de abordagem quantitativa, que fazem uso de uma bateria de indicadores e dimensões, entre eles, Erdal e Oeppen (2013), Itzigsohn e Saucedo (2005), Schans (2009), Snel e colegas (2006), Tamaki (2011) e em especial Penninx (Heelsum & Garcés-Mascreñas, 2013).

## **O modelo de integração de imigrantes de Penninx**

O modelo heurístico de integração de Penninx consiste num modelo multidimensional, que contempla três dimensões, três níveis de análise, duas posições (*parts* no original) e dois fatores relevantes, todos eles com alguma ligação entre si.

### ***Dimensões***

De acordo com este modelo, o fenómeno da integração ocorre em três dimensões, cada uma das quais associada a uma esfera da sociedade: i) Legal e política, associada ao Estado; ii) Socioeconómica, associada ao mercado; e iii) Cultural e religiosa, associada à nação (Garcés-Mascreñas & Penninx, 2016). Cada uma destas dimensões é possível de analisar através de uma bateria de indicadores.

São indicadores na dimensão legal e política o estatuto de residência, bem como os direitos políticos, ou seja, a participação dos imigrantes na comunidade política. Num dos extremos estarão localizados os imigrantes irregulares, no outro extremo os imigrantes naturalizados. Existem, entre estes dois polos, diversas situações intermédias. Um outro indicador contempla a participação na esfera política, seja ela formal (voto, candidaturas) ou informal (participação em manifestações, assinar petições) (Garcés-Mascreñas & Penninx, 2016).

Na dimensão socioeconómica considera-se como indicador o acesso dos imigrantes ao emprego, à habitação, à educação e à saúde. Uma técnica de análise comum nesta dimensão consiste na comparação do acesso dos imigrantes nestes campos com o da população autóctone (Garcés-Mascreñas & Penninx, 2016).

A dimensão cultural e religiosa remete para imagem dos imigrantes como diferentes no que respeita às suas práticas culturais e confissões religiosas. Pode também contemplar a identificação dos imigrantes com a sociedade maioritária. As possibilidades são, por um lado, a nova diversidade ser rejeitada e os imigrantes serem constrangidos a adaptar-se à cultura maioritária monocultural e monoreligiosa; no outro lado, os imigrantes podem ser aceites numa sociedade plural (semelhante ao ponto referente ao multiculturalismo). Podem ser observadas posições intermédias quando os imigrantes não são aceites na esfera pública, mas não são condenados por reproduzir as suas práticas culturais no campo privado. Esta dimensão cultural e religiosa é a dimensão com maiores dificuldades

de operacionalização, devido ao seu elevado grau de subjetividade (Garcés-Mascareñas & Penninx, 2016).

### ***Posições no modelo***

Existem duas partes ou posições ou frações (*parties*) no modelo: de um lado, os imigrantes; do outro lado, a sociedade de acolhimento. A direção e duração do processo de integração serão determinadas pela interação entre os dois. No entanto, trata-se de uma interação desigual, uma vez que a parte da sociedade de acolhimento possui recursos de poder mais elevado, especialmente no que diz respeito à sua dimensão institucional. A cada uma das partes tendem a corresponder tipos de estudos diferentes, isto é, os estudos são dirigidos à sociedade de acolhimento ou à população imigrante (Garcés-Mascareñas & Penninx, 2016).

### ***Níveis de análise***

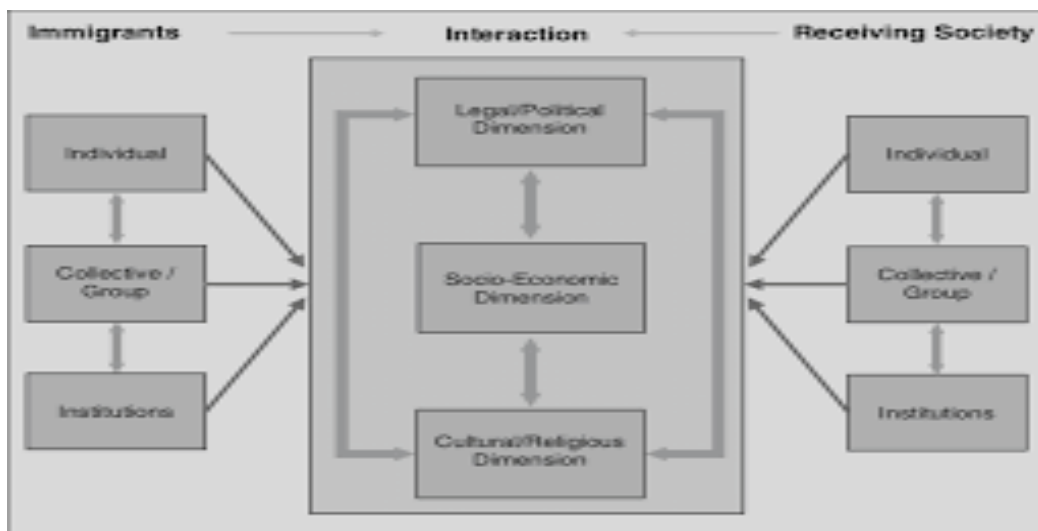
O primeiro nível é o dos indivíduos (sejam imigrantes ou nativos); é o que também pode ser considerado o nível micro: podem ser analisados indivíduos, o agregado familiar e a rede de parentesco. Neste nível podem comparar-se as perceções que os autóctones possuem face aos imigrantes e vice-versa (Penninx et al., 2015).

No segundo nível, o colectivo-grupal, encontram-se as associações de imigrantes, que mobilizam recursos em prol do bem-estar do grupo. Estas associações possuem mais ou menos poder, estão direccionadas para certos aspetos da participação, são culturais ou religiosas e estão mais ou menos institucionalizadas. Podem obter maior notoriedade junto da sociedade maioritária ou operar à sua margem. Por outro lado, também podem existir associações criadas por membros da sociedade maioritária para ajudar a integração dos imigrantes (Garcés-Mascareñas & Penninx, 2016). Acrescenta-se, ainda, a possibilidade de, no extremo contrário, operarem (ainda que indireta ou implicitamente) grupos e organizações anti-imigração.

No nível institucional, analisam-se dois tipos de instituições. Em primeiro lugar, as instituições públicas. Neste caso, compreendem-se leis, regulamentos e organizações executivas. Trata-se de instituições gerais, dirigidas à população em geral, que podem não servir a população imigrante de forma igual. Consideram-se também instituições não formais. A integração dos imigrantes é aferida através do acesso ou da exclusão, parcial ou completa, a estas instâncias. Por vezes, o acesso pode ser vedado

implicitamente; por exemplo, podem não ser tidas em conta as dificuldades de comunicação na língua do país de acolhimento. Em segundo lugar, as instituições do lado dos imigrantes, cuja referência comum são as igrejas e os sindicatos (Garcés-Mascareñas & Penninx, 2016).

**Figura 2: Modelo de Penninx**



Fonte: Penninx et al. (2015)

### ***Fatores extra***

São ainda tidos em conta dois fatores que, embora não façam parte do modelo, influenciam os resultados da integração. Em primeiro lugar, o tempo, uma vez que a adaptação cognitiva e comportamental ao novo ambiente é morosa. Em segundo lugar, a geração, já que as gerações subsequentes podem experienciar uma integração bem-sucedida caso as dimensões a montante sejam favoráveis. Como já foi referido na secção referente à *bumpy line of assimilation* (Gans, 1992), existem fatores contextuais que podem, existem fatores contextuais que possam interferir nesta relação.

Embora não faça parte do modelo original, é ainda referida num trabalho de Penninx a importância dos países de origem. Estes são relevantes para a integração de imigrantes em três aspetos: 1) Ao preparar a integração dos imigrantes antes da partida, 2) Prestando auxílio no destino através das embaixadas e dos consulados, 3) No acolhimento de emigrantes regressados (Penninx et al., 2015). Esta ponte com o país de origem serve de mote para o que se pode propor como uma aplicação do modelo de Penninx ao transnacionalismo imigrante, que se irá desenvolver neste trabalho.

\*\*\*

Este capítulo percorreu diversos conceitos referentes à relação dos imigrantes com a sociedade de acolhimento. Iniciou-se com uma tentativa de clarificação acerca da confusão teórica acerca dos diferentes conceitos. Foi escolhido o conceito de integração invés de outros “concorrentes” uma vez que é o conceito dominante na Europa (Joppke, 2015), e que, ao contrário do conceito de assimilação, não coloca a tónica na atenuação de diferenças étnicas.

Evidentemente, escolher o conceito de integração implica condicionantes, a principal é assumir um conceito que é académico mas que também tem uma carga normativa, uma vez que é utilizado na política de grande parte dos países europeus, e também a nível da UE (Erdal & Oeppen, 2013; Favell, 2010).

Uma segunda parte percorreu dimensões e indicadores de integração, numa dimensão socioeconómica: mobilidade social, integração no mercado de trabalho, economias étnicas, empreendedores imigrantes, e comparação de rendimentos. A dimensão política também merece interesse, dentro das políticas de integração de imigrantes que cada país adopta, o caso alemão é enquadrado no grupo de países cujo Estado foi criado com base num grupo étnico e que por isso, evitava a sedimentação dos imigrantes e dos seus descendentes (Castles, 1995). A Alemanha (especialmente no pós-guerra) também é classificada por Castles, como um país que tinha como resposta política uma exclusão diferenciada, uma vez que os imigrantes eram inseridos em algumas esferas da sociedade (mercado de trabalho), mas afastados das restantes.



# Capítulo 2. As relações entre os imigrantes e a sociedade de origem

---

O presente capítulo encontra-se dividido em duas grandes partes, a primeira dedicada ao transnacionalismo imigrante, a segunda focada nas relações entre este fenómeno e o que foi desenvolvido no capítulo anterior – a integração.

A primeira parte dedica-se às relações que os imigrantes estabelecem com os seus países de origem. Esta primeira secção encontra-se dividida em três pontos. Primeiro, são apresentadas algumas definições do transnacionalismo imigrante. Segundo, são apontadas as causas para a emergência deste fenómeno e de outros que por vezes são tomados como coincidentes. O terceiro ponto explora as diferentes manifestações do transnacionalismo imigrante. Finalmente, termina-se com algumas das limitações que a literatura aponta a esta corrente de estudos.

A segunda parte foca as relações entre o transnacionalismo imigrante e a integração em dois pontos, um primeiro de nível mais abstrato, e um segundo já mais operativo, procura analisar estas relações em dimensões.

## 1. O transnacionalismo imigrante

### 1.1. Definições, outros fenómenos contemporâneos, e as suas causas

O transnacionalismo imigrante é definido no trabalho seminal de Basch e colegas (1994) como sendo “o processo através do qual os imigrantes forjam e mantêm relações sociais multi-ancoradas que ligam a sociedade de origem à de acolhimento”<sup>22</sup>. Estas relações são consubstanciadas não só através do movimento de pessoas, mas também de ideias e de objetos. Embora o conceito não seja um original da equipa, foi através desta definição que ganhou notoriedade<sup>23</sup>. A originalidade da lógica assumida por estas autoras assenta na ênfase da existência de um campo social transnacional, em vez das práticas individuais. Posteriormente, a ideia da existência de as práticas transnacionais darem origem a um fenómeno de nível superior foi também defendida por Vertovec

---

<sup>22</sup> Na versão original: “We define “transnationalism” as the processes by which immigrants forge and sustain multi-stranded social relations that link together their societies of origin and settlement” (p.8).

<sup>23</sup> Segundo as autoras, embora existissem estudos sobre as relações dos imigrantes que transitavam as fronteiras, e fosse utilizado o conceito, não existia uma proposta de definição.

(1999, p.447) que se refere ao transnacionalismo como um sistema de laços, interações, trocas e mobilidades que se dão de forma intensiva e em tempo real pelo mundo. O transnacionalismo encontra-se associado a um espaço virtual que emerge obstante a existência das fronteiras nacionais. Relevante, nesta mesma lógica, é a definição de Faist (2000), que considera o transnacionalismo como laços mais ou menos institucionalizados que são sustentados por pessoas, redes e organizações ao longo de múltiplas fronteiras dos estados-nação.

Contrastante com as abordagens anteriores é a presente nos estudos de Portes e colegas (1999, p.219), que enfatiza o transnacionalismo como prática dos indivíduos. Nos seus termos, “transnationalism [is delimited] to occupations and activities that require regular and sustained social contacts over time across national borders for their implementation”. A abordagem destes estudos é a descrição, a quantificação e a procura de características dos imigrantes que sejam associadas às práticas transnacionais<sup>24</sup>.

A diferença entre as duas perspetivas é que, enquanto na última o transnacionalismo é observável em práticas individuais, na primeira consiste num fenómeno de nível superior, mas que se trata do resultado agregado dessas mesmas práticas individuais.

Dois fenómenos que tendem a estar associados ao transnacionalismo, e são por vezes confundidos com ele, são o capitalismo e a globalização. Importa assim expor essas ligações. O transnacionalismo encontra-se fortemente relacionado com a expansão do capitalismo. É sugerido por alguns autores que, na relação com o capitalismo global, o transnacionalismo pode ser considerado uma forma de resistência ou uma forma de participação, importando perceber caso a caso em qual das formas o grupo imigrante se enquadra (Vertovec, 2001 pp.576-577). Um exemplo desse segundo caso de participação, numa dimensão económica, é a tese de Portes e colegas (1999), para os quais a reduzida oferta de alguns bens nos países de origem é compensada com envios singulares ou com atividades de exportação por parte de empreendedores.

Em termos de paradigma teórico, o interesse pelo transnacionalismo coincide com o interesse pela globalização (Vertovec, 2009 p.2). Existem semelhanças entre ambos. Por exemplo, tal como Smith e Guarnizo (1998) distinguem entre o transnacionalismo *from above* (resultado de políticas e decisões de grandes organizações) e o *from below*

---

<sup>24</sup> Num sentido semelhante, existem autores como Panagakos e Horst (2006) que se referem a populações transnacionais.

(causado por iniciativas dos indivíduos), também a globalização é frequentemente classificada entre *from above* e *from below* (e.g.: Falk, 1997). Não obstante estas coincidências e as suas concomitâncias, trata-se de conceitos que devem ser distinguidos. Segundo Faist (2000), a globalização é definida como processos não centrados em países específicos que ocorrem acima e abaixo do nível do estado-nação, enquanto o transnacionalismo consiste num processo que envolve dois ou mais países e atores que se encontram estabelecidos nesses países.

Na relação do transnacionalismo com a globalização, e tal como foi referido na relação do transnacionalismo com o capitalismo, existem autores que defendem que o transnacionalismo imigrante se trata de uma consequência da globalização, enquanto outros defendem que consiste numa reação das bases face ao movimento imposto pelo topo (Portes et al., 1999 p.218).

Importa perceber, nesta secção, quais as causas que são apontadas na literatura para a emergência do transnacionalismo imigrante, bem como a distinção de outros conceitos que surgem normalmente associados a este.

*O determinismo tecnológico.* A causa mais frequentemente apontada para a emergência do transnacionalismo imigrante é o desenvolvimento tecnológico, que se encontra na origem da tese da elisão do espaço/tempo (e.g.: Harvey, 1989 cap.17). Mais concretamente, apontam-se as transformações nas tecnologias de informação e comunicação e nos transportes que tornam as telecomunicações e viagens aéreas mais acessíveis e céleres (Wakeman, 1988 in Basch et al., 1994 p.11). Este desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação é bastante importante para as famílias transnacionais, mas impacta também empresas, políticos e associações do terceiro setor (Vertovec, 2009). É nesta lógica, embora mas num sentido mais abstrato, que Appadurai (1990, p.297) se refere às *technoscapes*: a configuração global da tecnologia, que se move a velocidades elevadas e que extravasa qualquer tipo de fronteira.

Contudo, deve-se alertar que esta importância da tecnologia para as relações dos imigrantes com a sua origem não surgiu nos anos 1990, juntamente com os estudos do transnacionalismo imigrante. Segundo Faist (2000, p.198), podem ser identificados dois marcos históricos no desenvolvimento tecnológico que importaram para as migrações internacionais e as respetivas relações com as origens dos imigrantes. Um primeiro data

do início do século XIX, com o aparecimento dos barcos a vapor transoceânicos e a comunicação via telégrafo. Posteriormente, após a segunda guerra mundial, deu-se o segundo *boom* com a redução das distâncias geográficas resultante do desenvolvimento tecnológico.

Esta corrente de explicações foi apelidada, de forma crítica, por determinismo tecnológico, e, de forma igualmente crítica, é considerada por Vertovec (2001, pp.576-577) como insuficiente para explicar a emergência do fenómeno transnacional. Deste modo, expõem-se de seguida alguns fatores de ordem política e social.

*As alterações políticas.* Nos países de origem foram implementadas algumas políticas que fomentaram o transnacionalismo. Segundo Basch e colegas (1994), diversos países enveredaram por uma nova forma de construção do estado-nação que reconhece e encoraja a existência de laços dos seus emigrantes com o país de origem. Estas políticas tentam atrair remessas dos emigrados e dos seus descendentes, bem como investimento externo por parte destes seus conacionais ausentes, seja diretamente, através dos próprios, como por intermédio destes. Exemplos concretos de políticas podem ser as alterações nas leis de cidadania, que permitem as duplas cidadanias ou nacionalidades (Faist, 2000 p.192), bem como a possibilidade do voto externo, a representação política através de canais especiais, os incentivos económicos, os benefícios fiscais e os programas de reintegração (Faist, 2014 p.16). Um segundo exemplo são os ministérios criados por governos de alguns países de origem para lidar com os seus emigrantes e respetivos descendentes (Faist, 2008 p.30). Em Portugal, é o caso Direção Geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades Portuguesas e da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, ambos sob a tutela do Ministério dos Negócios Estrangeiros. São também relevantes as políticas implementadas com o fito de atrair emigrantes altamente qualificados, ou para manter laços ativos com diplomados que se encontram no estrangeiro (Vertovec, 2009), para além de outras políticas de ligação à diáspora em geral.

Nos países de destino, foram importantes tanto medidas antidiscriminação e de reconhecimento de direitos políticos, como medidas implementadas no sentido oposto, isto é, de redução de direitos e de discriminação negativa (Faist, 2006). Igualmente importantes são as políticas migratórias que determinam a facilidade ou dificuldade com que o imigrante pode passar a fronteira (Faist, 2014 p.16).

A um nível supranacional, para o caso das migrações intraeuropeias, é importante referir a livre circulação dos cidadãos, que se reforçou com a criação do espaço Schengen. O princípio de liberdade de circulação para trabalhadores e a cidadania europeia, implementados em 1992 no tratado de Maastricht, atribuíam um conjunto de direitos aos cidadãos europeus, em que se inclui a dispensa de visto de trabalho e estudo. O que deveria incentivar as migrações intraeuropeias. Contudo, os dados parecem indicar que os cidadãos europeus não têm vindo a usufruir deste direito: segundo Hanewinkel e colegas (2013), nos últimos 30 anos, apenas 2% dos cidadãos europeus viveram e trabalharam num país europeu que não o do seu nascimento<sup>25</sup>. Estes valores mantiveram-se estáveis mesmo após o alargamento aos países de leste<sup>26</sup>. Também os dados do Eurobarómetro de 2013 apontavam para 2% de cidadãos europeus a residir em outro estado-membro à altura do inquérito, e para 7% de ex-migrantes intraeuropeus, sendo os cidadãos portugueses dos que apresentavam a proporção mais elevada de migrações intraeuropeias no passado – 12%, apenas superado pela Itália com 19% (Eurobarometer, 2013 pp.50-51).

*Os fatores sociais.* Existem também fatores sociais que, em ambas as posições do modelo de análise, podem impulsionar o transnacionalismo imigrante. No caso dos países de origem, é relevante o impacto positivo das remessas enviadas pelos emigrantes, bem como uma perspetiva positiva em relação aos mesmos (Vertovec, 2001 p.547). Nos países de destino pode ser apontada a discriminação social com base na cultura de origem (Faist, 2006).

Por fim, é de referir que todos estes fatores não são mutuamente exclusivos, sendo o transnacionalismo um resultado da acumulação de vários fatores favoráveis. É assim que Itzigsohn e Saucedo (2002, p.767) assumem uma lógica a dois níveis, segundo os quais as práticas transnacionais são resultado das estratégias pessoais dos migrantes, mas mediadas pelo contexto de receção e pelos modos de incorporação predominantes nos diferentes grupos imigrantes.

---

<sup>25</sup> Proporção que pode ser comparada com as estimativas mundiais para 2015 de 3,3% da população mundial (IOM, 2018).

<sup>26</sup> Alguns casos que podem ser considerados exceções ao argumento de Hanewinkel e colegas, como as migrações com origem na Polónia e países bálticos com destino ao Reino Unido.

## 1.2. Posições, dimensões e indicadores

Tal como no subcapítulo anterior dedicado à integração, neste texto irá ser replicado o modelo de Penninx (2013), com o objetivo de indicar algumas das diferentes manifestações do transnacionalismo imigrante. Assim, a arrumação do texto seguirá duas posições e três dimensões. As adaptações são expostas de seguida.

Enquanto na secção referente à integração dos imigrantes o modelo de Penninx era composto pelos imigrantes e pela sociedade de acolhimento, nesta secção a proposta é pensar-se no país de origem e no país de destino como duas posições do modelo, podendo os imigrantes situar-se entre ambos. A Figura 3 tem como fim ilustrar a lógica. A ideia de incluir o país de origem na análise do transnacionalismo está presente em Faist (2000), que defende que o espaço social transnacional não é só composto por imigrantes que se encontram estabelecidos no país de destino, mas também por pessoas e coletivos não migrantes (imóveis nos seus termos), ou Mau (2010, cap 13), que analisa a transnacionalização das populações imóveis, ou ainda Sayad (2004), que defende que, para se conseguir entender uma imigração, se deve começar por conhecer o contexto do país de origem.

**Figura 3. Modelo de Penninx e sua adaptação ao transnacionalismo imigrante**



*Fonte: Elaborado pelo autor com base em Penninx (2013)*

Replicando a divisão analítica presente no capítulo da integração, os fenómenos transnacionais serão agregados nas dimensões: i) legal e política, ii) socioeconómica e iii) cultural e religiosa. Divisão semelhante é encontrada em Portes e colegas (1999, p.221), que distinguem três dimensões nas atividades transnacionais: uma económica, uma política e uma sociocultural, ou em Faist (2000), que agrega os processos do espaço social transnacional em cultural, político e económico.

### ***A dimensão legal e política***

A dimensão legal e política do transnacionalismo é bastante reduzida na sua componente legal, sendo apenas apontados os estatutos de dupla nacionalidade e dupla cidadania como indicadores. Por seu lado, o transnacionalismo político conta com extenso acumulado de desenvolvimento teórico e empírico.

Na dimensão legal, dupla nacionalidade e dupla cidadania são conceitos distintos que, por vezes, são utilizados de forma indiferenciada. A dupla cidadania consiste na condição de um cidadão ser possuidor de passaportes de dois países diferentes e direitos plenos em ambos; no entanto, apenas vigora a cidadania do país de residência. A dupla nacionalidade distingue-se por atribuir um maior número de direitos que a dupla cidadania (Faist, 2000 p.202). O ponto em comum é que ambas facilitam a passagem das fronteiras, seja para visitas a casa, seja para migrações circulares. Nesta situação, existe um papel ativo tanto do lado do país de origem como no destino, uma vez que ambos têm que considerar na sua legislação a possibilidade das duplas nacionalidades ou cidadanias.

Na dimensão política, como foi frisado na secção referente à importância das políticas para a emergência do transnacionalismo, importa agora referir que as medidas políticas que os países de origem tomam em relação aos seus emigrados podem ser entendidas como fenómenos que facilitam ou dificultam as relações que os imigrantes estabelecem com o seu país natal. No geral, pode considerar-se que qualquer país de emigração tem interesse nos seus emigrantes, seja no domínio económico, através das remessas e do investimento, seja no controlo político dos emigrados. Seguem-se quatro exemplos citados por Faist (2008): i) No México, os incentivos às duplas cidadanias tinham como objetivo que os emigrantes mantivessem negócios no país de origem; ii) O governo chinês insistia no critério de *ius sanguinis* para que os seus emigrantes não perdessem a nacionalidade chinesa; iii) Na Índia foi criado um estatuto especial (semelhante à dupla cidadania) para emigrantes empreendedores, que lhes conferia benefícios fiscais; iv) Ao contrário dos exemplos anteriores, em que o interesse dos governos era o de manter laços com os seus emigrantes, também pode acontecer o contrário, isto é, uma tentativa de limitar as ligações dos emigrantes com a sua origem, como é o caso do governo chinês, que tentava limitar a entrada de “remessas políticas” (Faist, 2008 p.31).

Enquanto na posição do país de origem, o foco era no papel dos governos, na parte respeitante ao país de destino, a ênfase é colocada nas práticas dos imigrantes. No campo das práticas de participação política, importa a distinção sublinhada por Østergaard-Nielsen (2001, pp.262-263) entre o que considera serem, por um lado, *homeland politics*, que consistem no apoio ou oposição em relação ao regime político e à sua política externa, e, por outro lado, o *immigrant politics*, que remetem para as atividades políticas que os imigrantes levam a cabo de forma a melhorar a sua situação no país de destino. Embora pareça que só o primeiro caso se trata de uma atividade transnacional, o segundo também pode ser, nas situações em que o país de origem toma medidas para ajudar os seus cidadãos emigrados. Não obstante esta distinção analítica, é importante perceber que muitas vezes as duas agendas se sobrepõem ou reforçam (Østergaard-Nielsen, 2001 p.269). No que diz respeito à participação que os emigrantes estabelecem com a origem (ou *homelands politics*), é ainda relevante referir a distinção efectuada por Guarnizo e colegas (2003), que classificam o transnacionalismo político como transnacionalismo *eleitoral* e *não eleitoral*. O primeiro encontra-se associado à filiação, contribuição monetária e envolvimento nas campanhas de partidos políticos na origem. O transnacionalismo *não eleitoral* consiste na pertença a associações cívicas e contribuição para projetos que influenciam tanto o governo local como regional.

Nem todos os imigrantes são igualmente transnacionais no plano político, sendo conhecidos diversos fatores de ordem individual associados a estas práticas. As atividades transnacionais políticas são diferenciadas por Itzigsohn e Saucedo (2005) de acordo com o género, sendo que os homens tendem a encontrar-se mais ligados ao país de origem na esfera pública e institucional, enquanto as mulheres têm maior participação no país de destino. Na tipologia dos mesmos autores, o transnacionalismo dos homens tende a ser reativo, enquanto o das mulheres tende a ser dependente de recursos<sup>27</sup>. Em segundo lugar, os elevados níveis de escolaridade revelaram-se positivamente relacionados com as atividades transnacionais políticas, económicas e

---

<sup>27</sup> O transnacionalismo dependente de recursos compreende as situações em que, embora os imigrantes tenham intenções e vontade de participar em atividades transnacionais, não o conseguem fazer numa fase inicial do seu processo migratório, uma vez que não possuem os recursos financeiros suficientes. O transnacionalismo reativo é consequência de exposição à discriminação social no país de destino. O transnacionalismo linear corresponde a situações em que os imigrantes tentam dar continuidade aos laços sociais que tinham antes da emigração (Itzigsohn & Saucedo, 2002).



culturais (Portes, Escobar & Radford, 2007 p.254). No geral, as atividades transacionais são frequentes nos que ocupam posições de trabalho com maior *status*, mais escolarizados e mais bem remunerados, simplesmente porque têm a possibilidade de o fazer. Ou seja, a escolarização pode ser entendida como um indicador de *status*. Para além destas especificidades subjacentes à população imigrante, importam também todos os fatores que existem associados à participação da população em geral.

Esta capacidade de mobilização varia também de acordo com as características dos países de origem dos imigrantes. Será mais provável que emigrantes com origem em democracias instáveis tenham maior motivação para participar em práticas políticas transnacionais, em comparação com os imigrantes com origem em países de democracias mais estáveis. Concomitantemente, também se espera que refugiados políticos tenham o mesmo tipo de motivação *vis-à-vis* imigrantes laborais. Por fim, a um nível menos macro, é de referir que imigrantes com origem em contextos rurais tendem a formar associações não políticas, cívicas e de apoio aos que ficaram; já os imigrantes dos meios mais urbanos são mais envolvidos na cena política e cultural (Portes et al., 2007 p.255).

Deve ser apontada uma limitação relevante na revisão de literatura sobre o transnacionalismo político: grande parte dos estudos norte americanos citados focam-se em imigrantes e refugiados de países da América central e latina, que remetem para uma situação em que as relações bilaterais entre países de origem e destino assumem contornos bastante distintos dos que se encontram em grande parte dos países europeus, em que os estudos não são tão abundantes e que tendem a focar outros fenómenos.

### ***A dimensão socioeconómica***

A dimensão económica e social do transnacionalismo é a mais desenvolvida das três que se propõem. As relações de ordem económica foram das primeiras a ser estudadas, em disciplinas como a sociologia económica das migrações, sendo utilizados como objetos de estudo os empreendedores transnacionais, as remessas e os investimentos por parte dos imigrantes. A dimensão social também conta com um leque considerável de perspetivas operacionalizáveis, sendo utilizadas, para este fim, as viagens a casa, as migrações circulares e os contactos estabelecidos através dos *media* eletrónicos.

*Negócios étnicos e empreendedores transnacionais.* Os empreendedores transnacionais são definidos por Portes e colegas (2002, p.284) como pessoas que, no decorrer da sua atividade económica, cruzam as fronteiras entre o destino e a origem numa base regular. Trata-se de proprietários de negócios ou trabalhadores por conta própria cujo sucesso depende dos contactos com o país de origem. O estudo seminal da equipa de Portes, decorrido no final dos anos 1990 nos Estados Unidos, concluiu que, numa amostra de dominicanos, colombianos e salvadorenos, os empreendedores transnacionais eram trabalhadores por conta própria ou empresários que faziam parte de uma pequena elite respeitada na comunidade, com elevados níveis de escolaridade e com estatuto legal.

Os empreendedores transnacionais podem gerar emprego tanto para os imigrantes como para a população nativa. No segmento de mercado ocupado, podem seguir dois caminhos distintos: o mercado da nostalgia, que serve produtos do país de origem no país de destino; ou oferecer novos produtos e serviços (originais do país de destino) na sociedade de acolhimento (Faist, 2008).

*As remessas.* Tendo em conta que grande parte das migrações existentes é laboral, não é de estranhar que tenha sido desenvolvida uma vasta literatura em torno do envio de remessas dos imigrantes. A generalização das remessas é tal que, segundo Vertovec (2000), são enviadas por todo o tipo de trabalhadores imigrantes: homens e mulheres, legais e em situação irregular, temporários ou permanentes, qualificados ou pouco qualificados, casados e solteiros, jovens e de meia-idade, de classes média, alta ou popular. Existem, porém, diferenciações de acordo com a duração da estadia no destino e a posição que cada imigrante ocupa no ciclo de vida. Este dinheiro é enviado por uma pluralidade de meios: bancos, agências, online, por estafetas ou através de redes sociais, com algumas *nuances* de acordo com o grupo nacional.

Durante alguns anos, o paradigma dominante nos estudos das migrações tentou associar os movimentos populacionais a um *nexus* com o desenvolvimento dos países de origem, assente na lógica de que as remessas impactam de forma positiva o desenvolvimento dos países de emigração. Defendia-se que as remessas reduzem a pobreza e reforçavam o investimento local, sendo de especial importância, uma vez que são capazes de resistir mesmo a situações de recessão económica (Faist, 2008). São diversas as consequências das remessas. Em alguns países, as remessas têm sido aplicadas na construção de infraestruturas e equipamentos (Vertovec, 2009). Os impactos das remessas permitem

suportar as famílias na origem, transformar as relações de género, financiar educação e formação profissional, permitindo o desenvolvimento local em áreas como a saúde, saneamento, locais de culto e recreio (Vertovec, 2001 p.575). A importância das remessas para as contas públicas dos países de origem levou a que os seus governos<sup>28</sup> permitissem duplas nacionalidades e criassem círculos eleitorais destinados à emigração (Portes, 2003). Os consulados também se tornaram mais proativos com a oferta de serviços aos seus conacionais: representação legal, serviços de saúde, cartões de identificação, bem como cursos de inglês e das línguas oficiais dos países de origem (Portes et al., 2007). Em Portugal, a importância histórica das remessas na economia também foram documentadas. Se forem entendidas como uma exportação de mão-de-obra nacional, elas representaram 13% das exportações nos anos 1950, na década seguinte corresponderia a 25%, nos anos 1970 atingiria o peso de 56%, para diminuir para 45% nos anos 1980 (Baganha, 1994). Se for analisado o peso das remessas no PIB a perspectiva é de que os emigrantes são força de trabalho que impactam na economia nacional através das remessas. Essas proporções foram crescentes entre as décadas que foram analisadas pela autora 1950 (2%) e 1980 (10%)(Baganha, 1994).

Não obstante a tese do *migration-development nexus*, foram identificadas consequências neutrais ou negativas das remessas, listadas em seguida. Resultados das remessas tomam a forma de indução do consumo, muitas vezes de bens importados, bem como de inflação dos preços de terras, habitações e bens alimentares. As remessas criam disparidades e inveja entre os recetores e não recetores, bem como a emergência de uma cultura de dependência económica (Vertovec, 2000). Por fim, as remessas enfraquecem o mercado de trabalho local, aumentam o preço dos combustíveis fósseis e criam novas hierarquias de *status* (receptores *vis-a-vis* não receptores) (Vertovec, 2001 p.575).

*Investimentos.* Uma outra faceta do transnacionalismo económico, não tão estudada como as remessas, toma a forma dos investimentos que os transmigrantes<sup>29</sup> aplicam no país de origem. Estes podem contribuir para o desenvolvimento do país, embora, frequentemente, não beneficiem diretamente os mais necessitados (Basch et al., 1994 p.302). Os investimentos dos transmigrantes não implicam a existência de negócios ou

---

<sup>28</sup> Neste argumento, o interesse dos governos assenta nas remessas, mas também no investimento e na caridade por parte dos seus expatriados.

<sup>29</sup> Na obra *Nations Unbound* de Basch e colegas (1994), o termo “transmigrants” é utilizado para fazer referência os imigrantes com práticas transnacionais.

de investimento financeiro direto, pois podem assumir a forma de atividades singulares, como a compra e/ou manutenção de uma casa (Portes, 2003).

Mudando para a vertente mais social do transnacionalismo, é possível identificar manifestações no país de origem, uma vez que as redes transnacionais podem, em parte, ser constituídas por pessoas e coletivos relativamente imóveis (Faist, 2006). Esta ideia segue a tese do transnacionalismo dos imóveis de Mau (2010), uma vez que as populações imóveis podem possuir contactos fora do país, o que as tornam receptoras de remessas ou de transferência de conhecimento sobre oportunidades de emigração.

Mais concretamente, podem ser referidos os exemplos do governo da Eritreia, que tentou mobilizar a sua diáspora de modo a que as suas remessas contribuíssem para a reconstrução do país (Koser, 2003), ou o caso dos cabo-verdianos *stay-at-home*, que esperam as remessas dos seus familiares de forma a satisfazer necessidades de consumo (Åkesson, 2008).

Passando o foco para o país de destino, com inspiração na importância das remessas económicas, a tese de Levitt (1998) defende que as remessas não se resumem ao envio de dinheiro, podem também ser remessas sociais. Na sua definição, estas consistem em “ideias, comportamentos, identidades e capital social que se dirigem (flow) dos contextos de receção para os países e comunidades de origem” (p.926). Como exemplo, as remessas sociais podem assumir a forma de partilha de conhecimento entre redes de cientistas, mas também de modos de vida entre emigrantes e residentes (Faist, 2006). Dentro destas remessas não financeiras, importa ainda referir as remessas políticas, que dizem respeito a ideais de democracia e direitos humanos transportados pelos emigrantes (Faist, 2006).

Um outro indicador, mais concreto e operacionalizável na componente social do transnacionalismo imigrante, que toma a forma de cruzamentos efetivos das fronteiras nacionais, são as viagens a casa. As viagens ajudam a criar uma identidade associada ao país de origem e permitem acompanhar as mudanças que vão ocorrendo no contexto de origem, o que facilita a reintegração após o regresso (Duval, 2004). Contudo, o efeito das visitas a casa nem sempre segue este sentido. No estudo de Oeppen (2013) sobre afegãos estabelecidos nos Estados Unidos desde os anos 1970 e 1980, as visitas tiveram influência na integração dos imigrantes, mas não preparam o seu retorno. Estas visitas

desempenharam, muitas vezes, uma função de *reality-check*, uma vez que o país que visitam tornou-se diferente do que era na época em que partiram, e, em consequência, não tencionaram voltar. As visitas a casa permitiram ainda, em alguns casos, um retorno temporário de modo a reunir recursos para investir nos Estados Unidos, ou seja, um exemplo de contra-remessas financeiras.

Partindo da ideia de que a distância entre os países de origem e de destino é variável, espera-se que a distância entre os países seja inversamente proporcional à densidade das relações transnacionais, uma vez que maiores distâncias devem implicar maiores custos e maior duração de voos (Portes et al., 1999). Esta hipótese tanto se pode aplicar para as viagens a casa como para as migrações circulares.

Outra manifestação do transnacionalismo consiste nas migrações circulares, migrações repetidas, ou migrações rotativas. A migração circular é dotada de certas especificidades, uma vez que pode tornar-se um processo que se autoperpetua e se autossustenta, pois o conhecimento sobre o processo migratório que é adquirido durante a primeira migração tende a criar um “capital migratório” que encoraja (e facilita) próximos movimentos (Zimmermann, 2014). Também Massey e Espinosa (1997) referem a existência de um “*migrant specific capital*”, que se caracteriza pela sua cumulatividade. A literatura mostra que a migração de retorno é bastante seletiva e que, uma vez que teve efeito, é bem provável que os imigrantes voltem a fazê-la. Ao repetir as migrações, os emigrantes tendem a otimizar as suas estratégias no que respeita aos rendimentos e às poupanças (Constant & Zimmermann, 2011).

Existe um conjunto específico de características associado aos migrantes circulares. No que se refere à sociografia, os imigrantes circulares tendem a ser não casados, pois são os mais flexíveis. A mobilidade também é mais frequente para aqueles que saem para países mais próximos do seu, tanto geográfica como culturalmente. E, para o caso europeu, são os migrantes que pertencem ao espaço de livre circulação os mais móveis (Zimmermann, 2014).

Na política internacional, embora as migrações circulares não sejam uma novidade, têm vindo a ser implementadas, nos últimos anos, medidas para facilitar estes movimentos. No discurso de política pública sobre a migração de regresso, esta tem sido assumida como sendo um retorno temporário, e não tanto um regresso definitivo (Faist, 2008

p.25). As migrações circulares tendem a ser interpretadas como uma situação *win win*, uma vez que os países de destino vêm satisfeitos as suas necessidades no mercado de trabalho, enquanto nos países de origem dão entrada remessas. Documentos oficiais das Nações Unidas, da Organização Internacional para as Migrações, e do Banco Mundial tentam reforçar a ideia de uma migração circular que tende a substituir a migração definitiva, o que pode ser fomentado pelos governos dos países de destino, facilitando os movimentos de ida e volta (Vertovec 2009).

São diversas as consequências positivas das migrações circulares. A um nível individual, a migração circular pode ser uma forma de aproveitar as melhores oportunidades, sejam elas no país de destino ou no país de origem. Por outro lado, também minimizam o fardo psicológico que os imigrantes sofrem por se encontrarem longe de familiares (Constant & Zimmermann, 2011). No caso dos imigrantes qualificados, aqueles que regressam tendem a ser mais valorizados pelo conhecimento e *skills* que obtiveram quando ausentes e também pelas novas ideias que podem incentivar inovação (Zimmermann, 2014).

Ao nível nacional, as migrações circulares têm impacto nos países de origem: reduzem o *brain drain* e estimulam a transferência de conhecimentos, através do *brain circulation* (Zimmermann, 2014). Importam também para as contas públicas, uma vez que os imigrantes circulares tendem a enviar remessas mais frequentes e mais avultadas que os que se pretendem instalar definitivamente (Constant & Zimmermann, 2011; Vertovec, 2009).

Mas as consequências nem sempre são positivas. Frequentemente, emigrantes que regressaram com intenções de um regresso definitivo vêm-se a enveredar em novas emigrações, devido à falta de emprego ou à dificuldade de reintegração na sociedade de origem. Ou seja, este movimento constitui um não regresso ou um regresso falhado. Implicam ainda a possibilidade de os imigrantes ficarem confinados a trabalhos de menor *status*, com menores regalias e mais perigosos (Zimmermann, 2014). Por fim, é de referir que podem ocorrer alguns efeitos perversos nas situações de políticas de incentivo à migração circular, especialmente no que diz respeito à integração. Uma vez que é esperado que os imigrantes regressem passado um determinado período de tempo, os incentivos à integração podem ser reduzidos ou inexistentes, o que torna os imigrantes circulares mais vulneráveis (Vertovec, 2009).

Um caso particular de circulação (mas não de migração circular) são as *rabidantes* cabo-verdianas. São definidas por Marques e colegas (2001) como aquelas que são capazes de ultrapassar os obstáculos da vida e criar novas oportunidades de vida. Também num estudo sobre as rabidantes, Grassi (2001) acentua a independência destas mulheres no campo económico, tornando-se uma peça importante no “capitalismo mercantil informal” (p.12). As rabidantes encaixam-se na dimensão económica do transnacionalismo, uma vez que podem ser consideradas empreendedoras transnacionais, mas também no item que diz respeito às migrações circulares. São mulheres empresárias que praticam comércio de produtos cabo-verdianos nos países de destino e que levam novos produtos para comercializar no país de origem. Negoceiam com produtos não disponíveis no mercado local, como roupas, acessórios, comida e tabaco. São pessoas que atuam na fronteira entre o formal e o informal. E, embora não sejam emigrantes, beneficiam de uma rede de contactos fruto da emigração.

Os contactos com o país de origem não implicam obrigatoriamente que os imigrantes se dirijam presencialmente à sua origem, pois os contactos podem também assumir uma forma virtual. Se nos estudos pioneiros, como o de Thomas e Znaniecki (1996 [1918]), com base nas cartas enviadas pelos emigrantes polacos, esse contacto possuía um diferencial temporal considerável, atualmente predomina um vasto leque de contactos virtuais praticamente instantâneos<sup>30</sup>. Englobam-se nesta categoria diversas formas de comunicação pessoal entre os imigrantes e o destino, seja através do contacto telefónico, seja através de aplicações informáticas disponíveis através da *internet*.

Para Vertovec (2004), um dos principais indicadores através do qual se pode observar o transnacionalismo é através de chamadas telefónicas internacionais<sup>31,32</sup>. As chamadas telefónicas de longa distância são um dos mais importantes tipos de “cola social” que liga os imigrantes aos seus amigos, familiares e colegas na origem. É, segundo o autor, a inovação que mais facilitou o processo de ligação global, especialmente para grupos imigrantes não pertencentes a uma elite. Anteriormente, os imigrantes viam-se

---

<sup>30</sup> O que não invalida que a via postal continue a ser utilizada, mais frequentemente para o envio de presentes, especialmente durante a época natalícia.

<sup>31</sup> Dados das chamadas internacionais podem ser obtidos mediante pagamento através do site <http://www2.telegeography.com/globalcomms-database-service>

<sup>32</sup> Dados de saída e entrada por país (sem a possibilidade de conhecer valores para díades de países) estão disponíveis no portal Pordata.

obrigados a pagar preços elevados pelas chamadas de longa distância, ou sujeitavam-se ao ritmo lento dos envios postais.

É especialmente relevante, neste campo, a emergência dos cartões telefónicos pré-pagos que, independentemente do país em que são comercializados, possuem como principal público-alvo os grupos imigrantes (Vertovec, 2004). Também para o caso das migrações com Portugal a emergência de cartões telefónicos pré-pagos aparece dirigida aos grupos imigrantes.

Não obstante a importância dos cartões telefónicos para o contacto dos imigrantes com a sua origem, deve ser frisado que, desde a publicação do artigo de Vertovec, deu-se um notório desenvolvimento nas aplicações informáticas que permitem aos imigrantes contactar com o país natal.

O que em tempos foi um privilégio de uma elite tem-se generalizado: a acessibilidade dos telefones com acesso à internet e outros dispositivos móveis, como computadores portáteis ou *tablets*. Simultaneamente, acresce o acesso livre à internet em espaços públicos e nos locais de trabalho. A junção destes fatores molda a experiência migratória, pois torna a comunicação com familiares e amigos diária e quase instantânea, através de um leque de aplicações de *social media* que reduzem os custos com a comunicação (*WhatsApp, Viber, Facebook*) (Platt et al., 2014).

Entre as potencialidades das ligações mantidas por via das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), indica-se que estas podem ajudar a reduzir o sentimento de isolamento que as migrações individuais podem suscitar (Platt et al., 2014 p.12). Para além do contacto com familiares e amigos, é possível, por exemplo, em famílias transnacionais, as mães (e também os pais) supervisionarem os trabalhos de casa dos filhos (Platt et al., 2014 p.5).

Por outro lado, no campo dos perigos que o uso destas tecnologias pode despoletar é argumentado que a utilização da internet nas rotinas diárias implica uma redistribuição do tempo e do esforço, que poderia ser dedicado a outras tarefas como ver televisão, socializar com família e amigos *offline* ou conversar ao telefone (Panagakos & Horst, 2006 p.112). Acrescenta-se que também se pode tornar uma forma de vigilância à distância.



É importante ter em conta que esta perspetiva foi pensada para ser aplicada a migrações entre países com taxas de penetração da internet elevadas e para populações transnacionais (apeladas desta forma para poder abarcar tanto os imigrantes como os que, no país de origem, mantêm um laço transnacional com os emigrados) com elevados níveis de literacia digital. É neste sentido que a análise dos contactos via internet entre os imigrantes e o país de origem deve ter em conta dois fatores: i) a taxa de penetração da internet dos países em causa<sup>33</sup>, que pode ser reduzida em alguns dos países de origem e/ou destino; ii) os níveis de literacia digital, tanto dos emigrantes como da população residente.

### ***Dimensão cultural e religiosa***

Dentro da dimensão cultural encontra-se uma pluralidade de indicadores bastantes distintos. Podem ser consideradas transnacionais, por exemplo, as práticas culturais tradicionais do país de origem adoptadas no país de destino, como estudadas para o caso da imigração bangladeshi em Portugal por Mapril (2008, em especial cap.VIII); o consumo de produtos culturais, como o caso da produção e comercialização de música do país de origem, trabalhado no estudo de caso dos cabo-verdianos por Ascensão (2013); e, numa componente identitária, quando os imigrantes se identificam com a sociedade de origem e com a sociedade de destino, como estudado em Snel e colegas (2006). Estas últimas ligações de índole cultural ocorrem, em parte, por via dos *media*. É nesse sentido que importa referir as *ethnoscapes* de Appadurai (1990), definidas como paisagens (*landscapes*) de pessoas que se movem (não obrigatoriamente imigrantes, mas também turistas, refugiados), fenómeno que se torna global e desterritorializado. Embora estes grupos sejam móveis, mantêm-se ligados a um território ou a uma identidade étnica, religiosa ou cultural através de dispositivos e tecnologia *media*. Appadurai engloba estas ligações a uma identificação com uma cultura transnacional (1990). Em outro texto (Appadurai, 1995), o autor desenvolve a ideia das *ethnoscapes* terem sido criadas para defender que a identidade grupal não tem que ser espacialmente *bounded*. As *ethnoscapes* são necessariamente não locais (*non-local*), uma vez que o mundo se tornou desterritorializado, diaspórico e transnacional. Tal é o resultado de os *media* eletrónicos terem criado uma disjuntura entre o espacial e o virtual.

---

<sup>33</sup> Disponível, por exemplo, em <http://www.internetworldstats.com>

Por fim, importa referir que o contexto de receção importa para as relações transnacionais culturais, uma vez que, em situações em que a sociedade de acolhimento é hostil, os imigrantes tendem a assumir uma posição defensiva que apela à manutenção dos símbolos culturais do país de origem<sup>34</sup> (Portes et al, 2007).

Embora não seja muito frequente, é possível considerar a existência de uma dimensão religiosa do transnacionalismo com base no país de origem, ideia que será mais fácil de pensar no caso das populações diaspóricas, como os judeus (Bauböck & Faist, 2010), mas que também se pode aplicar para a igreja católica, como estudado por Rocha-Trindade e Quaresma (2012).

Já no país de destino, a dimensão religiosa do transnacionalismo imigrante pode ser operacionalizada através da participação em festividades religiosas originárias do país de origem, fenómeno bastante estudado na emigração portuguesa (e.g.: Leal, 2005; Salvador, 2003).

### **1.3. Limitações**

Nesta secção serão apresentadas as principais limitações que a bibliografia aponta às teorias e ao conceito do transnacionalismo imigrante. A primeira, mais do que uma limitação, remete para o debate entre a novidade ou não novidade do fenómeno. Em segundo lugar, são expostos os problemas de delimitação e operacionalização do fenómeno.

O debate mais intenso que o transnacionalismo suscitou deu-se em torno da novidade ou não novidade do fenómeno. Os críticos do transnacionalismo apontavam que não haveria nada de novo no que os defensores desta nova corrente propunham; por sua vez, no outro lado, era defendida a originalidade do fenómeno transnacional.

Para Vertovec (2001, pp.576-577), a ideia de que o transnacionalismo não se trata de uma novidade é justificada pela prévia identificação de fenómenos desta natureza pelos académicos da Escola de Chicago e da Escola de Manchester. Posteriormente, Vertovec (2009) viria a sintetizar os seguintes traços transnacionais nas vagas migratórias anteriores: i) as famílias eram separadas, mas mantinham laços emocionais fortes entre si; ii) os imigrantes regressavam ao país de origem, ou mantinham viagens de vai-e-

---

<sup>34</sup> Quando não existe essa discriminação as práticas transnacionais tendem a ser mais individualizadas ou, quando em organizações, tendem a ser mais formais.

vem; iii) eram criadas redes de longa distância que facilitavam a migração em corrente; iv) a comunicação entre imigrantes e familiares que ficavam no destino era mantida através de cartas; v) os imigrantes enviavam remessas para a família, destinadas ao consumo doméstico e ao investimento; vi) eram criadas associações de emigrantes; vii) alguns imigrantes estabeleciam negócios entre os dois países; viii) alguns imigrantes desenvolviam práticas políticas e exerciam influência no país de origem; ix) alguns países de origem manifestavam formalmente preocupação com o bem-estar dos seus conacionais emigrados.

Também a crítica de Foner (1997), tendo em conta o caso dos imigrantes em Nova Iorque no início do século passado, é a de que estes movimentos transnacionais existiam desde as primeiras vagas de imigrantes, sendo identificados especialmente as migrações de retorno, os envios de remessas e os investimentos no país de origem. É nesse sentido que Vertovec (2001, pp.576-577) propõe incluir uma perspectiva histórica comparativa, que permita diferenciar os fenómenos atuais dos das vagas migratórias anteriores.

O argumento contrário ao dos parágrafos anteriores é defendido por Joppke e Morawska (2003), para quem embora o transnacionalismo não seja um fenómeno novo, não consiste numa réplica dos movimentos transnacionais anteriores, pois assume uma diferente configuração. Ou seja, o transnacionalismo trata-se de uma nova perspetiva sobre um fenómeno já existente, que se intensificou com o desenvolvimento das tecnologias dos transportes e comunicações (Portes, 2003).

Nesta lógica, é argumentado que, embora os movimentos de ida e volta por parte dos imigrantes existissem, não possuíam dimensão e complexidade suficientes para se considerar um “espaço social emergente”, que se identifica pela existência de pessoas que levam vidas duais, com casas em dois países, a dominarem duas línguas e a cruzarem constantemente as fronteiras entre o destino e a origem (Portes et al., 1999 p.217). Embora, como Foner refere, os fenómenos de retorno, remessas e comunicação existissem, não se pautavam pela mesma regularidade, rotina e quantidade que os fenómenos atuais.

Uma segunda limitação associada ao paradigma do transnacionalismo imigrante assenta na dificuldade da definição de atividade transnacional. Em última instância, todos os

imigrantes mantêm algum tipo de laço com o país de origem<sup>35</sup> e assim poderiam ser classificados de transnacionais. Portes (2003) considera esta lógica exagerada, uma vez que não são as práticas transnacionais de reduzida intensidade que justificam a cunhagem do conceito. É deste modo que se adverte que devem ser deixados de parte movimentos ocasionais ou fugazes entre os imigrantes e os residentes “imóveis” do país de origem. Em outro texto, Portes e colegas (1999, p.219) propõem delimitar o transnacionalismo a atividades ou ocupações que cruzam fronteiras nacionais e que exigem um contacto regular e continuado ao longo do tempo. Existem também alguns tipos de fenómenos que não devem ser classificados como transnacionais, como alguns tipos de relações entre governos de países ou deslocações de pessoas ou bens de um país para outro, sendo mais adequado serem classificados como práticas internacionais (Vertovec, 2009 p.3).

Uma segunda crítica, que pode ser enquadrada neste ponto sobre delimitação, é a de Nonini e Ong (1997, p.13), que alertam para o que consideram uma “diluição” levada a cabo pelos académicos dos estudos culturais americanos, que tratam o transnacionalismo como uma abstração desmaterializada de fluxos culturais, que atribui reduzida atenção às práticas concretas do quotidiano.

Um outro tipo de críticas, apontadas por Portes (2003), é a de que muitos dos estudos qualitativos que foram conduzidos para conhecer o transnacionalismo imigrante são gorados por “sampling on the dependent variable” (p.876). Isto é, ao seleccionar como objeto de estudo uma amostra de imigrantes transnacionais (ou com elevada frequência de práticas transnacionais), é possível identificar e descrever o fenómeno, mas tal não permite distinguir os transnacionais dos não transnacionais. Nesse sentido, os autores referem a necessidade de estudos quantitativos que permitam identificar diferentes tipos de práticas transnacionais, bem como os seus determinantes. Importa também procurar a evidência de diferenças de acordo com a origem dos imigrantes e dos seus contextos de receção. Este argumento segue a ideia de Foner (1997) quando referia que alguns grupos e locais seriam mais transnacionais do que outros, e, por isso, importava perceber as diferenças na frequência, profundidade e amplitude desses laços. A necessidade de quantificação do fenómeno também é justificada por Lopez (2001 in Portes et al., 2002 p.281), quando alerta que os fenómenos transnacionais são

---

<sup>35</sup> O que levou ao título provocador do artigo de Dahinden (2009) - Are we all transnationals now?

excepcionais e que a maioria dos imigrantes continua ou a assimilar-se ou a regressar no final da sua trajetória migratória. Tal não invalida o argumento de Guarnizo e colegas (2003, p.1213), segundo os quais uma viagem ocasional a casa, ou um financiamento ocasional, ajuda a fortalecer um campo transnacional. Ou seja, podem ser também as pequenas práticas e não só as de elevada intensidade que consolidam o campo transnacional.

## **2. As relações entre integração e o transnacionalismo imigrante**

Esta secção, dedicada às relações entre a integração e o transnacionalismo imigrante, encontra-se dividida em duas partes. Uma primeira expõe as explicações de nível de abstração mais elevado, bem como algumas das tipologias criadas para interpretar o fenómeno em estudo. Uma segunda parte apresenta as relações mais concretas, organizadas de acordo com as mesmas dimensões utilizadas anteriormente nos subcapítulos referentes à integração e ao transnacionalismo.

### **2.1. A relação entre integração e o transnacionalismo imigrante a um nível teórico**

Pode-se considerar que, em certa medida, os estudos transnacionais tiveram em conta a questão da integração, uma vez que o transnacionalismo emergiu como uma crítica à teoria assimilacionista americana. Veja-se, como exemplo, que numa das primeiras reflexões sobre o transnacionalismo imigrante (Portes et al., 1999) era defendido que o transnacionalismo seria uma nova forma de adaptação dos imigrantes. Tal contraria perspectivas anteriores que esperavam que os imigrantes prosperassem e adquirissem *status* social, o que dependia da aprendizagem dos hábitos culturais e entrada nos círculos sociais do destino, rompendo com a sociedade de origem. Ou seja, o conceito de transnacionalismo foi pensado como uma alternativa ou uma refutação à teoria assimilacionista.

Por outro lado, o transnacionalismo emergiu também como uma crítica ao pressuposto que ficou conhecido como nacionalismo metodológico. A ideia foi impulsionada por Wimmer e Schiller (2002) e a sua crítica incidia sobre o pressuposto de tomar o estado-nação, e o seu território, como unidade de análise, o que impedia ou dificultava a observação de fenómenos que não se enquadravam dentro desta fronteira. A integração,

que muitas vezes é pensada num país, estaria ofuscada por este viés do nacionalismo metodológico<sup>36</sup>.

As críticas apontadas pelos académicos do transnacionalismo não inibiram a perspectiva assimilacionista de continuar a desenvolver-se como uma linha de pesquisa nas migrações, dando-se assim uma certa divisão entre as correntes de estudo. Mais tarde, foram avançadas algumas tentativas de conjugar estas duas lógicas, que durante algum tempo foram consideradas contraditórias.

### **Bommes e a inevitabilidade da integração (que se pode dar fora do país de destino)**

Se for seguida a lógica de Bommes (2012d), referida no subcapítulo referente à integração, é pensado que os imigrantes, tal com os autóctones, podem estar ou não estar integrados em algumas das organizações (ou sistemas) que constituem a sociedade. O critério de inclusão nos sistemas é o cumprimento das expectativas associadas aos papéis dessas organizações ou sistemas sociais. A aplicação da lógica sistémica ao transnacionalismo implica que os sistemas sociais nos quais os imigrantes se encontram integrados podem ou não encontrar-se circunscritos às fronteiras de um Estado-nação. Deste modo, as relações transnacionais são uma questão de integração em sistemas situados fora do país de destino (Bommes, 2012d p.116). Ou seja, o transnacionalismo é sempre uma questão de integração. Enquanto a integração dos imigrantes pode acontecer apenas dentro das fronteiras do país de destino.

### **Kivisto e o transnacionalismo como uma das formas de integração**

A posição de Kivisto (2001) apresenta-se como uma alternativa à de Glick Schiller e colegas, que, segundo o autor, pretenderam abandonar o conceito de assimilação. A alternativa de Kivisto é interpretar o transnacionalismo como uma das *possíveis formas de integração*. O autor distancia-se de Portes, que considera o transnacionalismo imigrante como uma *alternativa* à assimilação. A lógica de Kivisto assenta no conceito das instituições gananciosas de Coser (1978), definidas como organizações que exigem lealdade exclusiva e que competem entre si, que baseiam a sua lealdade em regras sociais que maximizam o compromisso dos seus membros, cuja pertença é voluntária. A aplicação à integração e ao transnacionalismo imigrante parte da ideia de que, tendo em conta que os recursos dos imigrantes são limitados, estes veem-se constrangidos a

---

<sup>36</sup> Para um desenvolvimento da tese de Wimmer e Schiller, ver Favell (2003).

decidir entre empenhar-se no país de origem ou de destino (Kivisto, 2001 p.572). A lógica de Kivisto, embora relevante, é pensada num paradigma economicista, de gestão de recursos escassos. Posição contrária à de Kivisto é a defendida por Levitt (2003), segundo a qual as combinações entre os fenómenos de integração e as relações com o país de origem tendem a ser possíveis, uma vez que, no geral, não assentam em fatores contraditórios.

### **O desafio da construção de tipologias de Morawska**

Tal como Levitt, também Morawska (2003) defende que todos os processos migratórios se encontram associados a dinâmicas de integração no país de destino e à emergência de canais transnacionais. A tarefa dos académicos seria a de criar tipologias, de forma a agregar e classificar as relações entre o transnacionalismo imigrante e a integração. De seguida são expostas duas delas.

As posições dos autores sobre as consequências da relação entre a integração de imigrantes e as suas práticas transnacionais são divergentes. A tipologia criada por Erdal e Oeppen (2013) divide a literatura sobre as ligações entre os dois fenómenos em quatro tipos: i) alarmista; ii) pessimista; iii) otimista e iv) pragmática. A exposição desta tipologia é ilustrada com alguns exemplos de trabalho teóricos e empíricos.

A posição alarmista defende que a manutenção de laços transnacionais entra em conflito com a integração no destino e dificulta-a. Deste modo, a população majoritária constrói representações e atitudes negativas face às minorias. Por sua vez, estas minorias migrantes terão probabilidades mais elevadas de recorrer aos seus laços coétnicos para suporte. Um bom exemplo pode ser o que Itzigsohn e Saucedo (2005) consideraram o transnacionalismo reativo (exposto com maior detalhe à frente). Nesta posição existe um ciclo vicioso em que, quanto mais os imigrantes se mantêm ligados ao seu país de origem, menos favoráveis se tornam as atitudes da população nativa, levando a posições mais hostis, que, por sua vez, levam a que os imigrantes orientem as suas vidas em direção ao país e cultura de origem. No trabalho supracitado fatores como o racismo mostraram-se dificultadores da integração, mas potenciadores do transnacionalismo.

Em segundo lugar, na lógica “pessimista”, as dificuldades de integração (especialmente por parte dos imigrantes com reduzido capital humano e cultural) constroem os imigrantes a optar por estratégias de vida transnacionais (Appadurai, 1990; Faist, 2000).

A distinção da visão pessimista para a alarmista é que, embora se trate de posições antagónicas, a posição pessimista não implica um ciclo vicioso. A necessidade de manter laços com a origem pode ser mais importante numa fase inicial, mas com o tempo o imigrante pode criar laços com a sociedade de acolhimento.

Dentro desta interpretação classificada como pessimista (embora com o mecanismo causal inverso, isto é, o transnacionalismo dificulta a integração), pode-se encontrar o argumento de Ley (2013) segundo o qual “*transnationalism dilutes and punctuates the flow of everyday life in a destination country, interrupts local socialization and language learning, and presumably impedes a sense of national belonging*” (p.923).

É na posição pessimista que também pode ser enquadrada a relação da integração com as remessas. Estas são entendidas por alguns autores como um jogo de soma nula, em que os seus fundos são enviados para o país de origem, ou podem ser utilizados no país de destino, interpretando esta última ação como um investimento na integração (Carling & Hoelscher, 2013), o que também segue em linha com a ideia das instituições gananciosas de Coser (1978), reativado por Kivisto (2001) e descrito neste subcapítulo.

A terceira possibilidade, a posição otimista (*positive position*), está presente naqueles autores que consideram que a integração e as práticas transnacionais são fenómenos que se reforçam mutuamente. O mote foi provavelmente lançado no artigo de Portes e colegas (2002), em que o transnacionalismo económico se encontrava relacionado com níveis de rendimento mais elevados. Posteriormente, também Oeppen (2013) demonstrou que as visitas a casa geravam recursos que podiam ser investidos na integração. Estudos como os de Itzigsohn e Saucedo (2005), ou Hammond (2013), demonstraram como alguns indicadores de integração, como a duração da estadia no destino, a estabilidade financeira e os níveis de escolaridade, se encontravam associados com práticas transnacionais, tanto políticas como de empreendedorismo. Também num estudo conduzido na Noruega, a integração económica dos imigrantes revelou-se um bom preditor do envio de remessas (Carling & Hoelscher, 2013).

Por fim, para os autores classificados na posição pragmática, a relação entre os dois fenómenos não constituem um jogo de soma nula. É argumentada e/ou demonstrada a existência de diferentes combinações possíveis entre alguns indicadores de ambos os



fenómenos, tendo em conta diferentes dimensões, como é exemplo o trabalho de Snel e colegas (2006).

A tipologia de Morawska (2003) importa conceitos das ciências naturais para agregar as relações entre os conceitos de integração e transnacionalismo em três combinações possíveis: i) *Aditiva*, quando o resultado da interação entre os dois fenómenos é a soma das partes. ii) *Sinergética*, quando o resultado é superior à soma das partes. iii) *Antagónica*, quando o resultado é inferior à soma das partes ou a ocorrência de um fenómeno pode anular o outro. As duas primeiras possibilidades podem-se enquadrar no que Erdal e Oeppen (2013) consideram a visão otimista, enquanto a terceira enquadra-se na visão alarmista ou na visão pessimista.

## **2.2. A análise por dimensões**

Uma alternativa às tipologias acima descritas passa por uma abordagem mais empírica e centrada em algumas dimensões analíticas. Nesta segunda subsecção serão apresentadas algumas das relações entre a integração dos imigrantes e as suas práticas transnacionais presentes na bibliografia, tendo em conta as três dimensões do modelo de Penninx (2016).

### **Dimensão económico-social**

Na dimensão económica, uma primeira relação toma como fator explicativo a integração económica dos imigrantes e assenta no ideal tipo do transnacionalismo dependente de recursos de Itzigsohn e Saucedo (2002). A ideia é que as práticas transnacionais exigem recursos económicos para serem concretizadas. Deste modo, uma integração a nível económico é condição necessária para estabelecer relações frequentes e intensas com o país de origem. Este tipo de relação, em que os fatores de integração são prespetivados como preditores para o transnacionalismo assentam na tese que Bonifazi e Paparusso (2018) consideram ser um *integration-transnationalism nexus*.

Seguindo o mesmo raciocínio, mas aplicado a uma lógica profissional, é de referir que, embora não fosse o objetivo, no trabalho seminal de Basch e colegas (1994, p.187) é possível identificar relações do novo fenómeno com a integração<sup>37</sup>. Tal sucede porque, neste estudo, os imigrantes mais bem integrados na esfera profissional eram aqueles que

---

<sup>37</sup> O que não obsta a que, em termos teóricos, a proposta fosse a de substituir a perspectiva assimilacionista por uma lógica transnacional, como argumentado por Kivisto (2001).

enviavam mais remessas para o país de origem e que mantinham ligações profissionais com o país natal mais frequentes.

O caso dos empreendedores transmigrantes pode ser considerado, na lógica de Morawska (2003), uma relação aditiva. No referido trabalho de Portes e colegas (2002)<sup>38</sup> sobre imigrantes empreendedores foi observado que esta categoria profissional conseguia prosperar no país de destino sem a necessidade de uma integração no mercado *mainstream*. Em comparação com empreendedores não transnacionais, os primeiros teriam uma posição estrutural mais favorável. Assim, era considerado que esta categoria profissional seria uma alternativa à integração no mercado de trabalho de baixas remunerações e *status*. A explicação de Levitt (2003) para esta relação é que, na dimensão económica, as atividades económicas transnacionais em ambos os países podem reforçar-se, uma vez que os lucros obtidos num país podem ser utilizados para investir no outro país em períodos de recessão económica.

O trabalho de Portes e colegas é relevante no sentido de identificar uma combinação dos dois fenómenos em estudo. Contudo, não deve ser entendida como uma generalização de que todos os transmigrantes estão integrados. Foca-se numa situação bastante específica de um grupo: os imigrantes transnacionais empreendedores, e como estes possuem uma integração económica (e, possivelmente, só económica) superior à dos seus conacionais imigrantes não-empreendedores.

Na componente social, a relação em estudo assenta, em grande parte, no pressuposto assimilacionista, em que o transnacionalismo seria o sinónimo de uma integração fracassada. É nesta lógica que Portes refere que “transnational activities will be transitional and associated with the more recent and marginal sectors of an immigrant community – the less educated and more downwardly mobile” (Portes, 2003 p.884). Em outro trabalho, Portes advoga que “involvement in transnational activities may become the thing to do for immigrants otherwise confined to dead-end jobs and an inferior, discriminated status” (Portes, 1997 p.813). Ou seja, as práticas transnacionais são entendidas como o resultado de uma integração não sucedida. São vários os autores que defendem ou que verificaram a relação entre a discriminação social, ou défices de

---

<sup>38</sup> Análises críticas de Kivisto (2001, p.564) aos estudos de Portes consideram a sua posição pouco clara, uma vez que é difícil perceber se considera o transnacionalismo como uma alternativa à assimilação ou uma forma possível de assimilação.

integração social, e o transnacionalismo. Embora o pressuposto assimilacionista não seja referido de forma explícita, encontra-se subjacente. Seguem-se alguns exemplos teóricos. Kivisto (2001, p.573) refere que a discriminação social limita o acesso às instituições da sociedade de acolhimento. Para Faist (2000), os obstáculos levantados à integração económica levam à emergência de práticas ou comunidades transnacionais numa dimensão política e/ou cultural. Empiricamente, estudos sobre imigrantes turcos na Alemanha concluíram que o sentimento de marginalização ou exclusão social conduzia à radicalização, tanto nacionalista, como islâmica (Heitmeier et al. 1997 e Schiffauer 1999 in Østergaard-Nielsen, 2001 p.263). Por fim, na tipologia de Itzigsohn e Saucedo (2002), o *transnacionalismo reativo* consiste numa reação à não-integração no país de destino, seja devido a situações de discriminação social negativa, seja à perda de um *status* mais elevado do que era possuído no país de origem.

Mas a relação entre os dois fenómenos também pode ser pensada no sentido inverso, isto é, o transnacionalismo pode ser causado pela integração. Isto é a integração pode ser tomada como um preditor das práticas transnacionais. Partindo do pressuposto do determinismo tecnológico, espera-se que imigrantes ou comunidades de imigrantes com maiores recursos económicos e capital humano (educação e *skills* profissionais) sejam mais transnacionais, uma vez que possuem maior acesso (e familiaridade) com as infraestruturas que permitem as práticas transnacionais (Portes, 1999 p.224).

Nos Estados Unidos, os dados do CIEP (*Comparative Immigrant Entrepreneurship Project*), que foram analisados por Portes e colegas, apontam para as atividades transnacionais serem mais frequentes nos imigrantes estabelecidos há muitos anos, com elevados níveis de escolaridade e de rendimento, que os autores consideram indicadores de integração<sup>39</sup> (Portes et al., 2007 p.205). A lógica corroborada é a de que a integração

---

<sup>39</sup> Alguns dos indicadores de integração utilizados por esta equipa podem ser questionados: Em primeiro lugar, o número de anos no destino, assenta no pressuposto do que se pode considerar “return of failure” (Bovenkerk, 1974 cap. V) e na lógica do “straight line of assimilation” (e.g.: Gans, 1992). Isto é, com o passar dos anos, os imigrantes tenderão a integrar-se, caso contrário teriam regressado ao país de origem. O que ignora a existência de grupos marginalizados, o quadrante “marginalização” do modelo de Berry (2005). Em segundo lugar, a utilização do nível de instrução escolar como indicador de integração parece pouco rigoroso, pois ignora a existência de dificuldades de integração por parte dos imigrantes mais qualificados (que serão exploradas neste trabalho). O que não obsta, os imigrantes mais qualificados tendam a protagonizar uma integração mais facilitada, seja por uma inserção laboral em contextos mais estáveis, ou maior facilidade com línguas estrangeiras. Concluindo o raciocínio, tomar a escolaridade para aferir a integração é tomar um preditor por indicador. O nível de rendimento parece ser o indicador mais fiável, com diversas especificidades de análises já desenvolvidas (Dahlstedt, 2010).

é um pré-requisito para que os imigrantes possam desenvolver atividades transnacionais.

Na Europa, um estudo de Jayaweera e Choudhury (2008) sobre população muçulmana no Reino Unido concluiu que uma elevada participação na sociedade de destino (por via de emprego, estabilidade financeira, participação eleitoral e elevado contacto com a diversidade) encontrava-se associada a uma pluralidade de práticas transnacionais (envio de remessas, manutenção de uma habitação na origem, atividade política transnacional, manutenção de contacto através de chamadas telefónicas ou pelas redes sociais). A explicação destes autores defende que a participação, seja ela na origem ou no destino, fomenta um sentimento de confiança para se relacionar com a população autóctone, enquanto a exclusão, seja numa ou outra esfera, desencoraja essa interação.

Sintetizando e isolando os fatores, a ideia será que, em situações de exclusão social, o transnacionalismo ocorrerá numa dimensão política (extremista) e cultural. No outro extremo, a integração social bem-sucedida deverá estar associada a práticas transnacionais na dimensão social.

Termina-se esta secção com alguns dos efeitos moderadores presentes na literatura. Levitt sugere um efeito de moderação da classe social, no sentido que aqueles com rendimento, educação e *skills* linguísticos mais elevados possuem a opção de levar a cabo vidas transnacionais, especialmente a um nível económico e social, *vis-à-vis* os imigrantes com menor capital social e cultural, que são forçados a uma vida transnacional na vertente cultural (Levitt, 2003).

Também a conclusão de Snel e colegas (2006) foi que as atividades transnacionais são protagonizadas tanto pelos mais integrados como pelos menos integrados. A explicação é a de que os mais bem posicionados na dimensão estrutural (de acordo com os seus níveis de instrução e posição no mercado de trabalho), embora tenham as possibilidades para este envolvimento com o país de origem, não sentem tanta necessidade (embora também o façam). Por sua vez, os mais marginalizados, embora sintam essa necessidade, não possuem os meios para o fazer.

Dentro da dimensão económico-social pode-se considerar um nível de análise geográfico. Como foi referido, importa perceber a importância dos contextos de receção. Segundo o pressuposto assimilacionista, é defendido que imigrantes que vivem

dispersos e cuja presença passa despercebida, tornam-se mais protegidos de sofrerem atos de discriminação social, e, por consequência, menos propensos a atividades transnacionais, sejam elas culturais ou cívicas. Por sua vez, as atividades transnacionais seriam mais frequentes em comunidades altamente concentradas, sujeitas a hostilidade e com elevada orientação para o endogrupo (Portes, 2003 p.880)<sup>40</sup>.

Ainda importante na componente geográfica, mas numa lógica economicista, devem ser tidos em conta os custos associados às viagens, que dependem, em grande parte, da distância entre países, cuja capacidade de os suportar se encontra associada ao *status* dos imigrantes (Kivisto, 2001 p.572). Ou seja, existe uma combinação de fatores geográficos e económicos. Contudo, deve ser tido em conta que o custo das viagens não depende apenas da distância entre os países, mas também pode resultar do *stock* existente de imigrantes, o que faz com que países de origem menos frequentes tenham associados custos de viagem mais elevados devido a uma menor procura. Também relevante para a inibição das viagens é a ausência de voos diretos. Existem, porém, especificidades associadas a determinados fenómenos migratórios, como é exemplo o caso da emigração portuguesa para Angola. Não obstante os elevados preços das viagens e a elevada carga horária, estas viagens eram bastante mais frequentes do que no geral da emigração portuguesa, em grande parte orientada para a Europa, o que foi explicado pela existência de viagens a casa suportadas pelos empregadores, por vezes incluídas como condições do contrato de trabalho (Candeias, Malheiros, Marques, & Liberato, 2016).

### **Dimensão cultural e religiosa<sup>41</sup>**

A dimensão cultural segue, em parte, a lógica aplicada à dimensão social, em que a menor integração leva a uma maior transnacionalização. A reduzida integração a um nível cultural pode acontecer devido a um “nacionalismo hegemónico opressivo” (Clifford 1994, p.310), a um não reconhecimento das culturas minoritárias (Faist, 2000) ou como consequência de uma dificuldade de adaptação aos valores nacionais (Levitt, 2003). Estes défices de integração terão como consequência uma ligação a outra nação ou região como forma de resistência (Clifford, 1994 p.310), uma transnacionalização

---

<sup>40</sup> Contudo, no caso de Portes supracitado, os dados revelaram o contrário, o transnacionalismo estaria associado a um elevado capital cultural e social.

<sup>41</sup> Enquanto as dimensões anteriores foram divididas em subdimensões devido à sua extensão e diferenciação, a dimensão cultural e religiosa é analisada como uma só, devido à reduzida extensão da componente religiosa.

política e/ou cultural (Faist, 2000) ou a adesão a grupos religiosos transnacionais (Levitt, 2003).

Numa lógica cultural, Kivisto (2001) recorre ao conceito de Lal (1990) de *ethnicity paradox*, em que as comunidades étnicas, embora pareçam retardar a integração, são até importantes para facilitar o processo de integração. Elas evitariam o sentimento de isolamento e permitiriam que os imigrantes se sentissem confortáveis no novo ambiente.

Empiricamente, no estudo de Jayaweera e Choudhury (2008), a participação em organizações étnicas e religiosas foi a única modalidade de transnacionalismo que não se encontrava relacionada com uma elevada participação na sociedade de destino (que tomava como indicadores o emprego, a estabilidade financeira, a participação eleitoral e um elevado contacto com a diversidade).

Uma lógica distinta é a de Faist (1998) que defende que os imigrantes criam um novo sentimento de identidade, que não implica uma perda do original, nem se trata de uma réplica do mesmo, mas algo que é tanto novo como familiar, uma bricolagem dos elementos culturais tanto do país de origem como de destino. Mas Faist alerta que o transnacionalismo cultural, na sua definição, não significa que os imigrantes vivam entre duas culturas. A ênfase não é em como perderam alguns traços da sua cultura, mas como é que desenvolvem novas práticas que se orientam num espaço transnacional, uma bricolagem ou *mélange*, um sincretismo ou identidade híbrida que inclui, no seu estudo de caso, elementos turcos, curdos e alemães<sup>42</sup>. Também Morawska (2001 in Joppke & Morawska, 2003), na sua revisão histórica das ligações entre integração e transnacionalismo refere que, frequentemente, os imigrantes mesclam as suas práticas e identidades tendo como referenciais o país de origem e o país de residência, o que considera uma etnicização.

Sintetizando, a primeira ideia é que o transnacionalismo a um nível cultural é consequência de uma integração não sucedida. A segunda posição, a de Kivisto, é a de que o transnacionalismo cultural pode ter a jusante uma integração em outras dimensões. E, por fim, as teses de Faist e Morawska assentam na existência de algo novo, diferente dos traços culturais originais e dos predominantes na origem.

---

<sup>42</sup> Esta ideia assemelha-se ao ideal tipo de “aculturação consoante” do modelo de assimilação segmentada de Portes e colegas (1993, 2001) referido capítulo referente à integração.

## **Dimensão legal e política**

Não foram encontrados estudos que se dedicassem à dimensão legal e que fossem pensados numa lógica de ligação entre integração e transnacionalismo<sup>43</sup>. Contudo, pode ser pensado que uma integração legal, isto é, imigrantes com estatuto regularizado no país de acolhimento, terão maior segurança em seguir atividades transnacionais, porque terão uma maior facilidade de reentrar no país de destino caso se ausentem. E, no caso das relações transnacionais económicas, em alguns países, o estatuto regular pode ser um pré-requisito para a integração nas instituições financeiras.

No sentido contrário, pode ser pensado que a situação irregular pode levar a um receio de contacto com a população autóctone, o que pode implicar um isolamento e fechamento na comunidade coétnica e um maior transnacionalismo identitário ou cultural.

Na dimensão política a relação é no sentido de uma integração ou participação política conduzir a práticas transnacionais, ou, para outros autores, a integração política<sup>44</sup> preexistente no país de origem é transportada para o contexto de destino e é acompanhada por uma manutenção da ligação com a origem. Também Appadurai (1995, p.347) refere que o transnacionalismo político e a integração política (muitas vezes mediados pela tecnologia) se reforçam, sendo ativos tanto no país de origem como na sociedade de acolhimento. Isto é, aqueles que são ativos transnacionalmente, também o são no destino.

No estudo de Karpathakis (1999), a integração a nível político dos imigrantes gregos nos Estados Unidos foi justificada por uma tentativa de alterar o panorama político na Grécia. Ou seja, o mecanismo causal segue no sentido do desejo de enveredar em práticas transnacionais políticas conduzir à integração política no destino.

Também Guarnizo e colegas (2003) testaram a hipótese de que os imigrantes mais qualificados tenderiam a canalizar os seus interesses políticos para o contexto de

---

<sup>43</sup> Existem diversos estudos que se enquadram nesta dimensão legal, sejam focados nas questões da imigração irregular (e.g.: Góis & Castro, 2013), seja nas políticas de cidadania (e.g.: Favell, 1998). Contudo, são trabalhos que se enquadram no tema mais genérico da integração, em que a ênfase não é colocada nas relações com os países de origem.

<sup>44</sup> Entenda-se integração política por participação. Por sua vez, participação política pode ser definida por “citizens’ activities aimed at influencing political decisions.” (van Deth, 2001 p.4) o que corre o risco, segundo o próprio autor, de ser demasiado vago. No caso desta tese, o que se pretende é não cingir a participação política ao voto.

recepção, enquanto, em simultâneo, manteriam o interesse no contexto de origem. Não obstante, a relação não é completamente linear e existem efeitos moderadores. A nível de género existem assimetrias. Como os homens tendem a perder *status* com a emigração, foi esperado que os homens desenvolvessem práticas políticas direcionadas ao país de origem, enquanto as mulheres se interessavam mais pelo país de destino. Também relevante, segundo os autores, é o contexto de recepção. A ideia é que, quanto mais os imigrantes se diferenciarem em traços socioculturais da população autóctone, mais difícil será a sua integração e mais ligados vão estar ao país de origem. Também em termos de projeto migratório, esperou-se que quanto menor for a intenção de ficar, mais elevado seria o seu nível de práticas transnacionais. Finalmente, em termos de capital social, quanto maior e mais diversificada fosse a rede social dos imigrantes, maiores as suas chances de transnacionalismo político. Ainda numa lógica de importância do contexto, refere-se que, para Østergaard-Nielsen (2001, p.277), a integração política e o transnacionalismo político não são fatores mutuamente exclusivos, mas dependem da estrutura de oportunidades de cada país de destino e dos direitos que atribui aos seus cidadãos. Como exemplos, importam as nações “étnicas” e “cívicas” de Castles (1995) ou os quatro modos de incorporação (corporativista, liberal, estatista e fragmentada) de trabalhadores convidados nos países europeus de Soysal (1995). A integração política, se existente na origem, acompanha o emigrante para o destino. Contudo, será necessária uma integração no destino para poder enveredar em práticas políticas transnacionais, se for pensado na lógica de necessidades de primeira e de segunda ordem (Inglehart, 1990)<sup>45</sup>. A exceção a esta tendência serão os casos de extremismos políticos, que se dão no âmbito de um transnacionalismo reativo. Por fim, tanto a integração como o transnacionalismo político ocorrem mediante as oportunidades e/ou incentivos que os países de origem e destino fornecem (ou restringem).

\*\*\*

---

<sup>45</sup> A hipótese de escassez de Inglehart é inspirada na teoria da hierarquia das necessidades de Maslow (1970) em que existe uma hierarquia de necessidades sendo que a segurança, proteção, ausência de medo e ansiedade prevalecem face a outras necessidades. O desenvolvimento de Inglehart (1977) assenta na ideia de que as práticas dos indivíduos são baseadas numa hierarquia de prioridades, sendo que na base das prioridades estão as necessidades materiais (de 1ª ordem), que remetem para a manutenção da existência e o bem-estar físico (ausência de fome, sentimento de segurança subjetivo). Apenas quando estas necessidades se encontram asseguradas, o indivíduo pode preocupar-se com necessidades de 2ª ordem (autorrealização, questões ambientais, participação política).



Neste capítulo foram propostas diversas definições e abordagens ao transnacionalismo imigrante. Toma-se como definição operatória que o transnacionalismo imigrante deve ser entendido como as relações que os imigrantes estabelecem com os seus países de origem, e os fenómenos consequentes dessa relação. Segue-se Portes e colegas (1999, p.219) na lógica em que toma como unidade de análise do transnacionalismo as práticas dos imigrantes. Foram apontados os pontos em comum e em distância em relação a outros fenómenos semelhantes e paralelos, como a globalização e o capitalismo. Fora ainda expostos os fatores explicativos para o transnacionalismo, o desenvolvimento tecnológico, os fatores políticos e sociais.

Uma segunda parte do capítulo apresenta as relações entre o transnacionalismo imigrante e a integração em dois níveis de análise, um primeiro mais abstrato, e um segundo já enquadrado em dimensões.

É tomado como referência a visão pragmática de Erdal e Oeppen (2013), isto é não é assumida à partida que as relações entre o a integração e o transnacionalismo são antagónicas, nem que se reforçam mutuamente de uma forma transversal. A ideia chave que guia esta pesquisa é que, mediante os indicadores que são analisados, o transnacionalismo e a integração podem ser fenómenos concorrentes, aditivos, ou independentes.



# Capítulo 3. Hipóteses e metodologia

---

## **Introdução**

Este terceiro capítulo encontra-se dividido em duas partes. A primeira expõe as hipóteses que irão guiar a pesquisa. A segunda parte expõe a metodologia que foi mobilizada para dar resposta às hipóteses e às questões de investigação.

### **1. Pergunta de partida, objetivos e hipóteses**

A questão de partida que orienta esta tese é: numa amostra de portugueses a viver na Alemanha, como se dá a relação entre a sua integração e as suas práticas transnacionais?

Para dar resposta a esta questão será necessário, em primeiro lugar, conhecer as características do universo dos portugueses a viver na Alemanha. Em segundo lugar, conhecer como se dá a sua relação com a sociedade alemã (a integração) e com a sociedade portuguesa (transnacionalismo). Finalmente, com este panorama, poderão identificar-se relações entre a integração e o transnacionalismo. Nesta secção serão apresentadas as hipóteses a serem testadas tendo em conta a revisão da literatura do capítulo anterior. A lógica da exposição será por dimensões.

H1. Na dimensão socioeconómica, se for seguida a lógica do transnacionalismo dependente de recursos de Itzigsohn e Saucedo (2002), serão os emigrantes mais bem remunerados os que possuem a possibilidade de enveredar por práticas transnacionais, especialmente numa dimensão económica e social. Numa lógica profissional, seguindo os resultados de Basch e colegas (1994, p.187), serão os emigrantes mais bem integrados profissionalmente os que terão a possibilidade de enviar remessas e manter ligações profissionais com o país de origem.

Também Levitt (2003) argumenta que uma maior integração social, implicará uma maior transnacionalização económica e social, argumento que foi verificado empiricamente por Jayaweera e Choudhury (2008) e Portes e colegas (2007, p.205).

H2. Na componente política, seguindo as posições de Appadurai (1995) e os resultados de Karpathis (1999), o transnacionalismo político deve levar a uma integração política. Como Walls (2011) refere, as atitudes políticas são transportadas pelos emigrantes do

contexto de origem para o contexto de recepção. O que se pode considerar uma relação aditiva. E, seguindo a teoria de Inglehart (1977, 1990) dos valores materialistas e pós-materialistas, serão aqueles que possuem as necessidades materialistas satisfeitas (entendidas para este caso por estabilidade financeira e laboral) os que sentirão necessidade e motivação para enveredar por práticas de ação política, classificadas como necessidades pós-materialistas. *Por fim, seguindo os resultados de Guarnizo e colegas (2003), a integração social deverá implicar uma maior participação política no destino.*

H3. Na dimensão sociocultural, seguindo o ideal tipo do transnacionalismo reativo de Itzigsohn e Saucedo (2002) e os resultados de Jayaweera e Choudhury (2008), a exclusão social ou reduzida integração social estará associada ao transnacionalismo cultural. Estes emigrantes serão aqueles que, segundo Levitt (2003), são forçados a uma vida transnacional, especialmente na dimensão socioeconómica e cultural e religiosa, o que também pode acontecer devido a uma hostilidade por parte da sociedade de destino, que obriga os imigrantes a uma vida orientada para a comunidade coétnica e para a sociedade de origem. Também no seguimento da lógica de Clifford (1994), Faist (2000), Levitt (2003) e Jayaweera e Choudhury (2008), a reduzida integração a um nível cultural, ou mesmo exclusão da participação na cultura no país de destino, estará associada a um maior transnacionalismo cultural.

Esta hipótese, seguindo a lógica de que o transnacionalismo e a integração são fenómenos que se anulam mutuamente, na lógica antagónica de Morawska (2003), seja devido a obrigação de pertença a instituições gananciosas (Coser, 1978), ou em que o emigrante é alvo de coerção a empenhar-se em um dos países (Kivisto, 2001).

## **2. Metodologia**

O trabalho que se apresenta enquadra-se no que pode ser considerado um paradigma pós-positivista (Creswell, 2014 p.7), uma vez que procura a observação de fenómenos sociais e a sua explicação através do estabelecimento de hipóteses que derivam de um enquadramento teórico. No que diz respeito à metodologia, a investigação segue o que se pode considerar um método misto (Creswell, 2014), embora no *continuum* da “falsa dicotomia” entre o quantitativo e o qualitativo de Newman e Benz (1998) se aproxime do polo quantitativo.

Embora maioritariamente quantitativo, o projeto recorre a dados qualitativos por uma pluralidade de motivos: para aprofundar questões que emergem da análise dos dados quantitativos; para ilustrar alguns argumentos; e como uma forma de incluir indicadores que não estão disponíveis, nem nos inquéritos por questionário, nem nas estatísticas oficiais. A exposição mais detalhada da metodologia adotada encontra-se dividida em três secções, que dizem respeito aos três tipos de fontes utilizadas: i) as estatísticas oficiais, ii) o inquérito por questionário REMIGR, e iii) as entrevistas aplicadas junto de emigrantes portugueses na Alemanha.

## **2.1. As estatísticas oficiais**

A recolha de estatísticas oficiais sobre a Alemanha e sobre os portugueses na Alemanha assentou numa pluralidade de fontes que se expõem de seguida. Os dados comparativos da Alemanha face a outros países europeus foram recolhidos no portal PORDATA e no EUROSTAT. Os valores referentes às remessas que deram entrada em Portugal foram recolhidos no portal PORDATA, que agrega os dados do Banco de Portugal. Os dados referentes aos imigrantes (estrangeiros e *foreign born*) na Alemanha (entre os quais os portugueses) foram baseados em duas fontes oficiais: i) os registos centrais de estrangeiros (*Ausländerstatistik*), ii) os *microcensus*, um inquérito por questionário anual aplicado a uma amostra representativa da população residente. Todos eles são recolhidos e divulgados pelo *Statistisches Bundesamt*<sup>46</sup>.

O recenseamento dos imigrantes de nacionalidade estrangeira na Alemanha provém dos registos centrais dos estrangeiros. Este indicador tem como potencialidade a obrigatoriedade de registo junto ao equivalente a uma junta de freguesia (*borough* em inglês, ou *bezirke* em alemão), bem como a obrigatoriedade da anulação da inscrição e a comunicação interna em caso de óbito. Contudo, o não conhecimento da obrigatoriedade de anulação desta inscrição pode levar a que alguns imigrantes abandonem o país sem o declararem, o que pode levar a alguma sobre-estimação. Os dados dizem respeito à contagem efetuada no último dia do ano, o que torna este indicador resistente a duplas contagens (imagine-se um sujeito que, no intervalo temporal de um ano, regressou e voltou a emigrar: apenas será contabilizado uma vez). Pensando nas limitações do indicador, é de referir que, uma vez que a contagem é

---

<sup>46</sup> <https://www.destatis.de>

efetuada no final de cada ano, não são considerados aqueles que entraram e saíram no mesmo ano. Também não são consideradas as duplas nacionalidades<sup>47</sup>.

Os *microcensus* fazem parte das estatísticas oficiais alemãs divulgadas pelo Statistisches Bundesamt. Estes dados consistem num agregado dos dados recolhidos pelos Statistische Landesämter de cada estado federado. Os *microcensus* possuem edições anuais desde 1957, com apenas 3 anos de exceção: 1975, 1983 e 1984. Trata-se de um inquérito por amostragem, estatisticamente representativo, da população residente na Alemanha, em que cada edição cobre 1% dos agregados familiares<sup>48</sup>.

O tratamento dos *microcensus* distingue o que são considerados os imigrantes “com experiência própria de imigração”, isto é, os nascidos no estrangeiro, de pessoas com um *background* imigrante. Este segundo grupo agrega ao primeiro grupo aqueles que nasceram na Alemanha, em que pelo menos um dos pais não possui nacionalidade alemã atribuída à nascença (DESTATIS, 2016). Por se tratar de um inquérito por amostragem e os portugueses corresponderem a um subgrupo de dimensão reduzida, os dados podem ser menos rigorosos, especialmente em variáveis com elevado número de categorias. Não obstante, permitem obter algumas informações que não são captadas através do registo dos estrangeiros. A escolha de analisar a população com experiência migratória ou a população com *background* migratório não é pacífica. Se, à primeira vista, tendo em conta o objetivo do estudo, parece ser mais importante isolar apenas o grupo com experiência migratória, este contingente pode ser de reduzida dimensão em algumas categorias, invalidando a análise. A análise comparativa entre ambos os grupos é possível, mas repetitiva e pouco relevante. Deste modo, foi optado por analisar apenas o grupo com experiência migratória. Estes dados não são uma réplica dos obtidos através do registo central de estrangeiros, uma vez que têm como critério a naturalidade. Os dados são importantes e complementares com os do registo central de estrangeiros, pois possuem variáveis não disponíveis que não constam na base de dados já analisada, sendo de especial importância as qualificações escolares.

---

<sup>47</sup>

<https://www.destatis.de/DE/ZahlenFakten/GesellschaftStaat/Bevoelkerung/MigrationIntegration/Methode/n/Auslaenderzentralregister.html>

<sup>48</sup> <http://cep.lse.ac.uk/resources/data/training/germany/mikrozensus.htm>.

## 2.2. O inquérito por questionário REMIGR

Nesta secção é exposto com maior detalhe o processo de recolha das respostas obtidas por via do inquérito por questionário REMIGR<sup>49</sup>. Este é dotado de algumas particularidades, pois foi aplicado em *mixed-mode*, conjugando o formato clássico em papel-e-caneta com o formato *online*. A secção inicia-se com algumas notas metodológicas referentes a esta metodologia, para posteriormente se detalhar o trabalho de campo.

### Considerações metodológicas referentes aos inquéritos em *mixed-mode*

Tanto os inquéritos por questionário no formato papel-e-caneta como na modalidade *online* possuem associadas algumas limitações. Uma forma de classificar essas limitações pode ser entre as de ordem normativa e as de ordem cognitiva (Dillman, Smyth, & Christian, 2014). Os mecanismos cognitivos estão associados ao modo como os estímulos são apresentados, isto é, as questões serem expostas através de um estímulo visual (lido no computador) ou oral (em contexto de entrevista). No grupo dos fatores normativos encontra-se, em primeiro lugar, o efeito de desejabilidade social, que consiste na tendência para dar respostas socialmente aceitáveis. Em segundo lugar, a concordância (*acquiescence*), isto é, a tendência para concordar mais do que discordar. O terceiro fator, o efeito da ordem das questões (*recency effects*), consiste na predisposição para escolher os primeiros ou últimos itens das opções de resposta. Outros autores (Groves, Cialdini, & Couper, 1992) classificam os fatores em sociais e em relacionados com a amostra. No grupo dos fatores sociais consideram-se as características do contexto social onde o inquérito é aplicado, sejam elas a fadiga a inquéritos por questionário, o nível de coesão social ou as atitudes do público em relação aos inquéritos por questionário no geral (sejam eles académicos, sondagens, estudos de mercado). Os fatores relacionados com o tipo de amostra dizem respeito, em grande parte, às características da amostra (idade, sexo, nível de rendimento, pertença a determinado grupo socioprofissional), que estão associadas a uma maior ou menor predisposição para a colaboração em determinado tipo de estudos. Na versão papel-e-caneta existem fatores específicos associados ao entrevistador, como as características

---

<sup>49</sup> Projeto “Regresso ao futuro: a nova emigração e a relação com a sociedade portuguesa” (REMIGR), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia PTDC/ATP-DEM /5152/2012). Os principais resultados deste projeto encontram-se disponíveis em livro (Peixoto, Oliveira, Azevedo, Marques, et al., 2016).

do entrevistador ou o tipo de interação que é estabelecida entre este e o entrevistado (Groves et al., 1992).

O desenvolvimento dos questionários *online* fez com que estes viessem a substituir parte dos antigos modos de inquirição (postal, presencial, telefônico). Uma metodologia comum consiste em conjugar os inquéritos *online* com métodos de inquirição mais tradicional, os chamados *mixed-mode methods*. Contudo, este novo método também não se encontra livre de limitações, pois torna a sua aplicação mais difícil, implica um trabalho de preparação e de adaptação das questões a cada um dos modos, ao que acresce uma conjugação do período do trabalho de campo e monitorização dual do mesmo (Revilla, 2015). Após o trabalho de campo, acresce a dificuldade na análise e no processamento das bases de dados. É necessário testar a comparabilidade das amostras antes de combinar as respostas de ambos os modos (Revilla, 2015). A literatura desenvolvida no que respeita a baterias de indicadores psicossociais ou psicológicos é já bastante extensa (ver Bjornsdottir et al., 2014); contudo, os resultados sobre a convergência dos modos difere conforme o indicador que está a ser testado. Não obstante essas dificuldades, estes modos têm vindo a ser aplicados mesmo em inquéritos de grande porte, como o *European Social Survey* (Revilla, 2015). No trabalho citado, a autora comparou a qualidade de alguns indicadores, não tendo obtido diferenças relevantes entre os modos.

Um dos desafios associados aos inquéritos *online* que importa explorar é como obter taxas de resposta satisfatórias. Os fatores que influenciam a resposta a inquéritos *online* podem ser agrupados em três categorias, os sociais, os individuais e os relacionados com o desenho do questionário. Esta tipologia foi uma adaptação de Fan e Yan (2010) à tipologia já citada de Groves e colegas (1992). Em grande parte, o acesso aos inquéritos por questionário *online* é facilitado aos sujeitos com acesso à *internet*, com experiência de manuseamento de computadores, ou seja, apenas uma parte da população que fica abrangida pela clivagem digital (*digital divide*) (Rhodes, Bowie, & Hergenrather, 2003). Existem ainda alguns traços de personalidade associados a uma maior participação *online* (Fan & Yan, 2010). Para além disso, a relevância do tema é dos fatores que mais influenciam a taxa de resposta em qualquer tipo de inquérito, juntamente com a duração do preenchimento do mesmo (Fan & Yan, 2010).



Alguns estudos compararam as taxas de resposta em questionários aplicados em diferentes modos. Ardalan e colegas (2007) testaram a taxa de resposta entre dois tipos de amostras em estudantes do ensino superior e concluíram que a taxa de resposta foi mais elevada no inquérito em papel. Uma meta-análise a estudos que compararam taxas de resposta concluiu que a participação em inquéritos *online* era cerca de 11% mais baixa do que em outras modalidades de inquirição. Estes resultados foram causados pela dimensão da base amostral, o modo como os convites foram enviados, e o número de contatos que foram efetuados (Manfreda, Bosnjak, Berzelak, Haas, & Vehovar, 2008). Por outro lado, também numa amostra de alunos, Desnscombe (2009) verificou que, em alguns itens, as taxas de não-resposta foram mais reduzidas nos inquéritos *online*. As diferenças foram mais salientes nas perguntas abertas (*open-ended*) do que nas de *fixed-choice*, sendo que, nestas últimas, as diferenças foram mínimas.

No seguimento das considerações tecidas em relação às taxas de resposta, importa também conhecer as diferenças em relação às desistências dos participantes antes de completarem o inquérito. Este pode também ser considerado um indicador da qualidade do instrumento de recolha de informação. Estudos comparativos sobre as desistências dos participantes concluíram que os respondentes em papel-e-caneta tendem a terminar o questionário mais do que aqueles que respondem no modo *online* (Yetter & Capaccioli, 2010). Para o modo papel-e-caneta, a extensão dos questionários tem-se revelado um fator relevante, existindo uma maior tendência para desistir caso o questionário seja longo; contudo, é de salientar que, na comparação de Yetter e Capaccioli (2010), este fator não se verificou no modo *online*.

Quando o modo de inquirição *online* é comparado com os tradicionais inquéritos em papel-e-caneta, são também tomados em consideração os custos associados a cada um deles. Kronholm e colegas (in Ardalan et al., 2007) compararam os custos entre ambos na inquirição de estudantes universitários; concluíram que a diferença de preço foi relevante, pois o custo foi de US\$586,60 para a modalidade tradicional e de US\$18,75 para a versão *online*. Esta relação custo benefício é tanto maior quanto maior for a dimensão da amostra. Em outra comparação de custos, de Greenlaw e Brown-Welty (2009), foram calculados valores unitários de US\$4,78 para os inquéritos em papel-e-caneta e de US\$0,64 para o *online*. Ainda no que respeita aos custos, importa referir que o modo *online* permite atingir populações cujo acesso seria inexequível financeiramente (Andrews, Nonnecke, & Preece, 2003).

Um indicador importante nesta comparação, embora seja de difícil operacionalização, é a qualidade das respostas. Ardalan e colegas (2007) consideraram o número de respostas a perguntas abertas e a dimensão dos comentários entre ambos os modos. Não foram encontradas diferenças no número de respostas, embora os comentários no modo *online* tenham sido mais extensos, o que pode ser considerado uma mais-valia quando se pretende conduzir uma pesquisa com métodos mistos, tratando estas respostas como qualitativas.

Por fim, no que respeita às respostas obtidas, é importante conhecer os enviesamentos que existem entre os dois modos, bem como os indicadores de sinceridade nas respostas. Alguns trabalhos procuram perceber se esses enviesamentos ocorrem da mesma forma, de acordo com o modo de inquirição. Nos estudos sobre o efeito de desejabilidade social, já é sabido que esta é inversamente relacionada com o grau de privacidade e anonimato que o respondente tem ao participar no estudo (ver Dodou & Winter, 2014), o que levaria a deduzir que o modo *online* teria menores efeitos de desejabilidade social; contudo, na meta-análise destes autores, as diferenças entre os modos foram perto de zero. Já na comparação de Turner e colegas (1998), os inquiridos nos questionários *online* deram respostas mais sinceras a assuntos sensíveis (comportamentos sexuais, consumo de drogas e comportamentos violentos). Numa perspetiva complementar, os participantes que respondem no computador tendem a pontuar menos numa escala de mentira quando comparados com as versões em papel-e-caneta (Evan & Miller, 1969).

Em suma, o método de inquirição por questionário *mixed-mode* adotado no âmbito do projeto REMIGR e, por consequência, nesta tese, é dotado de algumas limitações, em especial a sobre representação de respondentes com determinadas características, um elevado peso das desistências e baixa taxa de resposta. Contudo, é bastante fiável financeiramente e permite obter respostas abertas mais longas.

### **O processo de inquirição**

Foi considerado como universo de estudo do projeto REMIGR os indivíduos maiores de 18 anos residentes em qualquer país estrangeiro, com nacionalidade ou naturalidade portuguesa, que tivessem saído de Portugal após o ano 2000. O projeto de investigação desenvolveu estudos de caso em seis países: Reino Unido, França, Luxemburgo, Angola, Moçambique e Brasil. O esforço foi no sentido de reunir o máximo de

respostas possíveis nestes países, embora não fossem recusadas respostas oriundas de outros destinos. De seguida, são expostas as estratégias mobilizadas de modo a auscultar os participantes.

O processo de desenho do inquérito por questionário foi debatido em diversas reuniões da equipa de investigação do projeto REMIGR. Na produção do questionário, houve a atenção de cobrir os principais objetivos do projeto, designadamente conhecer as características sociodemográficas da emigração portuguesa e as relações que esta emigração estabelece com Portugal. Para tal, foram consultados diversos questionários aplicados em estudos anteriores.

Após se ter dado por terminado o desenho do questionário, foram testadas diversas plataformas de questionários *online*, de modo a perceber qual a mais adequada ao projeto em causa (*survey monkey*, *lime survey*, *qualtrics*), tendo sido optado pela última. Após uma fase de pré-teste, o *link* começou a ser divulgado a 6 de maio de 2014 e manteve-se ativo até 25 de maio de 2015. De seguida, apresentam-se, de forma retrospectiva, as principais opções metodológicas que foram tomadas durante o trabalho de campo.

A aplicação dos inquéritos no modo mais tradicional foi precedida de uma série de entrevistas exploratórias junto de atores-chave. Estas entrevistas permitiram obter uma primeira imagem sobre o perfil da emigração portuguesa, bem como a sua distribuição territorial. Os inquéritos foram depois aplicados por uma equipa de inquiridores recrutados por supervisores locais, que serviram de mediadores entre a equipa de investigação e os inquiridores nos países selecionados.

Foi mobilizada uma diversidade de estratégias para a divulgação do questionário *online*. Esta diversidade cumpria dois objetivos: por um lado, abranger o maior número possível de portugueses emigrados; por outro lado, diversificar ao máximo o perfil dos respondentes. O questionário *online* foi divulgado tanto por canais online como físicos (ou *offline*).

A estratégia *online* passou pela criação e manutenção de um sítio em linha ([www.remigr.pt](http://www.remigr.pt)), bem como de uma página de *Facebook*. Estes dois canais permitiram divulgar na rede o projeto de investigação em geral e o inquérito em específico.

Cumpriram também o papel de mediadores entre a equipa de investigação e potenciais inquiridos e outros interessados no projeto.

O inquérito foi divulgado junto de uma pluralidade de mediadores. Foi solicitada a divulgação junto de atores institucionais formais, como alguns consulados e embaixadas nos países estudos de caso. A nível organizacional, foram contactadas algumas ordens profissionais portuguesas, bem como diversas associações de profissionais portugueses na diáspora.

No campo das associações de emigrantes, foi tomada como base a listagem que se encontrava disponível no *site* do Observatório da Emigração. Essa lista original foi expurgada e atualizada com novas associações. Foram contactadas cerca de 70 associações de emigrantes, às quais foi pedido para divulgarem o inquérito junto dos seus associados. No campo dos media online para emigrantes, foi contactada cerca de uma dezena de jornais dirigidos à diáspora ou a comunidades portuguesas em países específicos. Foram igualmente contactados cerca de 10 blogues geridos por portugueses emigrados. Por fim, foram lançados convites à participação no estudo a cerca de 200 grupos privados, geridos e dirigidos a portugueses emigrados, na rede social *Facebook*.

No geral, na estratégia online foi privilegiada numa abordagem numa lógica inspirada na teoria do *two-step flow of communication* (Lazarsfeld, Berelson, & Gaudet, 1948). Isto é, mais do que solicitar a colaboração diretamente junto de emigrantes, procurou-se identificar mediadores entre a equipa de investigação e o universo de estudo, fossem eles ordens profissionais, associações profissionais, associações de emigrantes, jornais dirigidos à diáspora portuguesa e jornais específicos para emigrantes em países específicos, blogues e grupos de *Facebook*. Esta estratégia tinha como objetivo neutralizar algum “efeito de cacho”<sup>50</sup> associado à amostragem por bola de neve, juntamente com a tentativa de diversificar ao máximo possível os mediadores.

As duas exceções aos contactos com mediadores foram as redes de contactos dos membros da equipa de investigação e os participantes de um estudo anterior sobre emigração com origem nos países do sul da Europa e Irlanda, que também contou com um inquérito por questionário online a portugueses emigrados, e em que foi solicitado o contacto de email caso estivessem interessados em participar em novos estudos.

---

<sup>50</sup> Definido como a elevada semelhança entre os participantes devido à sua pertença a um mesmo grupo. Essa semelhança é superior entre os indivíduos dos grupos em comparação ao universo.

Dentro do que se considera a estratégia de divulgação *offline*, foram contactados jornais portugueses, tanto generalistas (Correio da Manhã, Público) como específicos (i.e.: económicos, desportivos). Foram ainda contactados alguns jornais dirigidos aos portugueses na diáspora. Alguns destes jornais (Mundo Português, Lusojornal) publicaram, nas suas edições em papel, notícias referentes ao projeto e solicitaram a participação no estudo.

Para além da divulgação nos jornais foram distribuídos *flyers* durante o processo de inquirição em papel-e-caneta, como forma de divulgar uma alternativa ao inquérito convencional. Algumas das tentativas de disseminação tiveram como propósito a correção de enviesamentos da amostra (ex: procura de canais ligados a emigrantes pouco ou medianamente qualificados, sub-representados no inquérito).

O processo de inquirição online decorreu entre 6 de maio de 2014 e 25 de maio de 2015. No modo papel-e-caneta foram validados 1.658 inquéritos e foram recolhidas, a 25 de maio de 2015, 5.757 respostas ao inquérito online. A depuração da base de dados online obedeceu a cinco critérios: i) nacionalidade ou naturalidade portuguesa, ii) idade igual ou superior a 16 anos, iii) indicação do país de destino, iv) ano de chegada igual ou superior a 2000, e v) indicação do nível de escolaridade. Com exceção da variável escolaridade, os critérios de depuração foram os mesmos que definiam o universo de estudo.

No primeiro passo foram excluídos da base online os sujeitos que não responderam nem à nacionalidade nem à naturalidade (563), uma vez que se tratava da variável que permitia validar que se estava perante emigrantes portugueses; tal reduziu a base para 5.194. O segundo critério foi a idade: foram excluídos os sujeitos que não responderam ao ano de nascimento (131 casos), os menores de 16<sup>51</sup> anos (5 casos) e os maiores de 80 anos (13 casos, cuja veracidade das respostas levantou dúvidas), o que fez um total de 149 casos, reduzindo a base a 5.045 casos. De seguida excluíram-se os sujeitos que não responderam à questão do país de residência (172 casos de pessoas que não responderam ou cuja resposta levantou dúvidas quanto à sua veracidade). Com base no ano de chegada foram excluídos 75 casos de pessoas que não responderam aos anos de chegada. Foram ainda excluídos os casos que não responderam à questão do nível de

---

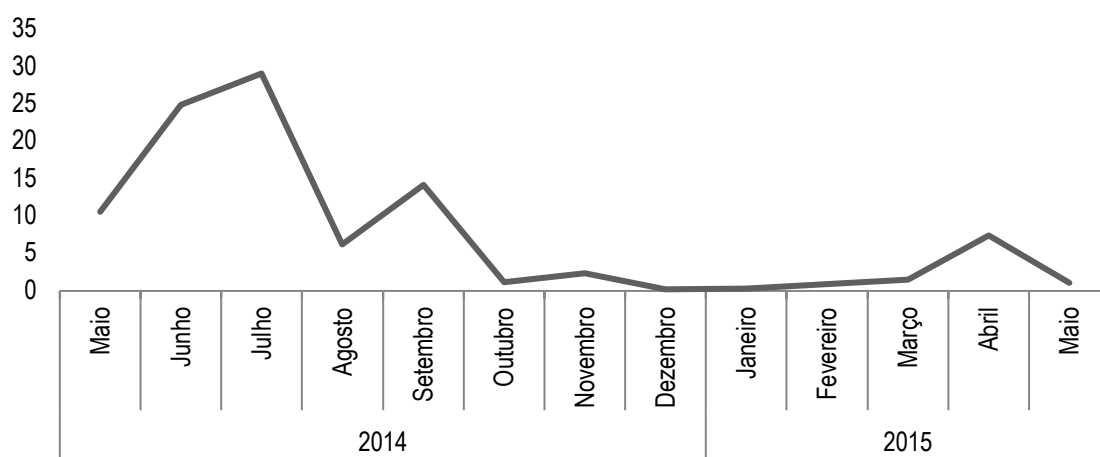
<sup>51</sup> Embora tenha ficado definido inicialmente os 18 anos como idade mínima, optou-se por considerar 5 casos de respondentes com idade entre os 16 e os 18 anos.

escolaridade (154), uma vez que nenhum destes 154 sujeitos respondeu às questões posteriores. O processo de depuração deu origem a uma base de trabalho online com 4.640 casos (6.086 com os inquéritos em papel-e-caneta). Foi ainda efetuada uma leitura diagonal às respostas abertas, não tendo sido encontradas respostas duvidosas.

A longa duração da atividade do inquérito (cerca de um ano) prendeu-se com a necessidade de manter o inquérito online ativo enquanto decorria a inquirição em papel-e-caneta. Em média (aparada a 5%)<sup>52</sup> cada questionário demorou 23 minutos a ser preenchido. Do total dos 4.640 inquéritos, 86% foram preenchidos na totalidade.

Embora o inquérito tenha permanecido online por pouco mais de um ano, mais de metade das respostas foram recolhidas nos três primeiros meses (ver Figura 4). Tal reflete o primeiro período em que se iniciou a divulgação do inquérito, com maior visibilidade nos dois primeiros meses. A quebra no mês de Agosto deve-se à ao período de férias da equipa de investigação, dos mediadores contactados e de parte dos emigrantes portugueses. O recrudescimento no mês de Abril deve-se ao trabalho de campo em Moçambique e a um último esforço de angariação de respostas nas redes sociais.

**Figura 4: Respostas ao longo do tempo (%)**



*Fonte: REMIGR (2015)*

Foram recolhidas respostas de cerca de 100 países diferentes. O *top* dos principais países encontra-se na Tabela 2. A hierarquia do número de respostas recolhidas reflete, evidentemente, o esforço obtido para cobrir os países estudos de caso, o que em parte

<sup>52</sup> Foi necessário calcular a média aparada uma vez o tempo de resposta para alguns dos participantes era extremamente elevado, provavelmente devido a erro informático.

também se intercepta com a realidade emigratória portuguesa. Assim se compreende o elevado peso das respostas obtidas na Alemanha e Suíça, países importantes que, embora não tenham sido considerados estudos de caso, recolheram um número elevado de respostas. À exceção dos países selecionados como estudos de caso, a Alemanha foi o país que obteve maior número de respostas (369). Os dados referentes aos seis países selecionados foram tratados com detalhe em publicação em livro (Peixoto, Oliveira, Azevedo, Marques, et al., 2016), sendo esta dissertação a primeira análise em profundidade do caso alemão.

**Tabela 2. Principais países de resposta (n)**

Países	Respostas
Reino Unido	1.454
França	600
Angola	579
Brasil	496
Moçambique	415
Alemanha	369
Luxemburgo	368
Suíça	222
Bélgica	161
Holanda	159
Espanha	129
Noruega	126
EUA	107
Irlanda	100

*Fonte: REMIGR (2015)*

É possível apontar duas limitações aos dados do inquérito por questionário que serão tratados nos capítulos seguintes. Uma primeira, inevitável, decorre da não aleatoriedade da amostra recolhida<sup>53</sup> e a subsequente não representatividade estatística, isto é, a impossibilidade de inferir ou extrapolar, através da amostra, as características do universo<sup>54</sup>. A amostragem utilizada pode ser classificada como uma amostragem por conveniência. Na definição de Vicente e colegas (2001, p.74), “os elementos são escolhidos porque se encontram onde os dados para o estudo estão a ser recolhidos”. Nesta modalidade a representatividade encontra-se comprometida, pois “os inquiridos (são) escolhidos em função da facilidade com que se consegue obter deles a informação

<sup>53</sup> Uma amostra aleatória é definida como aquela em que todos os membros do universo possuem a mesma probabilidade de serem inquiridos, sendo essa probabilidade calculável e diferente de zero.

<sup>54</sup> O que não invalida que, durante o texto, possam vir a ser efetuadas referências “à emigração portuguesa” em vez de “à amostra recolhida”, mas apenas para facilidade de leitura.

desejada (que) não são necessariamente representativos do sentimento geral da população”.

A alternativa à amostra por conveniência, a amostra probabilística, segundo Font e Méndez (2013, p.15), implica um processo de definição baseado numa listagem do universo, com as características que constituem a amostra (nacionalidade, naturalidade, grupo étnico) e os seus contactos, o que é bastante raro existir. No caso alemão, a listagem existiria, dada a já referida obrigatoriedade de registo central de estrangeiros. Contudo, essa listagem não é acessível a investigadores. Acresce que as características que constituem o universo, a nacionalidade ou naturalidade portuguesa, não constam nas estatísticas oficiais.

Não obstante estas dificuldades, existem projetos de investigação em que são definidas e inquiridas amostras probabilísticas. Veja-se, a título de exemplo, o projeto GEITONIES, em que foram inquiridos imigrantes em três territórios da Área Metropolitana de Lisboa: Costa da Caparica, Mouraria/Martim Moniz e Monte Abraão (Fonseca & McGarrigle, 2013). Contudo, trata-se de projetos com financiamentos elevados, cuja metodologia é inviável em muitos dos projetos de investigação.

Uma segunda limitação emergiu com as primeiras análises exploratórias dos dados e encontra-se associada à não aleatoriedade da amostra: consiste no elevado peso de participantes com elevados níveis de qualificação escolar. Tal prende-se com um acumulado de fatores: os níveis superiores de literacia digital (que por sua vez estão associados a uma maior pré-disposição para participar em estudos); uma presença mais elevada de qualificados nos grupos de discussão em que o questionário foi divulgado; o maior consumo dos jornais em que o questionário foi divulgado por parte deste segmento; e, por fim, a disseminação pelos contactos dos investigadores, que tendem a ser compostos por qualificados<sup>55</sup>.

Esta limitação é transversal a toda a amostra recolhida. Para o caso alemão, levanta-se uma dificuldade acrescida, a dificuldade na comparação dos níveis de escolaridade da amostra e do universo. Veja-se uma tentativa de comparação das qualificações escolares dos naturais de Portugal a residir na Alemanha, a partir das estatísticas oficiais deste país, com os inquiridos no âmbito do projeto REMIGR (Tabela 3). A não uniformização

---

<sup>55</sup> Segundo as teorias das redes sociais, as pessoas tendem (de forma consciente ou inconsciente) a criar laços sociais com pessoas que lhes são semelhantes (Christakis & Fowler, 2010 p.17).



dos dados implica uma tentativa de paridade com base no ISCED (*International Standard Classification of Education*, ou Classificação Internacional Normalizada da Educação). A primeira limitação, antes de serem analisadas as qualificações escolares, é que os *microcensus*<sup>56</sup> têm como critério a naturalidade, enquanto o inquérito REMIGR teve por definição a inquirição a portugueses, como base na naturalidade e na nacionalidade. Em segundo lugar, o inquérito português questionava o grau de escolaridade mais elevado, sendo assim possível classificar qualquer estudante no grau adjacente inferior; já o *microcensus* distingue os que ainda se encontram no sistema de ensino daqueles que já terminaram os estudos. Dito isto, a comparação possível afere que, segundo as estatísticas oficiais, o nível de escolaridade mais frequente nos naturais de Portugal é o equivalente ao terceiro ciclo do ensino básico, com mais de 1/3 dos portugueses. As qualificações de nível superior nem sequer são contempladas, devido à baixa representatividade estatística, uma vez que, em situações em que a percentagem é inferior a 5%, os dados não são apresentados. Em contraponto, o inquérito REMIGR contou com 78% de respostas de graduados do ensino superior.

**Tabela 3. Comparação entre os níveis de escolaridade dos nascidos em Portugal residentes na Alemanha e a amostra REMIGR na Alemanha**

ISCED <sup>57,58,59</sup>	Estatísticas oficiais alemãs			Inquérito REMIGR		
	Classificação	N	%	Classificação	N	%
-	Ainda a estudar	6.000	5,2			
0	Sem graduação	33.000	28,7			
1				Até 1º Ciclo do Ensino Básico	1	0,3
				2º Ciclo do Ensino Básico	6	1,6
2	<i>Hauptschule</i>	41.000	35,7	3º Ciclo do Ensino Básico	12	3,3
	<i>Realschule</i>	16.000	13,9			
3						
4				Ensino Secundário	60	16,3
5	<i>Abitur</i>	12.000	10,4			
6				Licenciatura/ Bacharelato	146	39,6
7				Mestrado	114	30,9
8				Doutoramento	30	8,1

Fonte: DESTATIS Mikrozensus (acedido a 16-11-2016) e REMIGR (2015)

<sup>56</sup> Embora o Registo Central de Estrangeiros seja o indicador mais fiável para o *stock* de imigrantes, não tem disponíveis dados referentes às habilitações escolares.

<sup>57</sup> Fonte: Diário da República n.º 84/2017, Série II de 2017-05-02, Deliberação n.º 343/2017. Disponível em <https://dre.pt/web/guest/home/-/dre/106939370/details/maximized?serie=II&date=2017-05-01&dreId=106939368>

<sup>58</sup> Fonte: UNESCO disponível em <http://uis.unesco.org/en/isced-mappings> e ESS, disponível em [https://europeansocialsurvey.org/%2Fdocs/%2Fround7/%2Fsurvey/%2FESS7\\_appendix\\_a1\\_e03\\_1.pdf&usg=AOvVaw3Jt9cx6arj9TVKSQVPpkC](https://europeansocialsurvey.org/%2Fdocs/%2Fround7/%2Fsurvey/%2FESS7_appendix_a1_e03_1.pdf&usg=AOvVaw3Jt9cx6arj9TVKSQVPpkC)

### **2.3. As entrevistas a emigrantes**

O trabalho de campo qualitativo contemplou duas deslocações a cidades alemãs. A estratégia de cobrir duas cidades teve como objetivo conhecer dois contextos de inserção de emigrantes portugueses distintos, com perfis igualmente distintos. Desse modo, o trabalho de campo incidiu, em primeiro lugar, em Berlim, a capital do país e um destino conhecido de profissionais qualificados e artistas. Em segundo lugar, incluiu Hamburgo, uma cidade portuária com um historial mais longo de emigração portuguesa, com elevado peso da indústria para a economia. Nela existe o *Portugiesenviertel* (Bairro Português), com cerca de 40 restaurantes portugueses, o que serviu como um bom ponto de partida para o trabalho de campo.

O trabalho de campo de Berlim decorreu entre 27 de setembro de 2017 e 3 de outubro do mesmo ano. Durante este período, foram efetuadas oito entrevistas a emigrantes portugueses. Foram estabelecidos diversos contactos informais que permitiram mapear o terreno. A curta duração das missões levadas a cabo constitui uma evidente limitação do estudo, uma vez que dificulta o conhecimento aprofundado dos contextos de recepção. No campo institucional, foi entrevistado o embaixador de Portugal na Alemanha e foram contactadas três associações de emigrantes, tendo sido possível realizar apenas uma entrevista a uma representante de uma delas.

As entrevistas institucionais foram de carácter exploratório e permitiram obter uma imagem mais aprofundada sobre a realidade emigratória portuguesa. As entrevistas a título individual tiveram como objetivo conhecer a trajetória migratória, a integração e as práticas transnacionais dos emigrantes portugueses. Após a estadia em Berlim foram ainda conduzidas três entrevistas via telefone, uma vez que resultaram de contactos que tinham sido efetuados quando o investigador se encontrava na cidade, mas em que a disponibilidade dos entrevistados apenas surgiu após o regresso a Portugal. Deste modo foram recolhidas 11 entrevistas a emigrantes portugueses em Berlim.

O recrutamento dos participantes decorreu, numa fase inicial, dos participantes ao inquérito REMIGR que se disponibilizaram para serem entrevistados no futuro. Das 369 respostas com origem na Alemanha foram selecionados os participantes que indicaram Berlim como cidade de residência (99), para posteriormente serem selecionados os participantes que disponibilizaram o seu email e manifestaram disponibilidade para

serem entrevistados (41). Destes emails, 13 não obtiveram resposta e 6 já não se encontravam na cidade (2 reemigraram e 4 regressaram a Portugal).

O guião da entrevista aos emigrantes foi de formato semiestruturado e contava com cinco tópicos: i) uma caracterização sociodemográfica, ii) a reconstrução da trajetória migratória, iii) a descrição do processo de inserção, iv) as relações mantidas com Portugal. As entrevistas foram conduzidas em espaços públicos, maioritariamente cafés, mas também jardins e universidades. Foram gravadas com o consentimento dos participantes. Em média, as entrevistas tiveram 45 minutos de duração cada. Foram transcritas e analisadas com o *software* de análise de conteúdo MAXQda.

Em Hamburgo, a estratégia de recrutamento de participantes deu-se de forma bastante diferenciada da utilizada em Berlim. Em primeiro lugar, o número de participantes no inquérito REMIGR que residiam em Hamburgo era bastante reduzido. Dos inquiridos no projeto REMIGR que residiam em Hamburgo, apenas três disponibilizaram para ser entrevistados. Deste modo, a estratégia alternativa passou pela divulgação do estudo e pedido de colaboração no grupo de *Facebook* “portugueses em Hamburgo”, que permitiu a realização de cinco entrevistas, os restantes contactos foram obtidos numa lógica bola-de-neve. A estadia em Hamburgo decorreu entre 24 e 31 de Maio de 2018. Foram visitados diversos estabelecimentos comerciais dirigidos por portugueses. Foi possível abordar diversos emigrantes portugueses e estabelecer conversa, algumas até bastante longas, sobre a vida na Alemanha. Contudo, observou-se uma enorme resistência a uma entrevista semi-formal. Como é referido por Machado (2020) numa investigação que focou um perfil migratório semelhante ao estudado nesta tese – portugueses no Reino Unido e em França – as missões ao estrangeiro são dotadas de diversos entraves, no caso do estudo citado: desistências de entrevistas agendadas e não autorização da gravação áudio. Na Tabela 4 encontram-se sintetizadas as principais características dos entrevistados.

**Tabela 4. Caracterização dos entrevistados**

	Nome fictício	Idade	Qualificações	Profissão	Ano de chegada
Berlim	Renato	34	Licenciatura e Mestrado (incompleto) em Engenharia Electrónica e de Telecomunicações	Engenheiro de software	2012
	Raquel	34	Licenciatura em Direito; Mestrado em Estudos da Criança	Bolseira de doutoramento	2009
	Mário	32	Licenciatura e Mestrado (incompleto) em Comunicação e Multimédia	<i>Front end developer</i>	2013
	Guiomar	28	Licenciatura em <i>Design</i> de Moda	Desempregada (anteriormente empregada de mesa)	2013
	Domingos	38	Licenciatura em História	Empregado de balcão	2011
	Santiago	50	Doutoramento em Música	Professor de música	2008
	Maria	36	Doutoramento em Biologia	Pós doc em Biologia	2013
	Mara	34	Licenciatura em Psicologia; Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento; Berufsschule (Ensino dual profissional)	Educadora de infância	2008
	Lara	31	Licenciatura e Mestrado em Engenharia do Ambiente; Mestrado em Geomática	Técnica em empresa de mapas	2010
	Luísa	38	Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas	Organizadora de eventos	2002
Hamburgo	Guilberto	36	Licenciatura em Engenharia Informática	Engenheiro Informático	2008
	Zulmira	50	10º ano português (incompleto); Realschulabschluss	Enfermeira	2001
	Sandro	45	7º ano EB	Motorista	1994
	Paulo	36	Licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas	Educador	2012
	Joaquim	43	8ºano	Jardineiro	2015
	Isa	55	7ºano (alemão)	Empregada de caixa em supermercado	1974
	César	29	Licenciatura em Biologia; Mestrado em Ecologia e Gestão Ambiental	Desempregado (anteriormente consulor ambiental)	2017
	Bento	37	Licenciatura em Engenharia e Gestão Industrial	Buisness development	2010
	Anabela	38	Licenciatura em Engenharia Civil	Engenheira civil	2007
	Amílcar	50	10º ano (alemão)	Comercial técnico de produtos alimentares	1974
	Duarte	23	Licenciatura em História	Estudante (anteriormente ajudante em empresa de mudanças)	2017

*Fonte: Elaborado pelo autor com base nas entrevistas*

Inicialmente, era previsto que a amostra de entrevistados contemplasse de forma igual emigrantes com diferentes níveis de qualificações escolares, contudo, no decorrer do trabalho de campo, cedo se aperceberu que não seria possível, dentro do espaço de tempo disponível, cumprir este critério, devido a uma elevada dificuldade em conseguir mobilizar pessoas menos qualificadas em termos escolares. Uma segunda mudança de

estratégia diz respeito à geração migratória. Embora inicialmente estivesse previsto circunscrever a amostra qualitativa ao período pós-2000 (como nos inquéritos por questionário), o contacto com alguns portugueses chegados antes do novo milénio suscitou o interesse em estabelecer um ponto de comparação com a geração mais recente.

\*\*\*

Este capítulo teve dois objetivos. Em primeiro lugar, deixar exposta a questão que norteia a pesquisa, os seus objetos e as hipóteses que foram deduzidas da literatura. Em segundo lugar apresentar a tríade metodológica que foi mobilizada: as estatísticas oficiais, o inquérito por questionário REMIGR e as entrevistas a emigrantes em Berlim e Hamburgo.



# Capítulo 4. Contextualização da emigração portuguesa para a Alemanha em quatro pontos: no espaço, no tempo, na origem e no destino

---

## 1. Introdução

O objetivo deste capítulo é contextualizar o objeto de estudo, a emigração portuguesa para a Alemanha. Encontra-se dividido em quatro secções. No primeiro ponto, a emigração é contextualizada no espaço amplo, é analisado o *stock* de portugueses no estrangeiro, tendo em conta os principais países de destino e o contexto das migrações dentro do espaço da União Europeia. A segunda parte contextualiza a emigração portuguesa no tempo; para tal, é analisado o seu fluxo aos longo dos anos e enfatiza-se a importância da crise económica de 2008 para as migrações. O terceiro ponto foca-se no contexto de origem da emigração portuguesa. A quarta parte, a mais extensa, analisa a emigração portuguesa para a Alemanha, tendo em conta as estatísticas oficiais no destino.

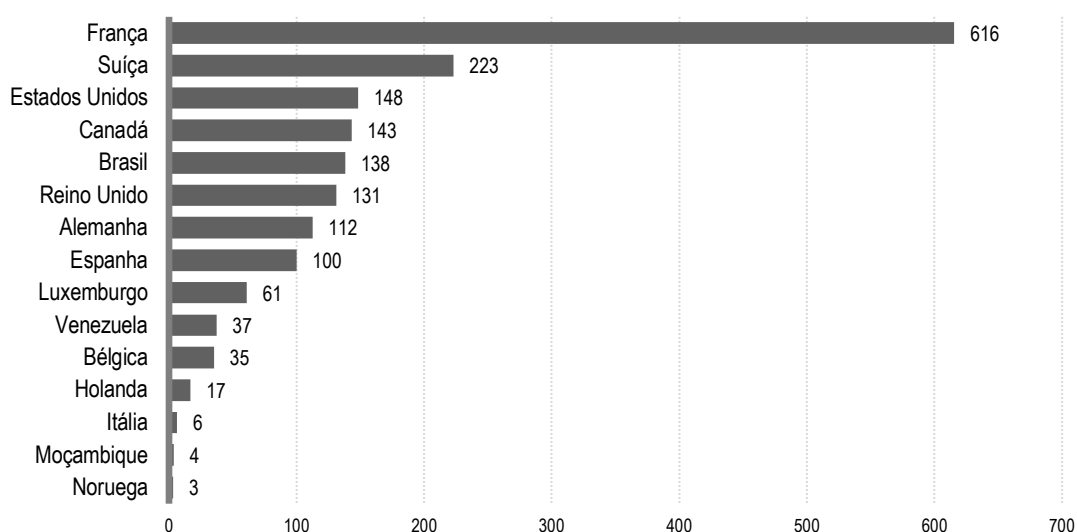
## 2. A emigração portuguesa no espaço

### 2.1. O stock de portugueses no estrangeiro

O indicador mais comum para quantificar uma população emigrada é o seu *stock*. Este pode ser aferido de duas formas, pelo critério da nacionalidade ou pelo critério da naturalidade, ambas válidas e ambas com as devidas limitações. Segundo as estimativas das Nações Unidas (in Pires, Vidigal, Pereira, Azevedo, & Veiga, 2018 p.16), o *stock* de nascidos em Portugal a residir no estrangeiro em 2017 era de 2.306,3 milhares. A Figura 5 segmenta esse *stock* pelos principais países de destino e mostra a importância da emigração histórica no peso total da emigração portuguesa. Os principais países neste *ranking* remetem, em primeiro lugar, para a emigração europeia que se iniciou nos anos 1960 para França, o “ciclo francês” cunhado por Serrão (1977), e nos anos 1980 para a

Suíça (Marques, 2008 cap.3). Existe uma elevada desproporção do número de portugueses em França face aos restantes países de destino; este grupo representa quase o triplo da emigração para o segundo principal destino, a Suíça. As três posições seguintes são ocupadas pelos Estados Unidos, o Canadá e o Brasil, mostrando que a emigração transoceânica ainda se mantém relevante<sup>60</sup>, possivelmente devido a um processo de “causalidade cumulativa”<sup>61</sup>.

**Figura 5. Top 15 dos principais países de destino da emigração portuguesa, 2016 ou ano mais recente (milhares)**



*Fonte: Pires et al. (2018), a partir das estatísticas oficiais dos países de destino*

A partir da sexta posição ganham relevo outros destinos europeus, Reino Unido, Espanha e Alemanha, com *stocks* superiores a 100 mil portugueses. Países que se têm vindo a tornar mais relevantes nos últimos anos, como Holanda, Itália, Moçambique e Noruega, assumem pesos relativamente reduzidos em comparação com os países do topo desta ordenação.

Uma alternativa à quantificação por naturalidade é a quantificação por nacionalidade. Uma descrição do top por nacionalidade seria pouco interessante, uma vez que seriam repetidas as descrições. Mais interessante será uma comparação através de um diagrama

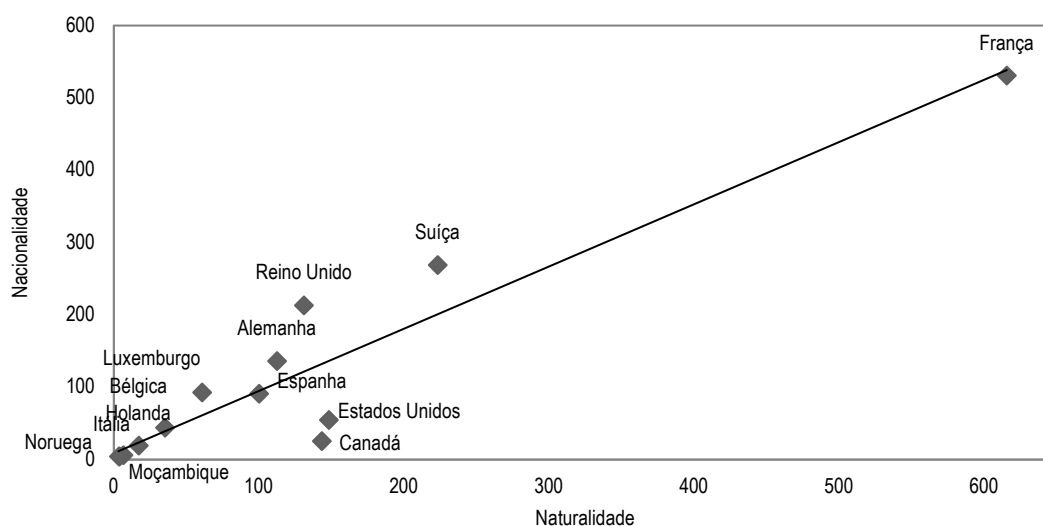
<sup>60</sup> Segundo Rovisco (2001), a emigração para o Brasil foi mais forte entre o século XVII e meados do século XX. A emigração para os Estados Unidos incidiu especialmente nas décadas de 1910, 1920 e depois em 1960 e 1970. O Canadá foi um destino importante nas décadas de 1960 e 1970. O fluxo com direção à Venezuela foi intenso entre as décadas de 1950 e 1970.

<sup>61</sup> Segundo esta teoria, os canais migratórios têm tendência a perpetuar-se uma vez iniciados, devido à consolidação das redes migratórias e do suporte institucional no destino (Massey et al. 1993).



de dispersão dos valores dos *stocks* com base na cidadania com os *stocks* com base na nacionalidade (Figura 6). Como seria de esperar, a relação é bastante linear. Contudo, existem países de destino em que o valor do *stock* com base na nacionalidade é superior, e outros destinos em que os valores das nacionalidades portuguesas são superiores. Os países situados abaixo da reta, os Estados Unidos e o Canadá, são os países em que as nacionalidades portuguesas são superiores às nacionalidades; deve tratar-se de países em que se deu um elevado número de naturalizações (portugueses que adquiriram a nacionalidade estado-unidense ou canadense). Podem ser propostas algumas explicações para estas discrepâncias. Nos países de destino mais antigos, grande parte dos sujeitos pode já ter terminado o ciclo migratório ou encontra-se perto de o terminar e o retorno não faz parte do plano de vida ou plano migratório. Em segundo lugar, pode pesar a importância do passaporte do país de destino, especialmente no caso dos Estados Unidos<sup>62</sup>. Por fim, e provavelmente o mais relevante, é que se trata de países que obrigam a posse de visto para a circulação com Portugal, tarefa que fica simplificada com a obtenção da nacionalidade norte americana ou canadense.

**Figura 6. Comparação entre top de principais países por nacionalidade e nacionalidades, 2016 ou ano mais recente (milhares)**



*Fonte: Pires et al. (2018) Com base em dados das estatísticas oficiais dos países de destino (dados tratados pelo autor)*

<sup>62</sup> Segundo o site Passport Index (<https://www.passportindex.org/byRank.php>) (acedido a 03-10-2018) que avalia o poder dos passaportes de diversos países, o passaporte dos Estados Unidos encontra-se na segunda posição, enquanto o canadense ocupa a terceira posição ex aequo com Portugal.

No caso oposto, em que as nacionalidades portuguesas são superiores às naturalidades, destacam-se o Reino Unido e a Suíça. Pode-se estar, em primeiro lugar, perante a possibilidade de aquisição da nacionalidade portuguesa por parte de imigrantes que posteriormente remigraram para países terceiros. O estatuto de Portugal como país nodal numa migração em cadeia, intencional ou ocasional, de vagas de imigrantes que após alguns anos em Portugal obtiveram a nacionalidade portuguesa e posteriormente remigraram para outros países. De acordo com o já referido *ranking Passport Index*, o passaporte português ocupa a terceira posição na hierarquia dos passaportes mais poderosos do mundo<sup>63</sup>. A aquisição de passaporte português pode ser um estágio intermédio de uma trajetória migratória com destino a outros países europeus. Serão assim contabilizados, segundo o critério da nacionalidade, sujeitos cuja portuguesidade pode ser questionável, tanto a um nível de autoidentificação, como de heteroidentificação. Uma segunda explicação remete para as segundas gerações de emigrantes portugueses que, embora tenham nascido no país de destino, mantêm a nacionalidade dos pais, o que faz com que aumente o rácio de nacionalidades portuguesas por nascidos em Portugal. A Alemanha, país em estudo, encontra-se posicionado nesta metade superior do plano, com um maior número de cidadãos portugueses do que nascidos em Portugal, embora com uma discrepância menor em comparação à Suíça e ao Reino Unido.

\*\*\*

Segundo as estimativas da OCDE (in Pires, Vidigal, et al., 2018 p.16), existem 2,3 milhões de portugueses emigrados. Com base no que vimos anteriormente, podemos argumentar que estes valores não são tanto resultado de uma emigração recente, mas resultado de uma “constante estrutural” da sociedade portuguesa (Godinho, 1978). Este *stock* de emigrantes portugueses pode ser dividido em dois grandes grupos, o da emigração transoceânica e o da migração europeia<sup>64</sup>. Dos 15 países do top, 10 pertencem ao espaço Schengen e 8 à União Europeia. De seguida serão expostas algumas das características deste espaço e as suas consequências para as migrações portuguesas.

---

<sup>63</sup> <https://www.passportindex.org/byRank.php> (consultado a 02-10-2018).

<sup>64</sup> Embora tenha ganho relevo qualitativo uma emigração de carácter pós-colonial (ver, como exemplo Candeias, Malheiros, Marques e Liberato (2016) ou Ferreira, Santana, Malheiros e Raimundo (2016)), não assume peso relativo considerável.

## **2.2. Enquadramento da emigração portuguesa no espaço da União Europeia**

Grande parte da emigração portuguesa tem como destino países europeus. O que em parte pode ser justificado pela pertença à União Europeia<sup>65</sup> e ao Espaço Schengen<sup>66</sup>. O princípio da liberdade de circulação de trabalhadores é uma das quatro liberdades básicas da União Europeia. A cidadania europeia, que foi implementada em 1992 no tratado de Maastricht, atribui alguns direitos especiais aos seus cidadãos, por exemplo: o tratamento como iguais na ocupação de postos de trabalho ou o direito de participação nas eleições autárquicas dos países de destino. Tal não obsta que, nos últimos 30 anos, apenas 2% dos cidadãos europeus possuam residência e trabalho num país europeu diferente do seu país de nascimento. Estes valores mantiveram-se estáveis mesmo com o alargamento aos países do leste (Hanewinkel, Breford, González-Martín:, Cardoso, & Engler, 2013). Pese embora alguns fluxos que podem ser considerados relevantes, como o de polacos para o Reino Unido.

Com o alargamento da UE em 2004, foram estabelecidas restrições na liberdade de circulação aos novos membros, resultado de um receio de migrações massivas. Os únicos países da UE 15 que não estabeleceram restrições foram a Irlanda, a Suécia e o Reino Unido. Situação semelhante deu-se posteriormente em 2007, com a entrada da Roménia e da Bulgária. No entanto, a migração destes novos estados membros foi seletiva: cerca de 80% dos imigrantes romenos e búlgaros encontram-se na Espanha e na Itália, por outro lado, países como a Suécia, que nunca tiveram restrições, viram a sua imigração apenas incrementar moderadamente (Hanewinkel, Breford, González-Martín:, et al., 2013).

Observando o fenómeno pelo prisma das saídas, a Hungria e a Eslovénia tiveram uma emigração diminuta após a adesão à UE - cerca de 1% da população. A proximidade a outros países prósperos e o crescimento económico funcionaram como factores de retenção da população (Fic, Holland, & Paluchowski, 2011). No extremo oposto, a Roménia, um país com um longo historial de emigração, com a adesão à União

---

<sup>65</sup> Contudo, a constituição da União Europeia e a adesão por parte de Portugal não pode ser apontado como fator único, uma vez que a emigração para países europeus é anterior à formação da União. Também a importância da Suíça como destino dos portugueses atenua a importância explicativa da União Europeia.

<sup>66</sup> O Acordo de Schengen foi assinado em 1985, e implementado após 10 anos. ([https://www.europedirect-bsebb.pt/ficheiros/noticias/ficheiros/1436967732dr3111126ptc\\_002.pdf](https://www.europedirect-bsebb.pt/ficheiros/noticias/ficheiros/1436967732dr3111126ptc_002.pdf)) (acedido em 08-10-2018).

Europeia, passou a apresentar taxas de emigração na ordem dos 9%. Neste país, as estimativas apontavam para 3 milhões de saídas só no ano de 2010 (Fic et al., 2011). A Polónia, embora com uma situação económica positiva, é também um país de saídas avultadas, pelo menos desde 2004, sendo desde então responsável pela maioria das imigrações para a Irlanda e o Reino Unido (Fic et al., 2011).

\*\*\*

Embora a implementação da cidadania europeia tenha permitido a livre circulação de pessoas, a bibliografia não aponta para um aumento relevante das migrações intraeuropeias. A emigração portuguesa para países europeus, como França, Suíça, Alemanha, ou Luxemburgo, parece ser resultado de um *stock* antigo e de uma causalidade cumulativa que se iniciou antes da implementação do espaço comum europeu e do espaço Schengen. Ou seja, existem razões para se pensar que a cidadania europeia possa ter ajudado para o atual panorama emigratório português, mas não foi o fator mais determinante. Importam também outros fatores, como a proximidade geográfica ou as dinâmicas do mercado de trabalho. No próximo ponto, a emigração portuguesa é contextualizada no tempo, tendo como marco a crise económica de 2008, que, como se verá em frente, foi importante para o aumento e alteração do perfil da emigração portuguesa recente.

### **3. A emigração portuguesa no tempo**

#### **3.1. A crise de 2008 e o seus impactos nas migrações**

*“Globalisation is in reverse, with cargo traffic, air passengers and tourism all in retreat” (Rogers, Anderson, & Clark, 2009 p.5).*

A crise económica e de dívidas soberanas teve início em 2007, em grande parte desencadeada por especulação imobiliária nos Estados Unidos. Em muitos países, a crise esteve associada a uma recessão. Em diversos países deu-se a necessidade de investir somas elevadas para salvar os bancos nacionais. Esta crise afetou de forma diferenciada cada país europeu (Hanewinkel, Breford, González-Martín, et al., 2013).

Segundo Castles e Miller (2010), esta crise teve diferentes fases e cada uma destas fases afetou de forma diferenciada a população imigrante. Inicialmente tratava-se de uma

crise imobiliária, que afetava especialmente os trabalhadores da construção civil nos Estados Unidos. Numa segunda fase a crise alastrou-se ao setor financeiro, o que afetou em grande parte trabalhadores qualificados do sector financeiro ou das Tecnologias de Informação (IT). Agravou-se posteriormente a uma crise de emprego, em que foram especialmente afetados os trabalhadores pouco qualificados. Finalmente, tornou-se uma crise de dívidas, cujo impacto nas migrações foi mais difícil de compreender. Juntamente com a perda de emprego nos sectores acima referenciados, a quebra na procura de exportações e o declínio no investimento direto estrangeiro teve também impactos em indústrias e empresas comerciais, que tendem a empregar imigrantes (Hanewinkel, Breford, González-Martín:, et al., 2013).

### **O impacto da crise na demografia imigrante**

Nos países europeus, em termos demográficos, os *stocks* de imigrantes não diminuíram drasticamente, em alguns casos estabilizaram e noutros até aumentaram, segundo os dados do SOPEMI (Dobson, Latham, & Salt, 2009). Segundo os dados de 2012 da OCDE, as migrações intraeuropeias decresceram entre 2007 e 2010 (Hanewinkel, Breford, González-Martín:, et al., 2013). Especificando algumas destas migrações: países como o Reino Unido e a Alemanha viram o número de imigrantes do sul da Europa aumentar, especialmente jovens desempregados da Grécia, Espanha e Portugal, apelidados por alguns autores como os “novos trabalhadores convidados” (Volker, 2012 in Hanewinkel, Breford, González-Martín:, et al., 2013). Algumas características distanciam estes novos trabalhadores da geração anterior: serem muitas vezes altamente qualificados e chegarem com alguma experiência de mobilidade europeia, como o programa Erasmus e outros (Hanewinkel, Breford, González-Martín:, et al., 2013). Para este perfil em específico, foi argumentado (ou verificado) que a decisão de emigrar é resultado de um sentimento de privação relativa. Este sentimento seria resultado de uma profunda frustração com as condições no país de origem, causada pela conjuntura económica e social, sendo que os fatores de repulsão já existiam, mas foram ampliados (magnified) com a crise. Concomitantemente, esta migração é enquadrada numa visão do mundo em que a mobilidade é valorizada positivamente e faz parte da identidade profissional dos sujeitos (Triandafyllidou & Gropas, 2014).

## O impacto da crise no mercado de trabalho

As migrações laborais foram as mais afetadas pela crise, embora as restantes (reagrupamento familiar, estudantes) também tenham sido adiadas, devido à escassez de rendimento adequado para as suportar. Já as migrações forçadas e de refugiados, na sua lógica inicial, são independentes dos fatores económicos. Contudo, por terem origem em países economicamente vulneráveis, podem implicar uma maior pressão para as saídas. Também a possível redução no financiamento ao desenvolvimento pode implicar uma maior pressão nas saídas populacionais. Deste modo, outros tipos de migrações podem funcionar como “*communicating vessels*”. Isto é, uma vez que não é possível entrar num país como imigrante laboral, a estratégia pode passar por dar entrada como requerente de asilo (ou através de reagrupamento familiar) (Beets & Willekens, 2009).

Com o aumento do desemprego, esperou-se um decréscimo na procura por trabalho imigrante. Por sua vez, imigrantes residentes perderam os seus empregos e imigrantes recém chegados não encontraram trabalho. No entanto, é necessário ter em consideração o país para onde estes imigrantes laborais se dirigem. Por exemplo, países como a França e Alemanha não sofreram tanto o aumento no desemprego em 2009, por terem menos trabalhadores em *part-time*, e também por o peso da construção na economia nacional ser menor (Rogers et al., 2009 p.680), um dos sectores historicamente atraia os portugueses para diversas partes da Espanha (Trigal, 1996). Também se observaram decréscimos nos valores dos salários, mas com pouco efeito nos *stocks*, fluxos ou regressos, pois o que importa mais são as vantagens relativas entre o destino e a origem (Beets & Willekens, 2009).

No que respeita aos sectores de atividade económica, observou-se que, durante os anos de 2008 e 2009, os primeiros anos da crise, existiram impactos em quatro sectores de atividade: construção, finanças, indústria transformadora e serviços de viagens, todos eles empregadores de população imigrante, mas com características diferentes. As finanças empregam trabalhadores altamente qualificados. A indústria transformadora recruta mediantemente qualificados. A construção e os serviços de viagens lidam com imigrantes pouco qualificados (Martin, 2009). Em sectores da economia que empregam trabalhadores menos qualificados, como a construção, a agricultura e o *catering*, que se caracterizam por uma elevada volatilidade de acordo com os ciclos económicos, deve haver um maior número de trabalhadores irregulares (Castles & Miller, 2010). No

entanto, não será uma situação exclusiva da população estrangeira, pois os trabalhadores imigrantes partilham as mesmas características dos trabalhadores autóctones precários (Rogers et al., 2009). E mesmo a população menos qualificada não é um todo uniforme. Segundo a IOM, os impactos são diferenciados entre homens e mulheres. Enquanto as mulheres trabalham em sectores que continuam a ser precisos, como o serviço doméstico e o sector da saúde, os homens trabalhadores da construção serão mais afetados (Beets & Willekens, 2009). Já os trabalhadores do segmento mais qualificado, por serem tendencialmente mais jovens e solteiros, conseguiram permanecer nos países de destino com maior facilidade, devido à sua capacidade de conseguir outro trabalho devido às suas qualificações (Beets & Willekens, 2009).

### **O impacto da crise nas relações transnacionais**

*“When economic conditions get bad in rich countries they may be even worse in poorer origin countries.” (Castles, 2012 p.73)*

No que respeita às relações com o país de origem, analisam-se os impactos da crise nas remessas e nas remigrações. O campo das remessas parece não ser consensual. Para Beets and Willekens (2009), a recessão económica tendeu a reduzir as remessas dos imigrantes, uma vez que estes terão menos dinheiro. Por outro lado, relatórios da OCDE (2009) apontam para uma continuidade no envio de remessas, uma vez que os imigrantes tentarão minimizar os impactos negativos em casa. É nesta lógica que Martin (2009, p.5) defende que as remessas devem ser menos sensíveis às recessões do que as migrações (*stocks* e fluxos). Efetivamente, segundo dados do Banco Mundial, a crise implicou um decréscimo das remessas a nível mundial<sup>67</sup>; contudo, observaram-se variantes regionais (Khalid Koser, 2009).

Na relação entre o retorno e a crise, esperava-se que os imigrantes não regressassem e esperassem que as condições no destino melhorassem, uma vez que o mais provável é que as condições não fossem melhores nos respectivos países de origem (Sward & Skeldon, 2009). Uma vez que a recessão foi mundial, as oportunidades de emprego foram reduzidas tanto nos países receptores como nos países emissores; deste modo, os fatores de atração e repulsão anularam-se (Beets & Willekens, 2009). Uma tentativa de criar um modelo explicativo desta relação defende que, se forem imigrantes de países

---

<sup>67</sup> Em qualquer caso, a descida das remessas foi muito inferior à de outros fluxos financeiros dado o carácter contra-cíclico das remessas.

com PIB elevado, devem regressar ao país de origem; se forem países com PIB baixo, a tendência será para permanecerem (Dobson et al., 2009 pp.7-8). A ideia de que a crise gera migração de retorno aplica-se apenas se no país de origem o declínio na economia é menor, como aconteceu na Polónia entre 2004 e 2009 (Barcevičius, Iglicka, Repečkaitė, & Žvalionytė, 2012). Segundo estes autores, as condições económicas no país de origem serão o fator mais importante na migração de regresso.

A um nível de análise micro, imigrantes que investiram financeiramente na emigração, mais bem remunerados e que se encontram com a família, teriam sido os que mais provavelmente iriam esperar que a situação melhorasse, em vez de voltar a casa e perderem o investimento (Sward & Skeldon, 2009).

Uma tentativa de sintetizar os fatores que reduzem as intenções de retorno aponta quatro argumentos: 1) o trabalho pode ser ainda mais escasso na origem; 2) os imigrantes podem ter desenvolvido capital social no destino que os suporta; 3) podem ser beneficiários de segurança social no destino; 4) podem ter receio que posteriormente a nova entrada no país de destino lhes seja vedada (*re-entry ban*) (Beets & Willekens, 2009), o que é mais importante ainda para imigrantes irregulares (Sward & Skeldon, 2009).

### **Os impactos da crise na Alemanha**

A Alemanha foi um país que recuperou da crise económica sem elevadas dificuldades. Quando comparado com o resto da Europa, o emprego aumentou e o desemprego manteve-se em níveis baixos. Na Alemanha o panorama é especialmente favorável para alguns perfis de imigrantes, devido a uma procura de especialistas em determinadas regiões e para determinados sectores económicos (Hanewinkel, Breford, González-Martín, et al., 2013). Isto fez com que a imigração de imigrantes do sul da Europa para este país tenha aumentado nos últimos anos, especialmente de gregos, italianos e espanhóis, e também, em menor número, de portugueses<sup>68</sup> (Hanewinkel, Breford, González-Martín, et al., 2013).

---

<sup>68</sup> Segundo fontes do Goethe-Institute o número de portugueses a frequentar cursos de alemão aumentou (Hanewinkel, Breford, González-Martín, et al., 2013), embora não seja especificado qual o período temporal nem tampouco quais os valores em causa.



Existe alguma evidência para propor a existência de uma migração dual com destino à Alemanha, pelo menos da parte da opinião pública, uma vez que, segundo Trabant (2012 in Hanewinkel, Breford, González-Martín:, et al., 2013), existe uma reação negativa à chegada de ciganos e refugiados, mas, no geral, os imigrantes da Europa do sul são bem-vindos. A imagem do senso comum destes últimos imigrantes é que são jovens, formados academicamente, bem integrados no mercado de trabalho e que se esforçam para aprender a língua do país de acolhimento (Hanewinkel, Breford, González-Martín:, et al., 2013).

No que diz respeito aos regressos, tal como aconteceu em crises anteriores, não se deram impactos de forma uniforme. Assim, emigrantes de países europeus, como Espanha ou Portugal, tenderam a regressar, já os turcos na Alemanha permaneceram (Sward & Skeldon, 2009). Embora a situação socioeconómica nos países da Península Ibérica não seja a mais favorável, em termos comparativos será menos favorável na Turquia. Ou seja, poderão pesar mais os fatores de atração para o país de origem do que os fatores de repulsão no destino (isto partindo do princípio de que a opinião pública é mais favorável a europeus do que a turcos e que assim existe o fator de repulsão extra para estes imigrantes da Turquia).

\*\*\*

A crise económica e financeira que teve início em 2008 teve impacto nos fluxos migratórios. Afetou o mercado de trabalho, tanto nos setores mais qualificados como nos menos qualificados. Foi relevante para o aumento das migrações intraeuropeias no sentido sul-norte. Embora todos os países tenham sido afetados por esta crise, não foram todos afetados com a mesma intensidade. Nas relações transnacionais, as remessas diminuíram, embora de forma diferenciada. Já o retorno não foi elevado, uma vez que as condições nos países de origem não eram tendencialmente melhores. Na secção seguinte serão analisados os dados quantitativos dos fluxos de portugueses numa lógica longitudinal.

### **3.2 Os fluxos de saída de Portugal**

No primeiro ponto deste capítulo foram apresentados os valores dos *stocks* de portugueses nos principais países de destino, o que permitiu perceber o quanto este indicador era representado por migrações históricas. O melhor modo para começar a

contextualizar a emigração portuguesa nos últimos anos é observar o fluxo de saída de portugueses. Existem dois indicadores disponíveis para analisar estes fluxos: as estimativas do INE e as estatísticas recolhidas pelo Observatório da Emigração (doravante OEm). Ambos se descrevem de seguida.

Os valores divulgados pelo OEm consistem numa recolha e compilação dos números de portugueses que dão entrada nos diversos países de destino. A maior potencialidade é a de se tratar de um indicador do universo e não de uma amostra (com algumas exceções, como os casos híbridos dos microcensus ou dos censos por rondas). Mas este indicador também é dotado de diversas limitações. A mais importante será que não existe consenso entre os diversos países de destino quanto ao que deve ser considerado um imigrante, isto é, se o critério utilizado é o da nacionalidade ou o da naturalidade, o consenso também não existe na duração da estadia que é utilizada para classificar a população imigrante, bem como o tipo de registo utilizado (municipal, serviço de fronteiras, registo consular), nem a periodicidade com que os indicadores são divulgados ou facultados. Também limitador é o fato de a medição das entradas de portugueses em determinado país não significar que estejam a ser quantificadas as saídas de Portugal, uma vez que serão considerados também os portugueses em situação de *onward migration* (Pires, Pereira, et al., 2018), isto é, a saída de um país estrangeiro com destino a um terceiro país. A última limitação diz respeito ao caso da Alemanha em particular (embora seja possível que ocorra em outros países), uma vez que os valores dos fluxos dizem respeito aos estrangeiros que se encontram no registo central de estrangeiros no final de cada ano, sendo ignorados todos os que entraram e saíram no mesmo ano.

Os dados do INE, recolhidos através do Inquérito aos Movimentos Migratórios de Saída (IMMS)<sup>69</sup>, derivam de um anexo do Inquérito ao Emprego em que são inquiridos representantes de agregados familiares acerca da existência de membros desse agregado, com nacionalidade ou naturalidade portuguesa, a residir no estrangeiro. Distinguem entre emigração temporária (intenção de permanência inferior a um ano) e emigração permanente (intenção de permanência superior a um ano). Este indicador tem

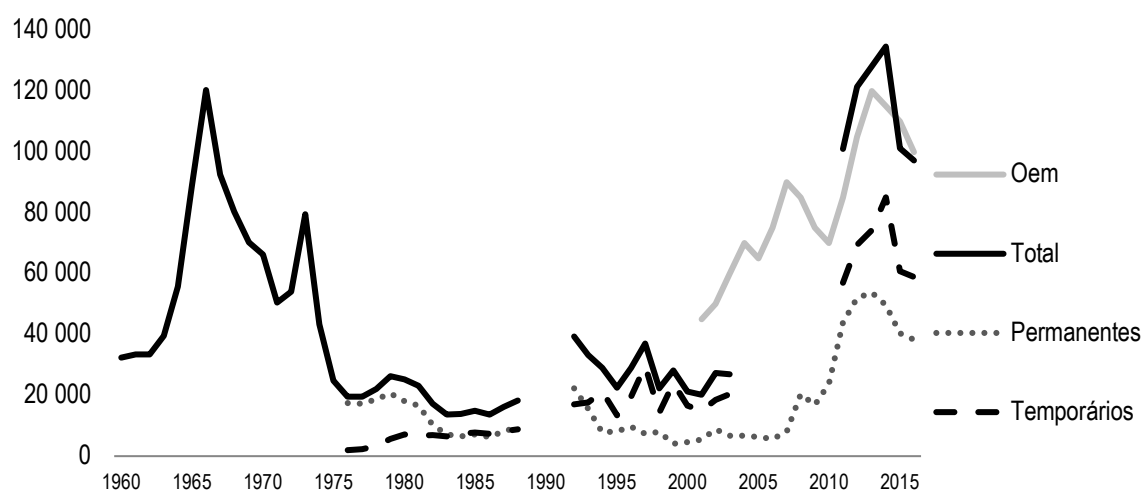
---

<sup>69</sup> O Inquérito aos Movimentos Migratórios de Saída (IMMS) foi implementado em 1982. Antes de 1982, as saídas eram contabilizadas por via dos registos do Passaporte de Emigrante. Em 2009 foram introduzidas alterações metodológicas, mais concretamente, uma redução do número de variáveis e um reforço na amostra (INE, 2011). Mais informações acerca do IMMS em <http://webinq.ine.pt/public/pages/queryinfo.aspx?id=IMMS> (consultado a 04-10-2018).

como potencialidade ter apenas uma fonte (ao contrário do indicador do OEm, que é um somatório de diversas fontes, com diferentes conceitos subjacentes) e a representatividade estatística, uma vez que o processo de amostragem obedece a critérios de aleatoriedade e representatividade. A sua maior desvantagem é a forma indirecta de inquirição, bem como não captar agregados familiares totalmente ausentes.

Independentemente da fonte utilizada, a leitura dos dados através do gráfico de linhas na Figura 7 permite conhecer as saídas e identificar os picos nos anos 1960 e em 1974. A estes segue-se uma estabilidade durante os anos 1980 e 1990, com valores de saídas anuais a oscilar entre menos de 10 mil e pouco mais de 30 mil. Dá-se, a partir do início do milénio, uma emigração crescente que quebra a partir de 2014 (segundo os dados do INE), ou 2013 (para o OEm).

**Figura 7. Fluxos de saída de portugueses, 1960-2015 (N)**



*Fonte: De 1960 a 1999 - Pordata/INE Inquérito aos Movimentos Migratórios de Saída. De 2000 a 2016 - Observatório da Emigração com base no Instituto Nacional de Estatística (INE), Inquérito aos Movimentos Migratórios de Saída (até 2007) e Estimativas Anuais da Emigração (desde 2008), com base em dados do Inquérito Permanente ao Emprego*

\*\*\*

As estimativas das saídas anuais permitem conhecer as oscilações ocorridas ao longo dos anos. Embora se trate de um conceito de difícil operacionalização, é possível perceber que a emigração, que abrandou durante os anos 1980 e 1990, teve um crescimento constante a partir do novo milénio, atingindo o seu pico nos anos de 2013 e

2014, em parte explicado pela crise económica descrita anteriormente. De seguida serão apresentados alguns fatores estruturais que podem ajudar a explicar as saídas populacionais recentes, uma vez que, embora se considere que a crise económica e financeira tenha sido importante, não deve ser pensada numa lógica univariada. Pois como refere Koser (2009, p.10) “Even when there are data available to demonstrate a shift in migration patterns and processes during earlier financial crises, it can be hard to separate out from the existing data the ‘crisis impact’ from the impact of deeper structural changes.”

#### **4. A emigração portuguesa segundo os fatores de atração e repulsão**

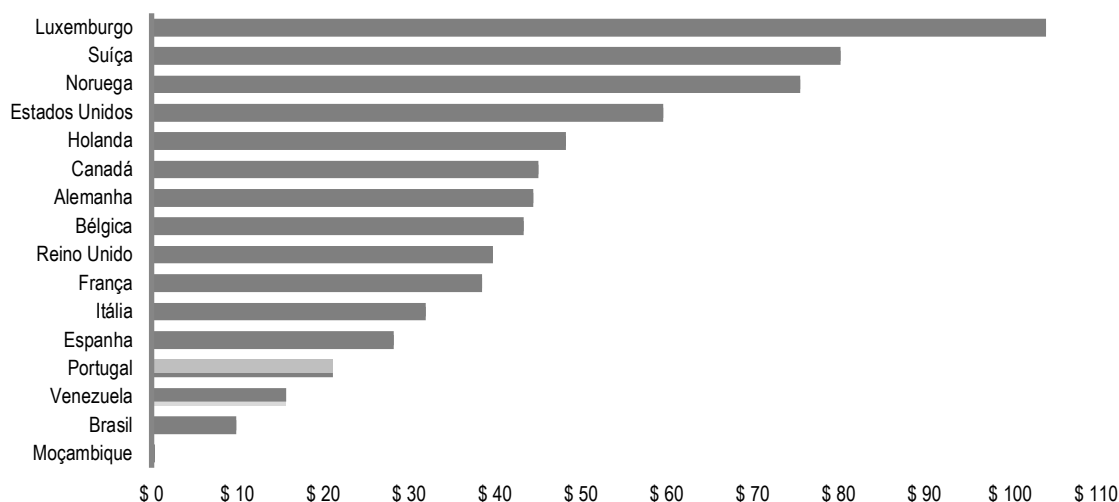
De modo a interpretar a emigração portuguesa numa lógica de *push-pull*<sup>70</sup> é importante identificar fatores que atraem os portugueses para os diferentes países de destino. Um dos fatores que “puxa” os migrantes para os países de destino, numa lógica economicista, é o diferencial de rendimento. Um indicador que permite corroborar esta teoria é o produto interno bruto *per capita*, que representa a riqueza que é criada por cada país, tendo em conta a população total desse país. Como se pode observar pela Figura 8, enquanto no ano de 2017, em Portugal, a riqueza gerada por cada português encontrava-se na ordem dos 21 mil dólares anuais, no Luxemburgo era 5 vezes superior e na Suíça quase 4 vezes superior. No *ranking* dos principais países de destino, apenas três países possuíam valores de riqueza *per capita* anual inferiores a Portugal, a Venezuela, o Brasil e Moçambique. Nestes últimos, porém, deve ser tido em conta que se trata de países cujas desigualdades de rendimento são bastante elevadas, e parte-se do pressuposto que os emigrantes portugueses não ocuparão as posições inferiores na estrutura social<sup>71</sup>.

---

<sup>70</sup> Embora não tenha sido possível identificar a cunhagem do conceito, o modelo de *push-pull* é referenciado em diversas revisões teóricas (e.g.: Massey et al., 1993; Peixoto, 2004a), e utilizado como teoria de base para estudos empíricos (e.g.: Portes & Böröcz, 1989). É possível que tenha origem em Lee (1966), que referenciava fatores *plus* e *minus* na origem e no destino das migrações.

<sup>71</sup> Segundo os dados do Banco Mundial, os valores do coeficiente de Gini (que mede as desigualdades de rendimento, com valores elevados a representarem elevada desigualdade) eram os seguintes: Brasil - 51,3 (2015), Moçambique - 54 (2014), Portugal - 35,5 (2015), Venezuela - 46,9 (2006). Fonte: World Bank <https://data.worldbank.org/indicator/SI.POV.GINI> (acedido a 16-10-18).

**Figura 8. PIB *per capita* em Portugal e nos principais países de destino da emigração portuguesa 2017 (2011 PPP \$ *per day*) (milhares)**



Fonte: World Bank<sup>72</sup> \* Venezuela dados de 2011

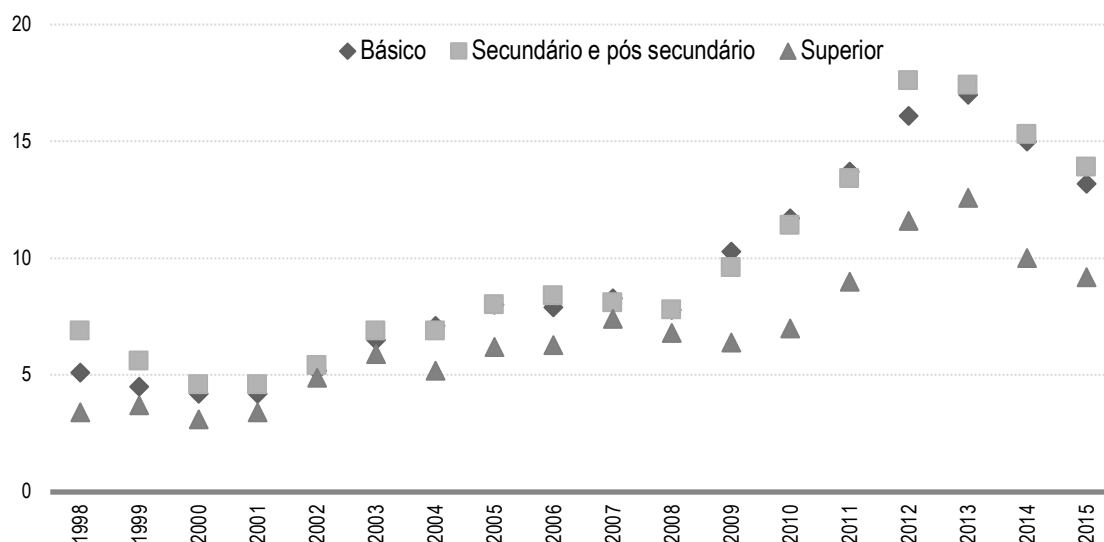
Poderiam ser utilizados outros indicadores para ilustrar os fatores de atração para os países de destino, como a taxa de emprego, a taxa de emprego da população estrangeira, a remuneração média dos trabalhadores por conta de outrem, o número médio de horas trabalhadas por semana, ou a população empregada por sector de atividade económica. No geral, seguirão o mesmo sentido que o PIB *per capita*.

Em segundo lugar, importa perceber que, segundo a lógica do *push-pull*, as pessoas emigram, em parte, devido a fatores que as “empurram” para fora do seu país de origem. Os dados demonstram que o desemprego em Portugal assumiu valores consideráveis, especialmente a partir de 2008, atingindo o pico em 2012 e 2013. Uma análise à taxa de desemprego de acordo com os níveis de escolaridade (Figura 9) permite perceber que o pico de 2012/2013 atingiu todos os níveis de qualificação escolar, embora a população mais escolarizada tenha sido a que menos sofreu aumento no desemprego. Se fosse seguida apenas a lógica do desemprego como um fator de repulsão, seriam os menos escolarizados que mais emigrariam. Mas a migração é um processo seletivo: segundo Chiswick (1978) existe uma seleção natural da emigração, no sentido em que é mais vantajosa para os mais ágeis e mais motivados, sendo os indivíduos mais qualificados os mais eficientes a utilizar os seus recursos. Também Lee (1966) refere que os mais qualificados tendem a encontrar-se em posições mais

<sup>72</sup> <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.PCAP.CD> (acedido a 24 de Setembro de 2018)

confortáveis *vis-à-vis* os seus conacionais menos qualificados, mas tendem a receber mais ofertas de emprego no exterior e essa emigração é considerada uma mais-valia na carreira profissional.

**Figura 9: Taxa de desemprego da população por nível de escolaridade completo, 1998-2015 (%)**

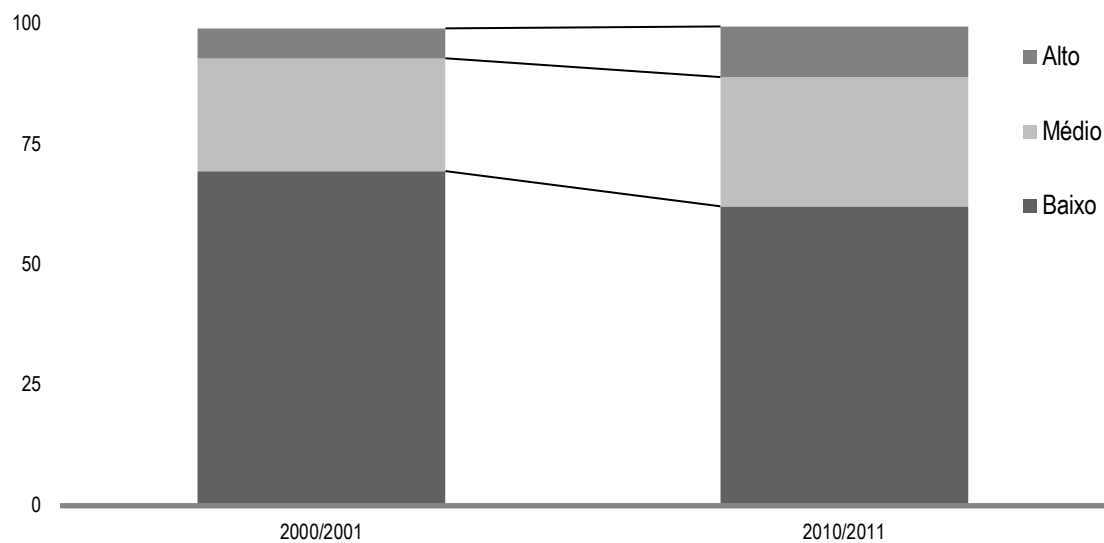


Fontes: INE - Inquérito ao Emprego, PORDATA

Um pormenor que parece distinguir a emigração portuguesa mais recente de vagas anteriores é a sua escolaridade de nível superior. Esta característica mereceu projetos de investigação dirigidos a este segmento específico e inúmeras peças nos *media*. Se forem observados os dados compilados pela DIOC<sup>73</sup> para a escolaridade do *stock* de portugueses emigrados (Figura 10), é possível retirar duas conclusões. Em primeiro lugar, existe um aumento efetivo (em valores absolutos) e relativo (em percentagem) da parcela de emigrantes portugueses mais qualificados. Enquanto os censos do início do milénio contabilizavam 78 mil portugueses emigrados com escolaridade de nível superior (6,2% do total do *stock*), os recenseamentos de 2010/2011 apontavam para 151 mil emigrantes qualificados nascidos em Portugal (10,5%). Em segundo lugar, importa frisar que estes qualificados representam uma pequena parcela do que é a emigração portuguesa, sendo que 62% dos portugueses emigrados possuem escolaridade baixa e 27% possui escolaridade média, o que soma 89% de portugueses emigrados que não são diplomados do ensino superior. Evidentemente, estes dados são influenciados pelas vagas emigratórias anteriores.

<sup>73</sup> A DIOC (Database on Immigrants in OECD and non-OECD Countries) consiste numa recolha dos dados censitários nos países de destino, promovida pela OCDE.

**Figura 10. Níveis de escolaridade do *stock* de nascidos em Portugal residentes em países da OCDE, 2000/2001 e 2010/2011 (%)**

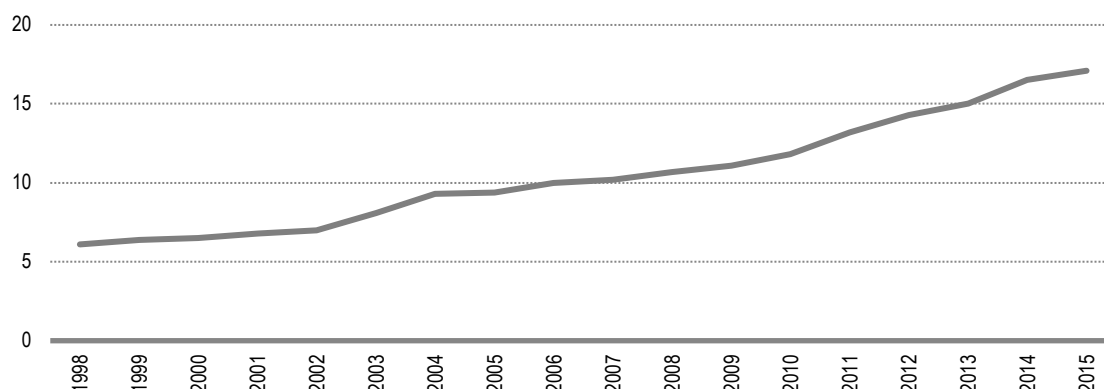


*Fonte: Pires et al. (2018 p.25) com base nos dados da DIOC 2000-2001 e DIOC 2010-2011*

O que os dados não permitem conhecer é o quanto os fluxos se têm tornado mais qualificados e, possivelmente, se em alguns destinos o fluxo de qualificados suplantou o número de não qualificados. Dado o peso crescente deste segmento mais qualificado, importa perceber os fatores estruturais que se encontram a montante desta emigração.

O primeiro argumento é de que o aumento da emigração portuguesa qualificada, resulta, em parte, de alterações profundas na estrutura da população portuguesa. A Figura 11 demonstra que, no início do milénio, a população residente em Portugal com ensino superior representava apenas 7% do total da população adulta. O peso dos mais qualificados tem vindo a crescer consideravelmente, representando, 15 anos depois, 17%.

**Figura 11. População residente com 15 e mais anos com escolaridade de nível superior, 1998-2015 (%)**



Fontes: INE - Estimativas Anuais da População Residente, INE - Inquérito ao Emprego, PORDATA

\*\*\*

Nesta secção foram apresentados os dados referentes às saídas anuais de portugueses numa perspetiva diacrónica. A emigração, que se manteve estável entre os anos de 1980 e 1990, avolumou-se a partir do início do milénio, para atingir o seu pico nos anos de 2013 e 2014. Uma das alterações na composição destes *stocks* mais recentes foi o aumento do peso dos emigrantes mais qualificados. Argumentou-se que esta alteração se deve a alterações estruturais da população portuguesa, com o aumento da sua escolarização, bem como o aumento do desemprego deste segmento. Na parte dos países de destino, argumenta-se a existência de fatores de atração, especialmente no campo económico. Na secção seguinte será analisado o perfil da emigração portuguesa na Alemanha.

## 5. A emigração portuguesa com destino à Alemanha<sup>74</sup>

A Alemanha é atualmente o 11º país da UE 28 com maior proporção de população estrangeira: 9,3%<sup>75</sup>, e é também o segundo país deste grupo com maior número absoluto de imigrantes: 324.221<sup>76</sup>. Desde a segunda metade do séc. XX, a Alemanha experienciou três grandes vagas de imigração: os imigrantes laborais recrutados no âmbito do programa formal de trabalhadores convidados (*gastarbeiter*), os imigrantes

<sup>74</sup> Parte deste subcapítulo foi previamente publicada como country report via OEm (Candeias, 2017).

<sup>75</sup>

<http://www.pordata.pt/Europa/Popula%C3%A7%C3%A3o+estrangeira+em+percentagem+da+popula%C3%A7%C3%A3o+residente-1624> (acedido em 26-12-2016).

<sup>76</sup> <http://www.pordata.pt/Europa/Fluxos+migrat%C3%B3rios+internacionais-1622> (acedido em 26-12-2016) (dados de 2014) (dados não disponíveis para os seguintes países: Áustria, Eslovénia, Grécia, Irlanda, Reino Unido e Roménia).



do leste europeu de etnia germânica (*aussiedler*) e os requerentes de asilo (Musterd, 2003), que são pormenorizados de seguida. O primeiro contingente diz respeito aos imigrantes laborais recrutados ao abrigo do estatuto de trabalhador convidado, que vigorou entre 1955 e 1973, em que Portugal foi um dos seis principais fornecedores de mão-de-obra (Bhagwati, Schatz, & Wong, 1984). Estes recrutamentos assentavam no pressuposto de que os imigrantes iriam permanecer neste país durante um curto período temporal, para suprimir necessidades de mão-de-obra igualmente temporárias. A partir dos anos 1970, os reagrupamentos familiares tornaram-se mais frequentes e a migração foi sendo encarada como definitiva (Castles, 1995). *Os portugueses fizeram parte das nacionalidades estrangeiras recrutadas no âmbito do sistema de trabalhadores convidados*. O fluxo de trabalhadores portugueses para a Alemanha manteve-se desde então, embora com oscilações ao longo do tempo. Um segundo fluxo relevante deu-se após a queda do muro de Berlim em 1989 e foi constituído por pessoas de etnia germânica originais da Europa de leste. Estes imigrantes possuíam acesso direto à cidadania alemã, não sendo contabilizados nas estatísticas da imigração (Castles, 1995). Também consideráveis são os fluxos de requerentes de asilo que chegam à Alemanha desde os anos 1970, mas que se acentuaram recentemente (Castles, 1995). Em 2015 a Alemanha era o país da UE 28 com maior número de requerentes de asilo: 476.510<sup>77</sup>.

A secção referente à população portuguesa residente na Alemanha, que se apresenta a seguir, tem como principal fonte as estatísticas de estrangeiros (*Ausländerstatistik*) de 2015. Estes dados são divulgados anualmente e baseiam-se nos registos centrais de estrangeiros (*Ausländerzentralregisters*). O critério de classificação utilizado é a nacionalidade. Dada a obrigatoriedade de registo<sup>78</sup> por parte dos estrangeiros, estes dados são os mais fidedignos. Este subcapítulo divide-se em três secções. Primeiro, a emigração portuguesa é analisada numa lógica diacrónica. Em segundo lugar, é traçado um perfil sociodemográfico do *stock* português com base nos dados de 2015. No terceiro ponto as características dos portugueses são comparadas com outros grupos imigrantes residentes na Alemanha.

---

<sup>77</sup> [http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Asylum\\_statistics#Asylum\\_applicants](http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Asylum_statistics#Asylum_applicants) (acedido em 27-12-2016).

<sup>78</sup> Ao contrário do que vigora em outros países, não existe um prazo de três meses para o registo. Uma vez que este é o primeiro passo a tomar antes de qualquer outro processo burocrático (abrir conta no banco, ter segurança social, candidatar-se a um emprego, etc.).

## 5.1. Análise diacrónica

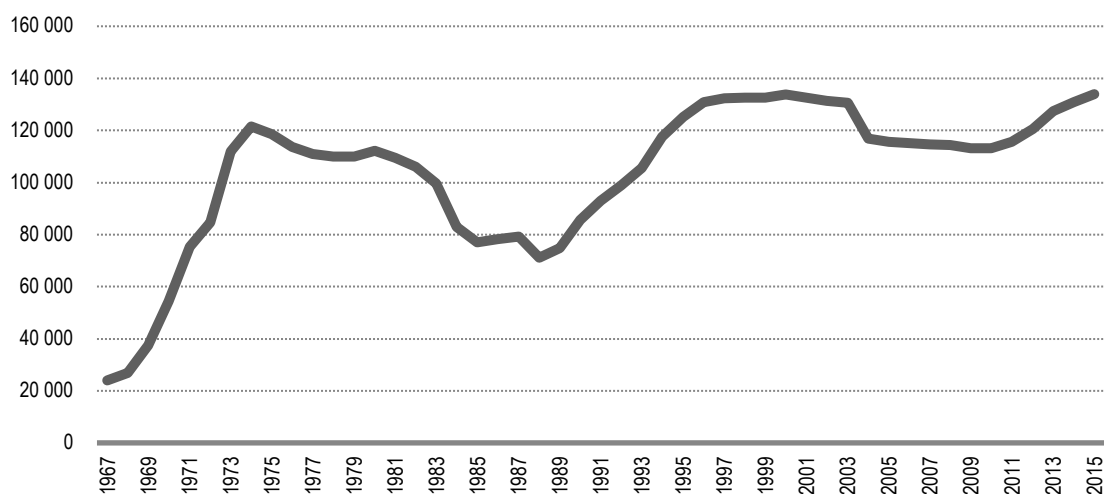
Na Figura 12 são projetados os valores do *stock* de portugueses na Alemanha de 1967 a 2015<sup>79</sup>. Entre os anos de 1967 e 1974 a população de nacionalidade portuguesa inscrita nos registos centrais alemães cresceu de 23.996 para 121.533. Possivelmente, o fim do regime não democrático em Portugal e a crise económica europeia da época implicou um regresso considerável de emigrantes depois daquela data. Desse modo, o quantitativo de portugueses na Alemanha foi gradualmente decrescendo até 1988, ano em que este destino atingiu o número mais baixo para os quais existem registos: 71.068. A partir dessa data, o *stock* de portugueses cresceu, para no ano de 1996 ultrapassar o *record* registado em 1974. Entre 1996 e 2003 o *stock* de portugueses manteve-se acima dos 130 mil. Posteriormente, no período compreendido entre 2004 e 2011, o número de portugueses na Alemanha decrescia, para rondar os 115 mil. A fronteira dos 115 mil portugueses viria a ser ultrapassada no ano de 2012, mantendo um ritmo crescente até 2015, ano em que atinge o valor mais elevado nos últimos 48 anos: 133.929. Em síntese, o número de portugueses na Alemanha tem sofrido alterações ao longo do tempo e podem ser identificados três picos: nos anos 1970 (época dos *gastarbeiter*), anos 1990 (época da reunificação da Alemanha e implementação da diretiva referente aos trabalhadores destacados<sup>80</sup>) e anos 2010 (época da crise e pós-crise).

---

<sup>79</sup> Os anos 1960 servem como marco para as imigrações para a Alemanha, dada a implementação do estatuto do trabalhador convidado. Contudo, a emigração portuguesa para a Alemanha é até anterior ao fluxo protagonizado pelos trabalhadores convidados. Os primeiros portugueses a emigrar para a Alemanha teriam sido os judeus Sefarditas, exilados na época da Inquisição nos séculos XV e XVI (S. Mueller & Pacheco, 2014).

<sup>80</sup> Embora existam alguns relatórios da UE referentes aos *Posted Workers*, não existem séries temporais que permitam validar que o aumento do stock nos anos 1990 se deve a esta diretiva. O estudo qualitativo de Cavalheiro (2000) dedica-se ao destacamento de trabalhadores da construção civil e das obras públicas nos anos 1990, que deslocava para a Alemanha tanto trabalhadores portugueses como oriundos das ex-colónias. Devido à sua natureza qualitativa, também não permite corroborar aquele argumento.

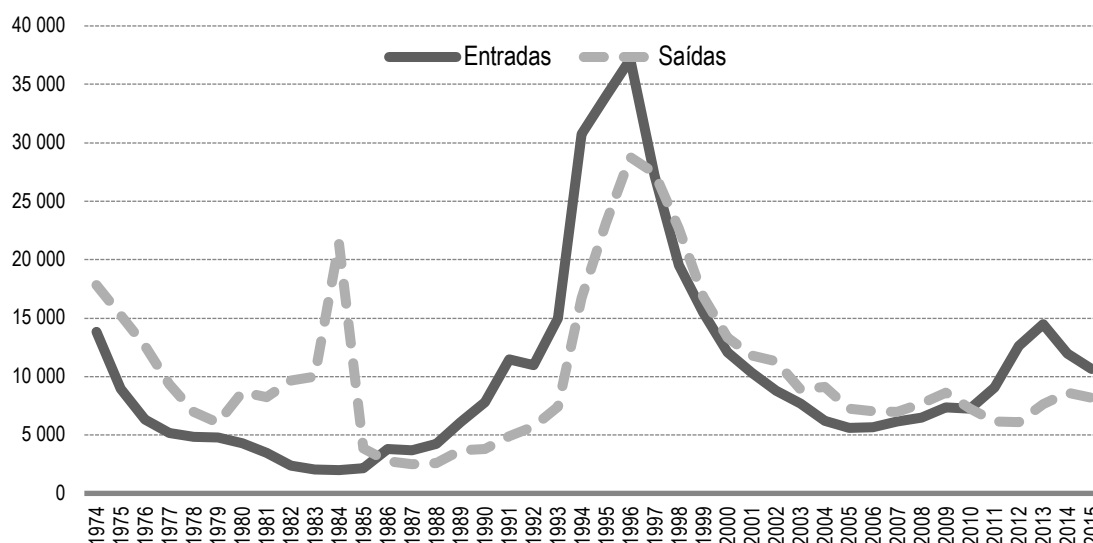
**Figura 12. Portugueses emigrados na Alemanha, 1967-2015 (N)**



*Fonte: DESTATIS (2016)*

Passando para os fluxos, na Figura 13 são projetados os valores das entradas e saídas anuais de portugueses na Alemanha. No ano de 1974 deram entrada na Alemanha 13.815 portugueses. A partir dessa data, e até meados dos anos 1980, a tendência foi para o volume de entradas anuais decrescer. Posteriormente, a partir de 1985 e até 1996, as entradas anuais de portugueses foram crescentes, atingindo o valor máximo de 37.148 portugueses chegados no ano de 1996. Este pico foi causado pela expansão do setor da construção civil e obras públicas ocorrido após a queda do muro de Berlim (Pires et al., 2014). A partir de 2002 o número de entradas manteve-se abaixo das 10 mil por ano. Contribuiu para este refluxo o desinvestimento no setor da construção alemã (Pires et al., 2014) e, possivelmente como fator de retenção em Portugal, as obras públicas de elevado porte levadas a cabo na época em Portugal, como os estádios de futebol construídos para o Campeonato Europeu de 2004 e o considerável número de barragens concluídas em 2004 e 2005. A fronteira das 10 mil entradas anuais voltaria a ser transposta em 2012 e atingiria um novo pico de 14.494 no ano de 2013.

**Figura 13. Entradas e saídas de portugueses na Alemanha, 1974-2015 (N)**



Fonte: DESTATIS (2016)

Com a análise do volume das saídas de portugueses da Alemanha, estas parecem não seguir a mesma tendência que os valores das entradas, embora entre 1974 e 1979 tivessem a mesma tendência decrescente<sup>81</sup>. Durante a primeira metade da década de 1980 (até 1984), o volume das saídas cresceu consideravelmente. É nesta altura que os valores do regresso atingem um primeiro máximo. Posteriormente, e até 2019, as entradas e saídas mantêm-se correlacionadas. Em meados dos anos 90 as saídas atingem um segundo máximo, talvez na sequência da elevada “rotação” que implicava a estada dos trabalhadores ao abrigo da diretiva dos *posted workers*. Entre 2009 e 2012 as saídas da Alemanha abrandam, provavelmente devido aos efeitos da crise sentidos em Portugal. Contudo, como foi referido previamente na secção “Os impactos da crise na Alemanha”, os regressos não foram muito elevados nesta última fase, uma vez que as condições económicas seriam melhores no destino que na origem.

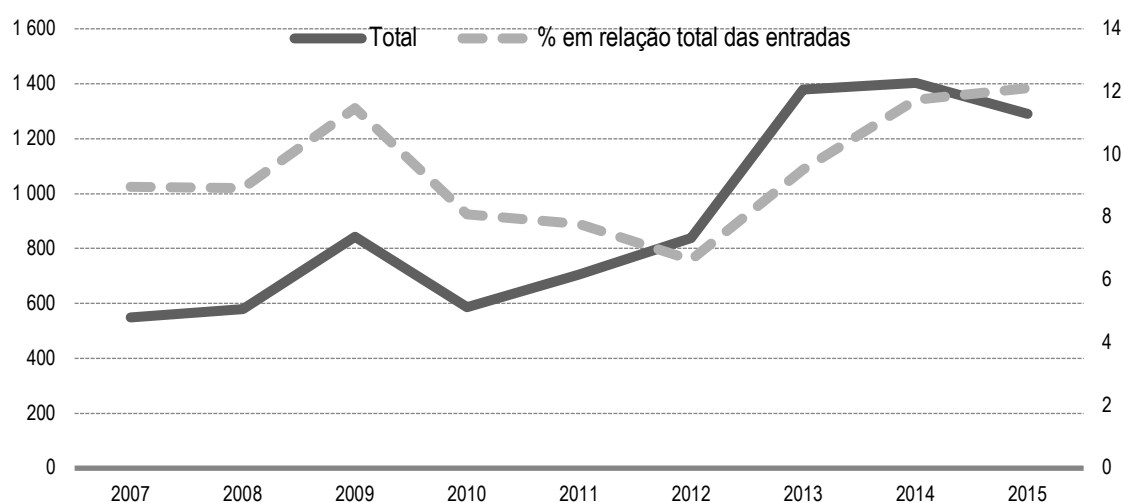
O volume elevado de saídas da Alemanha leva a crer que existe uma elevada rotatividade ou circulação de indivíduos. Uma vez que a análise se encontra circunscrita a um país estudo de caso, e não existe uma análise comparativa, não é possível perceber se este caso de elevado retorno é exceção ou comum a qualquer destino. Os valores das

<sup>81</sup> Os dados anteriores a este período analisados por Corceiro (2005) mais precisamente para o intervalo entre 1962 e 1973 apontavam para um total de 169.000 entradas e 53.000 saídas. O que permite perceber os valores de saídas superiores aos das entradas até meados da década de 1980.

saídas representados na Figura 13 também não permitem perceber se se trata de saídas de emigrantes chegados há pouco tempo, fruto de projetos migratórios de curta duração; resultado de uma integração não bem-sucedida, o que Cerase (1974) tipificou como *return of failure*; ou de regressos no final da carreira migratória, o *return of retirement* do mesmo autor.

Um segundo indicador de que uma parte substancial da emigração para a Alemanha é de curta duração tem como fonte os movimentos ocorridos nos registos de estrangeiros, permitindo conhecer o número de portugueses que deram entrada e saída da Alemanha no mesmo ano (Figura 14). Este é assim um indicador de migrações temporárias, sejam elas devido a uma integração fracassada (*failure*) ou premeditadas num projeto de curta duração como o caso dos trabalhadores destacados (*posted workers*). Em 2007, o primeiro ano para o qual se obteve dados, o número de portugueses a entrar e sair da Alemanha no mesmo ano foi de 549; já nos três últimos anos: 2013, 2014 e 2015, o valor ultrapassou o dobro do quantitativo inicial. Se for tido em conta o peso destas migrações temporárias no total do fluxo anual (que não inclui estes movimentos), é notório que representam o equivalente a cerca de 9% das entradas, com algumas oscilações. Nos últimos quatro anos esta tendência tem sido crescente, assumindo um peso de 12% no ano de 2015. Estes movimentos temporários são sobretudo protagonizados pelo sexo masculino, sendo o número de homens para cada mulher constantemente superior a dois.

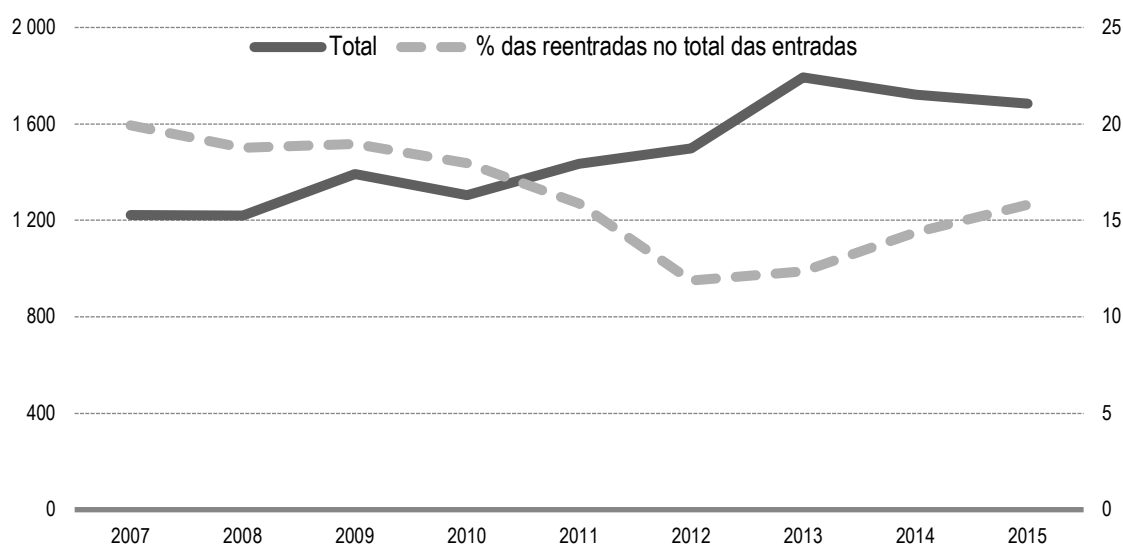
**Figura 14. Portugueses que entraram e saíram da Alemanha no mesmo ano e peso no total das entradas anuais, 2007-2015**



Fonte: DESTATIS (2016)

O terceiro indicador possível de apreender através das alterações nos registos de estrangeiros consiste nas reentradas de portugueses na Alemanha, isto é, o registo de portugueses que já tinham previamente estado registados neste país (Figura 15). Estes dados são interpretados como indicadores de uma migração de circulação. As entradas de portugueses previamente residentes na Alemanha situam-se acima das 1.200 por ano, assumindo, em alguns anos, valores acima dos 1.700. A tendência nos últimos anos tem sido para um aumento destas reentradas. Se for analisado o seu peso no total das entradas anuais, é de referir que estas rondaram entre os 12% e os 20%. Ou seja, em alguns anos, 1/5 dos emigrantes portugueses já tinham residido neste país. No que diz respeito às diferenças por sexo, refere-se que estas reentradas são tendencialmente protagonizadas por homens. Os valores das relações de masculinidade por ano apontam para rácios que rondam os 2 a 3 homens por cada mulher.

**Figura 15. Emigrados portugueses reentrados na Alemanha e peso no total das entradas anuais, 2007-2015**



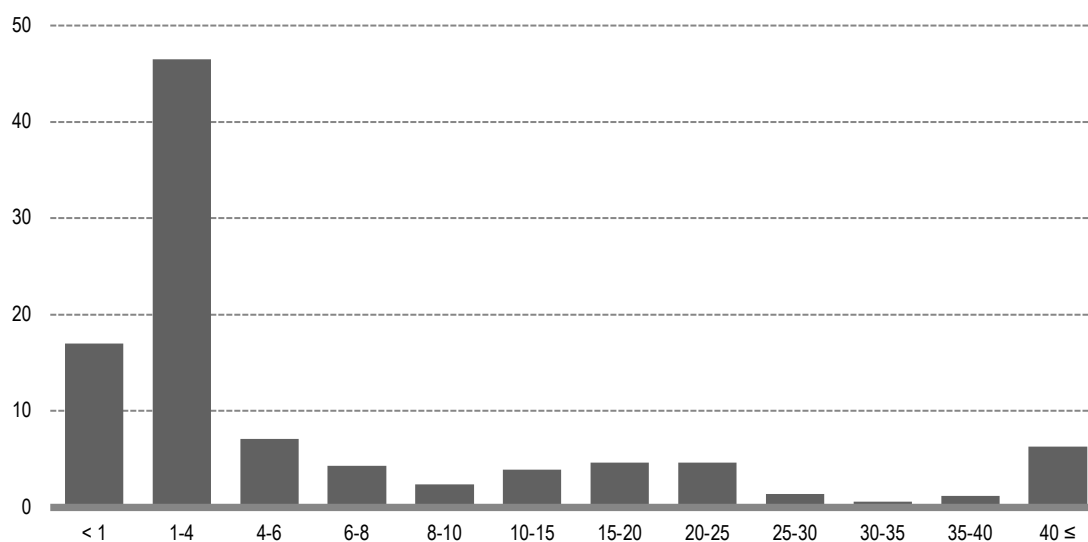
*Fonte: DESTATIS (2016)*

Os dados referentes às reentradas de portugueses na Alemanha demonstram a existência de um elevado vai e vem de emigrantes entre Portugal e a Alemanha. Seria importante perceber as motivações subjacentes a essas reentradas, se dizem respeito a reintegrações fracassadas em Portugal, resultado de redes que se mantêm na Alemanha ou trabalhos sazonais.

Um último indicador diz respeito às saídas dos registos de estrangeiros (Figura 16). Quando um imigrante na Alemanha pretende terminar a sua estadia na Alemanha, deve

dirigir-se aos serviços administrativos da sua área de residência (o equivalente a uma junta de freguesia) e comunicar a sua intenção de sair do país. Contudo, através de entrevista com o consulado português e emails trocados com o instituto de estatísticas alemãs, foi conhecido que nem todos os imigrantes têm conhecimento desta regra, e por não existir nenhuma sanção associada, saem do país sem ter feito essa comunicação formal. Embora não se enquadre numa análise diacrónica, ajuda a seguir o raciocínio dos dados anteriores, uma vez que permite saber se os regressos dos emigrantes se dão após o término do projeto migratório, ou pouco tempo após a chegada. As saídas dos registos em 2015, segmentadas por duração da estadia, permitem perceber que 47% dos portugueses saídos permaneceram na Alemanha entre 1 a 4 anos, e 64% menos que 4 anos. Estes dados reforçam a ideia de que parte considerável da emigração portuguesa para a Alemanha é de curta duração, mas que, passando uma determinada fronteira temporal, tende a ser permanente. Embora este retrato das saídas dos registos diga respeito apenas ao ano de 2015, não deverá ser uma exceção, seguindo uma tendência geral de anos anteriores. Deve ainda ser referido que, embora estes dados sejam interpretados como regressos a Portugal, podem também dizer respeito a remigrações para países terceiros.

**Figura 16. Portugueses retirados dos registos na Alemanha em 2015, por duração da estadia em anos (%)**



*Fonte: DESTATIS (2016)*

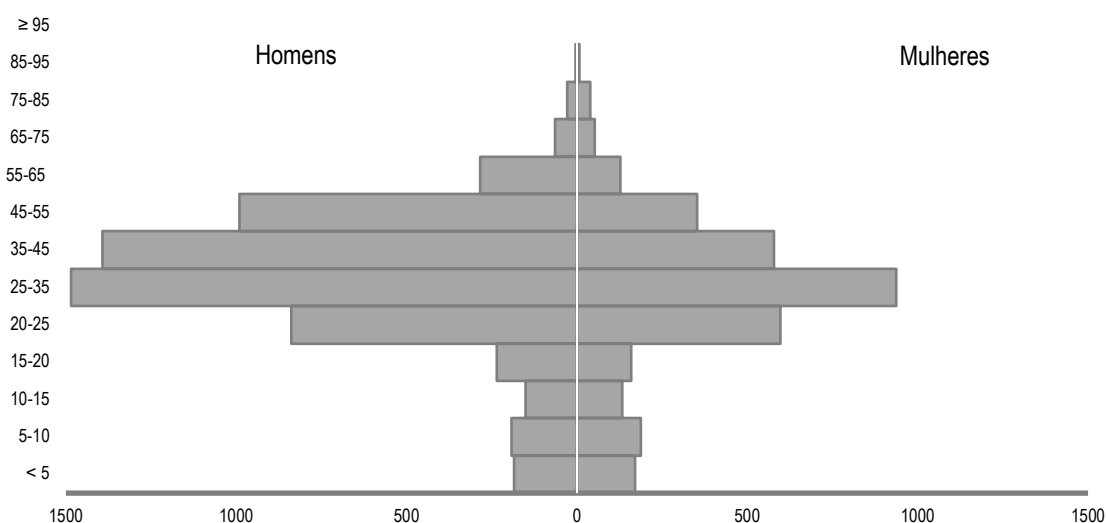
Em suma, os dados das saídas dos registos permitem perceber que uma parte da emigração para a Alemanha é de curta duração, embora não permitam conhecer se esta temporalidade é planeada ou fruto de uma integração não sucedida.

## 5.2. Caracterização da população residente de nacionalidade portuguesa

Nesta secção a emigração portuguesa na Alemanha será retratada na sua sociografia básica, tendo como ponto estático o ano de 2015. Os portugueses na Alemanha serão caracterizados tendo em conta o sexo, a idade, o estado civil, a distribuição geográfica e o peso das segundas gerações.

A estrutura etária é semelhante para ambos os sexos (Figura 17), com uma média de idades de 41,7 anos. Grande parte da população de nacionalidade portuguesa encontra-se concentrada nos escalões entre os 25 e os 55 anos, e especialmente no escalão entre os 35 e os 55 anos (45% dos homens e 41% das mulheres situa-se neste intervalo). O rácio entre o número de homens e mulheres é ligeiramente superior a 1,5 homens para cada mulher. Esta estrutura é distinta da existente, por exemplo, para os cidadãos portugueses no Reino Unido, em que, segundo o Censo de 2011 era de 1,06 (Góis, Marques, Candeias, Ferreira, & Ferro, 2016). O caso da Alemanha contrasta com o Reino Unido por ter um maior acumulado de vagas migratórias e uma menor feminização.

Figura 17. Pirâmide de idades dos portugueses emigrados na Alemanha, 2015 (N)



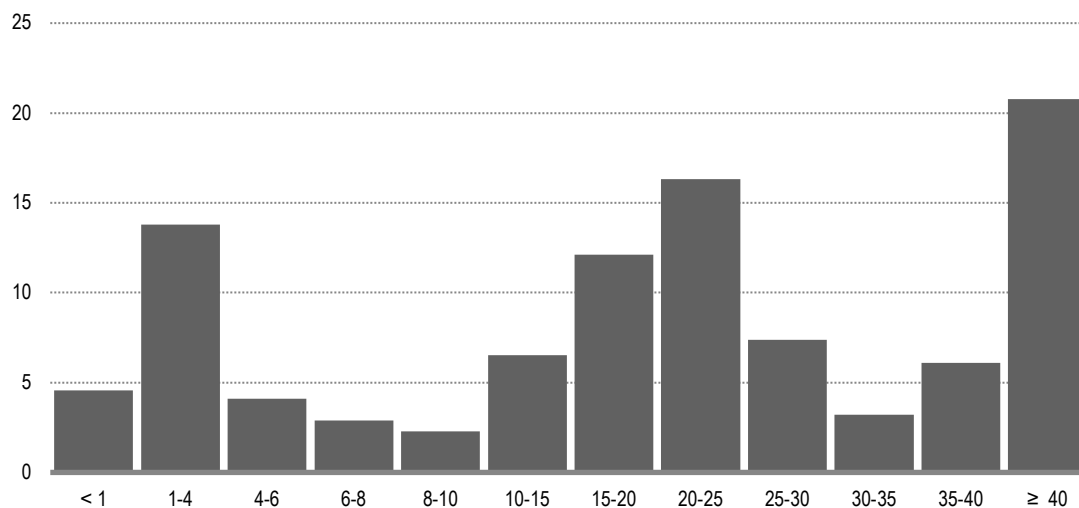
Fonte: DESTATIS (2016)



No que respeita ao estado civil, os portugueses encontram-se equitativamente distribuídos entre a modalidade solteiro e casado. Existem, no entanto, algumas assimetrias de género: enquanto nos homens a situação mais frequente é ser solteiro, para as mulheres o mais comum é ser casada. A proporção de casados com cônjuge alemão, viuvez e divórcio são também superiores no grupo das mulheres. Tal leva a crer que a migração por parte das mulheres deverá ser mais estável, enquanto os parte dos homens protagonizam uma emigração mais temporária ou circular.

A distribuição da duração da estadia dos cidadãos portugueses na Alemanha não é uniforme (Figura 18). 1/5 dos registados encontra-se neste país há mais de 40 anos. Também relevante é o contingente de cerca de 28% que chegou entre 15 e 25 anos atrás. As chegadas mais recentes, no escalão entre 1 e 4 anos, representam 14% dos registos. Estes números refletem, em parte e numa lógica de “espelho”, as vagas apresentadas na Figura 18 referente ao *stock*.

**Figura 18. Portugueses emigrados na Alemanha, por duração da estadia em anos, 2015 (%)**



Fonte: DESTATIS (2016)

A distribuição geográfica dos portugueses na Alemanha concentra-os nos estados federados da Renânia do Norte-Vestefália (28%) e Bade-Vurtemberg (22%), agregando estes dois *lander* metade dos registos. Destacam-se ainda os estados federados de Hesse e da Baviera, com 12% e 9%, respetivamente. Em termos comparativos com as restantes nacionalidades estrangeiras, a nacionalidade portuguesa

consta no *top 5* das nacionalidades estrangeiras mais representadas de 17 dos cerca de 400 distritos alemães<sup>82</sup>. Em Cuxhaven e em Kaiserslautern é mesmo a primeira nacionalidade estrangeira.

Enquanto até agora a análise das características dos portugueses na Alemanha teve como fonte o registo central de estrangeiros, os *microcensus* descritos no capítulo metodológico, são importantes para conhecer o perfil escolar da população portuguesa. Para além das diferenças de ordem metodológica referidas no capítulo anterior, é importante lembrar que esta fonte tem como base a naturalidade. O próximo parágrafo sintetiza os nascidos em Portugal de forma breve, de forma a contextualizar o perfil escolar dos portugueses na Alemanha.

A estrutura etária dos nascidos em Portugal aponta para uma população relativamente bem distribuída, em que 30% se encontrava entre os 45 e os 55 anos, sendo a idade média de 44,9 anos. Trata-se de um contingente que chegou à Alemanha, em média, com 22 anos de idade. O escalão entre os 18 e os 25 anos é o mais frequentado. A duração média da estadia na Alemanha é de 23 anos. Uma observação da distribuição por escalões permite perceber algumas oscilações, embora a situação mais comum seja a dos chegados há mais de 40 anos. Existe também um contingente relevante que chegou há menos de 5 anos; os escalões dos 15 aos 20, e dos 20 aos 25, também assumem algum peso. Os estados federados de residência dos nascidos em Portugal encontram-se concentrados especialmente na Renânia do Norte-Vestefália, em Baden-Wurtemberg e em Hesse. Estes três *lander* concentram 62% dos portugueses.

Uma análise ao perfil escolar dos portugueses aponta para 65% dos nascidos em Portugal possuírem algum grau escolar. Dentro deste sub-grupo com alguma qualificação escolar predomina o *Hauptschule* (curso de nível secundário, com a duração de 5 anos, que tem como objetivo preparar os alunos para a entrada no mercado de trabalho), que é classificado como 2A no ISCED 97, o que poderá ser equiparado ao 2º e 3º ciclo do Ensino Básico português.

---

<sup>82</sup> A Alemanha encontra-se dividida em 16 estados federados (Lander), a divisão administrativa inferior são os distritos (Kreis) que se encontram no nível acima dos municípios. Alguns estados federados, como Berlim e Hamburgo, funcionam como cidades-estado.

A análise respeitante à escolaridade procura também perceber se a emigração portuguesa mais recente tem vindo a ser mais escolarizada. Enquanto o parágrafo anterior dizia respeito às estatísticas gerais que são divulgadas pelo DESTATIS, os dados que se seguem foram pedidos ao instituto de estatísticas alemão de forma a dar resposta à questão da escolaridade dos emigrantes mais recentes (Tabela 5). Os dados dos *microcensus* apontam para cerca de 12 mil portugueses com algum tipo de grau académico superior, 10 mil detentores de um diploma universitário (licenciatura, mestrado ou doutoramento) e também 6 mil graduados com “*Diplom, Magister, Staatsexamen*”, que correspondem a formações de nível superior mais aplicadas e com menor peso de investigação, obtidas na Alemanha (Schneider, 2008)<sup>83</sup>. Não obstante a baixa representatividade estatística, a segmentação por ano de chegada permite perceber que a maior parte destes portugueses detentores de algum grau superior chegaram nos últimos 10 anos. Dos 31 mil portugueses que, em 2016, viviam na Alemanha há menos de 10 anos, 8 mil eram detentores de um grau superior. Dos 93 mil chegados há mais de 10 anos, não existe representatividade estatística para os classificar em algum dos graus académicos. É ainda de referir que, nas estatísticas que são desagregas por escolaridade, tende a existir um número elevado de casos não classificados, ou de classificações não reconhecidas.

**Tabela 5. População nascida em Portugal, total e com formação de nível superior, por duração da estadia, 2016 (milhares)<sup>84</sup>**

	Total	<10 anos	≥10 anos
Universitário	10	7	/
Diplom, Magister, Staatsexamen	6	/	/
Total com grau superior	12	8	/
Total do stock (com ou sem grau superior)	127	31	93

*Fonte. DESTATIS Microcensus (2016)(dados facultados ao autor pelo Federal Statistical Office of Germany Statistics of Foreigners and Integration) Nota: Células preenchidas a / representam que as frequências são demasiado reduzidas e que a estimativa não é suficientemente robusta (inferior a 4 mil). O valor do total “com grau superior” de 12 não é o resultado do somatório entre a categoria “Universitário” e “Diplom, Magister, Staatsexamen” uma vez que estes graus também podem ser atribuídos por ordens profissionais.*

<sup>83</sup> Provavelmente, a soma das suas células é superior ao total, porque alguns graus de Diplom, Magister e Staatsexamen não são atribuídos por instituições do ensino superior.

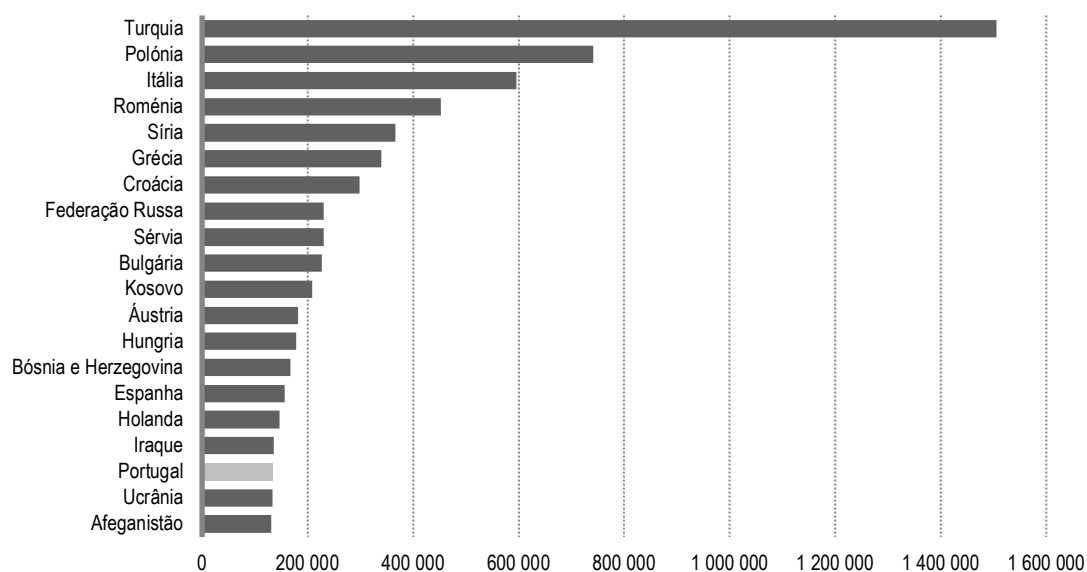
<sup>84</sup> Os dados referentes ao níveis de escolaridade diferem das restantes estatísticas oficiais por dizerem respeito ao ano de 2016, enquanto os demais dados remetem para 2015. Tal deve-se aos dados da escolaridade terem sido obtidos a pedido, após a recolha, análise e publicação dos dados de 2015.

### 5.3. Perspetiva comparativa

Esta subsecção consiste na análise comparativa entre os principais 20 países de origem dos estrangeiros residentes na Alemanha em 2015. O registo central de estrangeiros serve de fonte para a hierarquia das nacionalidades estrangeiras mais frequentes, as idades e duração da estadia. A escolaridade, a dimensão dos agregados familiares e os rendimentos provêm dos *microcensus*.

No ano de 2015 estavam registados 9.107.893 estrangeiros na Alemanha. Uma ordenação pelos grupos nacionais mais representados (Figura 19) mostra que 17% dos estrangeiros eram cidadãos turcos. Em segundo lugar, encontram-se os cidadãos polacos. Estas duas nacionalidades acumulam  $\frac{1}{4}$  dos estrangeiros na Alemanha. Os portugueses eram a décima oitava nacionalidade mais representada, correspondendo a 133.929 indivíduos e 1,5% dos estrangeiros.

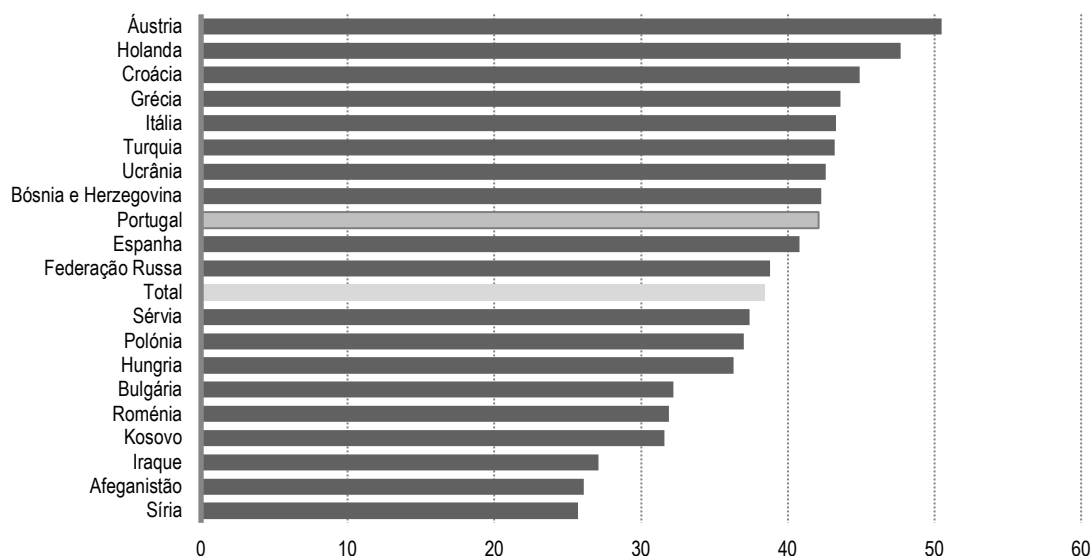
Figura 19. População estrangeira na Alemanha por país de nacionalidade, 2015 (N)



Fonte: DESTATIS (2016)

As idades médias da população estrangeira presentes na Figura 20 oscilam entre os 26 anos, para cidadãos da Síria e do Afeganistão, e os 50,5 anos, para cidadãos austríacos. O valor médio para o total da população estrangeira é de 38 anos. A população portuguesa é ligeiramente mais velha que a média global, com um valor de 42 anos. O que pode ser um indicador de uma emigração mais madura, chegada à mais tempo à Alemanha, e/ou numa posição mais avançada no ciclo de vida.

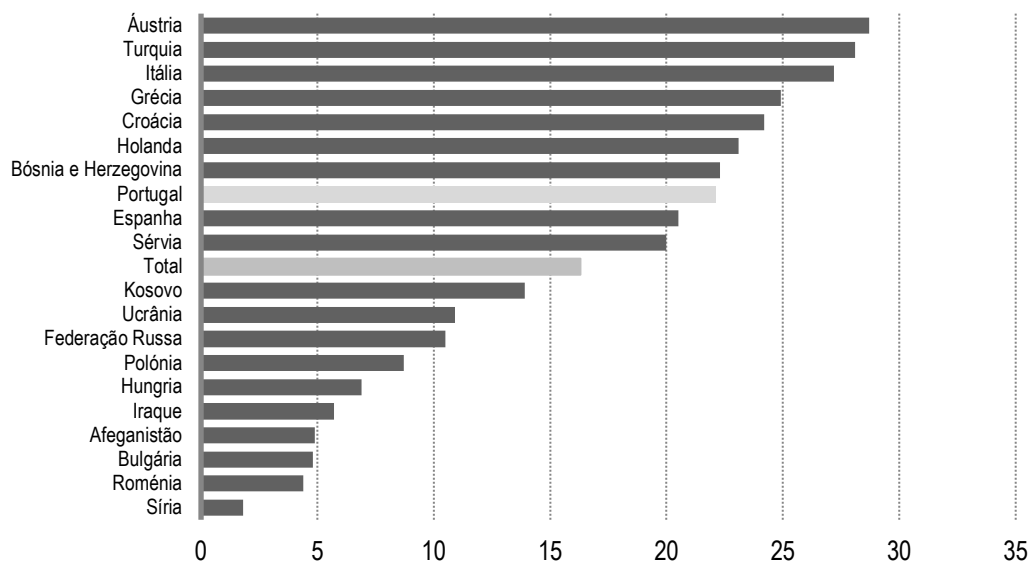
**Figura 20. População estrangeira na Alemanha por país de nacionalidade, segundo a idade média, 2015**



*Fonte: DESTATIS (2016)*

Se for tida em conta a duração da estadia dos estrangeiros na Alemanha (Figura 21), esta varia entre os extremos da nacionalidade síria, com uma média de 2 anos na Alemanha, e a nacionalidade austríaca, com uma média de 29 anos neste país. Se os primeiros chegaram no período pós-crise no âmbito do acolhimento de refugiados, que se tem dado, desde o fim da segunda guerra mundial, por diferentes vagas; os segundos devem resultar de um contingente relevante chegado nos anos 1980. A idade média para o total das nacionalidades estrangeiras é de 16 anos. Os cidadãos portugueses encontram-se acima deste valor de referência, com uma média de 22 anos.

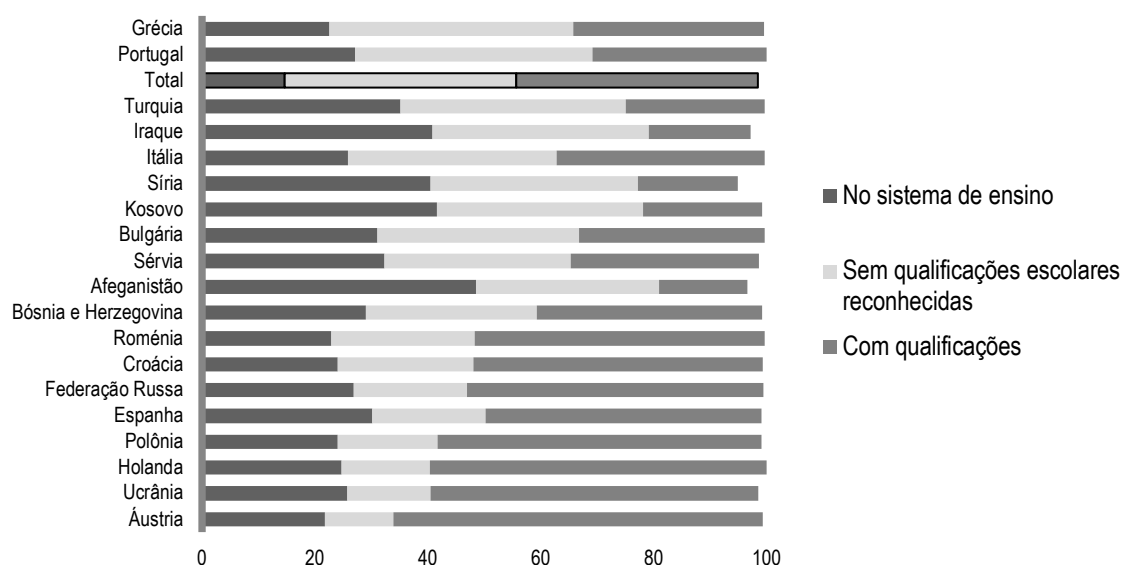
**Figura 21. População estrangeira na Alemanha por país de nacionalidade, segundo a duração da estadia, 2015 (média de anos)**



Fonte: DESTATIS (2016)

Uma análise ao *top* dos grupos com experiência migratória mais representados de acordo com a condição escolar (Figura 22) permite perceber que a permanência no sistema de ensino é bastante diversificada. Parece depender, em grande parte, do quanto recente é o fluxo migratório. Origens como Afeganistão, Kosovo, Iraque ou Síria possuem pesos acima dos 40% da sua população no sistema de ensino. Também a ausência de qualificações escolares é diversificada. Se os oriundos de países como a Áustria, Ucrânia, Holanda ou Polónia possuem menos de 20% da sua população sem qualificações escolares, países como a Turquia, Portugal ou Grécia apontam para 40% ou mais da sua população sem qualificações escolares reconhecidas. Estes três últimos países têm em comum o facto de terem celebrado, nos anos 1950 e 1960, acordos bilaterais de fornecimento de trabalhadores convidados, o que pode ter favorecido uma entrada direta no mercado de trabalho sem necessidade de reconhecimento de qualificações. As qualificações escolares reconhecidas são mais frequentes em países fronteiriços, como Polónia (57%), Holanda (60%) e Áustria (65%), e em algumas ex-repúblicas soviéticas, Rússia (52%) e Ucrânia (58%).

**Figura 22. População estrangeira na Alemanha por país de nacionalidade, segundo a condição escolar, 2016 (%)**

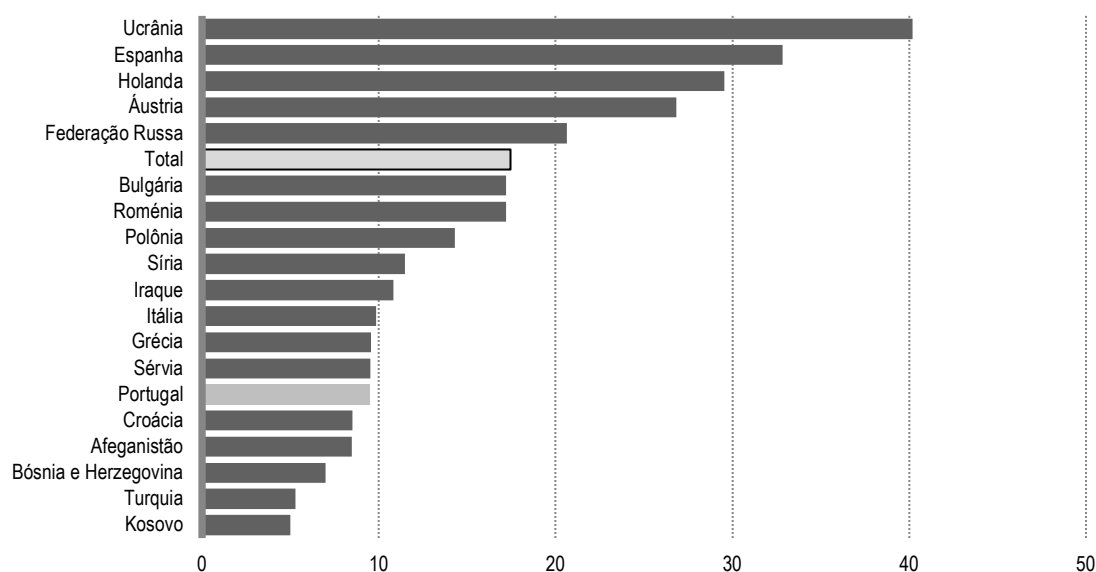


*Fonte: DESTATIS Microcensus (2016) (dados facultados ao autor pelo Federal Statistical Office of Germany Statistics of Foreigners and Integration) tratamento próprio.*

Na Figura 23 são apresentados os pesos dos graduados do ensino superior no total da população com experiência migratória. Estes dados permitem perceber que no topo das populações imigrantes mais qualificadas estão, em grande parte, grupos com origem nas ex-repúblicas soviéticas, como a Ucrânia e a Federação Russa, países fronteiriços, como a Holanda e a Áustria, e a Espanha<sup>85</sup>, com pesos acima dos 20% de graduados com ensino superior. Portugal posiciona-se mais abaixo da ordenação, uma vez que apenas 9% da população com origem portuguesa possui algum grau de nível superior académico.

<sup>85</sup> O caso de Espanha é curioso, pois devido à sua experiência comum com Portugal como país do sul da Europa e ex-fornecedor de trabalhadores convidados, deveria apresentar pesos de qualificações escolares e académicas semelhantes aos de Portugal. Estudos comparativos entre portugueses e espanhóis na Alemanha, como o de Castellani (2018), podem ajudar a desvendar este enigma.

**Figura 23. População estrangeira na Alemanha por país de nacionalidade, segundo o peso dos graduados do ensino superior no total da população com experiência migratória, 2016 (%)**



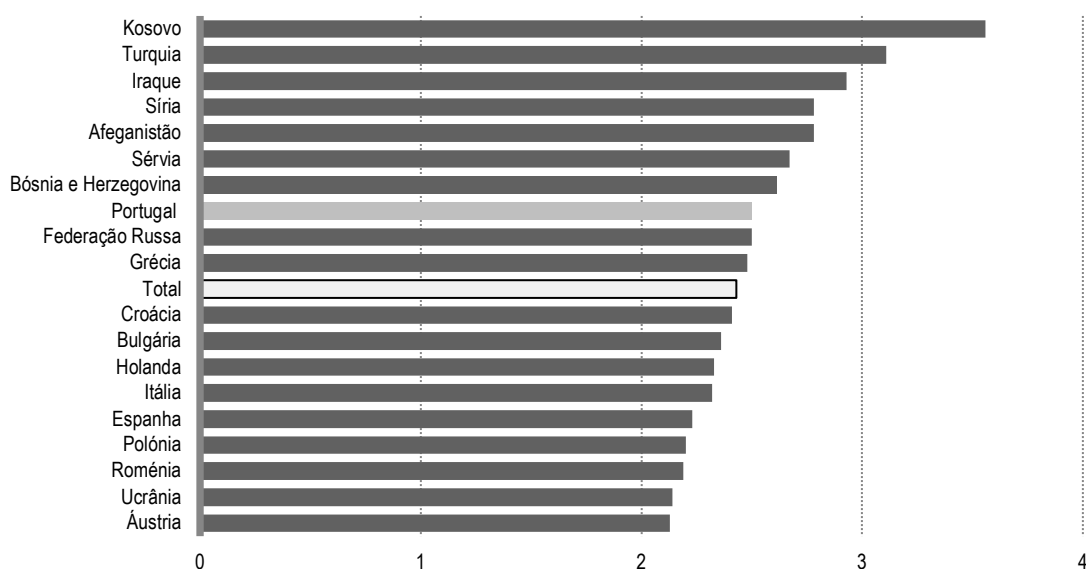
*Fonte: DESTATIS Microcensus (2016) (dados facultados ao autor pelo Federal Statistical Office of Germany Statistics of Foreigners and Integration) tratamento próprio*

A dimensão dos agregados familiares<sup>86</sup> constituídos parcialmente ou totalmente por população imigrante é ordenada na Figura 24 e, em média, é de 2,4 membros. Os valores para os agregados familiares com portugueses são ligeiramente superiores, com uma média de 2,5 membros. Os agregados provenientes do Kosovo são os de dimensão mais elevada o que pode ser resultante tanto de uma migração relativamente recente e com elevado peso de reagrupamentos familiares.

<sup>86</sup> Considera-se agregado com experiência migratória qualquer agregado em que, pelo menos um dos seus membros, tenha nascido num país que não a Alemanha.



**Figura 24. População nascida no estrangeiro por dimensão dos agregados familiares, 2015**

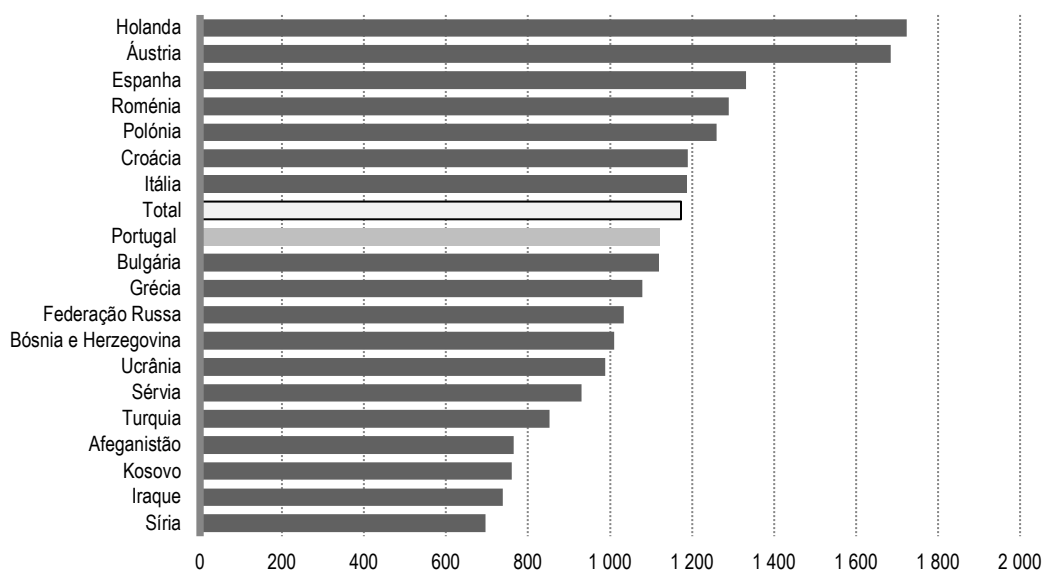


Fonte: DESTATIS Microcensus (2016)

Numa comparação dos rendimentos auferidos pelos principais grupos imigrantes<sup>87</sup> (Figura 25) sobressaem as origens austríacas e holandesas, com rendimentos *per capita* mensais acima dos 1.600€. Já os portugueses apresentam rendimentos ligeiramente acima dos 1.100€ mensais, o que os coloca uma posição abaixo da média do total dos imigrantes (1.173€). Os rendimentos mais baixos encontram-se nos indivíduos oriundos da Síria e do Kosovo, cujos valores médios se encontram abaixo dos 800€ mensais, o que pode estar relacionado com o elevado peso de indivíduos provenientes destes países ainda a frequentar o sistema de ensino (Figura 23), uma elevada dimensão dos agregados familiares (Figura 24), uma presença inferior ou pior remunerada no mercado de trabalho, elevada inatividade em grupos refugiados e baixa taxa de actividade nas mulheres.

<sup>87</sup> O indicador refere-se ao rendimento médio *per capita* de cada membro dos agregados familiares, o que será influenciado pela dimensão dos agregados e pelo peso dos não ativos economicamente.

**Figura 25. População nascida no estrangeiro por rendimento médio *per capita* mensal, 2015**



*Fonte: DESTATIS microcensus (2016)*

De modo a sintetizar a informação referente à análise comparativa, foi corrida uma análise de *clusters* com base no método hierárquico (Figura 26)<sup>88</sup>, com o objetivo de agrupar os principais países de origem da imigração para a Alemanha, tendo em conta as características previamente apresentadas.

O primeiro grupo é composto pela Áustria e a Holanda, países fronteiriços caracterizados pelos rendimentos elevados, agregados familiares de dimensão reduzida, peso elevado de pessoas com escolaridade de nível superior, idade e estadia avançada no país de destino.

O segundo grupo junta os países do sul da Europa (Grécia, Portugal, Itália e Espanha) com os países mais recentes da UE (Croácia, Roménia e Bulgária) e Polónia, que, embora tenha aderido à UE numa vaga anterior, é um país que, como foi referido anteriormente, apresenta uma emigração elevada<sup>89</sup>. Os imigrantes provenientes destes países caracterizam-se por uma idade e estadia na Alemanha de duração intermédia. O

<sup>88</sup> Os *clusters* foram criados pelo método *between-group linkage* e medidos pelo quadrado da distância euclidiana. Foram ensaiadas diversas soluções, sendo a apresentada a mais congruente.

<sup>89</sup> Os anos de adesão à UE por parte destes países foram: 2013 para a Croácia, 2007 para a Bulgária e Roménia e 2004 para a Polónia.

grupo apresenta uma elevada proporção de pessoas sem qualificações escolares reconhecidas ou abaixo da escolaridade obrigatória e um peso médio de altamente qualificados. O tamanho dos agregados familiares é reduzido e o rendimento *per capita* é intermédio. Se este *cluster* for pensado apenas no sub-grupo da Europa do sul, pode-se estar perante uma população em transição, de uma imigração de longa duração de baixas qualificações e baixos rendimentos, para um perfil dual, que tende, com o passar dos anos, a incluir uma imigração mais temporária, mas mais qualificada e mais bem remunerada<sup>90</sup>. Poderá interessar, em futuras pesquisas, aprofundar a comparação da situação da emigração portuguesa com a dos restantes países neste *cluster*.

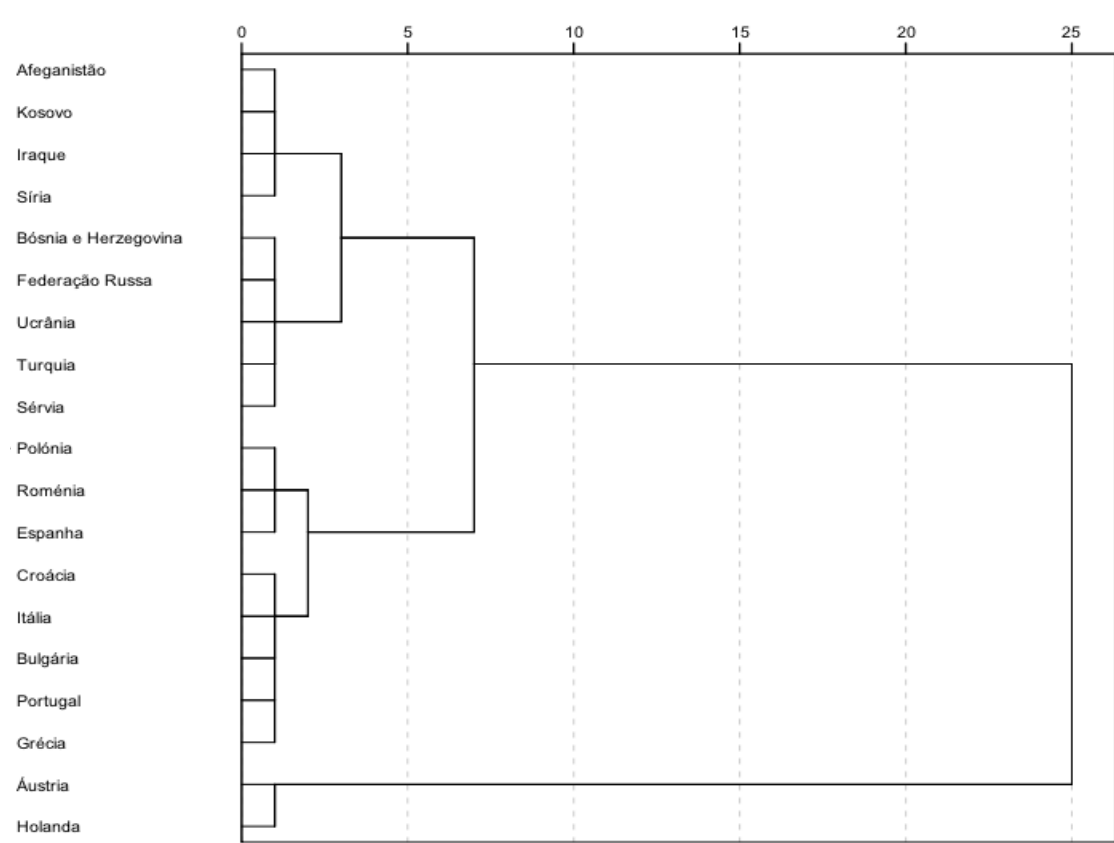
O terceiro grupo agrega especialmente as origens Balcãs (Kozovo, Bósnia e Herzegovina, Turquia e Sérvia), ex-URSS (Rússia e Ucrânia), Médio Oriente (Irake e Síria) e Ásia central (Afeganistão)<sup>91</sup>. Este grupo caracteriza-se pela sua população tendencialmente mais nova, com uma estadia mais recente. No que diz respeito às qualificações escolares, tem um elevado peso de pessoas sem qualificações escolares reconhecidas ou abaixo da escolaridade obrigatória e um baixo peso de altamente qualificados. Os agregados familiares são de dimensão superior e os rendimentos médios são inferiores.

---

<sup>90</sup> Embora seja plausível a associação deste perfil a uma inserção no mercado de trabalho dual de Piore (1979), não é possível verificar esta ideia com os dados disponíveis.

<sup>91</sup> O Afeganistão, embora não faça parte do Médio Oriente, faz fronteira com este território.

**Figura 26. Dendograma da análise de *clusters* com as principais nacionalidades estrangeiras na Alemanha, 2015 e 2016**



*Fonte: Elaborado pelo autor, com base nos dados dos registos centrais de estrangeiros e nos microcensus*

## 6. Conclusões

A emigração portuguesa é, em grande parte, resultado de uma emigração histórica, europeia e transoceânica. Aos destinos históricos vão-se juntando destinos mais recentes, como são exemplo as mais recentes emigrações pós-coloniais, resultado de uma adaptação dessa “constante estrutural” (Godinho, 1978) da sociedade portuguesa ao *Zeitgeist*. O fluxo, que se manteve relativamente estável durante os anos 1980 e 1990, avolumou-se com a viragem do milénio e atingiu picos históricos em 2013/2014. Em parte, estes picos são explicados com a crise económica de 2008, com os seus impactos assimétricos nos diversos países e com a recuperação igualmente assimétrica. No perfil da emigração portuguesa, o segmento mais qualificado, embora uma minoria, tem vindo a ganhar peso relativo e efetivo. Tal é resultado de um aumento geral da escolarização da população portuguesa, do aumento do desemprego neste segmento, e da valorização (pessoal e profissional) da experiência emigratória.

Os dados de *stock* referentes aos portugueses na Alemanha mostram que nunca viveram tantos portugueses neste país como nos anos recentes, mais concretamente, no ano de 2015. Este contingente tem vindo a sofrer alterações ao longo dos tempos e conheceu três grandes fases. A primeira foi protagonizada pelos trabalhadores convidados, recrutados ao âmbito do acordo bilateral entre Portugal e a Alemanha que vigorou entre 1964 e 1973. Uma segunda vaga teria peso durante os anos 1990, resultado da necessidade de mão-de-obra para a reconstrução do país após a reunificação. Desde o início do milénio, as entradas anuais de portugueses na Alemanha rondam uma dezena de milhares, tendo aumentado significativamente na sequência da crise económica de 2008. Muitas destas entradas são dotadas de elevada rotatividade. O número de saídas, embora sempre menor que o das entradas, manteve-se constantemente acima dos 5 mil regressos (ou saídas da Alemanha) por ano. Estes portugueses, na sua maioria, estiveram na Alemanha por um período inferior a 4 anos. Também elevado é o número de portugueses que entra e sai da Alemanha no espaço do mesmo ano civil, valores que, a partir de 2013, se situam acima do milhar anual. Mas estas saídas da Alemanha não são definitivas: desde que existe registo (2007), mais de 1.000 portugueses que entram na Alemanha por ano não o estão a fazer pela primeira vez.

O perfil dos portugueses na Alemanha que é possível obter através das estatísticas oficiais será um perfil “médio”, uma combinação das três vagas, que as mistura e confunde. Tendo em conta essa ressalva, os dados apontam para uma população adulta, com idade entre os 35 e os 45 anos, com um peso superior dos homens face ao número de mulheres. Mais de metade desta população reside nos estados federados da Renânia do Norte-Vestefália e Bade-Vurtemberg. A escolaridade dos portugueses é tendencialmente baixa, ao nível do 2º ou 3º ciclo do Ensino Básico. No entanto, nos últimos anos, o número de portugueses com qualificações de nível superior tem vindo a aumentar, embora continuem a ser uma minoria.

No *top* das populações estrangeiras mais representadas na Alemanha em 2015, os portugueses eram a 18ª principal nacionalidade. Os portugueses são tendencialmente mais velhos do que a média dos imigrantes na Alemanha e também têm uma estadia mais prolongada. A sua escolaridade é baixa, com um baixo peso dos graduados do

ensino superior e com uma elevada proporção de pessoas sem qualificações escolares reconhecidas ou abaixo da escolaridade obrigatória. A dimensão dos seus agregados familiares é próxima da média (ligeiramente superior) e os seus rendimentos médios também se aproximam da média (ligeiramente inferiores). Os portugueses partilham características com outras origens do sul da Europa e com outros países europeus que recentemente aderiram à UE.

# Capítulo 5. A integração dos portugueses na Alemanha

---

## 1. Introdução

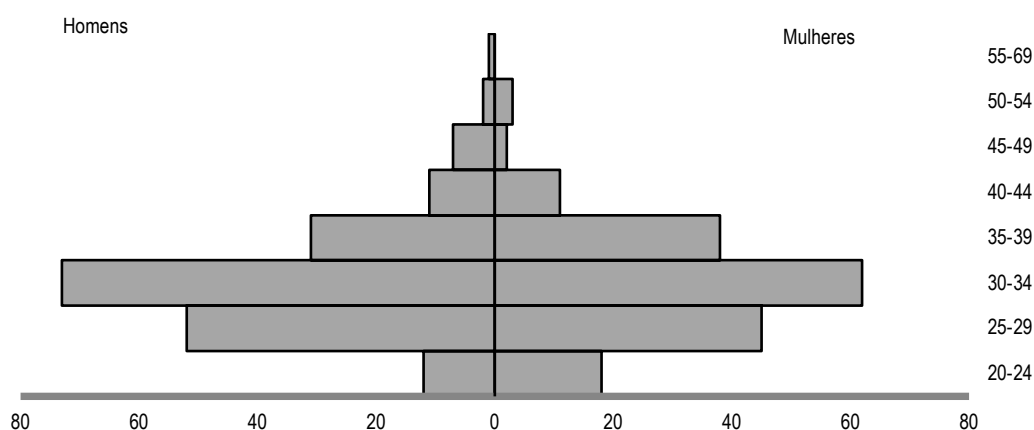
O capítulo referente à integração é composto pelas seguintes secções: 1) caracterização sociodemográfica dos inquiridos no âmbito do projeto REMIGR e dos entrevistados. 2) Trajetória migratória dos mesmos. A secção dedicada à integração propriamente dita analisa diversos indicadores, e segue a mesma divisão que o capítulo teórico: dimensão 3) socioeconómica, 4) política e 5) cultural. Termina-se com 6) uma súmula das principais dificuldades de integração e com uma breve conclusão.

## 2. Uma caracterização sociodemográfica dos participantes no estudo

Embora a caracterização sociodemográfica não seja uma dimensão da integração, optou-se por esta disposição, uma vez que se pretende resumir a sociodemografia ao mínimo indispensável, e, deste modo, não seria relevante ocupar um capítulo isolado. Os indicadores utilizados foram o sexo, a idade, o estado civil, a existência de descendentes, a formação escolar e o estado federado de residência.

A amostra dos portugueses inquiridos na Alemanha no âmbito do projeto REMIGR é projetada na Figura 27, tendo em conta o sexo e a idade. A figura permite perceber que, em comparação com o universo (*vidé* Capítulo 3), a amostra é bastante mais equilibrada em termos de *sex-ratio*, tendo sido apurado um valor de 1,05 homens para cada mulher. A idade dos inquiridos encontra-se concentrada entre os 25 e os 39 anos, especialmente entre os 30 e os 34 anos. A média das idades apurada para as mulheres foi de 32 anos e para os homens de 33 anos.

**Figura 27. Pirâmide de idades dos portugueses inquiridos na Alemanha (n)**



Fonte: REMIGR (2015)

Esta estrutura etária não reflete a estrutura da população portuguesa na Alemanha, o que se deve em grande parte ao inquérito por questionário na Alemanha ter sido aplicado exclusivamente na modalidade *online*. A recolha de dados *online* encontra-se condicionada por dois fatores relacionados entre si: a idade e os níveis de qualificação escolar. Parte-se do princípio que o acesso à *internet* e às redes sociais<sup>92</sup> é mais provável nos estratos mais jovens e mais escolarizados da população. Este pressuposto merece validação teórica e empírica.

A explicação inicia-se com a teoria do *digital divide*, problema que foi identificado nos Estados Unidos, em meados dos anos 1990 (Lievrouw & Livingstone, 2006, p.6). A preocupação focava-se na desigualdade do acesso à *internet*. A análise empírica de Castells (2001) no início do milénio mostrava que o acesso a este recurso tinha fortes clivagens em termos de rendimento, educação, idade, situação perante o trabalho, etnicidade, localização geográfica, composição familiar, e incapacidades (*disabilities*). Com o tempo observou-se uma generalização do acesso à *internet* e o fenómeno perdeu importância (Benkler, 2006 p.236). A preocupação deslocou-se da questão do acesso à *internet* à literacia digital. Existem atualmente diversas definições<sup>93</sup>, mas esta, em traços gerais, diz respeito à habilidade, domínio de técnicas e *skills* para trabalhar em ambiente digital, bem como a capacidade de interpretar a informação obtida *online*, ideia que já tinha sido proposta por Castells (2001) e que posteriormente ganhou relevo com a

<sup>92</sup> De frisar que o estudo não foi apenas divulgado nas redes sociais, mas acredita-se que estas tenham tido um peso relevante na divulgação do inquérito.

<sup>93</sup> Para uma revisão do conceito ver Lankshear e Knobel (2008).



implementação do conceito. Outra teoria, semelhante, foca-se na clivagem por idade e distingue entre os nativos digitais (aqueles que foram socializados com a linguagem informática e são “native speakers”), em comparação com os imigrantes digitais, que a determinada altura da vida adoptaram as novas tecnologias, e por isso têm necessidade de se adaptar ao novo ambiente (Prensky, 2001). Esta última clivagem mantém-se relevante em pesquisas empíricas recentes (e.g.: Román-García, Almansa-Martínez, & Cruz-Díaz, 2016). A referida teoria do *digital divide* é também alvo de críticas, uma vez que é considerada demasiado simplificadora da realidade e que não tem em conta os ambientes sociais em que se dá a relação com a tecnologia, havendo outros fatores relevantes para além da geração, como a posição na estrutura das classes sociais (Almeida, Alves, Delicado, & Carvalho, 2013).

O estado civil dos inquiridos (Tabela 6) aponta para uma maioria solteira (57%). Os restantes 40% são casados ou partilham uma união de facto, e uma pequena parcela de 4% é divorciada ou separada.

**Tabela 6. Estado civil dos portugueses inquiridos na Alemanha**

	n	%
Solteiro/a	209	56,6
Casado/a ou em união de facto	146	39,6
Divorciado/a ou separado/a	14	3,8
Total	369	100

*Fonte: REMIGR (2015)*

O estado civil dos entrevistados pode ser, em parte, reflexo da estrutura etária da amostra. Se a idade média da amostra (31,7 anos para as mulheres, 32,5 para os homens) for comparada com a idade média do primeiro casamento para a população portuguesa, é notória uma elevada coincidência, no ano de 2015 (o ano de aplicação do questionário), quando a idade média ao primeiro casamento era de 32,5 para os homens e 31 para as mulheres.<sup>94</sup> É possível que, em casos de emigrações não familiares, os planos de nupcialidade sejam adiados, uma vez que as emigrações estão a coincidir com a idade média do casamento. A análise seria mais completa se fosse possível aceder aos dados dos matrimónios por idade, contudo, tal não foi possível. Em segundo lugar,

<sup>94</sup> Disponível em

<https://www.pordata.pt/Portugal/Idade+m%C3%A9dia+ao+primeiro+casamento++por+sexo-421> (consultado a 18-03-2019).

tendo em conta que os inquiridos tinham chegado à Alemanha em média há 3 anos, teriam emigrado antes da idade média de casamento.

No que respeita à existência de descendências entre os inquiridos, pouco mais de um ¼ da amostra tem filhos (Tabela 7). A média de idades das mulheres na amostra (31,7 anos) está muito perto da idade média em que as mulheres portuguesas no ano de aplicação do inquérito (2015) tinham o primeiro filho (30,3 anos)<sup>95</sup>. A elevada escolaridade da amostra pode estar associada a um adiamento da natalidade. Segundo os dados apurados por Pintassilgo (2014 p.159) para o ano de 2010, as mulheres fecundas nos escalões etários a partir dos 30 anos apresentam um peso elevado de graduadas do ensino superior. Isto é, mulheres mais escolarizadas tendem a adiar a natalidade. Os valores de inquiridos com filhos encontram-se em consonância com o estado civil (tendencialmente solteiros) e com a estrutura etária (relativamente jovem).

**Tabela 7. Portugueses inquiridos na Alemanha com descendências**

	n	%
Sim	98	26,6
Não	271	73,4
Total	369	100

*Fonte: REMIGR (2015)*

Para além da existência de filhos, os dados permitem conhecer o país de nascimento e residência dos filhos. Uma comparação entre ambos os indicadores (Tabela 8) indicia que, enquanto a maioria dos filhos nasceu em Portugal (62%), apenas pouco mais de 1/5 reside no país de origem dos pais. O que leva a crer que se está perante um elevado número de migrações em família.

**Tabela 8. País de nascimento e de residência dos descendentes dos portugueses inquiridos na Alemanha**

País de nascimento			País de residência		
	n	%		n	%
Alemanha	53	36,8	Alemanha	114	78,6
Portugal	89	61,8	Portugal	30	20,7
Suíça	2	1,4	Espanha	1	0,7
Total	144	100	Total	145	100

*Fonte: REMIGR (2015)*

<sup>95</sup> Fonte:

<https://www.pordata.pt/Portugal/Idade+m%C3%A9dia+da+m%C3%A3e+ao+nascimento+do+primeiro+filho-805> (acedido a 07-11-18).

Um último indicador da situação familiar diz respeito às estratégias de reagrupamento familiar, que são quantificadas na Tabela 9 e mostram que a maioria dos inquiridos (59%) já reside com o cônjuge ou companheiro. Nesta categoria deverão estar contempladas duas possibilidades distintas: i) migração familiar, situação que, embora bastante comum na Europa, se trata, segundo Kofman (2004) de um tema com reduzido interesse por parte da academia; ii) famílias mistas, ou binacionais, tipo de casamentos que tende a ser considerado um indicador crucial para analisar a integração, uma vez que, segundo Kulu e González-Ferrer (2013), se encontra relacionado a jusante com a integração na esfera económica e com melhores resultados escolares por parte dos filhos. Deve ser tido em conta que se trata de uma análise grosseira, em que não foram isolados os inquiridos cujo estado civil é o de casado ou em união de facto, o que incrementaria esta primeira parcela. Em segundo lugar, as estratégias de reagrupamento familiar são reduzidas (5%), o que acompanha a ideia de uma migração de Portugal para a Alemanha com carácter circular e temporário (ou os cônjuges já se encontram na Alemanha, ou não vale a pena o reagrupamento porque se planeia uma migração de curta duração). Existe também um peso bastante elevado de “outras situações”, que se deve, provavelmente, à não aplicação da questão a inquiridos solteiros ou sem relações amorosas presentes.

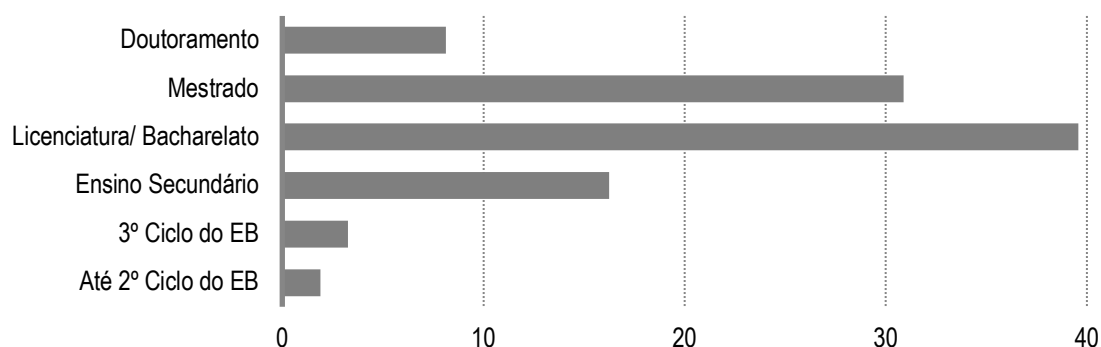
**Tabela 9. Estratégias de reagrupamento familiar dos portugueses inquiridos na Alemanha**

	n	%
Já reside e continuará a residir no país onde vivo atualmente	216	58,5
Provavelmente virá para o país onde vivo atualmente	19	5,1
Provavelmente não virá para o país onde vivo atualmente	14	3,8
Ainda não está definido	27	7,3
Outras situações/ não se aplica	93	25,2
Total	369	100

*Fonte: REMIGR (2015)*

A análise às qualificações escolares dos inquiridos (Figura 28) mostra um elevado peso dos mais qualificados, uma vez que 40% é licenciado ou bacharel, e que 79% possui algum nível de escolaridade de nível superior. Como foi referido anteriormente, estes dados não espelham o perfil da emigração portuguesa na Alemanha e são condicionados pela idade mais jovem da amostra e resultado do processo de inquirição *online*, cuja participação é mais frequente, entre outros fatores, por parte dos mais qualificados (Mohorko, Leeuw, & Hox, 2013).

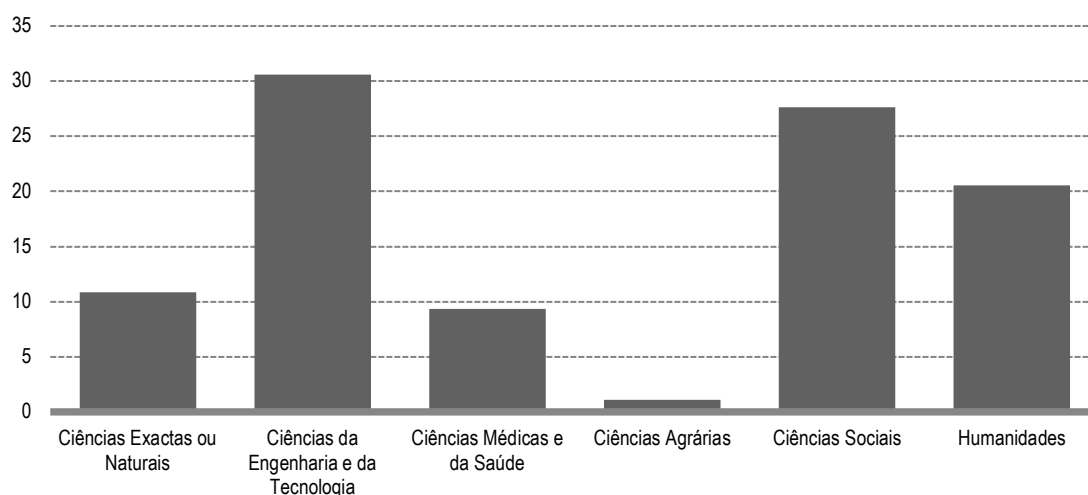
**Figura 28. Qualificações escolares dos portugueses inquiridos na Alemanha (%)**



Fonte: REMIGR (2015)

A área de formação académica dos graduados (Figura 29) aponta para um elevado peso das formações nas áreas das ciências da engenharia e da tecnologia. Este é um dos sectores em que existe uma elevada procura de mão de obra na Alemanha. Como exemplo, no ano de 2000, foi iniciado um sistema de *green card* para especialistas das IT, com o objetivo de recrutar 20 mil profissionais no estrangeiro (Luft, 2012). Embora os portugueses estejam isentos de visto, o caso serve para ilustrar a demanda que existe por mão de obra em determinados sectores. Em segundo e terceiro lugar destacam-se as ciências sociais e humanidades que, juntas, somam quase metade (48%) dos inquiridos com graduação superior.

**Figura 29. Área de formação dos portugueses graduados inquiridos na Alemanha (%)**



Fonte: REMIGR (2015)

Numa tentativa de perceber o quanto a amostra de altamente qualificados reflete a população portuguesa, os dados referentes à área de formação académica foram

comparados com o total de diplomados por área de educação e formação (Tabela 10)<sup>96</sup>. A comparação revela uma sobrerrepresentação dos graduados das ciências da engenharia e tecnologia, que, no universo português, correspondem a 17% dos graduados (*vis-à-vis* 31% da amostra), e também dos graduados das humanidades, que representam 9% dos graduados portugueses e 21% da amostra.

**Tabela 10. Área de educação e formação dos graduados no ensino superior em Portugal, 1994-2017**

	N	%
Educação	182.254	11,6
Artes e Humanidades	141.572	9,0
Ciências Sociais, Comércio e Direito	489.670	31,1
Ciências, Matemática e Informática	105.382	6,7
Engenharia, Indústrias Transformadoras e Construção	261.162	16,6
Agricultura	31.160	2,0
Saúde e Proteção Social	273.364	17,4
Serviços	88.705	5,6
Total	1.573.347	100

*Fonte: Cálculos próprios com base nos dados DGEEC/MEd – MCTES, via Pordata<sup>97</sup>*

Esta sobrerrepresentação destes dois grupos, as engenharias, por um lado, e as ciências sociais e humanidades, por outro lado, ajudam a definir alguma originalidade no perfil da emigração portuguesa para a Alemanha, que assenta muito nestas duas áreas. Com a ressalva de que pode mais ser resultado de um enviesamento da amostra do que de perfis que se possam observar no universo.

Na caracterização dos graduados na Alemanha, é ainda possível segmentar por sexo as áreas de formação académica (Figura 30). O que permite reconhecer uma notória discrepância de género, uma vez que quase metade (48%) dos homens graduados provém das ciências da engenharia e da tecnologia e que 60% das mulheres com grau académico encontra-se associada às ciências sociais e humanas. Estas desigualdades podem ser resultado de fatores contextuais e/ou culturais, uma vez que existem países em que estas diferenças se invertem. Por exemplo, os dados dos anos 1990 recolhidos por Jacobs (1996) apontavam para uma maioria feminina nos alunos de engenharias no

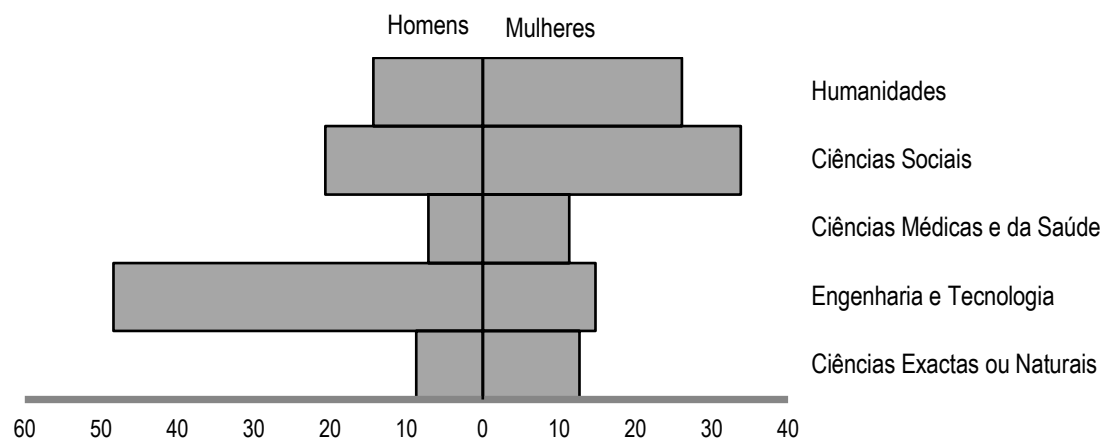
<sup>96</sup> O indicador criado tem a limitação de não corresponder ao universo dos graduados portugueses, mas sim ao intervalo temporal entre 1994 e 2017.

<sup>97</sup>

<https://www.pordata.pt/Portugal/Diplomados+no+ensino+superior+total+e+por+area+de+educacao+e+formacao-222> (acedido a 18-12-2018).

Kuwait, e um peso de 63% de mulheres formadas em matemáticas e ciências de computadores na Polónia<sup>98</sup>.

**Figura 30. Área de formação académica dos portugueses inquiridos na Alemanha por sexo (%)**



Fonte: REMIGR (2015)

De forma breve apresenta-se informação sobre o Estado Federado de residência dos portugueses inquiridos (Tabela 11). Mais de um quarto dos inquiridos residia na cidade/estado de Berlim. Em segundo lugar, com 14% dos inquiridos, posiciona-se Baden-Württemberg e a Baviera. Em quarto lugar, com 12%, encontra-se a Renânia do Norte-Vestfália.

**Tabela 11. Estado Federado de residência dos portugueses inquiridos na Alemanha**

Estado Federado	n	%
Berlim	101	27,7
Baden-Württemberg	52	14,3
Baviera	52	14,3
Renânia do Norte-Vestfália	43	11,8
Hesse	31	8,5
Hamburgo	26	7,1
Bremen	19	5,2
Baixa Saxônia	18	4,9
Saxônia	10	2,7
Renânia-Palatinado	6	1,6
Schleswig-Holstein	5	1,4
Brandemburgo	1	0,3
Total	364	100

Fonte: REMIGR (2015)

<sup>98</sup> Para uma revisão teórica sobre as desigualdades de género no ensino superior ver Jacobs (1996).

Se estes resultados forem comparados com os respeitantes às estatísticas oficiais do capítulo anterior, é de referir que existe alguma equivalência no caso de Baden-Württemberg, da Baviera e da Renânia do Norte-Vestfália, que são dos estados federados onde maior número de portugueses existe, segundo as fontes oficiais. Já Berlim surge muito mais representado nos inquéritos por questionário do que nos *stocks* das estatísticas oficiais.

\*\*\*

Nas páginas anteriores foi descrito o perfil sociodemográfico dos portugueses emigrados na Alemanha que foram inquiridos no âmbito do projeto REMIGR. Estes dados apontam para uma população bastante equilibrada em termos de *sex-ratio*, com um perfil etário também semelhante, a rondar uma média de 32/33 anos de idade. Em traços gerais, a maioria dos inquiridos são solteiros e sem filhos. Aqueles com filhos tendem a viver com os seus descendentes na Alemanha, tendo estes nascido em Portugal. No que respeita ao perfil escolar dos inquiridos, predominam os graduados do ensino superior, com uma sobre-representação dos graduados nas engenharias e tecnologias (no caso dos homens) e das ciências sociais e humanas (no caso das mulheres). Muitos dos inquiridos residia em Berlim, padrão que não encontra correspondência nos *stocks* das estatísticas oficiais, o que pode apontar para uma emigração muito recente para esta cidade, que não conta com um acumulado suficiente para se destacar nas estatísticas alemãs.

Infelizmente, o perfil desta amostra não espelha integralmente o perfil do universo descrito no capítulo referente às estatísticas oficiais alemãs, devido sobretudo ao forte enviesamento a favor das habilitações académicas superiores. Foi argumentado que tal se pode dever à estratégia metodológica adoptada, em que o inquérito foi divulgado, em grande parte, *online*, e com especial ênfase em grupos de discussão nas redes sociais. Foi demonstrado que, embora nos últimos anos se tenha observado uma generalização massiva do acesso à *internet* e da utilização de redes sociais, a utilização dos grupos de discussão é uma prática que carece de alguma literacia digital, seja associada a uma lógica geracional, como de posição na estrutura das classes sociais.

\*\*\*

Após a caracterização da amostra de portugueses que foi inquirida no âmbito do projeto REMIGR, importa agora apresentar a amostra qualitativa. Foram entrevistados 21 portugueses a residir na Alemanha. A amostra foi dividida em 11 entrevistas em Berlim e 10 entrevistas em Hamburgo. Em Berlim foram entrevistados 5 homens e 6 mulheres; em Hamburgo o rácio foi de 7 homens e 3 mulheres. A média de idades para Berlim foi de 35,5 anos e em Hamburgo de 40,1 anos. Provavelmente devido à estrutura etária, em Berlim a maioria era solteira e em Hamburgo a situação invertia-se, para uma maioria ser casada e alguns casos terem o estatuto civil de divorciado. Em igual proporção, em ambas as cidades, os entrevistados coresidiam com cônjuges conacionais num rácio de cerca de  $\frac{3}{4}$  ( $\frac{1}{4}$  era alemão). No que respeita aos níveis de qualificação escolar, todos os entrevistados em Berlim possuíam um grau de ensino superior; em Hamburgo, a amostra foi equitativamente distribuída entre graduados do ensino superior e não graduados. Em Berlim foi mais frequente entrevistar graduados das áreas das humanidades (6), seguidos das ciências da engenharia e tecnologia (4), e ainda uma pessoa formada em ciências exatas ou naturais. Em Hamburgo, também foram cobertas estas três grandes áreas académicas, equitativamente distribuídas, com um ou dois entrevistados por grupo. No que diz respeito às profissões, predominavam em Berlim os especialistas das atividades intelectuais e científicas (8) e alguns trabalhadores dos serviços (3) nomeadamente, de restauração, e de cuidados assistenciais a crianças, de transportes e mudanças. Em Hamburgo, a amostra foi muito mais heterogénea, com um peso inferior dos especialistas (5), alguns trabalhadores não qualificados (2) e um (1) representante de cada umas das seguintes categorias profissionais: técnicos de nível intermédio, trabalhadores dos serviços e operários. A heterogeneidade dos participantes de Hamburgo pode ser justificada pela maior presença de portugueses nesta cidade, bem como pela presença de diferentes vagas migratórias; ao contrário de Berlim que concentra mais portugueses chegados a partir da mudança do milénio. No que respeita à residência em Portugal, predominavam, em ambos os casos, as origens em Lisboa em primeiro lugar, seguidas dos provenientes do distrito do Porto.

### **3. O processo de chegada**

Os dados referentes à trajetória migratória dos inquiridos dizem especialmente respeito ao ano de chegada. Este indicador é cruzado com outros considerados relevantes de forma a perceber algumas dinâmicas ocorridas nos fluxos. São ainda analisados os

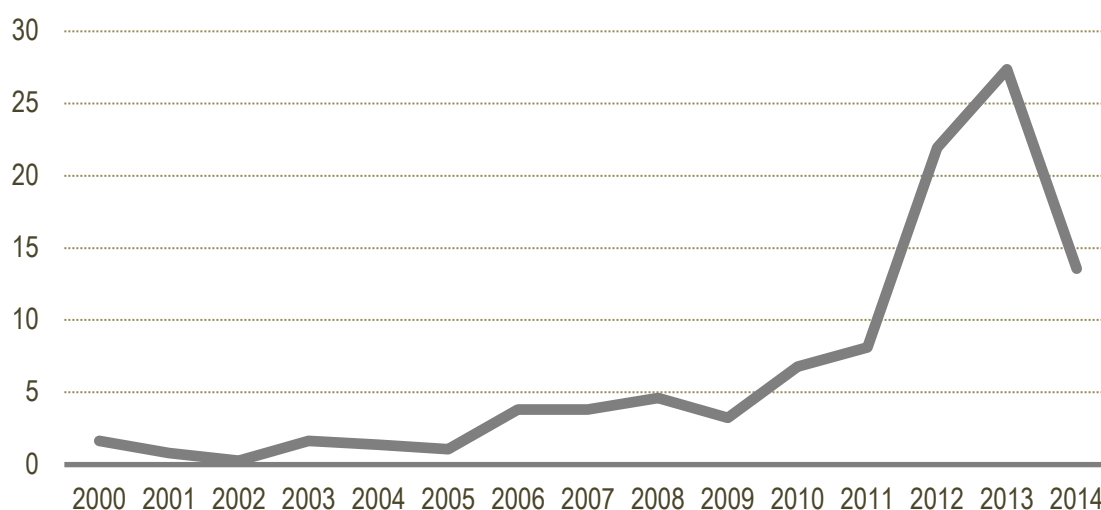


fatores de atração para a Alemanha, com base nos dados do inquérito por questionário e nas entrevistas em profundidade. O que permite responder a duas questões: Quando? E Porquê?

### 3.1. Quando chegaram?

Os dados referentes ao ano de chegada dos inquiridos (Figura 31) acompanham a tendência geral do fluxo que tinha sido apresentada no capítulo referente às estatísticas oficiais (*vide* Capítulo 3). Se forem tidas em mente as três fases da emigração portuguesa para a Alemanha, o inquérito cobriu, essencialmente, o período pós-crise. Há um ligeiro aumento do volume a partir de 2005, seguido de uma redução em 2008 devido à crise financeira; a partir daí o aumento é substancial, atingindo o pico no ano de 2013.

Figura 31. Ano de chegada à Alemanha dos portugueses inquiridos (%)



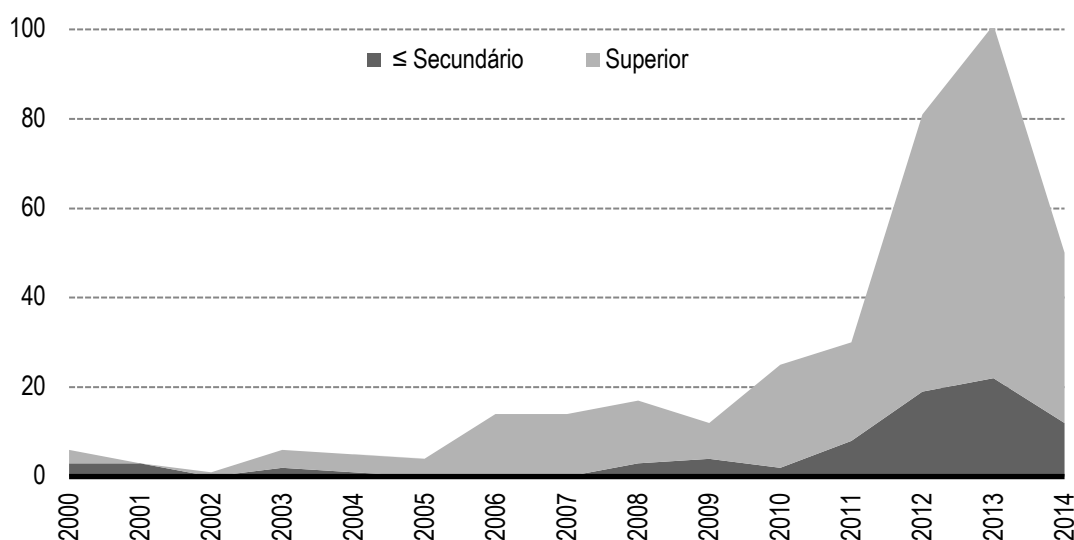
Fonte: REMIGR (2015)

Se os dados referentes ao ano de chegada forem segmentados pelo grau de instrução escolar (Figura 32) é possível perceber que, no período de maior volume, as chegadas aumentam tanto para os graduados do ensino superior, como para os não graduados, embora em qualquer altura predominem os primeiros. Esta evolução descarta alguma hipótese de o fluxo se ter alterado substancialmente com a crise financeira<sup>99</sup>. A crescente importância dos mais qualificados na emigração portuguesa remete para períodos anteriores à crise financeira. Dados das estatísticas oficiais analisados por

<sup>99</sup> Tese que já foi posta à prova para o total da emigração portuguesa em outro trabalho (Candeias, 2017).

Peixoto (2012) apontavam para aumentos consideráveis entre os anos 1990 e o início do milénio.

**Figura 32. Ano de chegada à Alemanha dos portugueses inquiridos por nível de qualificação escolar (n)**



*Fonte: REMIGR (2015)*

### **3.2. Porque vieram? Os fatores de atração com base no inquérito por questionário**

Um fator importante referente à trajetória migratória são os fatores de atração para a Alemanha, uma vez que ajudam a definir perfis emigratórios (Tabela 12). Uma análise descritiva a estes dados aponta para uma frequente nomeação de fatores de ordem económica (oferta ou oportunidades de trabalho e perspetivas económicas positivas, com 62% e 37% respetivamente), o que, na terminologia de Peixoto (2012), podem ser classificadas como migrações por ambição, por dizerem respeito a projetos de mobilidade social ascendente<sup>100</sup>.

Também relevantes são as migrações justificadas pela qualidade de vida (44%). O que se entende por qualidade de vida pode ser dúbio ou subjetivo, uma vez que depende do que cada inquirido considera qualidade de vida. Tendo em conta que não foi proposta uma definição no questionário, e se forem consideradas as dimensões presentes num dos

<sup>100</sup> Os outros tipos de migração propostos são a migração por necessidade (associados a fatores de repulsão como o desemprego), e a migração por proximidade (tanto proximidade geográfica, como política, no caso da cidadania europeia).

principais trabalhos sobre o tema (Nussbaum & Sen, 1993), distingue-se a qualidade de vida baseada em condições materiais, das necessidades sociais e da realização pessoal. Existe, contudo, uma elevada pluralidade de operacionalizações possíveis, umas com indicadores mais abstratos e outras mais detalhadas, o que não permite retirar conclusões substanciais deste item com recurso à literatura.

**Tabela 12. Fatores de atração dos portugueses inquiridos para a Alemanha (%)**

	%
Oferta ou oportunidades de trabalho	61,5
Qualidade de vida	44,2
Perspetivas económicas positivas	36,9
Tinha cá amigos/familiares residentes há poucos anos no país (depois de 2000)	13,8
Conhecimento da língua	13,0
Tinha cá amigos/familiares residentes há muitos anos no país (antes de 2000)	11,4
Pela facilidade de ir a Portugal	10,6
Por não necessitar de visto	4,3
Outro	14,6

*Fonte: REMIGR (2015). Escolha múltipla. Ordenado por ordem de grandeza*

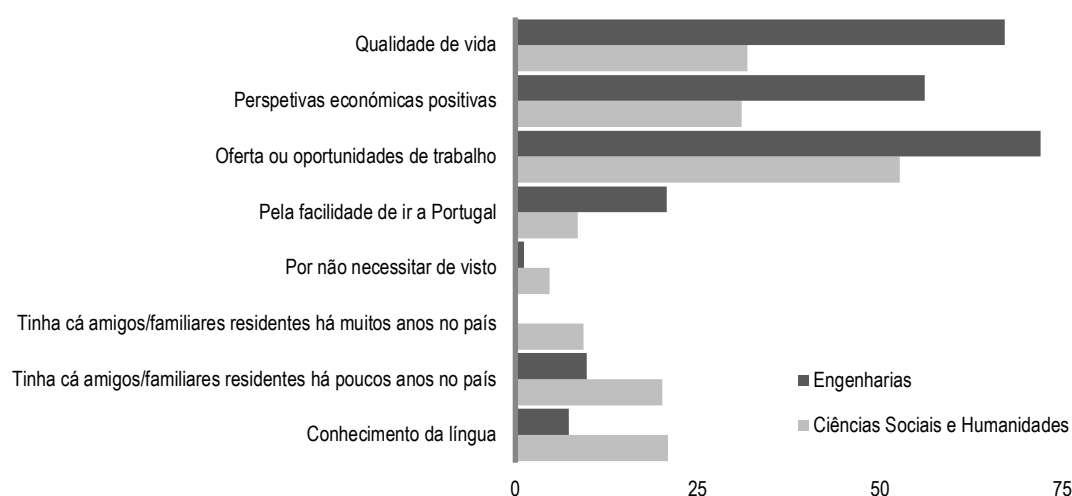
As perspetivas económicas positivas são referenciadas por 37%; nesta categoria deve pesar o diferencial salarial entre os dois países. Dados do OCDE Employment Outlook apontam para Portugal ter sido o país deste grupo em que, entre os anos de 2006 e 2016, se deu a maior uma desvalorização salarial dos graduados do ensino superior e formados do ensino secundário (OECD, 2019).

As redes sociais, pesam bastante pouco na escolha da Alemanha, sendo plausível que sejam mais importantes para emigrantes menos qualificados. Constata-se que esta relação é especialmente relevantes no que respeita às redes de portugueses mais antigas, uma vez que 32% dos inquiridos na Alemanha com menores qualificações escolares apontavam a importância das redes mais sedimentadas na escolha deste país de destino, enquanto apenas 6% dos graduados do ensino superior referiam este fator. Nas redes mais recentes a diferença é menos relevante, embora também sejam mais importantes para os menos qualificados.

Os dados referentes aos fatores de atração também relevam padrões interessantes quando são cruzados com as duas áreas de formação mais frequentes nos inquiridos qualificados (Figura 33). Os graduados das engenharias diferenciam-se dos formados

em ciências sociais e humanas<sup>101</sup> nos itens qualidade de vida, perspectivas económicas positivas e oferta ou oportunidade de trabalho. Já o grupo das ciências sociais e humanidades distancia-se do grupo de referência pela familiaridade com a língua alemã<sup>102</sup>, e pela existência de redes sociais de parentesco e amizade. O que sugere que se pode estar perante uma dualidade de fatores de atração: por um lado, os fatores de ordem económica para os graduados das engenharias; e, por outro lado, o capital social e cultural nos graduados das ciências sociais e humanas<sup>103</sup>.

**Figura 33. Fatores de atração dos portugueses inquiridos por área de formação académica (%)**



*Fonte: REMIGR (2015). Fatores ordenados pela grandeza da diferença entre as áreas de formação académica.*

De forma a complementar os resultados obtidos através dos inquéritos por questionário foram analisadas as motivações que os entrevistados atribuíram às suas decisões de emigrar. As motivações subjacentes à emigração podem assumir diversas justificações, que não são mutuamente exclusivas entre si. Elas são indicadas nas secções seguintes.

<sup>101</sup> Embora se trate de duas categorias (Ciências Sociais, e Humanidades), optou-se pela agregação, uma vez que apresentavam características semelhantes. A diferença mais relevante era a de que os pertencentes ao grupo das humanidades pontuavam valores mais elevados na categoria “conhecimento da língua”.

<sup>102</sup> A relação de identificação com a cultura e língua alemã não aparece como um tema muito referido, ao contrário do que se espera, por exemplo, para a emigração para o Reino Unido (Malheiros, Marques, & Góis, 2016).

<sup>103</sup> Na teoria do capital de Bourdieu (1986), este pode assumir a forma de capital cultural (que pode ser observado através das qualificações escolares e académicas), ou de capital social (a posse de uma rede relativamente institucionalizada de relações de conhecimento e reconhecimento). Estes capitais são mobilizáveis de forma a converterem-se em capital económico.

## As motivações para a migração no discurso dos entrevistados

### *As migrações laborais*

Grande parte das migrações ocorre por motivos laborais. Contudo, deve ser feita a distinção entre as migrações que têm a Alemanha como destino como resultado de redes de contactos existentes neste país, e as migrações que ocorrem sem qualquer contacto prévio com a Alemanha.

No primeiro caso, são importantes os contactos de familiares. Mara<sup>104</sup> socorreu-se de uma prima que facultou alojamento e serviu de mediadora com a entidade empregadora nos primeiros tempos. Zulmira escolheu a Alemanha por ter uma irmã nas mesmas situações. Tanto Sandro como Duarte emigraram para a Alemanha porque neste país teriam as suas mães, que deram acolhimento e ajudaram a encontrar o primeiro emprego. Como é descrito no caso de Sandro:

*Aliás eu sempre tinha o sonho, eu lembro de crescer a dizer: “Quando eu for grande quero ir para o estrangeiro, para ganhar dinheiro.” (E foi?) E tive a minha oportunidade porque a minha mãe já tinha vindo para cá, um ano antes, e então claro, foi tudo muito mais fácil, cheguei cá, já com ajudas. (Sandro, 45 anos, 7º ano de escolaridade, Motorista, em Hamburgo desde 1994)*

O ponto a focar na ilustração acima descrita é o elo de contacto com a Alemanha ser um familiar próximo. O único caso em que o contacto não era um familiar diz respeito a Domingos, que recorreu a um amigo. A justificação pode passar, em especial, pela questão da habitação, uma vez que é indicado por grande parte dos entrevistado (e dos inquiridos) a dificuldade no acesso à habitação nas duas cidades que foram estudadas. A obtenção de alojamento próprio é uma vitória que pode demorar longos meses a alcançar. Por isso, a partilha de habitação com alguém menos próximo pode ser evitada por parte dos emigrantes já estabelecidos.

As migrações descritas acima podem ser classificadas como as migrações laborais orientadas para a Alemanha pela existência de redes sociais de suporte. As situações seguintes dizem respeito a migrações laborais “puras”, isto é, em que não existem outras motivações subjacentes, nem quaisquer laços prévios com o país. Uma particularidade

---

<sup>104</sup> De forma a manter o anonimato dos entrevistados todos os nomes foram substituídos por nomes fictícios.

extra remete para a migração para a Alemanha ser, muitas vezes, fruto de um acaso. Como se pode constatar pelas seguintes ilustrações:

*As coisas não estavam assim muito bem em Portugal, não havia grande emprego na minha área, sempre achei que não havia grande investimento, então comecei a procurar um pouco por toda a Europa, procurei muito em Londres, mas Londres não é uma cidade que me apele muito para viver, procurei em outros países nórdicos as outras opções. Aquela foi a primeira vez que o projeto parecia interessante, fiz bastantes entrevistas em outros países também, mas aquela foi a primeira em que projeto era ambicioso, parecia-me um bom desafio. (Renato, 34 anos, Licenciado, Engenheiro de Software, em Berlim desde 2012)*

*Porque eu cheguei a trabalhar em Portugal. Na engenharia, na área do ambiente, mas era um projeto financiado pelo, já não sei, um dos CREN's, então um prazo de validade completamente absoluto, empresas a falirem no decorrer do projeto, então no final eu disse basicamente: "Não vou tentar arranjar trabalho em Portugal, não vai haver." Então tentei qualquer lado e Berlim foi a primeira coisa que apareceu, e ao mesmo tempo estava-me a candidatar para o tal mestrado na Suécia e tinha um período muito grande entre a candidatura, aceitação. (E porque é que querias vir aqui para Berlim?) Eu não queria, foi a primeira coisa que apareceu, eu nunca tinha estado sequer em Berlim! (Lara, 31 anos, Mestre, Técnica em Empresa de Mapas, em Berlim desde 2010)*

Esta situação de migração laboral “pura” é uma característica dos emigrantes graduados das engenharias e tecnologias<sup>105</sup>, mas mais frequente nos graduados das engenharias modernas do que nas engenharias clássicas, recorrendo à terminologia de Godinho (2008/09). É referido pelos entrevistados que, frequentemente, a natureza das funções que desempenham é independente da localização e que a ida para a Alemanha é simplesmente fruto do acaso. Mas deve ser tido em conta que não será um puro acaso, uma vez que as ofertas neste país para esta área são mais frequentes. Assim, o que é interpretado pelos sujeitos como um acaso, possui um padrão subjacente<sup>106</sup>.

### ***A importância do local***

Identificou-se uma subcategoria dentro das migrações por motivos laborais, diz respeito a pessoas que tinham como plano a migração para um local em concreto. O que remete para um tipo particular de migração, determinada pelo contexto da cidade, especialmente devido à oferta na vertente cultural e artística. Esta situação apenas foi

---

<sup>105</sup> De frisar que em outras situações é a profissão e não a formação que é determinante.

<sup>106</sup> Para uma teorização sobre a questão do acaso, da aleatoriedade e da padronização da atividade profissional, ver Nunes (1999, em especial pp.282-283).

identificada na cidade de Berlim<sup>107</sup>. Para se perceber melhor este contexto, refere-se a etnografia de Eckert e Rocha (2014) sobre o bairro de Kreuzberg (em que muitos dos entrevistados já tinham vivido), que descreve este território como “a capital da criatividade rebelde, da arte subversiva, do manifesto testemunhado em grafites e pichações e muitas instituições alternativas.” (p.238). Uma segunda etnografia, de Kraemer (2017), descreve a procura crescente por habitações no bairro de Kreuzberg, devido ao seu caráter de *hip*, e *edgy*. Neste trabalho é também referenciado um bairro contíguo, Neukölln, com maior presença de imigrantes e mais acessível financeiramente.

Enquanto as etnografias anteriormente citadas remetiam para caraterísticas do local em si, outros trabalhos focaram-se nas motivações dos indivíduos. O estudo sobre artistas americanos em Berlim de von Koppenfels (2014), referia que as migrações para esta cidade eram motivadas pela elevada produtividade artística da cidade, mas também devido ao custo de vida acessível, em comparação com outras cidades europeias, e ainda a existência de regalias não existentes em outros países, como serviços de saúde e férias pagas. O caso de artistas como Guiomar e Santiago mostra como a sua emigração teve como destino a cidade de Berlim e as suas caraterísticas específicas no campo das artes, o que os distingue de outros casos em que não existe qualquer preferência pelo destino em que se encontram por motivos culturais e/ou artísticos.

*(E qual era a principal motivação para vires aqui para Berlim? Tinhas dito que Berlim é que era a tua ideia principal.) Sim, por causa das artes, pensei, Berlim é que vai ser, tem aquele ambiente, toda a gente fala, toda a gente que me conhece diz: “Berlim é a tua cara.” Foi por isso. (Guiomar, 28 anos, Licenciada, Empregada de mesa, em Berlim desde 2013)*

*Achei que Berlim era o sítio ideal por causa do fervilhar cultural da cidade e a minha tese tem a ver com ópera, e a ópera na Alemanha tem uma tradição fortíssima, muito mais do que em Portugal, tanto ao nível de compositores como ao nível de produções, existem vários teatros de ópera só em Berlim e tem três teatros de ópera, etc., portanto achei que era um bom sítio para estar enquanto desenvolvia esse trabalho. (Santiago, 50 anos, Doutorado, Professor de Música, em Berlim desde 2008)*

Tendo em conta o que foi descrito nesta secção, referente à importância do local para a migração, parece relevante recorrer aos conceitos de cidades criativas e de classe criativa de Florida (2003). As cidades criativas são aquelas que se caracterizam pelos três T's (tecnologia, talento e tolerância). E a classe criativa é definida como um grupo de profissionais cujo trabalho implica “to create meaningful new forms” (p.8). A classe

---

<sup>107</sup> Para uma análise da dispersão territorial de outros artistas, *designers* e arquitetos, veja-se Gabriel e Malheiros (2017).

criativa procura cidades criativas porque “What they look for in communities are abundant high-quality experiences, an openness to diversity of all kinds, and, above all else, the opportunity to validate their identities as creative people”.(p.9). As motivações para a migração são referidas da seguinte maneira: “people said that economic and lifestyle considerations both matter”(p.7)<sup>108</sup>.

### ***Reagrupamentos familiares***

A segunda motivação a ser enunciada diz respeito aos reagrupamentos familiares. Estas são situações que, mais do que uma escolha individual, resultam de uma decisão familiar. Estas situações estão presentes apenas nos casos de sujeitos que emigraram quando crianças. Este é o único tipo de migração que exclui os restantes tipos de migração. Também a nível teórico, segundo Kaufman (2018), os reagrupamentos familiares tendem a ser conceptualmente analisados como uma forma de migração distinta da migração laboral. O caso de Amílcar ilustra o contexto em que ocorre este tipo de migração:

*“Isto foi assim, a minha mãe disse ao meu pai: “Como é que é? Ou tu vens para cá, ou nós vamos para aí, ou cada um segue a sua vida!” Então o meu pai, enviou os bilhetes de avião para a gente vir embora, não tinha hipótese.” (Amílcar, 50 anos, 10º ano, Comercial técnico de produtos alimentares, em Hamburgo desde 1974)*

As situações de reagrupamento familiar “puro” (em que não existe mais nenhum fator) são apenas presentes num pequeno nicho de entrevistados, com menores qualificações e que emigraram ainda em crianças.

### ***As migrações por amor***

Em segundo lugar apontam-se as motivações de ordem amorosa, uma vez que se assemelham às anteriores por terem uma componente familiar; contudo, nestas segundas, existe maior individualidade. Estas motivações podem encontrar-se sobrepostas com as justificações de ordem profissional, mas podem também ser uma justificação isolada *per si*. Dentro do que se pode considerar as explicação de ordem

---

<sup>108</sup> O que deve ser distinguido do que comumente na academia se define como *lifestyle migration* - “data, lifestyle migration is the spatial mobility of relatively affluent individuals of all ages, moving either part-time or full-time to places that are meaningful because, for various reasons, they offer the potential of a better quality of life” (Benson & O’Reilly, 2009 p.3) - e que, embora não explicitamente, é usado para classificar as migrações de sentido norte-sul, muito mais associado a *amenity migrations* (e.g.: Gosnell & Abrams, 2011).



amorosa, é importante separar o que são migrações em que ambos os membros do casal são portugueses, o que se torna mais próximo do estatuto de reagrupamento familiar, e o que são casais binacionais, em particular entre cidadãos europeus. Este último é considerado por Wissen e Heering (2014) como o melhor indicador de que a integração europeia se encontra em curso: nas suas palavras, “Euro-marriages are thus, in a way, the litmus test of European integration” (p.126)<sup>109</sup>. Em outros estudos, como o conduzido na República da Irlanda por King-O’Riain (2016), foi conclusão que a decisão de emigrar para o país do parceiro amoroso não foi feita com base em critérios económicos, ou de melhorar a qualidade de vida, mas sim por amor. Segundo esta lógica, a decisão de emigrar não é enquadrada numa escolha de maximizar a sua condição económica, mas sim uma escolha de melhorar a sua felicidade. A originalidade desta pesquisa associar uma racionalidade a uma ação que normalmente não tem esse cunho. Alguns dos casais entrevistados no estudo citado efetuaram sacrifícios, fossem eles deixar empregos estáveis, outros entes queridos, ou a sua cultura. O amor é interpretado como um tipo particular de emoção que motiva a ação de emigrar. Por fim, é de referir que, no estudo de Lopes (2014) sobre jovens portugueses a viver em França, foi referida a importância da emigração para constituir família, especialmente importante no sexo feminino.

Nos entrevistados, as situações de migrações por amor, de encontro com o parceiro a residir na Alemanha, são identificadas nos casos de académicos, o que pode estar associado a alguma flexibilidade ou mobilidade associada à carreira académica. Essa é a situação de Santiago, que, quando se encontrava a fazer o doutoramento, escolheu residir em Berlim, onde já se encontrava a sua namorada. Ou o caso de Maria, que concorreu para posições de pós-doc em Berlim, uma vez que o seu namorado também já se encontrava instalado nesta cidade.

As restantes situações estão associadas à continuidade de relações, tivessem elas início na Alemanha ou em Portugal. A escolha de uma vida na Alemanha em detrimento de uma vida em Portugal tem muitas vezes associado um melhor contexto económico neste país de destino. Como ilustração empírica refere-se o caso de Paulo, que possuía um hostel em Lisboa, e que, com a formalização da relação amorosa com a atual esposa,

---

<sup>109</sup> Os dados trabalhados por Ferreira e Ramos (2011) para o caso português entre 2001 e 2007, de casamentos celebrados em Portugal entre portugueses e naturais de outros países, têm também vindo a aumentar no seu peso relativo (embora o peso absoluto tenha decrescido).

decidiu emigrar, uma vez que a situação económica a nível familiar seria mais favorável na Alemanha.

Embora a tendência geral seja para a formação dos casais ocorrer em Portugal ou na Alemanha, há espaço para situações de “triângulos amorosos de países”, em que o casal consolidou a relação num país terceiro, como é o caso de César:

*Porque a minha namorada está cá. Ela é de Hamburgo. Nós conhecemo-nos em Moçambique e ela teve um percurso. Começou por nos dez anos anteriores a isso, esteve sempre fora de Hamburgo a viver noutros sítios e a trabalhar noutros sítios, a trabalhar pelo mundo, e entretanto ela regressou para cá e eu também já estava há quase dois anos em Moçambique e tinha eu de tomar a decisão se ficava ou se voltava mais perto de casa e como ela estava cá, decidi. (César, 29 anos, Licenciado, Consultor ambiental, em Hamburgo desde 2017)*

Foram referidas as situações de migrações por amor de pessoas que se tinham conhecido presencialmente, mas o conhecimento presencial prévio não é condição necessária para a formação de um casal. Existem situações em que o casal se conheceu pela *internet*, dando início a uma relação à distância que posteriormente toma a forma de uma relação em copresença. É o caso de Isa, residente em Hamburgo desde 1974, que conheceu o atual marido pela *internet*, na altura emigrante no Canadá. Depois de uma viagem de Isa ao continente americano, decidiram reunir-se em Hamburgo. Um segundo exemplo é o de Joaquim, que conheceu a esposa alemã pela *internet* e juntaram o desejo comum de constituir uma família.

*Foi para casar com uma alemã, que foi para me relacionar com esta minha mulher, alemã, então a gente, eu estava numa altura da minha vida que queria fazer família e então entretanto na internet a gente encontrámo-nos, conhecemo-nos através da internet, e foi aí que a gente decidimos vir para aqui trabalhar. Isso, em pouco, curto tempo tudo se desenvolveu, a gente, sei lá, passados cinco meses, ela engravidou, a gente estávamos à procura do filho também, para fazer uma família, entretanto a gente casou-se também no ano passado, e a minha filha nasceu o ano passado também, que ela já tem um ano também, fez um aninho o mês passado. (Joaquim, 43 anos, 8ºano EB, Jardineiro, em Hamburgo desde 2015)*

O ponto em comum nestas duas situações de migrações por amor à distância com relações iniciadas pela *internet*, em ambos os casos, dizem respeito a emigrantes pouco qualificados em termos profissionais e escolares. Contudo, o reduzido número de casos não permite generalizar este tipo de migração a este perfil sociodemográfico. As

migrações consideradas por amor são protagonizadas tanto por homens como por mulheres, por emigrantes mais e menos qualificados.

Até agora, as migrações por amor que foram descritas estiveram associadas ao início de uma relação amorosa, mas também podem ocorrer no sentido inverso, isto é, do término de uma relação. É o caso de Zulmira, cujo término da relação com o então esposo serviu de *trigger* para a emigração:

*(E a principal motivação foi arranjar trabalho?) “Principal motivação eu acho que não foi isso, foi mesmo ter acabado a relação” [que tinha em Portugal]. (Zulmira, 50 anos, 10º ano EB, Enfermeira, em Hamburgo desde 2011)*

\*\*\*

Em síntese, os dados referentes à trajetória migratória dos inquiridos mostram que a maioria chegou à Alemanha entre 2012 e 2014, o que cobre essencialmente a fase associada ao período da crise e da pós-crise. Esta migração é essencialmente de portugueses mais qualificados, sem diferenças relevantes entre o pré e a pós-crise no que respeita ao perfil académico. Os motivos que os trouxeram até à Alemanha são predominantemente de ordem económica e de qualidade de vida. Ao contrário de países como o Luxemburgo, a França ou a Suíça, a importância das redes sociais para a emigração para a Alemanha é reduzida, o que pode ser explicado pelo peso mais reduzido (em termos comparativos) de emigrantes menos qualificados. Foram também verificadas diferenças de acordo com as áreas de formação académica: os graduados das engenharias tendem a referir a qualidade de vida e os fatores de ordem económica, enquanto os graduados das ciências sociais e humanas foram para a Alemanha pelo conhecimento prévio da língua e algumas redes de parentesco e amizade com emigrantes recentes. Com base nas entrevistas em profundidade foram classificados quatro tipos de migrações: i) Migrações laborais, que se dividem em migrações laborais com a existência de redes de suporte na Alemanha, normalmente elos fortes; e o que se considera como migrações laborais "puras", quando não existe nenhum contacto prévio com o país de destino e em que não existe propriamente nenhum desejo de ir para a Alemanha. ii) Migração de uma classe criativa, presente em sujeitos que escolheram uma cidade em particular devido às suas características culturais. iii) Reagrupamentos familiares, protagonizados por sujeitos que emigraram em tenra idade, para se juntarem ao seu progenitor. iv) Migrações por amor e para constituir família, quando os sujeitos decidem emigrar para se juntarem a um ente querido, seja ele conacional ou natural da

Alemanha. Estas migrações são independentes do sexo e dos níveis de qualificação escolar e/ou profissional. Nos três próximos subcapítulos será analisada a integração dos portugueses na Alemanha, seguindo a divisão apresentada nos capítulos teóricos.

## **4. A integração na dimensão socioeconómica**

### **4.1. Nota introdutória**

Os dados referentes à integração dos portugueses na Alemanha que têm como base o inquérito por questionário REMIGR inserem-se, na sua grande maioria, na dimensão socioeconómica. Essa limitação é ultrapassada com o recurso a indicadores presentes nas estatísticas oficiais e nas entrevistas em profundidade. Dada a extensão da secção socioeconómica, esta será dividida numa primeira parte referente à inserção no mercado de trabalho (4.2); uma segunda parte em que serão analisadas as trajetórias residenciais (4.3); uma terceira parte sobre as redes de auxílio e de amizade (4.4); uma quarta parte (4.5) dedicada ao associativismo. Grande parte destes indicadores é analisada numa lógica bivariada, cruzada com fatores considerados relevantes, bem como em análises multivariadas.

### **4.2. Integração no mercado de trabalho**

A análise da integração no mercado de trabalho remete para os seguintes indicadores: a situação perante o trabalho, a profissão desempenhada, o sector de atividade, a duração da procura de emprego e as estratégias de empregabilidade. Com base nas entrevistas em profundidade é proposta uma tipologia de trajetórias de inserção laboral.

#### **O que os números dizem sobre a integração no mercado de trabalho**

Analisada a situação perante o trabalho dos portugueses residentes na Alemanha inquiridos por via do inquérito por questionário (Tabela 13), é de salientar o elevado peso dos empregados por conta de outrem (90%) e o reduzido peso dos trabalhadores por conta própria (8%) e empregadores (1%). Se a situação perante o trabalho dos inquiridos na Alemanha for comparada com a população portuguesa *stay-at-home*, uma análise em “espelho” da tradicional análise dos estudos sobre os imigrantes empreendedores (e.g.: Oliveira, 2008a, 2008b), é de notar que na amostra existe uma elevado peso dos trabalhadores por conta de outrem *vis-à-vis* as restantes situações.

**Tabela 13. Situação perante o trabalho dos portugueses na Alemanha, comparação amostra REMIGR com a população portuguesa residente**

		Amostra REMIGR		População portuguesa	
		n	%	N (milhares)	%
Trabalhador conta outrem	Contrato sem termo	167	47,2	3.710,6	81,6
	Contrato a termo	101	28,5		
Trabalhador por conta própria		23	6,5	596,9	13,1
Empregador		2	0,6	218,2	4,8
Outras situações		61	17,2	23	0,5
Total		354	100	4.548,7	100

*Fonte: REMIGR (2015) e INE-Inquérito ao Emprego (2015), via Pordata<sup>110</sup>*

Os estudos das migrações sobre os empresários imigrantes, mais frequentemente cunhados com o conceito de empreendedorismo imigrante, são mais desenvolvidos para os grupos imigrantes do que para as populações emigradas. Nos primeiros, é de referir que, tendencialmente, os estrangeiros possuem valores superiores de empreendedores em comparação com a população autóctone (Oliveira, 2016). Mas são desconhecidas comparações entre os imigrantes e a população do país de origem. Pode apenas ser referido que, no estudo qualitativo sobre empresários portugueses em Lyon (Diogo, 2012), foi constatado que uma parte destes empreendimentos são de cariz étnico, para servir a comunidade emigrada, que partilha a origem nacional com empresários da construção civil, agentes de viagens e distribuidores alimentares. De momento, não existem explicações para este baixo empreendedorismo emigrante dos portugueses na Alemanha.

Também relevante no indicador da situação perante o trabalho é a existência de 8% de estudantes. Esta categoria deve incluir tanto alunos de licenciatura e mestrado, beneficiários do programa ERASMUS<sup>111</sup>, como bolseiros de doutoramento. Uma análise a este subgrupo aponta para uma população de idade jovem (média 28 anos), com uma parcela considerável de graduados do ensino superior.

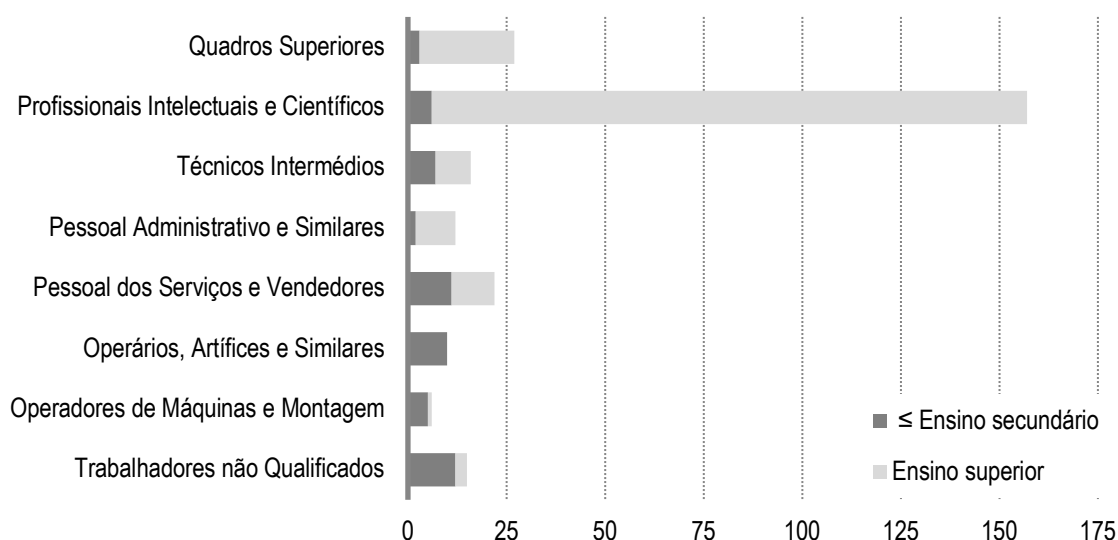
<sup>110</sup>

<https://www.pordata.pt/Portugal/Popula%C3%A7%C3%A3o+empregada+total+e+por+situa%C3%A7%C3%A3o+na+profiss%C3%A3o+principal+-35> (acedido a 17-11-2018)

<sup>111</sup> O site Study.EU (<https://www.study.eu/article/the-study-eu-country-ranking-2018-for-international-students>), que ordena anualmente os melhores países europeus para estudantes universitários, coloca, no ano de 2018, a Alemanha no primeiro lugar dos melhores destinos, tendo em conta os seguintes critérios: i) educação, ii) custos, iii) vida e carreira (consultado a 02-05-2019).

Se for analisada a profissão desempenhada pelos inquiridos na Alemanha à altura do processo de inquirição (Figura 34), é notório o elevado peso dos profissionais intelectuais e científicos, que representam a maioria das respostas dos inquiridos; qualquer uma das restantes categorias profissionais ocupa menos de 10% das respostas. De referir ainda que um décimo dos inquiridos<sup>112</sup> desempenha funções de quadro superior. O estatuto profissional deverá estar relacionado com as elevadas qualificações escolares dos inquiridos apresentadas anteriormente (Figura 28). Como se pode constatar pela Figura 34 existe um elevado peso de graduados do ensino superior nas posições superiores da hierarquia das profissões. Mas existe também algum processo de *deskilling*, isto é, um processo de mobilidade social descendente, resultado de uma baixa compatibilidade (ou incompatibilidade) entre as qualificações escolares ou académicas e as profissões desempenhadas. Situações de *deskilling* na população imigrante já foram identificadas em alguns países de destino da emigração portuguesa, como o Reino Unido (Azar, 2015), ou a Noruega (Haakestad & Friberg, 2017).

**Figura 34. Profissão atual dos portugueses inquiridos na Alemanha por nível de qualificação (n)**



Fonte: REMIGR (2015)

De modo a perceber melhor como se dá este *deskilling*, procurou-se operacionalizar o conceito de forma a poder ser aferido através dos dados disponíveis. É proposta uma taxa de *deskilling* que consiste, em primeiro lugar, em isolar os emigrantes com

<sup>112</sup> Os valores não dizem respeito à percentagem de inquiridos, mas sim à percentagem de respostas. Dado o elevado número de *missing values* (estudantes, profissões não classificadas), é feita referência à percentagem de inquiridos apenas para facilitar a leitura.

qualificações académicas superiores, isto é, licenciatura, mestrado ou doutoramento. Em segundo lugar, é apurado o peso de graduados que não se encontram a desempenhar profissões classificadas nos grupos 1 e 2 da Classificação Nacional das Profissões (CNP)<sup>113</sup>. Este cálculo permite obter o que se considera uma taxa de *deskilling*. A taxa proposta pode ser analisada ao nível dos países ou ao nível dos indivíduos, deixa-se a primeira para outros trabalhos devido ao espaço que iria ocupar nesta tese, e centra-se a análise ao nível dos portugueses na Alemanha. A visualização da Tabela 14 ajuda a perceber que, na Alemanha, foram apurados 34 casos de respondentes que, embora sejam graduados do ensino superior, desempenham profissões classificadas nos grupos 3 a 9 da CNP. Também foram apurados 9 casos de sujeitos que, embora não sejam graduados do ensino superior, desempenham profissões dos dois primeiros grupos da CNP. Os restantes casos são os casos bem classificados (de acordo com a lógica adoptada).

**Tabela 14. Variáveis usadas para o indicador de *deskilling* (n)**

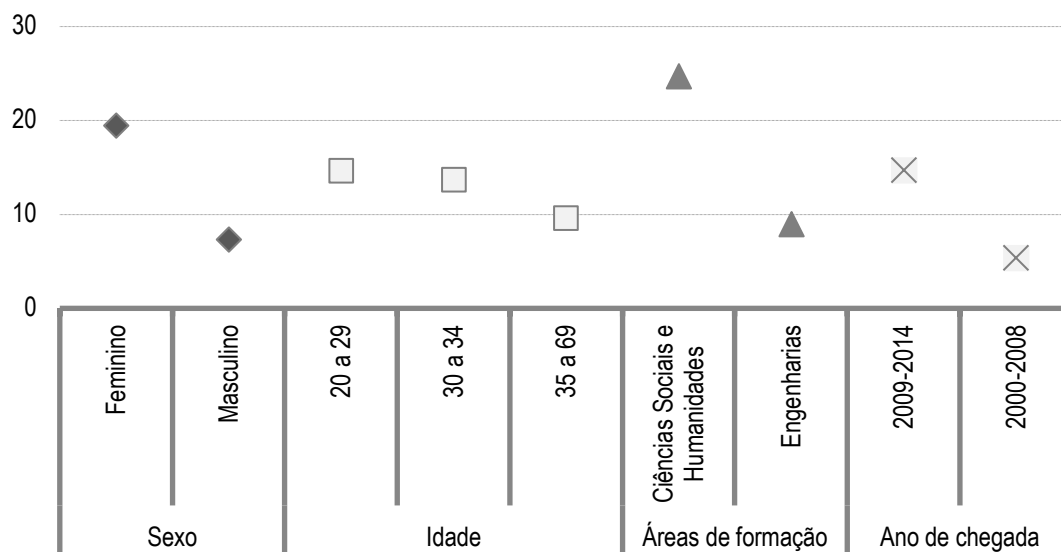
	Ensino secundário	Ensino superior
Profissões do grupo 1 ou 2	9	175
Profissões do grupo 3 a 9	49	34

*Fonte: REMIGR (2015)*

Uma análise do indicador de *deskilling* pelos principais fatores (Figura 35) permite perceber que a desqualificação é mais frequente nas mulheres do que nos homens (com uma diferença de 12 pontos percentuais), o que reforça a ideia de uma desigualdade de género, que se encontra presente em outros indicadores. É mais frequente nos emigrantes com menos de 35 anos, o que pode indiciar alguma relação com o ciclo de vida. Nas duas grandes áreas de formação académica, os graduados das ciências sociais e humanas assumem um valor de 16 pontos percentuais superior face aos graduados das engenharias e das ciências da tecnologia. Pensando no ano de chegada, é mais frequente nos emigrantes mais recentes, o que pode relacionar o *deskilling* com a trajetória migratória dos inquiridos.

<sup>113</sup> A Classificação Nacional das Profissões é a nomenclatura utilizada pelo Instituto Nacional de Estatística para classificar as profissões nos diversos instrumentos de recolha de informação (Censo, Inquérito ao Emprego, etc.)

**Figura 35. Deskillling por principais fatores (%)**



Fonte: REMIGR (2015)

### **Sector de atividade**

No que respeita ao sector de atividade (Tabela 15), a situação mais frequente é a atividade na indústria transformadora (21%), seguida das atividades financeiras e serviços (11%) e o comércio, alojamento, restauração e transportes (11%). O elevado peso na última categoria (“outra situação”) pode ser explicado pela existência de estudantes, bem como de casos não classificados.

**Tabela 15. Sector de atividade dos inquiridos**

	n	%
Indústria	74	21,4
Construção	19	5,5
Comércio, alojamento e restauração, transportes	37	10,7
Atividades financeiras, serviços às empresas	39	11,3
Educação	34	9,9
Saúde	28	8,1
Atividades pessoais, familiares e domésticas	12	3,5
Outra situação	102	29,6
Total	345	100

Fonte: REMIGR (2015)



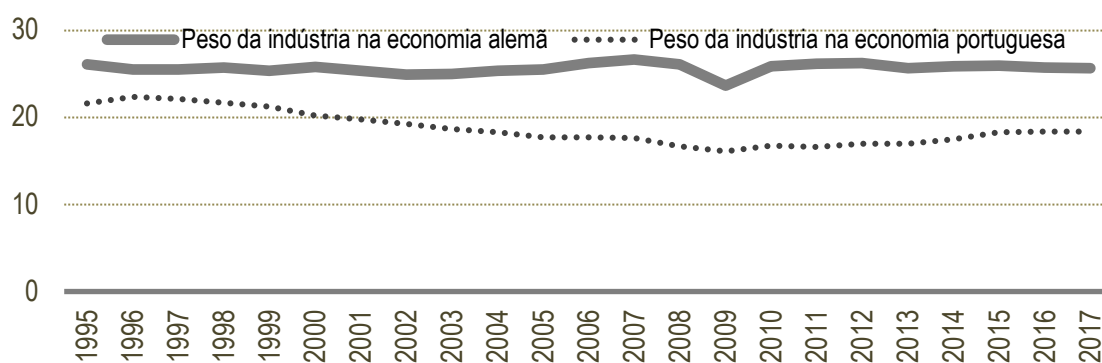
O elevado peso dos emigrantes portugueses recentes inseridos no sector da indústria pode ser explicado por dois fatores. Um primeiro relacionado com o perfil da economia alemã, e outro associado à diferença estrutural da economia entre os dois países. No primeiro caso, é de referir que os dados referentes ao Valor Acrescentado Bruto (VAB)<sup>114</sup> no setor da indústria apurados pelo EUROSTAT (via Pordata) demonstram que a Alemanha era, em 2015, o país europeu que mais riqueza gerou: 711.692 milhões de euros, enquanto Portugal ocupava a 18ª posição, com 28.753 milhões de euros. O que leva a deduzir que na Alemanha existirá uma necessidade de mão-de-obra nesta área bastante superior à existente em Portugal. Contudo, está-se perante economias de dimensões distintas. Um modo de contornar essa disparidade é comparar o peso da indústria no total do VAB gerado por cada um dos países. Os dados atenuam ligeiramente a disparidade, mas seguem o mesmo sentido: na Alemanha o peso da indústria era de 26% e em Portugal era de 18%. O que leva a pensar que portugueses com formação adequada para trabalhar no sector industrial terão maiores possibilidades de encontrar trabalho na Alemanha do que no seu país de origem.

Uma última análise para explicar o peso dos portugueses empregados na indústria, de carácter diacrónica, mostra que, entre os anos de 1995 e 2017 (para os quais existem dados), o peso da indústria para o VAB alemão tem-se vindo a manter constante, acima dos 25%, apenas tendo descido abaixo deste valor no ano de 2009, provavelmente devido ao impacto da crise económica (Figura 36). Já em Portugal, o peso da indústria, que foi sempre abaixo dos valores expressados para a Alemanha, decresceu entre 1996 e 2009, para recuperar timidamente desde então. Em suma, a estabilidade alemã contrasta com a instabilidade portuguesa.

---

<sup>114</sup> Definido segundo o sistema de metainformação do INE como “a riqueza gerada na produção” (via portal Pordata).

**Figura 36. Comparação do peso da indústria no VAB de Portugal e Alemanha, 1995-2017 (%)**

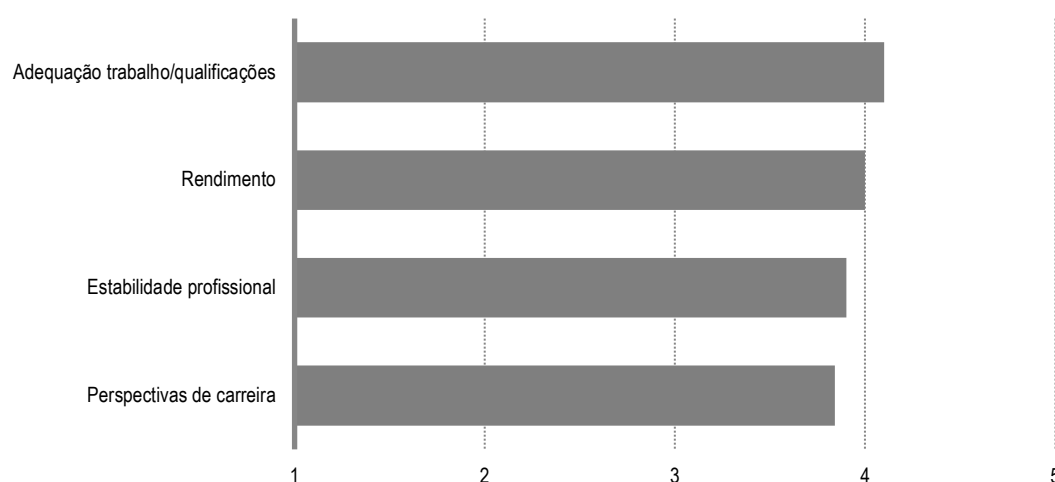


Fonte: Eurostat (via Pordata)

De seguida, são apresentados dois indicadores referentes à qualidade das atividades laborais desempenhadas. Um mais concreto e objetivo, o rendimento, e outro mais subjetivo, mas igualmente relevante, a satisfação perante o trabalho.

De modo a aferir a satisfação perante a profissão, foi aplicada uma bateria de questões em escala tipo *Likert* com cinco pontos de graduação<sup>115</sup> (Figura 37). Os resultados mostram que a satisfação é elevada em qualquer dos itens, uma vez que as médias rondam o valor de quatro, o que deve ser considerado elevado tendo em conta o ponto médio do valor três.

**Figura 37. Satisfação perante a profissão dos portugueses inquiridos na Alemanha (médias)**



Fonte: REMIGR (2015)

<sup>115</sup> Escala: 1=nada satisfeito, 5=muito satisfeito.

De modo a interpretar estes resultados foram analisados os dados do Eurobarómetro (2014) referentes às condições de trabalho na Europa. Os dados deste inquérito posicionam a satisfação perante as condições de trabalho na Alemanha numa posição elevada. Os alemães ocupam o décimo lugar no *ranking* dos mais satisfeitos com as condições de trabalho no seu país; os portugueses ocupavam a vigésima terceira posição. Ou seja, em termos comparativos, os portugueses partem de um contexto em que a satisfação com o trabalho é consideravelmente baixa (23 de 28), para uma situação cujos valores médios de referência incrementam bastante (10 de 28). Evidentemente que se deve ter alguma atenção para a possibilidade de se estar perante uma falácia ecológica, isto é, o problema de estabelecer relações causais com dados a nível agregado<sup>116</sup>. É plausível pensar que a satisfação laboral da população imigrante seja inferior à da população autóctone.

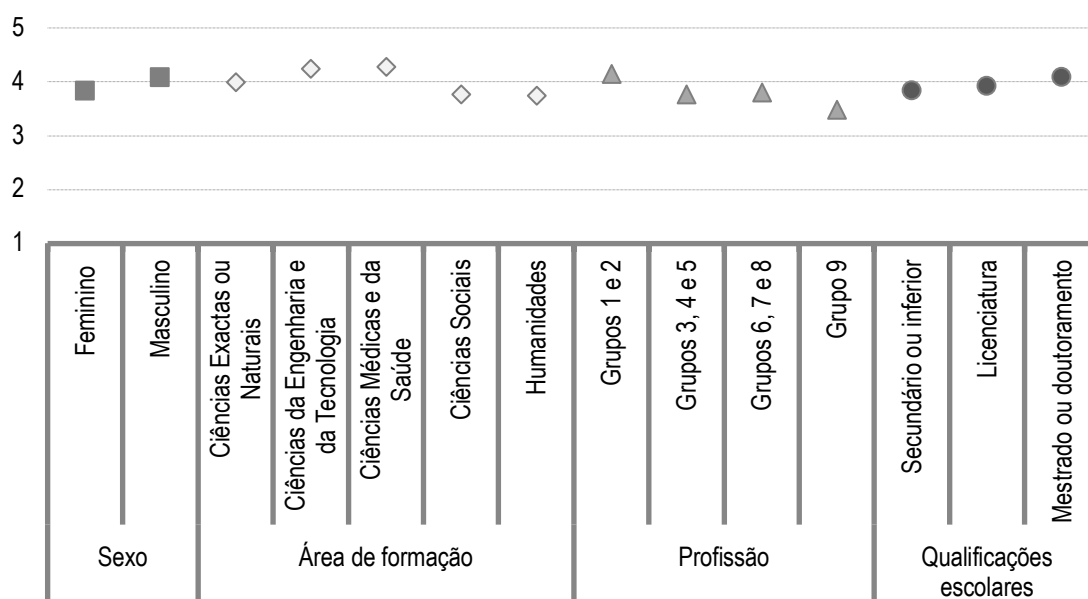
Estatisticamente, os itens referentes à satisfação laboral apresentam uma consistência interna moderada (*Alpha* de *Cronbach* = 0,8), de acordo com os valores de referência (Marôco & Garcia-Marques, 2006). Deste modo, foi criado um índice de satisfação laboral que consiste na média dos quatro itens, com o fim de ser utilizado numa análise multivariada.

De modo a perceber variabilidades no índice de satisfação perante o trabalho, este indicador foi cruzado com um conjunto de fatores considerados relevantes (Figura 38). Observa-se que a satisfação laboral é mais elevada nos homens, nos graduados das engenharias, tecnologias, ciências médicas e da saúde, nos profissionais dos dois primeiros grupos da CNP e nos graduados do segundo e terceiro ciclo do ensino superior.

---

<sup>116</sup> O que faz com que, muitas vezes, correlações que existem a nível individual não se observem a nível agregado. O termo foi cunhado por Robinson (1950), conhecendo-se posteriormente os refutadores e relativizadores do problema (Hanushek, Jackson, & Kain, 1974; S. Schwartz, 1994), bem como os corroboradores da ideia inicial (Handel, 1981; Poppel & Day, 1996).

Figura 38. Preditores para a satisfação perante o trabalho (médias)



Fonte: REMIGR (2015)

Posteriormente, os fatores acima descritos foram introduzidos num modelo de regressão linear múltipla, tendo como variável critério o índice de satisfação laboral (Tabela 16)<sup>117</sup>. Foram usados como preditores o sexo, a formação na área das engenharias e tecnologias, e as profissões classificadas no grupo 1 ou 2 da CNP. As três variáveis são *dummys*. O modelo apresenta uma capacidade explicativa de 16% ( $R^2$ ) e apenas a profissão se mantém estatisticamente significativa quando controlados os efeitos dos restantes fatores.

Tabela 16. Coeficientes de regressão e erros padrão para a satisfação perante o trabalho

	Coeficiente de regressão	Erro Padrão
Constante	3,359***	0,164
Sexo (homens <i>dummy</i> )	-0,051	0,140
Área de formação (engenharias <i>dummy</i> )	0,236	0,143
Profissão (grupos 1 e 2 <i>dummy</i> )	0,926***	0,176

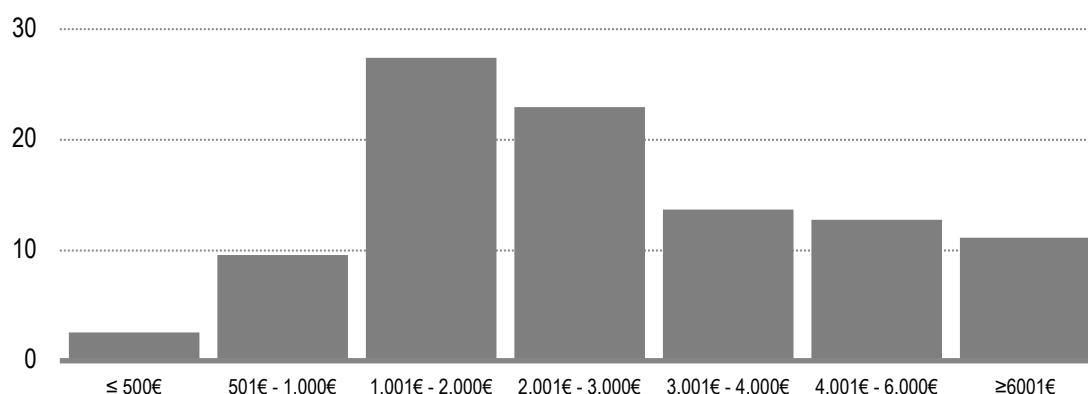
Fonte: Elaborado pelo autor com base em REMIGR (2015) \* $p < 0,05$ , \*\* $p < 0,01$ , \*\*\* $p < 0,001$

<sup>117</sup> Embora fosse objetivo incluir no modelo de regressão a variável escolaridade, ela é automaticamente excluída do modelo pelo *software*, uma vez que só podem ser incluídos no modelo de regressão sujeitos que tenham respondido a todas as questões. Aqueles que não têm um grau de educação superior não responderam à questão referente à área de formação e são automaticamente excluídos.

Para concluir esta secção, refere-se o estudo de Ahn e García (2004) em que foram procurados preditores para a satisfação laboral na Europa, com dados do *European Community Household Panel Survey*, em que Portugal e Alemanha participaram. Concluíram que o preditor mais importante foi a autoavaliação do estado de saúde, embora o salário também tenha sido um relevante; é a ele que se dedica a secção seguinte.

A análise do rendimento dos inquiridos (Figura 39) permite perceber que a tendência geral é para os rendimentos mensais se situarem no intervalo entre os mil e os dois mil euros. Se o intervalo for alargado até aos 3 mil euros, agrega-se metade da amostra. Os rendimentos mensais abaixo dos mil euros são residuais e representam 12% dos inquiridos.

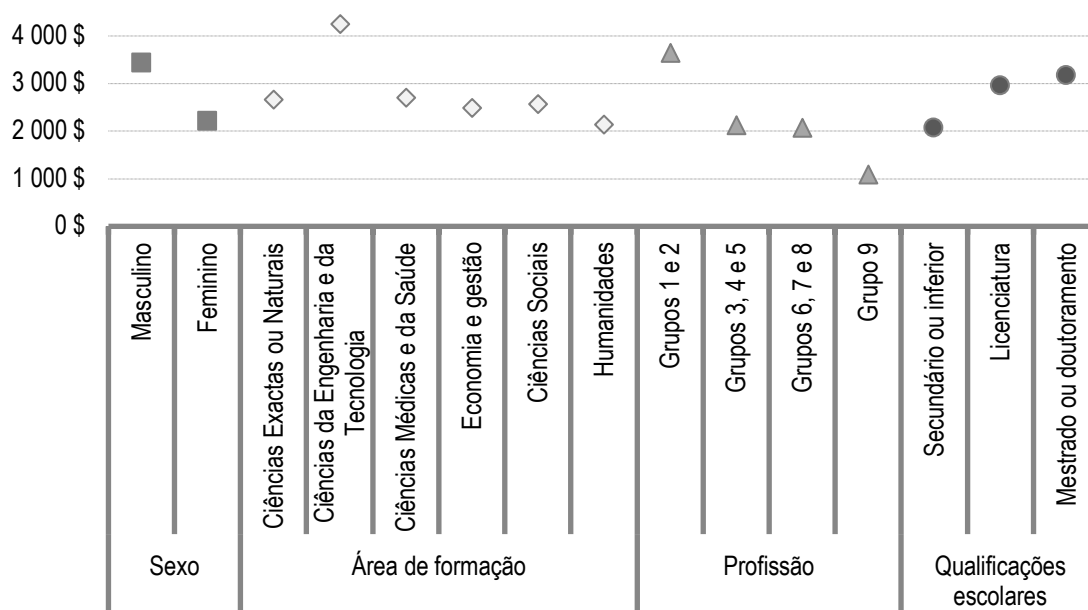
**Figura 39. Rendimento mensal dos inquiridos (%)**



Fonte: REMIGR (2015)

De modo a identificar alguma variabilidade entre os salários auferidos, o indicador referente ao salário foi cruzado com os mesmos preditores que foram testados no indicador da satisfação laboral (Figura 40). A variável do salário foi tratada como variável quantitativa, atribuindo a cada intervalo o valor correspondente ao centro de classe.

**Figura 40. Preditores para o rendimento (médias)**



Fonte: REMIGR (2015)

No rendimento existe uma elevada desigualdade de género, sendo que, em média, um homem recebe, mensalmente, mais 1.200€ do que uma mulher. O que pode seguir a tendência de desigualdade que também se observa na população *stay-at-home*. Os dados do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social (MTSS) analisados por Carvalho (2011) mostram uma desigualdade de rendimento em função do género que se manteve nos períodos que analisou (1988 e 2008). Esta desigualdade torna-se mais acentuada nos quantis do topo (Cantante, 2014 p.7). Ou seja, a desigualdade salarial não se anula com a emigração. Importa perceber, em futuros estudos, qual o nível de desigualdade de género em relação ao rendimento na Alemanha e quais as desigualdades de rendimento entre autóctones e nativos neste país. Isto é, é necessário perceber se a diferença aferida consiste “apenas” numa desigualdade de género, ou numa questão mais próxima de interseccionalidade<sup>118</sup>. Uma vez que, para além da desigualdade de género, agora evidente, pode também acumular (ou interseccionar para utilizar os termos associados a esta corrente) uma desigualdade associada à categoria de imigrante.

<sup>118</sup> O conceito de interseccionalidade (Crenshaw, 1989) emergiu como uma crítica à teoria feminista, tendo como objetivo trazer para o debate feminista a importância de outros fatores relevantes, como a raça. Posteriormente foram incluídos por Anthias (1992) outros fatores, como a etnicidade e a classe social.

Também é elevado o diferencial de acordo com as áreas de formação. As médias de rendimento para um graduado das ciências da engenharia e tecnologia são de 4.250€, que se distanciam em 2.100€ do rendimento auferido por um português com graduação na área das humanidades. Podem-se ainda observar diferenças de acordo com a profissão desempenhada, que variam entre os 3.670€ para profissionais dos dois primeiros grupos da CNP e os 1.100€ para aqueles que desempenham as profissões não qualificadas. Por fim, é de referir que os salários variam de acordo com as qualificações escolares, sendo especialmente relevante a diferença entre os portugueses que concluíram, no máximo, o ensino secundário e os licenciados.

O segundo passo desta análise consistiu em testar o efeito destes fatores num modelo de regressão múltipla (Tabela 17). Foram incluídas como variáveis independentes o sexo masculino, a formação em engenharias e as profissões dos dois grupos profissionais do topo como variáveis *dummy*. Os resultados permitem perceber que ser homem impacta positivamente o rendimento e fatores associados ao estatuto socioprofissional, como a formação em engenharias e as profissões, são também relevantes para o auferimento de rendimentos mais elevados. Sendo a formação o fator com maior impacto, controlando o efeito dos restantes fatores.

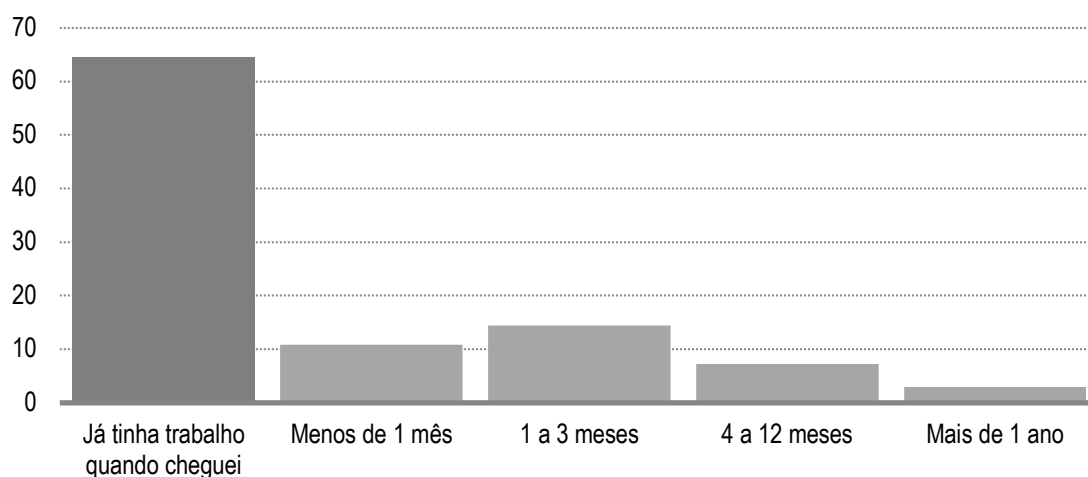
**Tabela 17. Coeficientes de regressão e erro padrão para o rendimento médio**

	Coeficiente de regressão	Erro Padrão
Constante	1 634,49***	323,78
Sexo (homens <i>dummy</i> )	540,16**	280,66
Área de formação (engenharias <i>dummy</i> )	1 269,80***	290,37
Profissão (grupos 1 e 2 <i>dummy</i> )	1 199,52**	349,83
R <sup>2</sup>	0,237	

Fonte: Elaborado pelo autor com base em REMIGR (2015) \* $p < 0,05$ , \*\* $p < 0,01$ , \*\*\* $p < 0,001$

A secção seguinte diz respeito ao capital social e à facilidade de inserção no mercado de trabalho. A duração da procura de emprego (Figura 41) é um indicador importante, uma vez que permite dividir a amostra entre aqueles que chegam empregados e aqueles que tiveram a necessidade de procurar um emprego após a chegada. Os dados demonstram que a maioria (64%) chegou à Alemanha com um emprego assegurado. Os restantes que procuraram emprego após chegarem a Alemanha demoraram, mais frequentemente, 1 a 3 meses até se empregarem.

**Figura 41. Duração da procura de emprego (%)**



*Fonte: REMIGR (2015)*

De modo a perceber os fatores que se encontram relacionados com a chegada com emprego foi utilizada a mesma análise bivariada que nos indicadores anteriores (Figura 42). O que permitiu perceber, em consonância com os modelos anteriores, que a chegada com emprego é mais frequente nos homens, nos graduados das ciências da tecnologia e engenharia, nos profissionais dos dois primeiros grupos da CNP, e nos graduados do ensino superior. Uma regressão logística multivariada não atribuiu significância estatística a nenhum destes fatores, pelo que se optou por não apresentar os resultados<sup>119</sup>.

---

<sup>119</sup> O que não implica que se trate de um indicador menos importante. Duas explicações podem ser apontadas: i) os preditores usados não foram os mais adequados; ii) normalmente, nos modelos de regressão logística é mais difícil conseguir significâncias estatísticas.



**Figura 42. Chegada à Alemanha com emprego: principais preditores (%)**



Fonte: REMIGR (2015)

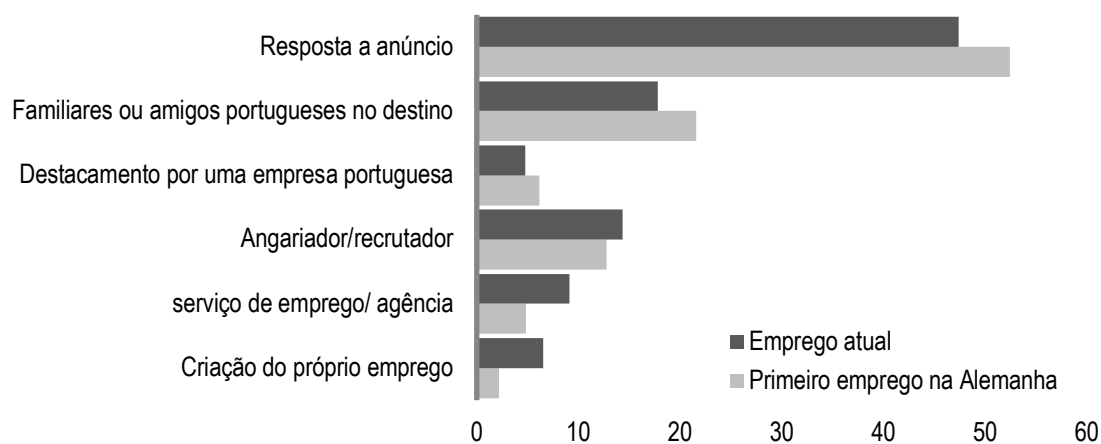
Uma segunda análise sobre este indicador procurou perceber as consequências a jusante de chegar com emprego à Alemanha. Isto é, até que ponto a chegada com emprego assegurado se relacionava com fatores como a satisfação com o trabalho ou o rendimento. A hipótese testada é a de que pessoas que chegam com emprego assegurado têm acesso a uma posição privilegiada no mercado de trabalho, *vis-à-vis* aqueles que procuraram trabalho após chegarem à Alemanha. Em primeiro lugar, foi testada a existência de diferenças no índice de satisfação laboral. Para tal, foi corrido um teste *t* para diferença de médias, de modo a perceber se a satisfação com o trabalho se diferenciava entre os dois grupos (os que tinham chegado já com trabalho e os que não tinham chegado com trabalho). Este teste é estatisticamente significativo ( $p < 0,001$ ), sendo que quem chega à Alemanha com emprego tem uma média de satisfação com o trabalho de 4,1 e quem não chega à Alemanha com emprego apresenta valores médios de 3,7. Também nos rendimentos se verificam diferenças de acordo com a estratégia de empregabilidade: quem chega com emprego à Alemanha aufer, em média, 3.111€ mensais e o grupo de referência 2.483€; a diferença de 628€ é estatisticamente significativa ( $p < 0,01$ ). Uma vez que, tanto no rendimento como na satisfação laboral os preditores selecionados seguiram no mesmo sentido foi testada a correlação entre ambos. O coeficiente de correlação *r* de *Pearson* de 0,42 ( $p < 0,01$ ) confirma esta relação e, segundo os valores de referência (Filho & Júnior, 2009) é considerada média/moderada.

Em suma, chegar com emprego assegurado, uma característica mais frequente nos homens, nos graduados (especialmente das engenharias e ciências das tecnologias), nos profissionais dos grupos 1 e 2 tem como consequência uma maior satisfação laboral e rendimentos mais elevados.

### ***Estratégias de empregabilidade***

Na secção anterior foi mostrada a importância de chegar com emprego à Alemanha, mas existem outras estratégias que podem ser mobilizadas de modo a se inserir no mercado de trabalho. A Figura 43 apresenta as estratégias de empregabilidade em dois momentos no tempo: no primeiro emprego que o inquirido ocupou na Alemanha e no emprego que desempenhava no momento em que participou no estudo. A análise à figura demonstra um peso reduzido das redes sociais de familiares ou de empresas, em comparação com o modo à resposta ao anúncio, que é o caso mais frequente, tanto para o primeiro emprego desempenhado na Alemanha, como para o trabalho desempenhado na altura da aplicação do inquérito. As redes de amigos e familiares ocupam a segunda posição, mas representam menos de metade da categoria mais representada.

**Figura 43. Estratégias de empregabilidade em dois momentos no tempo (%)**



*Fonte: REMIGR (2015) Ordenado pela ordem de grandeza da diferença entre os dois momentos no tempo*

Uma vez que as questões foram aplicadas tendo como referência dois períodos no tempo, é possível efetuar uma análise quasi-longitudinal, que permite perceber que, com o tempo, decresce a importância das redes de familiares no destino, bem como o destacamento por parte de empresas portuguesas. A empregabilidade pela via formal “resposta a anúncio”, embora seja a mais frequente logo no primeiro momento de chegada à Alemanha, decresce no segundo momento.

Estes resultados podem ser interpretados de duas maneiras. Por um lado, o elevado peso do item “resposta a anúncio” pode ser interpretado como indicador de uma elevada independência e autonomia face a instituições como a família ou a comunidade conacional. Por outro, o peso mais baixo no item “familiares ou amigos portugueses no destino” pode ser interpretado como indicador de um reduzido capital social. Deve ser tido em conta que, segundo Granovetter (1974), são bastante importantes as redes de *networking* para a empregabilidade e movimentação no mercado de trabalho por parte dos colarinhos brancos. No estudo de Granovetter, a maior parte dos empregos eram obtidos através de contactos pessoais e não de ofertas públicas. O autor também concluiu que quem obteve trabalho através de contactos pessoais apresentou maior satisfação com o trabalho e rendimentos mais elevados. A sua amostra era composta exclusivamente por *professionals, technicians and managerial workers*, o que corresponde aos grupos 1 e 2 da CNP. Na adaptação ao estudo citado, a resposta ao anúncio e as agências de emprego são classificadas como estratégias impessoais, uma vez que não implicam um contacto pessoal. Os contactos pessoais são mais valorizados, uma vez que, através destes, é possível obter mais informação sobre o emprego, tal como condições de trabalho, relações com a chefia e outros colegas, etc. Ao contrário do que era admitido por Granovetter, pode acontecer que, perante novas necessidades de trabalho no mercado de trabalho internacional, em sectores onde predomina a mão-de-obra qualificada, seja necessário recorrer a vias formais de recrutamento, por as redes e os contactos pessoais não estarem ainda bem estabelecidos.

### **As trajetórias laborais dos entrevistados**

Através dos testemunhos dos entrevistados, foram identificadas duas trajetórias laborais distintas. Por um lado, o que se considera uma *inserção imediata*, que compreende as situações em que a inserção laboral foi assegurada antes da emigração (ou antes da chegada à cidade de destino, no caso de *onward migrations*<sup>120</sup>). Por outro lado, classifica-se de *inserções atribuladas* as situações em que o percurso de inserção no mercado de trabalho é marcado por diversas incertezas e volatilidade.

---

<sup>120</sup> Por *onward migration* entende-se o movimento migratório correspondente à saída do país de destino para um terceiro país. O conceito provavelmente foi cunhado por DaVanzo (1980), embora já houvesse referências em estudos sobre imigrantes que não regressavam para o seu país de origem (Goldstein, 1964). Nos últimos anos o conceito tem vindo a ganhar relevo, com o estudo de pessoas naturais de países terceiros que, após se estabelecem formalmente num país do Espaço Schengen, circulam entre os países deste espaço devido à posse de um passaporte europeu (Ahrens, Kelly, & Liempt, 2016; Giralt, 2016; Ramos, 2017).

### ***A inserção imediata***

Esta tendência é bastante frequente nos casos de emigrantes mais qualificados com formação nas áreas das engenharias modernas, embora não seja exclusiva desta categoria, uma vez que é possível encontrar entradas imediatas no mercado de trabalho em emigrantes menos qualificados. Um exemplo de inserção imediata em emigrantes menos qualificados é o caso de Sandro, que, ao chegar a Hamburgo, tinha emprego assegurado pela sua mãe, que o colocou na mesma empresa de limpezas industriais onde ela trabalhava. A diferença que é traçada de acordo com o nível de qualificação é que os emigrantes menos qualificados, quando chegam à Alemanha com emprego, conseguem-no à custa de uma rede de familiares e portugueses. Por seu lado, os detentores de grau académico superior são recrutados exclusivamente por métodos formais. Esta última realidade pode observar-se pela ilustração de Gilberto:

*(E porque é que vieste para Berlim?) Foi um bocado por acaso, eu estava a mandar currículos, não estava com pressa. Tinha o projeto, decidi mudar, mas no emprego estava tudo estável, comecei a mandar currículos, uma das empresas a que mandei na altura era a Nokia. (...) E acabei por encontrar um emprego aqui, vim cá para a entrevista, daquelas que são cinco [entrevistados] num só dia e aceitaram-me. (Gilberto, 36 anos, Licenciado, Engenheiro Informático, em Berlim desde 2008)*

### ***A inserção atribulada***

O segundo tipo de trajetória é classificado como atribulada<sup>121</sup>. Contrasta com a anterior não só por a inserção no mercado de trabalho se dar após a chegada à Alemanha, com durações de tempos de procura diversificados, mas também se caracteriza por uma elevada precariedade e instabilidade, uma pluralidade de empregos pouco qualificados, de curta duração (tanto no contrato como na jornada de trabalho), pouco gratificantes. Dois conceitos ajudam a interpretar este tipo de inserção laboral: o precariado e as trajetórias *yo-yo*.

O conceito de precariado de Standing (2011) aponta para um grupo socioeconómico que conjuga o trabalhador precário com o proletariado, e, numa lógica marxista, é uma classe em si (e não, por enquanto, uma *classe para si*). O precariado é constituído por pessoas com mínimas relações de confiança com o capital ou com o Estado, o que as distingue dos assalariados. Estas relações de confiança, que eram observadas no

---

<sup>121</sup> Segundo a definição formal de um dicionário: “Que foi acometido por atribulações; que sofre com problemas ou adversidades; que está atormentado por alguma dificuldade (física e/ou emocional); aflito.” (<https://www.dicio.com.br/atribulada/>) (consultado a 31-01-2019).

proletariado, traduziam-se em segurança, em troca da subordinação. No caso do precariado, a insegurança mais importante (entre outras) é a falta de contratos a longo prazo e de segurança perante situações de desemprego. Não é acaso que seja referido por Standing (p.26) que, na Alemanha, deu-se um crescimento dos trabalhos em *part-time (mini-jobs)*, que mantêm a ilusão de rendimentos elevados e que permitem a alguns economistas fazerem declarações optimistas em relação à empregabilidade na Alemanha depois da crise financeira.

Em segundo lugar, refere-se o princípio da reversibilidade da geração *yo-yo* de Pais (2005), segundo o qual os *milestones* de transição para a vida adulta (para o caso, os mais importantes são o término da vida estudantil e o ingresso no mercado de trabalho) não são lineares e são marcados por rupturas e descontinuidades (Pais, 2005 p.55 e seguintes). Tendo este enquadramento em mente são expostas duas dessas trajetórias.

Raquel, licenciada em Direito, chegou a Berlim em 2009, na altura, emigrou por motivos amorosos, antes de emigrar trabalhava em investigação. O primeiro emprego que teve foi como funcionária administrativa numa empresa de transportes. Após um mestrado integrou-se na academia, onde participou em projetos de investigação. Atualmente conta com uma importante carreira académica e é bolseira de doutoramento.

Zulmira, emigrou com os seus dois filhos para Hamburgo em 2001, com 33 anos, motivada por o fim de uma relação amorosa. Começou por trabalhar como empregada de limpezas, por algum motivo passou para trabalhar como empregada de balcão num café português. Durante este período juntou dinheiro para se poder sustentar a si e aos seus filhos enquanto frequentava o curso em enfermagem. Desde o fim da formação que trabalha como enfermeira.

Duas notas devem ser feitas em relação às trajetórias atribuladas. Em primeiro lugar, não existem graduados das engenharias modernas a percorrer esta trajetória. Embora seja conhecido, para a população portuguesa residente, que a inserção no mercado de trabalho é diferenciada de acordo com a área científica de formação, o tema não é muito aprofundado. Como atestam os resultados de Chaves e Morais (2016) para uma amostra de graduados da Universidade Nova de Lisboa, a duração da empregabilidade varia de acordo com fatores como a área científica de formação, entre outros (classificação final, características socioeducacionais e socioprofissionais do agregado familiar). Embora o

caso de estudo dos portugueses na Alemanha não incida sobre recém-graduados, pode esperar-se que, em contextos de migração, as diferenças encontradas pelos autores continuem relevantes.

Em segundo lugar, refere-se que, enquanto a maior parte das inserções classificadas de *imediatas* são protagonizadas por homens, por exclusão de partes, a maior parte dos classificados na categoria das inserções *atribuladas* são mulheres. É de referir que, para além das trajetórias laborais femininas serem mais atribuladas, contam mais frequentemente com interregnos destinados à formação, o que pode ser interpretado à luz do princípio da reversibilidade da geração *yo-yo* (Pais, 2005) - É o caso de Guiomar, Anabela, Zulmira, Lara ou Mara, que, após estarem inseridas no mercado de trabalho, voltaram a ser estudantes, para posteriormente voltarem a inserir-se no mercado de trabalho. O que os nomes (fictícios) acima têm em comum é estarem no feminino.

Segundo a literatura, existe efetivamente uma diferença de género na empregabilidade da imigração na Alemanha. Enquanto os homens ocupam os postos de trabalho que a população autóctone abandonou em detrimento de empregos mais bem pagos e com melhores condições, as mulheres imigrantes são orientadas para trabalhos desagradáveis, perigosos e mal pagos, previamente protagonizados pelas mulheres alemãs (Räthzel, 1999). Embora os dados tratados pelos autores para os anos 1980 e 1990 evidenciem mais o caso das imigrantes turcas, pressupõem alguma transversalidade para as mulheres imigrantes na Alemanha.

\*\*\*

A análise da inserção no mercado de trabalho com base nos dados recolhidos por via do inquérito por questionário aponta para uma população que se insere, na sua maioria, por via do trabalho assalariado, sendo de reduzida expressão a proporção de empresários e trabalhadores por conta própria. No que respeita às profissões desempenhadas, tendem a incluir-se no grupo dos profissionais intelectuais e científicos, o que reflete, em parte, o perfil educacional desta amostra. Contudo, são também observados alguns casos de *deskilling*, isto é, uma incompatibilidade entre as profissões desempenhadas e as qualificações educacionais. Sendo que a Alemanha ocupa uma posição intermédia entre os principais países de destino da emigração portuguesa no que toca ao peso do *deskilling*. Uma quinta parte dos portugueses insere-se no sector de atividade económica

da indústria, o que é justificado pelo peso da indústria para a economia alemã. Foram também analisados indicadores referentes à qualidade das atividades laborais. No caso da satisfação perante o trabalho, os valores são elevados e estão especialmente presentes nas profissões mais qualificadas. No que diz respeito aos rendimentos mensais, a tendência é para rendimentos entre os mil e dois mil euros mensais, com tendência para incrementar no caso dos homens, dos graduados das engenharias e ciências da tecnologia, e dos profissionais dos dois primeiros grupos da CNP. Os salários encontram-se também correlacionados com a satisfação com a profissão. O último indicador estudado procurou identificar os sujeitos que conseguem uma inserção no mercado de trabalho anterior à emigração. A chegada com emprego assegurado é bastante frequente entre os inquiridos, sendo mais comum entre homens, graduados do ensino superior, graduados das ciências da tecnologia, mas especialmente nos que estão inseridos nos dois primeiros grupos da CNP; contudo, não assumem significância estatística num modelo multivariado. Por outro lado, a chegada com emprego à Alemanha encontra-se associada a uma elevada satisfação com o trabalho e a salários mensais mais elevados.

Com base nos testemunhos dos entrevistados foi possível traçar duas trajetórias de integração no mercado de trabalho distintas. A primeira, a trajetória de inserção imediata, traduz para a componente qualitativa o que já foi referido no ponto denominado de “Duração da procura de emprego” sobre os inquiridos que chegaram com emprego assegurado. Esta modalidade de inserção é frequente nos graduados das engenharias modernas, mas também é possível observar casos de inserção imediata em emigrantes menos qualificados. As duas categorias diferenciam-se no tipo de intermediário que é utilizado: nos mais qualificados, o recrutamento é direto através do empregador; nos menos qualificados, existe a figura de um familiar próximo que serve de mediador entre o emigrante e a entidade empregadora, um *broker* na linguagem da análise de redes sociais (Nooy, Mrvar, & Batagelj, 2011).

Por seu lado, a inserção no mercado de trabalho atribulada é marcada por uma maior precariedade, com experiências de desemprego, formações (mais ou menos úteis) e uma pluralidade de empregos, que podem (ou não) resultar numa inserção num emprego mais gratificante, bem remunerado e compatível com as qualificações.

### 4.3. Integração residencial

Na secção referente à integração residencial vão ser analisadas as trajetórias residenciais dos entrevistados, isto é, as alterações que ocorreram ao longo da estadia na Alemanha, tendo em conta as estratégias utilizadas, as redes de suporte mobilizadas e o carácter formal ou informal da residencialidade.

São identificadas três modalidades de acesso à habitação. A situação que é mais frequente está associada às trajetórias migratórias por amor ou de reagrupamento familiar. O alojamento é assegurado pelo cônjuge que já residia na sociedade alemã. Como o caso de Guiomar, emigrou para Berlim na sequência de um namorado que se encontrava a viver numa VG (residência partilhada), e que conseguiu um lugar extra para a entrevistada. A inserção residencial foi facilitada pela existência desta relação. Posteriormente, a relação amorosa terminou e Guiomar mudou-se para uma segunda e para uma terceira VG.

Uma vez que nem todas as migrações se dão por reagrupamento familiar ou por amor, a segunda possibilidade é recorrer ao auxílio de familiares ou amigos. Estas situações diferem das anteriores por terem, por defeito, um carácter transitório, até ser possível o acesso a uma habitação própria, que se encontra condicionada por dois fatores: por um lado, o acesso a um emprego, cuja remuneração permita suportar uma renda ou um crédito; e, por outro lado, o mercado habitacional, em que, segundo referido, a procura é bastante superior à oferta.

No caso de Anabela, emigrou para Hamburgo juntamente com o namorado que tinha conseguido um emprego nesta cidade. Embora não tivesse alojamento contaram com a ajuda de uma outra emigrante portuguesa que lhes facultou alojamento enquanto conseguiam alugar um apartamento no mercado formal. Embora as condições logísticas não fossem favoráveis, esta rede de auxílio permitiu-lhes ter alojamento durante o período inicial.

*E fomos acampar para casa de uma colega do Rodrigo [o esposo] que tinha um T0, ali no corredor, na sala. Um mês. E conseguimos um apartamento, foi uma sorte (...) nós agora estamos a tentar mudar de casa, estamos há meses à procura, é muito difícil. (Anabela, 38 anos, Engenheira Civil, em Hamburgo desde 2007)*



A tendência do curso das trajetórias parece seguir de um acesso à habitação por via informal, especialmente recorrendo a familiares próximos e amigos, para, nas fases posteriores, o acesso ser de carácter formal. O acesso à habitação pela via formal numa fase inicial só é possível em casos particulares, de profissionais que tiveram um acesso imediato ao primeiro emprego na sociedade alemã (o que na secção referente à inserção laboral foi classificado de *inserção imediata*). Esta modalidade de inserção residencial é dotada de duas características: em primeiro lugar, dispensa o recurso a redes de ajuda centradas em familiares e amigos; em segundo lugar, é acompanhada por rendimentos estáveis e elevados, que permitem suportar financeiramente os custos de uma habitação, como se pode constatar pelos testemunhos de Mário e Gilberto. Em ambos os casos, os entrevistados encontrava-se preocupados com a dificuldade em conseguir alojamento quando chegados a Berlim. Em ambos os casos foram mobilizados esforços para que fosse possível alugar uma habitação o mais cedo possível, o que só foi possível devido aos rendimentos mais elevados que iriam auferir no novo emprego no destino.

*Estava com muito receio, eu vim aqui à entrevista, estava em casa de um colega meu português, que estudou comigo em Aveiro, e fizemos lá um jantar com vários amigos, e conheci um que estava cá já há seis meses, que andava a trocar de quarto em quarto, não arranjava casa, conheci mais gente, tudo na mesma situação, muito muito difícil arranjar casa, eu tive uma sorte tremenda, eu vim a 24 de julho e dia 29 tinha o contrato de casa assinado aqui, eu trabalho bastante longe de Berlim ainda, porque eles têm o campus no estado ao lado, onde os impostos para eles são mais baratos. E este comboio aqui é direto para lá, e quando vim ver esta casa, foi a segunda casa que vim ver, vi a estação e vi que era a mesma que tinha apanhado para ir à entrevista, então fiquei à espera do senhor, eles aqui mostram as casas para 30 pessoas ao mesmo tempo, é complicado teres algum tipo de contacto com a pessoa que te está a mostrar a casa, eu apanhei-o aqui a fumar um cigarro, fui ter com ele, fumei um cigarro com ele, contei-lhe a situação, ele levou-me lá acima, mostrou-me a casa e já me tinham ensinado algumas técnicas, então o que eu fiz foi ofereci-lhe um bocadinho mais de dinheiro em troca de uma renovação na casa. “Dou-te mais 100€ por mês, mas dás-me uma cozinha nova e uma casa de banho nova.” E ele disse que sim, disse: “Ah cozinha não, mas faço-te casa de banho e ponho-te um chão novo e ficas já com a casa.” Para mim foi um alívio, tinha disponibilidade financeira para poder pagar mais esses 100€ por mês, portanto tive sorte. (Mário, 32 anos, Front end developer, em Berlim desde 2013)*

*Na altura foi bastante fácil, agora está muito mais difícil, em 10 anos mudou bastante, bastante fácil foi, na altura se calhar não foi o mais barato que se conseguia arranjar, mas eu queria arranjar uma coisa depressa, foi eu entrar numa quinta feira e na segunda feira estava a assinar o contrato de arrendamento, o que hoje em dia é impensável, tens que procurar durante, se for preciso, meses. (Guilberto, 36 anos, Engenheiro Informático, em Berlim desde 2008)*

### **A importância do contexto...**

Nesta secção pretende-se mostrar algumas particularidades das duas cidades em que decorreu o trabalho de campo, uma vez que se trata de contextos com características distintas. Para esta contextualização recorre-se a estatísticas oficiais, etnografias, notas do trabalho de campo, entrevistas exploratórias e entrevistas a emigrantes.

As estatísticas oficiais de 2015 apontavam para 3.645 portugueses a viver em Berlim e 9.166 em Hamburgo. Berlim tinha, no final de 2017, uma população de 3.613.495 residentes, numa área de 892 km<sup>2</sup>. Enquanto Hamburgo tinha, de população residente 1.830.584, e 755 km<sup>2</sup> de área<sup>122</sup>.

### ***...em Berlim***

A cidade de Berlim foi, desde os séculos XVII e XVIII, receptora de imigrações de minorias religiosas, vítimas de perseguição pelos católicos franceses. Posteriormente, acolheu também refugiados religiosos da Boémia e Salzburgo. Teve uma das maiores comunidades judaicas até à segunda guerra mundial. Depois da segunda guerra, a cidade foi dividida em quatro zonas com ideologias distintas em relação à imigração. A zona este era bastante regulada e controlada por motivos políticos. A partir dos anos 1950, a zona oeste deu início ao programa de trabalhadores convidados, como forma de dar resposta à falta de mão-de-obra (e populacional) (Gesemann, 2006).

Mais recentemente, Berlim tinha, no ano de 2018, 3,5 milhões de residentes, sendo que 30% tinha *background* imigrante. Estas migrações acarretam algumas consequências em termos residenciais, uma vez que entre 2013 e 2018 Berlim tem vindo a ter um saldo migratório positivo anual de 48.700 pessoas. Segundo as estatísticas, as pessoas com experiência migratória têm piores condições habitacionais do que a população autóctone, com uma diferença de menos 7,7m<sup>2</sup> por agregado familiar (OECD, 2018).

O trabalho de campo conduzido em Berlim permitiu identificar algumas zonas em que os entrevistados viviam ou tinham vivido, em particular os bairros de Kreuzberg, Neukölln e Mitte. Segundo as estatísticas oficiais, estes bairros coincidem com os bairros do centro da cidade com maior população de origem estrangeira (OECD, 2018).

---

<sup>122</sup> <http://www.citypopulation.de/Deutschland-Cities.html> (acedido a 08-04-2019)

Em segundo lugar, importa referir a importância das WG's (*wohngemeinschaft*<sup>123</sup>) na cidade de Berlim. Esta é uma forma bastante comum de conseguir alojamento a custo acessível, e, em algumas situações, considerada uma situação transitória até ser possível conseguir alojamento próprio. Contudo, em situações de rendimentos menos avultados, pode perdurar no tempo. O alojamento em WG's tem associadas, no campo relacional, algumas “consequências não esperadas da ação” na lógica de Merton (1936)<sup>124</sup>. Uma vez que se trata de um contexto em que se encontram, muitas vezes, pessoas (imigrantes ou não) em situações sociais e relacionais semelhantes, o que serve muitas vezes de mote para forjar relações de sociabilidade e amizade.

### *...em Hamburgo*

Em Hamburgo não foi possível identificar padrões residenciais. Tal pode ser devido à grande dimensão da “comunidade” portuguesa. O que não implica que exista uma dispersão aleatória dos portugueses nesta cidade. Com base nas observações efetuadas durante o trabalho de campo e com base nas entrevistas exploratórias a especialistas, foram referidos três contextos onde existe uma maior concentração residencial de portugueses e também de comércio étnico português. Em primeiro lugar, o mais importante será St. Pauli Landungsbrücken, conhecido como o quarteirão português por concentrar, num reduzido número de ruas, um elevado número de restaurantes, pastelarias e lojas portuguesas. Este bairro é referido em guias turísticos (ver Figura 44) e goza de grande notoriedade junto da população local. Encontra-se posicionado junto às margens do rio Elba. É uma zona que em tempos foi ponto de encontro para marinheiros e trabalhadores do porto.

---

<sup>123</sup> Wohn – residencial; Gemeinschaft – comunidade.

<sup>124</sup> Segundo a definição trata-se de consequências que não foram previstas pelo ator, e que podem acarretar, para o próprio, consequências negativas ou positivas.

Figura 44. Referência ao quarteirão português num guia turístico de Hamburgo



Fonte: *Hamburg and the Metropolitan Region Media Handbook 2013/14*

Em segundo lugar, com menor relevância turística é o Chace, a nordeste da cidade, onde também existe um número considerável de estabelecimentos portugueses. Ambos os bairros foram documentados por Freund (2010). Em terceiro lugar, Lange Rainer, uma zona que junta o comércio português de proximidade a uma das três igrejas onde são ministradas missas pela Missão Católica.

\*\*\*

Foram identificados três tipos de acesso à habitação: i) o que se considerou ser uma *trajetória residencial de reunião amorosa*, diz respeito às situações em que os entrevistados possuem um par amoroso, que já reside na Alemanha, sendo a habitação assegurada por este; ii) a *trajetória residencial de recurso temporário a rede de contactos informais*, o recurso temporário a uma rede suporte é a estratégia ativada pelos entrevistados que não possuem um ente amoroso na Alemanha e não possuem capacidade financeira para se inserirem de forma independente no mercado habitacional. O recurso ativado é o do alojamento temporário junto de familiares ou amigos; iii) a *trajetória residencial formal e imediata*, que apenas é possível nas situações de sujeitos que acederam ao mercado de trabalho de forma imediata (ver secção As trajetórias laborais), única possibilidade de obter o investimento inicial para aceder a uma habitação própria.

#### **4.4. Integração social**

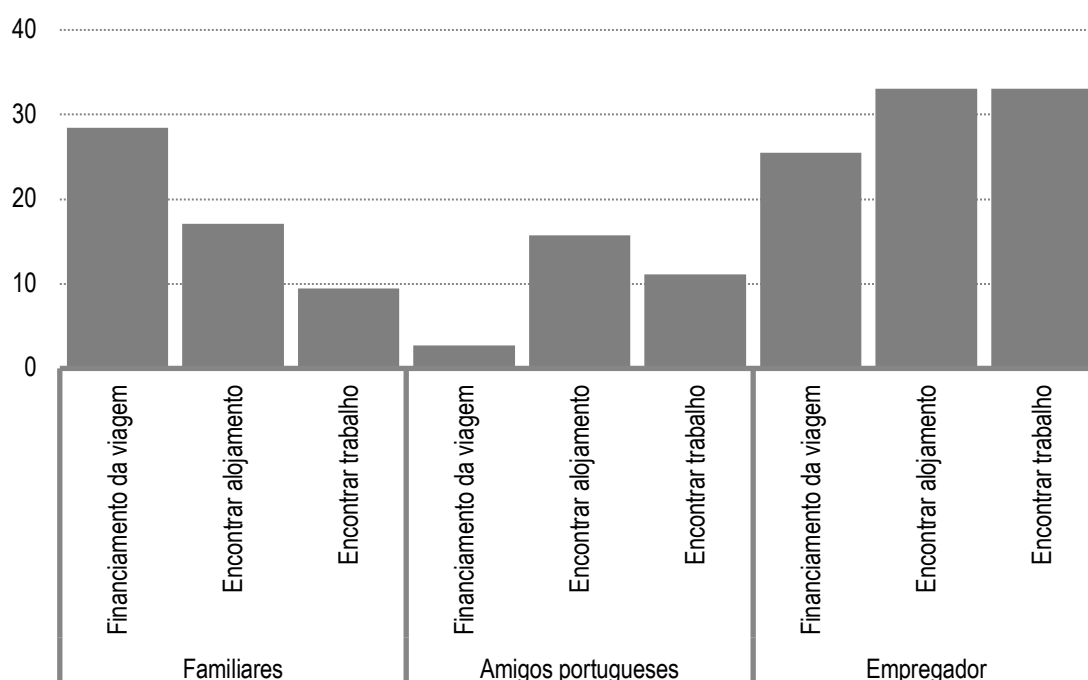
Na secção referente à integração social serão apresentados, em primeiro lugar, com base nos dados do inquérito por questionário, as redes de ajuda das quais os inquiridos podem beneficiar. Em segundo lugar, a origem nacional das principais redes de amizade. Em terceiro lugar, com base nas entrevistas em profundidade, irá perceber-se os contextos em que se estabeleceram as relações de amizade, bem como a origem nacional destes mesmos amigos.

##### **Redes de auxílio**

É importante analisar o tipo de intermediários em situações de auxílio, uma vez que a teoria refere que as redes de imigrantes ajudam a curto prazo nos custos de *settlement*, o que faz com que a incorporação seja mais suave. Embora a teoria se foque na importância de uma comunidade desenvolvida e madura, a ajuda toma a forma de suporte emocional e cultural e, mais concretamente, no alojamento e empregabilidade. Contudo, a longo prazo, pode resultar num maior fechamento, que limita a integração (Hagan, 1998).

No que respeita às redes de ajuda mobilizadas pelos inquiridos, foram analisadas as principais ajudas recebidas de acordo com um grupo diferenciado de atores (familiares, amigos portugueses, empregador). Os dados projetados na Figura 45 demonstram a importância do empregador, em comparação com os dois restantes itens, os familiares e os amigos portugueses. Esta discrepância pode apontar para uma rede de ajuda pouco diversificada, pese embora a importância dos familiares na ajuda do financiamento da viagem. O alojamento tende a ser mais comumente obtido por via do empregador. O elevado peso do empregador no item “encontrar trabalho” pode parecer contraditório com o elevado peso de empregos obtidos através da resposta a anúncio (*vidé* Estratégias de empregabilidade). A explicação deve assentar na interpretação da questão por parte dos inquiridos; uma vez que o anúncio para emprego seria anunciado pelo empregador, seria este o responsável pela obtenção do emprego.

**Figura 45. Principais ajudas por ator (%)**



*Fonte: REMIGR (2015)*

É ainda de referir que o inquérito por questionário disponibilizava outras opções, como “informações sobre o país” e outros atores, como “portugueses que conheceu à chegada”. Contudo, devido à elevada homogeneidade (bastante elevada para o primeiro e bastante baixa para o segundo), optou-se por não os incluir na análise.

O segundo passo na análise das ajudas recebidas consistiu na criação de um índice somatório referente a cada ator. Deste modo, tendo em conta que para cada ator (familiares, amigos conacionais e empregador) existiam três tipos de ajuda possível, a dispersão do indicador pode variar entre zero, correspondente a nenhuma ajuda, e três, correspondente ao máximo de diversificação de ajudas possível. Este indicador agregado será utilizado em análises subsequentes.

### **Redes de amizade**

Nesta secção explora-se a origem nacional das redes de amizade atuais, o que permite perceber até que ponto as redes se focam em conacionais ou são mais diversificadas. Na lógica da diversidade, estudos que associam as redes de amizade ao capital social, como o de Kazemipur (2006), concluem que, no geral, a população estrangeira (no geral, sem discriminação de raça ou etnicidade) possui redes de amizade mais reduzidas, de menor valor socioeconómico, e menos diversificadas em termos de pertenças étnicas múltiplas.

Este tipo de redes também pode assentar na hipótese da homofilia. O princípio da homofilia é o de que existe maior contacto com pessoas semelhantes do que entre pessoas dissemelhantes. Os estudos sobre homofilia não são exclusivos sobre a amizade, são mais vastos, mas é uma das correntes. Segundo Lazerfeld e Merton (1954 in McPherson, Smith-Lovin, & Cook, 2001), existem dois tipos de homofilia, a baseada em *status* e a homofilia baseada em valores. A primeira assenta nos fatores que estratificam a sociedade de forma imputável, raça, sexo ou idade, e também características que são adquiridas, religião, nível de educação, profissão, a que se acrescenta a origem nacional. A segunda remete mais para uma dimensão ideológica que, por sua vez, orienta a ação. A revisão de literatura, por ser sobretudo americana, foca como principais divisores a raça e a etnicidade. No campo dos preditores para a homofilia, a proximidade geográfica é apontada como a mais relevante, mas tende a perder peso devido à crescente importância das novas tecnologias (McPherson et al., 2001). O indicador referente às redes de amizade mostra uma preferência (ou ocorrência) de outros imigrantes como principais amigos (51%), seguidos dos alemães (43%), muito perto de portugueses chegados há menos de 10 anos<sup>125</sup> (42%); por fim, os portugueses estabelecidos há mais anos são os menos frequentemente referidos (10%).

Existem algumas explicações que permitem perceber estes resultados. Em primeiro lugar, é de referir que, de acordo com as entrevistas, existem dois grandes contextos de sociabilidade onde os entrevistados referiram forjar as primeiras amizades: os cursos de alemão para estrangeiros (ou cursos de integração), e também o trabalho. Tendo em conta que a Alemanha é um país com uma elevada imigração laboral, é presumível que os contextos de trabalho sejam bastante diversificados em termos de origens nacionais. Esta preferência por outros imigrantes é também explicada por um estereótipo associado à população autóctone, muitas vezes classificada como fria e distante. Em segundo lugar, é comum ser referido pelos entrevistados um evitamento do estabelecimento de relações de amizade com outros portugueses. No caso dos mais qualificados, devido a uma procura da diferença; no caso dos menos qualificados, devido a uma desconfiança face aos conacionais.

De modo a perceber a existência de fatores diferenciadores das escolhas de amizade, estes itens foram cruzados com alguns fatores pensados como relevantes (Figura 46). O

---

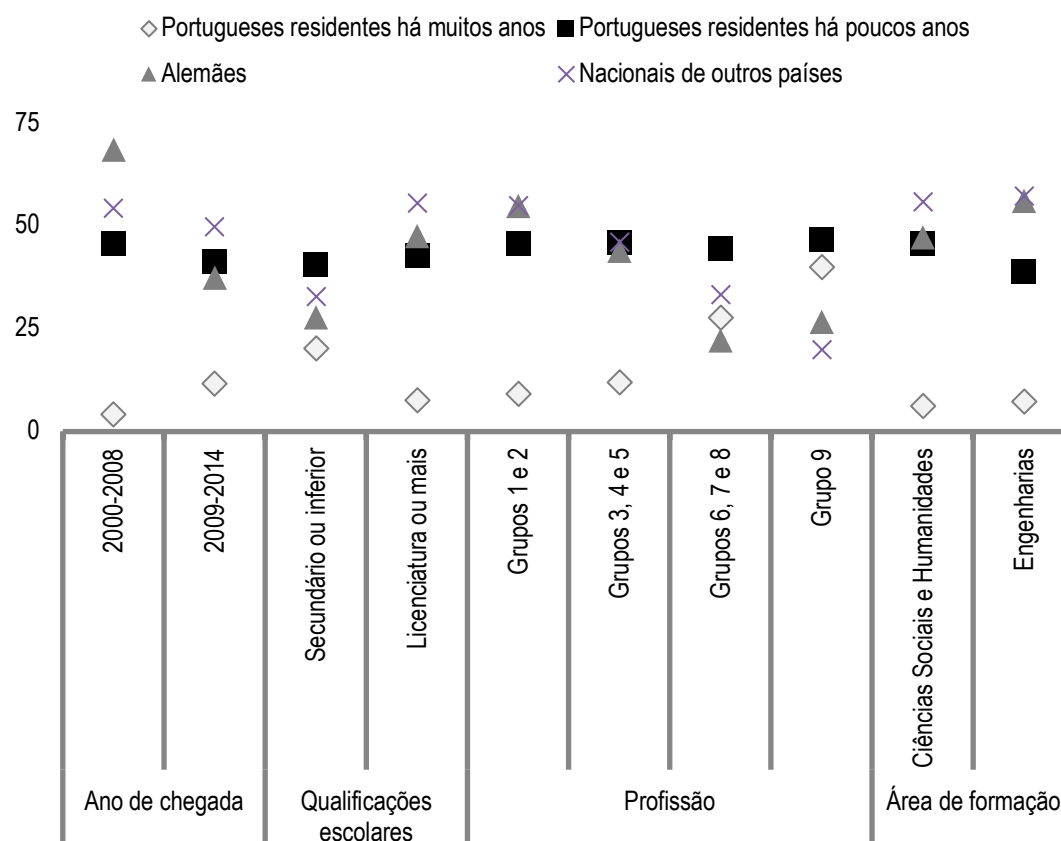
<sup>125</sup> Tendo como referência os anos de 2014 e 2015, em que decorreu o processo de inquirição.

primeiro indicador a ser cruzado foi o ano de chegada. A hipótese subjacente remonta aos trabalhos iniciais de Park e Burgess (1921) e Gordon (1964), que referiam a importância do tempo como preditor importante para a integração dos imigrantes. Numa dimensão sociolinguística, o tempo também é relevante, uma vez que a aprendizagem da língua alemã, importante para o estabelecimento de relações de amizade com a maioria alemã, demora tempo a produzir resultados. Infelizmente, os dados não foram recolhidos em painel, isto é, o mesmo grupo não foi inquirido em vários períodos no tempo. Assim, o *proxy* utilizado é o ano de chegada, o que impossibilita saber se os resultados apontam efetivamente para um resultado dos anos de exposição à sociedade de acolhimento ou para um efeito de geração. Feitas as devidas reservas, é notório que os portugueses que chegaram entre 2000 e 2008 nomeiam mais frequentemente a população autóctone e quase não recorrem aos conacionais com uma estadia mais prolongada, o que pode ser um indicador de que a penetração em círculos de amizade autóctones é um processo moroso ou que não existe procura por este tipo de círculos.

Na análise dos mesmos indicadores, de acordo com os níveis de qualificação escolar, é de referir que, nos menos escolarizados, a distância entre os diferentes itens é mínima, o que pode ser interpretado como uma maior diversidade de contactos. Já os graduados do ensino superior nomeiam mais frequentemente outros imigrantes e menos frequentemente portugueses residentes há muitos anos. O que, como se verá adiante, pode estar relacionado com uma procura da diversidade em resultado de ideais cosmopolitas e, por outro lado, um evitamento de relacionamento com os conacionais.



**Figura 46. Preditores para a origem dos principais amigos (%)**



Fonte: REMIGR (2015)

Mas o que parece diferenciar mais as redes de amizade é a profissão. Existe uma tendência decrescente para nomear outros portugueses como principais amigos, sendo que quanto menos importante a profissão na hierarquia, maior o peso das nomeações de conacionais antigos. Os grupos profissionais 1 a 5 nomeiam mais frequentemente os restantes grupos. As nomeações dos portugueses recentes é relativamente transversal a todos os grupos. Mas os portugueses mais antigos são mais frequentemente referenciados pelos trabalhadores menos qualificados. Enquanto as profissões mais qualificadas tendem privilegiar o contacto com outros imigrantes, já a população autóctone não segue um padrão claro. Se a análise for focada nas duas áreas de formação académica mais frequentes, a diferença assenta num baixo peso relativo dos conacionais chegados mais recentemente à Alemanha por parte dos graduados das engenharias; este grupo também se caracteriza por uma sobreposição das redes constituídas por alemães e imigrantes de outras origens.

## **As relações de sociabilidade e amizade na perspectiva dos entrevistados**

Este ponto dá continuidade aos dados quantitativos que foram acima analisados, mudando para uma lógica qualitativa. Encontra-se dividido em dois tópicos: em primeiro lugar, os contextos sociais onde foram formadas as relações de amizade, e, em segundo lugar, a origem étnica ou nacional dos amigos.

### **Os contextos de formação de amizade**

Quando questionados sobre os contextos em que foram construídas as primeiras relações de amizade na Alemanha, os entrevistados referem que, quase sempre, se tratou de um resultado não intencional de outras ações, na lógica já citada de Merton (1936). A exceção será Gilberto, que procurou estrategicamente em encontros de um fórum da *internet* uma maneira de socializar e formar relações de amizade.

De uma forma não tão determinística, as já referidas WG's de Berlim são também um contexto frequente para construir as primeiras redes de amizade. Enfatiza-se o não determinística, uma vez que as relações com os parceiros de residência podem ser conflituosas. A ilustração de Lara mostra um caso de uma rede de amizade desenvolvida através de uma WG.

*Quando cheguei pela primeira vez, eu vim viver para uma casa partilhada, uma VG de seis pessoas, não é costume, normalmente são menos e era um grupo bastante participatório. Uma inclusão fixe era uma casa muito ativa, organizava noites de cinema e tinham amigos de amigos e cozinhávamos. (Lara, 31 anos, Técnica em Empresa de Mapas, em Berlim desde 2010) (Lara)*

Outro tipo de contexto divide-se entre o local de trabalho, por um lado, e os cursos de integração (cursos de língua e cultura alemã para estrangeiros), por outro lado. Estes dois contextos são mutuamente exclusivos, isto é, os entrevistados ou conseguem emprego à chegada e as suas relações de amizade são formadas em contexto laboral, ou ingressam em cursos de integração para estrangeiros (que podem ser coincidentes com *mini-jobs*) e conhecem outras pessoas em situações semelhantes. O caso de Mário ilustra o primeiro tipo e o de Anabela o segundo:

*No trabalho sim, muito boa gente, fiz lá, além de colegas, amigos logo, e sim com eles fazer coisas de amigos, já conhecia bastantes portugueses que cá estavam. (O tal colega da escola?) Exatamente, saía com eles umas vezes, mas normalmente saídas era com a malta do trabalho. (Esses colegas do trabalho, são mais portugueses, mais alemães, mais internacionais?) Não há nenhum português. Aliás, o grupo com quem eu, logo de início, me comecei a dar muito bem,*

*era um turco, um mexicano, um chinês, principalmente esses três, nenhum era alemão curiosamente. (Mário, 32 anos, Front end developer, em Berlim desde 2013)*

*No meu caso, para mim também foi muito fácil porque eu fui, eu comecei no curso de alemão, no verão e no verão vem muito pessoal jovem de todo o mundo, querem fazer aquelas férias de verão a aprender uma língua, depois chega a setembro, outubro vão se todos embora e quem fica nessas aulas são imigrantes. (...) Portanto eu fiz amigos, tudo era pretexto para fazer festas, como bom português e as nossas festas eram no tal apartamento de 37m<sup>2</sup> com tudo lá dentro e toda a gente de todo o mundo e foi espetacular ainda hoje, pessoal da Alemanha, alemães, “pá aquelas festas eram espetaculares.” (Anabela, 38 anos, Engenheira Civil, em Hamburgo desde 2007)*

### **Origem nacional dos principais amigos: fechamento étnico-nacional, penetração nas redes de amizade alemãs, ou diversidade**

Um segundo tema que importou explorar nesta análise qualitativa das relações de amizade e sociabilidade remete para a sua composição étnica ou nacional. Tal como na análise quantitativa

*Redes de amizade*, as opções giram à volta de três categorias: outros emigrantes portugueses, a população autóctone, ou imigrantes de outras origens.

#### ***1.a. As redes de conacionais ou o fechamento étnico-nacional***

A primeira possibilidade, a de uma rede constituída por outros emigrantes portugueses, é a menos frequente, embora existente. Santiago refere que existe uma facilidade com a língua e uma afinidade de interesses.

*Para já, já não tenho aquela idade de sair e arranjar imensos amigos, já tenho 50 anos, quando eu cheguei tinha 42, 43 e também com aquela fase de meio cá, meio lá, mas sobretudo ao nível da comunidade portuguesa de artistas, porque há muitos portugueses em artes aqui em Berlim, fui conhecendo uma série de gente, posso dizer que tenho mais amigos portugueses do que amigos alemães aqui em Berlim. (E foi daí é que foi criando o grupo de amigos que tem agora?) Exatamente, é sempre mais fácil estabelecer contacto quando se conhece alguém de um concerto, um evento onde a gente vai e há alguém que fala português e a gente percebe que é de Portugal e trocamos contactos e a gente vai, em alguns casos nunca mais nos vemos, mas em outros casos acabamos por nos tornar amigos e é mais fácil assim, do que com alemães. (Santiago, 50 anos, Professor de Música, em Berlim desde 2008)*

Maria refere que a deve à sua atividade de direção numa associação de emigrantes. Uma vez as atividades dentro da associação exigiam um grande investimento de tempo, as suas redes de sociabilidade foram sendo criadas à volta dos membros da associação. Tal não se deve a uma estratégia de fechamento por parte da entrevistada, mas sim porque este grupo já se havia formado quando chegou a Berlim e foi aqui que se inseriu.

*Mas acabamos por nos dar muito com portugueses por causa da [associação], acabamos por conhecer muita gente através daí e porque o meu namorado foi um dos fundadores da [associação] e ele trabalhava com duas raparigas portuguesas no mesmo instituto, ao qual se juntou outra rapariga, isto foi tudo. (Havia aí um grupinho de portugueses?) Havia um outro amigo que tocava numa banda com ele, também fazia parte. Acabou por ser natural. (La perguntar se tinhas feito um esforço para estar com portugueses.) Não, calhou. Depois com a associação, acabamos por estar com muitos portugueses. (Maria, Pós-doc em Biologia, em Berlim desde 2013)*

Deste modo, as ligações de amizade que são forjadas com outros portugueses não o são exclusivamente por serem portugueses, mas por partilharem alguns interesses, sejam eles culturais (Santiago e Paulo) ou associativos (Maria).

### ***1.b. As não-relações com portugueses ou o evitamento de relações com conacionais***

Ao contrário do ponto anterior, em que foram referidas as situações de relações com portugueses, existiu também a situação contrária, a de emigrantes que estrategicamente não se relacionam com portugueses. No caso de Lara é referida uma não identificação com o discurso dominante em encontros de portugueses:

*Eu não estou de todo ligada ao núcleo português, conheço um português e foi porque o conheci no meu primeiro trabalho, em Berlim. (Não te interessa muito estabelecer contacto com outros portugueses?) Houve uma altura que fiz assim, experimentei, fui a uns encontros, mas não, foi um bocado durante o alto da crise, e o discurso era muito negativo e muito saudosista ao mesmo tempo, aquela coisa portuguesa de nós somos muito bons e nós somos muito maus e era um bocado demais. Era tão focado em Portugal. Quer dizer a minha vida no dia-a-dia não era pensar se Portugal iria ter futuro e a crise e sempre aquela coisa da comparação tonta e há tantos outros discursos e coisas na vida de cada um do que isso e então acabei por desistir um bocado. (Lara, 31 anos, Técnica em Empresa de Mapas, em Berlim desde 2010)*

Zulmira enfatiza uma diferença cultural ou, mais concretamente, uma diferença nas estratégias de integração, entre a que foi adoptada por si, e as que são adotadas pela maioria dos portugueses que conheceu. Refere ainda algumas situações de abuso em que foi utilizada como intérprete em reuniões escolares.

*Porque eu sou sincera, também não gosto de pessoas burras (...) burras para mim, quer dizer que não estão dispostas a aprender ou a ter outras visões e muitos emigrantes que aqui estão vêm de lugares muito pequenos, e é muito difícil para eles adaptarem-se e aqueles que estão cá há mais tempo, vieram para cá há 30 anos e trouxeram aquela mentalidade, não evoluíram para a mentalidade alemã (...) Não há interesse também e o tipo de o português que não sabe falar, e que já está cá há 10 anos e que não faz um esforço enorme para aprender (O alemão?) E que utiliza os conhecimentos que tem como eu, por exemplo, com pessoas que falem melhor alemão para fazer tudo o que ele tem para fazer. (Ok e é possível viver assim, com um mediador?) É, e eu senti-me tantas vezes usada que também desisti. (Também era usada como mediadora?) Até para reuniões de pais nas escolas. (...) Sim, depende da idade com que vem para a Alemanha, ou vem disposto para fazer alguma coisa e viver aqui, ou vem disposto a*

*ganhar dinheiro e ir embora para Portugal. Eu vim disposta a vir para aqui, é completamente diferente. Mas as pessoas que estão só dispostas a fazer dinheiro e a voltar para Portugal também têm que pensar nisso, pelo menos dominar a língua, para fazerem certas coisas, eu sentia-me muito mal, e quase que envergonhada, não pelos filhos não serem meus, mas por aquela senhora me levar como tradutora para uma reunião de pais. Percebe. Ela quando veio para cá sabia que tinha filhos, e sabia que tinha que fazer esse tipo de coisas. E é nessas coisas que o português passa, na minha opinião, passa dos limites e eu não consigo entender isso. (Zulmira, 50 anos, Enfermeira, em Hamburgo desde 2011)*

Por fim, Sandro refere situações de conflito e falta de ajuda entre os portugueses. Para alguns dos entrevistados, que se encontraram em contextos de inserção profissional com elevada presença de conacionais, como é o caso de Sandro, as relações entre portugueses podem ser tensas, não havendo evidência de alguma solidariedade intranacional.

*Quando sai de lá estava saturado de lá estar, colegas portugueses, que é assim, nós quando chegamos aqui, nós, os portugueses em Portugal, temos uma mentalidade, nós pensamos que os portugueses são iguais aos portugueses de Portugal, mas não são, as pessoas aqui são diferentes. Isto é a minha opinião e já falei nisto a muitos portugueses, e são todos da mesma opinião, os portugueses aqui não se ajudam uns aos outros, nos trabalhos, porque se houver um português que ganha mais que o outro, então aí já há disputa para aquele português tentar ganhar o mesmo. (Tentam-se...) Lixar, claro, então tive lá 12 anos, então estava saturado, daquela firma e do... (Ambiente?) E do ambiente. (Sandro, 45 anos, Motorista, em Hamburgo desde 1994)*

Não foi intuito deste trabalho interpretar com profundidade este tipo de relações de conflito, ou de não relações entre portugueses, uma vez que não tinha sido equacionada tal tipo de relação. A única característica comum aos entrevistados que referiram esta posição foi desempenharem trabalhos pouco ou nada qualificados, com elevada concentração de portugueses. A explicação que se propõe é que se trate de um resultado de competição por recursos escasso, com o trabalho, ou os salários que daí advêm. Não foi encontrada literatura sobre este tipo de atitudes dentro de grupos imigrantes.

## **2. A penetração nas redes autóctones**

A situação de redes de amizade forjadas com alemães, quando existentes, são consequência de uma migração que ocorre por amor, em que o cônjuge é alemão e tem o seu grupo de amigos que é adoptado pelo recém-chegado. Estas situações são praticamente inevitáveis nas estratégias migratórias baseadas em reagrupamentos familiares ou migrações por amor, como é o caso de Luísa, ou César:

*Ainda não fiz assim grandes amizades aqui, tenho alguns conhecidos, algumas pessoas que eram amigos da minha namorada e ainda estão, ela já os conhecia de Hamburgo. (César, 29 anos, Consultor ambiental, em Hamburgo desde 2017)*

*Pus-me logo a aprender alemão, passado um ano já falava fluentemente alemão, tinha os amigos do meu namorado na altura, que mesmo assim, não era a minha, era mais velho que eu, era mais velho que eu mas não estava propriamente sozinha. (Luísa, 38 anos, Organizadora de eventos, em Berlim desde 2002)*

Em situações em que não existe esta adopção de uma rede de amizade constituída por alemães, é frequentemente referida a dificuldade de aceder a uma rede constituída por alemães. Esta dificuldade é justificada por Joaquim como resultado de distância cultural:

*Não tenho amigos com quem falar, os amigos com quem eu falo são os meus colegas de trabalho, e bem já sabes, são alemães, e têm uma maneira diferente de ver as coisas. A minha chefe, “Vais ter que esperar 6 meses para ver a tua filha, agora só a vês em outubro.” Assim como se nada fosse. (...) Mas isso numa forma muito normal (...) “Precisas de um frigorífico? Toma lá!” Mas se precisas de um bocado de sair e dizer. “Olha, as coisas vão correr bem, tens que ter calma.” Não. “Isso tens que esperar”, mas com uma normalidade. (Uma frieza.) Era aí que eu queria chegar, uma frieza completamente. É a cultura deles. Sim é a maneira deles. (Joaquim, 43 anos, Jardineiro, em Hamburgo desde 2015)*

### **3. As redes constituídas por imigrantes de outras origens**

A terceira possibilidade consiste nas redes de sociabilidade constituídas por imigrantes de outras origens. No caso de Mário, a justificação para a inserção numa rede de amizade constituída por outros imigrantes deve-se, em grande parte, ao seu contexto de trabalho, bastante internacional.

*Não há nenhum português. Aliás, o grupo com quem eu, logo de início, me comecei a dar muito bem, era um turco, um mexicano, um chinês, principalmente esses três, nenhum era alemão curiosamente. (Isso tinha a ver com o panorama da empresa, que se calhar não tem tantos alemães assim?) Ainda tem alguns, por acaso calhou. (Mário, 32 anos, Front end developer, em Berlim desde 2013)*

Já no caso de Maria, as amizades com outros imigrantes que conheceu no curso de línguas deve-se ao fato de serem pessoas que estavam na mesma situação.

*E acho que cá, o sítio onde, e que atualmente ainda são meus amigos, foi na escola de línguas. Portanto eu tinha aulas todos os dias. De segunda a sexta, não sei quantas horas, horrível, ainda por cima alemão, que é uma grande tarefa só por si só. E foi onde eu conheci a maior parte das pessoas que ainda hoje somos amigos. (Eram todos estrangeiros?) Sim. (Alguns portugueses?) Alguns portugueses, sim, alguns espanhóis, dinamarqueses, conheci de todas as*

*nacionalidades, mas não tinha amigos alemães. (Maria, Pós-doc em Biologia, em Berlim desde 2013)*

Renato refere que esta escolha se deve à dificuldade em estabelecer relações com os alemães e, por outro lado, à estratégia de evitamento de lidar com outros portugueses:

*Eles [os alemães] são pessoas normalmente pessoas muito reservadas. Para mim eu comecei a fazer as minhas amizades através do trabalho, colegas, e depois colegas conhecem colegas e saímos todos juntos e fazemos barbecues no verão e acaba por se conhecer criar um grupo ali muita variedade, muito internacional, mas lá no meio sempre vão aparecendo uns alemães, colegas de trabalho e tudo mais e vamos começando a expandir a rede e foi através dessa rede que conheci a minha namorada (...) os portugueses que conheço já conhecia antes e acabaram por ir lá ter e também já contratou alguns portugueses. No geral o círculo de amigos é internacional, italianos, espanhóis, turcos. (Renato, 34 anos, Engenheiro de Software, em Berlim desde 2012)*

Gilberto refere a maior facilidade em lidar com outros estrangeiros devido à língua franca, e ao maior número relativo, em comparação com os portugueses:

*Pois não eram portugueses, muitos não eram alemães também. (Então era um misto de estrangeiros com alemães?) Havia muitos estrangeiros, mesmo os que iam regularmente a estes encontros e que moravam em Berlim, muitos eram estrangeiros, e o inglês era a língua franca. (Pois, porque era difícil falar alemão?) Sim, eu tinha se calhar um bocadinho mais que A1 mas ainda não o A2 que era o que tinha aprendido em Portugal, mas não dava para manter uma conversa como deve ser. (Dava para pouco?) Dava para dizer: “Olá, sou de acolá, o que é que estás aqui a fazer?” Mas depois se entrasse em qualquer tema em que se queria dizer qualquer coisa interessante. (Gilberto, 36 anos, Engenheiro Informático, em Berlim desde 2008)*

Por fim, Sandro frisa a importância dos laços com outros imigrantes com a justificação de que se trata de pessoas que se encontram numa situação semelhante:

*Sim, comigo trabalha um que é do Senegal, já trabalhei com vários de outras partes de África, são boas pessoas, tenho amigos turcos, tenho amigos russos. (Sandro, 45 anos, Motorista, em Hamburgo desde 1994)*

\*\*\*

No campo das ajudas recebidas, o empregador surge como um ator relevante para quem chegou com emprego assegurado, para os graduados do ensino superior, para os profissionais dos grupos 1 e 2 e para os homens. Já as redes familiares são especialmente importantes para aqueles que procuraram emprego após a chegada à Alemanha, os de menores graduações escolares, e os profissionais menos qualificados (grupo 6 a 9).

No que respeita à origem nacional dos principais amigos, destaca-se que emigrantes chegados há mais tempo nomeiam mais frequentemente a população autóctone. A escolaridade mais elevada também é relevante para explicar a relação com a população alemã, bem como com imigrantes de outras origens. As profissões explicam as relações com imigrantes de outras origens e com portugueses já sedimentados há muitos anos; numa forma inversa, quanto mais qualificada a profissão, mais frequentes as redes internacionais e menos frequentes as redes intra-nacionais de longa data.

Procurou-se conhecer os contextos onde se forjaram estas amizades com base nas entrevistas em profundidade. Regra geral, foram fruto de ações não planeadas, ocorrendo nas WG's, em contexto de trabalho ou nos cursos de integração para estrangeiros.

#### **4.5. Associativismo**

##### **Introdução e contextualização**

Uma dimensão relevante da integração diz respeito ao associativismo emigrante. Estas associações podem, em muitos casos, influenciar nos dois grandes temas em estudo nesta tese, a integração e as relações com o país de origem. As associações de emigrantes funcionaram muitas vezes como um “espaço de solidariedade” que permitiu escapar ao “labirinto da solidão” (Rocha-Trindade, 2010). Estas associações “oferecem oportunidades de encontro e de convívio com conterrâneos ou com compatriotas” (p.44). Não obstante esta importância, é difícil conhecer o universo das associações portuguesas. O estudo de caso de Melo (2007) para o Reino Unido refere essa limitação, especialmente devido à existência de associações que assumem um carácter mais informal, uma vez que não possuem estatutos e não se encontram institucionalizadas, logo, não têm reconhecimento formal.

Duas das características deste associativismo português na diáspora, segundo Melo, é estar bastante difundido e criado em torno de “subgrupos étnicos” associados à origem regional: “os minhotos, os madeirenses, os alentejanos, os beirões” (Melo, 2006 p.71). Mas a diversificação do perfil da emigração portuguesa na Alemanha parece que levou a que exista, atualmente, uma maior diversidade de associações de portugueses. Do clássico associativismo de génese regional identificado por Melo, a evidência empírica parece apontar para um associativismo mais recente, que não se forma em torno de



regiões mas sim em torno de ocupações. São descritos a seguir três exemplos dessas associações recentes.

A Native Scientists<sup>126</sup>, embora não seja exclusiva de portugueses na Alemanha<sup>127</sup>, lida com cientistas das áreas STEEM (Science, Technology, Engineering and Maths), que falam mais do que uma língua e que promovem *workshops* em escolas junto de crianças/alunos que partilhem a língua de origem com o cientista.

Os Amigos da Berlinda<sup>128</sup> (Freunde von Berlinda eV) dedicam-se à interação cultural entre Berlim e os falantes de português. Embora a ênfase seja colocada na componente cultural, apoiam também na sua integração, especialmente no trato com o aparato administrativo, ministram aulas de alemão e prestam apoio a crianças lusófonas hospitalizadas.

A Associação de Pós-Graduados Portugueses na Alemanha<sup>129</sup> (ASPPA) tem como objetivo fomentar o contacto de portugueses detentores de um grau académico a viver na Alemanha, dando relevo a este grupo junto dos restantes portugueses, dos luso-descendentes e da população alemã. Procuram facilitar a integração da população portuguesa e possuem, entre outras atividades, a atribuição de bolsas de estudo para estudantes portugueses terem oportunidade de estagiar ou realizar trabalhos académicos em universidades alemãs sobre a supervisão de cientistas portugueses.

Para além das associações previamente descritas, parece ganhar relevo o que se pode considerar um associativismo *online*. Os grupos de *Facebook* para imigrantes são bastantes: num levantamento exaustivo sobre grupos de portugueses emigrados (em qualquer país do mundo) no âmbito do projeto REMIGR, foram contabilizados 232 grupos, alguns deles com números consideráveis de membros. Por exemplo, o grupo “Portugiesen in Hamburg/Portugueses em Hamburgo” possuía, a 13/09/2019, 4.224 membros. Em situações em que a trajetória migratória é irregular, como no caso dos emigrantes da Eritreia, que, para chegarem à Europa, necessitam atravessar diversos países como o Sudão e a Etiópia, os grupos de *Facebook* são uma forma destes

---

<sup>126</sup> [www.nativescientist.com](http://www.nativescientist.com)

<sup>127</sup> Atualmente, possuem ativistas nos seguintes países: Inglaterra, Escócia, França, Irlanda, Noruega, Alemanha, Suécia, Irlanda do Norte, Holanda e Portugal.

<sup>128</sup> [www.berlinda.org](http://www.berlinda.org)

<sup>129</sup> [www.asppa.de](http://www.asppa.de)

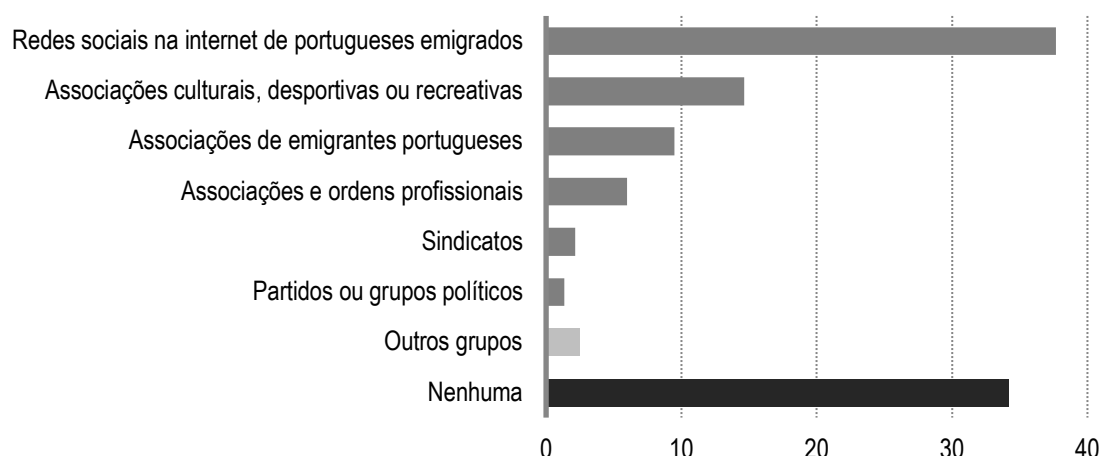
emigrantes atualizarem e corrigirem a sua rota, de forma a evitar assaltos e raptos (Mengiste, 2018).

Por outro lado, a importância do *Facebook* para os imigrantes fez com que esse se tornasse um interessante objeto de estudo. Os dados desta rede social já foram utilizados para estimar *stocks* de imigrantes nos Estados Unidos (Zagheni, Weber, & Gummadi, 2017), para aferir a assimilação/integração de imigrantes através dos seus interesses (Dubois, Zagheni, Garimella, & Weber, 2018), para conhecer o quanto as redes de amizade dos imigrantes nos Estados Unidos eram compostas por conacionais (Herdagdelen, State, Adamic, & Mason, 2016). Outros estudos mais próximos de etnografias digitais estudam ainda, numa abordagem qualitativa, os grupos de *Facebook* étnicos (nos termos do autor) e os seus impactos na integração dos imigrantes refugiados na Holanda (Sametipour, 2018).

### **Uma análise quantitativa ao associativismo dos inquiridos**

Tendo como base empírica as respostas obtidas ao inquérito por questionário REMIGR, procurou-se conhecer de que modo se consubstancia a participação associativa dos emigrantes portugueses, hierarquizada na Figura 47. Destaca-se, por um lado, a ausência da participação associativa por parte de mais de 1/3 dos inquiridos; por outro lado, o peso elevado das redes sociais na *internet* para portugueses emigrados. Estes valores podem ser influenciados pela estratégia adoptada durante o trabalho de campo, uma vez que o inquérito por questionário foi divulgado em cerca de 200 grupos de *Facebook* dirigidos à emigração portuguesa. Assim existe efeito circular: se existem muitas associações *online* – o questionário foi divulgado em muitas delas – existe um elevado peso de respostas ao item “redes sociais na internet”. Seja como for, o quantitativo elevado que estas associações assumem é indiscutível.

**Figura 47. Participação associativa dos portugueses na Alemanha (%)**



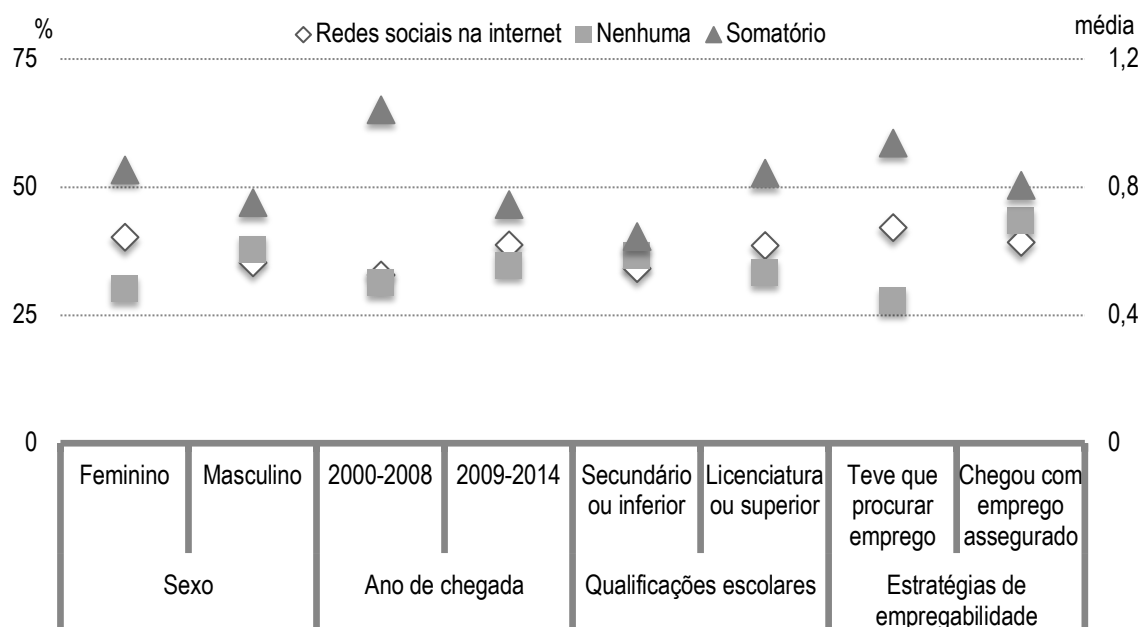
Fonte: REMIGR (2015), possíveis respostas múltiplas

Um segundo tipo de análise consiste no somatório de todas as associações a que o inquirido declarou pertencer. Embora se torne uma análise mais redutora, dá uma ideia da diversidade associativa da amostra inquirida. Como se verificou anteriormente, o mais frequente é não pertencer a qualquer tipo de associação; um terço dos respondentes fica com uma associação e 14% declara duas associações; as restantes situações são de reduzida expressão e agregam 6% da amostra.

Tendo em conta as duas categorias que recolheram um número mais elevado de respostas, a participação *online* e a não-participação, foram analisados estes dois itens com maior profundidade, tendo em conta os fatores considerados mais relevantes: o sexo, o ano de chegada, o nível de escolaridade e a estratégia de empregabilidade (Figura 48). No que respeita ao sexo, esperava-se observar valores mais elevados nas mulheres nos dois itens, uma vez que é esperado que o espaço público seja predominantemente masculinizado. Seguindo os estudos existentes para a população portuguesa *stay-at-home*, o sexo é uma das variáveis mais importantes para explicar o associativismo tradicional, mais predominante nos homens (Cabral, 2000)<sup>130</sup>. A hipótese apenas se verifica parcialmente, uma vez que as mulheres associam-se mais no modo *online*. Mas o peso dos homens sem qualquer tipo de associativismo é superior.

<sup>130</sup> O estudo citado diz respeito ao associativismo político. É plausível que, para outros tipos de associativismo, a discrepância seja menor.

**Figura 48. Participação associativa dos portugueses na Alemanha nula e online por principais preditores (%) e número médio de associações**



Fonte: REMIGR (2015)

Em segundo lugar, o ano de chegada parte da ideia de que as associações seriam especialmente importantes nos primeiros tempos na Alemanha, mas que posteriormente os sujeitos deixariam de recorrer a elas, uma vez que o seu propósito seria o de providenciar auxílio temporário. Os dados mostram que os emigrantes que chegaram mais recentemente são os que, por um lado, recorrem mais às redes *online* e também são os que mais não pertencem a nenhum grupo, o que leva a pensar que se está perante uma lógica binária nesta geração mais recente, em que, ou pertence a grupos *online*, ou não pertence a nenhum grupo. Na análise pelos grupos de escolaridade as diferenças são mínimas, mas é de referir que, nos menos escolarizados, é mais frequente não pertencer a nenhum tipo de associação, e nos mais escolarizados, a situação mais frequente é a adesão a grupos *online*, o que segue a linha de pensamento da literacia digital (Lankshear & Knobel, 2008). Na separação entre as estratégias de empregabilidade, os que chegaram com emprego assegurado pesam muito mais na participação associativa nula e relativamente menos na participação *online*.

Uma análise complementar consiste em analisar os valores médios apurados para o número de associações a que cada inquirido pertence, o que dá uma ideia da diversidade do capital social associativo. A participação associativa é mais diversificada nas mulheres do que nos homens, o que contraria a hipótese inicial. É também mais elevada nos emigrantes que chegaram antes de 2008, o que pode ser interpretado de duas

maneiras distintas: 1) Numa lógica de ciclo de vida, é por se encontrarem no país de destino há mais tempo, e já passaram por uma primeira fase de acomodação, mais conturbada, e assim podem dedicar-se a outras atividades secundárias. Esta ideia segue também a lógica de valores pós-materialistas (Inglehart, 1977, 1990) em que as necessidades de sobrevivência já se encontram asseguradas. 2) Se for pensado numa lógica de coorte ou geração, pode-se estar perante uma mudança de perfil, pertencendo os emigrantes mais antigos a uma vaga em que a participação associativa ainda era importante, que deu lugar a uma emigração que se foca mais na participação *online*.

O associativismo é mais elevado nos mais qualificados, que pode ser interpretado pela mesma lógica pós-materialista, e naqueles que tiveram de procurar por emprego, o que pode significar que o espaço associativo pode ser uma possibilidade de formar capital social com acesso a emprego e outros recursos.

Dada a baixa variância no índice de práticas associativas não foi possível a realização de uma análise multivariada.

### **Uma análise qualitativa ao associativismo dos entrevistados**

Quando foi sugerido aos entrevistados o tema das associações, dois tipos de discurso emergiram: por um lado, a posição em relação ao associativismo clássico, de características presenciais e recreativas, por outro lado o dos grupos de *Facebook*.

#### ***O associativismo clássico***

Numa análise à pertença associativa dos entrevistados, a pertença a associações “clássicas” foi nula, embora alguns emigrantes que contavam com uma chegada à Alemanha bastante datada (anos 1970 e 1990) referiram ter pertencido, há muitos anos atrás, a associações enquadradas nesta categoria:

*Agora não, mas já fiz. Muitos anos, na altura em que os meus pais eram ativos, fiz. Eles passaram a ter uma certa idade, foram-se embora, depois uma pessoa também começa a ter filhos e tem outras ideias e outros interesses. E tentei fugir. (Amílcar, 50 anos, Comercial técnico de produtos alimentares, em Hamburgo desde 1974)*

Em segundo lugar, são referidas as situações de entrevistados que referem ter conhecimento de associações (tanto clássicas, como modernas), mas que preferem não fazer parte por não se identificarem com os seus objetivos, como no caso de Lara:

*Já pensei em ir uma vez a uma das noites de conversa, mas eu sou um bocado tímida, e sou um bocado bicho do buraco e custa-me muito essas coisas de networking, só por si. E se a temática vai ser sempre Portugal. Eu não percebo, também não tenho nada contra, longe de mim, mas não percebo a teoria, partindo do princípio se só porque somos do mesmo país, tem que haver uma afinidade? Portanto custa-me um bocado entrar nesses círculos, porque acho que há sempre essa. Que esse é o pressuposto, então acabo por não, fico logo de pé atrás. (Lara, 31 anos, Técnica em Empresa de Mapas, em Berlim desde 2010)*

Por outro lado, observa-se o que se pode considerar um uso pragmático das associações clássicas, não tanto uma participação ativa e militante, mas uma regalia da qual se pode tirar proveito numa lógica de *free ride*:

*[Nas festas da Missão Católica] Organizam as sardinhas, a gente não conhece ninguém, mas quero comer umas sardinhas, vamos lá, pagamos, vemos o rancho a dançar e vimos embora. (Anabela, 38 anos, Engenheira Civil, em Hamburgo desde 2007)*

Em suma, o associativismo presencial parece ser de reduzida expressão entre os entrevistados, seja ele numa modalidade mais clássica ou referente aos “novos” grupos. Foi bastante frequente os entrevistados, especialmente em Berlim, terem conhecimento da existência desse tipo de associações, mas menos frequente foi a sua participação (embora exista em alguns casos). Em Hamburgo, o associativismo clássico parece ter maior visibilidade, mas também neste caso houve pouca aderência por parte dos entrevistados, havendo uma adesão mais pragmática do que militante.

### ***As associações online***

Os grupos de *Facebook* mostraram-se uma “nova” forma de associativismo *online*. A categoria não foi criada *à priori* e surge como uma categoria *emic*, uma vez que quando era questionada a participação associativa dos entrevistados, os próprios enunciavam a pertença *online*. O associativismo *online* parece muito mais omnipresente nos entrevistados: embora nem todos tenham aderido a este movimento, todos têm conhecimento da sua existência.

*Eu estou lá porque uma amiga pôs-me lá, recomendou-me e eu achei interessante porque às vezes tenho, há coisa que nós preferimos, por exemplo, vou fazer 50 anos, quero um bolo mais ou menos, detesto bolos alemães, deste tipo de pastelaria, mas também não tenho vontade de ir ao Caravela ou à Sul e encomendar, mas há aquela senhora que faz uns bolinhos em casa, esse tipo de coisa assim. (Zulmira, 50 anos, Enfermeira, em Hamburgo desde 2011)*

*Mas eu participo, participei há bocado porque eu precisei de um advogado e queria que me ajudassem a arranjar um advogado que falasse português. (E aí o pessoal é prestável, há sempre alguém que responde.) Sim, tive várias, tive feedback. (Joaquim, 43 anos, Jardineiro, em Hamburgo desde 2015)*

\*\*\*

A diversificação da emigração portuguesa para a Alemanha levou também a uma diversificação do associativismo português. O "clássico" associativismo de base étnico ou regional, identificado por Melo (2006), parece coexistir com um associativismo criado em torno de grandes grupos profissionais, culturais ou académicos. Estudos sobre o associativismo em França (Hily & Poinard, 1985) concluíam que o associativismo português era fruto de uma estratégia de invisibilidade, o grande movimento associativo permitia aos portugueses reunirem-se para comer, beber, ouvir música e dançar, estando "longe das ruas". Estratégia que parece não ter sido adoptada pela emigração portuguesa clássica na Alemanha. Mas a emigração mais recente evita essa visibilidade, bastante evidente em Hamburgo, mas não tanto em Berlim. As atividades de comer e beber restringem-se a uma esfera privada de pequena dimensão, como se pode observar pelas ilustrações de Anabela ou Bento.

*Se eu quiser desenvolver a cultura portuguesa organizo um jantar em minha casa, uma sardinhada, ou uma feijoada. (Anabela, 38 anos, Engenheira Civil, em Hamburgo desde 2007)*

*Mas começámos a instituir uma prática que é, nestes grupinhos que nós temos que estamos mais juntos, que somos não sei umas 15 pessoas, uma vez por mês, um dos casais organiza um almoço, para os outros casais, tem que ser um prato tipicamente português, tem que ser uma coisa tradicional e vai tudo para casa dessa malta e começamos a almoçar às 14 da tarde e ficamos na mesa até às 22:00, isso é engraçado e continuamos a fazer. (Bento, 37 anos, Business developer, em Hamburgo desde 2010)*

Estas pequenas atividades de associação com pouca (ou nula) visibilidade pública coexistem com uma elevada participação em grupos *online*, fenómeno que parece se tornar transversal a grande parte dos movimentos migratórios de portugueses.

## **5. A integração na dimensão política**

A análise da integração na dimensão política com base nos dados disponíveis através do questionário REMIGR é reduzida a dois indicadores de práticas relacionadas com a esfera política (Tabela 18). O primeiro diz respeito à consulta dos *media* com objetivo

de se atualizar com o panorama político no destino. Numa escala de 1 a 5, pontua 3,3 pontos. O segundo indicador remete para a participação eleitoral e atinge um valor de 2,5 na mesma escala. Este indicador encontra algumas limitações, uma vez que não especifica a que eleições diz respeito, embora se parta do princípio de que as respostas dizem respeito às eleições locais, uma vez que são as únicas para as quais qualquer imigrante registado pode votar. A questão tem uma taxa de “não se aplica” de 19%.

**Tabela 18. Indicadores de integração política**

	Média	Desvio Padrão
Ouvir/ ler notícias sobre política no país de destino	3,3	1,2
Votar em eleições no país de destino (se tiver direito)	2,5	1,7

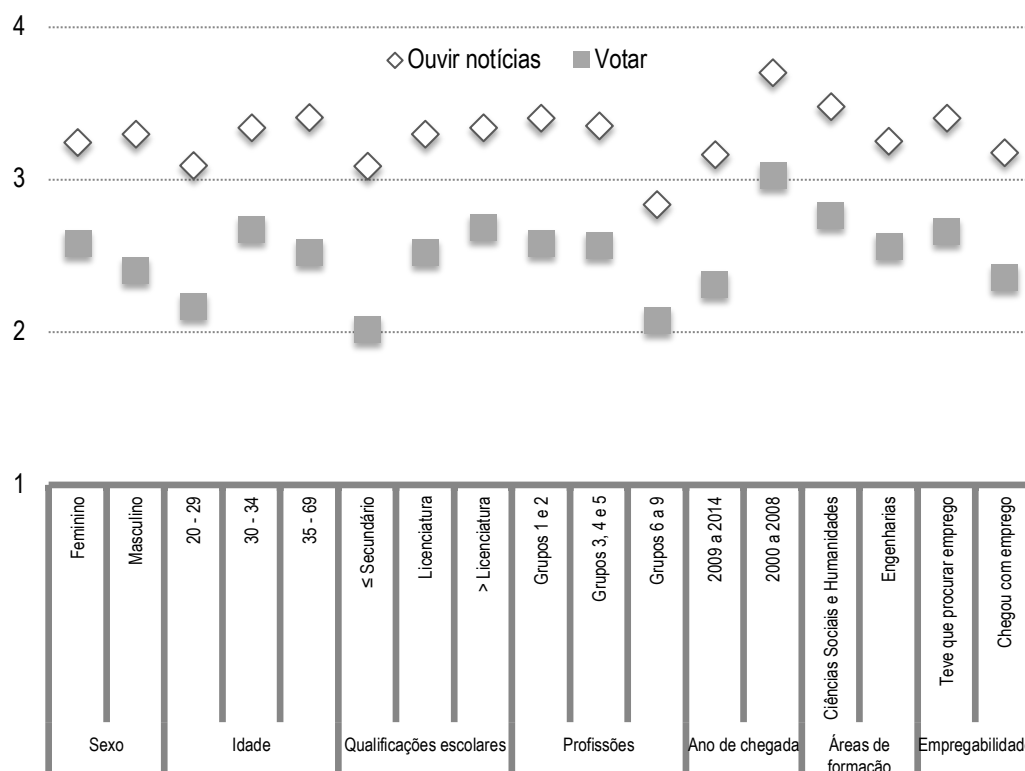
*Fonte: REMIGR (2015) Escala 1. Nunca, 5. Diariamente*

Ambas as variáveis encontram-se moderadamente correlacionadas ( $r$  de *Pearson* 0,66) segundo os valores de referência (e.g.: Filho & Júnior, 2009). Como seria de esperar, a consulta de notícias sobre política é mais frequente do que o voto, uma vez que são práticas cuja periodicidade difere: uma tende a ser parte do quotidiano e outra um evento extraordinário.

Uma análise cruzada mostra que existem algumas diferenças entre diversos fatores (Figura 49). Em relação ao sexo, as mulheres participam mais no voto e ligeiramente menos na consulta do quotidiano. A maior participação das mulheres é um resultado não esperado, uma vez que, para a população em geral, as teorias clássicas restringiam a mulher à esfera privada, deixando o homem como protagonista na esfera pública. Esta tendência é geral e explicada por um “papel subalterno (da mulher) na sociedade e, sobretudo, arredado da política” (Freire, 2001 p.20). Contudo, segundo o mesmo autor, estas diferenças têm-se vindo a esbater desde os anos 1970.



**Figura 49. Integração política por principais preditores (médias)**



*Fonte: REMIGR (2015)*

No que respeita à idade, a participação por via do voto é superior no escalão dos 30 aos 34 anos, inferior no escalão mais jovem e intermédia na categoria entre os 35 e os 69 anos. O interesse pelas notícias aumenta com o avanço na idade. A participação pelo voto e o interesse pela política é mais frequente nos graduados do ensino superior, nas profissões dos grupos 1 a 5, nos portugueses que chegaram antes de 2008, e nos que tiveram que procurar emprego.

De modo a perceber os efeitos descritos acima numa lógica preditiva, foi criado um índice de integração política, resultante da média dos dois indicadores que foram anteriormente descritos. O indicador é limitado e poderia contemplar alguns indicadores como os referentes a algum tipo de associações. Contudo, a baixa frequência no associativismo e a não uniformização de escala desincentiva a criação de um índice com um número mais elevado de itens.

De modo a perceber quais os fatores que se encontram associados à participação política, foi corrida uma regressão linear tendo o índice de integração política como

variável dependente (Tabela 19). Os preditores foram introduzidos no modelo de regressão por blocos. O primeiro modelo era composto pelas variáveis sociodemográficas sexo e idade; os homens ficaram associados a um decréscimo da participação política e a idade é positivamente correlacionada com a integração política, contudo não possuem significância estatística. No segundo bloco foram introduzidos os fatores referentes ao estatuto socioeconómico dos inquiridos, a escolaridade e a profissão; a integração política encontrou-se associada aos níveis académicos superiores e às profissões mais qualificadas, embora, tal como no bloco anterior, sem relevância estatística. O terceiro bloco acrescenta os fatores que dizem respeito à trajetória migratória, a chegada com emprego assegurado e o ano de chegada. Os portugueses que chegaram com emprego assegurado tendem a ter uma menor integração política (embora não haja poder estatístico para suportar esta afirmação). O único fator estatisticamente relevante neste bloco é o ano de chegada, no sentido em que os portugueses que chegaram antes de 2008 são aqueles com maior integração política. É relevante o tempo, uma vez que, quanto mais tempo passe, maior a probabilidade de terem ocorrido eleições. Mas provavelmente mais importante será o domínio do alemão, *skill* que demora tempo a adquirir e que, como se verá à frente, é essencial para poder lidar com os *media* autóctones. Em segundo lugar, pode estar relacionado com o passar de um *turning point* e a migração ser interpretada como definitiva.

**Tabela 19. Coeficientes de regressão para o índice de práticas políticas**

	Modelo 1 (Sociodemográficas)	Modelo 2 (Estatuto socioeconómico)	Modelo 3 (Trajetória migratória)
Constante	2,59***	2,02***	2,28***
Sexo (homens <i>dummy</i> )	-0,16	-0,12	-0,09
Idade	0,02	0,02	0,01
Escolaridade (ensino superior <i>dummy</i> )		0,64*	0,62*
Profissão (grupos 1 e 2 <i>dummy</i> )		-0,12	-0,17
Estratégias de empregabilidade (chegou com emprego <i>dummy</i> )			-0,14
Ano de chegada (2000 a 2008 <i>dummy</i> )			0,50*
R <sup>2</sup> <sub>131</sub>	0,01	0,04*	0,07*

Fonte: Elaborado pelo autor com base em REMIGR (2015) \* $p < 0,05$ , \*\* $p < 0,01$ , \*\*\* $p < 0,001$

<sup>131</sup> Os asteriscos dizem respeito à significância do  $R^2$  change.

## A participação política pela voz dos entrevistados

No campo da participação política foram exploradas as motivações para a participação e para a não participação dos entrevistados. No geral, a tendência é para votar nas eleições locais e procurarem manter-se informados através das notícias. Por um lado, esse interesse pela política é justificado com uma preocupação pelo aumento de extremismos políticos, tanto na Alemanha como no resto da Europa:

*Sem dúvida! Eu acho que aqui na Alemanha, em geral, há muito mais interesse, muito mais participação na atividade política e nos últimos anos, desde que eu estou cá, tem-se visto, como na Europa toda, um crescimento da extrema-direita, ou melhor, das duas extremas e tem sido um tema que tem estado sempre na boca. (Renato, 34 anos, Engenheiro de Software, em Berlim desde 2012)*

Outros entrevistados revelam uma preocupação com a relação entre a Alemanha e a União Europeia, preocupação que deve ser contextualizada com o período em que entrou no debate público o Brexit e decorreu o trabalho de campo. Assim, alguns entrevistados mostravam preocupação no sentido de a Alemanha seguir uma trajetória semelhante à do Reino Unido:

*E esse é o único motivo pelo qual eu neste momento, eu estou cá há nove anos e acho que é a partir dos oito anos a viver numa cidade que podes candidatar-te a, é a única razão pela qual eu penso que poderia ter, de resto, neste momento, na minha vida, não faz sentido nenhum ter, a não ser que me digam que amanhã a Alemanha vai sair da União Europeia, que eu acho difícil, seria a única. Para poder votar é realmente para mim importante, era, não aconteceu ainda. (Mara, 34 anos, Educadora de Infância, em Berlim desde 2008)*

Outros gostavam de poder participar mais, isto é, ter oportunidade de votar nas eleições legislativas, que tinham ocorrido uma semana antes do trabalho de campo. Isto é, um sentimento de impotência em relação às eleições autárquicas:

*Não é justo estar aqui como observador, “ah não posso, isto não é a minha terra, vocês que decidam”, não é justo. (Podes votar para as locais?) Acho que posso votar, mas é algo muito minimal, e o que os alemães dizem e chateiam-se um bocado é que a comunidade imigrante é muito grande, seja portuguesa ou outra, mas não vota e normalmente são pessoas com cultura, com educação, informadas, que sabem o que é que se passa à volta do mundo, e por sabermos tantos, a gente até quer é afastar-se de toda a porcaria que existe, mas depois acontece como o que aconteceu aqui que é, as pessoas de extrema-direita, ou com ideias mais conservadoras, ganham poder e vão ganhando mais poder, e nós vamos dizendo: “caraças!” (Anabela, 38 anos, Engenheira Civil, em Hamburgo desde 2007)*

As posições anteriores diziam respeito a diferentes tipos de interesse pela política. No grupo das posições de não interesse, a razão apontada é que também em Portugal nunca

foram muito interessados. Ou seja, é um desinteresse que já existia em Portugal e que se manteve com o indivíduo após a migração. Não se atenuou nem aumentou com a distância geográfica e social causada pela emigração. É possível encontrar estas orientações tanto em emigrantes pouco qualificados (Sandro) como muito qualificados (Bento), como se pode constatar nas seguintes ilustrações.

*A política aqui, nunca me interessou, porque já em Portugal, a política nunca me disse nada, nunca tive cartão de eleitor, a política a mim nunca me disse nada, nunca, desde que eu me lembro, nunca me disse nada, portanto se em Portugal nunca me disse nada, aqui, muito menos, é claro que tenho interesse pela política se houver alguma coisa que seja contra os portugueses, mas de resto, não. (Sandro, 45 anos, Motorista, em Hamburgo desde 1994)*

*É-nos permitido votar para as eleições locais, eu não votei, não votei porque eu nem em Portugal provavelmente votaria para as autárquicas. (...) Eu nunca gostei muito de política, pela parte má da política, continua a meter-me muita confusão interesses tão declarados, tão declaradamente contra o que devia ser o interesse nacional e irrita-me. (Bento, 37 anos, Business developer, em Hamburgo desde 2010)*

\*\*\*

A análise da integração na esfera política dos portugueses inquiridos focou-se em dois indicadores, o interesse pela política alemã, consubstanciada na consulta de notícias sobre este tema, e a participação eleitoral. A primeira é mais frequente nos homens, nos emigrantes mais velhos, nos mais escolarizados, nas profissões mais qualificadas, nos emigrantes mais recentes e naqueles que tiveram que procurar por emprego quando chegaram à Alemanha.

O voto é mais frequente nas mulheres, nos emigrantes com idades entre 30 e 34 anos, nos mais qualificados (em termos escolares e profissionais), nos emigrantes mais recentes e nos que tiveram que procurar emprego à chegada. Estas diferenças são pouco relevantes em termos estatísticos, mas a escolaridade e o ano de chegada mantêm os *p-values* de acordo com os valores de referência.

Com base nas entrevistas foi possível perceber que o interesse pela política na Alemanha se deve em grande parte às relações com a União Europeia, ao surgimento de extremistas políticos, e ao Brexit. Existe também algum sentimento de impotência devido à limitação da participação no país de destino. Mas a participação eleitoral não é uma constante. Com o interesse acima expressado, coexiste o desinteresse, que tende a

ser associado à continuidade de um desinteresse que já existia pela política em Portugal ou por sentimentos de desafeição política<sup>132</sup>.

## **6. A integração na dimensão sociocultural**

A análise da integração dos portugueses na Alemanha na dimensão sociocultural desenvolve três temas: i) a relação com a cultura alemã, ii) o domínio da língua alemã e iii) o recurso aos *media* alemães.

### **6.1. A relação com a cultura alemã**

O estudo da relação dos imigrantes com a cultura dos países de destino é frequente nos trabalhos dedicados à integração. Lembra-se que no já citado Gordon (1964) a adaptação cultural seria o último estágio da assimilação dos imigrantes. Na contemporaneidade a literatura sobre a relação dos imigrantes com a cultura dominante tem sido especialmente desenvolvida em torno do conceito de aculturação, como o já referido modelo de Berry (2005). Para o caso empírico da emigração portuguesa, os estudos têm-se focado especialmente no grupo dos lusodescendentes (Neto, 1997; dos Santos, 2002; Sardinha, 2011).

Para este estudo também se procurou perceber como os entrevistados se relacionavam com a cultura alemã. Dado o carácter polissémico da palavra, as instruções em contexto de entrevista remetiam para uma dimensão artística (filmes, música). Contudo, cedo se apercebeu que era pouco relevante (era bastante raro algum entrevistado referir interesse por essas áreas). Deste modo, passou a incluir-se indicadores relacionados com a gastronomia, mais perto do que é considerada a cultura material. A importância da cultura material para o estudo das migrações é ancorada em Rosales (2010, p.511), quando refere que *“Still, all migrations are embedded in materiality since they necessarily involve processes of expropriation and appropriation, desire and expectation regarding objects”*.

É ainda de referir que foi frequente, quando primado o tema da cultura alemã, os entrevistados conduzirem os seus discursos para o que pode ser interpretado por

---

<sup>132</sup> Que se caracteriza, segundo Torcal e Montero (2006), em “a sense of personal inefficacy, cynicism and distrust, lack of confidence in representative institutions and/or the representatives elected, the belief that political elites do not care about the welfare of their citizens, and a general sense of estrangement from both politics and the political processes” (p.5).

*folkways*, ou estereótipos, expostos de seguida de modo a enquadrar as suas posições. Os *folkways* são definidos por Sumner (1907) como pequenos modos de agir e de pensar que se tornam tradição, para posteriormente serem aceites passivamente. Os estereótipos consistem em traços associados a determinados grupos que são socialmente partilhados. Para Terraciano e colegas (2005), grande parte das pessoas possuem crenças acerca desses traços de personalidade. Os estereótipos podem dizer respeito a diferentes tipos de grupos sociais, incluindo um grupo nacional. Os estereótipos têm consequências em relação aos seus alvos, pois enviesam as impressões que os indivíduos têm em relação a determinados grupos e podem levar a profecias autoconcretizáveis e a práticas discriminatórias (Madon et al., 2001).

Após esta breve contextualização metodológica e teórica, os resultados desta pesquisa apontam para diferentes posições em relação à cultura alemã, que serão classificados de i) *Distância, desinteresse ou evitamento*, ii) *Desinteresse em prol de uma posição cosmopolita*, e iii) *Proximidade, interesse e a adoção da cultura alemã*. Analisam-se de seguida as posições de distância.

O desinteresse ou evitamento (embora sejam expressões diferentes, não é possível aferir, através dos discursos dos entrevistados, qual delas será a mais adequada) pela cultura alemã pode ser, numa das posições, associado a uma valorização da cultura portuguesa. A lógica é entendida num jogo de soma nula, em que o interesse, ou as práticas culturais associadas a um outro país, são mutuamente exclusivas. A primeira posição encontra-se associada à explicação que se considera ser o *desinteresse reforçado pela estratégia de regresso*. A ilustração de Sandro mostra, no campo gastronómico, essa posição:

*Mas claro que a cultura alemã, a mim nunca me disse nada. Porque eu penso assim, eu estou aqui para ganhar dinheiro e para fazer vida, e para mim Portugal é tudo, Portugal é o melhor que há no mundo, agora claro, a cultura alemã, a nível de comida não, porque a comida que eles têm aqui é tudo comidas rápidas, é tudo congelados, mete na frigideira, está na frigideira a fritar, os panados, as batatas fritas, os hamburgers, é tudo desse género. (Sandro, 45 anos, Motorista, em Hamburgo desde 1994)*

Os casos classificados nesta categoria estão associados a uma forte ligação ao país de origem, como no caso de Mário, que já ponderou fortemente o regresso e que o considera bastante provável; ou como Sérgio, cujo regresso é o ansiado final da sua

carreira migratória, que planeia ocorrer quando atingir a idade da reforma. A relação com a cultura alemã é entendida (de forma consciente ou inconsciente) como um esforço desnecessário, uma vez que o regresso a Portugal se encontra equacionado.

No item anterior a tónica era posicionada na cultura material ou, mais concretamente, nas práticas alimentares e parecia estar muito relacionada com uma estratégia de regresso. Outra posição de distância é encontrada numa dimensão imaterial e pode ser considerada uma distância por oposição à cultura portuguesa. A ideia é que a distância e evitamento podem ou não ser reforçados pela ideia do regresso, sendo esta um subtipo da distância e evitamento.

Os modos de agir e pensar da população alemã tomam a forma de estereótipos e são considerados antagónicos à cultura e aos *folkways* portugueses. Pode ajudar nesta posição a ideia de que a identidade nacional portuguesa é associada à da nação portuguesa, situação que não é assim tão comum no resto da Europa (Sobral, 2014). Ou seja, será fácil para um português identificar-se como português, em oposição a uma identidade cultural alemã (mesmo que estes não se identifiquem como tal). Joaquim e Domingos ilustram esse contraste entre portugueses e alemães.

*Isto não é um país para mim, eu sou uma pessoa que gosta de dialogar com as pessoas, sabes, depois do trabalho, ter um diálogo, e eu estou aqui há dois anos e meio sem essa vida, entendes, eu sou uma pessoa muito viva nesse caso e é uma coisa que (...) o que eu entendo da vida deles é trabalho-casa, casa-trabalho, é sagrado, é mais sagrado que a religião, o trabalho aqui para eles, casa-trabalho, vão para casa, bebem umas cervejas. (Mas já sozinhos, cada um em sua casa?) E não há assim grande... (Socialização?) É, não há grande socialização, só se for para comer e beber, os barbecues começam agora, eles vão para os parques mas depois cada um vai para sua casa. (É mais impessoal.) É mesmo uma coisa, não é assim tão íntima. (Joaquim, 43 anos, Jardineiro, em Hamburgo desde 2015)*

*Nós temos a imagem que os alemães são frios e distantes, e são, é lógico que não são como nós, não são como o sangue latino, em que no mesmo dia somos os melhores amigos e estamos a beber copos para vida. (Domingos, 38 anos, Empregado de balcão, em Berlim desde 2001)*

O que as ilustrações acima têm em comum é que a opinião em relação à cultura alemã é construída em oposição à cultura portuguesa. De acordo com os entrevistados, os portugueses são caracterizados por terem coração, gostarem de dialogar e terem um “sangue latino”, por oposição aos alemães, que são caracterizados por “não terem coração”, não gostarem de dialogar, o que em última instância pode ser consequência de não terem um “sangue latino”.

Nesta dimensão associada aos *folkways* e aos estereótipos dos alemães, o evitamento é presente nos entrevistados com um reduzido contacto com população alemã, normalmente apenas a nível de relações de trabalho. Contudo, não é possível, mediante os dados disponíveis, perceber se estas relações ténues se encontram a montante ou a jusante da adversidade com os *folkways* alemães, isto é, se são causa ou consequência.

A segunda posição é classificada como um *desinteresse em prol de uma posição cosmopolita*. O cosmopolitismo tem a sua génese na Grécia antiga, em que os cosmopolitas seriam os não cidadãos (Vertovec & Cohen, 2002). A ideia do cosmopolitismo pode ser associada a uma identidade não-comunitária, em que o sentimento de pertença, identidade e cidadania é híbrido (Vertovec & Cohen, 2002), e em que as pertenças a causas, povos, locais ou tradições extravasam as fronteiras dos estados nação. Numa revisão de diversas interpretações de cosmopolitismo por Urry (1995, p.167), o *aesthetic cosmopolitanism* é entendido como uma abertura em relação a outras pessoas, lugares, experiências e outras culturas, especialmente de outros países (o que parece importante para o caso). É importante ainda referir que o cosmopolitismo é construído em oposição ao local e aos locais, considerados de paroquiais (Szerszynski & Urry, 2002).

Se a tónica for colocada nos cosmopolitas, é de frisar que podem ser entendidos como uma elite, uma vez que a maioria vê-se confinada à sua nacionalidade, cultura e etnicidade de origem, sem opção (Vertovec & Cohen, 2002). Por outro prisma, os mesmos autores referem que uma identidade ou afiliação cosmopolita é especialmente presente em migrantes, transmigrantes, bem como membros de diásporas étnicas (Vertovec & Cohen, 1999). As ilustrações seguintes mostram o desinteresse, tanto pela cultura alemã como pela portuguesa, e uma valorização da diversidade:

*Não, aqui agrada-me, em Berlim agrada-me especificamente, acho que no resto da Alemanha não é assim, agrada-me, há muitos restaurantes de outras partes do mundo. E isso agrada-me. Eu nunca vou aos alemães, vou a tudo, menos aos alemães, como alemão quando tenho que comer. (Maria, Pós-doc em Biologia, em Berlim desde 2013)*

*Há, essa também é muito boa, e também gosto muito da comida turca. (Há muitos turcos por aqui?) Sim, em todo o canto do bairro há um turco que vende o döner, ou há o mercado turco, então eu comparo muito os turcos com os portugueses, a nível alimentar. (...) Os gregos, também gosto muito da comida grega, esses então ainda são mais parecidos com os portugueses. Nós vamos aqui muita vez comer a um restaurante grego, a caminho daqui para o centro. (Sandro, 45 anos, Motorista, em Hamburgo desde 1994)*



Adopta-se o conceito de cosmopolita e não o de multicultural, para enfatizar que é mais valorizada uma cultura do mundo, ou de diversos países, mas não tanto a cultura alemã. É ainda de frisar que a ideia do cosmopolitismo não fica apenas confinada à dimensão cultural, lembra-se a desterritorialidade presente nos casos que foram classificados de migrações laborais puras. Nestes casos, a emigração para a Alemanha tinha sido fruto de um acaso e não havia uma intenção explícita de vir para este país. E o tema será ainda relevante em tópicos subsequentes.

O terceiro caso, de *interesse e adoção da cultura alemã* a ser referido acontece nos casos de emigrantes de geração 1.5, na terminologia cunhada por Rumbaut (2012), que circunscreve o grupo que chegou ao país de destino na idade da escola primária, tendo realizado toda a escolaridade no país de acolhimento. Tanto Amílcar como Isa chegaram ainda em crianças à Alemanha e mostram a adoção de uma cultura alemã:

*Mas sim, eu acho que nós temos que entrar mesmo com coração na cultura deles, senão, ou então você acaba por ficar... (Isolado?) Sim. (Amílcar, 50 anos, Comercial técnico de produtos alimentares, em Hamburgo desde 1974)*

*A minha mãe fazia porque a minha mãe trabalhava num hotel, não era mesmo assim servir, mas ela via e dava-nos a nós a salada de batata e a minha mãe tentava fazer para me dar a conhecer essa cultura de comidas, por isso é que eu agora não tenho dificuldade nenhuma a comer. (Isa, 55 anos, Empregada de caixa em supermercado, em Hamburgo desde 1974)*

Estes são dois casos em que a maior relação com a cultura alemã parece conjugada com um afastamento com a cultura portuguesa. No caso de Abílio, porque as memórias de Portugal são ténues e apenas sobre a primeira infância. Já no caso de Isa, a explicação pode assentar numa estratégia ativada por parte dos pais, que passava por comunicarem em alemão no ambiente doméstico e terem contacto com a gastronomia alemã. No caso de Isa, podem também importar experiências negativas com colegas portugueses em contexto escolar. A reduzida expressão dos casos de entrevistados nesta categoria não permite generalizações nem tampouco tipificações, cumprindo apenas o fim de lançar pistas para estudos que aprofundem este segmento específico.

Um segundo caso aponta para situações de interesse pela cultura, como consequência da existência de um cônjuge alemão. A introdução numa rede familiar e de amizade alemã implica um maior conhecimento da cultura alemã, tanto a nível de uma cultura material, como a nível dos *folkways*.

*Porque é um bocado assustador não é, porque tu chegas à Alemanha e não percebes nada, então, isto é um mundo que é diferente de Portugal, não é, tu notas isto pela cidade, então senti uma necessidade grande de perceber os símbolos existentes na sociedade. Sei lá, a sociedade alemã tem problemas que Portugal não tem, sei lá, tem os problemas da extrema direita, então isso ajuda também a identificar o que é que as pessoas são ou o que é que as pessoas pensam, porque as referências sociais, ou culturais, ou socioculturais são bastante diferentes das nossas. (Paulo, 36 anos, Educador, em Hamburgo desde 2012)*

*A minha namorada é alemã, a família dela é alemã, eu quero portanto tentar ambientar-me o máximo possível à cultura alemã. (César, 29 anos, Consultor ambiental, em Hamburgo desde 2017)*

A terceira possibilidade de interiorização da cultura alemã resulta da absorção de valores que são atribuídos à cultura alemã. Não é uma estratégia refletida, é mais uma “consequência não esperada” (Merton, 1936) da ação migratória. O que as ilustrações seguintes têm em comum é frisar algumas mais-valias resultantes da interiorização de alguns pontos da cultura alemã. Embora ambas refiram que pode acarretar consequências negativas, especialmente junto de conacionais. A Figura 50 sintetiza todas as relações que foram descritas nesta secção.

*Eu não posso dizer que me interesse pela cultura alemã no sentido de... (Procurar?) Procurar, eu acho que é impossível evitá-la e há coisas da cultura alemã que eu aprecio, mesmo a maneira de ser, a maneira de estar, quer dizer os alemães têm aquela maneira de ser, mais fria que os portugueses, mas isso também traz vantagem e traz, eu sou uma pessoa que por norma gosto de algumas regras, de algum tipo de organização e nesse aspecto acho que é bom, trabalhar na Alemanha é bom, eu costumo dizer que eu vou ter, provavelmente alguma dificuldade de reintegrar-me quando quiser, ou se quiser voltar para Portugal, que ainda é a nossa intenção, acho que não estamos a pensar ficar aqui para sempre, mas efetivamente acho que a Alemanha tem coisas que os portugueses podem aprender um pouco com isso, e nessa parte acho que gostei dessa parte da integração, agora, claro que não há bela sem senão e essa mesma personalidade também traz dissabores em muitos casos. (Bento, 37 anos, Business developer, em Hamburgo desde 2010)*

**Figura 50. Síntese das relações dos entrevistados com a cultura alemã**



*Fonte: Elaborado pelo autor com base nas entrevistas*

## 6.2. O domínio da língua alemã

Um segundo tema analisado foca-se num indicador mais concreto e diz respeito à relação com a língua alemã. O domínio da língua oficial do país de acolhimento é considerado um requisito para uma integração bem-sucedida, desde países de longa tradição de imigração como os Estados Unidos (Chiswick & Miller, 1998), como em Portugal (Oliveira & Gomes, 2014 cap 7).

Mas embora a aprendizagem seja importante, ela não é igual para todos os imigrantes. A teoria do período crítico de Lennberg (1967 in Flores, 2008) defende que a aprendizagem da língua e a capacidade de o fazer, se não for feita até à puberdade, terá que ocorrer com maior dificuldade e mediante técnicas distintas, uma vez que estas capacidades cognitivas só estão ativas durante esse período<sup>133</sup>. No campo dos preditores, o domínio da língua estrangeira encontra-se justificado por níveis de escolaridade mais elevados, uma chegada ao país de acolhimento em idade tenra, uma duração prolongada no país de destino, casamentos consumados após a migração e residência fora de zonas de elevada concentração de imigrantes que partilham a mesma língua de origem (Chiswick & Miller, 1998). Na lógica a jusante, isto é, nas consequências de ser fluente na língua do país de destino, o estudo sobre o valor económico das capacidades linguísticas de Grin (2003)<sup>134</sup> apontava para rendimentos mais elevados nos imigrantes que são fluentes. Segundo este estudo, a lógica pode

<sup>133</sup> Contudo, estudos posteriores como o de Flores (2008) vieram por em causa a puberdade como limite do período crítico.

<sup>134</sup> Para um estudo sobre a língua portuguesa ver Reto et al. (2012).

seguir no sentido de existir uma discriminação negativa face a determinados grupos linguísticos, outra lógica é a de perceber o domínio da língua do país de acolhimento como um *skill* valorizado. Por vezes pode também ser valorizado o domínio de uma língua, que embora não seja a dominante, é valorizada em determinadas regiões do país de destino, e pode ainda ser uma mais-valia o domínio de uma língua imigrante. O que pode ser entendido como um tipo de capital linguístico, segundo Bourdieu (1977).

Na análise da relação dos entrevistados com a língua alemã foram considerados como fatores de análise: i) a autoavaliação do domínio da língua, ii) a língua de trabalho e iii) a frequência de cursos de alemão.

Um dos fatores que implica na avaliação do domínio do alemão é o tempo, especialmente aferido pela duração da estadia, isto é, portugueses chegados há relativamente pouco tempo sentem maior dificuldade, porque não tiveram o tempo necessário para aprender a língua, *vis-à-vis* emigrantes chegados há mais anos, com maior tempo de exposição à língua alemã. Mas o tempo cronológico não é suficiente para explicar esta relação, o que leva a chamar à discussão o segundo fator, a aprendizagem formal da língua através dos cursos de alemão. Deste modo, mais do que a exposição à língua alemã, importa o tempo que cada emigrante despende na aprendizagem formal do alemão, como se pode constatar pela ilustração de Mário, cuja formação no contexto de empresa, uma formação de 90 minutos por semana, é considerada insuficiente:

*Eu os primeiros tempos que tive, eu comecei logo a fazer o curso em fevereiro só que eu trabalhava full time, estava em casa ou no coworking 8 horas ou mais às vezes. (E quantas horas é que era o curso?) O curso era 3 horas por semana, era 1,5 horas duas vezes por semana, o que era muito pouco, era muito pouco intensivo, agora vou começar no início de junho um curso intensivo, um nível mais avançado, e é uma língua difícil. (César, 29 anos, Consultor ambiental, em Hamburgo desde 2017)*

*A empresa pagou um curso e, mas era um curso, era uma professora particular, que é uma coisa que fica cara mas que ia à empresa e eu acabava por ter uma hora por semana com ela porque eu não tinha mais tempo então era tipo, às quartas-feiras, ao final da tarde, uma hora, vale o que vale, portanto eu acabei por aprender alemão mais à força. (Bento, 37 anos, Business developer, em Hamburgo desde 2010)*

Em contraponto, o caso de Anabela mostra a dedicação que pode ser dada à aprendizagem e as consequências positivas do investimento:

*Portanto eu vim para cá, um ano a aprender alemão. Foi muito bom porque eu estava desempregada. Eu fui fazer o que eles chamam o curso de integração. Cinco horas por dia. Eu não tinha trabalho, não tinha dinheiro, mas tinha tempo, foi muito bom. (...) Eu tive que pagar, 250€ por mês, durante 7 meses, fiz o certificado da língua, que é o mínimo para ter a nacionalidade, que é o B1. E depois fui aprendendo, fui trabalhar, e depois houve uns meses que tirava 3 horas, 3 dias por semana para aprender a língua, portanto 9 horas por semana, também a pagar do meu bolso, eu devia ter gasto uns 3.000€ só em línguas. (Anabela, 38 anos, Engenheira Civil, em Hamburgo desde 2007)*

A frequência de cursos de alemão não é uma condição necessária para dominar o alemão, e é uma estratégia apenas ativada pelos entrevistados mais qualificados. Mas deve ser entendida como um *boost* para o domínio da língua. Existem também dois tipos de cursos de alemão. Os primeiros fazem parte dos cursos de integração, cujos programas, para além da língua, compreendem também alguma da história do país, da cultura e do sistema legal; em algumas situações são gratuitos, mas mesmo quando são pagos os valores são reduzidos<sup>135</sup>. Na amostra entrevistada estes cursos eram bastante frequentes em emigrantes com algum capital económico e cultural e uma integração no mercado de trabalho precária. O segundo tipo de cursos são os oferecidos pelas empresas empregadoras, especialmente empresas internacionais de informática e engenharias com equipas internacionais, em que a língua de trabalho alterna entre o alemão e o inglês. Nestes casos, a formação parece pouco eficaz, seja devido ao reduzido número de horas de contacto, bem como devido à gestão do fluxo de trabalho, que “empurra” para segundo plano a aprendizagem do alemão.

*Mas o alemão foi uma luta no início, até porque é um choque que qualquer pessoa quando começa uma função, tem o dilema, uma função nova num país estrangeiro, entre dedicar tempo a aprender a língua ou a aprender a função, a integrar-se no grupo de trabalho, a aprender o negócio, a aprender uma série de coisas, e foi uma altura em que trabalhei muitíssimo, muitas horas e depois tentava conciliar, a dedicar algumas horas, mas era difícil. (Bento, 37 anos, Business developer, em Hamburgo desde 2010)*

*Exato, mas ali, depois eu ia para as aulas, há sempre qualquer coisa no trabalho que nos deixa de cabeça ocupada. Eu ia para as aulas a pensar no trabalho, cheguei a uma altura, não há muito tempo desisti, já não ia às aulas para aí há um ano, disse não vale a pena estarem a pagar aulas que eu não vou. (Mário, 32 anos, Front end developer, em Berlim desde 2013)*

Deste modo, a situação ótima para a aprendizagem ocorre quando o emigrante é detentor de algum capital cultural (que lhe dá alguma facilidade para aprender em

---

<sup>135</sup> O preço é de 1,95€ por aula segundo o site Germany Visa (<https://www.germany-visa.org/integration-courses-learning-german-and-much-more/>) (consultado a 24-04-2019)

contexto de aula), especialmente se tiver formação na área académica das línguas, como se pode constatar pelos dois exemplos seguintes:

*Eu quando cheguei fiz um curso de um mês, intensivo, depois não fiz mais nada, fiquei em casa, ia estudando assim de forma mais ou menos arbitrária, depois com o café aprendi bastante alemão e depois comecei a ler o que ajudou bastante. (Ler ajuda?) Sim, porque comesas a ver a diferença em como é que as coisas são ditas e são escritas, comesas a perceber também as estruturas gramaticais, “ah, ok, então com isto vem sempre o verbo no final.” (Ok, depois daí fica mais ou menos intuitivo?) Sim, há uma série de regras que tens que ter na cabeça, mas depois muitas coisas são intuitivas. (Paulo, 36 anos, Educador, em Hamburgo desde 2012)*

*Como eu venho de um curso de línguas, para mim, era óbvio que quando cheguei que tinha que aprender e ter aulas e passado um mês comecei logo a ter aulas e obviamente, e que me dá prazer, é algo que eu gosto, é uma língua complicada, mas sei bem. (Luísa, 38 anos, Organizadora de eventos, em Berlim desde 2002)*

Na relação com a língua alemã interessa perceber a importância da língua de trabalho. Nas situações em que a língua de trabalho é o alemão, existe uma maior exposição e pressão para aprender o alemão, o que tem como consequência dominar a língua nos restantes contextos, seja informal, ou mais formal, burocrático. A alternativa, o trabalho em inglês, que pode parecer uma condição favorável, geralmente mais fácil do que uma situação em que seria obrigado a falar em alemão, tem como consequência negativa o desincentivo da aprendizagem da língua do país de destino. Situação em comum com as ilustrações de Domingos, ou de Duarte.

*Não, lá está, eu nunca precisei do alemão para trabalhar, porque eu sempre trabalhei num bar com clientela turística e sendo assim eu nunca estudei alemão, nunca o estudei e pensei que facilmente o iria aprender, mas não, porque isto é uma língua que não tem nada a ver connosco. (Domingos, 38 anos, Empregado de balcão, em Berlim desde 2001)*

*Acabei por arranjar um trabalho numa empresa que fazia coisas de logística, montagens, transportes, coisas desse género e em que não era preciso falar propriamente bem o alemão, porque eu sabia algumas coisas, não muitas, mas falava o inglês e era um trabalho que não exigia muito. (Duarte, 23 anos, Ajudante em empresa de mudanças, em Hamburgo desde 2017)*

### **6.3. A relação com os *media* alemães**

O último tema a ser desenvolvido neste ponto foca uma prática concreta, a relação com os *media* do país de destino. A relação dos entrevistados com os *media* alemães assenta nas seguintes modalidades: os jornais (papel ou *online*), a rádio e a televisão. A modalidade dos jornais *online* possui a potencialidade de poder ser conjugada com os *media* portugueses através do *feed* de redes sociais como o *Facebook*, que compila notícias de ambos os países. A consulta de jornais em papel é bastante menos frequente;

a exceção é o caso de Mário, que possui jornais gratuitos no local de trabalho. No campo da leitura de jornais, é importante referir que se trata de uma atividade que depende do domínio da língua alemã, e não é explicado apenas pelo interesse pessoal de se manter informado. Desse modo existem entrevistados cuja atualização acerca do contexto alemão chega através das notícias portuguesas, como se pode constatar nas seguintes ilustrações:

*Talvez também por uma dificuldade de língua eu acabo por saber mais através da leitura dos jornais portugueses o que é que se passa na Alemanha, leio o Público e jornais portugueses, ou seja acabo por saber apenas as grandes notícias da Alemanha e não os faits divers mais pequenos que não chegam à imprensa internacional, passa-me completamente ao lado. (Santiago, 50 anos, Professor de Música, em Berlim desde 2008)*

*Sim, mas sigo um bocado pelas, não sigo pelas notícias alemãs, porque eu não percebo, porque também não vejo muita televisão, portanto, não vejo televisão portuguesa, nem alemã, portanto, o que eu vejo é mais, leio todos os dias o Público, ou o Observador, ou os jornais online portugueses, às vezes vejo o telejornal da RTP, porque acaba por ser fácil. Então o que eu sei um bocado da política cá, é através [do telejornal da RTP]. (Maria, Pós-doc em Biologia, em Berlim desde 2013)*

Para além dos jornais, existem outros meios de consulta das notícias alemãs. A rádio é utilizada por alguns entrevistados. Contudo, tal como foi referido para o caso das notícias dos jornais, o domínio do alemão pode não ser o suficiente, o que obriga a consulta de um *native speaker* de modo a ter um entendimento completo da mensagem, como ilustram Maria e César:

*Sim, claro, aqui ninguém fala em Portugal, mas pronto depois também falo com colegas meus de laboratório, que são alemães e pergunto-lhes coisas quando percebo alguma coisa. Nós temos sempre o rádio ligado no laboratório e às vezes oiço umas coisas e quando oiço alguma coisa, ou percebo que estão a falar sobre algum tema, e gosto de me informar. (Maria, Pós-doc em Biologia, em Berlim desde 2013)*

*Sim, tenho sempre o rádio ligado num canal de notícias e isso vou acompanhando, às vezes sei que eles estão a falar de alguma coisa mas não percebo, a minha namorada chega à noite e eu: “O que é que se passou?” (César, 29 anos, Consultor ambiental, em Hamburgo desde 2017)*

Como já foi argumentado, existe uma relação estreita entre a consulta de notícias e o capital linguístico dos entrevistados. Mas a relação não é unilateral. Isto é, não é apenas a competência linguística que influencia a consulta de notícias; a relação pode seguir o sentido inverso, uma vez que o consumo de notícias pode ser uma estratégia para melhorar o domínio do alemão, referido por alguns entrevistados.

A relação dos entrevistados com a cultura alemã verificou-se ser de proximidade para alguns casos e de distância para outros. As situações de distância parecem formar-se em oposição a um ideal de cultura portuguesa, e podem, por vezes, ser reforçadas por estratégias de regresso ao país de origem. Um segundo tipo de distância em relação à cultura alemã dá-se em prol de uma cultura entendida como cosmopolita. No extremo oposto, as situações de interesse e adoção da cultura alemã podem ocorrer por acréscimo de relações com cônjuges alemães ou fruto de uma migração em tenra idade. Mas também podem ser fruto de uma estratégia de mesclagem, em que é considerada uma mais-valia a adopção de "modos de fazer e pensar" tipicamente associados à população alemã.

Foi também analisado o domínio do alemão por parte dos portugueses. O domínio do alemão depende em parte da duração da estadia no país de destino, no sentido em que existe uma maior exposição à língua e à sociedade. Mas existem desvios a esta regra mais básica. A aprendizagem ocorre muito frequentemente em contexto formal de aulas, mas só parece bem-sucedida quando os portugueses podem dedicar uma parte relevante do seu tempo às aulas; as situações de oferta de aulas em contexto de trabalho revelaram-se pouco produtivas. Na lógica de que o contacto é essencial para a aprendizagem da língua, foi percebido que os portugueses cuja língua de trabalho é o inglês revelam uma dificuldade extra para a aprendizagem do alemão. Por outro lado, ter o alemão como língua de trabalho surge como mais-valia em outros sistemas sociais alemães.

Na relação com os *media* alemães foi percebido que pode assentar numa pluralidade de modos: jornais *online*, rádio, televisão, sendo o primeiro o mais frequente, que muitas vezes surge conjugado com as notícias portuguesas num *feed* das redes sociais. O consumo de notícias através da rádio ou da televisão exige algum domínio da língua alemã, *skill* que nem todos os entrevistados possuem.

## 7. Dificuldades de integração

A análise das principais dificuldades de integração conjuga, de forma mais interligada que as anteriores, a metodologia quantitativa e qualitativa. No inquérito por questionário

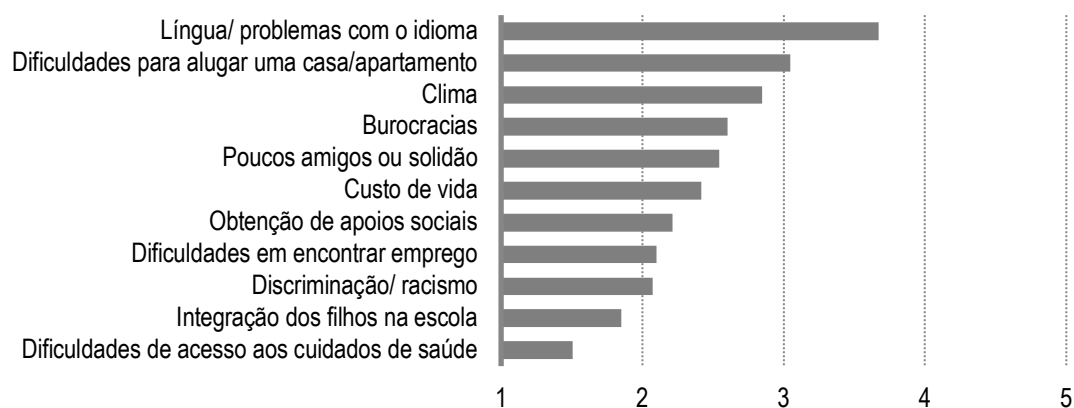


foi aplicada uma bateria de indicadores referentes às principais dificuldades de integração. Os inquiridos pronunciavam-se em relação a uma pluralidade de questões numa escala do tipo *Likert* com cinco pontos, correspondendo o um a nada difícil e o cinco a muito difícil.

Nas entrevistas, quando se indagaram as principais dificuldades que foram sentidas durante o processo de integração, as respostas apontaram para quatro grandes temas: o clima, a burocracia, a língua e as relações interpessoais. Estas dificuldades foram indicadas de forma indiferenciada, isto é, sem que pareça possível identificar algum padrão ou mecanismo causal. Embora exista alguma ligação entre as dificuldades que são enunciadas.

A ordenação da Figura 51 mostra, por ordem decrescente, o posicionamento dos inquiridos em relação a uma diversidade de dificuldades que poderiam ter sentido. A dificuldade sentida com maior intensidade encontra-se associada à língua alemã, onde os valores médios são de 3,7 pontos, sendo a distância em relação ao item do segundo lugar a mais expressiva (0,7 pontos).

**Figura 51. Principais dificuldades de integração (médias)**



Fonte: REMIGR (2015) Escala 1. Nada difícil, 5. Muito difícil

A adaptação à língua é frequentemente referida pelos entrevistados como a maior dificuldade sentida. O que, para Duarte, se reflete numa dificuldade nas interações do quotidiano:

*Boa pergunta, talvez a barreira do alemão, terá sido. Ao início. Sobretudo ao início. Terá sido o grande confronto, porque, se vens sem grande conhecimento acabas por te queres exprimir e*

*não consegues, queres pedir algo e não consegues. (Duarte, 23 anos, Ajudante em empresa de mudanças, em Hamburgo desde 2017)*

Uma consequência da dificuldade de adaptação à língua alemã acontece quando o emigrante português é o único não falante de alemão num grupo. A necessidade da conversa ser conduzida em inglês torna-se uma situação embaraçosa. Na definição de Goffman (1956), é uma “regrettable deviation from the normal state” (p. 264). Segundo Goffman, o sujeito que sente o embaraço considera-se responsável pela disrupção da ordem social no grupo. Por sua vez, o embaraço pode também ser sentido nos restantes membros. Em situações em que existe um círculo de falantes de alemão, existe uma pressão para estabelecer a ordem social.

*Mas curiosamente eu senti muita dificuldade no início porque estava um bocado forçado do ponto de vista profissional a ter reuniões em alemão, forçado no sentido, claro que faziam em inglês por minha causa, mas eu sentia que muitos alemães ficavam um bocado preocupados por não conseguirem exprimir aquilo que queriam exprimir por terem que falar inglês que não era a língua mãe. Eu senti uma necessidade mais aguda de falar alemão. (Era um embaraço?) De certa forma era, no início não era e depois começou a ser, porque as pessoas também esperam que tu consigas adoptar, acompanhar com o tempo. (Bento, 37 anos, Business developer, em Hamburgo desde 2010)*

\*\*\*

Em segundo lugar, no *ranking* das dificuldades sentidas pelos inquiridos, encontra-se a dificuldade para aceder ao mercado habitacional. Se forem tidas em conta as estatísticas oficiais europeias, o indicador *housing cost overburden rate* de 2016, que dá o peso da população que gasta mais do que 40% do seu rendimento com a habitação, mostra que a situação na Alemanha não é das mais graves na Europa, pois encontrava-se na ordem dos 15,8%, mas era superior à média europeia (11%) e bastante superior a Portugal (7,5%)(EUROSTAT 2019)<sup>136</sup>.

Se for considerada a situação da população estrangeira isoladamente (o indicador anterior dizia respeito à população total), na Alemanha, a propriedade de residência pelos estrangeiros comunitários é de 34,6%, enquanto a média dos cidadãos comunitários no total da Europa EU-28 é de 38,8%. A taxa de sobrelotação para a população da UE na Alemanha é de 13,2% inferior à média europeia de 16,8 . E o

---

<sup>136</sup> [https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Migrant\\_integration\\_statistics\\_-\\_housing#Housing\\_cost\\_overburden\\_rate](https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Migrant_integration_statistics_-_housing#Housing_cost_overburden_rate) (acedido a 24-02-20).

*housing cost overburden rate* para os cidadãos comunitários na Alemanha de 12,2% situava-se abaixo da média europeia para os cidadãos comunitários de 18,4% (EUROSTAT 2019). Evidentemente, estes dados tenderão a homogeneizar os cidadãos comunitários. E, como foi demonstrado no capítulo anterior, a situação de imigrantes na Alemanha que têm origem em países como a Holanda e Áustria é diferente e mais bem posicionada.

Na análise qualitativa, embora alguns entrevistados tenham testemunhado a dificuldade de aceder a uma habitação, nenhum revelou essa dificuldade como das mais prementes.

\*\*\*

A diferença climatérica é a terceira dificuldade mais acentuada na ordenação do questionário. A adaptação meteorológica é a única dificuldade que não pode ser considerada uma dificuldade social. Embora pareça relevante, uma vez que pode ter consequências sociais, como refere Paulo.

*O tempo, a luz, a falta de luz, o tempo meteorológico, sim, a falta de luz, porque agora tens sorte que estás no verão. (Isto é uma exceção?) É. [risos] Há duas semanas de verão, por ano. (...) Eu vim para cá, eu cheguei em dezembro, vim em inícios de dezembro. (...) É horrível, porque não há luz, aliás, há luz, começa para aí às 9.30 e às 15.00 da tarde já é noite outra vez. (Paulo, 36 anos, Educador, em Hamburgo desde 2012)*

Em quarto lugar é apontada a carga burocrática. Embora não existam estatísticas oficiais europeias acerca do peso da burocracia, é de referir que a Alemanha é dos poucos países que se preocupa em aferir os impactos, ou, mais propriamente, os custos associados à burocracia<sup>137</sup>.

A dificuldade em lidar com a burocracia alemã é uma dificuldade que, pela análise das entrevistas, parece estar em muito relacionada com outros dois itens frequentemente enunciados: a língua e a cultura alemã, como refere Mário.

*Mas sim, acho que a única dificuldade foi isso, tive colegas que tiveram imensos problemas para abrir uma conta no banco. (É preciso fazer tudo em alemão?) É preciso, para assinares um contrato tens que saber o que lá está, tens que falar alemão, levas uma pessoa que fala alemão. “Ah é um tradutor oficial?” “Não, não é.” “Então não pode ser.” Os tradutores oficiais são caríssimos, eu por acaso, a nossa empresa tem um acordo com o Deutsche Bank e*

---

<sup>137</sup> <https://www.destatis.de/EN/FactsFigures/Indicators/BureaucracyCosts/BureaucracyCosts.html> (acedido a 26-11-18).

*só cheguei lá e disse: “Sou funcionário do Ebay, gostava de abrir uma conta, tenho aqui o meu contrato.” (Mário, 32 anos, Front end developer, em Berlim desde 2013)*

A única dificuldade que é referida pelos entrevistados e que não consta como item no inquérito por questionário é o lidar com a cultura alemã, mais concretamente, as interações do quotidiano. Raquel refere as relações ao nível familiar, e Paulo as relações em estabelecimentos comerciais. E tanto Luísa como Paulo frisam que, embora tenha sido uma dificuldade, trata-se de algo que, com tempo, foi ultrapassado:

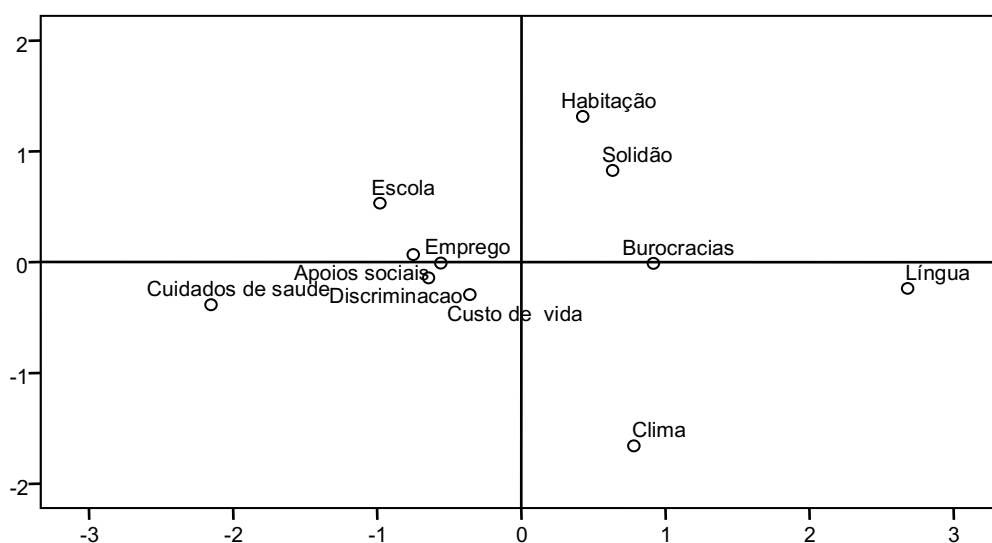
*Os alemães, principalmente berlinenses, são um bocadinho assim muito diretos, é preciso saber lidar com isso às vezes e é preciso ignorar ou aprender e ver o outro lado, não é propriamente assim que se acolhe qualquer pessoa e toda a gente sorri, automaticamente simpática, é preciso saber quebrar aquele gelozinho e conseguir ir pelo outro lado, para isso é preciso uma fase de adaptação. (Luísa, 38 anos, Organizadora de eventos, em Berlim desde 2002)*

*Talvez o primeiro contacto com as pessoas, de ires a um café, ou ires a um restaurante e não te servirem de uma forma simpática, atirarem as coisas assim. [bate com a chávena na mesa] Isto é um clássico, ou não te sorrirem, tu dizeres: “Olá, bom dia.” Começas a perceber que há outras maneiras de falares com as pessoas, então isso também faz parte da tua adaptação cultural, é conseguires aquele primeiro contacto de conversa de ocasião e isso faz parte da adaptação cultural, que é, o que é que lhes podes dizer para eles não ficarem ofendidos. (Paulo, 36 anos, Educador, em Hamburgo desde 2012)*

### **Uma súpula de dificuldades**

De modo a perceber possíveis relações entre as diferentes dificuldades sentidas foi corrida, em primeiro lugar, uma Análise de Escalonamento Multidimensional (ALSCAL), que permite visualizar num plano bidimensional as proximidades entre as variáveis (Scholten & Caldeira, 1997). O modelo projetado na Figura 52 agrega as categorias pelo critério da distância euclidiana e permite perceber que dois tipos de dificuldades se distanciam bastante da mancha central, a língua e o clima. Assim, optou-se por retirar estes dois itens do modelo multidimensional.

**Figura 52. Proximidade entre as dificuldades de integração**



*Fonte: Elaborado pelo autor com base em REMIGR (2015)*

Uma vez que, mesmo com a remoção das duas variáveis anteriores, o modelo contempla um número elevado de variáveis, nove, e que o objetivo seria criar um índice com as principais dificuldades, foi corrida, em segundo lugar, uma Análise de Componentes Principais (ACP), cujo principal objetivo é o de transformar um conjunto de variáveis correlacionadas entre si num número menor de componentes (Hongyu, Sandanielo, & Junior, 2015). O modelo apresenta um valor de KMO<sup>138</sup> de 0,8 e o teste de Bartlett estatisticamente significativo ( $p < 0,001$ ), sem qualquer tipo de rotação. Este modelo reduz as nove variáveis a duas dimensões: a primeira agrega oito variáveis correlacionadas entre si e explica 46% da variância das nove variáveis, e a segunda isola as dificuldades de acesso aos serviços de saúde (Tabela 20). Deste modo, optou-se por criar um índice com as 8 variáveis que compõem a primeira componente.

<sup>138</sup> Ambos são indicadores da adequabilidade da amostra ao modelo fatorial. O KMO varia entre 0 e 1 sendo desejáveis valores acima de 0,5. O teste de Bartlett é equivalente a um Qui-quadrado (Child, 2006 p.55).

**Tabela 20. Redução das dificuldades de integração a duas componentes**

	1	2
Dificuldades em encontrar emprego	0,798	0,183
Dificuldades para alugar uma casa/apartamento	0,756	-0,143
Integração dos filhos na escola	0,741	-0,172
Obtenção de apoios sociais (subsídio de desemprego, outro)	0,733	0,136
Discriminação/ racismo	0,696	-0,312
Burocracias (regularização/legalização, reconhecimento de diplomas)	0,680	0,292
Custo de vida	0,642	-0,288
Poucos amigos ou solidão	0,627	-0,117
Dificuldades de acesso aos cuidados de saúde	0,310	0,860
% de variância explicada	46%	12%

Fonte: Elaborado pelo autor com base em REMIGR (2015)

Uma vez que a ACM corresponde a uma técnica exploratória, no terceiro passo, o modelo fatorial foi sujeito a uma análise fatorial confirmatória através do *software* AMOS. O modelo fatorial obtido através da ACM foi sujeito a vários testes até ser obtido um modelo que correspondesse aos valores de referência presentes na bibliografia<sup>139</sup>. O modelo fatorial obtido corresponde a medidas de ajustamento aceitáveis, mas implicou a correlação entre alguns dos itens. Mais concretamente, existe correlação entre encontrar casa e a integração dos filhos na escola, e entre a obtenção de apoios sociais e as burocracias.

O quarto passo foi a criação de um índice de dificuldades de integração, correspondente à média das variáveis que pesavam na primeira componente. Este índice apresenta uma boa consistência interna (*Alpha* de *Cronbach* = 0,855), se forem seguidos os valores de referência de Marôco e Garcia-Marques (2006). Este valor não melhoraria com a remoção de qualquer uma das variáveis que o compõem. O índice de dificuldades de integração tem uma média de 2,4 e um desvio médio em relação a este valor de 0,8. Este indicador será utilizado como preditor em algumas análises do capítulo seguinte.

\*\*\*

<sup>139</sup> ) Tomaram-se como indicadores de ajustamento do modelo o CFI, o AGFI e o RMSEA. O CFI varia entre 0 e 100 sendo desejado que seja o mais elevado possível, na bibliografia existe algum debate entre considerar o *cut-point* os 0,90 ou os 0,95 O AGFI varia entre 0 e 1, sendo que quanto mais perto de 1 melhor o ajustamento do modelo. Já no RMSEA valores mais baixo significam melhor ajustamento do modelo sendo considerados bons valores abaixo 0,05 e razoáveis valores até 0,08 (Byrne, 2010 pp.77-80). O modelo fatorial apresenta os seguintes valores CFI=0,956, AGFI=0,910, RMSEA=0,086.

A dificuldade que se sente de forma mais expressiva diz respeito à língua alemã. Segundo as respostas obtidas por via do inquérito por questionário, esta é inclusive a única que ultrapassa o ponto médio. Esta dificuldade com a língua é frequente em muitos dos países de língua germânica. Gera situações de embaraço no quotidiano, bem como em contexto de trabalho. A adaptação ao clima também é sentida de forma premente, e, embora não seja um fenómeno social per si, possui algumas implicações a nível das interações sociais. O aparato administrativo é de difícil trato, segundo muitos dos participantes no estudo. Seja devido às interações com os funcionários públicos, seja devido ao desconhecimento das regras vigentes. Também relevante é a dificuldade em lidar com a cultura alemã, como já foi referido no ponto anterior.

Algumas destas dificuldades encontram-se interrelacionadas, nomeadamente encontrar emprego, alugar casa, integrar os filhos na escola, obter apoios sociais, discriminação, o lidar com as burocracias, o custo de vida e a dificuldade em fazer amizades. Desse modo, foi criado um índice de dificuldades de integração correspondendo à média entre estes oito itens.

## **8. Conclusão e uma tipologia de trajetórias migratórias**

Este capítulo pretendeu cumprir dois objetivos: traçar um perfil sociodemográfico dos portugueses que participaram no estudo e analisar de que modo se dá a sua integração na sociedade alemã. A sociodemografia dos inquiridos aponta para uma população maioritariamente jovem, solteira, sem filhos e com formação de nível superior (especialmente nas áreas das engenharias e das ciências sociais ou humanas), em que um em cada quatro vive na capital.

Se for pensado nas três fases da emigração portuguesa para a Alemanha propostas no capítulo anterior, o estudo cobriu, em grande parte, o pós-crise de 2011, com alguns casos residuais de migrações de épocas anteriores, que, embora sejam de reduzida expressão para estabelecer generalizações, se tornam interessantes no seu contraste com a vaga mais recente.

A diversificação da emigração portuguesa tem sido retratada em diversos trabalhos, Peixoto (2004b) analisou os dados dos movimentos migratórios de saída do INE. Malheiros (2011) referiu a dupla diversificação da emigração portuguesa

contemporânea: diversificação dos destinos migratórios e diversificação dos perfis. Posteriormente, em Peixoto e colegas (2016) ou em Malheiros e colegas (2016) a diversificação conheceu sustentação empírica com base em dados primários e secundários. Com este trabalho pretendeu-se aprofundar um novo nível de diversificação, a que existe dentro de um país em concreto<sup>140</sup>.

Mas mais do que “simplesmente” mostrar diversidade, a análise pode ganhar mais-valia se agrupar em vez de dispersar os indivíduos, isto é, se mostrar em que pontos é que são semelhantes, em vez de só mostrar que são diferentes. Desenvolvendo mais esta ideia. As análises sobre o perfil migratório podem assumir três tendências (não mutuamente exclusivas, mas que se podem inclinar mais para uma das três posições): i) existe uma grande diversidade e não é possível traçar um perfil (ou os dados não permitem esse traçar); ii) existe um perfil dominante que se destaca, face aos restantes; iii) existem dois ou mais perfis dentro nos quais os indivíduos se podem incluir. Nas metodologias quantitativas esta análise pode fazer-se mediante análises de *clusters* e nas análises qualitativas mediante a criação de tipologias. Foi para este último tipo de análise que se tentou encaminhar o trabalho.

A estratégia que foi adoptada na apresentação dos dados quantitativos seguiu uma lógica de descrever cada indicador e procurar fatores associados a este indicador, bem como conhecer a sua relevância estatística em modelos multivariados. A análise das entrevistas foi intercalada com os dados estatísticos e procurou padrões através de tipologias e ligações entre algumas tipologias.

Mas a leitura que foi feita dos dados nas páginas anteriores é apenas uma das múltiplas leituras possíveis. Após uma leitura dos indicadores, dos preditores e das tipologias, destaca-se um fator que parece transversal a grande parte dos temas que foram apresentados (o que não implica que não houvesse outros igualmente relevantes).

O denominador comum a grande parte da análise das entrevistas separa dois perfis de emigrantes qualificados: por um lado, os graduados das engenharias e ciências das tecnologias, em especial das engenharias modernas, e, por outro lado, os graduados das

---

<sup>140</sup> A ideia de procurar alguma diversidade e o traçar de perfis para diversos países de destino da emigração portuguesa recente já foi testada para outros países como o Reino Unido (Góis et al., 2016), França (Marques, Góis, Candeias, Ferreira, & Ferro, 2016), Luxemburgo (Schiltz, Candeias, & Ferreira, 2016), Brasil (Madeira, Ferreira, Candeias, Peixoto, & Fernandes, 2016), Angola (Candeias et al., 2016; Sangreman, 2015) ou Moçambique (Ferreira et al. 2016).



ciências sociais e humanas (categoria que também abrange as formações em artes). Infortunadamente, este perfil não pode ser replicado integralmente na análise quantitativa, uma vez que muitos dos graduados das engenharias e tecnologias não especificaram qual a sua especialidade, invalidando a criação de um subgrupo. Uma tentativa (um pouco frustrada) de contornar essa limitação foi isolar os engenheiros que chegaram com emprego assegurado, uma vez esta era uma das características que diferenciava esse grupo e que tinha fortes implicações na sua integração, mais até do que terem estudado engenharias.

Os dois perfis que são propostos dizem respeito a duas trajetórias de integração distintas. Considera-se que são trajetórias para enfatizar a ideia de que é um processo que ocorre ao longo da estadia no país de destino. A primeira trajetória classifica-se de *highway of integration*. A metáfora da autoestrada permite perceber que a trajetória percorrida, tal como numa via rápida, é acelerada, o que permite chegar a um destino mais rapidamente. O que faz contraponto com uma integração que se dá pela via de uma *hardway*, um caminho com mais obstáculos e mais demorado, mas que também permite chegar a um destino.

O que despoleta a trajetória acelerada é a formação em engenharias modernas e a chegada à Alemanha com um emprego garantido. Neste grupo, as motivações subjacentes à emigração são especialmente económicas (trabalho, perspectivas económicas mais favoráveis) e predominam trajetórias migratórias de trabalho “puras”, sem qualquer tipo de vínculo prévio com a Alemanha, em que, muitas vezes, o estabelecimento neste país é interpretado pelos sujeitos como fruto de um acaso. No outro grupo, os emigrantes que percorrem o *hardway* tendem a escolher a Alemanha com base em relações prévias com o país, como a existência familiares ou parceiros amorosos na Alemanha.

No mercado de trabalho, a trajetória por via do *highway* está associada ao que se consideram as *inserções imediatas*. Esta é provavelmente a característica que mais diferencia as duas trajetórias e implica consequências a jusante. Nesta dimensão laboral destacam-se os salários e a satisfação laboral mais elevada. A trajetória pela *hardway* conhece, bastante frequentemente, situações de *deskilling*. E, assim, não é de estranhar que também os salários sejam mais baixos, bem como a satisfação laboral. Esta trajetória laboral foi classificada de *atribulada* por conhecer incertezas, uma diversidade

de empregos pouco qualificados e interregnos (ou sobreposições com períodos de estudo ou formação).

Como já foi referido, a inserção imediata no mercado de trabalho possui consequências a jusante também em outras dimensões de análise. No que respeita ao acesso à habitação, a inserção pela via do *highway* está associada a um acesso à habitação pela via formal, situação que, para sujeitos que percorrem a trajetória mais dificultada, apenas é possível passado alguns tempo, socorridos de uma ajuda de redes familiares ou de conacionais.

Até agora, foram referidas as consequências positivas da integração pela via do *highway*. Mas existem também algumas consequências negativas, o que se considera o *dark side* da *highway of integration*. No que respeita às redes de amizade, possuem redes limitadas aos colegas de trabalho. Enquanto as redes de amizade dos portugueses que percorrem o *hardway* acabam por ser mais diversificadas, bem como os contextos onde ocorrem: WG's, cursos de alemão, diversos empregos. No campo associativo, o *highway* caracteriza-se por uma menor participação associativa. E, no campo da integração política, as práticas políticas no destino são de inferior intensidade.

Na dimensão sociocultural, a aprendizagem da língua alemã também se dá de forma diferenciada. Embora em ambos os casos a aprendizagem se dê pela via formal, no caso do *hardway* ocorre, tendencialmente, no contexto dos cursos de integração e cursos de alemão para estrangeiros; no caso do *highway*, as formações em alemão patrocinadas pela entidade empregadora têm um impacto reduzido, especialmente quando a língua de trabalho é o inglês e é possível comunicar com os colegas e amigos nessa língua franca. Deste modo é compreensível que o *highway* esteja associado a uma maior dificuldade com a língua alemã, e, em alguns casos extremos, um isolamento e fechamento em redes internacionais em cuja língua franca é o inglês<sup>141</sup>.

Esta tipologia, tal como qualquer outra, resulta de uma acentuação de algumas características dos indivíduos, fazendo referência aos ideais tipo de Weber (1949). E também no estabelecimento da lógica causal, é exagerado atribuir a diferenciação das trajetórias de integração à formação académica, uma vez que existem outros fatores a

---

<sup>141</sup> O que pode merecer a ligação ao conceito de enclaves e bolhas cosmopolitas de Lasch (1996). Contudo, o conceito de enclave implica uma proximidade geográfica que não se observa nestas situações de emigrantes, com reduzido contacto com a população maioritária.

interferirem. No caso dos engenheiros protagonistas da *highway* estão em causa profissões qualificadas com escassez reconhecida. No caso do *hardway*, importa também a migração sem garantias prévias (o que também pode suceder com pessoas sem formação superior), seja por motivos familiares ou outros.

\*\*\*

Duas questões pertinentes que podem ser levantadas são: onde ficam os graduados das restantes áreas académicas? E, onde ficam os emigrantes menos qualificados? A resposta à primeira questão é: a amostra para as restantes áreas académicas é de dimensão reduzida e não permite retirar conclusões relevantes. No caso dos emigrantes menos qualificados, a sua trajetória assemelha-se à do *hardway*, embora tendam a não conseguir uma inserção laboral tão satisfatória como os seus pares homólogos mais qualificados.

A análise que foi apresentada tem a potencialidade de mostrar que a integração é uma realidade complexa e não é um dado adquirido. Geralmente, nos comunicados da Comissão Europeia, o tema da integração surge apenas associado a nacionais de países terceiros, não sendo questionada a integração dos cidadãos europeus. A análise permite ainda ir um pouco para além da homogeneização dos mais qualificados. Embora os graduados portugueses já tenham sido tratados em comparação com os conacionais menos qualificados (Marques, Candeias, Góis & Peixoto, 2020), e embora já se tivessem feito estudos incidindo apenas nos emigrantes mais qualificados, seja tendo a Europa como unidade de análise (Gomes, 2015a, 2015b), seja incidindo num país em concreto, como o caso da França (Lopes, 2014; Lopes & Teixeira, 2014), não foram analisadas as diferenças entre as áreas académicas.



# Capítulo 6. As relações multiancoradas que os portugueses estabelecem com o país de origem

---

## 1. Introdução. As relações dos emigrantes com Portugal em três dimensões

Este capítulo, dedicado às relações que os emigrantes portugueses estabelecem com o país de origem, encontra-se organizado, tal como o capítulo anterior, em três subcapítulos. Cada um diz respeito a uma dimensão de análise no modelo: socioeconómica, sociopolítica e sociocultural.

A dimensão socioeconómica, a mais extensa deste capítulo, encontra-se dividida em cinco subdimensões: indicadores de circulação, visitas a casa, estratégias face ao regresso, remessas e outros tipos de transferências financeiras, e as relações laborais com Portugal. A dimensão sociopolítica remete para o interesse pela política portuguesa, o voto em Portugal e a consulta de notícias sobre a política portuguesa. A dimensão sociocultural começa por analisar o recuso aos *media* para comunicar com familiares e amigos em Portugal, o consumo de jornais e revistas portuguesas, a ligação identitária com Portugal, e o recurso ao comércio étnico na Alemanha. Por fim, uma última secção procura compreender de que forma os indicadores de ligação a Portugal se relacionam e criar diferentes perfis de portugueses com base nas suas relações transnacionais.

Em grande parte dos indicadores, será seguida uma lógica comum: contextualização teórica, análise de estatísticas oficiais, análise descritiva do indicador com base nos dados do inquérito por questionário REMIGR, análise bivariada, análise multivariada e manifestações do indicador nas entrevistas presenciais.

## 2. Transnacionalismo socioeconómico

### 2.1. Indicadores de circulação<sup>142</sup>

Nesta primeira secção, a migração de circulação é aferida através da experiência emigratória prévia à emigração para a Alemanha. Não se trata de um indicador de transnacionalismo no sentido mais restrito, mas possui alguma ligação, uma vez que se trata de movimentos concretos que os emigrantes protagonizam entre o/os país/es de destino e o país de origem. As migrações circulares também podem ser conhecidas por “recorrentes” ou “oscilantes” (Amersfoort, 1978), ou, segundo Constant e Zimmermann (2011), movimentos protagonizados por “repeat labor migrants” (p.496). Características das migrações de circulação são, segundo alguma literatura (Massey & Espinosa, 1997; Zimmermann, 2014), tratar-se de um processo autoperpetuante, autossustentado e cumulativo. Assim, seguindo esta lógica, deve implicar um vai-e-vem entre os dois países, o que pode ser entendido como uma relação transnacional.

Alguma da literatura aponta fatores associados à migração de circulação. Na sua sociodemografia é referido que serão os solteiros a estarem mais propensos à circulação, uma vez que pessoas casadas e com família a cargo necessitam de rendimentos constantes (Amersfoort, 1978), que podem ser difíceis de conseguir numa situação de circulação. Também no estudo de Constant e Zimmermann (2011) foram mais os homens, nos extremos da idade (mais jovens e mais velhos), e os menos escolarizados, a repetirem as emigrações. Também importante pode ser a idade do regresso, uma vez que, pessoas que regressem ao país de origem mais novas terão maiores probabilidades de voltar a emigrar (Oliveira, Candeias, Peixoto, Azevedo, & Malheiros, 2016). À luz de teorias mais recentes, a circulação pode ser enquadrada no conceito de migração líquida, em que emergiram padrões individualizados de pessoas que tentam o sucesso em diversos países (Engbersen & Snel, 2012). Também na tipologia de Engbersen e colegas (2013), os trabalhadores circulares podem ser pessoas que emigraram com alguma idade, que mantêm os cônjuges no país de origem e que têm intenções de regressar a curto/médio prazo. Nesta tipologia a circulação também é praticada pelos

---

<sup>142</sup> Embora sejam conceitos circulação e repetição sejam conceitos analíticos distintos. Repetição diz respeito a movimentos de emigração/regresso entre um par de países. Circulação diz respeito a movimentos entre mais dois países. Contudo, nem sempre é possível com os dados disponíveis aferir que se trata de circulação ou repetição, por exemplo, por só terem disponível, o número de saídas do país de destino. Deste modo é comum existirem trabalhos que se focam na migração circular e de repetição (e.g.: Constant & Zimmermann, 2011).

*footloose*, que são emigrantes mais jovens, sem qualificações e que também não têm intenções de permanecer no país de destino a longo prazo.

Numa contextualização histórica, é de referir que, nos anos 1960, as migrações circulares emergiam na Europa entre países mediterrânicos emissores e países ocidentais recetores. Em parte, eram resultado de tentativas de contornar as tentativas dos imigrantes de tornarem a sua imigração permanente (Amersfoort, 1978). No caso específico da Alemanha, por exemplo, trata-se um país com uma longa história de migração de repetição. As estimativas de Constant e Zimmermann (2011) apontam para mais de 60% dos imigrantes *gasterbeiter* terem protagonizado migrações de repetição. Também análises referentes ao ano de 2010 mostravam que pouco mais de um décimo dos estrangeiros neste país já tinham feito pelo menos três movimentos migratórios (saíram do país de origem, regressaram e voltaram a emigrar) (Schneider & Parusel, 2015). O que reforça a importância das migrações de circulação com destino à Alemanha.

Na arena política, desde o final dos anos 1990 que o tema das migrações de circulação tem merecido o interesse do debate ao nível europeu (nos países ocidentais) e também por parte de académicos (Schneider & Parusel, 2015). Nesse debate tem sido argumentado que a migração de circulação pode tratar-se de uma situação ótima de *triple win* (para os países de origem, os países de destino e os imigrantes) (Geddes, 2015). A um nível familiar, a circulação permite o acesso a recursos distantes com uma menor disrupção no contexto familiar (*vis-à-vis* uma emigração tradicional) (Skeldon, 2012). No caso do segmento mais qualificado, a ideia da circulação é entendida como benéfica para o país de origem, uma vez que não perde os seus recursos qualificados, e que as pessoas ganham *skills* no exterior, que posteriormente serão benéficos no país de origem (Skeldon, 2012). Estudos sobre as migrações de circulação nos países do sul da Europa mostram que, embora o discurso a nível europeu seja convidativo, existe reduzida evidência de uma efetiva circulação elevada (Cenci, 2015). Tendo em conta que as diferenças salariais entre os países do sul e do centro/norte são elevadas, os mais qualificados são os mais reticentes em regressar, e, na origem, continua a existir falta de oportunidades de trabalho atraentes (Cenci, 2015). Num contexto de pós- crise, um estudo sobre circulação entre países da Europa central (República Checa, Hungria, Eslováquia em direção à Áustria) argumentou que a crise económica e financeira iniciada em 2008 agravou as desigualdades entre os países. O que por sua vez implicou

uma maior circulação de pessoas mais jovens, com menores níveis de escolaridade, para trabalhar em alguns tipos de serviços e indústria (Wiesböck, Verwiebe, Reinprecht, & Haindorfer, 2016).

Um campo onde podem ser apontadas consequências negativas à migração de circulação é nas contribuições sociais. As migrações de circulação implicam a possibilidade de não se efetuar a transferência de contribuições para a Segurança Social na origem. Na Alemanha, estas contribuições só são transferidas para a origem caso o trabalhador contribua durante 24 meses. Por seu lado, um emigrante de longa duração fica capacitado para receber parte da pensão da Segurança Social alemã a partir dos 5 anos de contribuições (Schneider & Parusel, 2015).

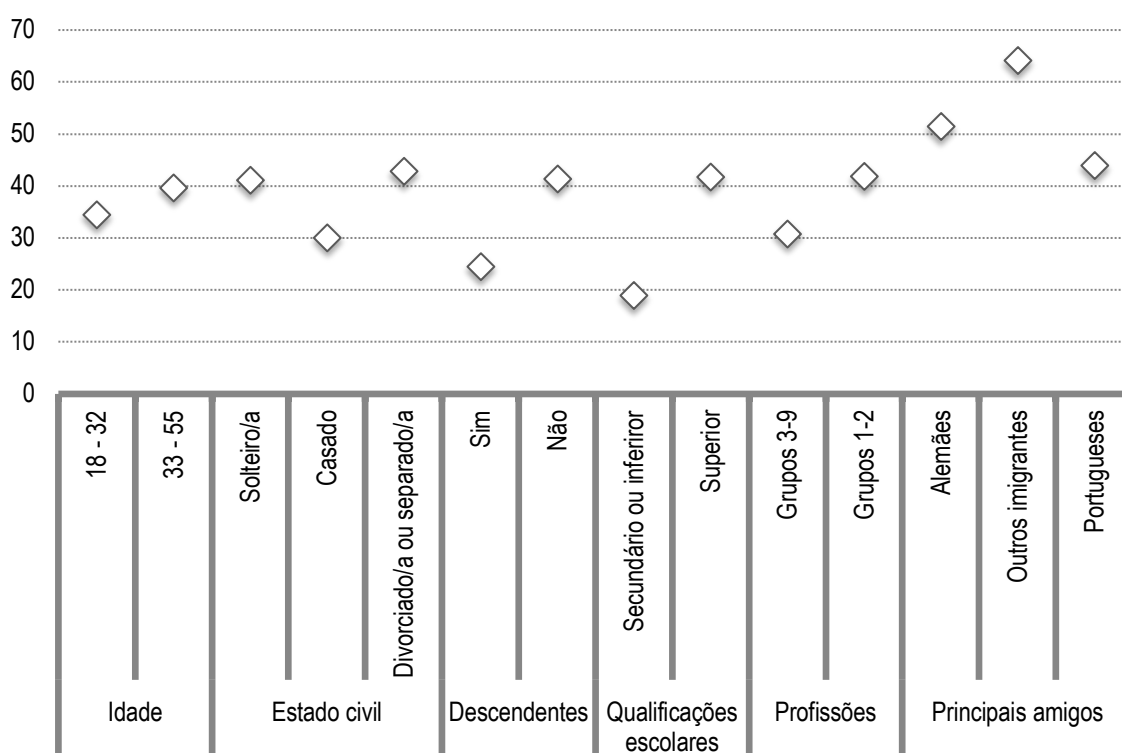
Em síntese, a Alemanha é um país que tem uma longa história de migração de circulação, que remonta à época dos *gasterbeiter*. Esta tem ocorrido num contexto de incentivo crescente a nível de política europeia. Contudo, algumas perspetivas têm vindo a reduzir a situação de *triple win* para uma vitória que beneficia mais o país de destino. Inicialmente, a literatura associava as migrações circulares a um perfil específico, mas alguma literatura mais recente tem proposto uma diversidade de perfis, bem como uma maior intensidade da circulação de pessoas menos bem posicionadas estruturalmente em termos escolares e profissionais, como consequência da crise iniciada em 2008.

\*\*\*

Com os dados do inquérito por questionário é possível perceber que a experiência migratória prévia está presente em 36% dos inquiridos. No passo seguinte, procura-se conhecer os fatores sociodemográficos associados ao grupo com experiência emigratória prévia (Figura 53). A primeira explicação para a ausência de experiência emigratória anterior é associá-la à estrutura etária pouco envelhecida dos inquiridos. Seguindo uma lógica de curso de vida, quanto mais tempo os indivíduos viverem, maiores as possibilidades de emigrarem e reemigrarem. A amostra foi dividida em dois grupos de idade e assumiu-se como linha de corte a mediana dos 32 anos. A análise mostra que o segmento mais envelhecido é também aquele que mais frequentemente refere experiência emigratória prévia.



**Figura 53. Experiência emigratória prévia por fatores sociodemográficos (%)**



Fonte: REMIGR (2015)

O segundo indicador relevante é o estado civil. Segundo Zimmermann (2014), as migrações circulares são mais frequentes nos não casados, por serem os mais desprendidos de uma vida familiar e de raízes no país de origem. Seguindo o ideal tipo de trabalhadores circulares de Engbersen e colegas (2013), tenderão a ser os indivíduos casados, com os cônjuges no país de origem, os que mais circulam. Os dados corroboram o primeiro argumento, uma vez que tanto os solteiros como os divorciados ou separados são os que mais frequentemente referem possuir experiência emigratória prévia. Seguindo o mesmo raciocínio, espera-se que os emigrantes sem filhos sejam também mais móveis. Tendo em conta a idade média dos inquiridos, os seus filhos devem encontrar-se em idade escolar e uma migração circular seria provavelmente prejudicial, devido a possibilidades de *stress* aculturativo, isto é, uma redução no bem-estar psicológico que tem como origem o contacto em primeira mão com dois grupos culturais distintos (Berry, Kim, Minde, & Mok, 1987). Os dados seguem o sentido esperado, com uma diferença considerável entre os 25% dos inquiridos com filhos com

experiencia emigratória prévia, *vis-à-vis* os 41% dos inquiridos sem filhos com a mesma experiência.

O último indicador neste bloco sociodemográfico é a qualificação escolar. Este permite perceber a existência de clivagens escolares: enquanto 42% dos graduados do ensino superior possuem alguma experiência emigratória prévia, apenas 19% dos inquiridos sem ensino superior apresentam esta experiência. Esta diferença pode ser justificada por algumas experiências de mobilidade estudantil no âmbito do programa Erasmus no grupo mais qualificado.

Após o cruzamento com os fatores sociodemográficos, procura-se conhecer a relação da experiência emigratória com o estatuto profissional e com indicadores de integração. Neste último aspeto, a literatura apresenta duas hipóteses concorrentes. Por um lado, defende que os imigrantes são pessoas que tendem a otimizar as suas estratégias no que respeita aos rendimentos e às poupanças (Constant & Zimmermann, 2011), uma vez que o processo migratório é repetido, são efetuadas correções que resultam da experiência acumulada. A hipótese alternativa propõe que os migrantes circulares façam parte de uma bolsa de trabalhadores temporários, com salários baixos (Constant & Zimmermann, 2011), menor *status* e menores regalias (Zimmermann, 2014).

Nos dados do inquérito por questionário as profissões do grupo 1 e 2 foram usadas como indicador de *status* socioprofissional elevado, o que permite aferir que a migração de circulação é mais ocorrente neste segmento do que no total da amostra. O rendimento é mais elevado nos indivíduos com passado migratório do que nos que se encontravam na primeira experiência fora de Portugal (contudo, as diferenças não são estatisticamente significativas).

No que se refere à integração, foram testados três itens referentes às redes de sociabilidade, aferidas através da origem dos principais amigos. As três opções (em escolha múltipla) eram a origem alemã, a origem portuguesa (originalmente portugueses chegados antes de 2000 e depois de 2000, que posteriormente foi recodificada para uma só variável, dado que se receberam poucas respostas no item “antes de 2000”), e ainda os imigrantes de outras origens, o que pode indiciar redes cosmopolitas ou superdiversificadas. Para o caso da circulação são relevantes as redes compostas por alemães e imigrantes de outras origens. Tal pode indicar que os portugueses com

experiência emigratória prévia apresentam uma orientação cosmopolita e/ou diversificada, não tão focada nos conacionais. Nos indicadores de integração política, de associativismo e de dificuldades de integração, os valores são de expressão reduzida, pelo que não serão incluídos no modelo de regressão. Com estes resultados deixa-se de parte a possibilidade de se estar perante trabalhadores mais vulneráveis e sujeitos a condições de precariedade ou exploração. A comparação de indicadores aponta no sentido da hipótese de que a repetição de uma migração permite a correção da trajetória de integração e a otimização de recursos (Constant & Zimmermann, 2011).

\*\*\*

Os fatores mais relevantes foram introduzidos num modelo de regressão logística (Tabela 21). Foi usada a idade como variável discreta; como variáveis *dummy* foi introduzido o estado civil de não casado, a ausência de filhos e as qualificações escolares de nível superior. As redes de sociabilidade compostas por alemães e imigrantes de outras origens foram introduzidas como variáveis *dummy*. À exceção do estado civil, da profissão e das redes de sociabilidade com alemães, todas as variáveis são estatisticamente significativas. É possível que a relevância das ausências de filhos oculte a relevância do estado civil devido a uma elevada coocorrência.

**Tabela 21. Coeficientes de regressão logística e *odds ratio* para a experiência emigratória prévia**

	Coeficiente de regressão	<i>Odds Ratio</i>
Constante	-1,783*	0,168
Idade	0,070**	1,072
Estado civil (solteiro, divorciado ou separado <i>dummy</i> )	0,242	0,785
Descendências (sem filhos <i>dummy</i> )	0,970**	0,379
Qualificações escolares (superior <i>dummy</i> )	0,747*	0,474
Profissão (grupos 1-2 <i>dummy</i> )	0,087	0,917
Redes de sociabilidade (principais amigos alemães <i>dummy</i> )	0,367	0,693
Redes de sociabilidade (principais amigos outros imigrantes <i>dummy</i> )	0,697**	0,498

Fonte: Elaborado pelo autor com base em REMIGR (2015), Nagelkerke Pseudo  $R^2=0,105$  \* $p < 0,05$ , \*\* $p < 0,01$ , \*\*\* $p < 0,001$

Com a análise dos indicadores de migração de circulação é possível afirmar que, no caso da emigração portuguesa para a Alemanha, a existência de uma emigração de circulação está presente em mais de 1/3 dos inquiridos. Valores superiores aos obtidos no capítulo referente às estatísticas oficiais – o que, provavelmente, se deve ao

enviesamento da amostra e ao seu ano de chegada mais recente. Devem ter sido captados poucos trabalhadores em situação encadeada de fim do processo migratório, regresso, dificuldades de reintegração na sociedade de origem, remigração. Os casos de circulação podem dizer respeito a situações de qualificados com experiências de Erasmus e de pessoas que estabeleceram redes de contatos após uma primeira emigração.

\*\*\*

Grande parte da literatura sobre as migrações de circulação parece orientada para as migrações laborais de pouco qualificados. Uma das exceções dedicadas aos mais qualificados pode ser o trabalho de Favell (2008) sobre a mobilidade intraeuropeia de profissionais de topo. Uma explicação para os dados serem pouco conclusivos em termos de preditores é estar-se perante uma dualidade de migrações de circulação, cujas implicações na integração variam conforme o perfil escolar. As migrações de circulação por parte dos graduados são vistas como uma mais-valia, uma experiência internacional que é dotada de algum *status*. As circulações de pessoas com menores qualificações escolares podem ser mais dependentes de fatores macro, como a procura de mão-de-obra no exterior ou a falta de emprego no país de origem. Os dois casos que são descritos de seguida, resultantes das entrevistas realizadas com emigrantes portugueses na Alemanha, permitem perceber os dois extremos que podem estar associados a uma migração de circulação. No caso de Bento, a segunda emigração para a Alemanha está associada a uma possibilidade de mobilidade social ascendente. No caso de Joaquim, as suas emigrações têm seguido ofertas de trabalho através de redes informais, que o expuseram, algumas vezes, a situações vulneráveis.

Bento, formado em Gestão de Engenharia Industrial no Porto. Após a graduação começou a trabalhar na mesma cidade numa empresa alemã, que oferecia aos seus trabalhadores, frequentemente, intercâmbios com a sucursal em Munique. Trabalhou em Munique durante dois anos. Por motivos pessoais, despediu-se para dar uma volta ao mundo com sua namorada durante dois anos. Após esses dois anos, voltou para a sua cidade natal. Quando começou a procurar trabalho um antigo chefe convidou-o para ingressar num departamento que ia inaugurar numa outra empresa em Hamburgo. Bento aceitou e voltou a emigrar para a Alemanha.

Joaquim, 8º ano de escolaridade, com formação técnico-profissional em soldadura e eletrotécnica. Com três anos emigrou para a Venezuela para acompanhar os pais, onde viveu até aos treze anos, para regressar a Gaia. Antes de ir para a Alemanha esteve emigrado em Itália, França e Angola. Sempre em empregos pouco qualificados. O primeiro emprego que teve em Hamburgo foi numa empresa de limpezas industriais. Passado três meses ingressou numa empresa de jardinagem, onde laborava há pouco mais de dois anos quando foi entrevistado. Durante cerca de dois anos foi alvo de exploração, sendo privado do seu salário e com os contactos sociais controlados.

## **2.2. Visitas a casa**

O segundo indicador de transnacionalismo a ser apresentado consiste nas visitas a casa. Estas práticas implicam um vai-e-vem entre os países de origem e destino, que podem ser de maior ou menor intensidade. Segundo autores como King e colegas (2013), este fenómeno é uma das características mais importantes das migrações atuais, como se pode constatar pela seguinte citação: *“Taking a wider view, we argue that VFR<sup>143</sup> travel is not a marginal aspect of migrants’ lives but is in fact constitutive of contemporary migration and diaspora dynamics.”* (King et al., 2013 p.3).

Na literatura, existem algumas consequências associadas às visitas a casa. Estas práticas encontram-se associadas às intenções de regresso, uma vez que facilitam a manutenção de relações com o país de origem (Duval, 2004). Contudo, em outros estudos, as visitas cumprem exatamente o sentido contrário: desencorajam o retorno, uma vez que servem como um *reality-check*, que permite aos emigrantes perceberem que o país de origem já não é o mesmo de quando emigraram (Oeppen, 2013).

Se o fenómeno for circunscrito ao espaço europeu importa referir que, durante anos, os trabalhos existentes incidiam nas migrações com origem em países não europeus, e deste modo eram focados na questão da distância e na existência de fronteiras (Mueller, 2015). Num estudo sobre as visitas a casa de emigrantes altamente qualificados em Londres, Berlim e Paris, de Koppenfels e colegas (2015), é sugerido que essas visitas correspondem a uma situação híbrida entre transnacionalismo e turismo, existindo uma tensão entre ambos. Por um lado, os emigrantes são pressionados para visitar os seus familiares. Ou seja, na esfera familiar, as visitas a casa são interpretadas como obrigações, contrabalançadas com momentos de lazer. Por outro lado, o turismo pesa na

---

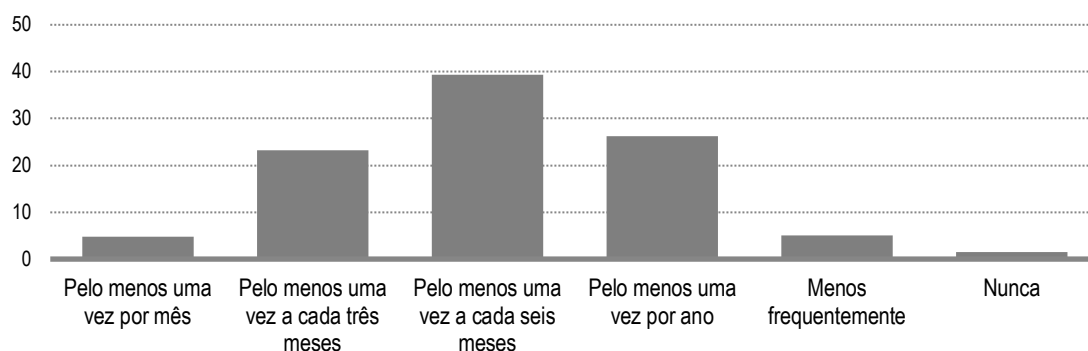
<sup>143</sup> Visiting Friends and Relatives.

necessidade de ter alguma qualidade de vida. Enquanto os emigrantes dotados de maiores recursos económicos podem fazer visitas a casa, e ainda ter férias em outros países, emigrantes com poucos recursos económicos encontram-se confinados ao turismo no país de origem (Koppenfels et al., 2015). Por outra lógica, as visitas a casa são associadas a uma tentativa de minimizar um sentimento de culpa (por ter emigrado e deixado familiares e amigos na origem) e a uma desilusão (quando as viagens não correspondem às expectativas que os emigrantes tinham, em termos de custos, duração da visita ou *stress* associado) (Mueller, 2015).

### Uma quantificação das visitas a casa

Quando os portugueses a viver na Alemanha foram questionados acerca da frequência das viagens a Portugal (Figura 54), a tendência das respostas foi para 39% viajarem para Portugal numa base no mínimo semestral. Este é o ponto central da distribuição e as restantes categorias na ordenação são decrescentes.

**Figura 54. Frequência das viagens a Portugal (%)**



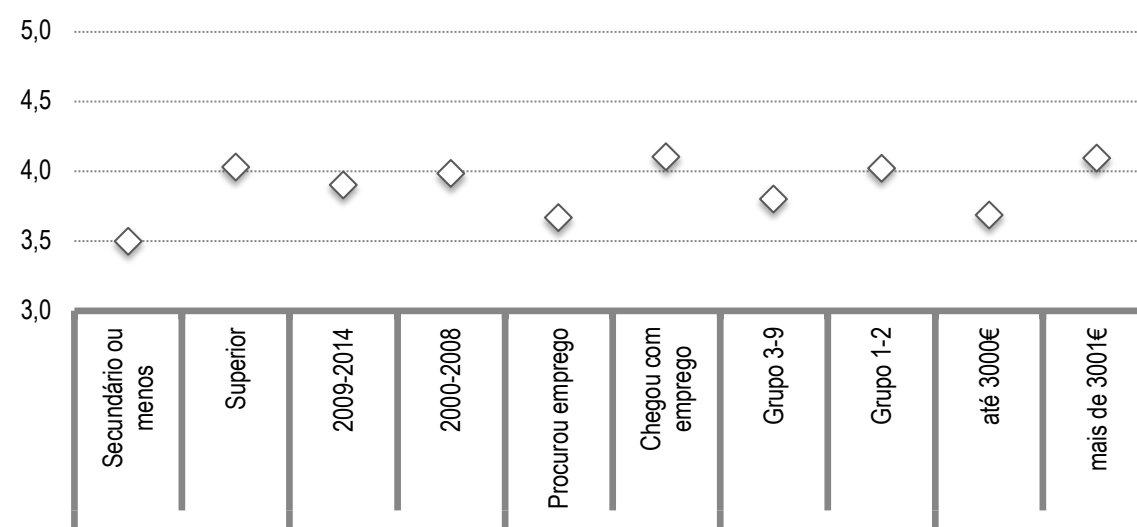
Fonte: REMIGR (2015)

Subsequentemente a escala foi tratada como uma variável quantitativa de seis pontos. Deste modo, deixa de ter uma leitura concreta, uma vez que não existe equidistância entre os itens, mas assume-se como uma variável abstrata em que quanto mais elevado for o valor (numa escala de 1 a 6) mais frequentes são as visitas. Este indicador foi cruzado numa abordagem bivariada com alguns indicadores sociodemográficos e referentes à integração (Figura 55). Esta análise permite perceber que as visitas a casa são ligeiramente mais frequentes nas mulheres. A ideia subjacente, ao incluir a variável sexo, seria que, se existisse um peso considerável de migrações clássicas, seria o homem *breadwinner* a emigrar sozinho, e, por consequência, a visitar os familiares dependentes no país de origem. Contudo, segundo Kofman e colegas (2001), as

migrações têm-se feminizado desde os anos 1980. E se, inicialmente, as mulheres emigravam em processos de reunificação familiar, passaram também a emigrar independentemente, por motivos laborais. Mesmo no pós-guerra europeu, em que os fluxos eram extremamente masculinizados, em alguns setores as mulheres eram bastante relevantes, especialmente com destino a países europeus (Zlotnik, 1995). Em algumas zonas do globo, como o sudoeste asiático, existe também uma elevada feminização das migrações com inserção laboral em serviços domésticos e serviços de cuidadores. Estas mulheres são frequentemente as *breadwinner* e os homens e as crianças os *left-behind* (Lam & Yeoh, 2018).

A variável sociodemográfica com maior relação com as visitas a casa é a escolaridade. Embora não seja possível afirmar convictamente, a explicação pode estar associada a diferentes estratégias migratórias, em que nos mais escolarizados será mais valorizado o contacto concreto com Portugal. E, como foi referido anteriormente, as visitas a familiares e amigos encontram-se sobrepostas a visitas turísticas (Koppenfels et al., 2015). Por sua vez, no grupo homólogo, com menores níveis de escolaridade, a estratégia pode assentar num número mais circunscrito de viagens a casa. Em alternativa, a escolaridade pode estar apenas a “confundir”<sup>144</sup> (*confounding*) a relação entre os rendimentos e as visitas a casa.

**Figura 55. Frequência das visitas a casa por principais preditores (médias)**



Fonte: REMIGR (2015). Escala de 1 nunca, a 6 pelo menos uma vez por mês

<sup>144</sup> O estatuto de “confounding variable” diz respeito a variáveis que interferem e podem distorcer a relação entre a variável independente e a variável dependente (McDonald, 2014 pp.24-28).

Nas variáveis respeitantes à trajetória migratória foi incluído o ano de chegada e a estratégia de empregabilidade. No ano de chegada, seria esperado que emigrantes chegados mais recentemente à Alemanha seriam os que teriam um laço mais forte com Portugal, o que parte de um pressuposto assimilacionista ancorado nas teorias clássicas de Park e Burgess (1921) e de Gordon (1964). Este pressuposto também é sustentado no mais recente modelo heurístico de Penninx (2004), em que o tempo é importante para a integração, uma vez que a adaptação cognitiva e comportamental ao novo ambiente é morosa. A lógica seria que o transnacionalismo seria importante nos primeiros tempos, mas que, com o passar do tempo, o emigrante iria focar-se no país de destino, o que iria mitigar as suas relações com a origem, incluindo as visitas a casa. Contudo, o que se observa é o contrário. As visitas a casa são mais frequentes nos emigrantes estabelecidos na Alemanha há mais anos. Tal leva a pensar que a relação segue no sentido de mais tempo implicar maior integração e mais recursos, para poder enveredar por práticas transnacionais.

Foi também utilizada a estratégia de empregabilidade, bastante frisada no capítulo anterior, que permite perceber que os sujeitos que chegam com emprego assegurado à Alemanha têm uma maior ligação com Portugal por via das visitas a casa. A explicação pode estar associada a uma integração mais acelerada, que permite ao emigrante dirigir a sua atenção para outros fatores, como os familiares e amigos em Portugal. Ou, em alternativa, pode estar associada à natureza do trabalho, que implica missões a Portugal devido à inclusão em empresas transnacionais.

Numa segunda fase foi testado o quanto as viagens a casa, uma prática transnacional, variam mediante alguns indicadores de integração. As visitas a casa são mais frequentes nos grupos socioprofissionais de topo. Dois raciocínios podem estar subjacentes a esta relação. Primeiro, profissões mais qualificadas podem implicar uma maior ligação profissional com Portugal, por exemplo, devido à inserção em empresas transnacionais. Segundo, pode haver um efeito mediador do rendimento, caso se trate de um transnacionalismo dependente de recursos (Itzigsohn & Saucedo, 2002). O rendimento tem uma relação positiva com as visitas a casa. A lógica é que as visitas a casa implicam custos financeiros, que serão mais facilmente suportados por pessoas que auferem



rendimentos superiores<sup>145</sup>. Deste modo os dados apontam para um transnacionalismo dependente de recursos.

O último passo na análise de preditores para a frequência das visitas a casa consiste numa regressão linear múltipla (Tabela 22). No modelo inicial foram incluídos como preditores os fatores presentes na Figura 55. À análise multivariada de regressão foi adicionado o critério de seleção de variáveis *Backwards*<sup>146</sup>, o que permitiu selecionar as variáveis mais relevantes. O modelo final isola as qualificações escolares, a estratégia migratória e o rendimento como fatores relevantes (e estatisticamente significativos) para as visitas a casa. Em síntese, para o caso das visitas a casa, parece estar-se perante uma prática que se encontra associada a um segmento mais qualificado e com uma estratégia de empregabilidade específica. A ideia a reter é que as pessoas que chegam com emprego, por terem uma integração mais acelerada, poderão obter mais facilmente uma estabilidade financeira que lhes permite fazer visitas a casa mais frequentes do que os restantes. A escolaridade também se mostra relevante e deverá assentar num binómio de estratégias de integração, à semelhança das encontradas por Costa (2008) no seu estudo sobre migrantes internos num bairro de Lisboa. No estudo de Costa, alguns dos migrantes integravam-se nas formas de sociabilidade do bairro e, a curto prazo, nas práticas quotidianas típicas deste local. Por seu lado, outros assumiam uma posição de isolamento, trabalho árduo, poupança e ligação cultural à origem (p.270 e seguintes). Estas estratégias não são completamente dependentes dos níveis de escolaridade, mas parece existir associação.

**Tabela 22. Coeficientes de regressão e erro padrão para a escala de visitas a casa**

	Coeficiente de regressão	Erro padrão
Constante	3,224***	0,144
Qualificações escolares (superior <i>dummy</i> )	0,365**	0,135
Estratégia migratória (chegou com emprego <i>dummy</i> )	0,355***	0,110
Rendimento mensal em centenas de euros	0,001**	0,000

*Fonte: Elaborado pelo autor com base em REMIGR (2015) \*p < 0,05, \*\*p < 0,01, \*\*\*p < 0,001*

\*\*\*

<sup>145</sup> Em modelos alternativos foi também testado o efeito da participação associativa, da integração política e das redes de sociabilidade; contudo, as diferenças por estes fatores revelaram-se despidiendas.

<sup>146</sup> No método *Backward* são introduzidas no modelo inicial todas as variáveis definidas pelo utilizador. Posteriormente, em cada etapa é retirada a variável que menos contribui para a significância do modelo, até que, num modelo final, permanecem as variáveis que possuem um valor superior ao pré-estabelecido para a sua remoção (Marôco, 2010 p.735).

## **As visitas a casa no discurso dos entrevistados**

Na análise das entrevistas, foram identificadas cinco componentes associadas às visitas a casa: financeira, emocional, moral, estratégica e de gestão de recursos escassos. Esses cinco temas serão aprofundados nas próximas linhas.

### ***A componente financeira***

Existe uma componente financeira associada às visitas a casa. Mais concretamente, diz respeito ao custo da viagem de avião. A ideia aproxima-se de um transnacionalismo dependente de recursos financeiros subjetivos, porque não depende tanto do rendimento *per si* (que não foi questionado no contexto de entrevista), mas sim da percepção que os entrevistados possuem acerca do impacto financeiro que as viagens têm no seu capital. Evidentemente que não são fenómenos independentes, mas a tónica é diferente do argumento usado na análise quantitativa. As duas ilustrações que se seguem mostram duas posições contrastantes. Tanto Renato como Maria vivem em Berlim; contudo, a percepção que têm acerca do valor da viagem é distinta.

*Por acaso não ia, mas este ano tenho ido por diversas razões, mas normalmente uma vez, duas vezes por ano no máximo. Agora também começa a ser mais fácil, há voos mais baratos de Berlim, mas este ano proporcionou-se ir mais algumas vezes. (Renato, 34 anos, Engenheiro de Software, em Berlim desde 2012)*

*Não, por acaso, vou menos do que gostaria, porque as viagens agora estão caríssimas e não, vou duas vezes por ano. No Natal. [Se pudesses ias mais?] Sim. [Para visitares familiares?] Sim, familiares e amigos, e a comida é boa! (Maria, Pós-doc em Biologia, em Berlim desde 2013)*

### ***A componente emocional***

Esta componente foca um custo distinto do anterior, é o que se pode considerar um custo emocional. As emoções associadas às visitas a casa já foram desenvolvidas por Muller (2015) e neste caso encontram contornos comparáveis. No discurso de Lara as visitas a casa implicam um desconforto, por serem dotadas de uma carga emocional difícil de suportar.

*Acho cansativo. E acho sempre muito intenso, visitar a família, é sempre aquela coisa, vais a Portugal, é preciso as capelinhas todas, acaba por ser muito intenso. As vezes a pessoa queria ir. [É muito desgastante emocionalmente?] É. É muito, se uma pessoa não estiver em boa forma e com a paciência toda acaba por ser. [Vais visitar familiares e amigos?] Vou, vou a casa e é isso, e às vezes quero ir de férias e vou de férias, mas tenho sempre que reservar um bocado para dizer que vou a casa, e a minha família, com o passar do tempo, já se adaptou bastante e o discurso mudou um bocado, aquela coisa do: "Ah já vais? E quando é que voltas?" (Lara, 31 anos, Técnica em Empresa de Mapas, em Berlim desde 2010)*

### ***A componente moral***

A componente moral pode estar associada à componente emocional, mas não obrigatoriamente. O foco assenta numa obrigatoriedade de ir a Portugal, que pode não ter um peso emocional. Estas situações surgem associadas a situações de doença de familiares próximos (pais, irmãos) e também eventos familiares (casamentos, batizados, funerais). A ilustração de Joaquim mostram uma visita não planeada e não desejada, apenas efetuada devido a uma obrigação moral.

*Sim, já fui a Portugal, infelizmente tive que ir duas vezes. [Mas foi por necessidade?] Faleceu-me um irmão, no primeiro ano que estive aqui, muito chegado a mim, foi uma perda muito grande e eu tive que ir ao funeral, claro, sem dúvida. (Joaquim, 43 anos, Jardineiro, em Hamburgo desde 2015)*

### ***A componente estratégica***

Distinta da obrigação presente nas linhas anteriores é a estratégia de otimização de recursos associada às visitas a casa. A ideia presente na seguinte ilustração é que existe um segundo motivo que acresce à viagem a Portugal para visitar familiares e amigos. No caso de Bento é evidenciada a possibilidade de cumprir as suas obrigações laborais num contexto de semi-férias em Portugal.

*Nós temos, graças a Deus, um trabalho bastante flexível, também é outra coisa boa da Alemanha, é que eles são muito sociais com esta coisa do trabalho, ou seja, as coisas têm que estar feitas, mas são muito relaxados em relação ao como é que atinges isso, se estás no escritório às 9 da manhã ou às 10. Hoje estou a trabalhar, mas quer dizer, avisei, “olha só chego lá para as 10, ou 11”, e ninguém se importa, não há problema nenhum, então o que acontece é que no Natal nós vamos para lá e não tiramos férias, trabalhamos lá, levamos o portátil e trabalhamos lá, fazemos umas reuniões por telefone, trabalhamos no portátil, a nossa função é bastante fácil de fazer remotamente e não fazemos férias, então temos a possibilidade de, não tirando férias, passar tempo em Portugal, faço isso às vezes, em fevereiro estive lá uma semana a trabalhar, o ano passado fomos também uma semana para o Algarve, em junho, a minha mulher tirou férias, mas eu não tirei, fiquei basicamente a trabalhar de lá, isso é uma flexibilidade que vale muito, é ótimo, então acabamos por ter essa possibilidade de não ter que tirar férias para estar lá, mas quando tiramos férias, vamos para longe. (Bento, 37 anos, Business developer, em Hamburgo desde 2010)*

### ***A gestão de um número limitado de viagens***

Em contraste com a componente estratégica encontra-se a gestão das viagens limitadas, uma estratégia que tem de ser tomada por grande parte dos entrevistados. Para além dos recursos financeiros que já foram referidos, existe também um intervalo temporal

limitado para serem feitas as visitas a casa, normalmente nas férias, o que entra em conflito com uma postura cosmopolita de visitar outros países. Deste modo, nos períodos de férias, os emigrantes são forçados a escolher entre visitar Portugal e passar férias ou visitar outros países, como referido por Guiomar.

*(E vais muitas vezes a Portugal?) Gostava de ir mais, eu tenho ido uma vez por ano, o ano passado fui duas vezes porque quis levar o meu namorado lá para conhecer. (Tens um namorado alemão?) Sim e este ano ainda não fui, vou agora em outubro. (O motivo pelo qual não vais tanto é por disponibilidade de tempo? Dinheiro?) É tudo junto, porque eu também preciso de fazer outro tipo de viagens, por exemplo, eu necessito de ir para a natureza onde estou sozinha, ou gosto de visitar outras, por exemplo, vamos a Hamburgo ou vamos a um concerto, e não dá para fazer tudo. (Guiomar, 28 anos, Empregada de mesa, em Berlim desde 2013)*

\*\*\*

No enquadramento inicial desta secção foi citada a tese das viagens a casa serem revestidas de uma tensão entre transnacionalismo e turismo (Koppenfels et al., 2015), em que os emigrantes têm a obrigação moral de visitar familiares e amigos e essa visita é conjugada com momentos de lazer. Estas situações também existem na amostra entrevistada. Veja-se o caso de Lara na componente emocional.

Mas nestas entrevistas emerge um tipo distinto de tensão, entre o transnacionalismo e o cosmopolitismo. Alguns dos entrevistados vêem-se constrangidos a escolher entre visitar familiares e amigos (o transnacionalismo) e visitar outros destinos (o cosmopolitismo). A tensão oscila entre a obrigatoriedade moral presente em expressões de Lara, como: “*Ah já vais? e quando é que voltas?*”, e o ideal cosmopolita de Paulo, quando argumenta “*Porque há outros sítios, o mundo tem outras coisas para ver.*” Cabe a cada entrevistado equilibrar-se entre estes dois pólos. É ainda de referir que, em primeiro lugar, não foram encontrados casos de cosmopolitas “puros”, isto é, pessoas que deixariam completamente de parte as visitas a casa. Em segundo lugar, foram entrevistadas pessoas sem essa a orientação cosmopolita. Nesse último caso, o equilíbrio é apenas entre a Alemanha e Portugal.

### **2.3. Estratégias face ao regresso**

O terceiro tema a ser tratado na dimensão socioeconómica remete para a estratégia face ao regresso que os sujeitos planeiam seguir. O tema gira em torno das possibilidades de regressar a Portugal, permanecer definitivamente na Alemanha, reemigrar para outro

país, com espaço para indecisões. Descreve-se de seguida alguma da literatura sobre estas quatro opções.

### **As migrações de regresso e os conceitos cunhados em torno deste fenómeno**

O primeiro assunto a tocar nas migrações de regresso é que, muitas vezes, são estudadas as intenções de regresso e não o regresso *per se*<sup>147</sup>. Em 1978, Hoffmann-Nowotny propunha a ideia da ilusão do retorno. Alertava que, tal como em muitos dos países da Europa ocidental a imigração era “ingenuamente” considerada temporária, também os imigrantes partilhavam desta ideia. Esta *return illusion* serviria, segundo o autor, como um mecanismo de defesa, que permitia aos imigrantes reduzir a ansiedade em relação à duração da sua estadia. Isto por sua vez poderia ter como consequência uma situação anómica<sup>148</sup>. Deste modo, autores como Anwar (1979) propuseram a ideia do “mito do retorno”, para ilustrar a ideia de um regresso que era previsto para um futuro mais ou menos próximo, mas que tomava a forma de um ideal simbólico e não tanto de um plano concreto a realizar. No mesmo ano e especificamente para a emigração portuguesa intraeuropeia, Brettell (2003)<sup>149</sup> propôs a existência de uma ideologia de retorno na emigração portuguesa, que permitia separar analiticamente o objetivo de regressar do regresso efetivo. Esta ideologia orienta decisões importantes, como a compra de uma casa no país de origem ou o destino das poupanças. Também Guarnizo (1997) avançou com a metáfora da miragem do regresso, para se referir a algo que contrasta com a realidade. Mais recentemente, Carling (2004), baseado num estudo de caso sobre a emigração cabo-verdiana, sugeriu como alternativa ao conceito de mito a ideia de um *ethos* de regresso. Dada esta panóplia interessante e acurada de metáforas, é de ressaltar que na revisão de literatura não foi encontrada uma proposta de distinção analítica entre elas. Isto é, o debate tem sido em torno de encontrar a metáfora mais adequada, sem se tratar de conceitos concorrentes.

No lado das críticas ao estudo das intenções de regresso é de referir que, segundo Carling e Pettersen (2014), as intenções de regresso não são um bom preditor para os regressos efetivos. Contudo, independentemente de serem ou não uma prática

---

<sup>147</sup> Mais concretamente, quando os trabalhos incidem em inquéritos por questionário ou entrevistas a emigrantes, estudam-se as intenções de regresso; quando são estudadas estatísticas oficiais é possível conhecer regressos efetivos, mesmo que posteriormente se dêem remigrações.

<sup>148</sup> Na teoria de Durkheim ([1897] 2005) anomia pode ser descrita como sendo um sentimento de confusão e/ou desordem que emerge em situações de alterações na economia, tanto de *boom* como de depressão, e as normas morais não conseguem acompanhar a mudança ocorrida na economia.

<sup>149</sup> Reedição de um original de 1979.

concretizável, é importante conhecê-las, uma vez que as intenções de retorno orientam os comportamentos e as atitudes dos imigrantes (Sampaio, 2017).

### **Os fatores associados às intenções de regresso, de permanência de remigração e às decisões**

Segundo a literatura, os fatores mais importantes para explicar as intenções de regresso são de ordem demográfica e relacionados com as redes sociais, existindo ainda efeitos moderadores. Em trabalhos sobre os fatores demográficos, ou *life events*, subjacentes às intenções de regresso importam a entrada no *empty nest stage* (a saída dos filhos de casa) e ficar desempregado. No sentido contrário, dissoluções de matrimónios e a natalidade desincentivam o regresso (Bettin, 2018). Ainda no que toca aos fatores sociodemográficos, as intenções de regresso tendem a ser mais frequentes nos mais qualificados (Gundel & Peters, 2008). A explicação assenta na ideia de que os mais escolarizados têm maior motivação para seguir desafios de carreira, e também porque não estão muito interessados na integração cultural no país de destino (Anniste & Tammaru, 2014).

As intenções de regresso podem também depender da existência de redes sociais. Se forem fortes no destino, pesam para a permanência, se forem fortes na origem, pesam para o regresso (White & Ryan, 2008), o que pode ser especialmente importante no caso das redes laborais nos mais qualificados (Zabko, Fangen, & Endresen, 2019). As redes familiares, seja no destino ou na origem, também importam. Düvell e Vogel (2006 in Engbersen et al., 2013) criaram uma tipologia de imigrantes polacos, tendo em conta a duração esperada da estadia e os laços familiares. Foram identificadas quatro orientações: 1) As migrações com vista ao regresso, compostas por pessoas que mantêm uma ligação forte ao país de origem; 2) Pessoas que querem ficar no país de destino e que mantêm laços fortes com a sociedade de destino; 3) Os transnacionais, que mantêm laços fortes nos dois países; 4) Os nómadas globais, pessoas extremamente móveis que podem mudar conforme as ofertas de trabalho.

As intenções de regresso podem ser moderadas pelo género, como no estudo de Cela e Bettin (2018) sobre imigrantes em idade de reforma. Enquanto para os homens importam as condições económicas (melhores condições no destino, maior intenção de permanência), para as mulheres pesa a satisfação com a vida, no sentido em que quanto maior a satisfação no país de acolhimento, menores as intenções de regresso. Nas

mulheres, os fatores familiares também influenciam. No mesmo sentido, no estudo sobre intenções de regresso em mulheres polacas de Duda-Mikulin (2018), os fatores económicos não foram considerados importantes.

Na relação com indicadores de integração, o estudo de Carling e Pettersen (2014) concluiu que as intenções de regresso são mais frequentes em situações em que a integração é fraca e os laços transnacionais são fortes. Os autores argumentam que a integração pode influenciar negativamente o regresso, no caso de existir um laço forte com o país de destino, e influenciar positivamente, se existir marginalização. Mas o sentido também pode ser o inverso: uma maior integração pode ajudar o regresso, por exemplo, se significar acesso a informação. O transnacionalismo pode influenciar positivamente as intenções de regresso se servir para manter os laços, mas também pode servir de *reality-check*, o que pode anular os regressos. Ainda numa lógica de integração e transnacionalismo, numa dimensão sociocultural, em Anniste e Tammaru (2014) foi verificado que as migrações de retorno são influenciadas positivamente pela etnicidade e negativamente pela integração.

Enquanto as referências anteriores se focam nas intenções de regresso, existe também a corrente que se foca no oposto, as intenções de permanência. No campo dos preditores, King e colegas (2018) verificaram que a permanência no país de destino estava associada à impossibilidade de se obter na origem (Letónia) o que era oferecido no destino (Londres), em termos de rendimento ou estilo de vida. Já Waldorf (1995) verificou a importância da satisfação com o trabalho e com a residência. Também importante pode ser um maior contacto com a população nativa, maior domínio da língua da sociedade de acolhimento, maior consumo de *media* do país de acolhimento (Wachter & Fleischmann, 2018).

As intenções de permanência também possuem consequências associadas. No estudo longitudinal de Geurts & Lubbers (2017) foi verificado que os emigrantes que alteram a sua estratégia migratória e expressam intenções de permanência passam a investir na aprendizagem da língua do país de acolhimento. Também Adda e colegas (2006) mostraram que imigrantes com intenções de permanência apresentam maiores gastos em consumos no destino e têm maiores possibilidades de fazer investimentos financeiros no destino.

Uma terceira possibilidade, para além das intenções de regresso e permanência, são as remigrações ou as *onward migration*. Segundo uma corrente teórica, estas experiências podem estar associadas a uma melhor integração no mercado de trabalho. A lógica subjacente é que são migrantes que já passaram por um segundo processo de seleção e que se trata de pessoas mais dinâmicas, cujo ajustamento aos contextos se torna mais célere (Miyar-Busto & Muñoz-Comet, 2018). No que respeita ao perfil sociodemográfico, no estudo de Nekby (2006) as *onwards migration* foram mais frequentes nos sujeitos com qualificações escolares mais elevadas.

Em quarto e último lugar, é de referir que, muitas das vezes, as pessoas não têm planos concretos. Na teoria sociológica contemporânea a incerteza é frequentemente associada à teoria do risco, como característica marcante das sociedades modernas (Beck, 1992). Também relevante é a definição de incerteza de Wakeham, segundo o qual “Uncertainty may be understood as the state of mind of someone deciding on a course of action without a clear outcome” (Wakeham, 2015 p.717). A imprevisibilidade é, por vezes, intencional, quando se refere a migrantes que deixam as opções em aberto sem planos fixos para o futuro, o que Engbersen e Snel (2012) consideram um *habitus* migratório, mais individualista e frequente em migrantes não casados e sem obrigações familiares, comum nas migrações intraeuropeias de jovens. Para estes autores, a imprevisibilidade é uma das dimensões das migrações líquidas. E, a um nível macro, a imprevisibilidade é uma adaptação e reação às condições do mercado de trabalho europeu.

As migrações focadas na indecisão e imprevisibilidade são classificadas, na tipologia de Grabowska-Lusinska e Okolski (2009 in Engbersen et al., 2013), nas estratégias de *unpredictable intentions*, que são protagonizadas por polacos jovens, solteiros ou em casal, com níveis elevados de educação, que mantêm todas as opções em aberto. Trata-se de pessoas com reduzidas obrigações no país de origem e cujas *skills* são valiosas em diversos mercados de trabalho nacionais.

\*\*\*

Após a exposição de alguma da literatura são apresentados os dados referentes às estratégias de regresso dos portugueses emigrados na Alemanha, com base no inquérito por questionário (Tabela 23). A indecisão é a situação mais frequente (35%). A migração definitiva é a segunda posição mais referida (29%). O regresso a Portugal é



referido por ¼ dos participantes, o que parece não corroborar a tese de Gundel e Peters (2008), segundo os quais os membros dos países com livre circulação com a Alemanha seriam os que mais queriam permanecer no país. Os planos de *onward migration* são a situação menos frequente (10%); estes valores reduzidos podem ser justificados pela ideia de que a economia alemã é forte, e, por consequência, as intenções de reemigrar por motivos económicos serão pouco prováveis.

**Tabela 23. Estratégias face ao regresso por parte dos portugueses inquiridos na Alemanha**

	n	%
Ficar neste país	98	29,3
Ficar neste país durante um certo tempo e depois regressar a Portugal	86	25,7
Emigrar para um outro país	35	10,4
Ainda não tenho planos definidos	116	34,6
Total	335	100

Fonte: REMIGR (2015)

Os planos migratórios para o futuro diferem de acordo com alguns fatores sociodemográficos (Tabela 24). No caso do género, não existem diferenças entre as intenções de permanência. Mas enquanto as mulheres são mais propensas ao regresso a Portugal, os homens estão mais abertos à remigração e à indecisão. Duas explicações podem ajudar a compreender estes dados. Por um lado, tenderá a haver uma maior relação das mulheres com a família na origem. Contudo, nas emigrações mais clássicas as mulheres ficarão menos satisfeitas com um regresso, uma vez que perderão algum *status* que é adquirido no país de destino. Uma segunda explicação que pode ser avançada para estas diferenças pode remeter para a teoria dos valores humanos a um nível intraindividual. Se for tida em conta a teoria dos valores humanos de Schwartz (2006), o sexo feminino está correlacionado positivamente com os valores de segurança e tradição e negativamente com os valores de auto direção e realização<sup>150</sup>. É plausível que segurança e tradição estejam associados à permanência no destino e ao regresso a Portugal, respetivamente. Em termos de idade, a maior diferença será nas intenções de regresso, que são mais presentes nos mais novos. Por estado civil, o mais importante é que os inquiridos com o estado civil casados apresentam maior predisposição para ficar na Alemanha quando comparados com o seu grupo homólogo não casados (solteiros divorciados, viúvos) que têm maior propensão para regressar ou emigrar. Tal pode ser

<sup>150</sup> Pese embora esta relação tenha fatores interferentes (Lyons, Duxbury, & Higgins, 2005).

explicado por um elevado peso de inquiridos casados cujo cônjuge se encontra na Alemanha. Também foi incluído na análise a existência de descendência, o que mostra que pessoas com filhos têm maior propensão para ficar na Alemanha e que, nas pessoas sem filhos, pesam mais as intenções de remigração e regresso. No caso da escolaridade, a maior diferença encontra-se nas intenções de reemigrar (embora continue a ser bastante reduzida). A explicação pode estar associada a uma valorização da experiência internacional nos setores mais escolarizados. Como referem Findlay e colegas (2012) existe uma cultura de mobilidade, que associa um capital simbólico à ideia de viver no estrangeiro e que procura carreiras internacionais.

**Tabela 24. Estratégias face ao regresso por fatores sociodemográficos e de trajetória migratória (% em linha)**

		Permanecer	Regressar	Reemigrar	Indecisões
Sexo	Masculino	29,1	22,3	12,6	36,0
	Feminino	29,4	29,4	8,1	33,1
Idade	33-55	30,7	23,5	11,1	34,6
	18-32	28,0	27,5	9,9	34,6
Estado civil	Casado	32,3	21,8	9,8	36,1
	Não casado	27,2	28,2	10,9	33,7
Descendências	Com filhos	34,1	24,2	7,7	34,1
	Sem filhos	27,5	26,2	11,5	34,8
Escolaridade	Superior	28,6	25,2	11,7	34,6
	≤Secundário	31,9	27,5	5,8	34,8
Estratégia migratória e laboral	Chegou com emprego	30,6	25,9	12,4	31,1
	Procurou emprego à chegada	27,5	25,4	7,7	39,4

*Fonte: REMIGR (2015)*

Nos fatores referentes à trajetória migratória em ambos os casos predominam as indecisões. Mas quem chegou com emprego apresenta um peso relativo superior nas intenções de permanência na Alemanha e dos desejos de emigrar para outro país. Tal reforça a ideia de que quem chega com emprego tende a ter uma maior estabilidade laboral (que favorece a intenção de permanência), mas que se trata também de categorias profissionais que valorizam a experiência internacional (o que explica o peso das intenções de remigração). Também foi testado o efeito do ano de chegada, como não se mostrou relevante, não foi incluído na análise.

Por fim, foram analisados os fatores referentes à integração (Tabela 25). Foram utilizados como indicadores a profissão, de modo a aferir o *status* socioprofissional, a situação perante o trabalho, o rendimento, o índice de integração política, o índice de dificuldades de integração, a satisfação com a profissão e as redes de sociabilidade. Nas profissões, os profissionais mais qualificados distanciam-se dos pares homólogos menos qualificados por expressarem valores mais reduzidos nas intenções de permanência e de regresso, e valores mais elevados nas indecisões e na remigração. A cultura profissional dos mais qualificados deve valorizar a experiência internacional, o que justifica as intenções de remigração. Para além disso, podem ser pessoas mais tolerantes à incerteza. Na situação perante o trabalho foram isolados os empresários e trabalhadores por conta própria dos restantes, o que segue a tese de Bonifazi e Paparusso (2018) segundo a qual os trabalhadores por conta de outrem seriam mais propensos a regressar.

**Tabela 25. Estratégias face ao regresso por fatores de integração (% em linha)**

		Permanecer	Regressar	Reemigrar	Indecisões
Profissão	Grupos 3 a 9	37,2	30,8	3,8	28,2
	Grupos 1 a 2	28,9	22,8	12,8	35,6
Empresários e trabalhadores por conta própria	Empresários e trabalhadores por conta própria	21,7	17,4	17,4	43,5
	Outras situações	29,8	26,3	9,9	34,0
Rendimento	Até 3000€	27,4	27,4	5,1	40,2
	Mais de 3001€	31,0	24,1	12,8	32,1
Satisfação na profissão	Baixa (1-4)	22,2	29,6	8,0	40,1
	Alta (4,25-5)	36,7	21,6	12,9	28,8
Integração política	Baixa (1-3)	28,3	27,4	11,3	33,0
	Alta (3,5-5)	31,9	22,7	9,2	36,1
Dificuldades de integração	Baixas (1-2,5)	33,0	24,5	10,5	32,0
	Altas (2,5-5)	23,7	27,4	10,4	38,5
Principais amigos	Alemães	35,0	21,0	7,6	36,3
	Outros imigrantes	24,3	25,9	11,9	37,8
	Portugueses	23,6	29,9	9,8	36,8

Fonte: REMIGR (2015)

Na análise por rendimentos, os melhor remunerados encontram-se, por um lado, associados à permanência na Alemanha e, por outro lado, às remigrações. Os rendimentos elevados são um bom incentivo à permanência, uma vez que se trata de

migrações laborais e os rendimentos em Portugal tendem a ser mais reduzidos. Mas as elevadas remunerações podem estar também associadas a profissões que valorizam a experiência emigratória. A elevada satisfação com a profissão é ainda especialmente importante para a fixação dos portugueses no país de destino. Em situações de satisfação laboral mais baixa, aumentam as indecisões.

A maior integração política e as menores dificuldades percebidas de integração social estão associadas a uma maior intenção de permanência. Este resultado pode ser entendido à luz da teoria de Cerase (1974), quando o motivo subjacente ao regresso é o insucesso de integração no país de destino<sup>151</sup>.

Por fim, as redes de sociabilidade também se revelaram importantes nestas estratégias. As intenções de permanência salientam-se nos sujeitos com redes principalmente compostas por amigos alemães, embora não seja possível identificar uma lógica causal. Será que possuir uma rede de amizade essencialmente autóctone leva a um maior sentimento de integração e, por isso, a uma estratégia de permanência? Ou, no sentido inverso, pessoas que tencionam ficar esforçam-se por criar redes de amizade com alemães? A primeira opção enfatiza o peso da estrutura social sobre as intenções do sujeito, e a segunda coloca o ónus na agência e nas estratégias pessoais. As intenções de regresso são mais frequentes nos inquiridos com redes de amizade conacionais, o que pode apontar no sentido de algum fechamento coétnico. As intenções de remigração, embora sejam sempre uma minoria, são mais frequentes nos inquiridos com redes compostas por imigrantes de outras origens, o que reforça a associação desta categoria a uma abordagem cosmopolita. As diferenças nas indecisões são mínimas.

Exposta a análise bivariada pelas principais dimensões de análise, importa agregar os principais fatores em modelos de regressão. Foram corridos dois modelos de regressão logística isolados para os fatores que receberam maior número de respostas, as intenções de permanência e de regresso (Tabela 26). As outras duas opções, por serem pouco frequentadas, comprometiam a obtenção de modelos robustos. Uma vez que o número de preditores era elevado, foi ativado o critério de seleção de variáveis

---

<sup>151</sup> Embora Cerase foque as dificuldades laborais e sentimentos de tristeza associados, a ideia é suficientemente ampla para se associar a dificuldades de integração sociais mais gerais.

*Backwards*. Deste modo, o modelo de intenções de regresso ficou reduzido a dois preditores estatisticamente significativos: as dificuldades de integração, em que maiores dificuldades aumentam a possibilidade dos inquiridos tencionarem regressar; e a idade, no sentido em que mais anos de idade fazem decrescer a possibilidade de querer regressar. Este último argumento poderia ser explicado por uma posição na carreira migratória; contudo, um indicador mais viável nesta dimensão, o ano de chegada, não se revelou significativo. Portanto, deve estar mais relacionado com a posição dos indivíduos no ciclo de vida, do que na carreira migratória. No caso das intenções de permanência, foram também as dificuldades de integração que mais impactaram, embora no sentido inverso: quanto menores as dificuldades de integração, maiores as chances dos inquiridos tencionarem permanecer. Também relevantes para a permanência são as redes de sociabilidade compostas por conacionais, ou seja, uma rede de amizade forte com outros portugueses pode facilitar a intenção de permanecer. Embora, como já foi referido para outros indicadores, possa apontar no sentido de algum fechamento intraétnico ou intranacional.

**Tabela 26. Coeficientes de regressão logística e *odds ratio* para as estratégias de permanecer na Alemanha e regressar a Portugal**

	Permanecer		Regressar	
	Coeficiente de regressão	<i>Odds Ratio</i>	Coeficiente de regressão	<i>Odds Ratio</i>
Constante	0,906*	2,473	-0,317	0,728
Idade	-	-	-0,049*	0,952
Dificuldades de integração	-0,646***	0,524	0,336*	1,400
Redes de sociabilidade com portugueses	0,549*	0,578	-	-
<i>Nagelkerke pseudo R<sup>2</sup></i>	0,040		0,085	

*Fonte: Elaborado pelo autor com base em REMIGR (2015) \*p < 0,05, \*\*p < 0,01, \*\*\*p < 0,001*

### **Tensões nas intenções de regresso no discurso dos entrevistados**

Nesta secção serão analisadas as posições dos entrevistados em relação às estratégias de regresso. É equacionado, tal como na secção anterior, o regresso a Portugal, por contraposição com a fixação na Alemanha e a remigração. É importante distinguir as aspirações das expectativas. Enquanto as primeiras são idealizadas e refletem um desejo, as segundas são a realidade esperada e provável (Rojewski, 2005). As indecisões são também desenvolvidas pelos entrevistados, o que permite perceber que em todos

existem tensões entre dois ou mais vértices de um “triângulo de intenções”. A ideia a enfatizar é que, em grande parte das vezes, se encontram nos discursos dos entrevistados situações que não correspondem a estratégias unidirecionais. É comum a conjugação de mais do que uma estratégia. As intenções de regresso expressas pelos entrevistados são, frequentemente, associadas a um senão, a um viés, a uma condição. Existem dois fatores que tendem a entrar em jogo: a família e o trabalho.

### ***Permanência versus remigração***

A tensão entre permanência e remigração emerge nas situações em que existe, em primeiro lugar, uma integração no mercado de trabalho satisfatória, que tende a estar presente em alguns profissionais qualificados, que serve como ponto de de fixação à Alemanha. Em segundo lugar, existe uma insatisfação com o mercado de trabalho português, o que deixa de parte a hipótese de regressar. Em terceiro lugar, existe uma cultura profissional que valoriza a experiência profissional e que torna aliciante a remigração.

*Maioritariamente aqui, para já, talvez a determinada altura ir para outro sítio qualquer, talvez não para Portugal, mas viajar para, viver um pouco noutra ambiente também, para ter essa experiência. (Renato, 34 anos, Engenheiro de Software, em Berlim desde 2012)*

Acrescenta-se que esta tensão é especialmente sentida por membros de casais binacionais, ou luso-germânicos, que reforçam a fixação na Alemanha e que desincentivam o regresso a Portugal.

### ***Permanência versus regresso***

A tensão entre permanência e regresso está normalmente associada à posição que os indivíduos ocupam no ciclo de vida e na carreira migratória. Está também ligada à responsabilidade para com entes próximos, mais concretamente descendentes, que exercem pressão na questão da permanência, e pais, que pesam no sentido do regresso. No caso da existência de filhos, a permanência é adiada até à independência dos filhos (que muitas vezes coincide com a entrada na reforma e, por isso, o término da carreira migratória). Como é referido por Anniste e Tammaru (2014), a entrada no *empty nest stage* é um momento decisivo para o regresso ao país de origem. As tensões entre estes dois vértices ocorrem, especialmente, devido a um prazo temporal em que o retorno é adiado.

*Eu agora vou ficar aqui, eu tenho uma filha aqui e eu vou lutar por ela. (Portanto a ideia é ficar perto da filha.) Eu não largo a minha filha, eu já não posso fazer nada. Eu se não tivesse a minha filha punha-me a andar daqui. Isto não é um país para mim. (Joaquim, 43 anos, Jardineiro, em Hamburgo desde 2015)*

Se na ilustração de Joaquim é enfatizada a intenção de permanência devido à existência de uma filha menor (a posição no ciclo de vida), no caso de Sandro a tensão dá-se num adiamento até à idade da reforma (a posição na carreira migratória).

*Os meus planos para o futuro é assim, já cá estou há 24 anos a trabalhar, e para a reforma faltam-me mais 20 anos, é claro que vou ficar aqui, eu sempre disse, enquanto me deixarem ficar, eu fico cá, se conseguir cá estar até à reforma, ainda melhor. (Sandro, 45 anos, Motorista, em Hamburgo desde 1994)*

O sentido oposto, da existência de familiares que pesam no vértice do regresso, está presente em situações em que a rede de suporte dos pais, que se encontram em Portugal, é reduzida e que é motivo para equacionar o regresso definitivo.

*Não tinha planeado vir para aqui e vim cá parar, penso que também voltar para Portugal penso um pouco, não é, porque os pais também vão ficando velhos, não tenho irmãos, qualquer dia precisam que eu esteja mais perto, porque também não me imagino a envelhecer numa cidade como Berlim. (Luísa, 38 anos, Organizadora de eventos, em Berlim desde 2002)*

Uma outra possibilidade de tensão entre a permanência e o regresso está associada à instabilidade laboral. No caso de Maria, a intenção de permanência é projetada num cenário de incerteza, dada a sua precariedade laboral. Ou seja, não se trata de uma incerteza planeada, mas resultante da sua situação na profissão.

*[Portanto o plano é se possível ficar aqui?] Sim, mas na Alemanha gostava de ficar em Berlim, não gostava de ir para outra cidade, mas também não sei se vamos conseguir ficar em Berlim, porque os contratos, não temos contrato permanente. [Os contratos são de quanto tempo?] Depende, o meu é de dois anos, mas é renovável. O do meu namorado, já está cá há 7 anos, esteve 6 anos com o mesmo contrato, vão renovando, portanto. (Maria, Pós-doc em Biologia, em Berlim desde 2013)*

### ***Regresso versus remigração***

A terceira combinação é a menos frequente, mas possível de identificar em situações em que a migração foi programada para um curto espaço de tempo, e o regresso a Portugal é iminente. Porém, tendo em conta que o indivíduo ganhou algum “capital migratório” com a experiência na Alemanha, considera-se bastante provável voltar a emigrar para outro país. Este é o caso de Duarte, que emigrou para a Alemanha com o objetivo de

juntar dinheiro que lhe permitisse suportar as propinas de um mestrado. O regresso a Portugal está planeado, mas tenciona voltar a emigrar após a sua formação académica.

*Agora parte deste dinheiro vai para este mestrado em Geologia, espero que entre, começarei em setembro, será dois anos, mas depois disso ainda não fiz grandes planos, provavelmente não ficarei em Portugal, não sei ainda mas não gostava de ficar no mesmo sítio muito tempo. (Duarte, 23 anos, Ajudante em empresa de mudanças, em Hamburgo desde 2017)*

\*\*\*

Esta análise permitiu identificar diversas tensões existentes nos planos de vida dos entrevistados. Os que tencionam permanecer justificam a sua estratégia pela família que construíram (ou tencionam construir) na Alemanha (seja com cônjuge alemão ou português). Mesmo em situações de divórcio, a existência de filhos nascidos na Alemanha implica uma obrigatoriedade moral de permanecer, pelo menos até à sua independência. Noutra dimensão, as condições económicas e laborais são um grande fator de retenção. As remigrações, quando são para outros países, são justificadas pela mais-valia da experiência; quando para outra cidade alemã, prendem-se com a insatisfação com a cidade de residência atual, mas com a satisfação do clima económico (e por vezes cultural) do país de destino. O regresso é normalmente ponderado devido ao envelhecimento dos pais ou ao fim da carreira migratória dos próprios.

Não obstante os fatores que acima foram enunciados, as intenções dos entrevistados dificilmente são unívocas, e a tendência é para existir alguma tensão entre mais do que uma estratégia. A Figura 56 sintetiza as combinações possíveis entre as intenções de regresso, de permanência e de remigração.

Com os testemunhos dos emigrantes na primeira pessoa foi possível perceber a existência de relações de tensão nas seus planos face ao regresso. Só com o recurso ao método qualitativo foi possível perceber os raciocínios subjacentes à opção de escolha única que lhes tinha sido pedido para responderem no inquérito por questionário.



Figura 56. A triangulação de estratégias face ao regresso e respetivas tensões



Permanência <i>versus</i> remigração	Permanência <i>versus</i> regresso	Regresso <i>versus</i> remigração
a) Elevada satisfação laboral b) Insatisfação com as condições de trabalho em Portugal c) Cultura profissional que valoriza a experiência internacional	a) Existe uma intenção de regresso que é adiada até: i) À independência dos filhos que estão na Alemanha ou ii) Até os pais que se encontram em Portugal necessitarem da ajuda do/a emigrante b) Existe uma intenção de permanência que é ameaçada por uma precariedade laboral	O fim do projeto migratório na Alemanha despoleta a intenção de regressar ou remigrar

Fonte: Elaborado pelo autor com base nas entrevistas

## 2.4. Remessas outras relações financeiras com Portugal

Esta secção, dedicada às relações financeiras com Portugal, inicia-se com a análise das estatísticas oficiais sobre as remessas, que cumpre o objetivo de introduzir e contextualizar os resultados do inquérito por questionário sobre o mesmo indicador. Antes da análise bivariada e multivariada serão ainda apresentadas as relações esperadas de acordo com a literatura.

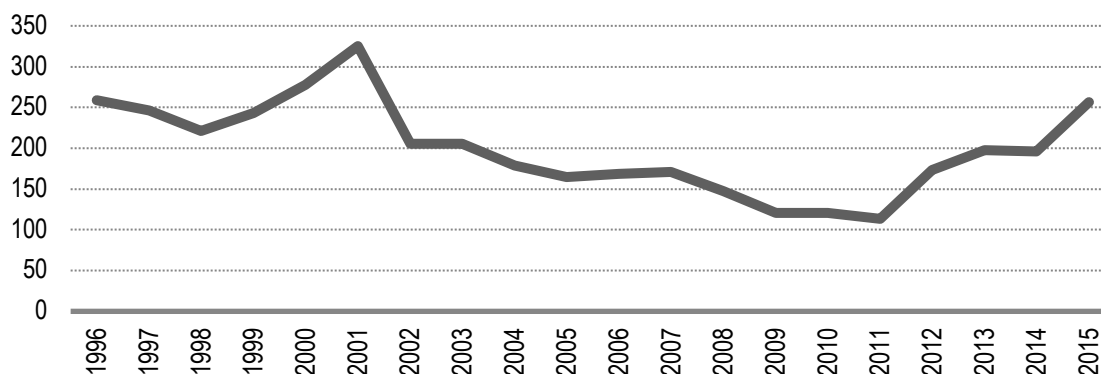
### Remessas nas estatísticas oficiais

Os valores oficiais das remessas com origem na Alemanha e destinadas a Portugal (Figura 57) mostram as oscilações ocorridas desde os anos 1990<sup>152</sup>. Observa-se, em primeiro lugar, um decréscimo desde meados dos anos 1990 até 1998, ano de viragem em que os valores foram crescentes até 2001. Foi no primeiro ano após a viragem do milénio que foi registado o maior volume de transferências Alemanha-Portugal por parte dos emigrantes: 373 milhões de euros. A partir desse ano, os valores decresceram até 2009. Desde então têm recuperado, embora ainda não tenham sido atingidos os valores de 2001. Os valores das remessas acompanham os valores do *stock* dos

<sup>152</sup> A leitura da análise longitudinal das remessas (bem como de qualquer outro indicador monetário) deve ter em conta a limitação de não se considerar a inflação (Huff, 1991).

portugueses na Alemanha ( $R^2=0,73$ ) e não tanto os valores dos fluxos, mesmo com um ajuste dos fluxos a  $n+1$ ,  $n+2$  ou  $n+3$  (pese embora os valores das regressões melhorem)<sup>153</sup>.

**Figura 57. Remessas de emigrantes portugueses na Alemanha (milhões de euros)**



*Fonte: Pordata e Banco de Portugal - Estatísticas de Balança de Pagamentos*

### **Remessas nos inquéritos por questionário**

Deve ser apontada uma ressalva prévia no início desta secção. Segundo alguma literatura, as remessas são definidas como o envio de dinheiro de um emigrante para um residente do país de origem (King, Lulle, & Buzinska, 2016). Ou seja, segundo esta definição as remessas são apenas parte do dinheiro que dá entrada em Portugal proveniente de emigrantes. Outras definições são mais abrangentes e classificam como remessas qualquer transferência monetária de imigrantes ou emigrantes. Para o Banco de Portugal “As remessas são rendimentos enviados pelos residentes de um país para outro país”<sup>154</sup>. Para esta tese será adoptada a definição mais abrangente.

O envio de remessas por parte dos inquiridos é uma prática que divide a amostra de forma bastante equitativa: 53% enviou dinheiro para Portugal no ano anterior à aplicação do inquérito, e 47% não o fez. De seguida são expostas as relações esperadas em relação ao envio de remessas sugeridas pela literatura<sup>155</sup>. A organização segue a

<sup>153</sup> A ideia subjacente a este ajustamento seria que, nos primeiros anos de emigração, os sujeitos teriam como prioridade o ajustamento à sociedade alemã, o que implicaria a aquisição de alguns bens essenciais e mais dispendiosos.

<sup>154</sup> <https://www.bportugal.pt/page/remessas-sabe-porque-sao-importantes-para-o-pais> (acedido a 29-04-2020)

<sup>155</sup> Embora grande parte da literatura sobre remessas foque os motivos para o envio de remessas, é possível encontrar estudos que procuram explicar exactamente o contrário, o não envio de remessas, como por exemplo Bettin e colegas (2012).

mesma lógica das secções anteriores: fatores sociodemográficos, referentes à trajetória migratória, e indicadores de integração.

### ***Relação entre fatores sociodemográficos e de trajetória migratória e envio de remessas***

Embora o sexo seja comumente utilizado nos modelos explicativos para o envio de remessas, não se tem mostrado uma variável fiável. Na revisão de literatura de Goza e Ryabov (2010) mostrou-se pouco consensual. A explicação pode passar por fatores culturais, que variam conforme o país de origem. Em estudos como o de Cai (2003), sobre emigrantes chineses, foi argumentado (e verificado) que os homens possuem um estatuto familiar mais elevado e também maiores responsabilidades com os familiares em casa, o que os tornava mais propensos ao envio de remessas em comparação às mulheres. Os homens também se mostraram positivamente relacionados com o envio de remessas no estudo sobre diversos grupos imigrantes de Merkle e Zimmermann (1992). Já em Carling e Hoelscher (2013), em que foram inquiridos grupos mistos de imigrantes, foram as mulheres a enviar mais frequentemente remessas. A explicação para estas diferenças pode passar por um efeito mediador do sexo no envio de remessas, uma vez que em Mahapatro (2017) foi percebido que as motivações e os fins das remessas diferem de acordo com o sexo. Nas mulheres foi corroborada a tese do investimento em educação e das motivações altruístas.

A idade é considerada importante segundo um racional que, quanto mais novos os imigrantes, maior vai ser o laço com o país de origem. Mas em estudos como o de Merkle e Zimmermann (1992) e o de Carling e Hoelscher (2013) o envio de remessas assumiu a forma de U invertido. Os imigrantes mais jovens, presumivelmente recém-chegados, não conseguem enviar remessas devido aos custos associados à instalação. Quando atingem estabilidade financeira conseguem enviar remessas. Com o passar do tempo, criam laços no destino e tendem a enviar menos dinheiro. A idade também deveria impactar os fins das remessas: emigrantes mais novos canalizam as suas remessas para bens de consumo; emigrantes mais velhos para *productive goals* (Goza & Ryabov, 2010). O argumento utilizado pelos últimos autores parte do pressuposto de que os emigrantes emigram sempre (ou muito tendencialmente) no início da idade ativa. Porém, com a diversificação da emigração (portuguesa e não só) que se tem observado, isso tende a ser menos frequente (embora ainda seja muito comum). Pode-se estar

perante um argumento que faria mais sentido para uma emigração clássica. Para migrações mais recentes, o poder explicativo da idade será menor. Em último lugar, parece relevante apontar que, neste bloco de argumentos, a idade parece ser um indicador da posição dos sujeitos mais na trajetória migratória do que no ciclo de vida.

A existência de um cônjuge a viver com o inquirido deve impactar negativamente o envio de remessas, no sentido em que a figura do *breadwinner* envia dinheiro para os *left-behind*. Contudo, na revisão de literatura de Lianos (1997) revelou-se ser dos fatores menos importantes. No mesmo sentido, o estado civil, *per si*, não se tem revelado importante (Merkle & Zimmermann, 1992). A hipótese assenta na ideia de que as remessas são enviadas principalmente para suprir necessidades de consumo da família que fica em casa. Se a unidade familiar se encontrar junta na emigração, o consumo será mais intensivo no país de destino. Esta relação entre o envio de remessas na componente familiar também pode assentar num binómio individualismo-familiarismo, em que os gastos em bens de consumo (individualismo) podem entrar em tensão com o envio de dinheiro para familiares próximos (familiarismo). Deste modo, o estado civil não deve importar, mas sim a localização do cônjuge e dos filhos, caso existentes (Cai, 2003; Merkle & Zimmermann, 1992). Embora faça sentido a presença de filhos no país de destino, este fator não se mostrou relevante em estudos como o de Durand e colegas (1996).

De modo a perceber qual o fator de ordem familiar que mais impacta no envio de remessas, foi criada uma série de variáveis compósitas. O primeiro passo, com base nas estratégias de reagrupamento familiar, consistiu em conhecer a localização do cônjuge ou companheiro. Em segundo lugar, foi calculado o número de filhos em Portugal e o número de filhos na Alemanha. A terceira etapa consistiu em criar um somatório do número de familiares próximos (cônjuge e filhos), tanto na Alemanha, como em Portugal. Por fim, foram corridas seis regressões logísticas para o envio de remessas. Para cada um dos dois territórios (Alemanha e Portugal) foram testados três tipos de preditores: 1) cônjuge/companheiro, 2) número de filhos e 3) soma (cônjuge/companheiro + número de filhos) (Tabela 27). O melhor preditor parece ser o total de familiares em Portugal, sendo o único que assume significância estatística, e também aquele cujas *odds ratio* são mais elevadas. Isto significa que, quanto mais familiares próximos permanecem no país de origem, maior a frequência de remessas.

**Tabela 27. Coeficientes de regressão logística e *odds ratio* de ordem familiar no envio de remessas**

	Coeficiente de regressão	<i>Odds Ratio</i>
Cônjuge na Alemanha	-0,14	0,87
Número de filhos na Alemanha	-0,18	0,84
Número de familiares na Alemanha	-0,08	0,92
Cônjuge em Portugal	0,43	1,54
Número de filhos em Portugal	-0,88	0,42
Número de familiares em Portugal	0,51*	1,67

*Fonte: elaborado pelo autor com base em REMIGR (2015), \* $p < 0,05$ , \*\* $p < 0,01$ , \*\*\* $p < 0,001$*

A relação da escolaridade com as remessas, segundo Lucas e Stark (1985), assenta no argumento que existe um investimento em educação por parte da família do emigrante, que posteriormente deverá ser devolvido. Existe um contrato, ainda que tácito, entre o emigrante e a sua família<sup>156</sup>. Parte do princípio que, por a família ter financiado os estudos, o emigrante tem uma obrigação moral de enviar remessas como forma de os compensar. Lianos (1997) é bastante crítico deste raciocínio, referindo que, quando um aluno dá entrada no sistema escolar, é pouco provável que esteja ciente de um acordo tácito e concorde com o mesmo. Os resultados empíricos têm mostrado que o impacto da escolaridade nas remessas tem sido pouco (Cai, 2003) ou nenhum (Merkle & Zimmermann, 1992). A justificação de Goza e Ryabov (2010) para o baixo impacto da escolaridade nas remessas assenta na dificuldade de converter educação em profissões correspondentes, o que, no capítulo referente à integração, foi designado pelo conceito de *downgrading*. Ou seja, os autores assumem que existe uma relação encadeada entre educação, profissão, rendimento e remessas.

Nos indicadores referentes à trajetória migratória, ou seguindo uma lógica de ciclo de vida, é esperado que, numa fase inicial da migração, seja necessário recorrer a ajudas de familiares e amigos de modo a facilitar a adaptação ao novo ambiente. Só posteriormente existe a disponibilidade e possibilidade de enveredar por laços transnacionais que poderão ser duradouros ao longo do tempo (Carrasco, 2015). A hipótese alternativa assenta na *Remittance Decay Hypothesis* (RDH), inicialmente proposta por Stark (1978)<sup>157</sup>. O argumento defende que, com o passar do tempo, o

<sup>156</sup> Esta ideia do contrato implícito poderia ser igualmente válida para o pagamento da viagem ou para o alojamento num período inicial.

<sup>157</sup> Para uma revisão da literatura mais recente, ver, por exemplo, Makina e Masenge (2015).

imigrante fica mais acomodado ao país de destino e as possibilidades para enviar dinheiro tornam-se menores. Brown (1997) considerou que se tratava de uma ideia de senso comum sem fundamentação empírica (e provou isso mesmo), argumentando que os imigrantes também enviam remessas como uma forma de investimento (e por isso independente do tempo). Outros autores, que procuraram refutar Brown, defenderam que as remessas seriam enviadas para suprir necessidades de consumo nas famílias que permaneciam na origem, e que, passada uma linha de corte, a sua utilidade marginal diminuiria, o que implicava um decréscimo no envio das remessas (Hunte, 2004). Uma outra explicação, mais recentemente proposta por Delpierre e Verheyden (2014), depende do risco que existe no país de destino, o que explica que os imigrantes poupam e enviam remessas numa altura inicial da sua carreira migratória, quando existe incerteza em relação à sua *performance* económica no país de destino. Empiricamente, a duração da estadia não tem sido conclusiva. Em Carlington e Holesesch (2013) revelou-se inversamente proporcional ao envio de remessas, e em Merkle e Zimmermann (1992) não teve relevância.

A estratégia de inserção laboral foi utilizada em Cai (2003), e mostrou que, quem conseguiu emprego assim que chegou, se encontrava mais propenso a enviar remessas do que aqueles que demoraram mais tempo a inserir-se no mercado de trabalho, embora não avancem explicações para esta relação.

### ***Relação entre integração e envio de remessas***

Alguns dos indicadores de integração económica mostraram-se positivamente correlacionados com o envio de remessas. Em Durand e colegas (1996) e em Merkle e Zimmermann (1992) foi demonstrado um impacto positivo do rendimento e de outros fatores de integração económica. Contudo, tendem a perder importância com o prolongar da estadia no destino e com os processos de reagrupamento familiar<sup>158</sup>. Ou seja, deve existir um efeito moderador da duração da estadia na relação entre os fatores de integração socioeconómica e o envio de remessas. Acrescenta-se a ressalva que, por vezes, os rendimentos não são bons preditores, uma vez que não têm em conta os custos fixos que cada emigrante tem no país de destino.

---

<sup>158</sup> Durand e colegas (1996) referem que, por vezes, os imigrantes não enviam remessas, mas regressam ao país com as suas poupanças, o que cumpre o mesmo fim de injetar dinheiro no país de origem.

A relação entre a profissão e o envio de remessas pode ser interpretada, de novo, através da tese do investimento na formação por parte das famílias. As profissões mais qualificadas implicam um investimento em formação e essa formação é, tendencialmente, suportada pelos familiares (Brown & Poirine, 2005). Em Brown e Connell (2006) foram apresentadas diferenças de acordo com as profissões dos emigrantes: as remessas mais elevadas foram observadas em profissões em que a formação já é dirigida para a emigração, neste caso em concreto, enfermeiras das ilhas do Pacífico. A hipótese alternativa que se propõe assenta na existência de um eixo cosmopolitismo-transnacionalismo, em que os mais qualificados estão mais associados ao ideal cosmopolita; por consequência, os seus rendimentos tendem a ser gastos em consumos no país de destino. No polo transnacional, com maior presença de emigrantes menos qualificados, será mais saliente a ligação a Portugal por várias vias, incluindo o envio de remessas.

Expostas as relações esperadas, são apresentados os resultados do cruzamento pelas variáveis consideradas relevantes. Nos fatores sociodemográficos, o sexo não diferencia o envio de remessas. A relação da idade com o envio de remessas é positiva<sup>159</sup>. Os escalões mais jovens devem estar associados a estudantes ou a emigrantes que ainda não conseguiram uma inserção no mercado de trabalho que lhes permita o envio de remessas, ou ainda à inexistência de familiares dependentes na origem. No cruzamento com o indicador de familiares próximos em Portugal, os resultados seguem o sentido esperado. Ter cônjuges, companheiros e/ou filhos em Portugal está associado ao envio de remessas, o que corrobora a lógica do *breadwinner* e dos *left-behind*, e posiciona os inquiridos numa oposição entre individualismo e familiarismo. Este indicador mostrou-se mais relevante do que o estado civil. O último indicador sociodemográfico relevante diz respeito às qualificações escolares. As remessas são especialmente enviadas pelos menos qualificados, o que pode indicar que, no segmento mais qualificado, será mais frequente uma orientação para o consumo no país de destino do que um projeto de poupança e investimento.

A análise bivariada do envio de remessas pelos dois indicadores referentes à trajetória migratória (ano de chegada e chegada com emprego assegurado) permitiu perceber que

---

<sup>159</sup> Também foi testada a existência de um efeito em forma de U invertido, mas os resultados não foram conclusivos, pelo que apenas é apresentada a idade como variável discreta.

o ano de chegada não é relevante<sup>160</sup>. Por seu lado, o grupo de pessoas que chegou à Alemanha com emprego é mais propenso ao envio de remessas, o que pode estar relacionado com uma maior estabilidade financeira neste grupo ou com estratégias de migração assumidamente temporárias.

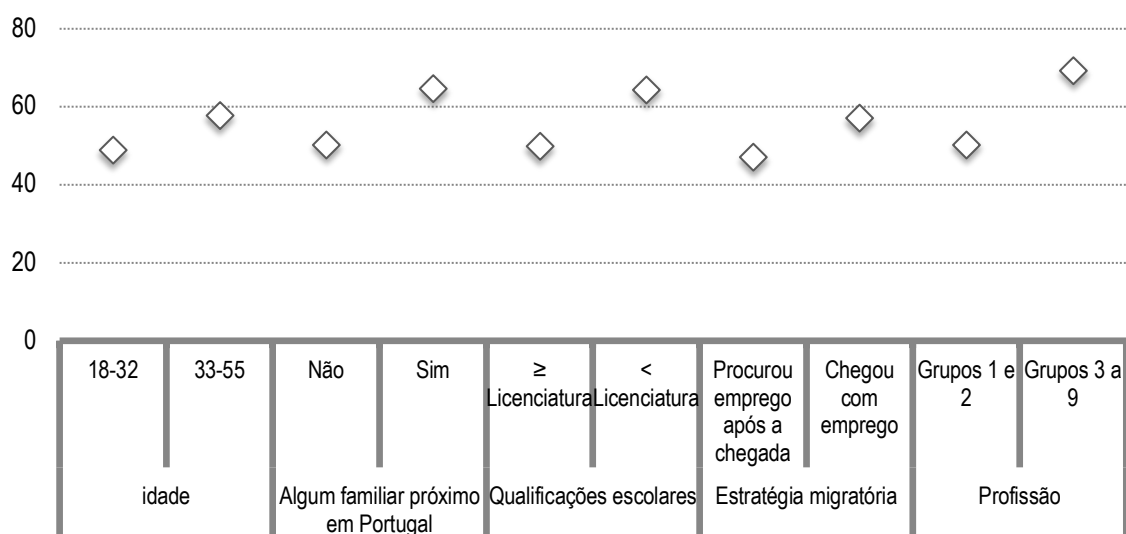
No bloco dos indicadores de integração socioeconómica, foram examinados o rendimento e as profissões. O rendimento não se mostrou relevante, mas as profissões sim, no sentido em que são os trabalhadores menos qualificados os mais predispostos a enviar dinheiro para Portugal. Este resultado pode significar que no campo das remessas não existe evidência de um transnacionalismo dependente de recursos (Itzigsohn & Saucedo, 2002). O maior envio de remessas por parte dos trabalhadores menos qualificados pode também ser resultado de uma rede de familiares ou outras pessoas próximas em Portugal dotadas de menores recursos, e que necessitam do apoio do emigrante. Em comparação, se os emigrantes com profissões qualificadas forem oriundos de famílias de classe média (o que deverá ser mais frequente do que nos emigrantes de profissões menos qualificadas) poderá existir uma menor necessidade de familiares em Portugal a necessitar ou depender das suas remessas. Poderá também ser importante a existência de estratégias migratórias diferenciadas, associadas a diferentes perfis socioprofissionais, em que importa o eixo cosmopolitismo-transnacionalismo proposto algumas linhas acima. De modo a testar a tese do transnacionalismo reativo (Itzigsohn & Saucedo, 2002), as remessas foram ainda cruzadas com o índice de dificuldades de integração e o indicador de integração política. Ambos se revelaram pouco importantes. Na componente relacional, as redes de sociabilidade foram testadas, sem terem apresentado diferenças relevantes. Ou seja, o único fator de integração relevante (em termos estatísticos) é a categoria profissional. Na Figura 58 são apresentados os preditores relevantes para o envio de remessas.

---

<sup>160</sup> Também foi testado o efeito da duração da estadia ao quadrado, mas não foram obtidos resultados conclusivos.



Figura 58. Envio de remessas por principais preditores (%)



Fonte: REMIGR (2015)

Foi corrido um modelo de regressão logística de modo a perceber o efeito dos fatores que foram anteriormente testados na análise bivariada (Tabela 28)<sup>161</sup>. A idade e o número de familiares dependentes em Portugal foram introduzidos como variáveis discretas. A escolaridade de nível secundário ou inferior, a estratégia de empregabilidade de chegar com emprego e as profissões menos qualificadas foram introduzidas como variáveis *dummy*. Uma vez que foi deduzido de alguma literatura (Goza & Ryabov, 2010; Mahapatro, 2017) que poderia existir um efeito moderador do sexo nos modelos explicativos do envio de remessas, foram corridas regressões isoladas para homens e para mulheres (para além do modelo com a amostra total). No modelo total, são estatisticamente significativos o total de familiares próximos em Portugal e as profissões menos qualificadas. Quando o modelo é segmentado por sexo, as relações tornam-se mais claras. Em ambos os casos a idade é relevante, sendo que mais idade aumenta as possibilidades de enviar remessas. A existência de familiares próximos em Portugal apenas é relevante para os homens, o que pode sugerir a persistência de migrações tradicionais em que o homem emigra sozinho, como estratégia de sustentar financeiramente o cônjuge e filhos na origem. Por fim, e no mesmo sentido, também as profissões menos qualificadas apenas são relevantes no grupo dos homens. Isto pode sugerir que, no caso das mulheres, o envio de remessas não é tanto de orientação familiar, embora também exista, e depende mais da posição na carreira migratória ou no ciclo de vida.

<sup>161</sup> De modo a melhorar o modelo, foram removidos alguns *outliers*.

**Tabela 28. Coeficientes de regressão logística e *odds ratio* para o envio de remessas, total e por sexo**

	Total		Mulheres n=178		Homens n=188	
	Coeficiente de regressão	<i>Odds Ratio</i>	Coeficiente de regressão	<i>Odds Ratio</i>	Coeficiente de regressão	<i>Odds Ratio</i>
Constante	-1,92	0,15	-1,75**	0,17	-2,66***	0,07
Idade	0,05	1,05	0,04**	1,04	0,07**	1,07
Total de familiares em Portugal	0,60*	1,82	1,34	3,80	0,33*	1,39
Escolaridade (ensino secundário ou inferior <i>dummy</i> )	-0,01	0,99	0,19	1,21	-0,13	0,88
Estratégia de empregabilidade (chegou com emprego <i>dummy</i> )	0,45	1,56	0,47	1,60	0,49	1,64
Profissão (grupos 3 a 9 <i>dummy</i> )	1,07***	2,92	1,54	4,66	0,65***	1,92
<i>Nagelkerke pseudo R<sup>2</sup></i>	0,12		0,20		0,09	

Fonte: Elaborado pelo autor com base em REMIGR (2015) \* $p < 0,05$ , \*\* $p < 0,01$ , \*\*\* $p < 0,001$

### ***Remessas por parte dos entrevistados***

Nas entrevistas aplicadas junto de emigrantes, o envio de dinheiro para Portugal numa forma regular é rara. Existe, essencialmente, em situações de créditos de imobiliário, contraídos antes ou após a emigração. E ocorrem também se existem filhos dependentes em Portugal.

Frequentemente, surgiu em contexto de entrevista o tema da manutenção de uma conta em banco português. Se a existência de uma “conta secundária” que tinha sido mantida após a emigração é quase omnipresente (especialmente nas gerações migratórias chegadas após 2000), na preferência entre manter uma conta portuguesa ou conta alemã para poupança, não existe consenso. Existem os entrevistados que preferem depositar as suas poupanças em conta alemã, por receio de bancarrota nos bancos portugueses. Mas também foram identificadas situações de contas bancárias em Portugal, consideradas mais vantajosas do que as contas alemãs. E há ainda a situação mais transnacional, de dividir os depósitos entre os dois países.

*Tenho as minhas contas, ainda tenho lá algumas contas poupança de que ainda não desisti, porque uma pessoa não sabe, também aqui os bancos vão à bancarrota, portanto não vale a pena pensar que a probabilidade de acontecer em Portugal, se calhar, porque mesmo assim eu não tenho conhecimento para saber se aquele banco é mesmo estável ou não. Portanto o que eu tento fazer é distribuir um bocado aqui, um bocado ali. (Anabela, 38 anos, Engenheira Civil, em Hamburgo desde 2007)*

As restantes situações, muito mais frequentes, remetem para contas em Portugal que existiam previamente à emigração, que permaneceram por uma questão de comodidade,

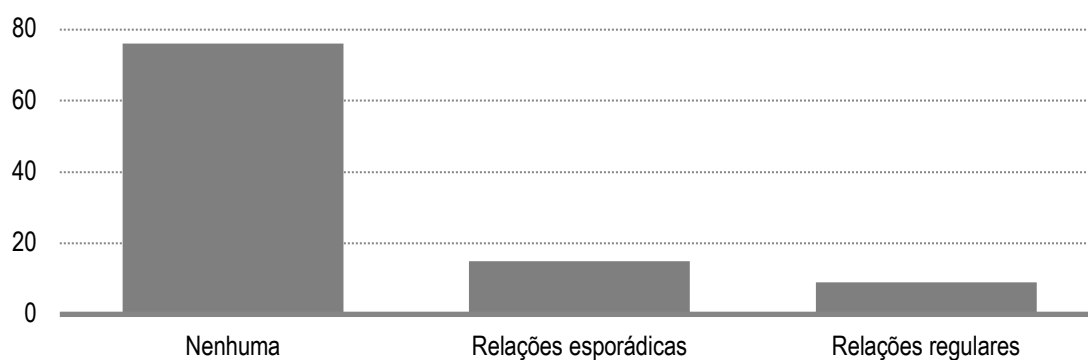
seja como pequenas poupanças, ou como “dinheiro de algibeira” para os gastos que possam ocorrer nas visitas a Portugal, ou pequenas despesas com origem em Portugal.

A análise das posições que os entrevistados assumem em relação ao envio de dinheiro para Portugal permite perceber que o envio de remessas associado a obrigações financeiras de créditos é pouco frequente. Mas, por outro lado, observa-se um transnacionalismo de envio de dinheiro para uma segunda conta em Portugal, que permite cobrir algumas despesas que possam ocorrer em visita, saldar pequenas dívidas com amigos, ou fazer uma pequena poupança não muito programada.

## 2.5. Relações laborais com Portugal

Este tópico foca as relações laborais que os emigrantes estabelecem com o seu país de origem. Neste tema a bibliografia parece não abundar. Por um lado, existe alguma literatura sobre as redes laborais de transmigrantes qualificados (Vertovec, 2002). Por outro lado, existe toda a corrente sobre empreendedorismo emigrante transnacional (Portes et al., 2002). Embora esta última não incida em um perfil de qualificação em concreto, foca um grupo socioprofissional muito específico. O que se pretendeu explorar com este subcapítulo foram as relações laborais com Portugal, independentemente da qualificação escolar ou profissional dos inquiridos ou entrevistados. Avança-se também que se está perante uma minoria: cerca de  $\frac{3}{4}$  dos inquiridos (76%) não tinham qualquer tipo de ligações profissionais com Portugal (Figura 59).

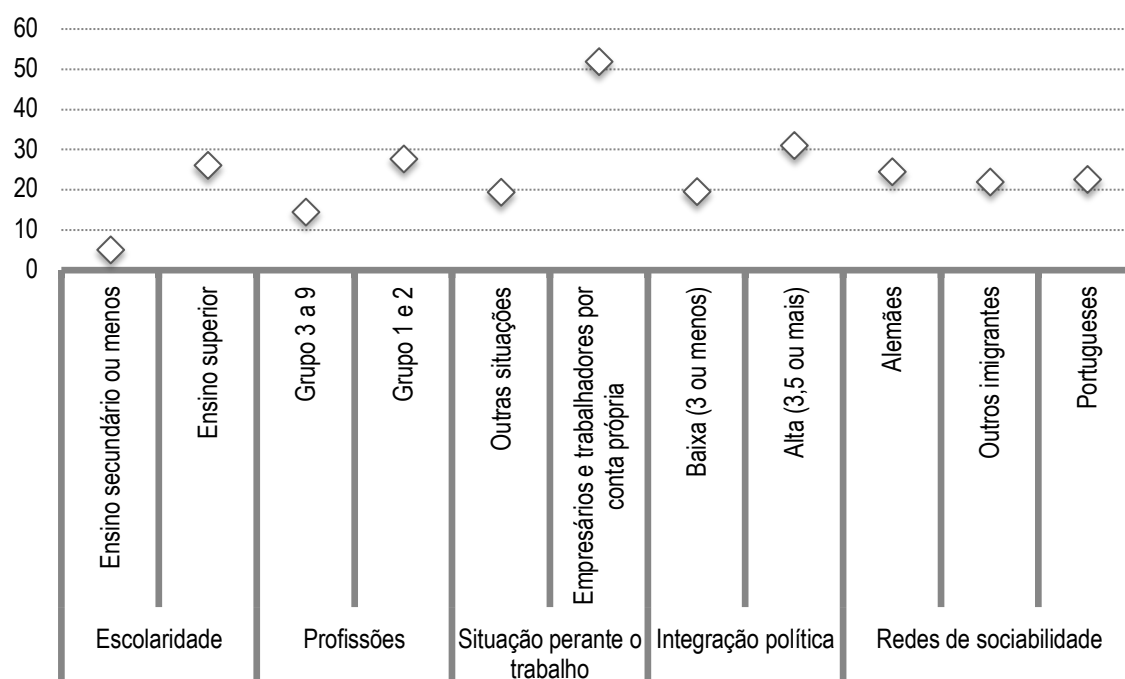
Figura 59. Relações transnacionais laborais (%)



Fonte: REMIGR (2015)

O segundo passo consiste em tentar compreender a nível individual os fatores associados a estas relações laborais. Foi testada a existência de diferenças entre diversos fatores: sexo, idade, qualificações escolares, estado civil, descendência, ano de chegada, estratégia de empregabilidade, situação perante o trabalho, profissão, rendimento, integração política e dificuldades de integração. As ligações de trabalho com Portugal mostraram-se mais frequentes nos empresários ou trabalhadores por conta própria, o que segue na linha dos estudos de Portes e colegas (2002). Também são mais frequentes nos graduados do ensino superior, nos profissionais mais qualificados e nas pessoas com maior integração política, o que foca um perfil específico em que, provavelmente, estas três variáveis estarão muito correlacionadas entre si. As redes de sociabilidade constituídas por alemães são especialmente importantes para ligações laborais com Portugal, o que aponta no sentido de não se tratar de um grupo excluído em termos sociais (Figura 60).

**Figura 60. Relações de trabalho com Portugal por principais preditores (%)**



Fonte: REMIGR (2015)

A análise de regressão logística contemplou os fatores acima relevantes: a escolaridade de nível superior, os profissionais mais qualificados, os empresários e os trabalhadores por conta própria como variáveis *dummy* e o índice de integração política como variável quantitativa (Tabela 29). A profissão é a única variável que não apresenta uma relação

significativa, provavelmente devido a uma elevada sobreposição com a escolaridade. A escolaridade de nível superior pode estar ligada a um domínio de *skills* mais diversificados, e por isso valorizados em diversos mercados de trabalho, embora seja um argumento que necessita de maior escrutínio. A integração política está positivamente associada às ligações de trabalho com Portugal, o que pode ter a ver com uma necessidade de conhecimento de direitos e deveres por parte deste segmento. A integração no mercado de trabalho por via do empreendedorismo, os empresários e os trabalhadores por conta própria, é a variável que mais está associada com as relações com Portugal, o que corrobora e segue o filão descoberto por Portes e colegas. Por fim, importa salientar as redes de sociabilidade constituídas por outros portugueses e as redes sociais com alemães, o que pode evidenciar algum capital social diversificado neste segmento.

**Tabela 29. Coeficientes de regressão logística e *odds ratio* para o transnacionalismo laboral**

	Coeficiente de regressão	<i>Odds Ratio</i>
Constante	-2,460***	0,085
Qualificações escolares (superior <i>dummy</i> )	0,530***	1,699
Profissão (grupos 1-2 <i>dummy</i> )	0,277***	1,320
Situação perante o trabalho (empresários e trabalhadores por conta própria <i>dummy</i> )	0,849***	2,338
Integração política	0,122***	1,130
Redes de sociabilidade com alemães ( <i>dummy</i> )	0,178*	1,195
Redes de sociabilidade com portugueses ( <i>dummy</i> )	0,180*	1,197

Fonte: Elaborado pelo autor com base em REMIGR (2015). Pseudo  $R^2$  de Nagelkerke=0,057 \* $p < 0,05$ , \*\* $p < 0,01$ , \*\*\* $p < 0,001$

### ***As relações de trabalho com Portugal pela experiência dos entrevistados***

De modo a melhor perceber como se dão estas relações de trabalho com Portugal, o seu perfil e motivações, apresentam-se quatro casos de entrevistados que mantêm algum tipo de ligação profissional a Portugal. Para delimitar melhor o que se consideram relações de trabalho com Portugal refere-se que não foram incluídas situações de: 1) *networking*, prática comum em algumas áreas profissionais, que consiste em manter latente laços, mais profissionais ou mais sociais, com o intuito de poderem ser proveitosos no futuro, na esfera laboral; e 2) trabalho desterritorializado, isto é, pessoas que, devido à natureza do seu trabalho, o podem efetuar em qualquer local, desde que tenham acesso a um computador com *internet*.

O primeiro caso é o de Luísa, que trabalha na organização de festivais de artes. Iniciou-se no ramo como estagiária e permaneceu na equipa. Contudo, a organização do festival apenas lhe ocupa seis meses por ano. Teve, como consequência, a necessidade de garantir subsistência no restante semestre. Uma vez que se já se encontrava inserida neste meio, conseguiu trabalhar em dois festivais portugueses do mesmo ramo, um em Lisboa e outro em Vila Real. Atualmente, quando se encontra em Portugal, colabora apenas no festival que ocorre na capital. Uma vez que tem que dividir o seu tempo entre Lisboa e Berlim, tem uma casa arrendada em cada cidade.

O segundo caso é o de Amílcar. Emigrou para Hamburgo quando ainda era criança. Trabalha como técnico comercial alimentar. Mais concretamente, vende a grosso produtos alimentares para restaurantes. Dada a forte presença de restaurantes, cafés e pastelarias portuguesas em Hamburgo, iniciou, juntamente com uma sócia, um negócio de importação de produtos portugueses (queijos, vinhos, enchidos). A sua sócia faz as viagens Portugal-Alemanha, enquanto Amílcar faz usufruto dos contactos preexistentes no meio da restauração e da sua origem portuguesa para comercializar os produtos portugueses.

Os casos de Luísa e de Amílcar correspondem a pessoas que já se encontravam inseridas no mercado de trabalho alemão e que, devido à sua origem portuguesa, encontraram uma oportunidade de trabalho. Numa lógica weberiana de procurar o sentido que os indivíduos atribuem à sua ação, pode-se afirmar que ambos os casos são movidos por uma motivação instrumental, isto é, a relação laboral com Portugal tem como fim obter rendimento.

O terceiro caso é o de Santiago. Doutorado em Música, antes de emigrar recebia encomendas de composições musicais. Em Berlim é professor de música numa escola primária. Frisa que o trabalho na escola primária não é motivante, mas bem remunerado. Na sua opinião, nunca conseguiu inserir-se no meio artístico berlinense por se encontrar superlotado. Continua a receber encomendas de composições com origem em Portugal, o que o leva a viajar ao país de origem frequentemente. Na sua perspetiva, dar resposta a encomendas de composições é um trabalho que lhe dá bastante satisfação pessoal, que contrapõe às aulas de música, que têm a mais-valia de serem um rendimento estável e bem remunerado.

O último caso é o de Paulo. Após vários trabalhos de curta duração, conseguiu um lugar numa escola básica, onde ministra atividades extracurriculares. Antes de emigrar, Paulo possuía uma rede de contactos que lhe permitiam, frequentemente, contar histórias, em Portugal e Espanha. Atualmente, Paulo mantém essas redes ativas e faz frequentemente algumas *tours* nos países ibéricos. Trata-se de uma atividade que lhe dá prazer e que o permite manter-se fluente nas línguas ibéricas.

As situações de Santiago e Paulo dizem respeito a pessoas que fizeram uso das redes de contactos laborais que possuíam antes de emigrar. Conseguiram manter-se inseridos no campo nacional (ou ibérico). E trata-se de casos em que a motivação instrumental (referida para os dois primeiros casos) não está muito presente. A motivação está associada à satisfação pessoal de realização artística.

A atividade laboral transnacional encontra alguns pontos em comum na literatura, como quando é referida em estudos que procuram *drivers* para o transnacionalismo empreendedor, em que os imigrantes tomam partido de redes transnacionais e/ou da percepção de oportunidades (Urbano, Toledano, & Ribeiro-Soriano, 2011). Ou o que Elo (2016) distingue entre empreendedorismo forçado e empreendedorismo de oportunidade. Qualquer um dos quatro casos pode ser entendido como transnacionalismo de oportunidade.

O caso de Santiago pode ainda ser interpretado à luz da proposta de Light e Rosenstein (1995). Estes distinguem entre a desvantagem *de recursos* no mercado de trabalho (quando, por motivos históricos, um grupo se encontra em desvantagem face a outro grupo mais privilegiado) e a desvantagem no *mercado de trabalho*<sup>162</sup> (quando um grupo não tem o devido retorno do seu capital humano, ou, por outras palavras, não consegue um emprego correspondente à sua formação). As relações transnacionais de Santiago ocorrem devido a esta segunda desvantagem.

Em suma, Luísa e António tiraram partido de redes que criaram no trabalho; Santiago e Paulo mantiveram as redes que tinham antes de emigrar. Na Tabela 30 são apresentadas, de forma sistemática, as características dos quatro casos aqui detetados de trabalhadores transnacionais.

---

<sup>162</sup> *Resource disadvantage e labour market disadvantage* no original.

**Tabela 30. Relações laborais com Portugal e seus motivos**

Instrumental		Satisfação pessoal	
Luísa	Amílcar	Santiago	Paulo
Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas. Vive em Berlim desde 2002. Divide o seu tempo entre Lisboa e Berlim. Trabalha na organização de dois festivais de artes (um em cada capital). Tem duas casas arrendadas, uma em cada cidade. Começou a trabalhar apenas em Berlim. Após ter entrado para o meio, conseguiu o trabalho em Lisboa.	Terminou na Alemanha o ensino vocacional. Vive em Hamburgo desde 1979. É técnico comercial de produtos alimentares. Tem um negócio paralelo com uma sócia portuguesa que transporta produtos alimentares portugueses. Toma partido da rede de clientes portugueses que possui devido ao seu emprego principal.	Doutorado em Música. Vive em Berlim desde 2008. É professor de música numa escola primária. Continua a receber encomendas de peças musicais de clientes em Portugal. A sua rede profissional é quase exclusivamente composta por portugueses.	Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas. Vive em Hamburgo desde 2012. Trabalha numa escola onde ministra atividades extracurriculares. É contador de histórias como biscate. Conta histórias na Alemanha e faz algumas tours em Espanha e Portugal.

*Fonte: Elaborado pelo autor com base nas entrevistas*

### 3. Transnacionalismo sociopolítico

O segundo subcapítulo dedica-se às relações sociopolíticas que os emigrantes estabelecem com Portugal. Embora no modelo original de Pennix (2016) e na sua adaptação a esta tese contemplasse também a dimensão legal, pareceu pouco relevante explorar esta componente no caso dos portugueses a viver na Alemanha. O subcapítulo contempla, na abordagem quantitativa, dois indicadores baseados no inquérito por questionário: o grau de interesse pela política portuguesa e o voto nas eleições nacionais. O tema também é explorado vertente qualitativa. De seguida são apresentadas as relações esperadas para estes dois indicadores de acordo com a literatura.

Dentro dos fatores sociodemográficos, os estudos clássicos sobre o voto para a população geral, como o de Campbell e colegas (1960), designam a idade (mais velhos), o nível de escolaridade (mais escolarizados), o rendimento (rendimento mais elevado) e o estado civil (casado) como fortes preditores para o voto. Existem algumas características específicas da população imigrante. De acordo com Itzigsohn e Saucedo (2005), as atividades transnacionais políticas variam de acordo com o género, sendo que os homens tendem a encontrar-se mais ligados ao país de origem na esfera pública e institucional, enquanto as mulheres têm maior participação no país de destino.



Na relação do transnacionalismo com a integração é conhecido que a integração política depende, em parte, da bagagem que os imigrantes trazem consigo quando emigram. É desse modo que Walls (2011) refere de forma metafórica que “*Immigrants bring political suitcases to the United States. These suitcases abound with attitudes and experiences from their countries of origin. We must peek inside these suitcases if we are to develop a more comprehensive account of postmigration political behavior*”(p.601). A ideia é de que não poderá ser estabelecida uma relação causal entre o transnacionalismo político e a integração política, mas sim uma relação de correlação.

A tese de Chadhary (2018) também relaciona o transnacionalismo político com a integração, e defende que existem duas hipóteses concorrentes. Por um lado, a tese da *ressocialização*, em que a participação política no país de origem diminui à medida que o emigrante vai sendo socializado na sociedade de acolhimento: trata-se de uma ressocialização política. Por outro lado, a tese da *complementaridade*, que assenta na ideia de que a integração e a participação são concomitantes. Quando o imigrante é inserido na esfera socioeconómica e em contextos inclusivos, é também engajado no movimento político. As hipóteses de Chadhary são verificáveis por via da duração da estadia na sociedade de acolhimento. Seguindo a tese da ressocialização, a participação política deverá diminuir quanto maior for a duração da estadia. A hipótese concorrente, da complementaridade, é que, com o tempo, os imigrantes integram-se na esfera política do destino e depois participam mais na origem.

Outros estudos procuram relações dentro da dimensão legal. A lógica de Schlenker e colegas (2017) hipotetiza duas relações concorrentes entre a nacionalidade e a participação política. Segundo a perspetiva *tradicional* (*vis-à-vis* a perspetiva *transnacional*), a dupla cidadania implica uma maior identificação com o país de destino e uma menor identificação com o país de origem, o que minimiza a ligação política com o país de origem. O que contrasta com a perspetiva transnacional, que possibilita a existência de múltiplas identificações (Schlenker et al., 2017).

\*\*\*

Expostas as relações esperadas para a ligação política a Portugal, importa conhecer a sua intensidade. Em primeiro lugar, examinam-se alguns dados oficiais do universo. Em

segundo, aprofundam-se com os dados do inquérito por questionário. O terceiro ponto explora os discursos captados por via das entrevistas.

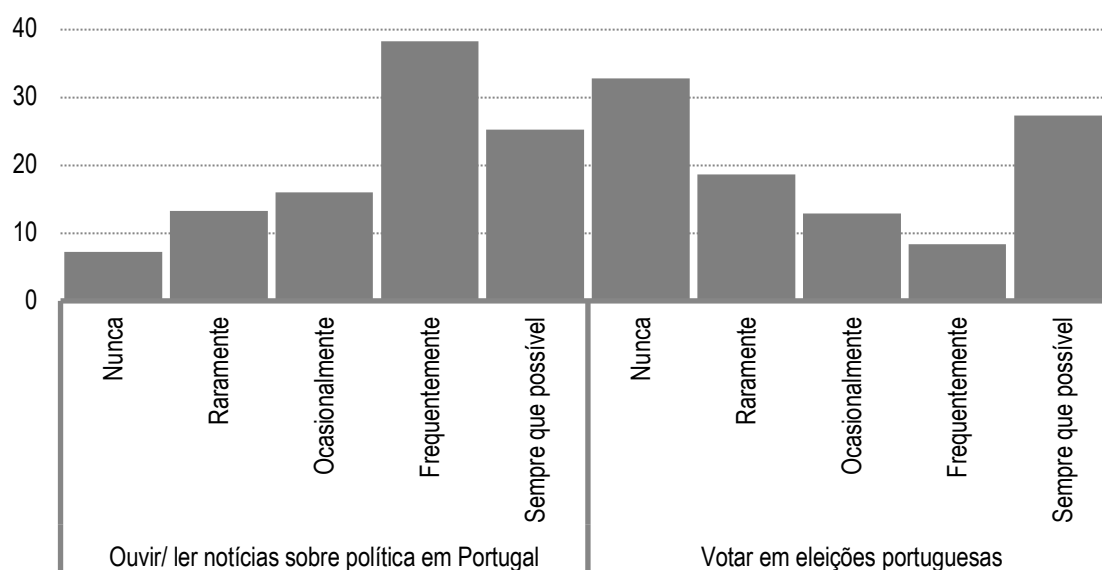
Alguns dados referentes às eleições legislativas<sup>163</sup> de 2019 mostram que, na Alemanha, existiam 78.005 inscrições consulares e 9.635 votantes, o que origina um rácio de 12,35% votantes. Em comparação com os restantes países europeus, os valores de inscrições e votantes parecem acompanhar os valores de *stock*. A Alemanha era o terceiro país com maior número de inscritos e o quarto país com maior número de votantes. O rácio apurado para a Alemanha é bastante próximo do rácio europeu de 12,05%. Estes resultados são apenas apresentados a título ilustrativo, sendo deixada para outras oportunidades uma exploração mais aprofundada.

No inquérito por questionário, o transnacionalismo político foi operacionalizado, em primeiro lugar, por via do interesse pela política portuguesa. Este é considerado elevado, uma vez que 38% dos inquiridos referiu consultar as notícias frequentemente, e um quarto (25%) declarou fazê-lo sempre que possível (Figura 61). Em segundo lugar, a distribuição da frequência do voto assume um padrão distinto, uma vez que são destacados os dois extremos: um terço (33%) nunca votou e 27% vota sempre que possível. O peso elevado de pessoas que referiu nunca ter votado, em parte, pode ser explicado por alguns casos de emigrantes recentes, cuja estadia na Alemanha ainda não conheceu eleições, pelo que não deve ser interpretado como abstenção. Uma análise com medidas de tendência central e dispersão aponta para uma média de 3,61 e dispersão de 1,2 no primeiro indicador e uma média de 2,79 e dispersão de 1,62 no segundo, com os valores a corresponderem a uma escala de 1 (nunca) a 5 (sempre que possível). Não obstante a distinta distribuição, as variáveis estão correlacionadas. Uma análise de correlação aos dois indicadores aponta para uma correlação significativa ( $r$  de Pearson=0,436  $p > 0,001$ ). Deste modo, foi criado um índice de práticas transnacionais que resulta da média dos dois, com a média de 3,24 e desvio padrão de 1,21. Posteriormente, o índice de transnacionalismo político foi cruzado com indicadores sociodemográficos, de trajetória migratória e de integração.

---

<sup>163</sup> <https://www.eleicoes.mai.gov.pt/legislativas2019/estrangeiro.html> (consultada a 30 de dezembro de 2019).

**Figura 61. Consulta de notícias sobre política portuguesa e voto nas eleições portuguesas (%)**

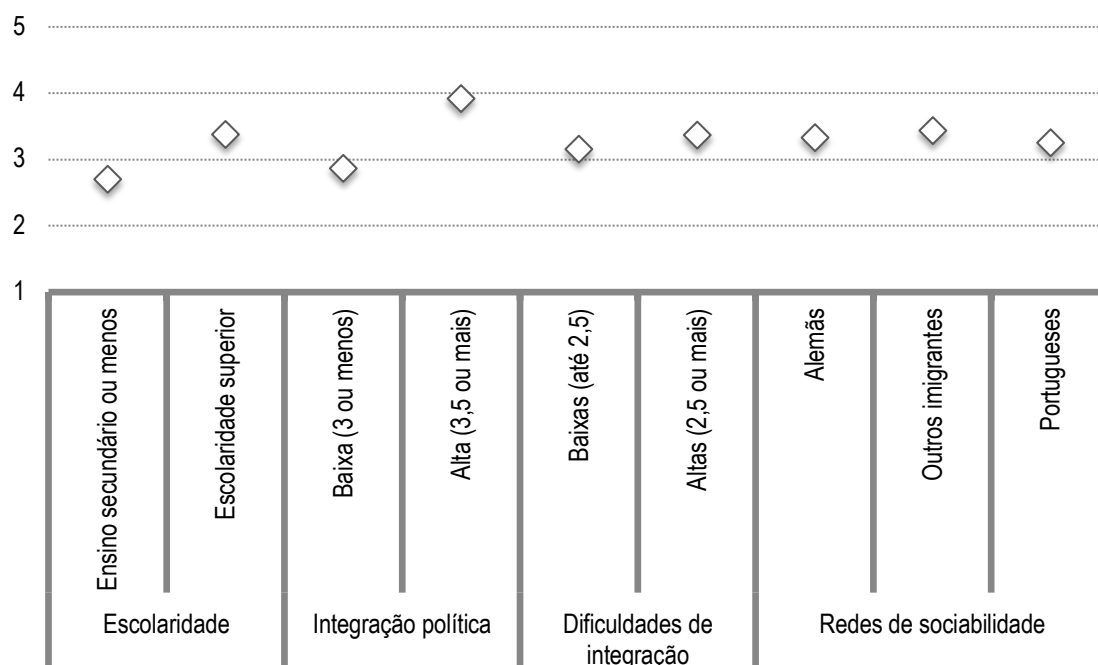


*Fonte: REMIGR (2015)*

Na análise do transnacionalismo político por fatores sociodemográficos foram utilizados como fatores o sexo, a idade, o nível de escolaridade e o estado civil. Apenas o nível de escolaridade se mostrou relevante, no sentido da ligação política com Portugal ser mais frequente nos mais escolarizados. Este resultado segue a hipótese já estabelecida para a população no geral, que assenta na ideia de que são necessários alguns recursos cognitivos de forma a decodificar as mensagens políticas, e que esses recursos estarão mais presentes nos sujeitos mais escolarizados (Almond & Verba, 1963; Verba & Nie, 1972). Nos fatores relacionados com a trajetória migratória foi utilizada a duração da estadia, embora esta não se tenha mostrado importante. Seguidamente, foi analisada a relação do indicador de transnacionalismo político com os indicadores de integração na sociedade alemã. Foi testada a relação com a nacionalidade, o rendimento, a profissão, o associativismo, as dificuldades de integração e a integração política no destino, sendo estes dois últimos os fatores em que se observaram diferenças relevantes (Figura 62). Estes dados podem apontar para uma participação política reativa. A ideia da participação política reativa, evidentemente inspirada na já referida tese do transnacionalismo reativo e na tese dos subsistemas reativos de Young (1970), assenta no argumento que, em situações em que as pessoas experienciam dificuldades de integração, tomam interesse na participação política como estratégia para melhorar a sua condição. Esta ideia merecerá melhor sustentamento empírico em outros pontos desta tese. As redes de sociabilidade compostas por outros imigrantes são também

importantes, mais do que as redes compostas por outros portugueses. Poderia supor-se estas redes facilitassem o debate e o interesse pela situação política, mas tal não se verifica. Já as redes cosmopolitas parecem facilitar um interesse global pela política.

**Figura 62. Transnacionalismo político por principais preditores (médias)**



Fonte: REMIGR (2015)

Após a análise bivariada foi corrida uma análise de regressão linear, em que o índice de transnacionalismo político entrou como variável dependente, a escolaridade de nível superior como variável *dummy*, o índice de integração política no destino e o índice de dificuldades de integração foram as variáveis independentes (Tabela 31). A análise mostrou que as quatro variáveis assumem elevada significância estatística, o que leva a concluir que o transnacionalismo político está associado a estes quatro fatores, que não se anulam entre si.

O transnacionalismo político está associado às qualificações escolares de nível superior, possivelmente devido a uma literacia política mais elevada neste grupo. As relações políticas com Portugal estão também associadas a uma elevada integração política, o que leva a pensar que na dimensão política a integração e o transnacionalismo são concomitantes (embora não seja possível perceber qual o mecanismo causal, isto é, qual é que se encontra a montante). Também relevantes são as dificuldades de integração, no sentido em que maiores dificuldades levam a uma maior participação, o que pode ser

interpretado como uma participação de protesto, mas também pode ser uma relação no sentido inverso, em que pessoas com maior participação política transnacional são também pessoas com maior consciencialização (*awareness*) e por isso declaram de forma mais intensa as suas dificuldades de integração.

**Tabela 31. Coeficientes de regressão e erro padrão para o transnacionalismo político**

	Coeficiente de regressão	Erro padrão
Constante	0,777**	0,252
Qualificações escolares (superior <i>dummy</i> )	0,434**	0,143
Dificuldades de integração	0,246***	0,074
Integração política	0,458***	0,045
Redes de sociabilidade com outros imigrantes ( <i>dummy</i> )	0,300**	0,115

*Fonte: Elaborado pelo autor com base em REMIGR (2015)  $R^2=0,309$  \* $p < 0,05$ , \*\* $p < 0,01$ , \*\*\* $p < 0,001$*

Com os dados do inquérito por questionário corroborou-se apenas parte da tese do perfil sociodemográfico, uma vez que apenas o perfil escolar se mostrou relevante. Foi corroborada a tese da complementaridade (Chadhary, 2018). E foi ainda proposta a ideia de um transnacionalismo político reativo.

#### *O transnacionalismo político na voz dos entrevistados*

Na relação dos entrevistados com a política portuguesa é possível encontrar uma graduação de ligações. Os casos de Sandro ou Zulmira encontram-se próximos da analogia de Walls (2011), para quem os imigrantes transportam consigo uma “bagagem política”. O que estes casos têm em comum é tratar-se de pessoas que transportaram consigo um desinteresse pela política que já tinham em Portugal e que, com a emigração, se manteve intacto. A ideia contraria a ligação entre a posição no ciclo de vida e a participação política (Jennings, 1979; Nie, Verba, & Kim, 1974), segundo a qual seria de esperar que, com o avançar no ciclo de vida, aumentassem os níveis de cidadania (decrecendo depois com o fim da vida ativa).

*Política aqui, nunca me interessou, porque já em Portugal, a política nunca me disse nada, nunca tive cartão de eleitor, a política a mim nunca me disse nada, nunca, desde que eu me lembro, nunca me disse nada, portanto se em Portugal nunca me disse nada, aqui, muito menos, é claro tenho interesse pela política se houver alguma coisa que seja contra os portugueses, mas de resto, não. (Sandro, 45 anos, Motorista, em Hamburgo desde 1994)*

O segundo nível no gradiente de ligação política com Portugal é a posição de manter uma participação política ao nível eleitoral, mas um interesse reduzido na política portuguesa. O que se pode considerar uma “participação minimalista”.

*Mas pronto, estou inscrito, voto nas eleições autárquicas, no aqui equivalente, é a única coisa em que eu tenho direito de voto, na Alemanha tal como os estrangeiros em Portugal (..) mesmo em Portugal eu nunca fui muito ativo politicamente, por isso, pode-se dizer que mantive o meu grau de interesse. (Santiago, 50 anos, Professor de Música, em Berlim desde 2008)*

A terceira posição possível é aquela em que existe interesse, e a perceção da limitação de não estar presente no território português, que veda o acesso à informação que chega dos *media* e que impossibilita o debate presencial (Raquel). Numa lógica semelhante encontra-se a posição do interesse pela política em Portugal ter aumentado com a emigração, o que pode ser causa da posição no ciclo de vida, mas que pelos entrevistados resulta de uma perspetiva comparativa que se ganha com a emigração (Anabela). Estas duas ilustrações correspondem à situação de interesse e desejo de informação.

*Interesse, houve ontem eleições, também estive a ver, tive pena que, à distância, não se consiga perceber, que não se consiga obter informação sobre outras autarquias que não seja Lisboa e Porto, ou Oeiras porque era polémica, mas de resto. Mas sim, interessa-me bastante, principalmente pelas políticas em termos de educação e de política para direitos das crianças, para saber o que é que se tem estado a fazer em Portugal. (Raquel, 34 anos, Bolseira de doutoramento em Estudos sobre a Criança, em Berlim desde 2009)*

*Não, mas comecei a interessar-me mais pela política portuguesa quando vim para cá, quando lá estava não me interessava nada, quando vim para aqui comecei a questionar, “porque é que fazemos assim?” Então comecei a aprender mais sobre montes de coisas de política, economia (Anabela, 38 anos, Engenheira Civil, em Hamburgo desde 2007)*

**Tabela 32. Tipos de ligação política a Portugal**

Desinteresse como “bagagem política”	Participação minimalista	Interesse e desejo de informação
O desinteresse pela política que já existia em Portugal é “transportado” para o contexto emigratório	A participação é mantida ao nível do voto, mas o interesse é reduzido	Existe um interesse que aumenta após a emigração e um sentimento de querer ter mais informação

*Fonte: Elaborado pelo autor com base nas entrevistas*

Na Tabela 32 encontram-se sintetizados os tipos de ligação política que emergem da análise das entrevistas. Representam uma graduação que oscila desde o completo desinteresse, que é “transportado na bagagem” que vem de Portugal, até aos casos de

interesse e de sentimento de impotência por não se ter acesso a mais informação. Em termos de perfil não é possível estabelecer associações, mas pode ser referido que os casos de desinteresse completo são ocupados por emigrantes tanto muito, como pouco qualificados (em termos escolares e profissionais). Mas os casos de interesse profundo são exclusivamente pronunciados por emigrantes mais qualificados, com uma estadia mais prolongada. Este resultado pode corroborar parte da ideia do perfil sociodemográfico (Almond & Verba, 1963; Campbell et al., 1960) e do ciclo de vida (Jennings, 1979; Nie et al., 1974) de que é preciso algum tempo na trajetória migratória para poder dedicar-se a assuntos secundários, o que segue a tese da complementaridade de Chadhary (2018). Ou pode estar em linha com a teoria dos valores pós-materialistas de Inglehart (1977, 1990). Pese embora não seja possível associar apenas a duração da estadia ao interesse pela política portuguesa. A explicação do interesse pela política será sempre uma conjugação de vários fatores.

#### **4. Transnacionalismo sociocultural**

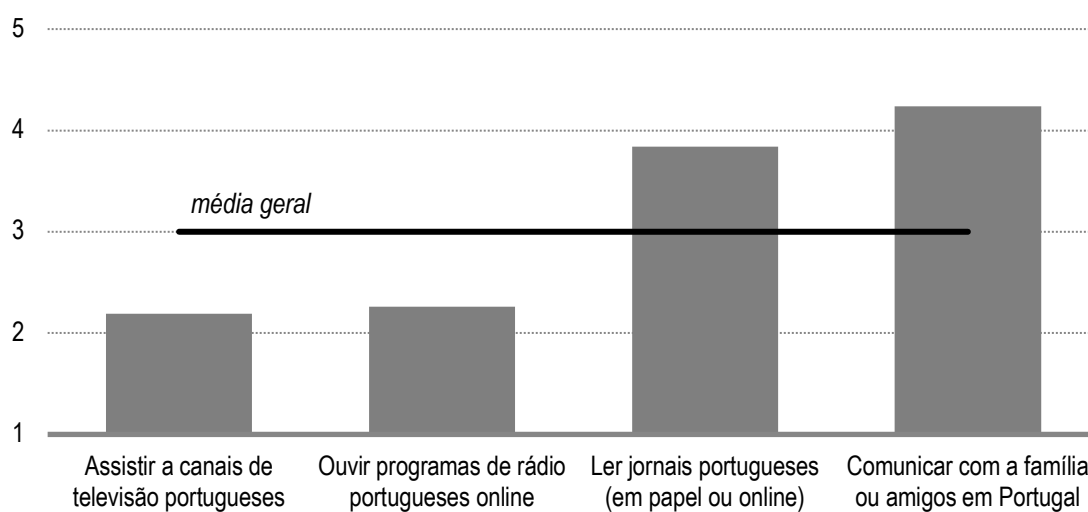
O terceiro ponto deste capítulo é focado na dimensão sociocultural. São desenvolvidos três pontos. Em primeiro lugar, a ligação a Portugal por via de diferentes *media* – ligação denominada de práticas mediáticas. Em segundo lugar, o que se considera ser indicador de uma ligação identitária com Portugal. O subcapítulo termina com um aprofundamento da ligação cultural a Portugal por via das entrevistas qualitativas.

Não foi possível encontrar, na revisão de literatura, estudos que testassem preditores para a ligação transnacional por via dos *media*. Os trabalhos tendem a ser de pendor qualitativo, pelo que não seriam tão adequados a uma avaliação de preditores, como se encontra em algumas secções desta dissertação, pelo que as relações esperadas serão baseadas nas hipóteses mais abstratas do segundo capítulo. Deste modo, e tendo em conta as hipóteses previamente propostas, pode-se esperar que o transnacionalismo sociocultural tenha como fatores influenciadores: as dificuldades de integração a nível social (Itzigsohn & Saucedo, 2002; Jayaweera & Choudhury, 2008; Levitt, 2003); uma reduzida integração na cultura dominante no país de destino (Clifford, 1994; Faist, 2000; Jayaweera & Choudhury, 2008; Levitt, 2003); e a concentração geográfica (Portes, 2003). No sentido oposto, o transnacionalismo sociocultural pode ser facilitador de integração nas dimensões económica, legal e política (Lal, 1990).

#### 4.1. Práticas mediáticas

De modo a aferir a ligação a Portugal através dos *media* por via do inquérito por questionário, procurou-se conhecer o recurso à televisão, rádio, jornais e plataformas digitais como modo de manter contacto com o país de origem. A frequência dessa utilização, projetada na Figura 63, indica que a situação mais frequente é o uso das tecnologias de informação para comunicar com familiares e amigos. Em segundo lugar, encontra-se a leitura de jornais portugueses. Bastante menos frequente é o consumo de rádio *online* e de televisão portuguesa.

Figura 63. Práticas mediáticas de relação com Portugal (médias)



Fonte: REMIGR (2015) Escala 1: Nunca a 5:Diariamente

Uma vez que os quatro indicadores dizem respeito a ligações a Portugal por via dos *media*, foi testada a sua consistência interna. O *Alpha* de *Cronbach* obtido é de 0,47 e não melhora com a remoção de qualquer dos itens. Segundo a revisão de literatura de Marôco e Garcia-Marques (2006)<sup>164</sup>, tal não é considerado aceitável. Deste modo, foi considerado preferível utilizar os dois itens nos quais a pontuação era superior: a consulta de jornais e revistas portuguesas e o contacto com familiares e amigos. Estes dois itens foram tratados como variáveis quantitativas. De seguida descrevem-se os resultados dos cruzamentos bivariados projetados na Figura 64.

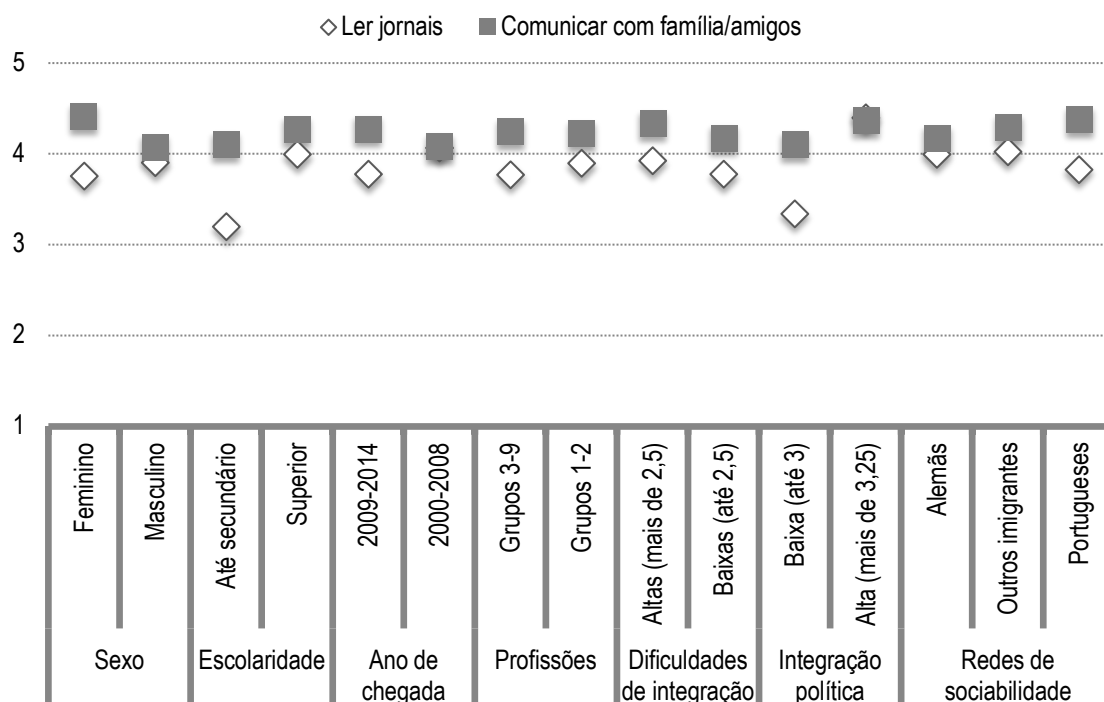
Com as variáveis sociodemográficas verificou-se que, no que respeita ao sexo, as mulheres têm mais frequência de contacto com familiares e amigos e menos consulta de jornais e revistas. Na análise por idade não foram encontradas diferenças relevantes. A

<sup>164</sup> Para uma revisão de literatura mais recente sobre o *Alpha* de *Cronbach*, ver Taber (2018).



escolaridade parece ser bastante marcante para entender o consumo dos periódicos, sendo nos menos escolarizados que se observam os valores mais baixos neste item - o que pode estar associado a questões de literacia. No ano de chegada, os emigrantes chegados mais recentemente pontuam ligeiramente mais no contacto com familiares e amigos e ligeiramente menos na consulta de jornais e revistas. O contato direto com familiares e amigos pode ser interpretado como resultado dos laços sociais (e identitários) mais fortes ainda se encontrarem no país de origem, no caso dos emigrantes mais recentes. Esses laços podem ir sendo substituídos pelo consolidar de novas relações no país de destino. A importância dos periódicos numa fase mais tardia pode ser interpretada como necessidades de segunda ordem. No caso das profissões não existem diferenças no que diz respeito ao contato com familiares e amigos, mas na consulta de jornais e revistas os valores decrescem nos profissionais menos qualificados, o que pode ser mais justificado por questões de literacia (relacionada com a escolaridade) do que pela natureza do trabalho. Nas dificuldades de integração as diferenças são tímidas, mas pessoas com dificuldades mais acentuadas mantêm uma ligação a Portugal ligeiramente superior em ambos os itens, o que pode apontar para se tratar de práticas transnacionais reativas. Na integração política é bastante relevante a baixa integração estar associada a uma baixa ligação a Portugal através da consulta de periódicos. Por fim, na relação com as redes de sociabilidade, o sentido é para as redes de amizade compostas principalmente por outros portugueses estabelecerem maior contacto com familiares e amigos e, no sentido contrário, menor contacto através da consulta de jornais e revistas. Isto leva a pensar que as redes compostas por alemães assentam num padrão médio, enquanto as redes mistas e as tendencialmente conacionais tendem a privilegiar o contato direto com amigos e a procurar menos a consulta de periódicos.

**Figura 64. Frequência da consulta de jornais portugueses e do contato com família e amigos por principais preditores (médias)**



Fonte: REMIGR (2015)

Foram corridos dois modelos de regressão linear para os principais indicadores de relações com Portugal através dos *media* (Tabela 33). A leitura de jornais e revistas mostrou-se relacionada com a escolaridade de nível superior, com as profissões mais qualificadas e com uma maior integração política. A utilização dos *media* para contactar familiares e amigos está relacionada com o sexo feminino e a duração da estadia, no sentido em que mais anos na Alemanha implicam menor contacto neste item. Está ainda ligada a dificuldades de integração, no sentido em que valores mais elevados neste índice implicam um maior contacto com Portugal. Os resultados apontam para uma pluralidade de fatores, o que leva a crer que as ligações a Portugal por via dos *media* são um fenómeno multifacetado, que não poderia ser aferido através de um índice composto.

**Tabela 33. Coeficientes de regressão e erros padrão para indicadores do transnacionalismo mediático**

	Comunicar com familiares e amigos		Ler jornais e revistas	
	Coeficiente de regressão	Erro padrão	Coeficiente de regressão	Erro padrão
Constante	3,921***	0,233	2,160***	0,381
Sexo (masculino <i>dummy</i> )	-0,306***	0,093	0,301*	0,152
Qualificações escolares (superior <i>dummy</i> )	0,040	0,130	0,801***	0,211
Duração da estadia	-0,052***	0,015	0,007	0,024
Profissões (grupo 1 e 2 <i>dummy</i> )	0,056	0,104	-0,257	0,170
Dificuldades de integração	0,131*	0,061	0,075	0,100
Integração política	0,024	0,037	0,164**	0,061
Redes de sociabilidade com portugueses ( <i>dummy</i> )	0,268**	0,097	0,170	0,159
Redes de sociabilidade com alemães ( <i>dummy</i> )	0,057	0,103	0,191	0,168
Redes de sociabilidade com outros imigrantes ( <i>dummy</i> )	0,141	0,093	0,274	0,152
<i>R</i> <sup>2</sup>	0,118		0,107	

Fonte: Elaborado pelo autor com base em REMIGR (2015) \**p* < 0,05, \*\**p* < 0,01, \*\*\**p* < 0,001

### O transnacionalismo mediático nas vozes dos entrevistados

Enquanto nos parágrafos anteriores ficou concluído que o transnacionalismo por via dos media é um fenómeno multifacetado, que depende da sociodemografia dos emigrantes, da sua trajetória migratória e da sua integração, importa compreender, nesta secção, com maior detalhe, de que forma se dão essas relações. No campo dos *media*, a exploração das entrevistas permite dividir este campo em três indicadores, ou tipos de ligação a Portugal: as notícias, as aplicações de mensagens instantâneas e as redes sociais generalistas, que permitem agregar as duas anteriores.

A atualização em relação às notícias portuguesas pode assumir diversas formas, sendo a via da televisão a menos recorrente. A consulta tende a ocorrer por via de web sites dos principais jornais portugueses. Mas existem ainda outras possibilidades, como a atualização face à realidade portuguesa através das notícias alemãs.

*Normalmente quando são acontecimentos grandes acaba por chegar através das (notícias alemãs) ou se for mesmo grande acaba por chegar cá também, por exemplo agora a questão dos incêndios, quando é coisas assim dessa escala, acaba por surgir nas notícias. [caso contrário acabas mais por seguir as notícias alemãs do que as notícias portuguesas?] Sim, sem dúvida, as notícias alemãs, sigo diariamente, as notícias portuguesas, de vez em quando lembro-me de olhar. (Renato, 34 anos, Engenheiro de Software, em Berlim desde 2012)*

Deve ser tido em conta que manter-se atualizado sobre a realidade portuguesa por via das notícias alemãs é uma estratégia que poucos dos entrevistados podem ativar, uma vez que implica um domínio forte da língua alemã. No mesmo sentido, mas no prisma inverso, Christiansen (2004) refere que a visualização de canais de televisão do país de origem é a única alternativa quando os imigrantes não dominam a língua do país de acolhimento.

As aplicações de mensagens instantâneas parecem ser a mudança no campo tecnológico que mais impacto teve na vida dos emigrantes. Se, para os contingentes mais recentes, é um dado adquirido, entrevistados chegados há mais tempo à Alemanha recordam frequentemente a época que estas aplicações eram inexistentes.

*Ainda ontem estive a falar com um tio meu, pelo Messenger, de Portimão, hoje, por causa de tudo, por causa do futebol, um colega meu portista já me mandou umas coisas, “ah, o Porto assim, assim.” (risos) Quer dizer, estamos sempre a comunicar. Estamos sempre a trocar piadas de um para o outro. Mantenho todos os dias, sempre. Quase todos os dias mantenho contacto com pessoas de Portugal, claro. (Antes de haver estas coisas de internet no telemóvel isso era mais difícil?) Era impossível, e só por telefone, era impossível mesmo, apareceu, o Hi5 na altura, e não dava. (Mas tinha que ser no computador.) Mas antes disso não havia nada, nada mesmo, aliás, passavam-se coisas em Portugal que nós não sabíamos. (Sandro, 45 anos, Motorista, em Hamburgo desde 1994)*

Por outro lado, é necessária uma atualização constante ou bastante frequente dos meios que podem ser mobilizados para comunicar com Portugal. Seja porque vão estando disponíveis novos meios de comunicação ou novas condições em que estes são apresentados, ou porque alguns deixam de estar disponíveis.

*Antigamente usávamos muito o Skype, mas deixou de funcionar no meu computador, mas coincidiu com esta nova lei do roaming, mas deixámos de usar o Skype, mas por outro lado, estamos muito mais facilmente contactáveis por telemóvel. Atualmente é o telemóvel, mas até ao princípio do ano era por Skype. (Santiago, 50 anos, Professor de Música, em Berlim desde 2008)*

Outra característica que interessa referir é a multiplicidade de plataformas a que se recorre mediante o interlocutor. Quando existe uma ligação familiar forte, a teoria defende que as pessoas irão manter a ligação através de uma pluralidade de *media* (Barakji et al., 2018). Ou seja, quanto mais diversificada seja a rede em Portugal, maior terá que ser a plasticidade de meios para estabelecer esses contactos.

*Sim, com os meus avós, neste caso, maternos, por telefone fixo, mas com outros familiares como um primo, uma tia e amigos é sempre ou por redes sociais, ou por mensagem ou por telefonemas, e neste caso com a minha namorada também tive algumas chamadas e pelas redes sociais. (E isso é numa base diária ou, semanal?) Com os meus avós e outros familiares é mais semanal, com o meu pai, etc. com a minha namorada é diário. (Duarte, 23 anos, Ajudante em empresa de mudanças, em Hamburgo desde 2017)*

O meio mais abrangente é a rede social Facebook. Esta agrega tanto a possibilidade de obter notícias sobre Portugal através de um *feed*, como permite o contacto com familiares e amigos em Portugal através da aplicação de mensagens instantâneas. E, para além disso, permite algum associativismo online por via de grupos para portugueses emigrados. Estes grupos permitem obter informações específicas sobre diversos temas, bem como pedidos de ajuda.

*Sim, aí, os Portugueses em Hamburgo [grupo de Facebook] é relativamente prático, às vezes, porque consegues sempre saber algumas coisas ou como é que está o consulado, que como terás visto, bastantes queixas sobre o consulado. (Paulo, 36 anos, Educador, em Hamburgo desde 2012)*

As ligações a Portugal por via dos *media* são plurais, mas não se trata de um fenómeno multidimensional, isto é, não coocorrem em simultâneo com a mesma intensidade. E pessoas que são muito ativas num meio podem não ser em outro. Não obstante esta pluralidade, existem tendências gerais, sendo o mais frequente a consulta de jornais e revistas e o contato com familiares e amigos.

No caso dos jornais e revistas, com edições *online*, tornam-se acessíveis a qualquer pessoa com acesso à *internet*, excetuada a condição dos conteúdos pagos. A velocidade a que as mudanças na tecnologia se dão faz com que estas conclusões sejam bastante circunscritas no tempo. Se no início do milénio Vertovec (2004) considerava que os cartões telefónicos baratos seriam a “cola” que unia os imigrantes, o mesmo artigo escrito hoje focaria as redes sociais e as aplicações de mensagens instantâneas.

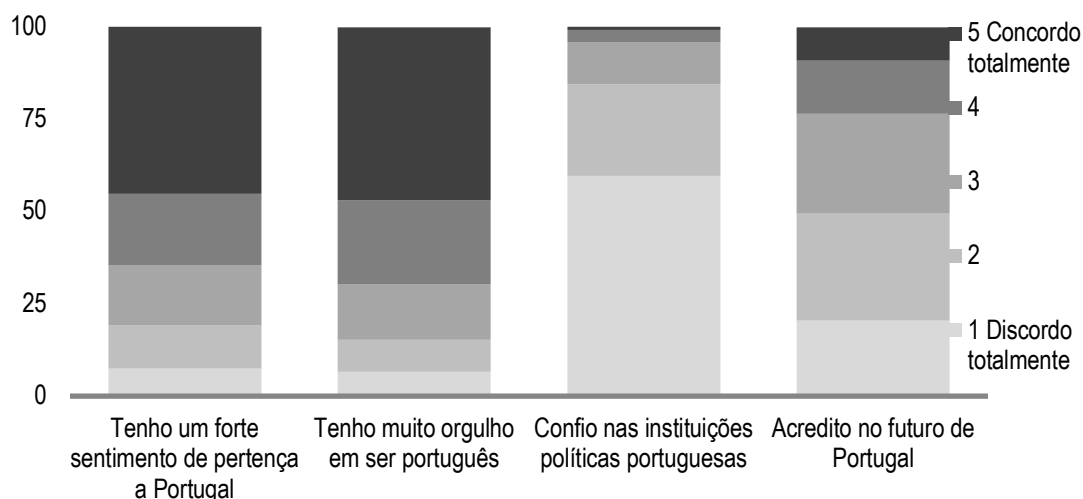
Por outro lado, existe uma necessidade de adequação do meio ao destinatário, que implica uma elevada literacia tecnológica e uma atualização frequente aos meios mais recentes, o que pode marginalizar alguns segmentos menos dotados de literacia tecnológica.

## 4.2. Ligação identitária com Portugal

A secção dedicada à ligação identitária com Portugal é excecional no sentido em que é a única que não consiste numa prática transnacional, tal como é entendido na literatura. A ligação a Portugal é analisada num plano mais abstrato. O que alguns autores consideram como transnacionalismo emocional (Falicov, 2005; Takeda, 2012), e o que Snel e colegas (2006) consideram ser uma identificação transnacional, é definido no quanto os imigrantes se identificam com os seus compatriotas (independentemente da sua localização geográfica).

Para este caso, a ligação identitária a Portugal foi aferida através de uma bateria de quatro indicadores numa escala do tipo *Likert*. A graduação na Figura 65 demonstra que a ligação identitária é mais intensa no item referente a um “forte sentimento de pertença a Portugal” e a um “orgulho em ser português”. A crença num futuro para Portugal é mais reduzida. A confiança nas instituições políticas portuguesas é o indicador que reúne menor peso de concordância. Este resultado confirma a ideia já referida de uma elevada desafeição política (Montero, 2006) por parte de alguns segmentos da emigração portuguesa.

Figura 65. Ligação identitária com Portugal (%)



Fonte: REMIGR (2015)

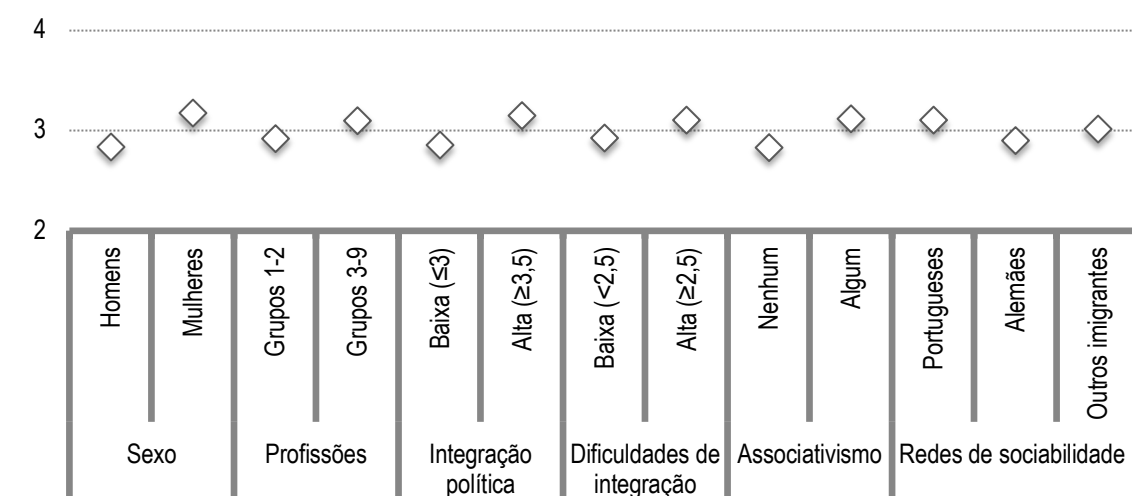
Embora sejam observados elevados níveis de concordância nos primeiros dois itens e elevada discordância nos dois últimos, os itens apresentam uma consistência interna considerável (*Alfa de Cronbach*=0,75). E uma análise de componentes principais isola apenas uma componente, o que confirma a monodimensionalidade (*KMO*=0,66; teste

de *Bartlett*  $p \leq 0,001$ ). Posteriormente, foi criado um índice de ligação identitária a Portugal. Esta variável tem uma média de 3 e um desvio padrão de 0,89.

A análise das médias da ligação identitária com Portugal mediante as variáveis sociodemográficas e as referentes à trajetória migratória revela apenas uma ligeira diferença por sexo, a apontar uma ligação superior nas mulheres (3,18 *versus* 2,84 nos homens). No entanto, não é possível avançar com uma explicação para esta diferença entre sexos. Foi também testada a existência de diferenças para os grupos de idade, o estado civil, a existência de descendentes, a escolaridade, o ano de chegada e a chegada com emprego, mas não se revelaram importantes, e por isso, os resultados foram omitidos.

Quando a distribuição do indicador de ligação identitária com Portugal é analisada de acordo com os indicadores de integração (Figura 66), são encontradas relações com as dificuldades de integração (dificuldades superiores associadas a uma maior ligação identitária), a participação associativa (alguma participação associativa associada a maior ligação identitária), o estatuto socioprofissional (pessoas que desempenham profissões menos qualificadas com maior ligação) e a integração política (valores mais elevados no índice associados a maior ligação identitária). Também foi testada a relação com o rendimento e a nacionalidade, sem terem sido encontrados efeitos relevantes. Nas redes de sociabilidade são especialmente importantes as redes de amizade com portugueses para o aumento da ligação identitária com Portugal.

**Figura 66. Ligação identitária com Portugal por principais preditores (médias)**



Fonte: REMIGR (2015)

A relação parece seguir no sentido da ligação identitária com Portugal estar mais presente nas profissões menos qualificadas, o que pode ser justificado por uma maior incidência de valores cosmopolitas nos profissionais mais qualificados. Como refere Hannerz (2005), o cosmopolitismo tende a ser associado à orientação de uma elite. A participação associativa e política reforça a ligação a Portugal. E, como em outros indicadores, as dificuldades de integração mais elevadas associam-se ao transnacionalismo identitário, o que pode sugerir algum efeito de transnacionalismo reativo.

Por fim, foi corrido um modelo de regressão com os preditores anteriormente apresentados (Tabela 34). O sexo é relevante, no sentido em que ser mulher implica uma maior ligação identitária com Portugal. A profissão e a integração política perdem a sua capacidade explicativa num modelo multivariado. As dificuldades de integração e a participação associativa reforçam esta pertença transnacional.

**Tabela 34. Coeficientes de regressão e erro padrão para o transnacionalismo identitário**

	Coeficiente de regressão	Erro padrão
Constante	2,681***	0,230
Sexo (feminino <i>dummy</i> )	0,271**	0,098
Profissão (grupos 1 e 2 <i>dummy</i> )	-0,125	0,097
Integração política	0,000	0,038
Dificuldades de integração	0,125*	0,064
Associativismo ( <i>dummy</i> )	0,248*	0,098
Redes de sociabilidade com portugueses ( <i>dummy</i> )	0,152	0,096

*Fonte: Elaborado pelo autor com base em REMIGR (2015),  $R^2=0,085$ ,  $*p < 0,05$ ,  $**p < 0,01$ ,  $***p < 0,001$*

Em síntese, na explicação do sentimento de pertença a Portugal parecem existir duas abordagens. Por um lado, este sentimento é mais acentuado nas mulheres do que nos homens. Por outro lado, uma relação mais expectável é entre as dificuldades de integração, o associativismo e o transnacionalismo identitário. Embora não seja verificável empiricamente, será plausível que as dificuldades de integração impliquem tanto o associativismo, como o sentimento de pertença a Portugal, e que o associativismo venha reforçar o transnacionalismo identitário.

Deve ser referido que este é um dos indicadores que não foi explorado na abordagem qualitativa. Embora o tema tivesse sido abordado nas entrevistas, não foi recolhido material que fosse considerado interessante de tratar nesta secção.



### 4.3. A componente cultural do transnacionalismo

O terceiro e último ponto na dimensão sociocultural visa compreender, através das entrevistas qualitativas e do trabalho de campo efetuado nas duas cidades alemãs, como se dá a ligação à cultura portuguesa nestes contextos. Foram explorados, como indicadores, o recurso ao comércio, à restauração portuguesa e ao associativismo. Esta ligação à cultura portuguesa encontra uma expressão superior na cidade de Hamburgo. O movimento associativo, a restauração e o pequeno comércio português oferecem uma proximidade que é muito menos visível em Berlim. Na capital alemã existe algum comércio, pastelaria e restauração portuguesa (ou ibérica, por vezes), mas de forma muito mais reduzida.

#### Comércio e restauração étnico

O comércio étnico dirigido aos portugueses toma a forma de mercearias e supermercados geridos por portugueses. O campo dos supermercados serve maioritariamente uma clientela portuguesa, enquanto a restauração abrange tanto a comunidade coétnica, como a população autóctone. Esta presença é especialmente acentuada no caso de Hamburgo. As referências dos entrevistados apontam no sentido de, embora tenham conhecimento da sua existência, não fazerem usufruto deste recurso frequentemente. Alguns consideram mesmo desnecessário, uma vez que é possível obter os mesmos produtos, ou produtos semelhantes, através do comércio local ou do comércio turco, com maior presença e preços mais acessíveis. Mário refere conhecer ter conhecimento desse mercado, mas minimiza a sua importância, considerando suficiente os estabelecimentos comerciais alemães.

*Sim, há um supermercado português, ibérico, é o “Super Ibérico”, tem todos os produtos portugueses, espanhóis, brasileiros. Há o mediterrâneo, tem algumas coisas, mas mais o vinho, o peixe, mas não as marcas a que estás habituado, mas no outro tens as bolachas Maria, tens o Nestum, Sagres, Super Bock, vai dando para ... mas os produtos que eu compro no supermercado normal dão para fazer a comida portuguesa. (Mário, 32 anos, Front end developer, em Berlim desde 2013)*

Num sentido semelhante Bento frisa a possibilidade de obter géneros alimentares que integram a gastronomia portuguesa pela via do comércio tradicional alemão.

*Há aqui uma feirinha porreira (...) Um dia organizei aqui um almoço daqueles de domingo, fui lá a um indivíduo que é um talhante dizer: “arranje-me um cabrito para não-sei-quando”. E eles aqui não comem cabrito, eles sabem o que é que é, existe, mas não se pode ir a um talho e comprar. (...) Ele é alemão mas arranja, mas tem que ir à feira para arranjar aquelas coisinhas que quero, arranjar uns grelos, fazer uns grelos cá, não existe cá, mas na feira*

*arranja-se, então faço isso, não tenho grande sensação de falta. (Bento, 37 anos, Business developer, em Hamburgo desde 2010)*

A segunda ordem de motivos para a abstinência do comércio étnico encontra-se ligada aos elevados preços praticados. Por esse motivo Zulmira mostra alguma cautela no recurso ao comércio étnico.

*Vou aos espanhóis comprar porque eles têm muitos produtos portugueses, vou àquela mercearia portuguesa, só que ela é muito cara e acho que não vale a pena porque eu não dou um euro e meio por sal. (Zulmira, 50 anos, Enfermeira, em Hamburgo desde 2001)*

Devido aos elevados preços praticados no comércio étnico, a estratégia de Sandro passa por abastecer-se de produtos portugueses quando se encontra no país de origem a gozar férias de maneira a garantir um estoque.

*Mas claro, as coisas aqui são muito mais caras. Eu vou-lhe fazer uma comparação, nós aqui em casa usamos sempre, mas a gente traz o café connosco quando viemos de Portugal para cá, e nós como viemos de carro, trazemos o carro cheio de produtos alimentares, desde o presunto, ao queijo, azeite, trazemos sempre dois garrações de azeite para o ano todo, café suficiente para cinco, seis, sete meses e outras coisas portuguesas, as chouriças, é só coisas portuguesas. Porque nós compramos o café português em Portugal a sete euros o quilo e aqui custa dezoito euros, nós com dezoito euros trazemos dois de lá e ainda nos sobra um par de euros. (Sandro, 45 anos, Motorista, em Hamburgo desde 1994)*

O recuso ao comércio coétnico parece reservado para algumas situações pontuais, mas não para a rotina do quotidiano. Como Zulmira justifica, com o seu aniversário.

*Há coisas que nós preferimos, por exemplo, vou fazer 50 anos, quero um bolo mais ou menos, detesto bolos alemães, deste tipo de pastelaria, mas também não tenho vontade de ir ao Caravela ou à Sul (duas famosas pastelarias portuguesas em Hamburgo) e encomendar, mas há aquela senhora que faz uns bolinhos em casa, esse tipo de coisa assim. (Zulmira, 50 anos, Enfermeira, em Hamburgo desde 2001)*

Um segundo tema que é frisado nesta dimensão são os cafés e os restaurantes portugueses. Embora uma boa parte dos entrevistados em Hamburgo frequentem estes estabelecimentos, é recorrentemente acentuado um distanciamento face a esses mesmos estabelecimentos. Frequentar cafés e restaurantes portugueses não é tido, pelos entrevistados, como uma boa prática. No caso de Bento, a distância é criada em relação a outras vagas migratórias de portugueses na cidade de Hamburgo, o que, por

consequência, o distancia, tanto numa dimensão social, como e profissional. O segundo exemplo, de Duarte, descreve o seu recurso a cafés numa etapa inicial da sua estadia na Alemanha e sugere que isso lhe proporcionou algum bem-estar de nível psicológico. Na sua interpretação, seria tolerável o recurso à comunidade coétnica numa primeira fase de acomodação, embora, tal como nos exemplos anteriores, não fosse interpretado como uma boa prática. Por fim, o terceiro exemplo, de César, associa a clientela destes estabelecimentos a um perfil emigratório que tem motivações diferentes da sua. César, que emigrou por opção, argumenta que os portugueses que frequentam estes restaurantes emigraram por uma obrigação económica, e que por consequência tentam recriar um ambiente português em contexto alemão. César também evita os estabelecimentos portugueses por receio de interferir na sua ligação com a cultura alemã.

*Há o Portuguese quarter. (É uma coisa que te interessa, vais lá?) É uma coisa que me interessa no sentido de, “epá hoje apetece-me, vai dar aqui um jogo do Benfica”, vou lá, ou se me apetece. Mas não no sentido de “vou fazer a minha vida à volta disto”, pá eu acho que isso não faz sentido, eu percebo que muitas pessoas venham para aqui por uma necessidade de, “eu não tenho trabalho e por isso vou arranjar aqui trabalho”, portanto emigraram por necessidade. (Uma necessidade financeira.) Não tenho se calhar muito interesse em manter a vida que tinha lá, eu quero tentar evitar um bocado disso, nem que seja porque, a minha namorada é alemã, a família dela é alemã, eu quero portanto tentar ambientar-me o máximo possível é à cultura alemã. (César, 29 anos, Consultor ambiental, em Hamburgo desde 2017)*

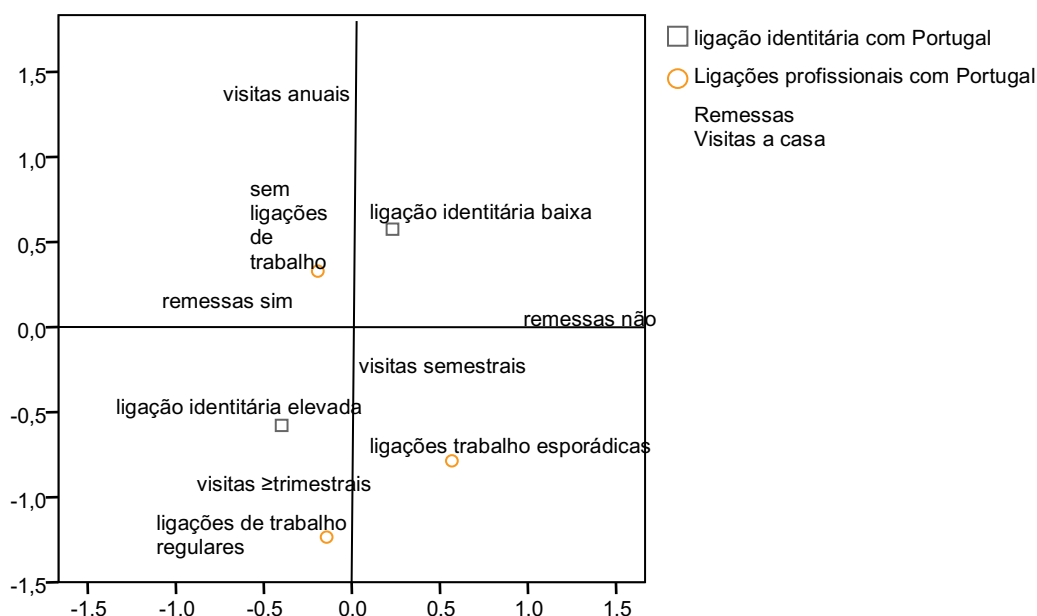
## **5. Uma tipologia de ligações transnacionais**

Nas páginas anteriores foram analisados diversos indicadores de ligações a Portugal por parte dos seus emigrantes na Alemanha. Foi testado, por via de análises bivariada e modelos de regressão, de que modo fatores sociodemográficos, de trajetória migratória e de integração se relacionavam com os indicadores de transnacionalismo. Contudo, esta análise não permitiu perceber as relações entre os diferentes indicadores de ligação a Portugal. A questão que orientou este subcapítulo foi: de que forma os indicadores de ligação a Portugal se relacionam? E será possível traçar diferentes perfis de relações transnacionais? De modo a dar resposta a estas questões foi ensaiada uma análise de correspondências múltiplas (ACM) (Carvalho, 2017), de modo a identificar ligações entre as diferentes categorias associadas a alguns indicadores de transnacionalismo imigrante na amostra de portugueses a viver na Alemanha. Foi selecionado um modelo com as visitas a casa (anuais ou menos, semestrais, trimestrais ou mais frequentes), o envio de remessas (sim, não), as ligações profissionais a Portugal (sem ligações,

ligações esporádicas, ligações regulares) e a ligação identitária com Portugal (índice recodificado nas categorias alto e baixo).

A projeção das categorias na Figura 67 isola duas dimensões: no eixo das abcissas as remessas, e no eixo das ordenadas os restantes indicadores. As visitas mais frequentes estão associadas a uma ligação mais forte e ao envio de remessas, *vis-à-vis* visitas pouco frequentes, uma ligação mais fraca e o não-envio de remessas. As relações de trabalho parecem concomitantes com as visitas a Portugal.

**Figura 67. Projeção de categorias de indicadores de transnacionalismo**



*Fonte: Elaborado pelo autor com base em REMIGR (2015)*

O segundo passo foi a agregação dos inquiridos em *clusters*. Para tal foram utilizadas como variáveis de *input* os *object scores* obtidos através da ACM. Foram ensaiadas diversas opções em termos de número de *clusters*. A solução com melhor interpretação apontava para três grupos. Foi usado o critério de agregação *k-means*.

De modo a melhor perceber as características dos *clusters* obtidos, é analisada a sua distribuição mediante as variáveis de *input* (Tabela 35). O primeiro *cluster* é composto por pessoas com algum tipo de ligações profissionais a Portugal, que visitam com alguma regularidade Portugal, que não enviam remessas e com uma reduzida ligação identitária com Portugal. Este *cluster* será classificado de “transnacionais laborais”, uma

vez que a sua ligação ao país de origem dá-se essencialmente devido às ligações profissionais (provavelmente as visitas serão condição dessa ligação profissional). O segundo *cluster* caracteriza-se por pessoas com ligações laborais com Portugal quase nulas, visitas a Portugal pouco frequentes, envios de remessas minoritários, e uma reduzida ligação identitária a Portugal. Este *cluster* caracteriza-se por serem sujeitos “pouco transnacionais”. O terceiro *cluster* é composto por pessoas com uma reduzida ligação profissional com Portugal, visitas a casa frequentes, envio de remessas, e uma elevada ligação identitária Portugal. Este *cluster* é considerado o dos “altamente transnacionais”.

**Tabela 35. Caraterização dos *clusters* por variáveis de *input* (% em coluna)**

		1	2	3
Ligações profissionais a Portugal	Sem ligações	0,0	93,6	70,1
	Esporádicas	79,2	5,1	14,9
	Regulares	20,8	1,3	14,9
Visitas a casa	Trimestrais ou mais	0,0	9,4	53,3
	Semestrais	100,0	30,9	43,4
	Anuais	0,0	59,7	3,3
Envio de remessas	Sim	0,0	48,4	65,8
	Não	100,0	51,6	34,2
Ligação identitária	Baixa	66,7	79,4	20,0
	Alta	33,3	20,6	80,0
N (%)		49 (13%)	172 (47%)	148 (40%)

Fonte: Elaborado pelo autor com base em REMIGR (2015)

O último passo consiste em cruzar estes três *clusters* com variáveis de perfil sociodemográfico e de integração, de modo a ser possível avançar alguma explicação para as ligações a Portugal por parte destes grupos. Com a caraterização da Tabela 36 é possível perceber que o grupo com elevada atividade transnacional é o que apresenta maior peso de profissionais mais qualificados, e é também o que tem maior peso de graduados do ensino superior. São tendencialmente emigrantes recentes, mas não tanto como no *cluster* dos transnacionais laborais. É o grupo com rendimento mais elevado, bem como com satisfação laboral mais alta.

**Tabela 36. Caracterização dos *clusters* por variáveis sociodemográficas, de trajetória migratória e de integração laboral (% em coluna)**

		Transnacionais laborais (n=49)	Pouco transnacionais (n=172)	Altamente transnacionais (n=148)
Profissão	Grupos 3-9	69,39	51,16	42,57
	Grupos 1-2	30,61	48,84	57,43
Escolaridade	Superior	81,63	70,35	87,16
	Secundário ou menos	18,37	29,65	12,84
Ano de chegada	2000-2008	14,29	20,35	18,92
	2009-2014	85,71	79,65	81,08
Satisfação laboral	Alta	40,00	42,21	51,52
	Baixa	60,00	57,79	48,48
Rendimento médio mensal		1 833,81 €	2 748,91 €	3 133,35 €

*Fonte: elaborado pelo autor com base em REMIGR (2015)*

O *cluster* dos pouco transnacionais, em comparação, é menos qualificado nas profissões que desempenha e em termos de qualificações escolares. É o *cluster* com maior peso de emigrantes com estadia na Alemanha mais prolongada (1/4). Ocupam uma posição intermédia, tanto no que respeita aos rendimentos auferidos como na satisfação laboral.

Com estes dois *clusters* é possível reforçar a ideia de que se está perante um transnacionalismo dependente de recursos. Isto é, o grupo com recursos económicos mais elevados é aquele com a possibilidade de enveredar por práticas transnacionais mais intensas, o que acaba também por reforçar a ligação identitária Portugal. Como existe uma diferença nos anos de chegada, pode-se afirmar que também pode haver algum efeito do tempo, seguindo a lógica assimilacionista de que emigrantes chegados há menos tempo possuiriam uma ligação mais forte ao país de origem, que se esbateria com o tempo.

O *cluster* dos transnacionais laborais caracteriza-se por ser o que tem o menor peso de trabalhadores qualificados, mas uma posição intermédia nas qualificações escolares, o que leva a pensar que existirão, neste grupo, mais situações de *deskilling* do que nos restantes grupos. Este é também o grupo com maior peso de emigrantes recentes na Alemanha, o que pode sugerir que mantém a ligação profissional a Portugal por ainda não ter desenvolvido redes estáveis no país de destino. Por fim, este grupo é o que tem menor satisfação laboral e rendimentos mais baixos.

Este panorama leva a crer que o transnacionalismo laboral pode ser uma forma de compensar défices na integração no mercado de trabalho, ou uma forma de conseguir uma forma extra de rendimento. Uma vez que também tem um peso mais elevado de emigrantes recentes, pode estar-se perante um efeito de trajetória migratória, e que, após uns anos, estes sujeitos consigam uma integração no mercado de trabalho alemão mais satisfatória. O perfil deste *cluster* articula-se com o ponto deste capítulo referente às relações laborais com Portugal, em que foi proposto, com base na metodologia qualitativa, que o transnacionalismo laboral poderia ser uma forma de colmatar lacunas na integração no mercado de trabalho alemão.

## 6. Conclusões

Neste capítulo foram analisadas as relações dos emigrantes portugueses na Alemanha com o país de origem. A análise geral da frequência da intensidade leva a corroborar o que foi referido por outros estudos sobre migrações intraeuropeias trata-se de um transnacionalismo que emerge num espaço de facilidade de mobilidade e distâncias culturais relativamente reduzidas (King et al., 2018). Os resultados encontrados são também o produto da amostra que foi inquirida e entrevistada, que encaixa no que Conradson e Latham (2005) consideram ser os ‘middling transnationalists’ categoria intermédia entre a elite de *eurostars* e os imigrantes laborais pouco qualificados. Entre as diversas práticas transnacionais identificadas existem evidentemente algumas mais frequentes que outras, emuitas vezes estão associadas a elevados níveis de capital cultural, económico e humano como Marques e Goís (2008) referem, já para o caso da emigração portuguesa com destino a outro país europeu, a Suíça.

Entrando em maior detalhe nos resultados obtidos. Na primeira dimensão, socioeconómica, o primeiro indicador usado foi a experiência emigratória, isto é, já terem vivido em outros países antes de emigrar para a Alemanha. Trata-se de uma característica presente em 1/3 dos inquiridos. Dentro dos emigrantes que já tinham tido algum tipo de experiência emigratória, o mais frequente foi encontrarem-se na segunda emigração. A literatura sobre as migrações de circulação tem interpretações diversas. Por um lado, existe a ideia dos *eurostars* (Favell, 2008) e de que os emigrantes ao reemigrarem corrigem erros cometidos no passado; por isso estarão numa posição mais favorável em relação aos seus pares homónimos, os "marinheiros de primeira viagem"

(Constant & Zimmermann, 2011). Por outro lado, encontram-se referências à possibilidade de os migrantes circulares serem trabalhadores confinados a uma bolsa de trabalhos temporários, com baixos salários e poucas regalias (Constant & Zimmermann, 2011; Zimmermann, 2014), ao que se acrescenta ainda a possibilidade de trabalhadores sazonais e de situações regresso com uma reintegração na sociedade de origem sem sucesso. Sugeriu-se que, na emigração portuguesa para a Alemanha, podem ocorrer ambas as situações. É possível que a escolaridade ou a situação socioprofissional possam ser critérios diferenciadores, ou, em outros termos, sejam variáveis mediadoras na relação que a sociodemografia, a trajetória migratória e a integração têm com a experiência emigratória. Contudo, não foi possível testar esse efeito de mediação, uma vez que a amostra se encontra bastante enviesada para os mais qualificados (em termos escolares e socioprofissionais).

O segundo indicador nesta dimensão referia-se às visitas a casa, que tendem a ocorrer maioritariamente numa base semestral. Foi possível perceber que existem numa tensão entre obrigação e lazer, e numa tensão entre turismo e transnacionalismo (Koppenfels et al., 2015). Existe ainda uma pluralidade de fatores associados às visitas a casa. Por um lado, há uma componente financeira, em que as viagens podem ocorrer com maior ou menor frequência conforme a perspetiva dos inquiridos em relação ao seu preço; como se trata de uma perceção subjetiva, é variável. Por outro lado, existe uma carga emocional associada, tornando-se uma prática desgastante. Existe uma componente moral, uma obrigação que pode constranger os sujeitos a virem a Portugal. Na parte relacionada com o turismo, é de referir que as viagens a casa podem ser usadas numa lógica estratégica, em que é possível fazer algum turismo e estar perto de familiares e amigos, e, em algumas situações, até trabalhar. Por fim, é de frisar que as viagens a casa implicam a gestão de recursos escassos, não só financeiros, mas também de dias de folga disponíveis.

O terceiro indicador, as estratégias face ao regresso, negam, tal como o indicador de experiência emigratória, a ideia de uma elevada circulação intraeuropeia. A situação mais frequente é a indecisão. Dentro das certezas, a preferência é para ficar na Alemanha, com um peso considerável também para as intenções de regressar a Portugal. A diferença percentual entre as duas últimas categorias é reduzida. A permanência é comumente justificada por fatores familiares, cônjuge e/ou filhos, e por fatores económicos e/ou profissionais. A remigração é justificada pela experiência positiva (se



for para outro país) ou pela negativa (quando é pensada de forma intra-alemã). O regresso é equacionado por motivos familiares ou quando se dá o fim da carreira migratória.

O quarto indicador, o envio de remessas numa base pelo menos anual, é uma prática de pouco mais de metade da amostra. Estas remessas tendem a ser enviadas para poupanças e não tanto para sustentar familiares dependentes em Portugal. Percebeu-se que os modelos explicativos do envio de remessas estão muito pensados nas emigrações clássicas de homens *breadwinners*. Importou também analisar os envios de remessas com recurso ao posicionamento dos sujeitos no eixo cosmopolitismo-transnacionalismo, que, tal como em outros indicadores, pareceu ser mais relevante do que uma tensão entre transnacionalismo e integração. Com base na componente qualitativa foi aferido que grande parte dos envios de dinheiro assume uma importância reduzida e consiste em situações de pequenas poupanças, manutenção de contas que permaneceram ou necessidade de cumprir com algumas despesas constantes. A exceção são os créditos à habitação.

O último indicador da dimensão socioeconómica, as relações de trabalho com Portugal, trata-se de um fenómeno minoritário, praticado por cerca de 1/4 dos inquiridos. Foi percebido, através das entrevistas, que estas relações ocorrem por motivos instrumentais (como uma forma de obter rendimento) ou como uma forma de obter satisfação pessoal/profissional.

A segunda dimensão analisada foi a ligação com a política em Portugal. Verificou-se que existe uma graduação de posições nas relações com a política portuguesa, desde o desinteresse, que já existia previamente à emigração e que acompanha os emigrantes, até ao desejo de maior participação e informação. Contudo, não foi possível detetar algum padrão nestas ligações.

A dimensão sociocultural, a terceira a ser explorada, permitiu conhecer que a ligação a Portugal por via dos *media* toma especialmente forma através da consulta de jornais ou revistas e da comunicação com familiares e amigos. Por vezes, as notícias portuguesas podem ser uma forma de se manterem atualizados com a realidade alemã (e vice-versa, embora esta segunda dependa do domínio do alemão).

As aplicações de mensagens instantâneas e videoconferência tornam-se quase ubíquas para as emigrações recentes, e mesmo para gerações mais antigas. Contudo, é exigida alguma flexibilidade nos meios, mediante o interlocutor em Portugal (pessoas mais velhas poderão apenas falar por telefone, por exemplo). As redes sociais generalistas cumprem o fim de agregar tanto as notícias, como a comunicação com familiares e amigos.

A ligação identitária a Portugal, entendida como um indicador de transnacionalismo identitário, manifesta-se especialmente através de um sentimento de pertença a Portugal e de orgulho em ser português. Estes valores estão diretamente relacionados com as dificuldades de integração e com o associativismo. O que sugere, a um nível teórico, a existência de um transnacionalismo reativo, e sugere também a existência de um efeito mediador do associativismo na relação entre as dificuldades de integração e a ligação identitária a Portugal.

No que diz respeito à oferta de uma cultura portuguesa nas cidades que foram estudadas, é de referir que na cidade de Hamburgo existe um vasto leque de ofertas no que respeita a restauração, pastelaria, pequeno comércio e associações. No geral, o discurso dos entrevistados frisou um evitamento destes tipos de oferta cultural, fosse pelos elevados preços praticados, ou por se associar estes estabelecimentos a vagas migratórias anteriores, nas quais os entrevistados não se revêem. Existe, contudo, um uso pragmático destes cafés, pastelarias e mercearias portuguesas.

Finalmente, uma análise multivariada com alguns dos indicadores de relações com Portugal agregou três tipos de ligação. Dois grupos contrastantes agregam essencialmente, por um lado, pessoas com elevados recursos económicos e uma inserção no mercado de trabalho primário, na tipologia de Piore (1979), e uma elevada atividade transnacional; e, por outro lado, portugueses com reduzida atividade transnacional, com empregos menos bem remunerados e com menores qualificações escolares. O terceiro grupo diz respeito a pessoas com elevada atividade laboral transnacional e com baixa ligação a Portugal nos restantes indicadores de ligações com Portugal. A baixa satisfação laboral e baixos salários neste último grupo levam a crer que se trata de pessoas que não conseguem uma inserção plena no mercado de trabalho e que conseguem através das ligações profissionais com Portugal colmatar essa lacuna.

Este capítulo procurou conhecer fatores associados aos fenómenos transnacionais. Importa, nesta parte conclusiva, fazer uma análise transversal aos diferentes preditores, que foram testados de forma a perceber a sua capacidade explicativa. Na dimensão sociodemográfica, o sexo masculino foi associado à consulta de jornais e revistas. O sexo feminino foi associado à comunicação com familiares e amigos, através de novos *media*, e também à ligação identitária Portugal. Ou seja, o sexo apenas teve implicações na dimensão sociocultural. A idade verificou-se positivamente relacionada com a experiência emigratória e com o envio de remessas, e negativamente relacionada com as intenções de regresso, o que mostra que o efeito do ciclo de vida não é unidirecional e tem implicações em fenómenos que deveriam ser contraditórios, como as intenções de não regressar a Portugal e o envio de remessas. É também de frisar que a idade apenas teve implicações na dimensão socioeconómica. A condição familiar teve implicações na experiência emigratória, sendo que quem não tinha filhos apresentava mais possibilidades de ter emigrado. E, ainda no que respeita os filhos, a quantidade de familiares (cônjuge e/ou filhos) em Portugal teve implicações no envio de remessas (ainda que só no caso dos homens). As qualificações escolares mostraram-se relevantes nas três dimensões. As qualificações escolares de nível superior mostraram-se relevantes para explicar a experiência emigratória, as visitas a casa, as relações de trabalho com Portugal, o transnacionalismo político e a consulta de jornais e revistas. Se nos dois últimos itens se pode estar perante uma situação de literacia, nos primeiros a explicação pode passar por um maior capital social e financeiro, que permitem estas ligações transnacionais.

Nos preditores associados à trajetória migratória, a duração da estadia mostrou-se inversamente relacionada com a comunicação com familiares e amigos. E a chegada com emprego à Alemanha reforçou as visitas a casa. Talvez a baixa dispersão da amostra no que respeita à duração da estadia explique a reduzida capacidade explicativa deste indicador que, segundo a literatura, se apresenta como essencial. O indicador proposto da chegada com emprego assegurado foi bastante relevante no capítulo anterior, na explicação de indicadores de integração; contudo, na relação com fenómenos transnacionais, não se mostrou relevante.

Na vertente da integração e da dimensão socioeconómica as profissões menos qualificadas explicaram o envio de remessas (embora apenas nas mulheres) e as profissões mais qualificadas, bem como a condição de empresário ou trabalhador por conta própria, permitiram explicar as relações de trabalho com Portugal. O rendimento foi usado para explicar as visitas a casas. As redes de sociabilidade compostas por portugueses permitiram explicar as intenções de permanência na Alemanha, as relações de trabalho com Portugal e a comunicação com familiares e amigos. As redes de sociabilidade autóctones apenas permitiram explicar as relações de trabalho com Portugal. As redes de sociabilidade compostas por imigrantes de outras origens explicaram a experiência emigratória e o transnacionalismo político. As dificuldades de integração ajudaram a compreender as intenções de permanência (relação negativa) e as intenções de regresso (relação positiva), impactaram positivamente o transnacionalismo político e o contacto com familiares e amigos em Portugal, reforçaram ainda o sentimento de pertença a Portugal. Na dimensão política a integração política explicou as relações de trabalho com Portugal, o transnacionalismo político e a consulta de jornais e revistas portuguesas.

# Conclusão

---

Foi objetivo desta tese conhecer os portugueses na Alemanha, o modo como se relacionam com a sociedade alemã, como se relacionam com Portugal (e com os portugueses), e a forma como estes dois tipos de relações se podem combinar entre si.

A emigração para a Alemanha é o resultado de uma corrente histórica que se foi adaptando, ao longo dos anos, ao *zeitgeist*. Pode ser dividida analiticamente em três grandes vagas migratórias. Uma primeira, no âmbito do programa de trabalhadores convidados durante o longo período de crescimento económico do pós-guerra, que incidiu entre 1964 e 1973, com reagrupamentos familiares nos anos posteriores. Uma segunda vaga ocorreu nos anos 1990, com a entrada de Portugal na CEE, a queda do muro de Berlim e a necessidade de mão-de-obra após a reunificação da Alemanha. A vaga mais recente teve especial impulso após a crise económica de 2008, embora se tivesse iniciado alguns anos antes.

A integração foi definida como sendo a relação se estabelece entre os imigrantes e a sociedade de destino. No modo como a integração foi analisada, foram evitadas lógicas binárias de integrado/não integrado. Foi também entendido que a integração deveria ser observável em diversas dimensões. Através de uma abordagem qualitativa procuraram-se identificar trajetórias de integração. A motivação para identificar estas trajetórias resultou de uma tentativa de ir para além de conhecer “o quanto integrados estão os portugueses na Alemanha” mas, também, “de que modo se dá a integração dos portugueses ao longo do tempo”.

Foi igualmente abordado o transnacionalismo imigrante, entendido como as relações que os imigrantes estabelecem com o seu país de origem. Não foi objetivo desta tese provar a existência de um campo ou espaço transnacional na emigração portuguesa, mas sim o de conhecer a frequência (e em alguns casos também a intensidade) de alguns indicadores de transnacionalismo. Foi tomada como unidade de análise as práticas dos emigrantes, seguindo Portes e colegas (1999, p.219). Foi ainda proposta uma tipologia de atores transnacionais.

A organização dos indicadores seguiu o modelo heurístico de integração de Penninx (2013), que agrega os indicadores em três dimensões (socioeconómica, política/legal e

cultural/religiosa). Foi proposta uma adaptação deste modelo ao transnacionalismo imigrante. Para além de terem sido quantificados e interpretados indicadores de integração e transnacionalismo, procuraram-se conhecer fatores a montante destes fenómenos. A análise dos indicadores seguiu uma lógica intercalada entre métodos, em que, sempre que possível, o mesmo indicador foi analisado com base em estatísticas oficiais, no inquérito por questionário REMIGR e nas entrevistas que foram conduzidas junto de emigrantes em Berlim e Hamburgo.

O primeiro fenómeno analisado foi a integração dos portugueses na Alemanha. Começando pela dimensão socioeconómica, e com base no inquérito por questionário, percebeu-se que a sua integração no mercado de trabalho de trabalho alemão, se dava, em grande parte, em profissões intelectuais e científicas. Este valor seria reflexo, em parte, do elevado peso de graduados do ensino superior existente na amostra. Contudo, também foram identificadas situações de *deskilling*, isto é, uma inadequação entre a profissão desempenhada e as qualificações. Este *deskilling* foi mais frequente nas mulheres, nos mais jovens e nos graduados das ciências sociais e humanas. Estruturalmente, a Alemanha é um país em que o setor da indústria representa um peso importante; deste modo, é compreensível que este setor de atividade tenha sido o mais frequentado pela amostra inquirida. A satisfação com o trabalho é elevada e aumenta especialmente nos grupos profissionais de topo. Os rendimentos mensais encontravam-se concentrados entre os 1.000€ e os 3.000€ e tendiam a ser mais elevados quando os inquiridos eram homens, formados em engenharias e desempenhavam profissões classificadas nos dois primeiros grupos da CNP. Um fenómeno que se revelou importante, por ter elevada capacidade explicativa dos indicadores de integração, foi a chegada com emprego assegurado à Alemanha. O que tendeu a ocorrer mais frequentemente nos homens, nos graduados das engenharias, e nos profissionais dos dois primeiros grupos da CNP. Chegar com emprego assegurado à Alemanha implicou, a jusante, uma maior satisfação laboral e rendimentos mais elevados.

Com base nas entrevistas a emigrantes portugueses em Berlim e Hamburgo, foi possível identificar (e simplificar) as trajetórias de inserção laboral em *inserções imediatas* e *inserções atribuladas*. As trajetórias *imediatas* seriam tendencialmente protagonizadas por emigrantes mais qualificados, especialmente com formação nas engenharias modernas, recrutados por métodos formais e com emprego assegurado na chegada à Alemanha. Em comparação, as trajetórias de inserção *atribuladas* caracterizaram-se pela

inserção laboral após a chegada à Alemanha, por precariedade, instabilidade, interregnos para formação e empregos pouco qualificados, especialmente nas primeiras experiências após a chegada. Estas trajetórias teriam implicações em outras áreas, como o acesso ao mercado habitacional e às redes de amizade.

O acesso à habitação também foi analisado numa lógica de trajetórias. Foram identificados três tipos de acesso à habitação, relacionados com trajetórias anteriores. As mais frequentes, as *trajetórias residenciais de reunião amorosa* estariam presentes nas pessoas que emigraram por amor, o que pressupunha a existência de um parceiro amoroso, já sediado na Alemanha, que facilitava o acesso a uma habitação, mais concretamente para coabitação. As *trajetórias residenciais formais* encontraram-se em sintonia com as trajetórias de inserção laboral *imediatas*. Isto é, a inserção imediata no mercado de trabalho, normalmente com rendimentos que conferiam aos emigrantes alguma vantagem no mercado de trabalho, permitia-lhes aceder de imediato ao mercado habitacional. A alternativa, especialmente presente em emigrantes sem uma inserção imediata no mercado de trabalho, foram as *trajetórias residenciais com recurso a redes de contacto informais*. Ou seja, na ausência de um parceiro amoroso com contactos privilegiados na Alemanha, existiu sempre um recurso a ser mobilizado, fossem as redes informais ou as credenciais valorizadas no mercado de trabalho. Estes dados levam a concluir que mesmo a emigração à aventura não acontece num vazio. A migração implica quase sempre algum tipo de capital: um capital humano ou académico, caso se trate de pessoas que conseguem uma inserção laboral imediata e, como consequência, uma integração no mercado habitacional formal; ou, em alternativa, um capital social, o recurso a redes de amizade ou familiares, que fornecem auxílio ao emigrante numa fase inicial da sua carreira migratória.

Para além das redes que permitiram o acesso à habitação, foram também identificadas redes de sociabilidade ou amizade. Contudo, a situação mais frequente foi a de um evitamento estratégico de relações com outros portugueses. Tenderam a ser preferidas redes de amizade com a população autóctone, como forma de melhorar a penetração na cultura alemã. Ou ainda a penetração em redes internacionais, isto é, compostas por imigrantes de diferentes origens, o que acontecia devido à existência de contextos de trabalho e formação (especialmente cursos de alemão para estrangeiros) com um peso elevado e diversificado de pessoas com origens imigrantes. Este evitamento foi identificado tanto em emigrantes recentes, como mais antigos, mais e menos

qualificados. Não se nega a existência de fortes redes de sociabilidade focadas em conacionais. Mas o conhecimento de consequências negativas de pertencer a estes grupos, e os estereótipos negativos associados aos mesmos, levam a este evitamento.

Em simultâneo com o evitamento estratégico nas redes de sociabilidade, emerge uma outra forma de obter suporte no campo do associativismo. Observou-se um “novo” associativismo de portugueses, não formado com base nas regiões portuguesas de origem, mas formado em torno de objetivos. Porém, o associativismo mais frequente surgiu associado a vasto leque de grupos *online* de emigrantes que proporcionam diversos tipos de ajuda, como na obtenção de emprego, informações administrativas, obtenção de comércio e serviços portugueses, logística para viajar de automóvel a Portugal, etc.

Na dimensão política, a integração encontrou-se especialmente associada aos segmentos mais qualificados e aos emigrantes com uma estadia mais prolongada na Alemanha. Ambos os fatores estariam associados a um maior domínio da língua alemã, e a duração da estadia poderia implicar uma intenção de permanência que fomentasse o interesse pela política local.

Na dimensão sociocultural, procurou conhecer-se a relação com a língua alemã. Percebeu-se que, frequentemente, esta relação se dava através de cursos de alemão para estrangeiros (com consequências nas redes de sociabilidade, como já foi constatado). Estes cursos podiam ter duas origens: tratar-se de um investimento dos próprios emigrantes ou das entidades empregadoras, sendo mais bem-sucedidos no primeiro caso. Também importante para a aprendizagem do alemão foi a preexistência de algum capital cultural, especialmente formações em línguas e humanidades. Diversos fatores revelaram-se um impedimento da aprendizagem da língua alemã: o contexto de trabalho internacional, com a língua inglesa como língua franca, e as redes de sociabilidade, com forte ênfase em grupos imigrantes diversificados. O domínio do alemão revelou ter consequências em outras dimensões, como a relação com os *media* alemães, que dependeu, em grande parte, do domínio da língua.

Dentro da dimensão sociocultural foi também analisada a relação com a cultura alemã por parte dos entrevistados. Foram identificadas três posições possíveis: i) distância, desinteresse ou evitamento, frequente em emigrantes com forte orientação para o



regresso; ii) o interesse e tentativa de aproximação à cultura alemã, especialmente presente nos casos em que existia um parceiro amoroso alemão, ou de os entrevistados terem chegado à Alemanha em tenra idade, fruto de processos de reagrupamento familiar; e iii) a procura de uma cultura cosmopolita, em que se tentou não enfatizar nem a cultura alemã, nem a cultura portuguesa, mas sim uma “cultura do mundo”. De facto, embora não tivesse sido previsto, foi percebido, durante a análise dos dados, que seria necessário encontrar uma terceira opção, entre a orientação para o país de origem e a orientação para a Alemanha, uma vez que as orientações dos participantes (inquiridos e entrevistados) eram, em algumas situações, posições cosmopolitas, que valorizavam uma cultura do mundo, ao invés de uma orientação para o país de origem ou de destino.

As trajetórias e os preditores para os indicadores de integração foram diversificados e nem sempre coincidentes. Mas possuíam muitos pontos em comum. Algumas destas trajetórias e preditores confluíram no que se considerou serem trajetórias de *highway* ou de *hardway*. A trajetória de *highway* foi identificada em pessoas que chegaram com emprego assegurado à Alemanha. Conseguiram, por consequência, aceder rapidamente a alojamento, uma vez que possuíam uma garantia de rendimento considerável, que facilitou o acesso ao mercado de habitação. Já os emigrantes que procuraram emprego após chegarem, protagonistas de uma *hardway*, normalmente experienciaram períodos – mais longos ou mais curtos – a residir na companhia de familiares, amigos ou em residências partilhadas. A chegada com emprego também “acelerou” a integração em redes de sociabilidade. Os portugueses que chegaram à Alemanha com emprego, muito frequentemente, trabalhavam em contextos internacionais. A existência de colegas de trabalho também imigrantes, numa situação semelhante, facilitou o acesso a uma primeira rede de sociabilidade. Em comparação, os portugueses que procuraram emprego após chegarem, passaram por uma pluralidade de contextos em que forjaram relações de sociabilidade, normalmente em diversos empregos precários e em cursos de integração para estrangeiros. À primeira vista, a trajetória de *highway* parecia tratar-se de uma vantagem; contudo, um olhar mais atento permitiu identificar a existência de consequências negativas desta integração acelerada. As redes de sociabilidade foram tendencialmente mais fechadas, mais frequentemente focadas em colegas de trabalho. O domínio do alemão também tendeu a ser menor, em resultado da inserção em contextos laborais e de sociabilidade em que a língua franca era o inglês. As consequências negativas da integração pelo *highway* foram consideradas um *dark side* da *highway*.

A lógica de analisar a integração como um processo, permite ir além da situação estática dos indivíduos no momento da inquirição/entrevista. Importou conhecer, de forma retrospectiva o trajeto que foi percorrido pelos emigrantes desde a saída de Portugal. Uma vez que, frequentemente, foi no trajeto que foi encontrada a diversidade. Esta abordagem também foi relevante no sentido em que, frequentemente, fins semelhantes (por exemplo, ocupar um posto de trabalho correspondente às classificações, ou residir numa habitação própria) tiveram a montante trajetórias distintas.

A análise por dimensões permitiu evitar dicotomias demasiado abrangentes de integrado/não integrado ou de sucesso/insucesso. Uma vez que permitiu analisar a integração em diferentes esferas, diferentes sistemas/subsistemas (Bommes, 2012c), ou diferentes dimensões (Penninx, 2013). Deste modo, foi possível conjugar e relacionar que, situações que parecem favoráveis num esfera (por exemplo, a inserção num contexto de trabalho internacional que permite o acesso a uma rede de sociabilidade diversificada), pode ter consequências menos favoráveis noutra esferas (a dificuldade em lidar com a língua e cultura alemã).

O segundo fenómeno a ser estudado foi o transnacionalismo imigrante, entendido como as relações que os emigrantes portugueses estabelecem com o país de origem. Foi replicada a divisão analítica em três dimensões e procurou-se identificar relações com os indicadores de integração previamente apresentados. A primeira, e mais extensa, foi a dimensão socioeconómica. O primeiro indicador a ser explorado foi a experiência migratória, que, na análise quantitativa, não se mostrou relacionada com indicadores de integração, mas sim associada ao ciclo de vida, como a idade, com a inexistência de filhos, e também às qualificações escolares de nível superior. A análise qualitativa permitiu perceber que podem coexistir os dois extremos de circulação de emigrantes entre países, a de trabalhadores pouco qualificados, sujeitos às ofertas de trabalho existentes no mercado de trabalho global; e a dos profissionais qualificados, que também jogam no mercado de trabalho global, com o bónus dessa mobilidade ser considerada uma mais-valia.

Um segundo indicador da dimensão socioeconómica foram as visitas a casa. Na relação com a integração verificou-se que se tratava de uma prática transnacional dependente de recursos, usando a tipologia de Itzigsohn e Saucedo (2002), uma vez que era mais frequente nos mais bem remunerados. As visitas a casa dependeram também das

orientações dos emigrantes, diferenciadas pelas qualificações escolares e profissionais. Nos mais qualificados, existe uma ligação mais frequente e talvez menos intensa, em que são sobrepostas visitas e turismo. Por outro lado, os grupos menos qualificados apresentam uma estratégia mais orientada para a poupança e para visitas anuais. A chegada com emprego à Alemanha também se encontrou relacionada com visitas mais frequentes, o que pode ser explicado à luz da teoria da mudança de valores (Inglehart, 1977, 1990): pessoas que chegaram com emprego, numa integração mais acelerada, teriam asseguradas as necessidades associadas à segurança material, e poderiam assim dedicar a sua atenção a necessidades de segunda ordem. As entrevistas permitiram perceber diversos fatores associados às visitas a casa, não fatores explicativos, mas temas que emergiram quando foi abordado este tema. As visitas foram associadas a uma componente financeira (evitadas devido ao custo financeiro, ou efetuadas pelo baixo valor percebido do bilhete de avião), uma componente emocional (seria necessário lidar com o confronto com familiares, saudades e despedidas), uma componente moral (a sensação de obrigatoriedade de visitar certos amigos ou familiares, ou a obrigatoriedade de prestar auxílio a entes próximos em Portugal) e uma componente estratégica (a possibilidade de trabalhar em Portugal e a possibilidade de fazer turismo em simultâneo com as visitas).

O terceiro indicador de transnacionalismo socioeconómico foram as estratégias face ao regresso. As opções mais relevantes indicadas no inquérito por questionário foram a intenção de permanecer na Alemanha e a intenção de regressar a Portugal. A intenção de permanecer decresceu com as dificuldades de integração, e aumentou com as redes de sociabilidade compostas por portugueses. As intenções de regressar, por sua vez, dependeram da trajetória migratória, uma vez que tendiam a diminuir com a idade, mas também aumentaram com as dificuldades de integração, o que pode ser apontado como uma relação de transnacionalismo reativo (Itzigsohn & Saucedo, 2002). As entrevistas permitiram perceber que as estratégias face ao regresso não eram uma opção “de escolha única”, como foi apresentada no inquérito por questionário, uma vez que dificilmente se observaram certezas e, frequentemente, existiam tensões entre as diversas opções. Em alguns casos, foram observados fatores de integração que entraram em jogo, especialmente de ordem laboral. A satisfação laboral na Alemanha desincentivou o regresso, mas também a instabilidade laboral “ameaçou” o emigrante: embora a sua intenção fosse a permanência, poderia ter que voltar a Portugal.

O envio de remessas foi o quarto indicador observado de transnacionalismo socioeconómico. Dependeu essencialmente de fatores familiares e associados ao ciclo de vida, como a idade dos emigrantes, e como a existência de familiares dependentes em Portugal. Dependeu também da profissão, com a suspeita de que profissionais menos qualificados poderiam ter uma estratégia migratória mais orientada para o país de origem, juntamente com a existência de familiares dependentes em Portugal. Portanto, é uma estratégia relativamente independente da integração.

As relações de trabalho com Portugal foram as últimas relações transnacionais analisadas na dimensão socioeconómica. Foram também relações que predominaram nos mais qualificados, tanto em termos escolares como profissionais. Com base nas entrevistas, foi possível perceber que a realidade não se apresentava de forma tão linear. Foram encontrados dois tipos de ligações transnacionais laborais com Portugal. Por um lado, pessoas que procuravam no mercado de trabalho português uma forma de compensar a desvantagem no mercado de trabalho alemão (Light & Rosenstein, 1995), com recurso a redes de contactos pré-emigração. Por outro lado, pessoas que fizeram uso de redes que criaram após a emigração e que encontraram nesse nicho uma forma extra de obter rendimento.

A segunda dimensão analítica estudada focou o transnacionalismo sociopolítico. As relações com a política portuguesa revelaram-se associadas às qualificações escolares de nível superior, possivelmente devido a uma literacia política mais elevada neste grupo. As relações com a política de Portugal foram também associadas a uma elevada integração política, o que levou a ponderar duas situações distintas. Por um lado, integração e transnacionalismo sociopolítico poderiam ser concomitantes (embora não seja possível perceber qual a sua posição num mecanismo causal). Mas, por outro lado, também foram relevantes as dificuldades de integração, no sentido em que maiores dificuldades levam a uma maior participação, o que pode ser interpretado como uma participação de protesto. Contudo, a relação pode também dar-se no sentido inverso, em que pessoas com maior participação política transnacional seriam também pessoas com maior consciencialização (*awareness*) e por isso declararam de forma mais intensa as suas dificuldades de integração.

A terceira dimensão de análise focou as relações com Portugal numa abordagem sociocultural. Um dos indicadores estudados foi o contacto com familiares e amigos

através dos *media*, que se revelou ser uma prática reforçada com as redes de amizade focadas nos conacionais portugueses e que decresceu com a duração da estadia. Tendo em conta este último fator, pode ter uma relação inversa com a integração, se for assumido que a duração da estadia implica uma maior integração na sociedade alemã. A leitura de jornais e revistas portuguesas foi uma prática mais frequente nos mais qualificados e nas pessoas com níveis elevados de integração política. Contudo, este último indicador de integração é pouco fiável para estabelecer algum tipo de relação causal, uma vez que tanto a integração política como a leitura de jornais e revistas se deverão a questões de literacia.

Foi também analisado um indicador de ligação identitária com Portugal, que se mostrou relacionado com as dificuldades de integração e com o associativismo. Embora não tenha sido verificado empiricamente, será plausível que as dificuldades de integração impliquem tanto o associativismo, como o sentimento de pertença a Portugal, e que o associativismo venha reforçar esta ligação identitária com Portugal. Será exagerado afirmar-se que se trata de um transnacionalismo reativo, mas pode afirmar-se com alguma confiança que, na dimensão sociocultural, existe uma relação inversa entre a integração e o transnacionalismo.

Por fim, na análise dos indicadores de ligação com Portugal foi possível perceber que os indicadores de transnacionalismo se relacionam entre si, criando um padrão que permitiu identificar três perfis de ligações com Portugal. Um primeiro grupo era composto por pessoas com elevada ligação transnacional, com visitas a casa frequentes, envios de remessas igualmente frequentes, e uma ligação identitária com Portugal forte. Um segundo grupo agregava pessoas com baixo nível de transnacionalismo, isto é, visitas a casa menos frequentes, envios de remessas menores do que no primeiro grupo, e menor ligação identitária com Portugal. Um terceiro grupo, de menor dimensão, incluía pessoas com um peso mais elevado de ligações de trabalho com Portugal, visitas a casa medianas, mas baixo envio de remessas e baixa ligação identitária. O primeiro grupo, nomeado *altamente transnacionais*, possuía um peso considerável de profissionais qualificados, e um peso igualmente relevante de graduados do ensino superior, tratando-se de pessoas chegadas recentemente e com elevada satisfação laboral. O segundo grupo era composto por pessoas *pouco transnacionais*, com um peso relativo mais elevado de menos qualificados em termos de profissão e escolarização, com uma estadia relativamente mais longa e com menor satisfação laboral. O grupo dos

*transnacionais laborais* tinha menor peso de profissionais de topo, embora com um peso intermédio de graduados do ensino superior; foi ainda o grupo mais recente e com menor satisfação laboral. Esta agregação levou a crer que o transnacionalismo laboral se poderia ser uma forma de compensar uma inserção insuficiente no mercado de trabalho. Contudo, pode tratar-se de um fenómeno temporário, uma vez que o grupo dos transnacionais laborais era o grupo mais recente.

Quanto à questão de partida que conduziu (com muitos desvios) esta tese: com base numa amostra de portugueses a viver na Alemanha, de que forma se relacionam integração e transnacionalismo? Embora já tenham sido avançadas pistas sobre estas relações nos parágrafos anteriores, procura-se agora uma abordagem mais integrada. A resposta, condicionada pelo modelo de análise que foi escolhido, será: depende da dimensão considerada. Esta abordagem é semelhante à que Erdal e Oeppen (2013) consideram ser a posição pragmática.

Na dimensão socioeconómica esperou-se que uma integração mais favorável resultasse em maiores manifestações de transnacionalismo imigrante. Por um lado, como vimos, existem práticas transnacionais que dependem de recursos económicos (Itzigsohn & Saucedo, 2002). Práticas transnacionais como as visitas a casa encontraram-se fortemente relacionadas com as estratégias de empregabilidade mais favoráveis e com os rendimentos mais elevados. Foi, em parte, a integração que permitiu a manutenção de laços transnacionais, o que se enquadra no tipo “optimista” de Erdal e Oeppen (2013). Mas a lógica do transnacionalismo dependente de recursos não se aplicou a todas as práticas transnacionais. O envio de remessas, aquela que, à primeira vista, seria a atividade que mais dependeria de liquidez, pareceu fortemente ligada a segmentos profissionais menos qualificados. As remessas foram mais associadas a fatores familiares do que à integração. Quanto às relações laborais com o país de destino, estas têm sido pouco referenciadas na literatura, embora Basch e colegas (1994, p.187) tivessem frisado que os imigrantes mais bem integrados profissionalmente seriam os que teriam a possibilidade de manter ligações profissionais com a origem. Os resultados obtidos conduziram as conclusões num sentido diferente. As relações laborais com Portugal pareceram tratar-se de uma forma de compensar uma integração menos bem-sucedida no mercado de trabalho, o que se enquadraria na visão “pessimista” na tipologia de Erdal e Oeppen (2013).

Na dimensão sociopolítica, se for seguida a teoria dos valores materialistas e pós-materialistas (Inglehart, 1977, 1990), esperava-se que os emigrantes que tivessem as necessidades materialistas satisfeitas (entendidas neste caso por estabilidade financeira e laboral) seriam os que os que sentem necessidade e motivação para enveredar por práticas de ação política com Portugal<sup>165</sup>, classificadas como necessidades pós-materialistas. Em estudos como o de Guarnizo e colegas (2003), a integração social implicou uma maior participação política no destino. Mas outras perspetivas apontaram o mecanismo causal num sentido oposto, isto é, do transnacionalismo político levar a uma integração política (Karpathakis, 1999), uma vez que as atitudes políticas são transportadas durante o processo migratório (Wals, 2011). A tese da relação entre a integração social e o transnacionalismo político não foi corroborada. O único indicador de integração social que se mostrou relevante foi o índice de dificuldades de integração, que seguiu no sentido de uma maior perceção de dificuldades implicar relações transnacionais mais intensas, o que foi proposto tratar-se de um transnacionalismo político reativo. Mas o transnacionalismo político também foi concomitante com a integração política: como Walls (2011) referiu, as atitudes políticas são transportadas no processo migratório. Mas os resultados das entrevistas sugerem que, para além desta “bagagem de engajamento político”, existirá também, em alguns casos, algum efeito do ciclo de vida (Jennings, 1979; Nie et al., 1974), especialmente presente nos segmentos mais qualificados. Este resultado também segue hipóteses clássicas da teoria da participação política, que assenta na tese de que as mensagens políticas exigem recursos cognitivos, mais presentes nos segmentos da população dotados de elevados capitais escolares e/ou culturais (Almond & Verba, 1963; Verba & Nie, 1972).

Na dimensão sociocultural, esperava-se que uma menor integração estaria associada a uma maior ligação a Portugal. Existem duas explicações para esta relação, que não se anulam mutuamente. Por um lado, a ideia da reação (Itzigsohn & Saucedo, 2002): os emigrantes não se sentiriam integrados na sociedade de destino (seja devido a características dos próprios emigrantes, ou da sociedade de destino, ou de uma combinação de ambos) e seriam “forçados” a uma vida transnacional, segundo as palavras de Levitt (2003). Uma segunda explicação, mais abstrata e não tão focada na estrutura, assenta na ideia de uma relação antagónica (Morawska, 2003) entre o

---

<sup>165</sup> O argumento é válido para a participação política no destino, como na origem. Contudo, para o caso, importa mais a relação entre a satisfação das necessidades materialistas (integração) e a relação com a política portuguesa (transnacionalismo).

transnacionalismo e a integração: os emigrantes seriam constrangidos a empenhar-se em um dos países (Kivisto, 2001), uma vez que os sistemas culturais nacionais exigiriam lealdade e competiam entre si, o que Coser (1978) define como instituições “gananciosas”.

No primeiro indicador da dimensão sociocultural - as relações com Portugal através dos *media* - a frequência da leitura de jornais e revistas portuguesas mostrou-se relacionada com a integração política, o que pode ser entendido como uma relação otimista na tipologia de Erdal e Oeppen (2013). Contudo, por ter como preditor mais relevante as qualificações escolares de nível superior, este resultado pode sugerir a existência de um efeito moderador da escolaridade na relação entre a leitura de jornais e a integração política. Um segundo indicador, a frequência da comunicação com familiares e amigos, é uma prática relacionada inversamente com a duração da estadia: ou seja, quanto mais recente a estadia na Alemanha, mais frequente o contato. Esta relação com Portugal foi também concomitante com as dificuldades de integração, presente nos portugueses que mantinham redes de sociabilidade com conacionais. No mesmo sentido, a ligação identitária a Portugal apresentou relação com as dificuldades de integração, no sentido em que, inquiridos que pontuaram valores mais elevados no índice de dificuldades de integração, revelaram também uma maior ligação a Portugal.

Embora exista toda uma literatura que estabelece a relação no sentido em que a falta de integração (tanto na dimensão social como cultural) leva ao transnacionalismo (Itzigsohn & Saucedo, 2002; Levitt, 2003), não se ignora que possa ocorrer no sentido oposto. Isto é, a manutenção dos laços com Portugal pode ser um obstáculo à ligação ao país de destino. Com base na metodologia qualitativa, os discursos de alguns dos entrevistados seguiram nesse sentido, o de existir um evitamento da oferta cultural portuguesa em termos de associações, ou de cafés e restaurantes portugueses, uma vez que isso limitaria a sua penetração na cultura alemã. Deste modo, pode considerar-se que, na dimensão sociocultural, a relação entre transnacionalismo e integração é antagónica, seguindo a tipologia de Morawska (2003).

Em síntese, as relações entre indicadores de integração e indicadores de transnacionalismo dependem, em parte, da dimensão de análise em causa. Mas, ainda assim, a análise por dimensões é insuficiente, uma vez que podem coexistir, dentro de uma só dimensão, relações distintas. Na dimensão socioeconómica, as visitas ao país de



origem apresentam, a montante, uma integração favorável na esfera económica. Mas, quando se procura explicar as relações de trabalho com Portugal, a relação assenta numa integração no mercado de trabalho com menor sucesso. Também na dimensão sociocultural, a leitura de jornais e revistas portuguesas assenta, possivelmente, numa relação aditiva com a integração política; contudo, poderá ter como base a posse de capitais escolares mais elevados. Nos outros dois indicadores utilizados, a comunicação com familiares e amigos e a ligação identitária com Portugal, a relação parece ser antagónica.

Após o balanço final dos resultados obtidos, importa também fazer um balanço da metodologia adotada, em termos de potencialidades e limitações. Indica-se como primeira potencialidade a conjugação das entrevistas com os inquéritos por questionário. As questões do inquérito por questionário não foram replicadas no contexto de entrevista, mas foram abordados os mesmos temas, o que permitiu complementar, contextualizar (e por vezes contrariar) os resultados iniciais. São apontados três exemplos dessa natureza. Nas estratégias migratórias, isto é, o motivo pelo qual os participantes emigraram, emergiu frequentemente nos discursos dos entrevistados o que se considerou serem migrações por amor. Esta opção não era contemplada no inquérito por questionário. A opção de resposta no inquérito por questionário mais próxima - “motivos familiares” - agregava diversas realidades para além dos motivos amorosos. Esta opção tende a ser pouco valorizada nos estudos das migrações, como referido por King (2002, p.100) “do not underestimate the libidinal factor in migration”. Um segundo exemplo são as diversas componentes associadas às visitas a casa: as explicações captadas através do método qualitativo (componentes financeira, emocional, moral e estratégica) dificilmente poderiam ter sido captadas através de um inquérito por questionário. O terceiro e último exemplo foram as tensões identificadas nas intenções face ao regresso. Esta questão, apresentada como escolha única no inquérito por questionário, revelou-se dotada de diversas tensões e interesses conflituosos na análise das entrevistas.

Uma segunda potencialidade que é apontada a este estudo é ter contemplado missões ao país de destino em estudo, evitando assim tornar o autor numa espécie de *armchair*

*sociologist*<sup>166</sup>. Ter conhecido em primeira pessoa diversos emigrantes *in situ* impulsionou muitas das propostas explicativas das páginas anteriores, tanto qualitativas, como quantitativas.

O estudo que foi apresentado encontra-se também dotado de diversas limitações. Algumas são decorrentes do modelo teórico que foi escolhido, outras do trabalho de campo, e ainda da análise dos dados. Em primeiro lugar, no que respeita ao modelo teórico, as opções foram pensadas numa dicotomia integração *versus* transnacionalismo. Contudo, o diálogo com a realidade empírica permitiu perceber que, em algumas situações (especialmente na dimensão cultural e relacional), se estava a lidar com um triângulo de posições, e implicou a introdução do cosmopolitismo na interpretação dos resultados.

Em segundo lugar, nas limitações decorrentes do trabalho de campo conduzido na Alemanha, a maior dificuldade foi o acesso à população portuguesa. Inicialmente, a intenção era incidir nos segmentos menos qualificados em termos de escolaridade, uma vez que foram os menos abrangidos pelo inquérito por questionário. Contudo, cedo se percebeu que este era também o segmento mais resistente ao investigador. A ideia de que, por existir uma elevada concentração de portugueses num determinado local, existe uma forte probabilidade de sucesso na condução de entrevistas, é ingénua. Talvez tivesse sido possível uma maior ligação, com uma estadia prolongada, que permitisse ganhar a confiança da população, mas não em missões com a duração de uma ou duas semanas. Julga-se que esta situação não será resultado do contexto, ou do investigador, uma vez que já tinha sido identificada em outros projetos de investigação que incidiram na emigração portuguesa (e.g.: Machado, 2020).

Em terceiro lugar, nos inquéritos por questionário a maior e mais evidente limitação encontra-se associada à não-representatividade da amostra. Este facto implicou que algumas das suas características não estivessem em sintonia com as do universo, especialmente em termos de perfil escolar e duração da estadia.

Na análise dos dados, a reserva que se aponta com maior convicção assenta na divisão entre muito qualificados e pouco qualificados<sup>167</sup>, que é, evidentemente, redutora e

---

<sup>166</sup> Em analogia com os *armchair anthropologists*, académicos que refletiam sobre a cultura de outros povos, tendo como base monografias e não o trabalho de campo etnográfico (Sera-Shriar, 2014).

simplista, provavelmente resultado de uma estrutura mental de oposições binárias<sup>168</sup> na mente do autor. Por um lado, é fácil perceber que a fronteira entre muito e pouco qualificados pode não ser assim tão clara. Imagine-se o caso extremo e hipotético de um “quase” engenheiro aeroespacial que não conseguiu o grau por não ter tido aproveitamento a uma unidade curricular e que, assim, seria classificado na categoria adjacente de “ensino secundário ou inferior”. Por outro lado, também seria de um relativismo extremo ignorar que a posse de um diploma de licenciatura permite aceder a posições de trabalho com *status* mais elevado e outras regalias. Assim, o exercício de criar grupos ajuda a mentalizar os casos extremos, embora seja importante ter em conta que a linha de corte pode separar de forma abrupta.

A pesquisa que aqui termina levanta algumas pistas para futuras direções de uma linha de investigação. Uma primeira é a comparação da experiência portuguesa com a de outros países de destino. Quando a emigração portuguesa é contextualizada no conjunto das imigrações internacionais para a Alemanha, os portugueses costumam ser agrupados com outros países do sul da Europa e com os países que mais recentemente aderiram à UE. Seria interessante desenvolver uma pesquisa comparativa entre algumas destas origens imigrantes na Alemanha.

Uma segunda direção da pesquisa, também assente no método comparativo, analisaria as características da emigração portuguesa para a Alemanha em comparação com a emigração portuguesa para outros destinos. Este exercício chegou a ser conduzido para esta tese, mas, por motivos de falta de espaço, foi omitido.

---

<sup>167</sup> Uma análise mais empírica entre estas diferenças, tendo como base os dados do projeto REMIGR, encontra-se em Marques e colegas (2020).

<sup>168</sup> Segundo a corrente estruturalista da linguística, iniciada por Saussure, existe a tendência para organizar o pensamento em estruturas binárias de opostos (Culler, 1986).



# Referências

---

- Adda, J., Dustmann, C., & Mestres, J. (2006). A Dynamic Model of Return Migration. *IZA Discussion Papers, IZA – Institute of Labor Economics*.
- Ahn, N., & García, J. R. (2004). Job Satisfaction in Europe. *FEDEA Documento de Trabajo*(2004-16).
- Ahrens, J., Kelly, M., & Liempt, I. v. (2016). Free Movement? The Onward Migration of EU Citizens Born in Somalia, Iran, and Nigeria. *Population, Space and Place*(22), 84-98. doi: 10.1002/psp.1869
- Åkesson, L. (2008). "They are ungrateful!" Cape Verdean Notions of Transnational Obligation. In P. Góis (Ed.), *Comunidade(s) cabo-verdiana(s): As múltiplas faces da imigração cabo-verdiana* (pp. 247-262). Lisboa: ACIDI.
- Alba, R., & Foner, N. (2016). Integration's challenges and opportunities in the Wealthy West. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 42(1), 3-22.
- Alba, R., & Nee, V. (1997). Rethinking assimilation theory for a new era of immigration. *International Migration Review*, 31(4), 26–74.
- Alba, R., & Nee, V. (2003). *Remaking the American Mainstream: Assimilation and Contemporary Immigration*. Cambridge: Harvard University Press.
- Almeida, A. N. d., Alves, N. d. A., Delicado, A., & Carvalho, T. (2013). Crianças e internet: a ordem geracional revisitada. *Análise Social*, 207(XLVIII), 340-365.
- Almeida, J. C. P., & Corkill, D. (2010). Portuguese migrant workers in the UK: a case study of Thetford, Norfolk. *Portuguese Studies*, 26(1), 27-40.
- Almond, G. A., & Verba, S. (1963). *The Civic Culture: Political Attitudes and Democracy in Five Nations*. Princeton: Princeton University Press.
- Amersfoort, J. M. M. V. (1978). Migrant Workers, Circular Migration and Development. *Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie*, 69(1/2), 17-26.
- Andrews, D., Nonnecke, B., & Preece, J. (2003). Electronic Survey Methodology: A Case Study in Reaching Hard-to-Involve Internet Users. *International Journal of Human-Computer Interaction*, 16(2), 185–210.
- Anniste, K., & Tammaru, T. (2014). Ethnic differences in integration levels and return migration intentions: A study of Estonian migrants in Finland. *Demographic Research*, 30(13), 377-412. doi: 10.4054/DemRes.2013.30.13
- Anthias, F. (1992). *Ethnicity, Class, Gender and Migration*. Aldershot: Avebury.
- Anwar, M. (1979). *The Myth of Return: Pakistanis in Britain*. London: Heinemann.
- Appadurai, A. (1990). Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. *Theory Culture Society*, 7, 295-310.
- Appadurai, A. (1995). The production of locality. In R. Fardon (Ed.), *Counterworks* (pp. 178-199). London: Routledge.
- Ardalan, A., Ardalan, R., Coppage, S., & Crouch, W. (2007). A comparison of student feedback obtained through paper-based and web-based surveys of faculty teaching. *British Journal of Educational Technology*, 38(6), 1085–1101.
- Ascensão, E. (2013). A barraca pós-colonial: materialidade, memória e afecto na arquitectura informal. In N. Domingos & E. Peralta (Eds.), *Cidade e Império: dinâmicas coloniais e desdobramentos pós-coloniais* (pp. 425-473). Lisboa: Edições 70.
- Asselin, O., Dureau, F., Fonseca, L., Giroud, M., Hamadi, A., Kohlbacher, J., . . . Reeger, U. (2006). Social Integration of Immigrants with Special Reference to the Local and Spatial Dimension. In R. Penninx, M. Berger & K. Kraal (Eds.),

- The Dynamics of International Migration and Settlement in Europe. A state of the art* (pp. 133-170). Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Azar, R. (2015). Brain Waste: the deskilling of London's migrant professionals. Retrieved from <http://blogs.lse.ac.uk/researchingsociology/2015/09/28/brain-waste-the-deskilling-of-londons-migrant-professionals/>
- Baganha, M. I. (1994). As correntes emigratórias portuguesas no século XX e o seu impacto na economia nacional. *Análise Social*, XXIX(128), 959-980.
- Barakji, F., Maguire, K. C., Reiss, H., Gaule, J., Smith, N., Pelliccio, L., . . . Oshagan, H. (2018). Cultural and Transnational Influences on the Use of Information Communication Technologies in Adult Long-Distance Family Relationships: An Extension of Media Multiplexity Theory. *Journal of Family Communication*. doi: 10.1080/15267431.2018.1530675
- Barcevičius, E., Iglicka, K., Repečkaitė, D., & Žvalionytė, D. (2012). Labour mobility within the EU: The impact of return migration. Lithuania: Public Policy and Management Institute (PPMI).
- Basch, L., Glick Schiller, N., & Szanton Blanc, C. (1994). *Nations Unbound: Transnational Projects, Postcolonial Predicaments and Deterritorialized Nation-states*. Amsterdam: Gordon and Breach.
- Bauböck, R., & Faist, T. (Eds.). (2010). *Diaspora and Transnationalism: Concepts, Theories and Methods*. Amsterdam: IMISCOE Amsterdam University Press.
- Beck, U. (1992). *Risk Society: Towards a New Modernity*. London: Sage.
- Beets, G., & Willekens, F. (2009). The global economic crisis and international migration: An uncertain outlook. In D. Coleman & D. Ediev (Eds.), *Vienna Yearbook of Population Research* (pp. 19-37). Vienna: Wittgenstein Centre for Demography and Global Human Capital.
- Benkler, Y. (2006). *The Wealth of Networks. How Social Production Transforms Markets and Freedom*. New Haven/London: Yale University Press.
- Benson, M., & O'Reilly, K. (Eds.). (2009). *Lifestyle Migration: Expectations, Aspirations and Experiences*. Farnham: Ashgate.
- Berry, J. W. (2005). Acculturation: Living successfully in two cultures. *International Journal of Intercultural Relations*, 9(6), 697-712.
- Berry, J. W., Kim, U., Minde, T., & Mok, D. (1987). Comparative Studies of Acculturative Stress. *International Migration Review*, 21(3), 491-511.
- Bettin, G. (2018). Return intentions over the life course: Evidence on the effects of life events from a longitudinal sample of first- and second-generation Turkish migrants in Germany. *Demographic Research*, 39, 1009-1038.
- Bettin, G., Lucchetti, R., & Zazzaro, A. (2012). Endogeneity and sample selection in a model for remittances. *Journal of Development Economics*, 99(2), 370-384.
- Bhagwati, J. N., Schatz, K.-W., & Wong, K.-y. (1984). The West German gastarbeiter system of immigration. *European Economic Review*, 26(3), 277-294.
- Bjornsdottir, G., Almarsdottir, A. B., Hansdottir, I., Thorsdottir, F., Heimisdottir, M., Stefansson, H., . . . Brennan, P. F. (2014). From paper to web: Mode equivalence of the ARHQ and NEO-FFI. *Computers in Human Behavior*, 41, 281-291.
- Blalock, H. M. (1967). *Toward a Theory of Minority-Group Relations*. New York: Wiley.
- Bogardus, E. S. (1930). A Race-Relations Cycle. *American Journal of Sociology*, 35(4), 612-617.

- Bommes, M. (2012a). Migration in modern society. In C. Boswell & G. D'Amato (Eds.), *Immigration and Social Systems. Collected Essays of Michael Bommes* (pp. 19-36). Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Bommes, M. (2012b). National welfare state, biography and migration. Labour migrants, ethnic Germans and the re-ascription of welfare state membership. In C. Boswell & G. D'Amato (Eds.), *Immigration and Social Systems. Collected Essays of Michael Bommes* (pp. 37-58). Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Bommes, M. (2012c). Systems theory and the 'ethnic inequality' of migrant workers. In C. Boswell & G. D'Amato (Eds.), *Immigration and Social Systems. Collected Essays of Michael Bommes* (pp. 59-82). Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Bommes, M. (2012d). Transnationalism or assimilation? In C. Boswell & G. D'Amato (Eds.), *Immigration and Social Systems. Collected Essays of Michael Bommes* (pp. 107-124). Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Bonacichi, E. (1973). Theory of Middleman Minorities. *American Sociological Review*, 38, 583-594.
- Bonifazi, C., & Paparusso, A. (2018). Remain or return home: The migration intentions of firstgeneration migrants in Italy. *Population, Space and Place*, 25(e2174), 1-13.
- Boswell, C., & D'Amato, G. (2012). Introduction. In C. Boswell & G. D'Amato (Eds.), *Immigration and Social Systems. Collected Essays of Michael Bommes* (pp. 11-18). Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Bourdieu, P. (1977). The economics of linguistic exchanges. *Social Science Information*, 16(6), 645-668.
- Bourdieu, P. (1986). The Forms of Capital. In J. E. Richardson (Ed.), *Handbook of Theory of Research for the Sociology of Education* (pp. 241-258). Westport: Greenword Press.
- Bovenkerk, F. (1974). *The Sociology of Return Migration: A Bibliographic Essay*. The Hague: Nijhoff.
- Brettell, C. (2003). *Anthropology and Migration: Essays on Transnationalism, Ethnicity, and Identity*. Walnut Creek: Altamira Press.
- Brown, R. P. C. (1997). Estimating Remittance Functions for Pacific Island Migrants. *World Development*, 25(4), 613-626.
- Brown, R. P. C., & Connell, J. (2006). Occupation-specific analysis of migration and remittance behaviour: Pacific Island nurses in Australia and New Zealand. *Asia Pacific Viewpoint*, 47(1), 135-150.
- Brown, R. P. C., & Poirine, B. (2005). A Model of Migrants' Remittances with Human Capital Investment and Intrafamilial transfer. *The International Migration Review*, 39(2), 407-438.
- Brubaker, R. (1994). *Citizenship and nationhood in France and Germany*. Cambridge: Harvard University Press.
- Brubaker, R. (2001). The return of assimilation? Changing perspectives on immigration and its sequel in France, Germany and the United States. *Ethnic and Racial Studies*, 24(4), 531-548.
- Brubaker, R. (2003). The Return of Assimilation? Changing Perspectives on Immigration and its Sequels in France, Germany, and the United States. In C. Joppke & E. Morawska (Eds.), *Toward Assimilation and Citizenship: Immigrants in Liberal Nation-States* (pp. 39-58). Houndmills: Palgrave.

- Byrne, B. M. (2010). *Structural Equation Modeling with AMOS Basic Concepts, Applications, and Programming, 2nd edition*. New York: Routledge.
- Cabral, M. V. (2000). O exercício da cidadania política em Portugal. *Análise Social*, XXXV(154-155), 85-113.
- Cai, Q. (2003). Migrant Remittances and Family Ties: A Case Study in China. *International Journal of Population Geography*, 9(6), 471-483. doi: 10.1002/ijpg.305
- Campbell, A., Converse, P. E., Miller, W. E., & Stokes, D. E. (1960). *The American Voter*. Chicago: University of Chicago Press.
- Candeias, P. (2017). Alemanha. *OEm Country Reports, 4, Observatório da Emigração, CIES-IUL, ISCTE-IUL*. doi: 10.15847/CIESOEMFS042017
- Candeias, P., Ferreira, B., & Peixoto, J. (2014). Emigração Portuguesa: o que temos vindo a estudar e o que nos falta saber - Uma análise bibliométrica entre 1980 e 2013. *População e Sociedade*, 22, 11-31.
- Candeias, P., Malheiros, J., Marques, J. C., & Liberato, E. (2016). A nova emigração para Angola: integração diferenciada e forte ligação a Portugal. In J. Peixoto, I. T. d. Oliveira, J. Azevedo, J. C. Marques, P. Góis, J. Malheiros & P. M. Madeira (Eds.), *Regresso ao Futuro. A Nova Emigração e a Sociedade Portuguesa*. Lisboa: Gradiva.
- Cantante, F. (2014). Desigualdades de género no topo dos ganhos salariais em Portugal. *Observatório das Desigualdades e-Working Paper*(1). doi: 10.15847/CIESODWP012014
- Cardoso, S. (2014). *O Risco e as Condições Sociais e Assistenciais da Maternidade em Portugal*. (Tese de Doutoramento em Sociologia), ISCTE-IUL, Lisboa.
- Carling, J. (2004). Emigration, return and development in Cape Verde: the impact of closing borders. *Population, Space and Place*, 10(2), 113–132.
- Carling, J., & Hoelscher, K. (2013). The Capacity and Desire to Remit: Comparing Local and Transnational Influences. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 39(6), 939-958.
- Carling, J., & Pettersen, S. V. (2014). Return Migration Intentions in the Integration–Transnationalism Matrix. *International Migration*, 52(6), 13-30. doi: 10.1111/imig.12161
- Carrasco, J. I. (2015). *Economic integration and ties to origin as determinants of migrant remittances among Senegalese immigrants in Spain: a longitudinal approach*. (Master's Thesis in Demography), Stockholm University, Stockholm.
- Carvalho, H. (2017). *Análise multivariada de dados qualitativos-utilização da ACM com o SPSS*. Lisboa: Sílabo.
- Carvalho, M. (2011). A persistência das desigualdades remuneratórias de género nas empresas portuguesas: 1988-2008. [26-11-18]. *Observatório das Desigualdades*.
- Castellani, S. (2018). “EXPATS” OR “MIGRANTS”? *The Southern EU labour mobility toward Germany during the economic recession*. Paper presented at the X Congresso Português de Sociologia, Universidade da Beira Interior, Covilhã.
- Castells, M. (2001). *The Internet Galaxy. Reflections on the Internet, Business, and Society*. Oxford: Oxford University Press.
- Castles, S. (1995). How nation - states respond to immigration and ethnic diversity. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 21(3), 293-308.
- Castles, S. (2012). Migration, Crisis, and the Global Labour Market. In R. Munck, C. U. Schierup & R. D. Wise (Eds.), *Migration, Work and Citizenship in the New Global Order*: Routledge.



- Castles, S., & Miller, M. J. (2009). *The Age of Migration. International Population Movements in the Modern World. Fourth Edition. Revised and Updated.* London: Palgrave.
- Castles, S., & Miller, M. J. (2010). Migration and the Global Economic Crisis: One Year On. from <http://www.imi.ox.ac.uk/publications/migration-and-the-global-economic-crisis-one-year-on>
- Cavalheiro, L. (2000). *O sector da construção civil português: o emprego e as migrações para o mercado de trabalho alemão.* (Mestrado em Sociologia), Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Cela, E., & Bettin, G. (2018). Returning to the country of origin in later life: Longitudinal evidence from the German Socio-Economic Panel. *Area*, 50, 483–491. doi: 10.1111/area.12438
- Cenci, A. (2015). A “capability view” on migration: some theoretical issues raised by the Southern Euro Zone highly skilled mobility. *Innovation: The European Journal of Social Science Research*, 28(4), 443-463. doi: 10.1080/13511610.2015.1024636
- Cerase, F. P. (1974). Expectations and Reality: A Case Study of Return Migration from the United States to Southern Italy. *The International Migration Review*, 8(2 Special Issue: Policy and Research on Migration: Canadian and World Perspectives (Summer, 1974)), 245-262.
- Chadhary, A. R. (2018). Voting here and there: political integration and transnational political engagement among immigrants in Europe. *Global Networks*, 18(3), 437–460.
- Chaves, M., & Morais, C. (2016). Quanto tempo para aceder ao mercado de trabalho? A inserção profissional dos diplomados do ensino superior no dealbar da recessão. *Configurações*(17), 231-251. doi: 10.4000/configuracoes.3293
- Child, D. (2006). *The essentials of factor analysis. (2nd ed)* New York: Cassell Educational.
- Chiswick, B. R. (1978). The Effect of Americanization on the Earnings of Foreign-born Men. *Journal of Political Economy*, 86(5), 897-921.
- Chiswick, B. R., & Miller, P. W. (1998). Language Skill Definition: A Study of Legalized Aliens. *International Migration Review*, 32(4), 877-900.
- Christakis, N., & Fowler, J. (2010). *Connected. The amazing power of social networks and how they shape our lives.* London: HarperPress.
- Christiansen, C. C. (2004). News Media Consumption among Immigrants in Europe: The Relevance of Diaspora. *Ethnicities*, 4(2), 185–207.
- Clifford, J. (1994). Diasporas. *Cultural Anthropology*, 9(3), 302-338.
- Conradson, D., & Latham, A. (2005). Transnational urbanism: Attending to everyday practices and mobilities. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 31(2), 227-233.
- Constant, A. F., & Zimmermann, K. F. (2011). Circular and Repeat Migration: Counts of Exits and Years Away from the Host Country. *Population Research and Policy Review*, 30(4), 495–515.
- Corceiro, A. V. (2005). Entre Ditadura e Democracia ou a Emigração portuguesa na Europa. In S. Hadzic & A. M. Sánchez (Eds.), *Kalter Krieg und Migration.* Colonia: Dumont.
- Coser, L. A. (1978). *Las Instituciones Voraces:* Fondo de Cultura Económica.
- Costa, A. F. d. (2008). *Sociedade de Bairro. Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural.* Oeiras: Celta.

- Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *University of Chicago Legal Forum*(1 (article 8)), 139-167.
- Creswell, J. W. (2014). *Research Design. Qualitative, quantitative, and the Mixed-Method Approaches* London: SAGE.
- Culler, J. (1986). *Ferdinand de Saussure*. Ithaca, New York: Cornell University Press.
- Dahinden, J. (2009). Are we all transnationals now? Network transnationalism and transnational subjectivity: the differing impacts of globalization on the inhabitants of a small Swiss city. *Ethnic and Racial Studies*, 32(8).
- Dahlstedt, I. (2010). Mesuring Integration. In B. Fryklund (Ed.), *IMER. möjligheter och gränser. festskrift till Björn Fryklund* (pp. 179-198). Malmö.
- DaVanzo, J. (1980). Repeat Migration in the United States: Who Moves Back and Who Moves on? *IIASA Working Paper*(WP-80-158).
- Delpierre, M., & Verheyden, B. (2014). Remittances, savings and return migration under uncertainty. *IZA Journal of Migration*, 3(22), 1-43.
- Denscombe, M. (2009). Item non-response rates: a comparison of online and paper questionnaires. *International Journal of Social Research Methodology*, 12(4), 281-291.
- DESTATIS. (2016). Bevölkerung und Erwerbstätigkeit. Bevölkerung mit Migrationshintergrund. Ergebnisse des Mikrozensus 2015. Wiesbaden: Statistisches Bundesamt.
- Deth, J. W. v. (2001). *Studying Political Participation: Towards a Theory of Everything?* Paper presented at the Electronic Democracy: Mobilisation, Organisation and Participation via new ICTs, Grenoble.
- Dillman, D. A., Smyth, J. D., & Christian, L. M. (2014). *Internet, Phone, Mail, And Mixed-Mode Surveys. The Tailored Design Method*. New Jersey: Wiley.
- Diogo, H. (2012). *Multiculturalismo: identidade e territorialidade na comunidade portuguesa de Lyon (França)*. (Tese de Doutoramento em Geografia Humana), Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Dobson, J., Latham, A., & Salt, J. (2009). On the move? Labour Migration in Times of Recession What Can we Learn From the Past? *policy network paper*.
- Dodou, D., & Winter, J. C. F. d. (2014). Social desirability is the same in offline, online, and paper surveys: A meta-analysis. *Computers in Human Behavior*, 36, 487–495.
- Dubois, A., Zagheni, E., Garimella, K., & Weber, I. (2018). Studying Migrant Assimilation Through Facebook Interests. *paper não publicado, disponível online*.
- Duda-Mikulín, E. A. (2018). Should I stay or should I go now? Exploring Polish women's returns “home”. *International Migration*, 56(4), 140-153.
- Durand, J., Kandel, W., Parrado, E. A., & Massey, D. S. (1996). International Migration and Development in Mexican Communities. *Demography*, 33(2), 249-264.
- Durkheim, É. (1999 [1893]). *Da Divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Martins Fontes.
- Durkheim, É. ([1897] 2005). *Suicide. A Study in Sociology*: Taylor & Francis.
- Duval, D. T. (2004). Linking return visits and return migration among Commonwealth Eastern Caribbean migrants in Toronto. *Global Networks*, 4(1), 51-67.
- Eaton, M. (2010). Portuguese migrant worker experiences in Northern Ireland's market town economy. *Portuguese Studies Review*, 26(1), 10-26.
- EC. (2014). Flash Eurobarometer 398 Working Conditions Report.

- Eckert, C., & Rocha, A. L. C. d. (2014). Ressonâncias de sobreposições temporais: etnografia no bairro Kreuzberg, Berlim (Alemanha). *Iluminuras*, 15(36), 218-268.
- Elias, N. (2008). *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- Elo, M. (2016). Typology of diaspora entrepreneurship: Case studies in Uzbekistan. *Journal of International Entrepreneurship*, 14(1), 121-155.
- Engbersen, G., Leerkes, A., Grabowska-Lusinska, I., Snel, E., & Burgers, J. (2013). On the Differential Attachments of Migrants from Central and Eastern Europe: A Typology of Labour Migration. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 39(6).
- Engbersen, G., & Snel, E. (2012). Liquid migration. Dynamic and fluid patterns of post-accession migration flows. In B. Glorius, I. Grabowska-Lusinska & A. Kuvik (Eds.), *Mobility in Transition. Migration Patterns after EU Enlargement* (pp. 21-40). Amsterdam: IMISCOE - Amsterdam University Press.
- Erdal, M. B., & Oeppen, C. (2013). Migrant Balancing Acts: Understanding the Interactions Between Integration and Transnationalism. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 39(6), 867-884.
- Eriksen, T. H. (2001). *Small Places, Large Issues. An introduction to Social and Cultural Anthropology. Second edition*. London: Pluto.
- Eurobarometer. (2013). Special Eurobarometer 398. Internal Market.
- Evan, W. M., & Miller, J. R. I. (1969). Differential effects on response bias of computer vs. conventional administration of a social science questionnaire: An exploratory methodological experiment. *Behavioral Science*, 14(3), 216-227.
- Faist, T. (1998). Transnational social spaces out of international migration: evolution, significance, and future prospects. *Archives of European Sociology*, XXXIX(2), 213-347.
- Faist, T. (2000). Transnationalism in International Migration. Implications for the Study of Citizenship and Culture. *Ethnic and Racial Studies*, 23, 189-222.
- Faist, T. (2006). The Transnational Social Spaces of Migration. *Working Papers – Center on Migration, Citizenship and Development*(10).
- Faist, T. (2008). Migrants as Transnational Development Agents: An Inquiry into the Newest Round of the Migration-Development Nexus. *Population, Space and Place*, 14, 21-42.
- Faist, T. (2009). Diversity - a new mode of incorporation? *Ethnic and Racial Studies*, 32(1), 171-190.
- Faist, T. (2014). “We are all Transnationals now”: The Relevance of Transnationality for Understanding Social Inequalities. *COMCAD Arbeitspapiere - Working Papers*(122).
- Falicov, C. J. (2005). Emotional transnationalism and family identities. *Family Process*, 44(4), 399-406.
- Falk, R. (1997). Resisting ‘globalisation - from - above’ through ‘globalisation - from - below’. *New Political Economy*, 2(1), 17-24. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/13563469708406281>
- Fan, W., & Yan, Z. (2010). Factors affecting response rates of the web survey: A systematic review. *Computers in Human Behavior*, 26, 132-139.
- Favell, A. (1998). *Philosophies of Integration. Immigration and the Idea of Citizenship in France and Britain*. Houndmills: Palgrave.
- Favell, A. (2003). Integration and Nations: the nation state and research on immigrants in Western Europe. *Comparative Social Research*(22), 13-42.
- Favell, A. (2008). *Eurostars and Eurocities. Free Movement and Mobility in an Integrating Europe*. Baskerville: Blackwell.

- Favell, A. (2010). Integration and nations: the nation-state and research on immigrants in Western Europe. In M. Martiniello & J. Rath (Eds.), *Selected Studies in International Migration and Immigrant Incorporation* (pp. 371-404). Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Ferreira, A. C., & Ramos, M. (2011). Casamentos Mistos em Portugal: Evolução e Padrões. *Sociologia Online Revista da Associação Portuguesa de Sociologia*(2), 61-99.
- Ferreira, B., Santana, E., Malheiros, J., & Raimundo, I. M. (2016). A atual emigração portuguesa para Moçambique: identidades complexas no quadro de um movimento Norte-Sul em contexto pós-colonial. In J. Peixoto, I. T. d. Oliveira, J. Azevedo, J. C. Marques, P. Góis, J. Malheiros & P. M. Madeira (Eds.), *Regresso ao Futuro. A Nova Emigração e a Sociedade Portuguesa* (pp. 235-271). Lisboa: Gradiva.
- Fic, T., Holland, D., & Paluchowski, P. (2011). Labour mobility within the EU -The impact of enlargement and the functioning of the transitional arrangements. *NIESR Discussion Paper*(379).
- Filho, D. B. F., & Júnior, J. A. d. S. (2009). Desvendando os Mistérios do Coeficiente de Correlação de Pearson (r). *Revista Política Hoje*, 18(1), 115-146.
- Findlay, A. M., King, R., Smith, F. M., Geddes, A., & Skeldon, R. (2012). World class? An investigation of globalisation, difference and international student mobility. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 37(1), 118-131.
- Flores, C. M. M. (2008). *A competência sintática de falantes bilingues luso-alemães regressados a Portugal. Um estudo sobre erosão linguística*. (Tese de Doutoramento em Ciências da Linguagem), Braga.
- Florida, R. (2003). Cities and the creative class. *City & Community*, 2(1), 3-19.
- Foner, N. (1997). What's New About Transnationalism? New York Immigrants Today and at the Turn of the Century. *Diaspora: A Journal of Transnational Studies*, 6(3), 355-375.
- Foner, N. (2006). Then and now or then to now. *Journal of American Ethnic History*, 25(2-3), 33-47.
- Fonseca, L., & McGarrigle, J. (Eds.). (2013). *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia – special issue Neighbourhood integration, social relations and participation in European multi-ethnic cities, XLVIII*.
- Font, J., & Méndez, M. (2013). Introduction: The methodological challenges of surveying populations of immigrant origin. In J. Font & M. Méndez (Eds.), *Surveying Ethnic Minorities and Immigrant Populations. Methodological Challenges and Research Strategies* (pp. 11-41). Amsterdam: IMISCOE, Amsterdam University Press.
- Freire, A. (2001). *Modelos do Comportamento Eleitoral. Uma Breve Introdução Crítica*. Oeiras: Celta.
- Freund, B. (2010). Portugiesische Restaurants und Cafés in Hamburg: Beginn eines ethnischen Gewerbes? In T. Pinheiro (Ed.), *Portugiesische Migrationen. Geschichte, Repräsentation und Erinnerungskulturen* (pp. 131-150). Wiesbaden: vs verlag für sozialwissenschaften.
- Gabriel, L., & Malheiros, J. M. (2017). *Evidências da nova emigração portuguesa: O caso dos artistas, designers e arquitetos*. Paper presented at the XI Congresso da Geografia Portuguesa, Porto.
- Gans, H. J. (1979). Symbolic ethnicity- The future of ethnic groups and cultures in America. *Ethnic and Racial Studies*, 2(1), 1-20. doi: 10.1080%2F01419870.1979.9993248

- Gans, H. J. (1992). Second - generation decline: Scenarios for the economic and ethnic futures of the post - 1965 American immigrants. *Ethnic and Racial Studies*, 15(2), 173-192.
- Garcés-Mascareñas, B., & Penninx, R. (Eds.). (2016). *Integration Processes and Policies in Europe. Contexts, Levels and Actors*: Springer.
- Geddes, A. (2015). Temporary and circular migration in the construction of European migration governance. *Cambridge Review of International Affairs*, 28(4), 571-588.
- Gesemann, F. (2006). Grundlinien und aktuelle Herausforderungen der Berliner Integrationspolitik. In S. Baringhorst, U. Hunger & K. Schönwälder (Eds.), *Politische Steuerung von Integrationsprozessen. Intentionen und Wirkungen* (pp. 195-213). Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften.
- Geurts, N., & Lubbers, M. (2017). Dynamics in intention to stay and changes in language proficiency of recent migrants in the Netherlands. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 43(7), 1045–1060.
- Giralt, R. M. (2016). Onward Migration as a Coping Strategy? Latin Americans Moving from Spain to the UK Post-2008. *Population, Space and Place*, 23(3). doi: 10.1002/psp.2017
- Glazer, N. (1997). *We Are All Multiculturalists Now*. Cambridge: Harvard University Press.
- Glazer, N., & Moynihan, D. P. (1963). *Beyond the Melting Pot: The Negroes, Puerto Ricans, Jews, and Italians of New York City*. Cambridge: MIT Press.
- Godinho, B. (2008/09). *Saberes, Acreditação e Acto Profissional nos Engenheiros Electrotécnicos e Informáticos: Fechamento Profissional ou Abertura do Mercado*. (Tese de Mestrado em Sociologia das Organizações, Trabalho e Emprego), ISCTE.
- Godinho, V. M. (1978). Lémigration portugaise (XVe-XXe siècles), une constante structurale et les réponses aux changements du monde”. *Revista de História Económica e Social*(1), 5-32.
- Goffman, E. (1956). Embarrassment and Social Organization. *American Journal of Sociology*, 62(3), 264-271.
- Góis, P., & Castro, J. M. e. (2013). A imigração irregular em Portugal: entre o Direito de Acesso e o Acesso ao Direito. In P. Branco & P. Casaleiro (Eds.), *Atas do Colóquio Internacional Direito(s) e Desigualdades* (pp. 143-158). Coimbra: CES.
- Góis, P., Marques, J. C., Candeias, P., Ferreira, B., & Ferro, A. (2016). Novos destinos migratórios: a emigração portuguesa para o Reino Unido. In J. Peixoto, I. T. d. Oliveira, J. Azevedo, J. C. Marques, P. Góis, J. Malheiros & P. M. Madeira (Eds.), *Regresso ao Futuro. A nova emigração e a sociedade portuguesa* (pp. 71-108). Lisboa: Gradiva.
- Goldstein, S. (1964). The Extent of Repeated Migration: An Analysis Based on the Danish Population Register. *Journal of the American Statistical Association*, 59(308), 1121-1132. doi: 10.1080/01621459.1964.10480753
- Gomes, R. M. (2015a). *Entre a Periferia e o Centro. Percursos de emigrantes portugueses qualificados*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Gomes, R. M. (2015b). *Fuga de Cérebros. Retratos da emigração portuguesa qualificada*. Lisboa: Bertrand.
- Gordon, M. M. (1964). *Assimilation in American Life. The Role of Race, Religion, and National Origins*. New York: Oxford University Press.

- Gosnell, H., & Abrams, J. (2011). Amenity migration: diverse conceptualizations of drivers, socioeconomic dimensions, and emerging challenges. *GeoJournal*, 76(4), 303-322. doi: 10.1007/s10708-009-9295-4
- Goza, F., & Ryabov, I. (2010). Remittance Activity among Brazilians in the US and Canada. *International Migration*, 50(4), 1-29. doi: 10.1111/j.1468-2435.2009.00590.x
- Granovetter, M. (1974). *Getting a Job: A Study of Contacts and Careers*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Grassi, M. (2001). A questão do género no sector informal em Cabo Verde: Um estudo sobre as "rabadantes" do mercado "Sucupira" na Ilha de Santiago. *Africana Studia*(4), 7-32.
- Greenlaw, C., & Brown-Welty, S. (2009). A Comparison of Web-Based and Paper-Based Survey Methods. Testing Assumptions of Survey Mode and Response Cost. *Evaluation Review*, 33(5), 464-480.
- Grin, F. (2003). Language Planning and Economics. *Current Issues in Language Planning*, 4(1), 1-66. doi: 10.1080/14664200308668048
- Groves, R. M., Cialdini, R. B., & Couper, M. P. (1992). Understanding the Decision to Participate in a Survey. *Public Opinion Quarterly*, 56, 475-195.
- Guarnizo, L. E. (1997). The Emergence of a Transnational Social Formation and The Mirage of Return Migration Among Dominican Transmigrants. *Identities. Global Studies in Culture and Power*, 4(2), 281-322.
- Guarnizo, L. E., Portes, A., & Haller, W. (2003). Assimilation and transnationalism: determinants of transnational political action among contemporary migrants. *American Journal of Sociology*(108), 1211-1248.
- Gundel, S., & Peters, H. (2008). What Determines the Duration of Stay of Immigrants in Germany? Evidence from a Longitudinal Duration Analysis. *SOEPpapers on Multidisciplinary Panel Data Research*(79), 1-17.
- Haakestad, H., & Friberg, J. H. (2017). Deskilling revisited: Labour migration, neo-Taylorism and the degradation of craft work in the Norwegian construction industry. *Economic and Industrial Democracy*, 1-22. doi: 10.1177/0143831X17735671
- Hagan, J. M. (1998). Social Networks, Gender, and Immigrant Incorporation: Resources and Constraints. *American Sociological Review*, 63(1), 55-67.
- Hammond, L. (2013). Somali Transnational Activism and Integration in the UK: Mutually Supporting Strategies. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 39(6).
- Handel, W. (1981). The Danger of Committing the Ecological Fallacy Persists: Comment on Gove and Hughes. *Social Forces*, 60(2), 585-588.
- Hanewinkel, V., Breford, L., González-Martín, B., Cardoso, F. E., & Engler, M. (2013). Does the Crisis Make People Move? EU Internal Migration and Economic Disparities in Europe. *Focus Migration Policy Brief*(20), 1-24.
- Hanewinkel, V., Breford, L., González-Martín, B., Cardoso, F. E., & Engler, M. (2013). Does the Crisis Make People Move? EU Internal Migration and Economic Disparities in Europe. *Focus Migration Policy Brief*(20), 1-24.
- Hannerz, U. (2005). Two Faces of Cosmopolitanism: Culture and Politics. *Statsvetenskaplig Tidskrift*, 107(3), 199-213.
- Hanushek, E. A., Jackson, J. E., & Kain, J. F. (1974). Model Specification, Use of Aggregate Data, and the Ecological Correlation Fallacy. *Political Methodology*, 1(1), 89-107.
- Harvey, D. (1989). *The Condition of Postmodernity. An Enquiry into the Origins of Cultural Change*. Cambridge: Blackwell.

- Heelsum, A. v., & Garcés-Mascreñas, B. (Eds.). (2013). *Migration and Integration Research. Filling in Penninx's Heuristic Model*. Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Heisler, B. S. (2008). The Sociology of Immigration. From Assimilation to Segmented Assimilation, from the American Experience to the Global Arena. In C. B. Brettel & J. F. Hollifield (Eds.), *Migration Theory. Talking Across Disciplines. Second Edition* (pp. 83-111). New York/London: Routledge.
- Herdagdelen, A., State, B., Adamic, L., & Mason, W. (2016, May 22 - 25). *The social ties of immigrant communities in the United States*. Paper presented at the Proceedings of the 8th ACM Conference on Web Science, Hannover, Germany.
- Higham, J. (2002 [1955]). *Strangers in the Land: Patterns of American Nativism, 1860-1925*. New Brunswick/London: Rutgers University Press.
- Hily, M.-A., & Poinard, M. (1985). Fonctions et enjeux du mouvement associatif portugais en France. *Revue européenne de migrations internationales*, 1(1), 25-35.
- Hoffmann-Nowotny, H.-J. (1978). European Migration after World War II. In W. H. McNeill & R. J. Adams (Eds.), *Human Migration: Patterns and Policies* (pp. 85-105). Bloomington & London: Indiana University Press.
- Hongyu, K., Sandanielo, V. L. M., & Junior, G. J. d. O. (2015). Análise de Componentes Principais: resumo teórico, aplicação e interpretação. *Engineering and Science*, 1(5), 83-90.
- Huddleston, T., Bilgili, Ö., Joki, A.-L., & Vankova, Z. (2015). *Migrant Integration Policy Index 2015*. Barcelona/ Brussels: CIDOB and MPG.
- Huddleston, T., & Tjaden, J. D. (2012). *Immigrant Citizens Survey. How immigrants experience integration in 15 European cities*. Brussels: King Baoudoin Foundation and Migration Policy Group.
- Hunte, C. K. (2004). Workers' Remittances, Remittance Decay and Financial Deepening in Developing Countries. *The American Economist*, 48(2), 82-94.
- INE. (2011). Inquérito aos Movimentos Migratórios de Saída. Documento Metodológico. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution. Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. New Jersey: Princeton University Press.
- Inglehart, R. (1990). *Culture Shift in Advanced Industrial Society*. Princeton: Princeton University Press.
- IOM. (2018). 2017 World Migration Report. Geneva: International Organization for Migration.
- Itzigsohn, J., & Giorguli-Saucedo, S. (2005). Incorporation, Transnationalism, and Gender: Immigrant Incorporation and Transnational Participation as Gendered Processes. *International Migration Review*, 39(4), 895-920.
- Itzigsohn, J., & Saucedo, S. G. (2002). Immigrant Incorporation and Sociocultural Transnationalism. *International Migration Review*, 36(3), 766-798.
- Jacobs, J. A. (1996). Gender Inequality and Higher Education. *The Annual Review of Sociology*, 22, 153-185.
- Jayaweera, H., & Choudhury, T. (2008). Immigration, faith and cohesion. Evidence from local areas with significant Muslim populations. *Joseph Rowntree Foundation*.
- Jennings, M. K. (1979). Another Look at the Life Cycle and Political Participation. *American Journal of Political Science*, 23(4), 755-771.
- Joppke, C. (2007). Beyond national models: Civic integration policies for immigrants in Western Europe. *West European Politics*, 30(1), 1-22.

- Joppke, C. (2015). Immigrant Incorporation in Western Europe. *oxfordbibliographies*.
- Joppke, C., & Morawska, E. (2003). Integrating Immigrants in Liberal Nation-States: Policies and Practices. In C. Joppke & E. Morawska (Eds.), *Toward Assimilation and Citizenship: Immigrants in Liberal Nation-States* (pp. 1-36). Houndmills: Palgrave.
- Karpathakis, A. (1999). Home Society Politics and Immigrant Political Incorporation: The Case of Greek Immigrants in New York City. *The International Migration Review*, 33(1), 55-78.
- Kazemipur, A. (2006). The market value of friendship: social networks of immigrants. *Canadian Ethnic Studies Journal*, 38(2), 47+.
- King-O'Riain, R. C. (2016). Enduring or Crossing Distance for Love? Negotiating Love and Distance in the Lives of Mixed Transnational Couples. *Sociological Research Online*, 21(1), 12.
- King, R. (2002). Towards a new map of European migration. *International Journal of Population Geography*, 8(2), 89-106.
- King, R., Lulle, A., & Buzinska, L. (2016). Beyond remittances: knowledge transfer among highly educated Latvian youth abroad. *Sociology of Development*, 2(2), 183-203.
- King, R., Lulle, A., Mueller, D., & Vathi, Z. (2013). Visiting Friends and Relatives and its Links With International Migration: A Three-Way Comparison of Migrants in the UK. *Willy Brandt Series of Working Papers in International Migration and Ethnic Relations*(4/13).
- King, R., Lulle, A., Parutis, V., & Saar, M. (2018). From peripheral region to escalator region in Europe: young Baltic graduates in London. *European Urban and Regional Studies*, 25(8), 284-299.
- Kivisto, P. (2001). Theorizing transnational immigration: a critical review of current efforts. *Ethnic and Racial Studies*, 24(4), 549-577.
- Kofman, E. (2004). Family - related migration: a critical review of European Studies. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 30(2), 243-262. doi: 10.1080/1369183042000200687
- Kofman, E. (2018). Family Migration as a Class Matter. *International Migration*, 56(4), 33-46.
- Kofman, E., Phizacklea, A., Raghuram, P., & Sales, R. (2001). *Gender and Migration in Europe. Employment, Welfare and Politics*. London & New York: Routledge.
- Koppenfels, A. K. v. (2014). *Migrants or Expatriates? Americans in Europe*. Hampshire: Palgrave Macmillan.
- Koppenfels, A. K. v., Mulholland, J., & Ryan, L. (2015). 'Gotta Go Visit Family': Reconsidering the Relationship Between Tourism and Transnationalism. *Population, Space and Place*, 21(7), 612-624.
- Koser, K. (2003). Long-distance nationalism and the responsible state: the case of Eritrea. In E. Østergaard-Nielsen (Ed.), *International Migration and Sending Countries. Perceptions, Policies and Transnational Relations* (pp. 171-184). Chippenham/Eastbourne: Palgrave.
- Koser, K. (2009). The Impact of Financial Crises on International Migration: Lessons Learned. *IOM Migration Research Series*(37).
- Kraemer, J. (2017). Locating Emerging Media: Ethnographic Reflections on Culture, Selfhood, and Place. In L. Hjorth, H. Horst, A. Galloway & G. Bell (Eds.), *The routledge companion to digital ethnography* (pp. 179-190). New York: Routledge.



- Kulu, H., & González-Ferrer, A. (2013). Family Dynamics among Immigrants and their Descendants in Europe: Current Research and Opportunities. *Families and Societies Working Paper Series*(3).
- Kymlicka, W. (1995). *Multicultural Citizenship. A liberal theory of minority rights*. Oxford: Oxford University Press.
- Lal, B. B. (1990). *The Romance of Culture in an Urban Civilisation. Robert E. Park on Race and Ethnic Relations in Cities*: Routledge.
- Lam, T., & Yeoh, B. S. A. (2018). Migrant mothers, left-behind fathers: the negotiation of gender subjectivities in Indonesia and the Philippines. *Gender, Place & Culture*, 25(1), 104–117.
- Lankshear, C., & Knobel, M. (2008). Introduction: Digital Literacies—Concepts, Policies and Practices. In C. Lankshear & M. Knobel (Eds.), *Digital Literacies: Concepts, Policies and Practices (Cover plus Introduction)* (pp. 1-16). Pieterlen: Peter Lang Publishing.
- Lazarsfeld, P. F., Berelson, B., & Gaudet, H. (1948). *The People's Choice (2nd edition)*. New York: Columbia University Press.
- Leal, J. (2005). Travelling Rituals: Azorean holy ghost festivals in the United States. *Nar. Umjet. Croatian Journal of Ethnology and Folklore Research*(421), 101-124.
- Lee, E. S. (1966). A Theory of Migration. *Demography*, 3(1), 47-57.
- Levitt, P. (1998). Social Remittances: Migration Driven Local-Level Forms of Cultural Diffusion. *International Migration Review*, 32(4), 962-948.
- Levitt, P. (2003). Keeping Feet in Both Worlds: Transnational Practices and Immigrant Incorporation in the United States. In C. Joppke & E. Morawska (Eds.), *Toward Assimilation and Citizenship - Immigrants in Liberal Nation-States* (pp. 177-194). Hampshire: Macmillan.
- Lewis, O. (1966). The Culture of Poverty. *Scientific American*, 215(4), 19-25.
- Ley, D. (2013). Does Transnationalism Trump Immigrant Integration? Evidence from Canada's Links with East Asia. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 39(6), 921-938. doi: 10.1080/1369183X.2013.765654
- Lianos, T. P. (1997). Factors Determining Migrant Remittances: The Case of Greece. *International Migration Review*, 31(1), 72-87.
- Lievrouw, L. A., & Livingstone, S. (Eds.). (2006). *Handbook Of New Media Social Shaping and Social Consequences of ICTs Updated Student Edition*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage.
- Light, I., & Rosenstein, C. (1995). *Race, Ethnicity, and Entrepreneurship in Urban America*. New York: Aldine de Gruyter.
- Light, I. H. (1972). *Ethnic Enterprise in America. Business and Welfare Among Chinese, Japanese and Blacks*. Berkeley: University of California Press.
- Lopes, J. T. (2014). *Geração Europa? Um estudo sobre a jovem emigração qualificada para França*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Lopes, J. T., & Teixeira, R. (2014). “Geração Europa?”: um estudo sobre jovem emigração qualificada para França. *População e Sociedade*, 22, 97-119.
- Lucas, R. E. B., & Stark, O. (1985). Motivations to Remit: Evidence from Botswana. *Journal of Political Economy*, 93(5), 901-918.
- Luft, S. (2012). Germany. Integration as a Sensitive Topic with Many Facets. In V. Novotný (Ed.), *Opening the Door? Immigration and Integration in the European Union* (pp. 367-369). Bruxelas: Centre for European Studies.

- Lyons, S., Duxbury, L., & Higgins, C. (2005). Are Gender Differences in Basic Human Values a Generational Phenomenon? *Sex Roles*, 53(9/10), 763-778. doi: 10.1007/s11199-005-7740-4
- Machado, B. (2020). *Mobilidade Intra-Europeia e Estado-Providência: A proteção social nas aspirações e trajetórias dos migrantes portugueses*. (Tese de Doutoramento em Geografia), Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Machado, F. L. (2002). *Contrastes e Continuidades. Migração, Etnicidade Integração dos Guineenses em Portugal*. Oeiras: Celta.
- Madeira, P. M., Ferreira, B., Candeias, P., Peixoto, J., & Fernandes, D. (2016). A emigração portuguesa recente para o Brasil: novos contornos de uma corrente histórica. In J. Peixoto, I. T. d. Oliveira, J. Azevedo, J. C. Marques, P. Góis, J. Malheiros & P. M. Madeira (Eds.), *Regresso ao Futuro. A nova emigração e a sociedade portuguesa* (pp. 169-198). Lisboa: Gradiva.
- Madon, S., Guyll, M., Aboufadel, K., Montiel, E., Smith, A., Palumbo, P., & Jussim, L. (2001). Ethnic and National Stereotypes: The Princeton Trilogy Revisited and Revised. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(8), 996-1010. doi: DOI: 10.1177/0146167201278007
- Mahapatro, S. R. (2017). Why Do they Remit? Examining Factors Influencing Migrant Remittances in India. *Journal of Development Policy and Practice*, 2(2), 225–235.
- Makina, D., & Masenge, A. (2015). The time pattern of remittances and the decay hypothesis: Evidence from migrants in South Africa. *Migration Letters*, 12(1).
- Malheiros, J. (2002). Ethni-cities: Residential Patterns in the Northern European and Mediterranean Metropolises - Implications for Policy Design. *International Journal of Population Geography*(8), 107-134.
- Malheiros, J. (2011). "Portugal 2010: o regresso do País de emigração?". Notas e Reflexões. *JANUS.NET e-journal of International Relations*, 2(1).
- Malheiros, J., Marques, J. C., & Góis, P. (2016). Geografias, processos migratórios e dinâmicas sociográficas da emigração contemporânea portuguesa: respondendo a algumas questões... In J. Peixoto, I. T. d. Oliveira, J. Azevedo, J. C. Marques, P. Góis, J. Malheiros & P. M. Madeira (Eds.), *Regresso ao Futuro. A nova emigração e a sociedade portuguesa*. (pp. 273-296). Lisboa: Gradiva.
- Manfreda, K. L., Bosnjak, M., Berzelak, J., Haas, I., & Vehovar, V. (2008). Web surveys versus other survey modes: a meta-analysis comparing response rates. *International Journal of Market Research*, 50(1), 79-104.
- Mapril, J. (2008). *A "Modernidade" do Sacrifício Qurban, lugares e circuitos transnacionais entre bangladeshis em Lisboa*. (Tese de Doutoramento em Ciências Sociais: Especialidade em Antropologia Social e Cultural), Universidade de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Marôco, J. (2010). *Análise Estatística com o PASW Statistics (ex-SPSS)*. Pero Pinheiro: Report Number.
- Marôco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90.
- Marques, J. C., Candeias, P., Góis, P., & Peixoto, J. (2020). Is the segmented skill divide perspective useful in migration studies? *Journal of International Migration and Integration*. doi: <https://doi.org/10.1007/s12134-020-00757-2>
- Marques, J. C., & Góis, P. (2008). Pratiques transnationales des Capverdiens au Portugal et des Portugais en Suisse. *Revue européenne des migrations internationales*, 24(2).

- Marques, J. C., Góis, P., Candeias, P., Ferreira, B., & Ferro, A. (2016). A emigração recente de portugueses para França. In J. Peixoto, I. T. d. Oliveira, J. Azevedo, J. C. Marques, P. Góis, J. Malheiros & P. M. Madeira (Eds.), *Regresso ao Futuro. A nova emigração e a sociedade portuguesa* (pp. 109-139). Lisboa: Gradiva.
- Marques, J. C. L. (2008). *Os Portugueses na Suíça. Migrantes Europeus*. Lisboa: ICS.
- Marques, M. M., Santos, R., & Araújo, F. (2001). Ariadne's thread: Cape Verdean women in transnational webs. *Global Networks*, 1(3), 283-306.
- Martin, P. (2009). The Recession and Migration: Alternative Scenarios. *IMI Working Papers*, 13.
- Maslow, A. H. (1970). *Motivation and Personality, second edition (original 1954)*. New York: Harper & Row.
- Massey, D. S. (1995). The New Immigration and Ethnicity in the United States. *Population and Development Review*, 21(3), 631-652.
- Massey, D. S., Arango, J., Hugo, G., Kouaouci, A., Pellegrino, A., & Taylor, J. E. (1993). Theories of International Migration: A Review and Appraisal. *Population and Development Review*, 19(3), 431-466.
- Massey, D. S., & Denton, N. A. (1993). *American Apartheid. Segregation and the Making of the Underclass*. Cambridge: Harvard University Press.
- Massey, D. S., & Espinosa, K. E. (1997). What's Driving Mexico-U.S. Migration? A Theoretical, Empirical, and Policy Analysis. *American Journal of Sociology*, 102(4), 939-999.
- Mau, S. (2010). *Social Transnationalism: Lifeworlds Beyond The Nation-State*: Routledge.
- McDonald, J. H. (2014). *Handbook of Biological Statistics (3rd ed.)*. Baltimore, Maryland: Sparky House Publishing.
- McPherson, M., Smith-Lovin, L., & Cook, J. M. (2001). Birds of a Feather: Homophily in Social Networks. *Annual Review of Sociology*(27), 415-444.
- Melo, D. (2006). Aquém do Marão: O associativismo regionalista transmontano em Portugal e na diáspora. *Sociologia, Problemas e Práticas*(50), 67-87.
- Melo, D. (2007). As Pátrias à Distância: Nacionalidade e Regionalidade no Associativismo Emigrante Português do Reino Unido. *Negócios Estrangeiros*(10), 409-446.
- Mengiste, T. A. (2018). Refugee Protections from Below: Smuggling in the Eritrea-Ethiopia Context. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 676(1), 57-76. doi: <https://doi.org/10.1177/0002716217743944>
- Merkle, L., & Zimmermann, K. F. (1992). Savings, remittances, and return migration. *Economics Letters*, 38(1), 77-81.
- Merton, R. K. (1936). The unanticipated consequences of purposive social action. *American Sociological Review*, 1(6), 984-904.
- Miyar-Busto, M., & Muñoz-Comet, J. (2018). Inmigrantes sucesivos en el mercado de trabajo español: trayectorias migratorias y capital de movilidad. *Revista Internacional de Sociología*, 76(1), 1-19. doi: 10.3989/ris.2018.76.1.15.192
- Mohorko, A., Leeuw, E. d., & Hox, J. (2013). Internet Coverage and Coverage Bias in Europe: Developments Across Countries and Over Time. *Journal of Official Statistics*, 29(4), 609-622. doi: [dx.doi.org/10.2478/jos-2013-0042](https://doi.org/10.2478/jos-2013-0042)
- Montero, M. T. a. J. R. (2006). Political disaffection in comparative perspective. In M. T. a. J. R. Montero (Ed.), *Political Disaffection in Contemporary Democracies. Social capital, institutions, and politics* (pp. 3-19). London/New York: Routledge.

- Morawska, E. (2003). Immigrant Transnationalism and Assimilation: A Variety of Combinations and the Analytic Strategy it Suggests. In C. Joppke & E. Morawska (Eds.), *Toward Assimilation and Citizenship. Immigrants in Liberal Nation-States* (pp. 133-176). New York: Palgrave Macmillan.
- Mueller, D. (2015). Young Germans in England Visiting Germany: Translocal Subjectivities and Ambivalent Views of 'Home'. *Population, Space and Place*, 21(7), 625–639.
- Mueller, S., & Pacheco, L. M. (2014). *Portugiesen in Hamburg/Portugueses em Hamburgo*. Frankfurt am Main: Cross-Culture Publishing.
- Musterd, S. (2003). Segregation and integration: a contested relationship. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 29(4), 623–641.
- Musterd, S. (2011). The impact of immigrants' segregation and concentration on social integration in selected European contexts. *Documents d'Anàlisi Geogràfica*, 57(3), 359-380.
- Nekby, L. (2006). The emigration of immigrants, return vs onward migration: evidence from Sweden. *Journal of Population Economics*, 19(2), 197–226. doi: 10.1007/s00148-006-0080-0
- Neto, F. (1997). *Estudos de Psicologia Intercultural. Nós e os Outros*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Nie, N. H., Verba, S., & Kim, J.-o. (1974). Political Participation and the Life Cycle. *Comparative Politics*, 6(3), 319-340.
- Nonini, D. M., & Ong, A. (1997). Chinese Transnationalism as an Alternative Modernity. In A. Ong & D. M. Nonini (Eds.), *Ungrounded Empires - The Cultural Politics of Modern Chinese Transnationalism* (pp. 3-33). New York/London: Routledge.
- Nooy, W. d., Mrvar, A., & Batagelj, V. (2011). Brokers and bridges. In W. d. Nooy, A. Mrvar & V. Batagelj (Eds.), *Exploratory Social Network Analysis with Pajek* (pp. 125-146). Cambridge: Cambridge University Press
- Nunes, F. O. (1999). O problema do aleatório: Da coerça dos santos ao idioma da inveja. *Etnográfica*, III(2), 271-291.
- Nussbaum, M., & Sen, A. (Eds.). (1993). *The Quality of Life*. Oxford: Clarendon Press.
- OCDE. (2009). *International Migration Outlook 2009*. Paris: OECD Publishing.
- OECD. (2018). *Working Together for Local Integration of Migrants and Refugees in Berlin*. Paris: OECD Publishing.
- OECD. (2019). *OECD Employment Outlook 2019: The Future of Work*. Paris: OECD Publishing.
- Oeppen, C. (2013). A stranger at 'home': interactions between transnational return visits and integration for Afghan-American professionals. *Global Networks*, 13(2), 261-278.
- Oliveira, C. R. (2008a). Determinantes das estratégias empresariais de imigrantes em Portugal. *Migrações*(3), 110-138.
- Oliveira, C. R. (2008b). Diver-cidades empresariais em Portugal: padrões de incidência territorial de empresários imigrantes. *Migrações*(2), 97-120.
- Oliveira, C. R. (2016). *Diver-cidades empresariais em Portugal: estratégias de imigrantes em mercados locais*. (Tese de doutoramento em Sociologia), ISCTE-IUL, Lisboa. Retrieved from <http://hdl.handle.net/10071/13642>
- Oliveira, C. R., & Gomes, N. (2014). Monitorizar a integração de imigrantes em Portugal: relatório estatístico decenal. Lisboa: Alto Comissariado para as Migrações.

- Oliveira, C. R., & Rath, J. (2008). Introdução. *Migrações. Número temático Empreendedorismo Imigrante*(3), 11-28.
- Oliveira, I. T. d., Candeias, P., Peixoto, J., Azevedo, J., & Malheiros, J. M. (2016). Regresso e Circulação de Emigrantes Portugueses no Início do Século XXI. *Sociologia Problemas e Práticas*(81), 11-35.
- Østergaard-Nielsen, E. K. (2001). Transnational political practices and the receiving state: Turks and Kurds in Germany and the Netherlands. *Global Networks*, 1(3), 261-281.
- Pais, J. M. (2005). *Ganchos, tachos e biscates. Jovens, trabalho e futuro*. Porto: Ambar.
- Palo, D. d., Faini, R., & Venturini, A. (2007). The social assimilation of immigrants. *World Bank Social Protection Discussion Papers*(0701).
- Panagakos, A. N., & Horst, H. A. (2006). Return to Cyberia: technology and the social worlds of transnational migrants. *Global Networks*, 6(2), 109-124.
- Park, R. E. (1928). Human Migration and the Marginal Man. *American Journal of Sociology*, 33, 881-893.
- Park, R. E. (1967 [1925]). The city: Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the Urban Environmen. In R. E. Park, E. W. Burgess & R. D. Mckenzie (Eds.), *The City* (pp. 1-46). Chicago/London: The University of Chicago Press.
- Park, R. E., & Burgess, E. W. (1921). *Introduction to the Science of Sociology*. Chicago: University of Chicago Press.
- Pastore, F., & Ponzio, I. (2016). Introduction. In F. Pastore & I. Ponzio (Eds.), *Inter-group Relations and Migrant Integration in European Cities. Changing Neighbourhoods* (pp. 1-18): Springer.
- Peixoto, J. (2004a). As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas. *SOCIUS Working Papers N°11/2004*.
- Peixoto, J. (2004b). “País de emigração ou país de imigração? Mudança e continuidade no regime migratório em Portugal”. *SOCIUS Working Papers N°02/2004*.
- Peixoto, J. (2012). A Emigração Portuguesa Hoje: O Que Sabemos e o Que Não Sabemos. *SOCIUS Working Papers N°5/2012*.
- Peixoto, J., Oliveira, I. T., Azevedo, J., Candeias, P., & Lemaître, G. (2016). A nova emigração e a relação com a sociedade portuguesa. In J. Peixoto, I. T. Oliveira, J. Azevedo, J. C. Marques, P. Góis, J. Malheiros & P. M. Madeira (Eds.), *Regresso ao Futuro: A nova emigração e a sociedade portuguesa* (pp. 29-69). Lisboa: Gradiva.
- Peixoto, J., Oliveira, I. T. d., Azevedo, J., Marques, J. C., Góis, P., Malheiros, J., & Madeira, P. M. (Eds.). (2016). *Regresso ao Futuro. A nova emigração e a sociedade portuguesa*. Lisboa: Gradiva.
- Penninx, R. (2004). *The Logic of Integration Policies: an exercise in policy thinking*. Paper presented at the Lecture at CEDEM University of Liège.
- Penninx, R. (2006). Introduction. In R. Penninx, M. Berger & K. Kraal (Eds.), *The Dynamics of International Migration and Settlement in Europe. A State of the Art* (pp. 7-17). Amsterdam: Amsterdam University Press.
- Penninx, R. (2013). *Research on Migration and Integration in Europe. Achievements and Lessons*. Amsterdam: University of Amsterdam.
- Penninx, R., Blom, S., Caponio, T., Garcés-Masareñas, B., Protasiewicz, P. M., & Schwarz, H. (2015). European Cities and their Migrant Integration Policies *KING Project – Social Science Unit*.
- Pereira, C. (2015). *Vidas Partidas. Enfermeiros Portugueses no Estrangeiro*. Loures: Lusodidacta.

- Phillips, D. C. (2014). *Encyclopedia of Educational Theory and Philosophy*. California: Sage.
- Piore, M. J. (1979). *Birds of Passage. Migrant Labor and Industrial Societies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pires, R. P. (2003). *Migrações e Integração*. Oeiras: Celta.
- Pires, R. P., Pereira, C., Azevedo, J., & Ribeiro, A. C. (2014). Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2014. Lisboa: Observatório da Emigração.
- Pires, R. P., Pereira, C., Azevedo, J., Vidigal, I., & Veiga, C. M. (2018). *A emigração portuguesa: questões metodológicas e principais tendências e padrões*. Paper presented at the X Congresso Português de Sociologia, Covilhã.
- Pires, R. P., Vidigal, I., Pereira, C., Azevedo, J., & Veiga, C. M. (2018). Portuguese Emigration Factbook 2017. Lisboa: CIES-IUL, ISCTE-IUL.
- Platt, M., Yeoh, B. S. A., Acedera, K. A., Yen, K. C., Baey, G., & Lam, T. (2014). Migration and Information Communications Technology Use: A Case Study of Indonesian Domestic Workers in Singapore. *Migrating out of Poverty Research Programme Consortium Working Paper*(24).
- Poppel, F. v., & Day, L. H. (1996). A Test of Durkheim's Theory of Suicide--Without Committing the "Ecological Fallacy". *American Sociological Review*, 61(3), 500-507.
- Portes, A. (1997). Immigration Theory for a New Century: Some Problems and Opportunities. *International Migration Review*, 31(4. Special Issue: Immigrant Adaptation and Native-Born Responses in the Making of Americans), 799-825.
- Portes, A. (1999). *Migrações Internacionais. Origens, Tipos e Modos de Incorporação*. Oeiras: Celta.
- Portes, A. (2003). Conclusion: Theoretical Convergencies and Empirical Evidence in the Study of Immigrant Transnationalism. *International Migration Review*, 37(3), 874-892.
- Portes, A., & Böröcz, J. (1989). Contemporary immigration: theoretical perspectives on its determinants and modes of incorporation. *International Migration Review*, 23(3), 606-630.
- Portes, A., Escobar, C., & Radford, A. W. (2007). Immigrant Transnational Organizations and Development: A Comparative Study. *International Migration Review*, 41(1), 242-281.
- Portes, A., Guarnizo, L. E., & Haller, W. J. (2002). Transnational Entrepreneurs: An Alternative Form of Immigrant Economic Adaptation. *American Sociological Review*, 67(2), 278-298.
- Portes, A., Guarnizo, L. E., & Landolt, P. (1999). The study of transnationalism: pitfalls and promise of an emergent research field. *Ethnic and Racial Studies*, 22(2), 217-237.
- Portes, A., & Hao, L. (2006). O preço da Uniformidade: Língua, Família e Adaptação da Personalidade entre a Segunda Geração de Imigrantes. In A. Portes (Ed.), *Estudos Sobre as Migrações Contemporâneas. Transnacionalismo, empreendedorismo e a segunda geração* (pp. 117-150). Lisboa: Fim de Século.
- Portes, A., & Manning, R. (2008). The Immigrant enclave: Theory and empirical examples. In D. B. Grusky (Ed.), *Social Stratification: Class, Race, and Gender in Sociological Perspective* (pp. pp.47-68): Westview Press.
- Portes, A., & Rumbaut, R. G. (2001). *Legacies The Story of the Immigrant Second Generation*. Berkeley: University of California Press.

- Portes, A., & Zhou, M. (1993). The New Second Generation: Segmented Assimilation and Its Variants. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, 530, 74-96.
- Powers, M. G. (2013). Assimilation, integration, and incorporation. In I. Ness (Ed.), *The Encyclopedia of Global Human Migration* (pp. 1-6): Wiley-Blackwell.
- Prensky, M. (2001). Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*, 9(5), 1-6.
- Putnam, R. D. (2000). *Bowling alone: the collapse and revival of american community*. New York: Simon & Schuster.
- Ramos, C. (2017). Onward migration from Spain to London in times of crisis: the importance of life-course junctures in secondary migrations. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 44(11), 1841-1857 doi: 10.1080/1369183X.2017.1368372
- Räthzel, N. (1999). Workers of Migrant Origin in Germany: Forms of Discrimination in the Labour Market and at the Workplace. In J. Wrench, A. Rea & N. Ouali (Eds.), *Migrants, ethnic minorities and the labour market. Integration and Exclusion in Europe* (pp. 35-65). Houndmills: Palgrave Macmillan.
- Reto, L., Esperança, J. P., Gulamhussen, M. A., & Costa, A. F. d. (2012). *Potencial Económico da Língua Portuguesa*. Alfragide: Texto Editores.
- Revilla, M. (2015). Comparison of the quality estimates in a mixed-mode and a unimode design: an experiment from the European Social Survey. *Quality & Quantity*, 49(3), 1219-1238.
- Rhodes, S. D., Bowie, D. A., & Hergenrather, K. C. (2003). Collecting behavioural data using the world wide web: considerations for researchers. *Journal of Epidemiology & Community Health*, 57, 68-73.
- Robinson, W. S. (1950). Ecological Correlations and the Behavior of Individuals. *American Sociological Review*, 15(3), 351-357.
- Rocha-Trindade, M. B. (1995). *Sociologia das Migrações*. Lisboa: Univeridade Aberta.
- Rocha-Trindade, M. B. (2010). Associativismo em contexto migratório. *Revista Migrações, Número Temático Associativismo Imigrante*(6), 39-58.
- Rocha-Trindade, M. B., & Quaresma, E. T. J. C. (2012). *A Igreja Face ao Fenómeno Migratório*. Lisboa: O Planeta da Escrita.
- Rogers, A., Anderson, B., & Clark, N. (2009). Recession, Vulnerable Workers and Immigration: Background report. *COMPAS*.
- Rojewski, J. W. (2005). Occupational Aspirations: Constructs, Meanings, and Application. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.), *Career Development and Counseling. Putting Theory and Research to Work* (pp. 131-154). New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.
- Román-García, S., Almansa-Martínez, A., & Cruz-Díaz, M.-d.-R. (2016). Adults and Elders and their use of ICTs. Media Competence of Digital Immigrants. *Comunicar*, 49(XXIV), 101-109.
- Rosales, M. V. (2010). The domestic work of consumption: materiality, migration and home-making. *Etnográfica*, 14(3), 507-525.
- Rovisco, M. L. (2001). Panorama histórico da emigração portuguesa. *Janus - anuário de relações exteriores*.
- Rumbaut, R. G. (2012). Generation 1.5, Educational Experiences of. In J. A. Banks (Ed.), *Encyclopedia of Diversity in Education*. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.
- Salvador, M. L. (2003). Religious Symbolism and Ephemeral Art. In T. P. Goulart (Ed.), *The Holy Ghost Festas: A Historic Perspective of the Portuguese in*

- California (pp. 45-47). San José, Califórnia: Portuguese Heritage Publications of California, Inc.
- Sametipour, A. (2018). Ethnographic Study of Facebook Usage among the Persian and Arab. *Medien und Flucht – Medienpädagogische*.
- Sampaio, D. (2017). Ageing 'Here' or 'There'? Spatio-temporalities in Older Labour Migrants' Return Aspirations from the Azores. *Finisterra*, 106, 49-64.
- Sangreman, C. (2015). *Diáspora portuguesa em Angola: um perfil em 2002-2012*. Lisboa: Fundação Portugal-África.
- Santos, B. S. (Ed.). (1993). *Portugal: um retrato singular*. Porto: Afrontamento.
- Santos, I. D. (2002). Pratiques culturelles et circulation en Europe: Les «lusodescendants». *Revue de Synthèse*, 123, 167-192. doi: doi.org/10.1007/BF02963326
- Sardinha, J. (2011). Portuguese-Canadian Emigrant Descendents in Multicultural Canada: Ambiguous Identity in a Sure-Footed Nation or Cultural Awareness in an Uncertain Country? *International Migration & Integration*, 12(4), 371-389. doi: 10.1007/s12134-011-0173-9
- Sassen, S. (1991). *The global city: New York, London, Tokyo*. New Jersey: Princeton.
- Sayad, A. (2004). *The Suffering of the Immigrant*: Wiley.
- Schans, D. (2009). Transnational Family Ties of Immigrants in the Netherlands. *Ethnic and Racial Studies*, 32(7), 1164-1182. doi: 10.1080/01419870902763852
- Schiltz, A., Candeias, P., & Ferreira, B. (2016). A emigração portuguesa recente para o Luxemburgo: novidades na continuidade. In J. Peixoto, I. T. d. Oliveira, J. Azevedo, J. C. Marques, P. Góis, J. Malheiros & P. M. Madeira (Eds.), *Regresso ao Futuro. A nova emigração e a sociedade portuguesa* (pp. 141-168). Lisboa: Gradiva.
- Schlenker, A., Blatter, J., & Birka, I. (2017). Practising transnational citizenship: dual nationality and simultaneous political involvement among emigrants. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 43(3), 418-440. doi: 10.1080/1369183X.2016.1185941
- Schneider, J., & Parusel, B. (2015). Circular Migration between Fact and Fiction. Evidence from Germany. *European Journal of Migration and Law*, 17, 184-209.
- Schneider, S. L. (2008). Applying the ISCED - 97 to the German educational qualifications. In S. L. Schneider (Ed.), *The International Standard Classification of Education. An evaluation of content and criterion validity for 15 European countries*. University of Mannheim: MZES.
- Scholten, M., & Caldeira, P. Z. (1997). O senso do escalonamento multidimensional. *Análise Psicológica*, 1(XV), 63-85.
- Schunck, R. (2014). *Transnational Activities and Immigrant Integration in Germany. Current or Competitive Processes?* : Springer.
- Schwartz, S. (1994). The Fallacy of the Ecological Fallacy: The Potential Misuse of a Concept and the Consequences. *American Journal of Public Health*, 84(5), 819-824.
- Schwartz, S. H. (2006). Basic Human Values: Theory, Measurement, and Applications. *Revue française de sociologie*, 47(4).
- Sera-Shriar, E. (2014). What is armchair anthropology? Observational practices in 19th-century British human sciences. *History of the Human Sciences*, 27(2), 26-40.
- Serrão, J. (1977). *A emigração portuguesa: sondagem histórica*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Simmel, G. (1955). *Conflict and The Web of Group-Affiliation*. . Illinois: The Free Press.



- Simmel, G. (1983 [1908]). O estrangeiro. In E. d. M. Filho (Ed.), *Simmel*. São Paulo: Ática.
- Skeldon, R. (2012). Going Round in Circles: Circular Migration, Poverty Alleviation and Marginality. *International Migration*, 50(3), 43-60.
- Smith, M. P., & Guarnizo, L. (Eds.). (1998). *Transnacionalism from Below*. New Jersey: Transaction Publishers.
- Snel, E., Engbersen, G., & Leerkes, A. (2006). Transnational Involvement and Social Integration. *Global Networks*, 6(3), 265-284.
- Sobral, J. M. (2014). Há uma identidade portuguesa na Europa? In FFMS (Ed.), *Portugal Europeu. E Agora?* (pp. 267-275 ). Lisboa: FFMS.
- Soysal, Y. (1995). *Limits of citizenship: migrants and postnational membership in Europe*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Standing, G. (2011). *The Precariat. The New Dangerous Class*. New York: Bloomsbury Academic.
- Stark, O. (1978). Economic-demographic interaction in agricultural development: The case of rural-to-urban migration. Roma: UN Food and Agriculture Organization.
- Sumner, W. G. (1907). *Folkways: A Study of the Sociological Importance of Usages, Manners, Customs, Mores, and Moral*. Boston: Ginn.
- Sward, J., & Skeldon, R. (2009). Migration and the Financial Crisis: How will the Economic Downturn Affect Migrants? *Development Research Centre on Migration, Globalisation & Poverty*(Briefing 17).
- Szerszynski, B., & Urry, J. (2002). Cultures of cosmopolitanism. *The Sociological Review*, 50(4), 461-481.
- Taber, K. S. (2018). The Use of Cronbach's Alpha When Developing and Reporting Research Instruments in Science Education. *Research in Science Education*, 48(6), 1273-1296.
- Takeda, A. (2012). Emotional transnationalism and emotional flows: Japanese women in Australia. *Women's Studies International Forum*, 35(1), 22-28.
- Tamaki, E. (2011). Transnational Home Engagement among Latino and Asian Americans: Resources and Motivation. *International Migration Review*, 45(1), 148-173.
- Terracciano, A., Abdel-Khalek, A. M., Ádám, N., Adamovová, L., Ahn, C.-k., Ahn, H.-n., . . . McCrae, R. R. (2005). National Character Does Not Reflect Mean Personality Trait Levels in 49 Cultures. *Science*, 310(96). doi: DOI: 10.1126/science.1117199
- Thomas, W., & Znaniecki, F. (1996 [1918]). *The Polish Peasant in Europe and America. Monography of an Immigrant Group*. Boston: The Gorham Press.
- Triandafyllidou, A., & Gropas, R. (2014). "Voting With Their Feet": Highly Skilled Emigrants From Southern Europe. *American Behavioral Scientist*, 58(12), 1614-1633.
- Trigal, L. L. (1996). Rasgos y perspectiva de la comunidad portuguesa asentada en Espana. *População e Sociedade*(2), 107-115.
- Turner, C. F., Ku, L., Rogers, S. M., Lindberg, L. D., Pleck, J. H., & Sonenstein, F. L. (1998). Adolescent sexual behavior, drug use, & violence: Increased reporting with computer survey technology. *Science*, 280, 867-873.
- Turner, J. H. (1981). Emile Durkheim's Theory of Integration in Differentiated Social System. *The Pacific Sociological Review*, 24(4), 379-391.
- Urbano, D., Toledano, N., & Ribeiro-Soriano, D. (2011). Socio-cultural factors and transnational entrepreneurship: A multiple case study in Spain. *International Small Business Journal*, 29(2), 119-134.

- Urry, J. (1995). *Consuming Places*. London: Routledge.
- Verba, S., & Nie, N. H. (1972). *Participation in America: Political Democracy and Social Equality*. New York: Harper and Row.
- Vertovec, S. (1999). Conceiving and researching transnationalism. *Ethnic and Racial Studies*, 22(2), 447-462.
- Vertovec, S. (2000). Rethinking remittances. Plenary lecture at 5th International Metropolis Conference, Vancouver. *ESRC Transnational Communities Programme Working Paper WPTC-2K-15*.
- Vertovec, S. (2001). Transnationalism and identity. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 27, 573-582.
- Vertovec, S. (2002). Transnational Networks and Skilled Labour Migration *Working paper series (University of Oxford. Transnational Communities : an ESRC Research Programme)*.
- Vertovec, S. (2004). Cheap calls: the social glue of migrant transnationalism. *Global Networks*, 4(2), 219-224.
- Vertovec, S. (2007). Super-diversity and its Implications. *Ethnic and Racial Studies*, 30(6), 1024-1054.
- Vertovec, S. (2009). *Transnationalism*. London/New York: Routledge.
- Vertovec, S., & Cohen, R. (1999). Introduction. In S. Vertovec & R. Cohen (Eds.), *Migration, Diasporas, and Transnationalism*. Cheltenham: Edward Elgar.
- Vertovec, S., & Cohen, R. (2002). Introduction: conceiving cosmopolitanism. In S. Vertovec & R. Cohen (Eds.), *Conceiving cosmopolitanism: theory, context and practice* (pp. 1-22). Oxford: Oxford University Press.
- Vicente, P., Reis, E., & Ferrão, F. (2001). *Sondagens. A amostragem como factor decisivo de qualidade*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Wachter, G. G., & Fleischmann, F. (2018). Settlement Intentions and Immigrant Integration: The Case of Recently Arrived EU-Immigrants in the Netherlands. *International Migration*, 56(4). doi: 10.1111/imig.12434
- Wakeham, J. (2015). Uncertainty: History of the Concept. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 2nd edition, 24, 717-722. doi: 10.1016/B978-0-08-097086-8.03175-5
- Waldorf, B. (1995). Determinants of International Return Migration Intentions. *Professional Geographer*, 47(2), 125-136.
- Wallerstein, I. (1974). *The Modern World-System. Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York: Academic Press.
- Wals, S. C. (2011). Does What Happens in Los Mochis Stay in Los Mochis? Explaining Postmigration Political Behavior. *Political Research Quarterly*, 64(3), 600-611.
- Weber, M. (1949). *The Methodology of the Social Sciences*. Illinois: The Free Press.
- White, A., & Ryan, L. (2008). Polish 'Temporary' Migration: The Formation and Significance of Social Networks. *Europe-Asia Studies*, 60(9), 1467-1502.
- Wiesböck, L., Verwiebe, R., Reinprecht, C., & Haindorfer, R. (2016). The economic crisis as a driver of cross-border labour mobility? A multi-method perspective on the case of the Central European Region. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 42(10), 1711-1727.
- Wimmer, A., & Schiller, N. G. (2002). Methodological nationalism and beyond: nation-state building, migration and the social sciences. *Global Networks*, 2(4), 331-334.
- Wissen, L. J. G. v., & Heering, L. (2014). Trends and Patterns in Euro-Marriages in the Netherlands. *Population, Space and Place*, 20, 126-138.

- Xie, Y., & Greenman, E. (2005). Segmented Assimilation Theory: A reformulation and empirical test. *Population Studies Center Research Report*(05-581).
- Yetter, G., & Capaccioli, K. (2010). Differences in responses to Web and paper surveys among school professionals. *Behavior Research Methods*, 42(1), 266-272.
- Young, F. W. (1970). Reactive Subsystems. *American Sociological Review*, 35(2), 297-307.
- Zabko, O., Fangen, K., & Endresen, S. (2019). Latvian Migrants' Circular or Permanent Migration to Norway: Economic and Social Factors. *Nordic Journal of Migration Research*, 9(1), 61-79.
- Zagheni, E., Weber, I., & Gummadi, K. (2017). Leveraging Facebook's Advertising Platform to Monitor Stocks of Migrants. *Population and Development Review*, 43(4), 721-734.
- Zimmermann, K. F. (2014). Circular migration. Why restricting labor mobility can be counterproductive. *IZA World of Labor*, 1. doi: doi: 10.15185/izawol.1
- Zlotnik, H. (1995). The South-to-North Migration of Women. *International Migration Review*, 29(1. Special Issue: Diversity and Comparability: International Migrants in Host Countries on Four Continents), 229-254.